

**Telas que atravessam o Atlântico:  
pintura portuguesa no Rio de Janeiro e em São Paulo durante a  
Primeira República brasileira (1889-1929)**

**Raquel Aguilar de Araújo**

**Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea**

**Dezembro, 2018**

**RAQUEL AGUILAR DE ARAÚJO**

**TELAS QUE ATRAVESSAM O ATLÂNTICO:**

**pintura portuguesa no Rio de Janeiro e em São Paulo  
durante a Primeira República brasileira (1889-1929)**

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutora em História da Arte Contemporânea, realizada sob a orientação científica da Prof<sup>a</sup>. Doutora Sandra Leandro e a coorientação da Prof<sup>a</sup>. Doutora Raquel Henriques da Silva.

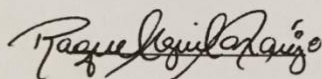
**Lisboa**

**Dezembro, 2018**

## DECLARAÇÕES

Declaro que esta Tese é o resultado da minha investigação pessoal e independente.  
O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas  
no texto, nas notas e na bibliografia.

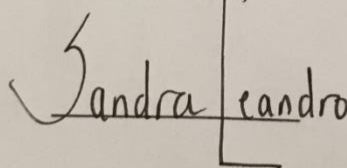
A candidata,



Belo Horizonte, 30 de abril de 2018

Declaro que esta Tese se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a  
designar.

A orientadora,



Lisboa, 30 de Abr'1 de 2018

*Aos meus pais, por suportarem a distância física e a ausência pungente.*

*Ao Robson, pelo esforço do entendimento e o efetivo apoio.*

*À Izzy, “cãopanheira” de todas as horas.*

*À espiritualidade amiga, pelo amparo constante.*

## AGRADECIMENTOS

À agência financiadora deste trabalho, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sem a qual esta tese jamais se concretizaria, visto a dedicação em tempo integral ao projeto ter sido premissa fundamental para conseguir reunir o extenso volume de informações aqui apresentado. Agradeço também ao apoio fornecido pelos técnicos (especialmente à Maria Gabriela Rodrigues) em difíceis momentos pessoais e diante de tantas mudanças.

À Biblioteca Nacional brasileira, pelo exímio trabalho de digitalização e consequente disponibilização de toda a sua Hemeroteca. Um acervo de valor inestimável que segue agora franqueado ao público através de uma excelente e funcional plataforma de pesquisa *online*.

À biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian, por oferecer fácil acesso a livros, catálogos, periódicos e outros tantos volumes de extrema importância para o estudo das artes.

À Secretaria dos Doutoramentos da FCSH, pela competência na resolução de todas as demandas.

Ao Professor Athur Valle, pelas preciosas trocas de informações.

À Professora Raquel Henriques da Silva, pelos ensinamentos constantes.

À Professora Sandra Leandro, pela coragem de ter assumido um trabalho em andamento e cuja entrega à questão superou quaisquer expectativas. Reconheço não apenas as contribuições preciosas que foram feitas ao texto e a atenção que a Professora sempre destinou a todos os assuntos relacionados à tese; mas, principalmente, reverencio o tom gentil, cordial e carinhoso que constantemente adotou para levar adiante este desafio. Seus entusiásticos incentivos e suas delicadas palavras certamente foram responsáveis pela melhora da escrita e da já esgotada escritora. Agradeço a maneira humanizada da sua orientação.

A Portugal, enfim, pela experiência da solidão, da adaptação, do crescimento e do renascimento pessoal.

## **TELAS QUE ATRAVESSAM O ATLÂNTICO**

**RAQUEL AGUILAR DE ARAÚJO**

### **RESUMO**

A recepção positiva do Naturalismo português chegado ao Brasil na transição para o século XX resulta de fatores diversos que transformaram a pintura produzida por uma das nacionalidades mais repudiadas da Primeira República em mercadorias amplamente buscadas e colecionadas pelo mercado local. A leitura dos jornais da época confirma que o ambiente xenofóbico vivenciado no cotidiano dos moradores de Rio de Janeiro e São Paulo em nada afetou a devoção dos compradores brasileiros pelo naturalismo enviado de Portugal. A presença constante dos pintores portugueses nos trópicos contribuiu para superar as barreiras do preconceito social e da distância diplomática. As centenas de telas mantidas no Brasil, por sua vez, estimularam a implantação de um efetivo diálogo cultural entre os dois lados do Atlântico.

**PALAVRAS-CHAVE:** naturalismo, pintura portuguesa na transição para o século XX, pintura brasileira, colecionismo, imigração portuguesa, intercâmbios luso-brasileiros.

### **ABSTRACT**

The positive welcoming of the Portuguese Naturalism that arrived in Brazil during the transition to the 20th century results from a variety of factors that transformed the painting produced by one of the most repudiated nationalities of the First Republic into goods widely sought and collected by the local market. The reading of the newspapers of that time confirms that the xenophobic environment experienced in the everyday life of residents of Rio de Janeiro and São Paulo did not have any effect on the devotion of the Brazilian buyers to the Naturalism sent from Portugal. The constant presence of the Portuguese painters in the tropics contributed to overcoming the barriers of social prejudice and diplomatic distance. On the other hand, the hundreds of paintings kept in Brazil stimulated the establishment of an effective cultural dialogue between the two sides of the Atlantic.

**KEYWORDS:** naturalism, Portuguese painting in the transition to the 20<sup>th</sup> century, Brazilian painting, collecting, Portuguese immigration, Luso-Brazilian exchanges.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 1</b> – A celebração da cultura italiana .....	79
<b>FIGURA 2</b> – “Exposição Mattoso da Fonseca” .....	99
<b>FIGURA 3</b> – “Notas de Arte”: José Campas .....	102
<b>FIGURA 4</b> – “O pintor português sr. José Campas inaugurou hontem a exposição dos seus trabalhos na Escola de Bellas Artes”, .....	103
<b>FIGURA 5</b> – Quadro de Souza Pinto.....	106
<b>FIGURA 6</b> – “A Exposição de Belas Artes no Rio de Janeiro” .....	109
<b>FIGURA 7</b> – O reconhecimento de José Malhoa pela imprensa.....	138
<b>FIGURA 8</b> – “Interior do atelier de José Malhòa” .....	153
<b>FIGURA 9</b> – “A Exposição Malhoa” .....	157
<b>FIGURA 10</b> – “Exposição Souza Pinto” .....	164
<b>FIGURA 11</b> – Exposição Souza Pinto: <i>Le Baquet Bleu</i> e <i>Dans l’eau</i> .....	165
<b>FIGURA 12</b> – Exposição Souza Pinto: <i>Les mousses</i> , <i>La peche</i> e <i>Le depart pour le travail</i> .....	166
<b>FIGURA 13</b> – Exposição de João Vaz .....	171
<b>FIGURA 14</b> – A exposição dos pintores Carlos Reis e João Reis: assistência ao vernissage e um canto da exposição .....	175
<b>FIGURA 15</b> – Exposição Carlos e João Reis: <i>Ciganas</i> , <i>Canto do meu atelier</i> , <i>Minha mãe</i> , <i>Exa. Sra. Manoela</i> e <i>Conselheiro Silva</i> .....	177
<b>FIGURA 16</b> – Exposição de Arte Portuguesa .....	200
<b>FIGURA 17</b> – A Exposição de Arte Portuguesa: o grande salão, <i>As cebolas</i> , <i>A corar as roupas</i> e <i>Ali é que está tua mãe</i> .....	202
<b>FIGURA 18</b> – A Exposição de Arte Portuguesa: <i>Os amores do moleiro</i> , <i>A sesta</i> e <i>Costume da ilha da Madeira</i> .....	203

<b>FIGURA 19</b> – “Exposição Permanente Portuguesa”: a entrada .....	210
<b>FIGURA 20</b> – “Pavilhão Manuelino-fachada de frente” .....	217
<b>FIGURA 21</b> – “Na Exposição Nacional – o Pavilhão Portuguez das Bellas Artes” .....	218
<b>FIGURA 22</b> – “A arte portugueza na exposição” .....	221
<b>FIGURA 23</b> – “A Exposição do pintor Collomb” .....	242
<b>FIGURA 24</b> – “De José Campas” .....	246
<b>FIGURA 25</b> – “A exposição do pintor portuguez Antonio Carneiro” .....	251



## LISTA DE TABELAS

1- Número de exposições individuais ou coletivas que receberam telas portuguesas na Primeira República .....	18
2- Exposição individual de Mattoso da Fonseca (Rio de Janeiro, 1912).....	100
3- Exposição individual de José Campas (Rio de Janeiro, 1914).....	104
4- Exposição individual de José Campas (São Paulo, 1926-1927) .....	120
5- Exposição individual de José Malhoa (Rio de Janeiro, 1906).....	159
6- Exposição individual de José Júlio de Souza Pinto (Rio de Janeiro, 1912)..	167
7- Exposição individual de Fausto Gonçalves (Rio de Janeiro, 1923) .....	185
8- Exposição individual de Fausto Gonçalves (Rio de Janeiro, 1926) .....	187
9- Exposição individual de Alves Cardoso (Rio de Janeiro, 1928).....	189
10- Exposição de Arte Portuguesa (Rio de Janeiro, 1902).....	205
11- Exposição Permanente de Produtos Portugueses (Rio de Janeiro, 1907)..	211
12- Votação para o “Concurso Original” do <i>Jornal do Brasil</i> (1908).....	223
13- Exposição Nacional do Centenário da Abertura dos Portos (Rio de Janeiro, 1908).	226
14- Exposição Nacional do Centenário da Independência (Rio de Janeiro, 1922)..	233
15- Exposição individual de José Campas (Rio de Janeiro, 1927).....	247
16- Exposição individual de António Carneiro (Rio de Janeiro, 1914).....	253
17- Exposição individual de António Carneiro (Rio de Janeiro, 1929).....	257
18- Exposição individual de António Carneiro (São Paulo, 1929) .....	259
19- Grande Exposição de Arte Portuguesa (Rio de Janeiro, 1920) .....	262
20- Listagem dos artigos consultados para a tese, em ordem cronológica.....	323
21- Cronologia das exposições, sua natureza, participantes, obras exibidas e outros dados correlacionados .....	472
22- Pintores que enviaram obras ao Brasil, por ordem alfabética.....	505

## **LISTA DE SIGLAS**

ABNT -	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AIBA -	Academia Imperial de Belas Artes
ENBA -	Escola Nacional de Belas Artes
FCSH -	Faculdade de Ciências Sociais e Humas
SNBA -	Sociedade Nacional de Belas Artes
UNL -	Universidade Nova de Lisboa

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>13</b>
<b>1 A arte naturalista nos contextos brasileiro e português .....</b>	<b>2</b>
1.1 Portugal: instabilidade política e associações artísticas.....	30
1.2 Brasil: Primeira República, antilusitanismo e Escola Nacional de Belas Artes .....	37
1.2.1 A arte naturalista.....	47
1.2.2 O mercado paulista .....	54
1.3 Naturalismo entre Brasil e Portugal: resistência às vanguardas .....	57
1.3.1 A ausência do Brasil em Portugal.....	66
<b>2 A convivência entre os artistas: amizades e parcerias .....</b>	<b>69</b>
2.1 O encontro nas academias europeias .....	72
2.1.1 O ambiente francês .....	72
2.1.2 As raízes italianas e a modernidade de Munique .....	77
2.2 Pintores portugueses no Brasil: confluências e diálogos .....	81
2.2.1 A passagem pela Escola Nacional de Belas Artes.....	97
2.2.1.1 Exposições de Mattoso da Fonseca e José Campas.....	98
2.2.1.2 As Exposições Gerais de Belas Artes .....	105
2.2.2 O Liceu de Artes e Ofícios .....	112
2.2.3 A busca por São Paulo.....	114

<b>3 O Brasil receptivo à arte portuguesa: imprensa .....</b>	<b>123</b>
3.1 O papel do jornalismo.....	126
3.2 A atuação dos intelectuais .....	130
3.2.2 Os críticos de arte no Brasil .....	134
3.3 Os pintores portugueses e a imprensa brasileira.....	137
<b>4 Imigrantes portugueses e suas instituições representativas.....</b>	<b>143</b>
4.1 O movimento migratório .....	144
4.2 As entidades de apoio à colônia portuguesa residente no Brasil ..	147
4.2.1 O Gabinete Português de Leitura (Real) .....	149
4.2.1.1 José Malhoa .....	150
4.2.1.2 Souza Pinto.....	161
4.2.1.3 João Vaz .....	169
4.2.1.4 Carlos Reis .....	172
4.2.1.5 Alfredo e Helena Roque Gameiro.....	180
4.2.1.6 Fausto Gonçalves.....	183
4.2.1.7 Alves Cardoso .....	187
4.3 A representatividade portuguesa em São Paulo .....	190
<b>5 Os incentivos oficiais .....</b>	<b>194</b>
5.1 O governo português .....	197
5.1.1 Exposição de Arte Portuguesa .....	199
5.1.2 Exposição Permanente de Produtos Portugueses .....	207
5.2 O governo brasileiro .....	212
5.2.1 Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908 .....	214

5. 2. 2	Exposição Comemorativa do Centenário da Independência de 1922	230
6	<b>O interesse dos empreendedores privados</b>	235
6. 1	Galeria Jorge	240
6. 1. 1	António Carneiro	249
6. 2	A Grande Exposição de Arte Portuguesa	260
7	<b>Sociedade e mercado: colecionismo e circulação das obras portuguesas no Brasil</b>	265
7. 1	Patrocínio e encomendas	267
7.2	Amadorismo e colecionismo	269
7. 2. 1	Exposição do Centro Artístico	276
7. 3	A coleção de obras portuguesas formada pela ENBA	279
7. 3. 1	As compras oficiais	280
7. 4	Os leilões	284
	<b>Conclusão</b>	293
	<b>Referências</b>	302
	<b>Apêndices</b>	322
	<b>Índice onomástico</b>	536

## INTRODUÇÃO

O preconceito da arte moderna para com a arte produzida anteriormente e junto a ela no trasladar para o século XX foi o grande entrave ao estudo das manifestações naturalistas. O entendimento de que o naturalismo era uma linguagem retrógrada e antiquada diante dos avanços promovidos pelas vanguardas francesas, levou à equivocada percepção de que Brasil e Portugal seguiam atrasados em seus caminhos pictóricos ao longo do oitocentos e no início do novecentos. A produção artística brasileira, embora tenha sido por vezes forçada a se ajustar à distante realidade europeia<sup>1</sup>, quando comparada às Belas Artes portuguesas na passagem para o século XX revelaria notória coincidência visual: o ponto de intercessão estava na busca por padrões composicionais voltados para a linguagem naturalista, especialmente suas vertentes francesa e italiana, e no rechaço às vanguardas. Se a crítica de arte modernista, por se considerar mais sábia e racional<sup>2</sup>, legava certo desprezo ao naturalismo e o classificava como uma expressão menor<sup>3</sup>, um olhar atento e desprovido de convencionalismos revelaria que a arte naturalista de Brasil e de Portugal não se limitou meramente a reproduzir protótipos acadêmicos oitocentistas, nem foi adotada em longo termo pelos pintores ativos nos dois lados do Atlântico por falta de conhecimento do contexto modernista que os rodeava.

Neste sentido, o presente estudo foi iniciado a partir da constatação de que os pintores optaram pelo naturalismo de forma consciente. Tal escolha não era fortuita, mas baseada sobretudo no potencial mercado de suas terras natais: afeito às linguagens moderadas e pouco aberto ao cenário vanguardista que ainda se processava de maneira caótica fora da academia parisiense. Como o Doutorado era cursado em Portugal por meio do financiamento de agência brasileira (CAPES), investigou-se algum aspecto que pudesse mesclar as realidades de além e aquém-mar. As leituras iniciais objetivaram, assim, compreender não apenas o contexto artístico brasileiro e português vigente na transição para o século XX, mas também questões outras que envolveram as realidades de Brasil e Portugal neste momento. Para tal foram estudadas as obras referenciais e generalistas de Rui Ramos (*História de Portugal*, 2009) e José Mattoso (*História de Portugal*, volume XI, 2008) do lado português, e de Hélio Vianna (*História do Brasil*, volume II, 1970) e Bóris Fausto (*História do Brasil*, 1999) do lado brasileiro. Já sobre a arte naturalista foram consultados diversos volumes, destacando-se o livro de Gabriel Weisber (*Beyond Impressionism*, 1992) e as diversas contribuições de Raquel Henriques da Silva (como

---

<sup>1</sup> VALLE, Arthur. Citação, tipo e modo na pintura brasileira, 1890-1930. In: CONDURU, Roberto; SIQUEIRA, Vera Beatriz (Coord.). **Anais do XXIX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Historiografia da arte no Brasil: um balanço das contribuições recentes. Rio de Janeiro: CBHA, 2009. p. 274-285.

<sup>2</sup> COLI, Jorge. **Como estudar a arte brasileira do século XIX?** São Paulo: Senac, 2005. p. 18.

<sup>3</sup> PEREIRA, Sonia Gomes. História, arte e estilo no século XIX. **Revista Concinnitas**. Rio de Janeiro: UERJ, v.1, 2006. p. 130.

o catálogo *O Grupo do Leão e o Naturalismo português* organizado pela Pinacoteca do Estado de São Paulo em 1996).

No que se refere ao intercâmbio luso-brasileiro, muito acrescentou à pesquisa o volume publicado no ano 2000 por Amado Luiz Cervo e José Calvet de Magalhães, intitulado *Depois das caravelas*, que discute as relações estabelecidas entre Portugal e Brasil desde 1808 até àquela data. Sobre a presença portuguesa nos trópicos, a palestra de Marie-Jo Ferreira pronunciada em 2007 revelou como foram instituídos os contatos entre ex-colonizadores e ex-colonos no intervalo de tempo que abrange o final do século XIX ao início do XX. Já a respeito da conjuntura xenofóbica que permaneceu vigente no cotidiano da população carioca durante a Primeira República, os artigos de Gladys Ribeiro (1994 e 2001) e Ricardo Luiz de Souza (2005), além da dissertação de Robertha Triches (2011), forneceram contribuições valiosas para compreender as razões e as ações do antilusitanismo no Rio de Janeiro recém-republicano.

Tais leituras indicavam que um intenso fluxo de pessoas e informações se processava entre os dois lados do Atlântico mesmo após a dissolução dos laços coloniais. Mas se as relações luso-brasileiras pareciam bem estudadas nos âmbitos político, diplomático, econômico e social, o diálogo estabelecido entre as suas Belas Artes era apenas superficialmente mencionado nos volumes citados até aqui. O primeiro historiador a debruçar-se com mais atenção sobre este assunto, em 2001, foi Luciano Migliaccio. Durante o II Congresso Internacional de História da Arte, no Porto, o pesquisador decidiu divulgar um breve inventário das obras de arte portuguesas presentes em coleções brasileiras. O assunto provocou grande curiosidade, já que até então era ignorada a extensão do colecionismo de arte portuguesa existente no Brasil.

A descoberta de diálogos culturais mais intensos entre Portugal e Brasil seria explorada, em 2004, por Arnaldo Saraiva, quando ele lançou o seu importante *Modernismo brasileiro e modernismo português*, que analisava as tentativas de implantação das vanguardas literárias nos dois países. Já no ano de 2007, Lucia Maria Guimarães iria analisar os pontos de confluência encontrados nas relações culturais luso-brasileiras. Os intercâmbios entre Brasil e Portugal continuariam a ser abordados em textos pontuais, muitos deles reunidos no volume intitulado *Oitocentos* e organizado por Arthur Valle, Camila Dazzi e Isabel Portella, em 2013. Aliás, Arthur Valle avançou sobremaneira no assunto iniciado por Migliaccio ao examinar com afincado o acervo de pinturas portuguesas formado pelo museu da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), sobretudo ao longo da Primeira República brasileira. As coleções artísticas existentes no Brasil e enriquecidas por telas portuguesas também foram objeto de estudo dos Colóquios intitulados *Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX*, organizados em 2014



e 2016 por Marize Malta e Maria João Neto. Ademais, a historiadora Maraliz Christo ainda forneceria relevante informação ao ressaltar a presença do naturalismo português no acervo do Museu Mariano Procópio, durante comunicação de 2014.

Malgrado as leituras se mostrassem deveras esclarecedoras até aqui, não foi encontrado qualquer estudo mais aprofundado que tratasse exclusivamente das conexões estabelecidas entre os pintores naturalistas ativos no Brasil e em Portugal na passagem para o século XX. A carência de obras referenciais sobre o assunto levou, no segundo momento da pesquisa, à busca por fontes diretas, ou seja, por artigos jornalísticos da época. A ideia era tentar perceber qual foi a reação do mercado e do periodismo brasileiro frente à chegada das obras de arte produzidas pelos estrangeiros mais odiados no cotidiano dos cariocas e paulistas. Para tal, inicialmente foram buscados estudos a respeito da produção jornalística brasileira da época e a propósito da influência da intelectualidade de além-mar sobre a produção de aquém-mar. Destacam-se, neste sentido, as acertadas apreciações de Nelson Werneck Sodré (*História da imprensa no Brasil*, 1996), Ana Luiza Martins (*Revistas em revista*, 2008) e Tania Regina de Luca (*História da Imprensa no Brasil*, 2012); os estudos da crítica artística no Brasil realizados por Rosângela de Jesus Silva (sua tese de Doutorado e diversos artigos sobre Ângelo Agostini) e Fabiana de Araújo Grangeia (a respeito de Oscar Guanabara); além das análises literárias de Nelson Vieira (*Brasil e Portugal: a imagem recíproca*, 1991), João Alves Neves (*As relações literárias de Portugal com o Brasil*, 1992), João Carlos Zan (*Ramalho Ortigão e o Brasil*, 2009) e Fernanda Muller (sua tese de 2011 sobre as relações literárias e culturais luso-brasileiras vistas através dos periódicos portugueses).

De modo a perceber como efetivamente seria estabelecido o diálogo entre a pintura naturalista produzida em Portugal e o mercado artístico do Brasil, foram selecionados os principais periódicos (de maior tiragem) publicados no Rio de Janeiro e em São Paulo entre os anos de 1889 e 1930, mas também folhetins de menor expressão e pouco duradouros que marcaram época. A pesquisa só foi possível graças ao importante e impecável trabalho realizado pela Biblioteca Nacional (Brasil) de digitalização de todo o acervo da sua Hemeroteca. O método de busca utilizado por este trabalho no sítio *online* da instituição (<<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>) iniciou a investigação por meio de palavras-chave, como “artista português”, “arte portuguesa”, “pintura portuguesa”, “pintor português” e “exposição portuguesa”. A partir destas cinco expressões eram encontrados nos jornais registros mais específicos sobre eventos ou nomes de pintores que estiveram no Brasil: as novas locuções, alcunhas e títulos de mostras eram anotados em listagem à parte, que foi sendo

progressivamente aumentada ao longo da investigação. Somente depois de averiguar as palavras-chave em todos os jornais e montar um extenso rol de termos a serem pesquisados é que foi realizada a busca das expressões em cada um dos periódicos previamente selecionados.

Por exemplo, a busca pelo termo “artista português” na *Gazeta de Notícias* encontraria os seguintes resultados: “o *artista português* José Malhoa está em visita ao Brasil para uma exposição no Real Gabinete Português de Leitura” ou “o *artista português* que quiser participar da Exposição de Produtos Portugueses deverá deixar seu nome na secretaria do Liceu Literário Português”. Assim, eram acrescentados à listagem de pesquisa geral, a ser feita em todos os periódicos arrolados e na própria *Gazeta de Notícias*, as expressões: “José Malhoa”, “Gabinete Português de Leitura”, “Exposição de Produtos Portugueses” e “Liceu Literário Português”. Ademais, durante todo este processo de procura nos jornais foram produzidas fichas referentes a cada um dos folhetins, de modo a catalogar as informações progressivamente levantadas. As fichas anotavam a data do artigo, o seu título, os assuntos ali tratados e, caso houvesse, registravam também a autoria do texto (ver o APÊNDICE A). Cada um destes quase 1.500 artigos encontrados ainda ganharia um resumo próprio sobre a sua matéria, reunidos em ficheiros referentes ao evento que abordavam.

O método investigativo permitiu, por fim, encontrar uma série de eventos que não eram expectáveis no início da pesquisa, números expressivos que revelaram mais de uma centena de exposições contendo telas de origem portuguesa ou organizadas por pintores portugueses ao longo da Primeira República brasileira. A investigação também não demorou a constatar que houve uma recepção deveras positiva da arte portuguesa pela sociedade e pelos jornalistas cariocas e paulistas, assunto sobre o qual passou a se debruçar. Ademais, foi possível identificar a utilização de elementos diversos no incentivo à travessia do Atlântico, como a propaganda jornalística e a influência das entidades migracionais. Os artistas portugueses pareciam especialmente atentos aos conterrâneos que prosperavam nos trópicos, sendo justo que tentassem, “alargando o âmbito da sua clientela, procurar em país estrangeiro colocação para os seus trabalhos, quando principalmente contam com a proteção de seus patrícios”<sup>4</sup>. Após a passagem para o século XX, eles se mostraram convencidos de que o mercado brasileiro, onde poderiam ainda encontrar antigos amigos, era um conveniente eldorado frente à crise que abalava os índices econômicos de sua terra natal e organizariam eventos especialmente dedicados ao público tropical.

---

<sup>4</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **Tagarela**. Rio de Janeiro, 26 jul. 1902, 3ª col., p. 2.

As conveniências oferecidas por uma economia tropical em expansão, carente de reconhecimento civilizacional e repleta de imigrantes portugueses foram, assim, fatores preponderantes para o grande volume de exposições de pintores portugueses (individuais ou como participantes em certames coletivos) que tiveram lugar na Primeira República brasileira. A pesquisa encontrou, ao todo, cerca de 120 mostras – decorridas no Rio de Janeiro e em São Paulo, entre os anos de 1889 e 1929 – que contaram com nomes portugueses nos seus catálogos. Dentro deste montante, as iniciativas pessoais, ou seja, encabeçadas pelos próprios artistas, somavam o expressivo número de quase 50 acontecimentos. A maioria dos eventos acumulou-se nas décadas de 1910 e 1920 (conforme a **TAB. 1**), indicando que a resolução das divergências governamentais entre um Portugal que deixaria de ser monárquico e um Brasil progressista republicano pode ter incentivado a travessia do Atlântico.

**TABELA 1**

**Número de exposições individuais ou coletivas que receberam telas portuguesas na Primeira República**

<b>Data</b>	<b>Exposições coletivas</b>	<b>Exposições individuais</b>	<b>Total</b>
<b>1889-1899</b>	20	7	27
<b>1900-1909</b>	21	6	27
<b>1910-1919</b>	12	17	29
<b>1920-1929</b>	16	20	36

Ao final do processo de recolha de informações – a leitura de bibliografia e as buscas nos periódicos – foi adotada uma estratégia de confrontar as opiniões proferidas pelos articulistas da época com os entendimentos professados pelos estudiosos atuais. As biografias dos pintores portugueses escritas por grandes especialistas e os catálogos resultantes de exposições sobre a produção dos naturalistas, que vêm se sucedendo desde a década de 1990 em diversos museus de Portugal, enriqueceriam o texto na medida em que davam suporte ou questionavam as afirmações dos jornais cariocas e paulistas da Primeira República. Ao fim e ao cabo, foi possível afirmar que a visão dos pesquisadores atuais a respeito dos pintores portugueses difere das imagens propaladas nos folhetins da transição para o século XX.

Mantendo o exemplo de José Malhoa, se Nuno Saldanha<sup>5</sup> afirma em sua tese que o pintor demorou para ser consagrado na terra natal e viajou ao Brasil em busca de reconhecimento, os tabloides brasileiros garantiam, em 1906, que Malhoa já era uma das maiores glórias de Portugal e gozava de imenso sucesso como representante da sua pátria.<sup>6</sup>

A metodologia utilizada na tese para a análise de todo o material coletado buscou formar um percurso teórico investigativo que visava reduzir “ao mínimo a margem de arbítrio”<sup>7</sup>, ou seja, diminuir o julgamento pessoal da pesquisadora a respeito do objeto em questão. Dentre as linhas trabalhadas pela História da Arte, Arnold Hauser<sup>8</sup> destaca três diferentes condições que resultam na produção da obra de arte: psicológicas, sociológicas e estilísticas. A categoria psicológica estaria centrada no indivíduo que planeja e produz o objeto artístico, cabendo ao historiador compreender como um percurso íntimo teria levado a certo arranjo, ainda inserido no contexto pictórico em voga. A condição sociológica, por sua vez, pretende pensar questões mais amplas, como o ambiente produtivo do artista, as circunstâncias em que a tela foi encomendada e qual o lugar que se pretendia exibi-la originalmente. A terceira e última condição diz respeito estritamente às questões estilísticas, ou seja, à técnica.

A vertente sociológica tem sido a mais utilizada pelos historiadores que concentram sua análise nas transformações políticas, sociais e econômicas que envolvem a produção artística de determinado período. E foi a escolhida, portanto, para nortear este trabalho. Segundo adverte Giulio Carlo Argan, deverá o estudioso que por ela opta observar “a relação entre as atividades artísticas e a esfera social, visando explicar a obra de arte como produto da situação social e cultural”<sup>9</sup>. O pesquisador que adota os parâmetros da sociologia deverá, ainda conforme Argan, examinar como a arte se relaciona com o seu tempo: quais as condições de trabalho dos artistas, sua situação econômica, quem são os encomendantes do seu trabalho, qual a sua margem de produção independente, as associações às quais o artista se conecta, como ele se relaciona com os responsáveis pela fruição do mercado e de que maneira estes vínculos determinam as escolhas da sua produção.

---

<sup>5</sup> SALDANHA, Nuno. **José Vital Branco Malhoa (1855-1933): o pintor, o mestre e a obra**. Tese (Doutoramento em História da Arte). Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2006. p. 79.

<sup>6</sup> JOSÉ MALHÔA. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 4 jul. 1906, 3ª col., p. 2.

<sup>7</sup> ARAGÃO, Solange. Comunicante-comunicado-comunicando: método de estudo de obras de arte. **II Encontro de História da Arte**. Teoria e História da Arte: abordagens metodológicas. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2006. p. 21-27.

<sup>8</sup> HAUSER, Arnold. **Teorias da arte**. Lisboa: Presença, 1998. p. 20.

<sup>9</sup> ARGAN, Giulio Carlo. **Arte e crítica de Arte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1988. p. 154.

Para José-Augusto França<sup>10</sup>, a junção entre a História da Arte e a Sociologia confere maior dinamismo à pesquisa, já que promove a inserção de elementos informativos de variadas fontes na análise da obra de arte. “E é precisamente a sociologia da arte que permite passar do plano da morfologia da obra, tanto quanto do plano da sintaxe biográfica do seu autor, ao da semântica das formas objetivadas e das vidas vividas no seio de uma conjuntura em definição contínua.”<sup>11</sup> Observar a constituição formal da obra e seu contexto histórico, assim como as questões econômicas (do país de origem do artista, do próprio artista ou dos compradores), seria parte do processo; mas faz-se necessário também refletir sobre as dinâmicas do ensino no período eleito, as exposições, as agremiações artísticas, as condições de produção e a formação do gosto de quem acolhe ou nega a obra. No caso deste trabalho, cabe ainda uma análise comparativa entre as realidades de Brasil e de Portugal. De toda forma, cada época analisará as produções precedentes conforme sua própria realidade vigente e seus gostos, gerando uma variedade de percepções que não se anulam e são complementares:

Um quadro, uma escultura desencadeiam, graças à materialidade de que são feitos, “pensamentos” sobre o mundo, sobre as coisas, sobre os homens. Esses pensamentos, incapazes de serem formulados com conceitos e frases pela própria obra, provocam comentários, análises, discussões, que se alteram, ao infinito, conforme seja o analista, o universo cultural ao qual pertence, a geração da qual faz parte. O artista, ele próprio, pode propor uma análise de sua criação. Ele será, porém, rigorosamente, apenas mais um analista, como os outros o foram.<sup>12</sup>

O presente trabalho buscará ser mais uma contribuição para o estudo do estreito intercâmbio artístico estabelecido entre o além e o aquém-mar na transição das centúrias. O objetivo será mostrar que as telas dos pintores portugueses chegadas ao Brasil, malgrado tivessem motivos para serem rechaçadas, acabaram largamente colecionadas e aplaudidas. Para tal, a tese foi dividida em sete capítulos que analisarão o processo de recepção das obras portuguesas enviadas ao Brasil, os incentivos que os artistas receberam para atravessar o Atlântico e o incremento do intercâmbio cultural luso-brasileiro promovido pelas Belas Artes frente às falhas ações diplomáticas. O corte temporal limitou-se aos anos de 1889 a 1929, ou seja, corresponde a quase todo o período da Primeira República (que perdura até o Golpe de 1930) e ao auge da produção naturalista vigente tanto no Brasil, quanto em Portugal. No âmbito geográfico, foram escolhidas as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo pelo facto de estas

<sup>10</sup> FRANÇA, José-Augusto. **(In)definições de cultura**: textos de cultura e história, artes e letras. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

<sup>11</sup> FRANÇA, José-Augusto. *Ibidem*, p. 98-99.

<sup>12</sup> COLI, Jorge. Notas para uma distinção entre a noção de artista e de autor. In: MAROTTA, Marcelo Hilsdorf (Coord.). **IV Encontro de História da Arte**. A arte e a história da arte entre a produção e a reflexão. São Paulo: UNICAMP, 2008. p. 186-189.

capitais terem recebido um massivo contingente de imigrantes portugueses, mas também por elas concentrarem, à época, os maiores mercados artísticos do Brasil.<sup>13</sup> A pesquisa permanecerá restrita apenas à pintura e, devido a tal preferência, exposições que envolvam exclusivamente esculturas e produtos outros (como a mostra de rendas de Maria Augusta Bordalo Pinheiro<sup>14</sup> ou das faianças<sup>15</sup> e caricaturas<sup>16</sup> de Raphael Bordalo Pinheiro) não serão abordadas.

O primeiro capítulo pretende fazer uma breve contextualização político-econômica de Portugal e do Brasil na passagem para o século XX, ou seja, no momento em que a linguagem naturalista foi amplamente desenvolvida. Se no Brasil o xenofobismo dominava o cotidiano dos cidadãos, em Portugal as crises financeiras e as constantes trocas de governos (durante o regime monárquico ou no seguimento da República) contribuiriam para que os pintores desta nacionalidade vislumbassem nos trópicos uma oportunidade de alcançar o retorno monetário dificilmente possibilitado pela terra natal. O capítulo mostrará, ainda, como a conjuntura naturalista permaneceu bastante similar nos dois países: longa e dominadora do mercado. Ambas as nações iriam resistir às tentativas de implementação do modernismo no princípio do século XX, fazendo com que o naturalismo dominasse as exposições e o comércio de arte até a década de 1940 – embora tal alongamento não possa ser visto como atraso civilizacional, e sim enquanto consciente opção estética.

No seguimento da tese, o segundo capítulo mostrará que as amizades estabelecidas entre intelectuais e artistas brasileiros e portugueses contribuiriam sobremaneira para criar uma realidade mais amável no plano cultural, frente ao xenofobismo que pairava no âmbito popular carioca e paulista. A partir dos contatos estabelecidos nas academias europeias durante os pensionatos dos pintores ou ao longo das exposições decorridas no Brasil surgiriam laços afetivos importantes não apenas para incentivar a viagem pelo Atlântico, como também para impulsionar a melhor aceitação dos exemplares portugueses pela sociedade e pela crítica

---

<sup>13</sup> É preciso ressaltar que conexões entre outras partes do território brasileiro com a arte portuguesa foram estabelecidas à época. Desde a década de 1890, por exemplo, as cadeiras de escultura e artes industriais da Academia de Belas Artes portuense firmaram conexões no estado do Pará. VER: FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Portugueses, italianos e franceses nos círculos artísticos de Belém do Pará (1880-1920). In: ARRUDA, José Jobson de Andrade. *et al. De colonos a imigrantes: i(e)migração portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2013. p. 561.

<sup>14</sup> RAMOS, Rui. A segunda fundação. (1890-1926). In: MATTOSO, José (coord.). **História de Portugal**. Rio de Janeiro: Mouro: Círculo dos Leitores, 2008. v. XI. p. 98.

<sup>15</sup> VALLE, Arthur. Aspectos da recepção da arte portuguesa de fins de oitocentos e início de novecentos no Rio de Janeiro Republicano. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel (org.). **Oitocentos: intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal**. Tomo III. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. p. 49 e 50.

<sup>16</sup> VER: BORDALLO PINHEIRO. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 23-24 maio 1905, 4ª col., p. 1. / BORDALLO PINHEIRO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 23 maio 1905, 8ª col., p. 1. / RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 24 jan. 1905, p. 1. / BORDALLO PINHEIRO. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 3ª col., p. 1. / CHRONICA DO MALHO. **O Malho**. Rio de Janeiro, 27 maio 1905, p. 4.

brasileira. Ademais, de passagem pelo Rio de Janeiro, os estrangeiros fariam questão de visitar a Escola Nacional de Belas Artes, o seu museu e outras instituições de ensino, como o Liceu de Artes Ofícios. Ali ganhariam a oportunidade de contatar o que havia de exemplar na produção artística brasileira. Alguns acabariam por participar das Exposições Gerais ou utilizariam os salões da academia para suas mostras particulares, momentos que promoveram singulares e enriquecedores diálogos entre os pintores portugueses e o presente/futuro da arte brasileira representado por professores/alunos do local.

O terceiro capítulo da tese abordará, por sua vez, o mais significativo elemento que contribuiu para a recepção positiva da arte naturalista portuguesa pelos brasileiros, mesmo diante de um contexto diplomático pouco vantajoso: a tendenciosa atuação da imprensa. A direção dos periódicos, quase sempre entregue a nomes portugueses, influenciaria a opinião favorável dos articulistas sobre as exposições ou telas desembarcadas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Mas as amizades mantidas entre os críticos de arte de aquém-mar e os pintores de além-mar, assim como a preferência de ambos pela linguagem naturalista, também determinaria o tom amistoso através do qual os pintores portugueses foram descritos nos jornais. As publicações iriam promover os eventos agenciados pelos estrangeiros nos trópicos, destacando as visitas e as vendas em textos que supervalorizavam a trajetória profissional dos artistas e conclamavam a sociedade para prestigiar os certames.

O quarto capítulo inicia uma discussão a respeito dos instrumentos que colaboraram sobremaneira para impulsionar o frequente envio de obras aos trópicos e as diversas viagens dos pintores portugueses pelo Atlântico. Este momento da tese acercar-se-á das questões que permitiram aos artistas portugueses sentirem-se confiantes e dispostos à experiência no Brasil. Assim, diante da enormidade da colônia imigrante instalada no Rio de Janeiro e em São Paulo, as instituições representativas foram indispensáveis garantias de certa tranquilidade aos mais aventureiros e também distribuíram facilidades a nomes conhecidos no mercado. O Real Gabinete Português de Leitura, o Liceu Literário Português e a Câmara Portuguesa de Comércio são exemplos de entidades que apoiariam a viagem dos pintores de maneiras diversas, abririam seus espaços para a instalação das exposições, promoveriam as mostras frente à comunidade de imigrantes, fariam constantes encomendas de trabalhos e incitariam o diálogo de seus compatriotas com a sociedade brasileira.

O quinto capítulo da tese vislumbrará, a seguir, as escassas e pouco efetivas tentativas de aproximação oficial entre os dois lados do Atlântico, propostas tanto pela administração de Portugal como pelo governo do Brasil. Embora tenham alcançado o mérito de fazer os produtos

industriais e as artes portuguesas serem mais conhecidos nos trópicos, tais projetos não resultariam em vendas vultuosas, como as alcançadas pelas exposições individuais dos pintores. De toda forma, indicariam aos artistas portugueses que a administração do seu país estava disposta a estabelecer um intercâmbio cultural com o aquém-mar e, para representar-se, faria amplo uso do potencial nacionalista da arte naturalista. Por outro lado, a ex-colônia abriria as portas de sua progressista República à ex-metrópole para comprovar que superara com maestria a dominação dantes imposta e acolher manifestações artísticas de interesse para o seu mercado.

O sexto capítulo traz números mais positivos com relação à venda de arte portuguesa e revela o curioso fenômeno de atração dos comerciantes brasileiros pela pintura naturalista produzida em Portugal. Este encanto, promovido muito mais por questões mercadológicas do que por motivos pessoais, faria empreendedores privados investirem seus próprios capitais na comercialização de quadros portugueses. Desprovidos dos ideais ufanistas governamentais ou dos propósitos beneméritos das instituições representativas, os donos de galerias e lojas manteriam um olhar puramente mercantil sobre a arte portuguesa. Acabariam por comprovar que ela foi, de facto, buscada e admirada ao longo de toda a Primeira República brasileira.

O sétimo e último capítulo discutirá, por fim, a culminância de todo este processo que envolveria recepção positiva e incentivo para a travessia do Atlântico: o colecionismo de arte portuguesa desenvolvido no Brasil ao longo da sua Primeira República e a circulação das telas no mercado por meio de leilões ou dissoluções de galerias inteiras. O relevante movimento colecionista promovido pelos novos ricos surgidos com o republicanismo, uma classe burguesa em busca de reconhecimento das suas qualidades civilizacionais, levaria a regulares compras ou encomendas das obras de arte balizadas pela qualidade europeia e em conformidade com os anseios dos adquirentes. O naturalismo português seria visto, assim, como parte da cobiçada cultura europeia, e não como mercadoria proveniente da indesejada metrópole colonizadora. Passaria a integrar, portanto, o exclusivo acervo da Pinacoteca da mais prestigiosa instituição de ensino artístico do Brasil, a Escola Nacional de Belas Artes.

Em resumo: a recepção positiva da arte naturalista portuguesa promovida pela classe artística, a intelectualidade e a imprensa brasileira seria complementada por mecanismos de apoios (institucionais, governamentais e particulares) garantidores da frutuosa estadia dos pintores portugueses, dos bons índices de venda e da circulação de suas obras pelo Brasil.

A escolha de agrupar os acontecimentos por categorias de assuntos, e não por ordem cronológica, levou o mesmo evento a ser citado em diferentes capítulos. Todavia, é importante ressaltar que houve um grande cuidado de não repetir as referências jornalísticas em distintos



trechos da tese. Por exemplo, novamente sobre a exposição de José Malhoa: a mostra será mencionada no segundo capítulo para revelar as amizades responsáveis por promover a viagem do pintor ao Brasil em 1906 e os demais contactos firmados ao longo da estadia no Rio de Janeiro; no terceiro capítulo, a exposição exemplificará que o apoio fornecido pela imprensa iria assegurar o seu êxito; no quarto capítulo, o evento receberá maior destaque frente à análise da importância da atuação do Gabinete Português de Leitura enquanto instituição representativa da comunidade imigrada; já o quinto, o sexto e o sétimo capítulos ressaltarão que houve significativo aumento do interesse manifestado pelos governos, comerciantes e colecionadores sobre os quadros de Malhoa após o certame de 1906. Em cada momento serão utilizadas referências jornalísticas que serão colocadas em contexto pela primeira vez.

Por fim, esclarecemos que o despacho superior conferido pelo Conselho Científico da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, a 16 de abril de 2018, autorizou o emprego das diretrizes estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas<sup>17</sup> em toda a tese. Já a utilização de imagens ao longo do texto foi reduzida devido às exigências de publicação determinadas pela Biblioteca Nacional do Brasil<sup>18</sup> e por alguns dos periódicos utilizados para compor o trabalho, como *O Estado de São Paulo*.

---

<sup>17</sup> FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

<sup>18</sup> DINF/FBN (dinf@bn.gov.br). Mensagem recebida por raquelaguilarhistoria@gmail.com em 4 jul. 2017.

## **CAPÍTULO 1**

### **A ARTE NATURALISTA NOS CONTEXTOS BRASILEIRO E PORTUGUÊS**

O estudo do histórico das relações firmadas entre Brasil e Portugal é elemento primordial para entender a constante presença de pintores portugueses no cenário da Primeira República brasileira (1889-1930). Fortalecidas por um intercâmbio artístico estabelecido ainda em ambiente europeu, as exposições portuguesas organizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo durante aquelas quatro décadas de transição das centúrias mesclaram-se a aspectos políticos, diplomáticos e econômicos que envolveram os dois países. Brasil e Portugal seguiam caminhos pictóricos similares e marcados pelo predomínio naturalista. Mas a ex-colônia e a ex-metrópole enfrentavam suas realidades de nação subdesenvolvida e de histórica potência europeia, respectivamente, atentas ao modelo de civilização francesa.

Não esquecendo as diversas *nuances* do que sucedeu em Portugal e no Brasil, a passagem para o século XX em todo o mundo ocidental foi marcada por mudanças drásticas na forma de viver, altas taxas de urbanização e incremento substancial da tecnologia.<sup>19</sup> O crescimento das cidades democratizava o espaço público, permitindo que indivíduos de diferentes níveis sociais circulassem pelo mesmo local. O desenvolvimento dos transportes encurtava as distâncias e imprimia ao cotidiano um ritmo acelerado. A sociedade, mais dinâmica, conectava-se ao poder do capital. Junto aos progressos materiais, recrudesciam os duelos entre a classe proletária (insatisfeita com as condições de trabalho) e a rica burguesia (descontente com sua baixa representação política). O Estado firmava-se como agente civilizacional e promotor do progresso, cujos interesses deveriam se sobrepor às faculdades individuais. Para tal, impunha cortes nos gastos do pomposo aparato estatal e reajustava a arrecadação de receitas, aumentando impostos e tarifas alfandegárias. As crises inflacionárias constantes levariam ao questionamento do regime político-econômico liberal.

O Brasil, dependente da exportação do café<sup>20</sup> e dos empréstimos norte-americanos, só alcançaria um período de relativa expansão da atividade fabril durante a Primeira Guerra Mundial.<sup>21</sup> Já em Portugal, a economia pouco industrializada e prejudicada pela deficitária infraestrutura dos transportes<sup>22</sup>, era dependente de pequenas iniciativas e dominada pela exportação do vinho<sup>23</sup>. Neste panorama, o mercado consumidor brasileiro surgia como um conveniente alvo a ser alcançado. Para tal, a diplomacia portuguesa recorrentemente insistiria

---

<sup>19</sup> RAMOS, Rui. A segunda fundação. (1890-1926). In: MATTOSO, José (coord.). **História de Portugal**. Rio de Janeiro: Círculo dos Leitores, 2008. v. XI. p. 127 e 131.

<sup>20</sup> Ao longo da Primeira República o café movimentou, em média, 60% das exportações brasileiras. VER: FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: USP, 1999. p. 273.

<sup>21</sup> VIANNA, Hélio. **História do Brasil**. v. II. São Paulo: Melhoramentos, 1970. p. 254.

<sup>22</sup> MARQUES, A. H. de Oliveira. **A Primeira República Portuguesa**. Alfragide: Texto Editores, 2010. p. 26-30.

<sup>23</sup> RAMOS, Rui. *Op. cit.* p. 23-25.

no tema da fraternidade luso-brasileira, embora o Brasil se mostrasse menos entusiasta neste aspecto. Em verdade, “a agenda diplomática brasileira não atribuía a Portugal a mesma importância que Lisboa atribuía ao Rio de Janeiro”<sup>24</sup> e a ex-colônia frequentemente voltava-se para as relações comerciais com a Grã-Bretanha, França, Estados Unidos e Argentina<sup>25</sup>.

O relativo desinteresse brasileiro provinha de um discurso nacionalista que se tornava o motor das recentes repúblicas. No caso do Brasil, a nacionalidade era definida pela negação ou reformulação do passado e sentida na busca de um significado cultural próprio, genuíno, afastado dos supostos malefícios da herança portuguesa.<sup>26</sup> Mas em Portugal a identidade pátria era estruturada em torno da valorização de um passado glorioso, sendo uma das expressões mais notórias o progresso alcançado pela ex-colônia sul-americana. Nos dois casos, as manifestações culturais concentravam sua temática na memória – conforme desencanto perante o presente e lembrança saudosa de uma vida rural, ou seja, de um mundo em vias de ser perdido para a modernidade.<sup>27</sup> Neste ínterim, o naturalismo representava a descolagem em relação à ilusão romântica<sup>28</sup>, instigando os pintores a representarem “uma natureza sentida e entendida diretamente, pelo temperamento de cada qual, sem preconceitos estéticos de beleza no sítio escolhido ou no tratamento pictural”<sup>29</sup>. Já o impressionismo voltava-se para a captação das atmosferas e os avanços técnicos baseados em descobertas científicas. O simbolismo<sup>30</sup>, por sua vez, valorizava o retorno ao transcendental e ao subjetivo. Ao mesmo tempo, ganhavam força os ideais modernos de ruptura que tencionavam abalar as concepções técnicas e estruturais que haviam composto a produção estética até então.

As mudanças nos conceitos pictóricos tradicionalmente defendidos pelas Academias de Belas Artes, que levariam à adoção do naturalismo, foram lentamente introduzidas a meados do século XIX pelas produções de Millet, Corot e Rousseau. A chamada *École de Barbizon*, independente do ensino oficial, incentivaria a pintura ao ar livre e a retratação da vida rural em

<sup>24</sup> CARVALHO, Thiago; MARTINS, Fernando. As relações luso-brasileiras. In: MENESES, Filipe Ribeiro de; OLIVEIRA, Pedro Aires (coord.). **A Primeira República Portuguesa: diplomacia, Guerra e Império**. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2011. p. 185.

<sup>25</sup> CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. A política exterior da República. In: **História da política exterior do Brasil**. Brasília: UNB, 2002. p. 161.

<sup>26</sup> RIBEIRO, Gladys Sabina. Antes sem pão do que sem pátria: o anti-portuguesismo nos anos da década de 1920. **Convergência Lusíada**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, v. 2, n. 18, 2001, p. 147-148.

<sup>27</sup> FERNANDES, Annie Gisele. Do Portugal no Brasil ao Brasil em Portugal: reflexões acerca do convívio intelectual na (e para a) afirmação da modernidade. **Convergência Lusíada**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, n. 29, jan.-jun. 2013, p. 128.

<sup>28</sup> NATÁRIO, Celeste. A situação de Portugal na Europa no final do século XIX e início do século XX: a geração de 70. **Revista Estudos Filosóficos**. São João Del Rei: UFSJ, n. 1, 2008, p. 101.

<sup>29</sup> FRANÇA, José-Augusto. **A arte portuguesa de oitocentos**. Lisboa: Biblioteca Breve, 1992. p. 70.

<sup>30</sup> RAMOS, Rui. A segunda fundação. (1890-1926). In: MATTOSO, José (coord.). **História de Portugal**. Rio de Mouro: Círculo dos Leitores, 2008. v. XI. p. 316

telas reservadas até então à pintura histórica, religiosa e mitológica.<sup>31</sup> Por volta de 1850, o polêmico Gustave Courbet<sup>32</sup> faria suas primeiras aparições no *Salon* com cenas que escancaravam a nudez e a realidade sem uso dos efeitos decorativos tão apreciados pelo desenho clássico: “Eu pinto o que eu vejo e o que eu sinto”<sup>33</sup>, afirmava. Foi com o realismo de Courbet que “a pintura se tornou menos dependente das tradições anteriores e dos temas que tinham de ser imaginados, explicados e interpretados pela literatura. Tudo o que o pintor representou é familiar a partir da experiência imediata; refere-se a sensações, impressões e percepções.”<sup>34</sup> Ao final do oitocentos já estava instalada em Paris uma discussão a respeito das possibilidades artísticas que ultrapassavam o restrito âmbito dogmático da *École de Beaux-Arts*.<sup>35</sup>

O naturalismo, considerado pela historiografia novecentista uma espécie de continuação do realismo, mas sem a carga ideológica deste, acabou por ser eleito a arte preferida da burguesia que emergia no Brasil e em Portugal. Mas na crítica brasileira e portuguesa de fins do século XIX, os termos “realismo” e “naturalismo” acabariam confundidos: o primeiro estava ligado à concepção de “verdade”, enquanto o segundo surgiria com maior incidência e conectado aos ideais de “realidade”.<sup>36</sup> Em Portugal, conforme nota Sandra Leandro, a partir da década de 1880 seria adotado o conceito de naturalismo em substituição à palavra realismo, embora “a distinção entre um termo e outro nunca foi clara e esse equívoco devia-se não só à sua complexidade, como à inconsistente solidez na definição e reflexão acerca dos conceitos, tanto no discurso crítico, como na própria produção artística”<sup>37</sup>.

No Brasil e em Portugal, a pintura naturalista seria imediata e amplamente aceite graças ao seu desenvolvimento ocorrido dentro da própria academia parisiense e por ser destituída de êxtases criativos ou das pretensões de estabelecer cortes radicais com a produção anterior. Aliás, o naturalismo já era bem conhecido nos dois países por meio dos textos de Émile Zola, divulgados principalmente por Gonzaga Duque e Ramalho Ortigão. Ambos enfatizariam as questões nacionalistas trabalhadas pelo francês, opção ideológica que ganharia eco na produção da arte brasileira e portuguesa, maiormente voltada na transição dos séculos para as discussões

<sup>31</sup> TINTELNOT, Hans. **Do Neoclassicismo à Arte Moderna**. Lisboa: Verbo, 2v., 1972. p. 140.

<sup>32</sup> VER: NOCHLIN, Linda. **Courbet**. London: Thames & Hudson, 2007.

<sup>33</sup> JANSON, Horst Woldemar. **História geral da arte**. v. 3. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 887.

<sup>34</sup> SCHAPIRO, Meyer. **Impressionismo: reflexões e percepções**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 279-280.

<sup>35</sup> ARGAN, Giulio Carlo. **A arte moderna na Europa: de Hogarth a Picasso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 352.

<sup>36</sup> LEANDRO, Sandra. Teoria e Crítica de Arte em Portugal no final do século XIX. In: LEANDRO, Sandra (Coord.). **Seminários de Estudos de Arte**. Estados da Forma I. Évora: Edições Eu é que sei, 2003. p. 28.

<sup>37</sup> LEANDRO, Sandra. **Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1871-1900)**. 2 vol. Dissertação (Mestrado em História da Arte Contemporânea). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1999. p. 166.

sobre o pertencimento do indivíduo a certos códigos culturais e a determinada região.<sup>38</sup> Nas composições pictóricas surgiriam figuras típicas, como o caipira paulista e os saloios do entorno lisboeta, identificadas antropologicamente com suas insígnias particulares. Raquel Henriques da Silva lembra que “os camponeses, as suas terras cultivadas e a sua específica cultura, bem como as paisagens em que se inseriam, eram a alma verdadeira de cada uma das nações assim essencialmente retratadas”<sup>39</sup>. Neste sentido, Mitchell<sup>40</sup> notou que os panoramas rurais naturalistas acabavam por tornarem-se verbos formuladores de identidades, e não um mero gênero estético.

Paralelamente à busca pelas tipicidades locais, que comumente recairia sobre o ambiente rural, o naturalismo desenvolvera ainda a obsessão por descrever a realidade com absoluta precisão, enquanto documento, facto, dado concreto.<sup>41</sup> Já a técnica naturalista, embora tenha mantido o desenho e a forma como pressupostos básicos de suas composições, abraçaria as transparências, os reflexos, a paleta luminosa e as pinceladas soltas introduzidas pelo impressionismo. Neste sentido, Zola ressaltava seu sonho de ver surgir ainda um gênio criador que reunisse as virtudes criativas do impressionismo e a força estrutural do naturalismo.<sup>42</sup> Em verdade, o meio termo que a estética naturalista representava, situando-se entre o vanguardismo impressionista e os ultrapassados arquétipos acadêmicos, acabaria por conquistar o mercado artístico e as paredes das galerias parisienses de fins do século XIX, conforme comprovam as fotografias dos *Salons* disponibilizadas pelo Ministério da Cultura da França.<sup>43</sup> Segundo Fléxa Ribeiro, a escola naturalista trata a “matéria com simplicidade, procurando construir o volume com solidez, e, às vezes, evidente emoção”<sup>44</sup>. A linguagem acessível e emblemática do naturalismo o tornaria, portanto, a arte vendável do período de transição para o século XX.

Por fim, as mudanças ocorridas no ambiente artístico da transição dos séculos resultariam na democratização dos espaços expositores, dantes restritos às academias de Belas

---

<sup>38</sup> PITTA, Fernanda Mendonça. **Um povo pacato e bucólico**: costume, história e imaginário na pintura de Almeida Júnior. Tese (Doutorado em Teoria, Ensino e Aprendizagem). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. p. 29.

<sup>39</sup> SILVA, Raquel Henriques da. O naturalismo e o portuguêsismo em pintura. In: FALCÃO, Isabel. *et al.* **João Vaz (1859-1931)**: um pintor do naturalismo. Lisboa: Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2005. p. 16.

<sup>40</sup> MITCHELL, W. J. T. **Landscape and power**. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

<sup>41</sup> COLI, Jorge. Imagem, trabalho e luta. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, v. 7, n. 13, set. 1986-fev. 1987, p. 189-210.

<sup>42</sup> Weisberg, Gabriel P. **Beyond Impressionism**: the naturalist impulse in european art (1860-1905). London: Thames and Hudson, 1992. p. 17-18.

<sup>43</sup> Disponível em: <[http://www.culture.gouv.fr/public/mistral/caran\\_fr?ACTION=CHERCHER&FIELD\\_98=Cote&VALUE\\_98=F/21/\\*7657](http://www.culture.gouv.fr/public/mistral/caran_fr?ACTION=CHERCHER&FIELD_98=Cote&VALUE_98=F/21/*7657)>. Acesso em: 13 de maio de 2013.

<sup>44</sup> RIBEIRO, Fléxa. Pequena crônica das artes: exposição Alves Cardoso. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 10 jul. 1928, 6ª col., p. 1.

Artes. As telas que dependiam da aprovação de um júri oficial para serem exibidas ao público em eventos oficiais, agora podiam ser apreciadas de maneira mais frequente em mostras organizadas nos ateliês, nas galerias e lojas comerciais, em redações de jornais e átrios de hotéis. Os quadros naturalistas, por suas dimensões geralmente comedidas, eram comercializados a preços acessíveis, o que contribuiria para a ampliação do colecionismo e para o desenvolvimento de uma crítica periódica especializada, tanto no Brasil, como em Portugal.<sup>45</sup>

Alarmados com as radicais rupturas propostas pelas tendências vanguardistas que se sobrepunham na transição para o século XX, os mercados artísticos brasileiro e português manter-se-iam por um tempo alargado predominantemente fiéis à produção naturalista. Tal preferência explica a boa recepção que a arte portuguesa encontraria em São Paulo e no Rio de Janeiro entre 1889 e 1929. A numerosa e saudosa comunidade de emigrados ali residente, no esforço para conservar as suas tradições nacionais vigentes no outro lado do Atlântico, também contribuiria para o acolhimento das expressões artísticas chegadas da terra pátria. Mas enquanto Brasil e Portugal seguiam conjunturas similares no que se refere às suas Belas Artes, cada nação atravessava questões políticas e econômicas deveras diferenciadas durante as quatro décadas de afirmação do naturalismo. Se em Portugal ele manteve-se apesar das trocas de governos e das sucessivas agremiações artísticas, no Brasil ele seria eleito o moderno referencial imagético representativo da Primeira República e ocuparia as paredes da Escola Nacional de Belas Artes.

### 1. 1 Portugal: instabilidade política e associações artísticas

Às vésperas da proclamação da República brasileira, em outubro de 1889, a monarquia portuguesa seria abalada pela morte de D. Luís I e as mudanças no trono. À época assumiria o filho, D. Carlos I, cujo governo enfrentaria um abalo grave logo a 11 de janeiro de 1890, quando a imagem do novo rei ficaria precocemente prejudicada com as decisões tomadas frente ao Ultimato Britânico.<sup>46</sup> Considerado fraco, incapaz e esbanjador, o impopular monarca passaria

<sup>45</sup> RAMOS, Rui. A segunda fundação. (1890-1926). In: MATTOSO, José (coord.). **História de Portugal**. Rio de Mour: Círculo dos Leitores, 2008. v. XI. p. 269.

<sup>46</sup> “O Ultimato consistira numa nota entregue ao ministro dos Negócios Estrangeiros português pelo embaixador de Inglaterra em Lisboa exigindo que Portugal ordenasse imediatamente a retirada de uma expedição militar que atacara alguns indígenas protegidos pelos ingleses na África Oriental, no Chire (atual Malawi). O Governo português cedeu, protestando, embora, que o território africano em que o confronto se dera pertencia a Portugal.” Esta rápida decisão pela resignação foi vista como sinal de fraqueza não apenas do rei, como de todo o país. VER: RAMOS, Rui. A segunda fundação. (1890-1926). In: MATTOSO, José (coord.). **História de Portugal**. Rio de Mour: Círculo dos Leitores, 2008. v. XI. p. 35.

a ser questionado em manifestações republicanas que não tardaram a aparecer no insatisfeito Portugal, como a Revolta do Porto deflagrada a 31 de janeiro de 1891, uma das mais significativas neste sentido. Paralelamente ao descontentamento para com o seu reinado, D. Carlos lutava ainda pela definição das questionadas fronteiras coloniais portuguesas, especialmente dos imensos territórios de Angola e Moçambique.<sup>47</sup>

À situação política instável do país, que sofreria constantes conspirações e mudanças na liderança parlamentar, somava-se ainda a desvalorização da moeda nacional e o aumento do custo de vida. Frente a este cenário caótico, o movimento republicano amadurecia seus ideais e expandia suas táticas de combate. O intransigente governo de João Franco (1906-1908) e a dissolução do Parlamento decretada em 1907 resultariam, a 1º de fevereiro de 1908, no trágico assassinato de D. Carlos e do príncipe D. Luís Filipe. O acontecimento comprometeria as bases monárquicas portuguesas de maneira irrevogável, mas, ainda assim, a República não se fez de imediato. Continuará por mais dois anos a desgastada rotina de partilha do governo entre regeneradores e progressistas, simultaneamente ao gradual enfraquecimento da jovem figura do inexperiente rei D. Manuel. Tal realidade acabaria por levar à implantação do regime republicano em Portugal, sem grandes confrontos ou maiores resistências, no dia 5 de outubro de 1910.<sup>48</sup> A esta altura, o Brasil já somava vinte anos de um regime político relativamente estável e cuja Constituição iria inspirar as leis portuguesas no que diz respeito aos direitos e garantias dos cidadãos.<sup>49</sup>

A Primeira República Portuguesa iria perdurar de 1910 a 1926, período que não se mostrou menos tumultuoso do que os momentos finais da monarquia, permanecendo as constantes permutas no comando do país e as dificuldades econômicas. Entretanto, emergia alguma esperança de renovação e a vontade de romper com o lamentado caminho de decadência seguido pela nação.<sup>50</sup> Em 1914, o envio de tropas para combaterem na Primeira Guerra Mundial iria resgatar certo sentimento de orgulho pátrio e unir os cidadãos portugueses em torno de um objetivo comum, embora os anos subsequentes ficassem marcados pelos prejuízos advindos do conflito bélico (como as altas taxas inflacionárias). No plano financeiro, a aproximação com o Brasil e seu mercado em expansão era considerada uma excelente alternativa para restabelecer

---

<sup>47</sup> RAMOS, Rui (coord.). **História de Portugal**. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009. p. 562-563.

<sup>48</sup> RAMOS, Rui (coord.). *Ibidem*. p. 581.

<sup>49</sup> SILVA, Isabel Corrêa da. **Espelho Fraterno**: o Brasil e o republicanismo português na transição para o século XX. Lisboa: Divina Comédia, 2013. p. 241 e 274.

<sup>50</sup> ELIAS, Margarida. **Columbano no seu Tempo (1857-1929)**. Tese (Doutoramento em História da Arte Contemporânea). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011. p. 52.



o equilíbrio dos cofres nacionais. Portugal implementaria, assim, sucessivas tentativas de estabelecer acordos comerciais com a ex-colônia, que quase sempre os ignorava:

Se se tiver em conta a posição internacional da República Portuguesa, fragilizada pela instabilidade política e econômica, hostilizada ideologicamente e dispondo de um império colonial cuja defesa excedia os seus meios, é óbvio que o novo regime tinha razões para se sentir, se não ameaçado, pelo menos inseguro. Uma das estratégias adotadas pela Primeira República para minorar o isolamento e assegurar os seus interesses foi reforçar e diversificar a sua inserção internacional. É neste contexto que se deve compreender a importância atribuída por Lisboa às relações com o Rio de Janeiro. Apesar da diminuta influência do Brasil na resolução das questões internacionais que mais preocupavam a diplomacia portuguesa, a ex-colônia era prioritária no domínio econômico e político.<sup>51</sup>

A manutenção da instabilidade política ao longo da República, a insatisfação popular frente à continuada crise econômica e a ânsia de pôr fim à hegemonia do Partido Republicano culminariam no golpe de 28 de maio de 1926, o qual iria instaurar um longo período ditatorial (transformado em Estado Novo no ano de 1933 e perpetuado até 1974).<sup>52</sup> Após dezenove anos de um inconstante reinado de D. Carlos, dois anos do apagado mandato de D. Manuel II, dezesseis anos de uma República igualmente desequilibrada, Portugal iria enfrentar quase meio século de ditadura. Não obstante as vicissitudes atravessadas na esfera governamental, no âmbito cultural os portugueses experimentariam um dos períodos mais férteis da sua produção artística e literária. Mesmo em contexto duvidoso e volúvel, o naturalismo iria manter-se a linguagem eleita pelo mercado nacional do princípio do século XX. O motivo de sua permanência, independentemente da confusa conjuntura que lhe circundava, foi a adoção de um viés que lhe permitiria hastear sua bandeira em diferentes circunstâncias: o nacionalismo focado nas reconhecidas tradições pátrias, e não em modismos de governos momentâneos.

Aquela geração atuante na passagem do século XIX para o XX buscou imprimir fatores genuínos e representativos de Portugal nas suas composições, um verdadeiro aporuguesamento do fazer artístico que utilizaria a linguagem naturalista para fazer-se representar. A técnica era considerada moderna pelos críticos da época, conforme anuncia Abel Botelho<sup>53</sup> em 1906, e adequada às necessidades do país. Promover-se-ia aqui uma busca criteriosa pelas origens e pelas características definidoras de Portugal com o objetivo de encontrar uma cultura (entendida aqui enquanto conjunto de princípios definidores de um povo) que representasse a nação

---

<sup>51</sup> CARVALHO, Thiago; MARTINS, Fernando. As relações luso-brasileiras. In: MENESES, Filipe Ribeiro de; OLIVEIRA, Pedro Aires (coord.). **A Primeira República Portuguesa: diplomacia, Guerra e Império**. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2011. p. 183.

<sup>52</sup> MARQUES, A. H. de Oliveira. **A Primeira República Portuguesa**. Alfragide: Texto Editores, 2010. p.63-64.

<sup>53</sup> BOTELHO, Abel. Arte portuguesa – A exposição Malhõa. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 3 jun. 1906, 8ª col., p. 2 e 1ª à 3ª col., p. 3.

portuguesa. Neste ínterim, despontavam iniciativas de valorização dos escritores vernáculos<sup>54</sup>, era criado o Ministério da Instrução Pública e de Belas Artes<sup>55</sup>, fundados museus (como o Museu Nacional de Arte Contemporânea, aberto em 1911 sob a direção de Carlos Reis nas salas do Convento de São Francisco para acolher a produção artística portuguesa posterior a 1850<sup>56</sup>), reformulado o patrimônio nacional e classificados os monumentos pátrios.

No que se refere à produção pictórica, o naturalismo começaria sua trajetória em Portugal antes mesmo da elevação de D. Carlos ao trono (o monarca, aliás, se tornaria adepto e engajado promotor da linguagem artística). Em 1879, Tomás da Anunciação faleceria após décadas de entrega ao ensino das Belas Artes. Um ano depois, António Carvalho da Silva Porto<sup>57</sup>, retornado à terra pátria de seus estudos na França, assumiria a cadeira de paisagem da academia lisboeta.<sup>58</sup> Ao lado de João Marques de Oliveira, que atuou majoritariamente no Porto, apresentaria aos seus concidadãos os ideais estéticos da *École de Barbizon*. Reunindo simpatizantes ao naturalismo em regulares encontros organizados na Cervejaria do Leão<sup>59</sup>, Silva Porto e outros artistas, balizados pela crítica positiva de Ramalho Ortigão, fundariam o chamado Grupo do Leão.<sup>60</sup> A agremiação informal logo se faria notória no cenário artístico português por suas aplaudidas exposições.

Os naturalistas defenderiam, entre outros pontos, a representação fiel da natureza e o exame direto dos campos através da pintura ao ar livre, aspectos à época considerados modernos, embora distanciados de qualquer revolução visual mais profunda.<sup>61</sup> As rígidas fórmulas acadêmicas dantes empregadas para solucionar problemas composicionais ou pictóricos deixariam aqui de ter utilidade para um artista que precisava se adaptar à realidade mutável que o rodeia e captar rapidamente o momento (embora os naturalistas tenham mantido o hábito de terminar as esboçadas obras em ateliê).<sup>62</sup> Tais conceitos pictóricos fariam emergir no Portugal finessesecular, em curto espaço de tempo, uma tradição voltada para a reprodução da

<sup>54</sup> RAMOS, Rui. A segunda fundação. (1890-1926). In: MATTOSO, José (coord.). **História de Portugal**. Rio de Mour: Círculo dos Leitores, 2008. v. XI. p. 271

<sup>55</sup> ELIAS, Margarida. **Columbano no seu Tempo (1857-1929)**. Tese (Doutoramento em História da Arte Contemporânea). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011. p. 54.

<sup>56</sup> SILVA, Raquel Henriques da; LAPA, Pedro; SILVEIRA, Maria de Aires (coord.). **Arte portuguesa (1850-1950)**. Lisboa: Instituto Português de Museus/Museu do Chiado, 1994. p. 13 e 14.

<sup>57</sup> VER: **SILVA PORTO: 1850-1893**. Exposição comemorativa do centenário da sua morte. Lisboa: Instituto Português de Museus, 1993. Catálogo de exposição, Museu Nacional de Soares dos Reis.

<sup>58</sup> FRANÇA, José-Augusto. **A arte portuguesa de oitocentos**. Lisboa: Biblioteca Breve, 1992, p. 69.

<sup>59</sup> ELIAS, Margarida. O *Grupo do Leão* de Columbano Bordalo Pinheiro. **Revista de História da Arte**. Lisboa: IHA/UNL, n. 5, 2008, p. 153-167.

<sup>60</sup> FRANÇA, José-Augusto. *Op. cit.*, p. 70.

<sup>61</sup> VER: SILVA, Raquel Henriques da. *et al.* **O Grupo do Leão e o Naturalismo português**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1996.

<sup>62</sup> ELIAS, Margarida. *Op cit.*, p. 38.

paisagem vernácula e para a “verdadeira documentação de costumes rurais que implica também uma opção animalista”<sup>63</sup>.

As exposições do Grupo do Leão cessariam ao final da década de 80 e, em 1890, era criado o Grémio Artístico, ainda sob a direção de Silva Porto.<sup>64</sup> A nova corporação, constituída já durante o governo de D. Carlos, iria manter as mostras periódicas organizadas pela predecessora e prosseguir com a instalação do naturalismo enquanto expressão pictórica dominante em Portugal. Sandra Leandro<sup>65</sup> lembra que Fialho de Almeida e Júlio Dantas chegaram a lamentar a monotonia com que a paisagem era tratada pelos artistas da agremiação, deixando o público enfadado pela cansativa repetição de cenas rurais e composições deveras similares. Mas a maior parte da crítica declarava seu otimismo frente ao processo de afirmação do naturalismo, que supostamente estaria promovendo a evolução da arte nacional.<sup>66</sup> Mariano Pina foi um dos literatos a ressaltar os bons pintores que vinham sendo descobertos em Portugal, indicando uma provável melhoria geral no cenário artístico do país no ano de 1890:

A situação do artista português melhora consideravelmente de ano para ano, assim como a situação do homem de letras.

O nosso país acorda – lentamente, é verdade – mas acorda para as coisas da Arte e da Literatura. [...] sucede que hoje em Portugal já um homem pode viver pelo pincel ou pela pena, sem grandes terrores pelo dia de amanhã.<sup>67</sup>

Em 1891, o Brasil estava a reformar seu ensino das Belas Artes e Portugal, enquanto analisava as consequências do Ultimato Britânico, testemunharia a primeira exposição do Grémio Artístico. Este relevante evento lisboeta seria citado até mesmo pelos jornais cariocas, que lembravam ser o Grupo do Leão a base embrionária da nova iniciativa.<sup>68</sup> Enquanto correspondente do *Jornal do Brasil* em Lisboa, Fialho de Almeida<sup>69</sup> destacaria, no seu artigo dedicado à mostra conterrânea, aquele que considerava ser a nova promessa da arte portuguesa: Veloso Salgado. Tal escolha deve ser entendida no âmbito das opiniões anteriormente defendidas por Fialho a respeito do seu enfadamento para com as repetições naturalistas

<sup>63</sup> FRANÇA, José-Augusto. **A arte portuguesa de oitocentos**. Lisboa: Biblioteca Breve, 1992, p. 71.

<sup>64</sup> VER: LEANDRO, Sandra. Teoria e Crítica de Arte em Portugal no final do século XIX. In: LEANDRO, Sandra (Coord.). **Seminários de Estudos de Arte**. Estados da Forma I. Évora: Edições Eu é que sei, 2003. p. 13-46.

<sup>65</sup> LEANDRO, Sandra. **Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1871-1900)**. 2 vol. Dissertação (Mestrado em História da Arte Contemporânea). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1999. p. 510.

<sup>66</sup> ELIAS, Margarida. **Columbano no seu Tempo (1857-1929)**. Tese (Doutoramento em História da Arte Contemporânea). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011. p. 47.

<sup>67</sup> PINA, Mariano. Variações sobre a arte. **A Ilustração**. Paris, 20 maio 1890, 7º ano, vol. VII, n. 10, p. 2.

<sup>68</sup> ARTE PORTUGUESA. Exposição do Grémio Artístico de Lisboa. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 10 abr. 1891, 4ª col., p. 2.

<sup>69</sup> D'ALMEIDA, Fialho. A exposição do Grémio Artístico de Lisboa. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 28 abr. 1891, 4ª col., p. 1.

observadas nos salões portugueses. A diferenciada paleta de Veloso Salgado era aqui uma bem-vinda exceção ao domínio da chamada “cor local”.

A morte de Silva Porto em 1893 pouco alteraria o exclusivo e repetitivo cenário naturalista que tanto desagradou a Fialho de Almeida. Emergiria aqui uma nova geração de pintores liderada por Carlos Reis (que em 1895 ocupou o lugar vago na cadeira de Paisagem da academia lisboeta<sup>70</sup>) e sedimentada pela longa vida produtiva de José Malhoa. Eles dariam continuidade ao legado de Silva Porto, apontado como o fundador da pintura de paisagem em Portugal e responsável por desenvolver o sentimento nacionalista nos artistas conterrâneos.<sup>71</sup> Sua herança de observação e representação dos predicados vernaculares iria prosseguir com a Sociedade Silva Porto, constituída por Carlos Reis com o objetivo de resgatar os valores estéticos defendidos pelo falecido mestre e patrocinar jovens artistas em excursões de estudo pelo país.<sup>72</sup> Tais ações doutrinárias levariam Aníbal Soares<sup>73</sup> a publicar forte crítica sobre os profissionais “mediócras” revelados pela Sociedade e que acabavam por produzir simples cópia de Silva Porto, sem inserir ali qualquer nota de originalidade.

As Belas Artes portuguesas seguiriam este caminho maiormente naturalista e conectado a associações artísticas independentes do domínio governamental por cerca de duas décadas. No ano de 1901, a tradicional Sociedade Promotora (fundada em 1861) iria unir-se ao Grémio Artístico para formar a Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA), sob a direção de José Malhoa. A nova entidade, que contou com auxílio direto do Estado, alcançaria uma existência longa (é atuante até os dias de hoje) e ininterrupta.<sup>74</sup> Ainda em 1901, o escritor João da Câmara<sup>75</sup> notaria que o interesse pela arte vinha sendo paulatinamente despertado nos portugueses, não obstante faltasse alguma educação estética do público – dificultada pelas incoerentes críticas publicadas nos jornais por articulistas mal preparados e que acabavam, ocasionalmente, prejudicando a carreira de figuras talentosas.

Mais de uma década após a análise de Câmara, às vésperas da eclosão da Primeira Guerra Mundial, António Carneiro<sup>76</sup> confirmava em entrevista, concedida durante sua

<sup>70</sup> FRANÇA, José-Augusto. **A arte portuguesa de oitocentos**. Lisboa: Biblioteca Breve, 1992, p. 75.

<sup>71</sup> CARRELHAS, Francisco. A vida portuguesa: Silva Porto e a paisagem. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 29 jun. 1907, 1ª e 2ª col., p. 3.

<sup>72</sup> COSTA, Lucília Verdelho da. Catálogo. In: COSTA, Lucília Verdelho da; BRANDÃO, Ecyla Castanheira. **A pintura de Malhoa: amar o outro mar**. Lisboa: Gráfica Maiadouro, 2003. p. 40.

<sup>73</sup> SOARES, Annibal. Pintores novos. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 10 jul. 1908, 1ª e 2ª col., p. 1.

<sup>74</sup> VER: TAVARES, Cristina Azevedo. **A Sociedade Nacional de Belas Artes: um século de história e de arte**. Vila Nova de Cerveira: Fundação da Bienal de Vila Nova de Cerveira, 2006.

<sup>75</sup> CÂMARA, João da. As belas artes em Portugal. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 16 jun. 1901, 8ª col., p. 1.

<sup>76</sup> O NOSSO ILUSTRE HÓSPEDE. Antonio Carneiro fala-nos do movimento artístico em Portugal. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 23-24 jun. 1914, 3ª col., p. 2.

passagem pelo Rio de Janeiro, que a arte portuguesa vivia um renascimento dos seus autores e atravessava relativa mudança na composição do público interessado, o qual começava a se mostrar verdadeiro conhecedor das Belas Artes. Já no ano de 1929, quando da sua segunda viagem ao Brasil, Carneiro<sup>77</sup> voltaria a ressaltar que considerava expressivo o ambiente produtivo de Portugal: exemplificava que só no Porto, cidade onde vivia, teriam sido abertas naquele ano três ou quatro exposições simultâneas, realidade que sublinhava o “movimento artístico intenso”<sup>78</sup> e em progressivo avanço experimentado por sua pátria. A assertiva otimista de António Carneiro pode ter sido proferida nos periódicos tropicais de modo a sobrevalorizar a arte portuguesa naquele distante mercado e, conseqüentemente, a sua própria obra. Mas em 1928, P. J. de Castro<sup>79</sup> ratificaria que Portugal já tinha, então, alcançado uma notória renovação no que diz respeito à sua cultura e às artes.

O naturalismo iria manter-se, malgrado qualquer intento de revolução pictórica ou diante de alterações no cenário político-econômico, a linguagem eleita das Belas Artes portuguesas na transição do século XIX para o XX. José-Augusto França lembra que isto ocorreu, sobretudo, porque José Malhoa continuava a representar uma aplaudida, consumida e desejada “imagem ao mesmo tempo real e imaginária de Portugal”<sup>80</sup>; mas também porque o simbolismo intentado por António Carneiro e as publicações d’*A Águia* não provocaram profundas alterações estéticas, já que o emprego de técnica diferenciada exigiria dos artistas da época uma prática alternativa ao persistente legado de Silva Porto, agora ensinado por Carlos Reis.<sup>81</sup> Prevaleceriam, assim, “as tendências conservadoras, protagonizadas pelos pensadores e intelectuais que defendiam ideais patrióticos, historicistas e ruralistas”<sup>82</sup> – os patronos do naturalismo. O naturalismo vernacular tornar-se-ia elemento componente do orgulho nacional, fazendo crer que a força de Portugal, outrora uma potência colonizadora, estava na terra que tudo fornecia e no homem do campo que cultivava a pureza da simplicidade.

A longa duração que o naturalismo experimentou em Portugal não deve ser, entretanto, vista como atraso civilizacional e suas obras “não podem ser interpretadas como meras cópias retardadas, exemplos superficiais ou simplesmente desentendidos dos modelos externos”<sup>83</sup>. A

<sup>77</sup> UM MESTRE DA PINTURA CONTEMPORÂNEA. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 18 jul. 1929, 1ª e 2ª col., p. 1.

<sup>78</sup> A PRÓXIMA EXPOSIÇÃO DO PINTOR ANTONIO CARNEIRO. *Diário Nacional*. São Paulo, 22 out. 1929, 7ª e 8ª col., p. 6.

<sup>79</sup> CASTRO, P. J. Arte portuguesa. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 14 jul. 1928, 1ª e 2ª col., p. 6.

<sup>80</sup> FRANÇA, José-Augusto. *A arte portuguesa de oitocentos*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1992, p. 84.

<sup>81</sup> FRANÇA, José-Augusto. *O modernismo na arte portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1991, p. 6.

<sup>82</sup> ELIAS, Margarida. *Columbano no seu Tempo (1857-1929)*. Tese (Doutoramento em História da Arte Contemporânea). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011. p. 50.

<sup>83</sup> PINHARANDA, João. O modernismo I: expressão, estilização, disciplina. In: RODRIGUES, Dalila (Coord.). *Arte Portuguesa: da pré-história ao século XX*. v. 18. Lisboa: Fubu, 2009. p. 10.

leitura dos jornais da época confirma que críticos e artistas conheciam os movimentos de vanguarda, mas também eram cautelosos na adoção de tais expressões, ainda incompreendidas até mesmo para o meio francês. Abandonar o naturalismo era um risco desnecessário, visto o mercado português ter inicialmente rechaçado outras tentativas de instituição da modernidade (como a *Geração do Orpheu*). Neste ínterim, o Brasil, por sua vez, seguiria uma vertente artística muito próxima à preponderante e duradoura direção naturalista eleita por Portugal, embora tenha experimentado diferenciado caminho nos âmbitos político e econômico.

## 1. 2 Brasil: Primeira República, antilusitanismo e Escola Nacional de Belas Artes

O Brasil proclamaria, a 15 de novembro de 1889, a sua Primeira República (1889-1930), também conhecida como República Velha. O novo regime punha fim a um longo período de dominação portuguesa exercida direta (colonização) ou indiretamente (instalação do Império conduzido pela dinastia Bragança) sobre o território sul-americano. O início repentino e tumultuado do governo republicano, marcado por lideranças militares intervencionistas<sup>84</sup>, resultaria em penosas revoltas populares.<sup>85</sup> Ainda assim, a República se manteve, progressista e positivista, procurando fazer do país, que há pouco abandonara a condição de colônia, uma região próspera financeiramente e estável politicamente. Os dirigentes republicanos<sup>86</sup> logo perceberiam que uma economia empreendedora e agressiva não seria suficiente para elevar a nação à primeira grandeza. Fazia-se necessário que a pátria também avançasse socialmente, civilizasse os seus costumes e desenvolvesse um modo de vida o mais próximo possível da cultura que tomara por modelo: a francesa.<sup>87</sup>

Para afastar em definitivo o passado colonial e acerca-se de uma imagem moderna, o Brasil precisou realizar uma profunda reforma nas suas cidades.<sup>88</sup> O Rio de Janeiro era, então,

<sup>84</sup> A chamada “República da Espada” engloba os mandatos de Marechal Deodoro da Fonseca (15/11/1889 a 23/11/1891) e do Marechal Floriano Peixoto (23/11/1891 a 15/11/1894).

<sup>85</sup> Como as duas Revoltas da Armada e a Revolução Federalista. VER: CALMON, Pedro. **História do Brasil**. v. VI. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1971.

<sup>86</sup> Prudente de Moraes (1894-1898), Campos Salles (1898-1902), Rodrigues Alves (1902-1906), Affonso Penna (1906-1909), Nilo Peçanha (1909-1910), Marechal Hermes da Fonseca (1910-1914), Wenceslau Braz (1914-1918), Delfim Moreira da Costa (1918-1919), Epitácio Pessoa (1919-1922), Artur Bernardes (1922-1926) e Washington Luís (1926-1930).

<sup>87</sup> GUIMARÃES, Valéria. Jornais franceses no Brasil. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. ANPUH 50 anos: comemorações. São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312985067\\_ARQUIVO\\_jornais\\_franceses.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312985067_ARQUIVO_jornais_franceses.pdf)>. Acesso em: 30 de setembro de 2014.

<sup>88</sup> AZEVEDO, André Nunes de. A Reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. **Revista Rio de Janeiro**. Dossiê Temático n. 10, maio/ago. 2003, p. 39-79.

a principal porta de entrada dos comerciantes e imigrantes que chegavam em massa aos trópicos para investir e trabalhar. No artigo publicado pela *Revista Moderna* em abril de 1899, Xavier de Carvalho lamentava que, embora tenha realizado grandes feitos em apenas 10 anos de República, o Brasil não atingira um grau de cultura estética similar ao europeu graças às heranças malditas da colonização portuguesa: a despreocupação para com as questões artísticas seria facilmente notada em rápida visita aos bairros mais antigos do Distrito Federal, onde era possível “ver essa ignóbil arquitetura de feitoria que desfeia hoje os centros populosos, reclamando a ação benéfica da picareta demolidora”<sup>89</sup>.

Objetivando fazer frente às grandes metrópoles mundiais, no início do século XX a capital da República ganharia novas conformações: um porto moderno, avenidas largas, melhores conceitos de higiene sanitária, além de um complexo cultural formado pelo Teatro Municipal, o Teatro Lírico e a Escola Nacional de Belas Artes<sup>90</sup>. As remodelações parisienses de Haussmann foram o modelo seguido para aniquilar do horizonte carioca a considerada deselegante e antiquada arquitetura portuguesa, símbolo permanente de uma época de dominação que se buscava aqui superar. “Na imaginação dos contemporâneos, as transformações faziam do Rio uma cidade comparável a Paris. Havia mesmo um deleite, por parte da elite, pela demolição das velhas casas coloniais, descritas como um exemplo do atraso no qual se encontrava a cidade antes das grandes obras.”<sup>91</sup> As Reformas de Pereira Passos exigiriam a derrubada de cortiços por todo o Rio de Janeiro, fazendo crescer a aversão aos empresários portugueses: donos da maioria dos imóveis cariocas, eles subiam os preços dos aluguéis ou despejavam os inquilinos ao seu bel-prazer.<sup>92</sup>

Mas não foi apenas na disposição urbanística que o elemento português buscou ser suprimido no início da República brasileira. A ascensão do sentimento nacionalista e a procura por uma história representativa da verdadeira brasilidade levariam a um discurso oficial que desejava suplantar o passado colonial, visto como uma verdadeira mácula na trajetória do país.

<sup>89</sup> CARVALHO, Xavier de. Pedro Américo. **Revista Moderna**, 30 de abril de 1899, n. 30, ano III, p. 233–237.

<sup>90</sup> Um decreto emitido a oito de novembro de 1890 (ou seja, menos de um ano após a instalação do novo regime republicano e antes da própria Constituição Federal) regulamentava a reforma da Academia Imperial de Belas Artes brasileira, que a partir de então passou a ser intitulada Escola Nacional de Belas Artes. VER: VALLE, Arthur. O acervo de pintura portuguesa da Escola Nacional de Belas Artes no contexto pedagógico pós “Reforma de 1890”. **Revista de História da Arte e Arqueologia**. Campinas: UNICAMP, n. 19, jan./jun. 2013, p. 118.

<sup>91</sup> CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. **O conceito de modernidade e o meio artístico carioca nos anos de 1900 a 1909**. Disponível em: <[http://www.iar.unicamp.br/dap/vanguarda/artigos\\_pdf/ana\\_cavalcanti.pdf](http://www.iar.unicamp.br/dap/vanguarda/artigos_pdf/ana_cavalcanti.pdf)>. Acesso em: 13 de maio de 2014.

<sup>92</sup> RIBEIRO, Gladys Sabina. “Por que você veio encher o pandulho aqui?” Os portugueses, o antilusitanismo e a exploração das moradias populares no Rio de Janeiro da República Velha. **Análise Social**. Lisboa: ICS/UL, vol. 29, n. 127, 1994, p. 637-638.

Tal cenário resultou no relativo afastamento entre os dois lados do Atlântico na década de 1890: a contenda foi iniciada com a discordância gerada pela manutenção do regime monárquico em Portugal, seria agravada com a naturalização coletiva dos imigrantes decretada logo em dezembro de 1889<sup>93</sup> e alcançaria índices críticos com a oficial ruptura diplomática instituída entre os anos de 1894 e 1895.<sup>94</sup> Durante este conturbado período, as remessas de dinheiro feitas pelos emigrados portugueses residentes no Brasil diminuiriam quase 90%<sup>95</sup>, deflagrando uma significativa crise financeira e constantes *déficits* na balança comercial de além-mar, deveras dependente do fluxo monetário processado nos trópicos.<sup>96</sup>

Ainda no âmbito da aversão criada contra o português, uma década após a Proclamação da República certo jornalista perguntava em carta aberta publicada no jornal carioca *A Notícia*: “E por que seria eu inimigo dos portugueses?”<sup>97</sup>. A questão finalizava uma réplica dirigida a António de Souza Bastos<sup>98</sup>, escritor português que afirmara ser o brasileiro malvisto em Lisboa por suas condenações ferrenhas aos artistas de além-mar, mas pode ser aplicada a todo o clima de animosidade que rodeava as relações luso-brasileiras travadas à época a nível político, econômico e social. Ex-colonos e ex-colonizadores, embora dividissem a mesma árvore genealógica, eram (por qualquer motivo e insistentemente) declarados opositores dezenas de anos após a Independência: de um lado, os portugueses mantinham sua postura de superioridade

---

<sup>93</sup> “Todo o estrangeiro residente à data da proclamação da República adquiria automaticamente a nacionalidade brasileira, a menos que fizesse uma declaração formal em contrário, no prazo de seus meses.” CERVO, Amado Luiz; MAGALHÃES, José Calvet de. **Depois das caravelas**: as relações entre Portugal e o Brasil, 1808-2000. Lisboa: Instituto Camões, 2000. p. 159.

<sup>94</sup> O incidente decorreu da intervenção do Ministro de Portugal (atuante no Rio de Janeiro) na Revolta da Armada, com conseguinte concessão de asilo aos revoltosos por parte do comandante luso Augusto de Castilho. VER: HEINSFELD, Adelar. A ruptura diplomática Brasil-Portugal: um aspecto do americanismo do início da República brasileira. **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História**. História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo, 2007. Disponível em: <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Adelar%20Heinsfeld.pdf>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2014.

<sup>95</sup> CERVO, Amado Luiz; MAGALHÃES, José Calvet de. *Op. cit.*, p. 158.

<sup>96</sup> “Para além de detentores ‘internos’ de títulos da vida pública nacional, os portugueses no Brasil eram uma caudalosa fonte de crédito para Portugal na praça de Londres por via das remessas que enviavam para casa. Essas remessas, que vinham na forma de letras de câmbio ou de numerário, tinham um efeito de criar um saldo positivo na conta corrente portuguesa em Londres que permitia pagar os juros da dívida ou o déficit da balança comercial com a Inglaterra. A precariedade desse sistema residia no fato de ele depender de fatores extrínsecos e totalmente incontroláveis para Portugal: a manutenção do ritmo das remessas dos emigrantes e o bom câmbio brasileiro sobre a praça de Londres. Sempre que algum destes dois elementos falhou, a economia portuguesa sofreu abalos consideráveis.” SILVA, Isabel Corrêa da. **Espelho Fraterno**: o Brasil e o republicanismo português na transição para o século XX. Lisboa: Divina Comédia, 2013. p. 282.

<sup>97</sup> O THEATRO. Carta aberta a Souza Bastos. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 26-27 out. 1899. col. 1-6, p. 3.

<sup>98</sup> “Empresário teatral, dramaturgo e jornalista português, nascido em 1844 e falecido em 1911, dirigiu diversos teatros em Lisboa, Rio de Janeiro, São Paulo, Pará e Pernambuco, tendo sido, tanto em Portugal como no Brasil, empresário de diversas companhias dramáticas. Esteve ligado, como jornalista, a vários periódicos, tais como *O Palco*, *O Espectador Imparcial* e *A Arte Dramática*. Escreveu dramas, comédias, revista e operetas.” In: **Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico**. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$antonio-de-sousa-bastos](http://www.infopedia.pt/$antonio-de-sousa-bastos)>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2015.



enquanto arautos da civilização; do outro, os brasileiros defendiam sua soberania e procuravam encontrar bases duradouras para fundar uma moderna República nos trópicos.

Para finalizar a contenda jornalística de 1899, o articulista d'A *Notícia* acusado por Souza Bastos confessava que, por ser um jacobinista declarado, suas opiniões puramente técnicas poderiam ter sido confundidas com algum preconceito contra aquela nacionalidade.<sup>99</sup> O jacobinismo foi um movimento antilusitanista que surgiu no Brasil logo após a proclamação da República. Responsáveis por recrudescer o sentimento de lusofobia entre a sociedade brasileira de fins do século XIX, eles se consideravam republicanos puros (ou seja, imbuídos da missão de salvar o regime dos inimigos) e condenavam os portugueses pela continuação de sua presença exploratória na ex-colônia. Os periódicos *O Jacobino* e *A Bomba* dariam voz a homens fanáticos, que em seus discursos ligavam os portugueses à barbárie, considerando-os avarentos, inescrupulosos, imorais, mentirosos, dentre outras características pouco simpáticas.

Portugal era o atraso que deveria ser esquecido frente às intenções modernizadoras da nascente República<sup>100</sup>. “Ser brasileiro era negar o que era português.”<sup>101</sup> Imediatamente apontados como inimigos do novo regime, os portugueses sofreriam com os comícios e protestos organizados contra a sua presença no Brasil: “a nacionalidade brasileira era firmada via o antilusitanismo das ruas, na participação de conflitos em que se questionavam os direitos portugueses e se buscava afirmar os direitos brasileiros, nos xingamentos e na repulsa a tudo que vinha de Portugal”<sup>102</sup>. Ademais, a imprensa lusófoba constantemente veiculava ferozes ataques (como os textos de Quintino Bocaiúva<sup>103</sup>) e a literatura brasileira propagava uma imagem deveras pejorativa do português “que, ainda quando aplicado no trabalho ou quando

---

<sup>99</sup> “Naturalmente exijo dos artistas estrangeiros, sejam de que nacionalidade forem, que atravessam o Atlântico e vêm exhibir-se no Brasil, alguma coisa mais do que peço aos nossos artistas brasileiros ou estrangeiros aqui domiciliados. Fora injusto apreciar sob o mesmo ponto de vista o ator que sai da sua terra para trabalhar em terra estranha, e o ator que não viaja no estrangeiro. Aqueles trazem a luz, estes recebem-na; aqueles ensinam, estes aprendem. Pelo menos assim deve ser.

Desafio a quem quer que seja que me prove ter eu algum dia negado mérito a qualquer artista português que efetivamente o tivesse. O contrário tenho eu feito muitas vezes, levado por um espírito de complacência que não se justifica, isto é, dói-me a consciência ter recomendado aos meus concidadãos artistas portugueses que em Portugal ninguém suporta. Esta é a verdade.

É propósito meu não citar nomes nesta carta aberta para não lisonjear lembrados nem molestar esquecidos; mas quantos artistas portugueses, quantos! têm tido em mim um admirador entusiasta e sincero! Necessariamente não posso dispensar a mesma admiração a todos, porque só estúpidos admiram o que não é admirável, e eu não sou estúpido.” O THEATRO. Carta aberta a Souza Bastos. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 26-27 out. 1899. col. 1-6, p. 3.

<sup>100</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 32.

<sup>101</sup> TRICHES, Robertha Pedroso. *A labareda da discórdia: o antilusitanismo na imprensa carioca*. Disponível em: <[http://www.achegas.net/numero/36/triches\\_36.pdf](http://www.achegas.net/numero/36/triches_36.pdf)>. Acesso em: 13 de agosto de 2014.

<sup>102</sup> TRICHES, Robertha Pedroso. *Ibidem*.

<sup>103</sup> SCHWARCZ, Lília. Moderna República Velha: um outro ano de 1922. *Revista IEB*. São Paulo: USP, n. 55, 2012, p. 59-88.

vítima, não deixa de ser venal, intolerante, sensual, rude, estúpido e cobiçoso”<sup>104</sup>. Eles seriam assim descritos em obras célebres de autores renomados, como *O guarani* e *A guerra dos mascates*, de José de Alencar, *O mulato* e *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.<sup>105</sup> A tentativa de anular o vergonhoso passado colonial englobava, portanto, uma atitude de aversão a qualquer indivíduo que o representasse:

“[...] a ridicularização do português por parte dos intelectuais, incluindo aí literatos e caricaturistas, não era uma simples brincadeira para fazer rir, mas parte de seus projetos de nação e povo, em que muitas vezes o português era utilizado como um contraponto a ser combatido e vencido, para se poder pensar em uma identidade ‘verdadeiramente’ nacional.”<sup>106</sup>

O antilusitanismo iria se manifestar ainda, ao longo da Primeira República, na aversão aos grupos anarcossindicalistas (maiormente portugueses)<sup>107</sup>; e também no ódio aos patrões e proprietários de estabelecimentos, acusados de opressão pelos trabalhadores. A piora no cenário econômico dos primeiros anos do século XX só contribuiria para acirrar a xenofobia. “Os portugueses eram exploradores, e como tais, anarquistas e responsáveis pela desordem econômica e social. Eram os maus capitalistas.”<sup>108</sup> Durante a década de 1910, multiplicaram-se os processos na justiça brasileira contra os patrões e senhorios portugueses, acusados de extrema truculência ou de agirem sem respeito aos acordos firmados, a ponto de os jacobinistas defenderem a expropriação dos seus bens<sup>109</sup>:

“[...] alguns jornais chegaram a fazer verdadeira campanha a favor da expulsão desses imigrantes, considerados elementos perniciosos ao desenvolvimento da nação. Junto com outras formas de linguagem, como a caricatura, a música popular brasileira, o teatro de revista e as típicas piadas de portugueses, a imprensa carioca contribuiu para confirmar e perpetuar a imagem do português como um ser ignorante, porco, barrigudo, desonesto, ganancioso, imoral, explorador [...]”<sup>110</sup>

<sup>104</sup> SARAIVA, Arnaldo. **Modernismo brasileiro e modernismo português**: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 70.

<sup>105</sup> VIEIRA, Nelson. **Brasil e Portugal**: a imagem recíproca – o mito e a realidade na expressão literária. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991.

<sup>106</sup> TRICHES, Robertha Pedroso. **Os sentidos do Atlântico**: a *Revista Lusitania* e a colônia portuguesa do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. p. 11.

<sup>107</sup> No auge das greves foi aprovado um decreto em 1907 que determinava a expulsão de qualquer estrangeiro que comprometesse a ordem pública, o que veio bem a calhar no combate aos anarquistas, estando os portugueses em maioria absoluta no número de expulsos. VER: MENDES, José Sacchetta Ramos. **Laços de sangue**: privilégios e intolerância à imigração portuguesa no Brasil. Porto: CEPESE/Fronteira do Caos, 2010. p. 180-182.

<sup>108</sup> RIBEIRO, Gladys Sabina. Antes sem pão do que sem pátria: o anti-portuguesismo nos anos da década de 1920. **Convergência Lusíada**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, vol. 2, 2001, p. 153-154.

<sup>109</sup> HEINSFELD, Adelar. A ruptura diplomática Brasil-Portugal: um aspecto do americanismo do início da República brasileira. **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História**. História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo, 2007. Disponível em: <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Adelar%20Heinsfeld.pdf>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2014.

<sup>110</sup> TRICHES, Robertha Pedroso. **A labareda da discórdia**: o antilusitanismo na imprensa carioca. Disponível em: <[http://www.achegas.net/numero/36/triches\\_36.pdf](http://www.achegas.net/numero/36/triches_36.pdf)>. Acesso em: 13 de agosto de 2014.

Mas os portugueses eram também os maus trabalhadores e, neste sentido, chama a atenção uma curiosa anedota divulgada nos jornais cariocas nos primeiros anos do século XX e intitulada *Vinte e dois pp*. O texto é um evidente exemplo de como o desconhecimento mútuo da realidade do outro e o preconceito generalizado levariam a episódios de dispensáveis ridicularizações bilaterais. A história, reproduzida abaixo na íntegra, ironizava os regulares deslocamentos de supostos profissionais portugueses para o Brasil e o deslumbre das elites brasileiras para com os serviços prestados por estes estrangeiros, enchendo-lhes os bolsos independentemente do seu talento ou pouco se importando com sua desconhecida procedência:

Um pintor português, estabelecido em uma cidade do Brasil, querendo chamar a atenção do público, traçou na porta da casa, em que abria o seu atelier, o seguinte letreiro:

Vinte e dois pp

Um ricoço excêntrico, da cidade, vendo o letreiro, foi para a casa e mandou o criado que, em seu nome, fosse convidar o homem dos 22 pp, para obsequiá-lo com a sua presença por alguns minutos.

Chegado o pintor, ao ser interrogado, respondeu:

- Chamo-me Pedro Paulo Pinto Pacheco, pobre pintor português. Pinto palácios, pontes, portas, paredes, panos, painéis, pilastras, paisagens, pirâmides, panoramas... E parou um pouco para resfolegar.

- Por enquanto conto só 19. Faltam três, diz o curioso excêntrico.

O pintor acrescentou:

- ...por pouco preço.

- São com efeito muitos pp, disse admirado e satisfeito o ricoço, dando-lhe de presente uma certa quantia.

O pintor, recebendo o mimo disse, em conclusão:

- Ainda tenho mais cinco pp, que são: pareço pobre, porém possuo patacas.

E pintava o pano por pandega, o patife! Diz o Gustavo Moritz.<sup>111</sup>

Enganados por estrangeiros sem referências, aventureiros que pouco tinham a perder no distante paraíso tropical, e iludidos com a promessa de estarem contratando um trabalhador europeu, supostamente superior, os brasileiros por vezes vivenciavam situações traumáticas destacadas em dramáticos relatos jornalísticos. Tal conjuntura formava um estado geral de antipatia para com qualquer representante da nacionalidade portuguesa. Algumas dessas narrativas não ficariam, entretanto, limitadas ao anonimato de agentes ou vítimas. Em 1906, por exemplo, o jornalista *Carino* (pseudônimo utilizado pelo crítico de arte Oscar Guanabara<sup>112</sup>) delataria abertamente na sua coluna d'*O Paiz* um suposto “conto do vigário” aplicado por José Malhoa. Parece que o pintor teria se aproximado do escritor com um suspeito convite para rápida palestra, durante a qual o português elogiara a beleza física do brasileiro com evidente objetivo de alcançar um favor, dizendo em seguida:

<sup>111</sup> 22 PP E MAIS 5. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 13 dez. 1903, 8ª e 9ª col., p. 3.

<sup>112</sup> GRANGEIA, Fabiana de Araújo Guerra. Oscar Guanabara e a crítica de arte periódica no Brasil. **I Encontro de História da Arte**, 2004. Revisão historiográfica: o estado da questão. Campinas: UNICAMP, 2005. p.326-333.

- Preciso de um rufo de tambores para a minha exposição; uns anunciozinhos disfarçados, e a tua seção de teatros está a calhar. [...]
- Trago uma pasta cheia de uns desenhos que reputo obras de arte, e que destino aos amigos do peito, e você fica sendo do peito se me tocar os tambores e todos os chocalhos do reclame.<sup>113</sup>

Guanabarrino teria aceitado propagandear a mostra de José Malhoa em troca de alguns desenhos, os quais pretendia vender depois. Os esforços do crítico, ainda conforme sua versão, encheram de visitantes o Real<sup>114</sup> Gabinete Português de Leitura e de dinheiro o bolso do pintor. Mas o estrangeiro, após colher os louros, esquecera da promessa antes feita e não entregou qualquer imagem ao escritor, que protestou com a divulgação do caso. Mas um dia após o embarque de Malhoa para a Europa, o mesmo jornal publicaria um artigo que desautorizava o excerto anterior. *O Paiz* salientava, para além das qualidades técnicas do português, a sua personalidade cordial e singela que teria despertado a simpatia do público carioca – “tão simples como os assuntos dos seus quadros”<sup>115</sup>. Como provar se *Carino* seria um lusófono mentiroso ou mais uma vítima da suposta ganância portuguesa? Em artigo que discute a querela, Luís Borges da Gama, no seu *Blog Provocando*<sup>116</sup>, contesta veementemente a história de Guanabarrino a partir de alguns dados colhidos na própria imprensa carioca.

O grupo jacobino perderia força ao longo do século XX, quando a República brasileira encontrou a relativa estabilidade que garantiria sua manutenção. A frequência e a truculência dos ataques lusófilos abrandariam com o passar dos anos, mas permaneceriam a despontar aqui ou acolá, em episódios isolados. “O antilusitanismo representou, na virada para o século XX, um projeto de modernização voltado para a adoção de modelos culturais e comportamentais franceses, ingleses e alemães em substituição ao que se considerava a obsoleta influência portuguesa.”<sup>117</sup> A aversão à presença da antiga metrópole nos trópicos passaria, portanto, do âmbito agressivo do jacobinismo para um articulado discurso que rejeitava o imutável sentimento de que os portugueses continuavam a agir como proprietários e legítimos exploradores do Brasil:

<sup>113</sup> ARTES E ARTISTAS. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 6 ago. 1906, 6ª col., p. 2.

<sup>114</sup> O epíteto de Real foi concedido em 1906 por decreto do rei D. Carlos I. Assim, ao longo da tese, a instituição só será referida como Real nos eventos posteriores a 1906. VER: GOMES, Artur Nunes. **Sob o signo da ambiguidade**: configurações identitárias no espaço português do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1998. p. 40.

<sup>115</sup> PALESTRA. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 16 ago. 1906, 6ª col., p. 1.

<sup>116</sup> GAMA, Luís Borges da. **O conto do vigário ou Um brasuca mudo e o português que não se cala**. Disponível em: < <http://provocando-umateima.blogspot.com.br/2012/07/o-conto-do-vigario.html> >. Acesso em: 6 de fevereiro de 2018.

<sup>117</sup> SOUZA, Ricardo Luiz de. O antilusitanismo e a afirmação da nacionalidade. **Politeia: História e Sociedade**. Vitória da Conquista: UESB, v. 5, n. 1, 2005, p. 133-151.

Porém, o perigo que agora representava não era mais a recolonização e a ameaça à República, ou mesmo à restauração do Império. O que representava, nesta época, estava no campo da ‘exploração’ do cotidiano e das potencialidades do país, fossem estas riquezas naturais, fossem possibilidades políticas variadas; o atraso não estava mais relacionado apenas ao colonial, sim àquilo que os portugueses não podiam construir aqui no Brasil porque não sabiam ou não aprenderam de uma vez por todas que Portugal era o que de pior existia na Europa. A chave de entendimento do Jacobinismo luso neste período era, portanto, a palavra ‘exploração’. O português era aquele que monopoliza os vários setores da vida no Rio de Janeiro, segundo a Braziléa e o Gil Blás. Essencialmente, monopolizavam a imprensa e o comércio, explorando economicamente a tudo e a todos; consequentemente, exploravam também a política, no seu sentido mais amplo: quem tinha o poder econômico, tinha o político.<sup>118</sup>

Nos idos de 1913 o professor Lobo d’Ávila Lima<sup>119</sup>, em reunião do Conselho de Turismo Português, ressaltava que o mútuo desconhecimento de brasileiros e portugueses poderia ser suavizado através da conscientização das duas partes. Propunha, assim, a visita a Portugal de uma missão brasileira na qual figurassem elementos de todas as classes, com o intuito de estabelecer uma maior aproximação entre os povos. Para tal, seriam enviados seletos convites a instituições do aquém-mar, como a Academia Brasileira de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico, a Associação Comercial do Rio de Janeiro, a Faculdade de Direito, a Escola Politécnica de São Paulo e a Associação Comercial de Santos. O programa receberia a assistência financeira de algumas instituições e de particulares, como Cândido e Joaquim Sotto Maior, além do apoio da Sociedade Nacional de Belas Artes na figura de seu presidente, Veloso Salgado. Paralelamente a esta iniciativa, um projeto de Consiglieri Pedroso previa a expedição de um grupo de cientistas, literatos, jornalistas e comerciantes portugueses para o Brasil.

Ademais, Bettencourt Rodrigues, um dos integrantes da comissão formada por Lobo d’Ávila em 1913, publicaria n’*O Paiz*<sup>120</sup> a sua defesa pela maior aproximação luso-brasileira. Embora o ministro português atuante no Brasil, Bernardino Machado, muito se esforçasse para elevar o conceito e o prestígio dos portugueses no meio local, Bettencourt acreditava ser preciso fazer com que os brasileiros permanecessem em Portugal por mais tempo do que permitiam as poucas horas de reabastecimento dos navios chegados pelo Atlântico. Confiantes no sucesso do projeto de intercâmbio, Bettencourt Rodrigues e Lobo d’Ávila esperavam fazer com que “destas frequentes visitas alguma coisa resulte de profícuo e benéfico para os dois países, não só no ponto de vista das suas estreitas relações de amizade e dos seus interesses comerciais, mas atendendo igualmente à sua missão civilizadora, como povos da mesma língua, da mesma

<sup>118</sup> RIBEIRO, Gladys Sabina. Antes sem pão do que sem pátria: o anti-portuguesismo nos anos da década de 1920. **Convergência Lusíada**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, vol. 2, 2001, p. 153.

<sup>119</sup> UMA MISSÃO BRASILEIRA EM PORTUGAL. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 13 jun. 1913, 3ª e 4ª col., p. 10.

<sup>120</sup> RODRIGUES, Bettencourt. De Lisboa: convite a brasileiros. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 12 ago. 1913, 1ª e 2ª col., p. 1.

origem e da mesma raça”<sup>121</sup>. Mas era exatamente este plano português de instalar no Brasil uma espécie de novo domínio – não mais no campo administrativo ou político, e sim no âmbito das ideias (o chamado “Brasil Mental”) – que seria firmemente rejeitado pela parcela nacionalista da intelectualidade brasileira.<sup>122</sup> Neste ínterim, em 1917 seria lançada no Rio de Janeiro a revista *Brazileia*, de forte teor nacionalista e antilusitano.<sup>123</sup> Brasil e Portugal continuavam, assim, a seguir caminhos ambíguos que mesclavam convergências e afastamentos:

Malgrado a manifestação de alguns sinais de colaboração muito positivos (o projeto de revistas culturais luso-brasileiras; a assinatura de acordos culturais; o início oficial dos estudos brasileiros em Portugal etc.), portugueses e brasileiros agravam a sua ignorância mútua, acentuam as suas diferenças, multiplicam as suas suspeições, manifestam mutuamente as suas suscetibilidades.

A guerra de 1914 tem alguma influência nessa crise, sobretudo na medida em que dificulta as comunicações. Mas mais importante do que ela foi a outra guerra, a que se fazia a partir da teoria da língua ou da ortografia, a que derivava de ufanismos ou de nacionalismos exaltados, a que evidenciava complexos de ex-colonizador ou de ex-colonizado.<sup>124</sup>

Ao final da Primeira República, a Semana de Arte Moderna de 1922 faria ressurgir a discussão sobre a presença portuguesa no Brasil. Defensor do progresso civilizacional baseado no esquecimento dos estrangeirismos e em busca de uma história que representasse a verdadeira brasilidade constituída durante os cem anos de independência, o movimento vanguardista despontado em São Paulo abordou o elemento português de maneiras distintas e contraditórias. Suas teorias nacionalistas passariam dos momentos de total negação do passado colonial à assimilação do componente português como parte integrante da raça brasileira. Ora visto como usurpador, ora como membro importante para o branqueamento da nação que um dia vivera do escravagismo; por vezes tido como incivilizado, por outras elogiado e descrito como um destemido desbravador de territórios; os portugueses tiveram seus momentos de glória e de completa desgraça em terras tropicais.<sup>125</sup>

A lusofobia seguia manifestando-se ocasionalmente nos textos de Orestes Barbosa e João Ribeiro, intelectuais que proclamavam a necessidade da não-amizade entre os dois lados

<sup>121</sup> RODRIGUES, Bettencourt. De Lisboa: convite a brasileiros. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 12 ago. 1913, 2ª col., p.1.

<sup>122</sup> SERPA, Élio. Portugal no Brasil: a escrita dos irmãos desavindos. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, v. 20, n. 39, 2000, p. 84 e 89.

<sup>123</sup> GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Relações culturais luso-brasileiras: encontros e desencontros. **Anais do XII Encontro Regional de História**. Usos do passado. Rio de Janeiro: ANPUH, 2006. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Lucia%20Maria%20Paschoal%20Guimaraes.pdf>>. Acesso em: 18 de abril de 2014.

<sup>124</sup> SARAIVA, Arnaldo. **Modernismo brasileiro e modernismo português**: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 256.

<sup>125</sup> GOMES, Artur Nunes. **Sob o signo da ambiguidade**: configurações identitárias no espaço português do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1998.

do Atlântico e defendiam que a presença portuguesa infligia certo retardo ao Brasil. Graça Aranha, no ano de 1924, iria proferir acalorada palestra na Academia Brasileira de Letras a favor da separação entre as literaturas de além e aquém-mar<sup>126</sup>, um grito desesperado pela autonomia dos autores brasileiros. Em 1925, quase quarenta anos após a Proclamação da República, Antônio Torres escreveria uma obra antilusitana de grande sucesso e com sucessivas reedições, *As razões da Inconfidência*. Os motivos do êxito do livro são evidentes: o autor justificava ali que o atraso da civilização brasileira era devido à colonização que lhe foi imposta e criticava o contínuo enriquecimento dos portugueses às custas do povo brasileiro.<sup>127</sup> Torres aproveitava para atacar a imprensa da época, afirmando que ela estaria amordaçada por sua dependência para com os anunciantes e chefes portugueses.<sup>128</sup> A terceira edição trazia as notas:

O Brasil, enquanto for português (como desgraçadamente é), nunca será uma nação. / O Brasil está em caminho errado desde o nefasto ano de 1500. / O português é o mais ferrenho e o mais perigoso inimigo do Brasil. / Portugal não é uma nação. Portugal é uma doença. / O nosso país tem que optar: ou desaportuguesar-se, ou desaparecer. / Se um cataclisma fizer desaparecer Portugal da face do planeta, o Brasil lucrá; se, porém, um cataclisma fizer desaparecer da superfície da terra o Brasil, Portugal morrerá à míngua.<sup>129</sup>

Passados alguns anos da eclosão do modernismo no Brasil, o antilusitanismo abrandou. Mesmo João Ribeiro, que chegou a classificar o luso-brasileirismo como uma forma de neo-colonialismo, acabaria por suavizar sua fala.<sup>130</sup> Dentre os lusófilos brasileiros que continuavam a trabalhar por uma aproximação dos dois lados do Atlântico, seguiam ativos: Luís Pereira Barreto, Miguel Lemos, Teixeira Mendes, Eduardo Prado, Garcia Redondo, Olavo Bilac, Oliveira Lima, Coelho Netto, Afrânio Peixoto, Graça Aranha e Gilberto Freyre, além do icônico Paulo Barreto<sup>131</sup>. Na opinião desses dedicados escritores:

“[...] a lusofobia envolvia quase só uma pequeníssima parte de intelectuais, na sua maioria cariocas, e nalguns casos padecendo de ressentimentos pessoais contra portugueses bem colocados na imprensa ou no comércio. E certamente que havia nela

<sup>126</sup> CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de. Mesma carne, outro sangue: notas introdutórias sobre as relações culturais republicanas entre Portugal e Brasil. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 47, n. 4, out./dez. 2012, p. 352.

<sup>127</sup> TRICHES, Robertha Pedrosa. **A labareda da discórdia**: o antilusitanismo na imprensa carioca. Disponível em: <[http://www.achegas.net/numero/36/triches\\_36.pdf](http://www.achegas.net/numero/36/triches_36.pdf)>. Acesso em: 13 de agosto de 2014.

<sup>128</sup> BUENO, Luís. Tamancófilos e Tamancófobos de 1925. **Revista Letras**. Curitiba: UFPR, n. 59, jan./jun. 2003, p. 96.

<sup>129</sup> *Apud* SARAIVA, Arnaldo. **Modernismo brasileiro e modernismo português**: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 74. (texto citado pelo autor com as barras)

<sup>130</sup> VIEIRA, Nelson H. **Brasil e Portugal**: a imagem recíproca - o mito e a realidade na expressão literária. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991. p. 193.

<sup>131</sup> Chegado a Lisboa em 1904, o chamado João do Rio teria se apaixonado pelas tradições do país e tornar-se-ia grande defensor do intercâmbio luso-brasileiro. RUAS, Luci. Fialho de Almeida e João do Rio: Portugal entre ressentimento e fascínio. **Revista Letras**. Curitiba: UFPR, n. 59, jan./jun. 2003, p. 185-195.

muita ignorância do que se passava de importante na cultura portuguesa, que no final da década de 1920 era pouco ou nada brasilófoba.”<sup>132</sup>

De qualquer forma, os relatos anteriores comprovam que, para além de uma trivial e inocente antipatia, a aversão aos portugueses alcançou níveis de ódio extremo no Brasil. Das piadas de mau gosto aos episódios de agressões diretas, os portugueses seguiriam culpados por questões sociais e culturais complexas ao longo do século XX. O amplo movimento migratório, ao promover uma maior proximidade com o outro, forneceria elementos para amainar esta animosidade; mas, pelo mesmo motivo, também levaria ao seu acirramento. Ainda em 1930, data distante do jacobinismo de fins do século XIX e das incertezas dos primeiros anos do novecentos, Noel Rosa escreveria um samba de traços fortemente antilusitanos e intitulado *Com que roupa?*. Os versos mais simbólicos da composição popular expõem claramente a insatisfação com os portugueses que utilizavam o Brasil para fazer fortuna e depois retornavam à terra natal, levando consigo os provimentos conquistados nem sempre de forma honrosa:

Seu português agora deu o fora,  
Já foi-se embora e levou seu capital.  
Esqueceu quem tanto amou outrora,  
Foi no Adamastor pra Portugal,  
Pra se casar com uma cachopa,  
Mas agora com que roupa?  
Com que roupa que eu vou  
Pro samba que você me convidou?<sup>133</sup>

### 1. 2. 1 A arte naturalista

Se na vivência cotidiana dos brasileiros a aversão ao elemento português segue evidente até a atualidade, por outro lado a arte naturalista chegada de Portugal encontraria ampla aceitação mesmo naquele ambiente fortemente antilusitano da passagem para o século XX. A jovem República seguia aqui o seu projeto de evolução moral, malgrado a dificuldade para vencer a ignorância do meio popular, ainda com acesso insuficiente à educação. Entretanto, Angelo Agostini<sup>134</sup> (sob o pseudônimo de Xisto Graphite) defendia que a ex-metrópole não deveria ser culpada pelo relativo atraso da sua ex-colônia no que se refere à produção artística. Para ele o progresso do Brasil nas Belas Artes só poderia ter sido maior se, em 1816, no lugar

<sup>132</sup> SARAIVA, Arnaldo. **Modernismo brasileiro e modernismo português**: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 77.

<sup>133</sup> ROWLAND, Robert. A cultura brasileira e os portugueses. In: BASTOS, Cristiana; ALMEIDA, Miguel Vale de; FELDMAN-BIANCO, Bela (Coord.). **Trânsitos coloniais**: diálogos críticos luso-brasileiros. Lisboa: ICS-UL, 2002. p. 373.

<sup>134</sup> BELLAS ARTES. **Revista Ilustrada**. Rio de Janeiro, 29 mar. 1890, Ano 15, n. 584, 3ª col., p. 6 e 1ª col., p.7.



de contratar a missão francesa que fundou a Academia nos trópicos, D. João VI tivesse enviado os artistas à Europa para estudar, repetindo a remessa pelo menos de cinco em cinco anos. O crítico obviamente mencionava esta questão baseado em suas experiências hodiernas, ou seja, nos Prêmios de Viagem que a ENBA conferia aos melhores alunos para pensionatos na Europa.

A Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) inaugurara no Brasil o ensino artístico oficial baseado nos preceitos classicistas e em conformidade com os parâmetros da *École de Beaux-Arts* parisiense<sup>135</sup>: a arte como representação do belo ideal; a importância do desenho na estruturação da composição; a preferência pela pintura a óleo; a valorização de temas nobres, de caráter exemplar, como a Pintura Histórica (considerada superior e só realizada pelos alunos com bom aproveitamento<sup>136</sup>) e a utilização da cópia como método básico de aprendizagem<sup>137</sup>. A importância da representação perfeita da figura humana, que deveria ser alcançada antes de o aluno pensar na composição total da tela, motivaria as famosas Academias de Nu.<sup>138</sup> Neste ínterim, Rafael Sanzio e Ticiano eram os artistas mais referenciados da instituição, mas o acervo didático de pinturas da AIBA também guardava reproduções das escolas veneziana, espanhola, flamenga e francesa, sendo esta última avaliada como a mais moderna de todas.<sup>139</sup>

Ao contrário do que ocorrera em Portugal, onde o surgimento de associações artísticas independentes do ensino oficial contribuiu para a flexibilização do ambiente produtivo daquele país, no Brasil a AIBA centralizaria o controle do ensino, da produção e da exibição das Belas Artes durante todo o período imperial. Mas as exigências temáticas estabelecidas pelo governo e o predomínio do classicismo acadêmico não impediriam a emergência de uma nova geração de artistas chegados dos seus pensionatos na Europa na década de 1880. Ela mostraria que a arte feita no Brasil, ou seja, realizada conforme condições materiais e culturais específicas, próprias a esta sociedade, era possível.<sup>140</sup> Tais pintores, dentre os quais destacam-se José Ferraz de Almeida Júnior e Rodolpho Amoedo, passaram a desenvolver composições que retratavam

<sup>135</sup> PEREIRA, Sonia Gomes; PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. **Arte brasileira no século XIX**. Belo Horizonte: C/Arte, 2008. p. 15.

<sup>136</sup> FERNANDES, Cybele Vidal. O Ensino de Pintura e Escultura na Academia Imperial das Belas Artes. **19&20**. Rio de Janeiro, v. II, n. 3, jul. 2007. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/ensino\\_artistico/aiba\\_ensino.htm](http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/aiba_ensino.htm)>. Acesso em: 25 de novembro de 2011.

<sup>137</sup> LEITE, Reginaldo da Rocha. A prática da cópia no ensino artístico acadêmico: revisão crítica e análises da metodologia pedagógica. In: RIBEIRO, Marília Andrés; RIBEIRO, Maria Izabel Branco (Org.). **Anais do XXVI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. São Paulo, 2006. Belo Horizonte: C/Arte, 2007. p. 519.

<sup>138</sup> LEITE, Reginaldo da Rocha. A contribuição das escolas artísticas europeias no ensino das artes no Brasil oitocentista. **19&20**. Rio de Janeiro, v. IV, n. 1, jan. 2009. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/ensino\\_artistico/escolas\\_reginaldo.htm](http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/escolas_reginaldo.htm)>. Acesso em: 11 de março 2011.

<sup>139</sup> LEITE, Reginaldo da Rocha. *Ibidem*.

<sup>140</sup> ZILIO, Carlos. A modernidade efêmera: anos 80 na Academia. In: PEREIRA, Sonia Gomes (Coord.). **Anais do Seminário EBA 180**. 180 anos da Escola de Belas Artes, 1996. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p. 238-239.

figuras típicas do cenário brasileiro contemporâneo (como os caipiras, em substituição ao utópico elemento indianista da propaganda Imperial) e utilizavam uma paleta mais próxima da realidade tropical (ensolarada e colorida).

Com a República proclamada, diversas áreas da educação brasileira sofreriam mudanças que objetivavam modernizá-las e adaptá-las ao novo regime político instalado. Assim, a partir de novembro de 1890 começou a ser implementada a reforma da antiga AIBA<sup>141</sup>, o que dividiu alunos e professores entre modernos (defensores de um modelo de ensino baseado na *Académie Julian*) e positivistas (lutavam pela manutenção dos tradicionais padrões acadêmicos).<sup>142</sup> Um meio termo entre as duas propostas fez surgir a chamada Escola Nacional de Belas Artes, cuja flexibilização pode ser vista já na retirada do título “Academia”, embora a manutenção do patrocínio estatal e de diversos pontos da grade curricular anterior tenha levado alguns historiadores a insistirem no baixo impacto da reforma. Arthur Valle, por sua vez, recordaria que se ela não representou “uma ruptura radical com o passado da instituição, isso se deve, em última análise, ao fato simples de que esta nunca foi a ambição de seus articuladores”<sup>143</sup>. De toda forma, a ENBA passaria a apostar no ensino liberal, ao estimular o conhecimento dos conceitos estéticos em voga, e nas faculdades individuais dos artistas, ao permitir a prática da pintura aberta a novas possibilidades pictóricas. Já as disciplinas teóricas foram extendidas com fins de formar profissionais conscientes de sua atividade.<sup>144</sup>

Paralelamente ao empenho oficial, o mercado privado também buscava conceder maior fôlego à atividade artística brasileira de finais do século XIX. Pouco antes da Proclamação da República foi inaugurado no Rio de Janeiro o *Atelier Moderno*, espaço expositor voltado integralmente para as Belas Artes: “um ponto permanente, com excelentes condições de localidade e de luz, onde se podem reunir o talento e o trabalho, representados em telas, bustos, estátuas, etc.”<sup>145</sup>, salientava Angelo Agostini. O crítico de arte e caricaturista aproveitava para

<sup>141</sup> DAZZI, Camila. “A Reforma de 1890”: continuidades e mudanças na Escola Nacional de Belas Artes (1890-1900). In: AMBROSIO, Eliana Ribeiro. *et. al. Atas do III Encontro de História da Arte*. História da Arte e instituições culturais: perspectivas em debate. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2007. p. 194-205.

<sup>142</sup> PERUTTI, Daniela Carolina. **Gestos feitos de tinta**: as representações corporais na pintura de Almeida Júnior. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. p. 68.

<sup>143</sup> VALLE, Arthur. **A pintura da Escola Nacional de Belas Artes na Primeira República** (1890-1930): da formação do artistas aos seus *Modos* estilísticos. Tese (Doutorado em História e Crítica de Arte). Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. p.48.

<sup>144</sup> VALLE, Arthur. O acervo de pintura portuguesa da Escola Nacional de Belas Artes no contexto pedagógico pós “Reforma de 1890”. **Revista de História da Arte e Arqueologia**. Campinas: UNICAMP, n. 19, jan./jun. 2013, p. 118.

<sup>145</sup> Ali seriam vistas algumas telas do português José Júlio de Souza Pinto, em meio a 91 exemplares diversos. VER: BELLAS-ARTES. **Revista Ilustrada**. Rio de Janeiro, 20 jul. 1889, p. 3 e 6.

lamentar o padrão dos salões cariocas existentes até então, apontando os deploráveis efeitos que a falta de claridade causava nos quadros exibidos na Galeria Moncada e na Glace Elègante ou o prejudicial brilho que refletia das vidraças da Casa Vieitas. Fora da Academia Imperial não haveria, portanto, “um lugar, extraoficial, em que os artistas e amadores pudessem, com vantagem, expor as suas produções”<sup>146</sup>. A chegada da República parece não ter alterado substancialmente este cenário e, em 1902, seria a vez do literato Arthur Azevedo<sup>147</sup> censurar a falta de luz apropriada do Liceu de Artes e Ofícios e lastimar igualmente a inexistência de um espaço adequado às mostras artísticas.

A produção brasileira continuaria a revelar-se com maior intensidade e a fazer-se verdadeiramente notória nas Exposições Gerais da Escola Nacional de Belas Artes. O evento, que congregava os mais relevantes nomes da arte em atuação no Brasil, permaneceu sendo um bom termômetro do contexto cultural do país ao longo de toda a Primeira República. A leitura das críticas jornalísticas sobre o certame permite identificar que a linguagem naturalista iria progressivamente firmar-se enquanto padrão estético majoritário. O salão de 1894, primeiro evento oficial decorrido após a proclamação do novo regime e a reforma da academia, foi significativo neste sentido. Oscar Guanabara declarava que a não interferência direta do governo nos assuntos artísticos teria ali substituído a pintura acadêmica por “uma arte, que, se não é francamente nacional, acentua bem a tendência para isso”<sup>148</sup>.

A Exposição Geral de 1894 não apresentaria, assim, sequer uma tela de temática histórica ou religiosa. Carlos Parlagrecco afirma que a mostra foi “fruto de uma revolução artística, que se realizou à sombra da revolução política de 1889; e se de um lado se vê nela evidentemente uma divergência profunda com as da antiga Academia, de outro não se pode deixar de reconhecer que quase todos os principais artistas, que nela figuraram foram discípulos daqueles mesmos”<sup>149</sup>. Outros críticos realçariam a “tendência muito pronunciada para o modernismo”<sup>150</sup> das obras exibidas, embora a definição de moderno deva ser vista com cautela e entendida mais como busca pelas novidades do que enquanto ruptura revolucionária para com o passado.<sup>151</sup> Modernidade e tradição eram conceitos que se relacionavam e se sobrepunham

<sup>146</sup> BELLAS-ARTES. *Revista Illustrada*. Rio de Janeiro, 20 jul. 1889, p. 3 e 6.

<sup>147</sup> AZEVEDO, Arthur. A arte portuguesa. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 25 jul. 1902, 1ª e 2ª col., p. 1.

<sup>148</sup> ESCOLA NACIONAL DE BELLAS ARTES. Exposição Geral. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 30 set. 1894, 2ª e 3ª col., p. 2.

<sup>149</sup> PARLAGRECCO, Carlos. A Exposição de Bellas Artes. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, Ano I, Tomo I, 1895, p. 47-55.

<sup>150</sup> PALESTRA. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 30 set. 1894, 1ª col., p. 1.

<sup>151</sup> DAZZI, Camila. O moderno no Brasil ao final do século XIX. *Revista de História da Arte e Arqueologia*. Campinas: UNICAMP, n. 17, jan.-jun. 2012, p. 87-124.

nesta transição de séculos. Uma vez que os padrões clássicos estavam caducados, o modernismo era percebido enquanto adesão gradual às inovações já aceitas no eixo Roma-Paris. Tornar-se moderno não implicava, portanto, abandonar por completo as conquistas herdadas da academia:

“[...] a relação entre tradição e modernidade ocorre no próprio campo da arte acadêmica. Assim, verificamos, de um lado, a longa duração de estilos e temáticas mais tradicionais e sua convivência até certo ponto pacífica com linguagens e assuntos mais atualizados. De outro, a versatilidade dos artistas que exploram essas diversas linguagens, de acordo com o caráter e a função das pinturas.”<sup>152</sup>

De forma mais imediata, essas concepções exigiam que os artistas se mantivessem constantemente atualizados sobre as novidades francesas adotadas e já aplaudidas pela crítica europeia, mas as adaptassem a composições genuínas e variadas, conforme a visão estética de cada pintor: “lá está o critério artístico contemporâneo; lá está a observação direta da natureza, em vigorosa pujança de representação. Lá está o processo franco de seguir cada um o jeito e a predileção do seu temperamento, sem imposições de gosto, nem de dogmatismos técnicos”<sup>153</sup>. Sendo o livre-arbítrio do pincel e a interpretação particular da realidade as exigências do momento, um articulista d’*O Paiz* destacaria positivamente em 1894 que “nenhum dos expositores mandou para a Escola coisas que não viu nem sentiu, e ainda bem, porque já não se admite quem pinte por informações”<sup>154</sup>. O primeiro salão da ENBA ficaria marcado na História da Arte pela presença de quadros que tornar-se-iam símbolos da pintura naturalista brasileira, como: *Tagarela e Vendedora de fósforos*, de Belmiro de Almeida; *Amolação Interrompida* e *Caipira picando fumo*, de Almeida Júnior; *Cozinha na roça*, de Pedro Alexandrino; além das paisagens de João Batista da Costa, das marinhas de Castagneto, das perspectivas rurais de Modesto Brocos e das cenas de interiores de Weingartner.<sup>155</sup>

Curiosamente, a predominância do naturalismo nas paredes da ENBA não iria refletir-se na premiação levada a cabo pelo júri oficial da mostra, constituído em 1894 pelo “presidente Rodolpho Bernardelli, professores Rodolpho Amoedo e Modesto Brocos”<sup>156</sup>. Os quadros coroados por esta comissão traziam linguagens bastante distintas, como: o relativo simbolismo de *Nuvens*, Belmiro de Almeida; o toque impressionista (à Manet) de *No verão*, Eliseu Visconti; e a notável inclinação acadêmica observada na *Escrava* de Oscar Pereira da Silva (à época pensionista do governo brasileiro em Paris).<sup>157</sup> Se Visconti defendia uma pintura livre de

<sup>152</sup> PEREIRA, Sonia Gomes; PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. **Arte brasileira no século XIX**. Belo Horizonte: C/Arte, 2008. p. 84.

<sup>153</sup> EXPOSIÇÃO GERAL DE BELLAS ARTES I. **A Semana**. Rio de Janeiro, 20 out. 1894, Tomo V, n. 64, p.509.

<sup>154</sup> PALESTRA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 30 set. 1894, 1ª col., p. 1.

<sup>155</sup> BELLAS ARTES. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 10 nov. 1894, 1ª e 2ª col., p. 1.

<sup>156</sup> EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 1º nov. 1894, 1ª col., p. 1.

<sup>157</sup> **O Paiz**. Rio de Janeiro, 31 out. 1894, 7ª col., p. 2.

fórmulas, que fosse fluida e sobrepujasse pinceladas frescas como um estudo<sup>158</sup>, Oscar Pereira, embora tenha seguido trajetória profissional vibrante, era ainda um mero bolsista que deveria cumprir com as rotinas acadêmicas e manter o pincel moderado para lograr a aprovação no curso. De toda forma, as escolhas dos artistas e do júri comprovam que o conceito pictórico daquele momento, embora tendencioso ao naturalismo, era diverso e, nem por isso, contraditório. Segundo Sonia Pereira, a oposição clássicos/anti-clássicos não existiu no oitocentos e foi um mito criado pelos historiadores do século XX.<sup>159</sup>

Após sua primeira demonstração de renovação estética, a Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes prosseguiria no caminho naturalista, conforme ilustra o texto de Carlos Parlagrecco sobre o salão de 1895, que ratificava a tendência às pinceladas soltas e às temáticas rurais.<sup>160</sup> A produção artística parecia avançar na Primeira República, provando “que no Brasil as artes do desenho têm cultores que resistem à depressão nervosa do clima e que trabalham com meritória pertinácia e progresso sensível”<sup>161</sup>. Somando esforços, jornalistas e literatos também contribuiriam para elevar (pouco a pouco) o nível das artes no país com a publicação de críticas cada vez mais especializadas nos periódicos. Neste sentido, a mostra oficial de 1898 reuniria novamente avultado número de quadros com assuntos vernáculos.<sup>162</sup>

Mas na passagem para o século XX o evento oficial passaria a ser criticado por aceitar demasiados autores estrangeiros. Em 1902, por exemplo, dos 61 participantes, apenas 36 eram brasileiros, e, ainda assim, 10 deles tinham procedência familiar imigrante (como Girardet, Brocos, Weingartner, Visconti e Bernardelli).<sup>163</sup> As demais exposições seriam censuradas pelo excesso de obras admitidas por um júri que, conforme os articulistas, primava pela quantidade em detrimento da qualidade.<sup>164</sup> Embora continuamente despontassem ali novos talentos<sup>165</sup>, muitas vezes as paredes acabavam dominadas por exemplares pouco relevantes. Uma amostra é o salão de 1906, quando a direção da Escola Nacional de Belas Artes, buscando “atenuar a

<sup>158</sup> CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. O conceito e a função da arte na visão de um pintor brasileiro entre os séculos XIX e XX: uma leitura dos cadernos de notas de Eliseu Visconti (1866-1944). **I Encontro de História da Arte**, 2004. Revisão historiográfica: o estado da questão. Campinas: IFCH / UNICAMP, 2005. p. 89-100.

<sup>159</sup> PEREIRA, Sonia Gomes. A tradição artística e os envios dos pensionistas da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila (Org.). **Oitocentos: Arte Brasileira do Império à Primeira República**. Rio de Janeiro: EDUR-UFRJ/ DezenoveVinte, 2010. p. 635.

<sup>160</sup> PARLAGRECCO, Carlos. A Exposição de Bellas Artes. **Revista Brasileira**. Rio de Janeiro, Ano I, Tomo I, 1895, p. 47-55.

<sup>161</sup> GAMA, Domício da. A Exposição de Bellas Artes. **Revista Brasileira**. Rio de Janeiro, Tomo IV, out.-dez. 1895, p. 96-100.

<sup>162</sup> VIDA ARTÍSTICA. A exposição de Bellas Artes. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 24 out. 1898, 1ª col., p. 2.

<sup>163</sup> VERÍSSIMO, J. A arte espelho da vida. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 22 set. 1902, 1ª e 2ª col., p. 1.

<sup>164</sup> O SALÃO DE 1906. Os pintores. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 21 ago. 1906, p. 1.

<sup>165</sup> O SALÃO DE 1906. O vernissage e a inauguração. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 30 ago. 1906, 7ª col., p. 2.

má impressão da ausência de muitos nomes nacionais conhecidos”<sup>166</sup>, teria pedido ao Governo Federal e a colecionadores privados que emprestassem parte de suas galerias para avolumar o certame. A mostra de 1919 igualmente apresentaria uma exagerada soma de 213 obras<sup>167</sup>, dentre as quais Filinto de Almeida<sup>168</sup> lamenta não haver um só trabalho de vulto, apesar de Fléxa Ribeiro<sup>169</sup> destacar os retratos do português Carlos Reis – um estrangeiro.

O Brasil registraria um progressivo aumento no número de artistas estrangeiros (maioria de ingleses, franceses, espanhóis, alemães e portugueses) que procuravam o país para se promoverem, fazendo com que as salas disponíveis para mostras comesçassem “a ser disputadas com o mais vivo empenho”<sup>170</sup> e saíssem do âmbito exclusivo da Escola Nacional de Belas Artes. Embora a presença constante de forasteiros gerasse resultados globais positivos (como a educação estética do público), para um colaborador do *Correio da Manhã*<sup>171</sup> eles praticamente desnacionalizavam os eventos regionais, deixando poucas opções para os compradores e amadores da arte brasileira, injustamente recriminados por preferirem as manifestações europeias. Esta espécie de alheamento patriótico levaria Domício da Gama a afirmar que “há arte no Brasil, não há arte brasileira”<sup>172</sup>, mesmo brado pronunciado por críticos portugueses que avaliavam a realidade do seu país, como Baldaque Silva e Ramalho Ortigão.<sup>173</sup>

Apesar de geralmente malvisto pela crítica conterrânea, o mercado brasileiro seria elogiado pelo pintor português Mattoso da Fonseca em entrevista<sup>174</sup> concedida quando de sua passagem pelo país, no ano de 1912 (Alves Cardoso adotaria atitude similar em 1928<sup>175</sup>). Satisfeito com a acolhida de sua exposição, ele afirmava ter se surpreendido com a intensidade do meio artístico local e salientava que nenhum dos pintores que conhecera no Rio de Janeiro vivia de atividades alheias às Belas Artes, o que indicava a existência de um bom público comprador. Naquele mesmo ano, corroborando tal assertiva, um jornalista d’*O Paiz* notava que a arte parecia tornar-se “objeto de sérias preocupações da nossa sociedade. As exposições de arte sucedem-se. Já se discute arte nos salões, e já em muita casa é motivo de orgulho a posse

<sup>166</sup> A EXPOSIÇÃO. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 2 set. 1906, 3ª col., p. 5.

<sup>167</sup> O “SALÃO” DESTE ANO. *O Malho*. Rio de Janeiro, 23 ago. 1919, Ano XVIII, n. 884, p. 25.

<sup>168</sup> ALMEIDA, Filinto de. O “caboco” velho. *A Noite*. Rio de Janeiro, 18 ago. 1919, 3ª col., p. 2.

<sup>169</sup> RIBEIRO, Fléxa. Arte brasileira – Alguns pintores no “salão” de 1919. *Correio Paulistano*. São Paulo, 23 set. 1919, 1ª e 2ª col., p. 1.

<sup>170</sup> A SEMANA. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 23 jun. 1912, 1ª col., p. 1.

<sup>171</sup> O “SALÃO DE 1906”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 9 set. 1906, 5ª col., p. 5.

<sup>172</sup> GAMA, Domício da. A Exposição de Bellas Artes. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, Tomo IV, out.-dez. 1895, p. 96-100.

<sup>173</sup> EXPOSIÇÃO PORTUGUESA. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 2-3 ago. 1902, 1ª e 2ª col., p. 3.

<sup>174</sup> ARTES E ARTISTAS. Mattoso da Fonseca. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 14 ago. 1912, 5ª e 6ª col., p. 3.

<sup>175</sup> O PINTOR ALVES CARDOSO. *A Noite*. Rio de Janeiro, 29 dez. 1928, 2ª col., p. 2.

de quadros notáveis, de esculturas formosas, e de mobiliário artístico”<sup>176</sup>. Esta visão positiva seria relativizada por um articulista de *O Jornal*, que em 1925 afirmava ser o círculo cultural carioca, ao mesmo tempo, pobre e rico, ou seja: “pouca gente compra quadros, muita gente examina quadros. Os que compram acham sempre caro, os que não compram acham sempre defeitos. A arte tem bastantes cultores de pincel, e numerosos de língua”<sup>177</sup>.

### 1. 2. 2 O mercado paulista

Em ressonância ao que se passava no Rio de Janeiro e ao contrário do que afirmou a historiografia do século XX, a vida cultural paulistana anterior ao Modernismo não foi caracterizada por telas medíocres e repetitivas, mas sim por um aquecido campo multifacetado composto por nomes nacionais e estrangeiros. Ao longo da Primeira República, a progressista São Paulo iria atrair artistas chegados de diversas partes do globo, que procuravam a região sedentos por reconhecimento e ganhos financeiros avultados. Segundo Mirian Rossi, entre 1890 e 1920 a capital do café reuniu nada menos do que 133 artistas brasileiros atuantes, seguidos por quase uma centena de estrangeiros (61 italianos, 12 espanhóis, 11 portugueses e 8 franceses), cujas exposições “cumpriram a função de promover a educação estética e estimular a produção artística, constituindo-se no principal veículo de divulgação, mediação e integração econômica da obra de arte em São Paulo”<sup>178</sup>. Se na década de 1890 a cidade recebera cerca de nove eventos nacionais e três de personalidades vindas do exterior, entre 1911 e 1920 seriam registradas ali um total de 131 mostras de brasileiros e 102 de estrangeiros, levando alguns críticos a censurar o excesso de salões.<sup>179</sup>

A importância daquele nicho mercadológico em expansão foi tamanha ao final do século XIX que Mariano Pina chegaria a aconselhar Raphael Bordalo Pinheiro a vender suas faianças na região: “Por onde terias muito a ganhar era em São Paulo. [...] Por toda a parte lindíssimos palacetes feitos por arquitetos italianos; de modo que São Paulo parece uma cidade de luxo do Mediterrâneo, como Cannes.”<sup>180</sup> Os jornais da província, sabedores deste recente entusiasmo, notavam que o êxito de algumas exposições ali instaladas devia-se à boa educação da sociedade,

<sup>176</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição de arte retrospectiva. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 5 fev. 1912, 6ª e 7ª col., p. 3.

<sup>177</sup> MIRANTE. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 20 out. 1925, 1ª col., p. 5.

<sup>178</sup> ROSSI, Mirian Silva. A gênese do campo artístico paulistano: entre vanguarda e tradição. **Saeculum Revista de História**. João Pessoa: UFPB, n. 28, jan./jun. 2013, p. 195-210.

<sup>179</sup> ROSSI, Mirian Silva. *Ibidem*.

<sup>180</sup> *Apud* LEANDRO, Sandra. 19 tragédias/20 comédias na arte portuguesa do século XIX. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel (org.). **Oitocentos**. Tomo III. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. p. 474.

que aprendera a reconhecer os pintores dignos de seu aplauso.<sup>181</sup> Outros articulistas, entretanto, questionavam o relativo “bom gosto” de homens ainda muito incultos para uma vida civilizada e que deixavam silenciosos os salões de arte.<sup>182</sup> Vulgarmente conectados à barbárie bandeirista e ao braçal cultivado do café, os poderosos barões procuravam se impor no cenário nacional por meio de virtuosas iniciativas culturais, em singular processo de construção identitária que levaria ao incremento substancial da atividade artística em São Paulo:

Nas quatro décadas de transição entre os séculos XIX e XX (1885-1925) paralelamente à expansão acelerada da industrialização, dos fluxos migratórios, e de maciços investimentos em benfeitorias e prédios urbanos, propiciados pela valorização crescente do café, constituiu-se na cidade de São Paulo um embrião avantajado de mercado de arte, dotado das principais características de seus congêneres estrangeiros. A capital paulista passou a abrigar instituições especializadas na formação, treinamento e orientação profissional de artistas, espaços de exibição e comercialização da produção artística local e estrangeira e um grupo destacado de entusiastas colecionadores privados, os mesmos que frequentavam exposições e atuavam como patronos e incentivadores das principais iniciativas institucionais no campo das artes plásticas.<sup>183</sup>

A São Paulo finesse secular passaria, assim, a primar pelo luxo e pela ostentação, tentando rivalizar com o já abalizado Rio de Janeiro.<sup>184</sup> A arte tinha função de conferir fineza à nova burguesia enriquecida. Em 1893, durante visita à progressista cidade que ganhava cada vez mais destaque no cenário brasileiro, ultrapassando o Distrito Federal em importância econômica, a célebre atriz francesa Sarah Bernhardt chegaria a nomeá-la como a “Capital Artística do Brasil”, “expressão imediatamente incorporada e assumida pela sociedade local, ávida de qualificar valorativamente o acanhado meio”<sup>185</sup>. Neste ínterim, as pequenas galerias, casas comerciais, escritórios, redações de jornais e *halls* de hotéis eram improvisados para receber manifestações culturais diversas; enquanto o Liceu de Artes e Ofícios (em cujo prédio seria inaugurada a Pinacoteca do Estado, em 1905) e a Câmara Portuguesa de Comércio atuavam na esfera oficial com o oferecimento de cursos preparatórios. Na falta de uma instituição como a ENBA, os pintores de renome (Almeida Júnior, Oscar Pereira da Silva e Carlo de Servi) abririam seus próprios ateliês para promoverem a formação de novos artistas.<sup>186</sup>

<sup>181</sup> REGISTRO DE ARTE. Exposição Souza Pinto. **Correio Paulistano**. São Paulo, 16 dez. 1912, 1ª col., p. 3.

<sup>182</sup> AQUARELISTAS PORTUGUESES. **Correio Paulistano**. São Paulo, 9 out. 1920, 1ª col., p. 3.

<sup>183</sup> MICELI, Sergio. Mecenato e colecionismo em São Paulo. In: **Nacional estrangeiro: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 21.

<sup>184</sup> CALMON, Pedro. **História Social do Brasil: espírito da sociedade Imperial**. v.2. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 99.

<sup>185</sup> MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempo de República**, São Paulo (1890,1922). São Paulo: USP / FAPESP, 2008. p. 507.

<sup>186</sup> ROSSI, Mirian Silva. A gênese do campo artístico paulistano: entre vanguarda e tradição. **Saeculum Revista de História**. João Pessoa: UFPB, n. 28, jan./jun. 2013, p. 195-210.



Tal cenário permitiria o surgimento de críticas especializadas com Filinto de Almeida (*O Estado de São Paulo*), Alfredo Camarate e Carlos Palagrello (*Correio Paulistano*). Estes intelectuais, que passaram a atuar como analistas de arte no dinâmico cenário paulista, construiriam discursos hesitantes entre a negação do passado e o estímulo da modernidade. Ao mesmo tempo que temiam aplaudir alguns aspectos tradicionais e serem taxados de retrógrados, também receavam encorajar em demasia as vanguardas e, com isto, romperem de forma revolucionária com os ainda respeitados códigos da arte.<sup>187</sup> Neste sentido, malgrado censurassem a atuação supostamente danosa da autoridade federal sobre a ENBA, ao mesmo tempo clamavam pela intervenção do governo no processo de constituição de uma escola artística em São Paulo, a qual deveria sistematizar a produção local e centralizar as diretrizes da criação pictórica dentro dos parâmetros aceitáveis aos seus critérios:

Uma Escola de Belas Artes está se impondo, há muito, à pujança do Estado. O bom gosto artístico de uma parte do público tem se desenvolvido grandemente e temos disso provas inequívocas do afã com que certa roda de nossa sociedade acode a exposições e concertos clássicos e foge – protesto contra a tolerância licenciosa da autoridade – aos espetáculos pornográficos em que alguns artistas aguardentados cantam couplets brejeiros e obscenos.<sup>188</sup>

Contraditoriamente ao que pretendiam aqueles literatos, foi graças à ausência de um organismo oficial nos moldes da ENBA, unida ao pujante mercado consumidor local, que a maioria das produções paulistas permaneceu voltada para os retratos de particulares, destinados a serem exibidos em residências ou empresas, e não em museus ou repartições. “Isso modificará sobremaneira as relações entre artistas, colecionadores e espaços para exposições. Por não haver um grande número de encomendas públicas, muitas obras possuíam pequenas dimensões, o que aumentava a possibilidade de vendas.”<sup>189</sup> O ágil e volumoso entreposto comercial desenvolvido em São Paulo iria impressionar os seus visitantes, que comumente testemunhavam sobre a agradável surpresa provocada pelo intenso movimento cultural verificado ali.<sup>190</sup> Em busca de oportunidades, diversos pintores portugueses de passagem pelo Rio de Janeiro acabariam por tentar a sorte também na capital paulista. Outros, entretanto, viajariam ao Brasil especialmente para expor na pauliceia. Alguns poucos iriam estabelecer ali residência provisória e conquistariam o reconhecimento da comunidade local. De qualquer forma, São Paulo era uma

<sup>187</sup> ROSSI, Mirian Silva. A gênese do campo artístico paulistano: entre vanguarda e tradição. **Saeculum Revista de História**. João Pessoa: UFPB, n. 28, jan./jun. 2013, p. 195-210.

<sup>188</sup> PEQUENAS NOTAS. **O Commercio de São Paulo**. São Paulo, 6 fev. 1895, 2ª col., p. 1.

<sup>189</sup> NASCIMENTO, Ana Paula. São Paulo: meio artístico e as exposições (1895-1929). In: VALLE, Arthur (Org.). **Oitocentos: arte brasileira do Império à República**. Rio de Janeiro: EDUR/UFRRJ, DezenoveVinte, 2010. p. 73.

<sup>190</sup> BARBOSA, A. Exposição de pintura. **Correio Paulistano**. São Paulo, 19 jun. 1926, 5ª col., p. 4.

vantajosa alternativa para os que não conseguiam adentrar no já disputado comércio carioca e para os que soubessem explorar aquela sociedade carente de reconhecimento.

### 1.3 Naturalismo entre Brasil e Portugal: resistência às vanguardas

Brasil e Portugal seguiriam caminhos muito similares no que diz respeito às suas Belas Artes na transição para o século XX, caracterizados especialmente pela manutenção do pincel naturalista, devido à contínua demanda por sua produção, e pelo mercado instável resultante do incipiente mecenato oficial/particular. Xavier de Carvalho foi um dos incansáveis críticos do pouco incentivo fornecido às artes pelos governos de Portugal e do Brasil, o que, segundo ele, fatalmente levaria a um nível maior de amadorismo dos pintores e também dos compradores: “o artista apenas pode vegetar, como uma planta exótica, vencido pela ignóbil concorrência das litografias baratas, das figurinhas de barro pintado, dos mestres de obras e sobretudo pelo amador, esse zangão da Artes”<sup>191</sup>. Em 1899, o mesmo literato refletiria sobre o estado das artes nos dois países com base nos exemplares apresentados no *Salon Officiel*:

Resumindo: a representação artística de Portugal e do Brasil no atual *Salon* é muito boa. Não podíamos esperar melhor com a falta de incitamento, de ajuda, de auxílio salutar, de apoio seguro com que lutam tanto na grande república da América do Sul como no pequeno reino ocidental da península ibérica os alunos das Academias de Belas Artes. A burguesia, de uma estupidez crassa, gasta com mais facilidade avultadas somas no jogo dos bichos no Brasil ou em touradas, bailaricos nas praias e arremedos de festas de flores em Portugal – do que na compra de uma boa tela ou de um esplêndido mármore. Nas exposições do Grémio Artístico, ou nos *salonets* da livraria Gomes, de Lisboa, ou da fotografia Guedes, no Porto, os quadros que se vendem são raros e por preços irrisórios. No Brasil, sucede ainda pior. Um país novo onde tudo está por fazer, onde a arte precisa de um amparo seguro, onde as paredes dos *appartements* estão nuas ou ornadas apenas de cromos infectos, – os artistas, são raros. E aqueles que se abalançam a tamanha empresa, a de pintar ou a de cinzelar, é por que tem indômita coragem e creem no futuro, mais do que nós mesmos. Viver da arte em Portugal e no Brasil é tão aventuroso como viver igualmente da literatura nesses dois países, tão rebeldes ao culto da Beleza.<sup>192</sup>

Foi para suavizar essa intrincada realidade e amainar as dificuldades que o intercâmbio cultural luso-brasileiro seria buscado e estimulado por personalidades influentes dos dois lados do Atlântico. O objetivo era diversificar o mercado aberto aos artistas em busca de consumidores das suas obras e as ofertas para o público interessado, mas também diminuir o

<sup>191</sup> CARTA PARISIENSE. Paris, 12 de maio - O “Salon” dos Campos Elysios. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 9 jun. 1891, 1ª e 2ª col., p.1.

<sup>192</sup> CARVALHO, Xavier de. O “salon” brasileiro e português de 1899 em Paris. **Revista Moderna**. Paris, 30 abr. 1899, Ano II, n. 30, p. 238-242.

alheamento verificado entre países historicamente conectados e que seguiam “isolados uns dos outros, como se as nossas ideias e os nossos sentimentos não fossem idênticos, não se abeirassem todos na mesma fonte matriz”<sup>193</sup>. Com a crise econômica que se abateu sobre Portugal durante quase toda a vigência da Primeira República brasileira, os pintores daquela nacionalidade recorreriam ao Brasil para alcançar benéficos lucros com a venda das suas telas. Neste ínterim, as composições naturalistas, vivamente representativas da realidade pátria, acabavam por transportar vislumbres da vida portuguesa para os trópicos e faziam da ex-metrópole, por décadas combatida e esquecida, uma presença cada vez mais habitual e respeitada entre a ex-colônia.

A linguagem sintética, acessível, típica e nostálgica do naturalismo receberia ampla aceitação nos mercados de além e aquém-mar, contribuindo para a união cultural das suas duas realidades.<sup>194</sup> A volumosa soma de mostras portuguesas que tiveram lugar nas salas cariocas e paulistas de fins do século XIX e início do XX confirma a notoriedade alcançada pela estética naturalista naquele momento. A comunidade portuguesa instalada nos trópicos, numerosa e organizada, era assídua compradora das telas que chegavam da longínqua terra natal. Mas o Brasil também compartilhava das aspirações naturalistas e tornar-se-ia grande interessado na produção artística ali desembarcada: durante a “aquisição de obras de artistas estrangeiros para a galeria da ENBA, até então o único museu de arte local, pode-se notar a preferência por temas voltados às representações nacionais, de tipos humanos e da paisagem de países de origem desses pintores”<sup>195</sup>. Os exemplares portugueses, referenciados pela crítica brasileira como sublimes arquétipos da aclamada arte naturalista, acabariam disputados por imigrantes e nativos. Assim, os pintores de além-mar frequentemente encontravam no Brasil a recepção positiva e os ganhos financeiros que tanto ansiavam colher.

Um bom exemplo da favorável abertura do meio brasileiro ao naturalismo português é a interessante justaposição ocorrida em 1919, quando estiveram de passagem pelo Rio de Janeiro, concomitantemente, o pintor Carlos Reis, o literato Ruy Chianca e o músico Raymundo de Macedo. Todos teriam sido calorosamente aceitos pela elite local, alcançando considerável sucesso em suas iniciativas: grandes artistas brasileiros foram à mostra de Reis, os maiores

<sup>193</sup> O PINTOR CARLOS REIS NO BRASIL. A sua próxima visita. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 22 abr. 1919, 6ª a 8ª col., p. 3.

<sup>194</sup> EISENSTADT, S. N. Modernidades múltiplas. **Sociologia, Problemas e Práticas**. Lisboa: Mundos Sociais, n. 35, abr. 2001, p. 139-163.

<sup>195</sup> SILVA, Maria do Carmo Couto da. Artistas latino-americanos no acervo do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro: obras adquiridas no final do século XIX e primeiras décadas do século XX. In: MEDEIROS, Afonso; HAMOY, Idanise (Org.). **22º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas**. Ecossistemas estéticos. Belém: ANPAP/UFPA, 2013. p. 580.

nomes da intelectualidade carioca acolheram Chianca e os músicos mais notáveis do país assistiram aos concertos de Macedo.<sup>196</sup> O inusitado facto comprova que os diálogos promovidos entre os arautos da cultura dos dois países e estimulados por um contexto cultural comum (majoritariamente naturalista) levariam o intercâmbio artístico entre Brasil e Portugal a se instalar de maneira bem mais efetiva no âmbito interpessoal do que lograram os fracassados acordos discutidos oficialmente.

A massiva produção naturalista sofreria abalos muito pequenos diante dos movimentos de vanguarda que despontaram no Brasil e em Portugal até a década de 1930, em raras e pouco exitosas tentativas. A longa duração do naturalismo levaria a crítica novecentista a atribuir um aspecto relativamente retardatário à cultura dos dois países, em comparação com os contextos de outras nações europeias e americanas. Mas a verdade é que as economias desenvolvidas destes, balizadas por um operante poder público e compostas por uma sociedade habituada aos assuntos artísticos, desenvolveriam abundantes ações de mecenato que possibilitavam aos seus artífices experimentarem técnicas pictóricas inovadoras ainda em fins do século XIX.<sup>197</sup> O resultado foi uma profusão de “ismos” na denominação de estéticas que se sobrepunham:

Reagindo contra o academismo tedioso, o impressionismo e o expressionismo preparam um período de decadência e ao mesmo tempo de transformação. Com o impressionismo dilui-se o postigo, o artificial, o convencional da pintura já clássica, enjoativa, pomposa que infestava monotonamente nossos museus. Se, pois, por um lado reagia contra o convencionalismo guindado dos académicos graves e convencionais, animava os pintores menos sólidos a prescindirem do desenho, encorajando a facilidade técnica, encaminhando apenas para a cor e para o efeito todo o esforço. O expressionismo, de outro, lado, desfigurava os rigores do desenho, criando a perspectiva sentimental uma contribuição arbitrária, mas dinâmica do individualismo. Ele também funcionava como reação, ao lado do impressionismo. [...] Reação sábia, construtiva, de índole no fundo tradicionalista e clássica, foi o cubismo. Ele, com seu aparente paradoxo, representou a função de equilibrar os excessos, reconduzindo os pintores aos seus elementos clássicos essenciais, que são: o desenho exato, a cor livre, os planos sólidos, o arejamento dos volumes sob a luz.<sup>198</sup>

Este detalhado artigo publicado pelo *Correio Paulistano* em 1926 comprova que os intelectuais atuantes no Brasil e em Portugal tinham ciência do cenário vanguardista que se descortinava rapidamente na França. Entretanto, quando deparada com as experiências modernas desenvolvidas nos seus próprios países, a crítica local geralmente iria censurá-las por seus ideais extremistas e desconstrutores da “verdadeira arte”. Mais adiante, o mesmo artigo irá enaltecer a exposição de Carlos e João Reis, corroborando a preferência do autor pela

<sup>196</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Festival luso-brasileiro – Ruy Chianca. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 14 jul. 1919, 1ª e 2ª col., p. 5.

<sup>197</sup> OS ARTISTAS PORTUGUESES. A abertura da exposição de José Campas. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 12-13 maio 1914, 3ª col., p. 3.

<sup>198</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA. Carlos e João Reis. **Correio Paulistano**. São Paulo, 5 jun. 1926, 7ª e 8ª col., p. 7.

linguagem naturalista. Torna-se imprescindível retomar aqui a discussão sobre o entendimento da modernidade em fins do século XIX. Neste contexto, o moderno era incentivado e desejado enquanto sinal de atualização junto à (considerada superior) cultura europeia. Para os pintores brasileiros e portugueses estava em tudo o que fugia às exigências acadêmicas, passando mais pelo naturalismo do que pelas revolucionárias vanguardas. Em texto dedicado a tal contenda, Camila Dazzi acertadamente pondera sobre o uso da palavra “moderno” no final do oitocentos:

Críticos e artistas a empregavam para se referir a alguns aspectos do presente em contraposição a outros que viam como fora de moda ou tradicionais e, de certo modo, remanescentes do passado; ou seja, o termo era usado para demarcar diferenças dentro do presente e para definir distinções em relação ao passado.

Assim, uma prática artística moderna era construída com base em um sentido de diferença, o moderno era uma forma de diferença. Também significava que o moderno não era somente do presente, mas representava uma atitude específica para com o presente.<sup>199</sup>

A análise das assertivas contemporâneas demonstra que o conceito de modernidade para a geração do trasladar dos séculos era múltiplo e diferenciado da bandeira levantada pelos movimentos vanguardistas do novecentos. Charles Baudelaire<sup>200</sup>, um dos primeiros a utilizar o termo “moderno” em sua obra *O pintor da vida moderna* (reunião de textos publicados na imprensa francesa durante o ano de 1863), considerava o artista antigo um moralista que retratava o eterno subordinando-o à sua paleta clássica e amainada; enquanto o pintor moderno era o que ele chamava de “homem do mundo”, ou seja, um indivíduo viajador, que compreende o outro e deseja apreciar tudo o que acontece – é, sobretudo, um grande curioso. Para este apaixonado por ver e sentir, “nenhum aspecto da vida é indiferente”: ele observa *in loco* as paisagens e personagens, tornando supérfluo o costume de aprender a pintar com a cópia dos mestres do passado, já que seu objetivo é decifrar a realidade atual. Enfim, para Baudelaire e seus contemporâneos a modernidade estava na “beleza passageira e fugaz da vida presente”.

Dentro da crítica brasileira, Gonzaga Duque iria ressaltar que um artista “revolucionário, um inovador, não pode ser um frio desenhador da linha, nem um colorista preciso. É necessário que ele veja diferente, que seja resoluto, que pinte o que sente, sem artifícios antigos, mas por artifícios modernos”<sup>201</sup>. Assim, a modernidade para Gonzaga Duque estava no pincel solto e na interpretação pessoal (emotiva, intimista, subjetiva) da cena retratada, o que invalidava os

<sup>199</sup> DAZZI, Camila. O moderno no Brasil ao final do século XIX. *Revista de História da Arte e Arqueologia*. Campinas: UNICAMP, n. 17, jan.-jun. 2012, p. 87-124.

<sup>200</sup> BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. [as citações seguintes referem-se a esta edição].

<sup>201</sup> DUQUE ESTRADA, Luís Gonzaga. *A arte brasileira*. Rio de Janeiro: H. Lombaerts, 1888.

modelos acadêmicos. Já no século XX, em 1913, Laudelino Freire<sup>202</sup> iria considerar o marinheiro João Batista Castagneto superior ao português João Vaz justamente pelo facto de este último apresentar fatura moderada e demasiadamente sóbria, enquanto o outro manteve-se atento aos aspectos introduzidos pelos naturalistas e impressionistas. A modernidade para Freire manifestava-se, portanto, na adoção comedida de certos fundamentos do impressionismo e no abandono dos ultrapassados arquétipos clássicos. A crítica portuguesa compartilhava dessas opiniões e, em 1914, Xavier de Carvalho<sup>203</sup> qualificaria José Campas como um artista moderno por representar em suas telas a alma de Portugal, ou seja, por sua conexão com o naturalismo nacionalista<sup>204</sup> - ainda que os jornalistas brasileiros<sup>205</sup> tenham positivamente visto em seus exemplares alguma semelhança com o impressionismo francês.<sup>206</sup>

O pintor moderno precisava ser, portanto, um indivíduo completo. Ávido por informações atualizadas, era um homem independente e ousado. Eterno viajante, andava com seu chapéu, cavalete e tubos de tinta pelos campos. Para concluir o curso na academia nacional passava por torneios competitivos e exigentes. Depois reforçava suas aptidões com o intercâmbio nas escolas francesa e italiana. Eram profissionais de considerável qualidade, indicando que a rejeição às revolucionárias vanguardas decorria de opções estéticas conscientes, avaliadas ainda conforme a possibilidade de apelo comercial da obra nos mercados locais. A manutenção do pincel naturalista por brasileiros e portugueses não era resultado, como sugeriu a crítica da segunda metade do século XX, de qualquer incapacidade técnica; mas derivava, sobretudo, do gosto do público e dos bons índices de venda que garantiam a subsistência do artista. Os *Salons* de fins do oitocentos e suas paredes devotadas aos exemplares naturalistas<sup>207</sup> representavam o caminho verdadeiramente moderno a ser seguido pelos pintores estrangeiros quando do retorno à pátria após seus pensionatos:

Os artistas dessa geração almejavam, ao mesmo tempo, assimilar os legados que lhes eram exigidos pelos mestres acadêmicos franceses e brasileiros, para os quais, vale lembrar, deveriam mostrar que o estágio em Paris revelara-se frutífero; mas também incorporaram, ainda que de forma matizada, as inovações artísticas que testemunharam na cidade. A essa síntese formal se somava ainda uma terceira e difícil exigência: como artistas cosmopolitas oriundos de nações periféricas, se viam na tortuosa tarefa de realizar uma arte que causasse impacto na terra natal, ou seja, uma arte que fosse, de algum modo, nacional, mas segundo parâmetros de julgamento apreendidos no exterior, ou seja, internacionais.

<sup>202</sup> FREIRE, Laudelino. Exposição de João Vaz. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 20 ago. 1913, 6ª col., p. 8.

<sup>203</sup> CARVALHO, Xavier de. José Campas no Rio. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 4 out. 1913, 3ª e 4ª col., p. 3.

<sup>204</sup> PALMEIRIN, Luiz. José Campas. **Correio da Noite**. Rio de Janeiro, 2 maio 1914, 4ª col., p. 2.

<sup>205</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição José Campas. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 12 maio 1914, 6ª e 7ª col., p. 7.

<sup>206</sup> ARTE. Um jovem pintor português. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 maio 1914, 4ª e 5ª col., p. 2.

<sup>207</sup> Sobre o *Salon* de 1896, Zola notou: estava claro demais. Se a mostra de antes era tão negra que uma tela viva pendurada lhe produzia um buraco de luz, as exposições atuais estariam esquecidas dos matizes, cheias de manchas e de reflexos. ZOLA, Émile. **A batalha do impressionismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 319-322.

Nesse sentido, a busca por uma arte brasileira passava, necessariamente, por uma sintonia com os modelos europeus que deveriam ser plenamente conhecidos, habilmente absorvidos e originalmente recriados. A passagem por Paris era, pois, uma etapa absolutamente indispensável para o conhecimento dos modelos de ‘bem fazer’ arte, e fornecia o momento privilegiado de contato com aquele ‘moderno’ que, posteriormente, seria interpretado segundo os condicionantes locais.<sup>208</sup>

Os próprios artistas tinham ciência da modernidade vanguardista que os rodeava e, por vezes, opinavam sobre o tema. Tais apreciações novamente contradizem grande parte da historiografia novecentista, que tanto insistiu na ignorância do supostamente atrasado meio luso-brasileiro. Em 1926, o naturalista João Reis julgava que as vias artísticas contemporâneas não chegaram a operar substanciais mudanças no cenário português<sup>209</sup>, enquanto Fausto Gonçalves revelava certa aversão à criatividade e à artificialidade propostas pelos movimentos revolucionários.<sup>210</sup> Já Antônio Carneiro, conhecido por sua abertura ao simbolismo, considerava as linguagens modernistas expressões de valor que renovavam e davam maior frescura a problemas que acabariam por ficar esquecidos na Academia.<sup>211</sup> O brasileiro Eliseu Visconti, por sua vez, embora fervoroso defensor de uma arte liberta de regras, iria repreender os artistas que intitula “exagerados”<sup>212</sup>, ou seja, aqueles que produziam inovadoras manifestações com o único propósito de tumultuar, preferindo a extravagância à originalidade.

Em 1928 Fléxa Ribeiro<sup>213</sup> concluiria que, afinal, a arte era uma ciência interpretativa pouco devedora das escolas, mas muito dependente do indivíduo, a ponto de dois pintores formados em ambientes artísticos similares (na mesma academia e em tempos próximos) seguirem distintos vieses interpretativos. O resultado deste cenário dinâmico seria a eventual ocorrência simultânea de episódios naturalistas junto a eventos de teor mais vanguardista. No caso do Brasil, por exemplo, exatamente no dia em que o Real Gabinete Português de Leitura recebia o público interessado no naturalismo de Alves Cardoso, o inovador Lasar Segall abria a sua exibição de pinturas no Palace Hotel. Ademais, Cardoso seria agraciado com a Pequena Medalha de Ouro por sua participação na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes

<sup>208</sup> SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. A viagem a Paris de artistas brasileiros no final do século XIX. **Tempo Social**. São Paulo: USP, v. 17, n. 1, 2005, p. 360.

<sup>209</sup> PORTUGAL NO BRASIL. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 8 maio 1926, 2ª col., p. 5.

<sup>210</sup> FAUSTO GONÇALVES, O PINTOR DE COIMBRA. **A Noite**. Rio de Janeiro, 20 set. 1926, 6ª col., p. 1.

<sup>211</sup> UM MESTRE DA PINTURA CONTEMPORÂNEA. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1929, 1ª e 2ª col., p. 1.

<sup>212</sup> CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. O conceito e a função da arte na visão de um pintor brasileiro entre os séculos XIX e XX: uma leitura dos cadernos de notas de Eliseu Visconti (1866-1944). In: **I Encontro de História da Arte**, 2004. Revisão historiográfica: o estado da questão. Campinas: IFCH / UNICAMP, 2005. p. 89-100.

<sup>213</sup> RIBEIRO, Fléxa. Pequena crônica das artes: exposição Alves Cardoso. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 10 jul. 1928, 6ª col., p. 1.

de 1928, mesmo ano em que o futuro modernista Candido Portinari conquistaria o Prêmio de Viagem ofertado pela instituição de ensino carioca.<sup>214</sup>

Embora a opinião dos críticos promovesse um cenário pouco favorável às manifestações modernistas, a produção luso-brasileira na transição do século XIX para o XX assistiria a tentativas de implementação das vanguardas e de suas linguagens inovadoras. O naturalismo ganharia aqui alguma concorrência e sentiria o seu domínio visual ser, por vezes, relativamente ameaçado. Personalidades como os intelectuais brasileiros Graça Aranha, Oswald de Andrade e Ronald de Carvalho manteriam um diálogo intenso com o modernismo literário português, representado por Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros e Raul Leal.<sup>215</sup> Através de reuniões decorridas no Brasil, em Portugal ou na França, escritores e artistas de um país eram apresentados a figuras da outra nacionalidade. O resultado dessa aproximação seria concretizado em iniciativas como a revista trimestral *Orpheu*, dirigida por Luís de Montalvor (pseudônimo de Luís da Silva Ramos), que desenvolvera a ideia do magazine junto a Ronald de Carvalho, durante visita ao Rio de Janeiro.

As mostras modernistas em Portugal mantiveram um caráter coletivo, como a Exposição dos Livres (1911), a 1ª Exposição dos Humoristas (1912), o Salão da Primavera da SNBA de 1914 (quando os modernistas foram assim designados e agrupados pela primeira vez<sup>216</sup>), o Salão dos Futuristas organizado por José Pacheco em 1916, a 3ª Exposição dos Humoristas (1920)<sup>217</sup>, a Exposição dos Cinco Independentes (1923), o 1º Salão de Outono de 1925 e o segundo decorrido logo em 1926.<sup>218</sup> Das iniciativas individuais, destacam-se os esforços reiterados de Amadeo, Santa-Rita e Almada Negreiros; mas com a morte dos dois primeiros em 1918 e a ida de Negreiros para Paris no ano seguinte, o movimento perderia fôlego. A tais empreendimentos somar-se-iam algumas ações isoladas, como a compra do primeiro exemplar moderno (assinado por Eduardo Viana) para o Museu de Arte Contemporânea no ano de 1914,

<sup>214</sup> OS PRÊMIOS DO SALÃO DE 1928. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 30 ago. 1928, 6ª col., p. 1.

<sup>215</sup> SARAIVA, Arnaldo. *Modernismo brasileiro e modernismo português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações*. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 31.

<sup>216</sup> FRANÇA, José-Augusto. *O modernismo na arte portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1991.

<sup>217</sup> FRANÇA, José-Augusto. O fim de oitocentos e os anos dez. In: PERNES, Fernando (coord.). *Panorama da arte portuguesa no século XX*. Porto: Fundação de Serralves/Campo das Letras, 1999. p. 15-45.

<sup>218</sup> VER: HENRIQUES, Paulo (Coord.). *Arte moderna portuguesa no tempo de Fernando Pessoa, 1910-1940*. Zurique: Edition Stemmler, 1997.



quando Columbano Bordalo Pinheiro<sup>219</sup> assumiu a direção do local que guardava mais de 200 obras românticas e naturalistas.<sup>220</sup>

Assim “como em Portugal, é em 1912-1913, depois do segundo Manifesto Futurista, que começa a afirmar-se no Brasil a estética modernista”<sup>221</sup> - uma lenta consolidação que seguiria com avanços e retrocessos. No aquém-mar, Oscar Pereira da Silva, Arthur Timóteo da Costa, Eliseu Visconti e Belmiro de Almeida passariam por lapsos de experimentação das técnicas modernas, embora tenham mantido o pincel naturalista na maioria de suas obras.<sup>222</sup> Declarações modernistas mais significativas seriam proferidas por Lasar Segall, logo em 1913, e Anita Malfatti, em 1914 e 1917 (sendo esta última exposição considerada um marco para a vanguarda brasileira).<sup>223</sup> Frente à pouca notoriedade que os certames alcançaram no mercado local, alguns intelectuais e artistas se uniriam, incentivados pelas comemorações do Centenário da Independência de 1922, para refletir sobre a identidade cultural brasileira constituída ao longo daqueles 100 anos de história.<sup>224</sup> O objetivo do grupo era encontrar, distinguir e resgatar as tipicidades vernáculas, excluindo das manifestações literárias e artísticas os atuais traços de estrangeirismo. Neste sentido, o rompimento com a narrativa colonial acabaria por tornar-se inevitável, embora a contribuição de artistas portugueses (como António Ferro e Fernanda Castro) tenha sido acolhida como sinal de progresso e conexão com as novidades europeias:

O brado nacionalista brasileiro se constituiu, para os modernistas, em cima de uma negação peremptória do passado. Passado, por sua vez, significando Portugal, colonização católica e todo aparato das tradições ‘velhas’. De certa forma, a afirmação do ‘espírito’ brasileiro se deu pela crítica humorada e sistematicamente articulada em termos da negação do tradicional. O que se colocava como meta do discurso modernista era a oposição entre o ‘velho’ e o ‘novo’, entre o ‘passado’ e o ‘futuro’ ou, em outras palavras, entre o ‘colonialismo’ e a ‘modernidade’.

<sup>219</sup> Em meio à dualidade naturalismo/modernismo, sobressaía no cenário artístico português esta figura distante de qualquer classificação simplista e que enfrentaria, à sua maneira, o modelo pictórico sistematicamente produzido à época. Columbano seguiu um caminho de exceção não apenas no que se refere à paleta (próxima da escurecida pintura flamenga de Rembrandt ou do tenebrismo espanhol de Velásquez), mas também por fugir à vertente etnográfica e paisagística em voga. VER: SILVA, Raquel Henriques da. Romantismo e pré-naturalismo. In: PEREIRA, Paulo (coord.). **História da arte portuguesa**. v. III. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995. p. 343-344.

<sup>220</sup> ELIAS, Margarida. **Columbano no seu Tempo (1857-1929)**. Tese (Doutoramento em História da Arte Contemporânea). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011. p. 56.

<sup>221</sup> SARAIVA, Arnaldo. **Modernismo brasileiro e modernismo português**: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 263

<sup>222</sup> AMARAL, Aracy. **Artes plásticas na Semana de 22**: subsídios para uma história da renovação das artes no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 20

<sup>223</sup> CARDOSO, Renata Gomes. Anita Malfatti e a crítica de arte do início do século XX. **I Encontro de História da Arte**, 2004. Revisão historiográfica: o estado da questão. Campinas: IFCH / UNICAMP, 2005. p. 66-73.

<sup>224</sup> AMARAL, Aracy. Modernismo no Brasil: antes e durante. In: RODRIGUES, Ana Maria (coord.) **Brasil-brasis: cousas notáveis e espantosas**. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000. p. 22.

[...] Consequência inevitável da negação, a ruptura com o passado tornava-se a base necessária para sugerir que sem um corte estaríamos fadados ao continuísmo e à dependência.<sup>225</sup>

Os preceitos ideológicos redigidos pela parcela intelectual do movimento modernista brasileiro seriam acompanhados de manifestações diversas que buscavam refletir a respeito da construção de um Brasil dono de si e consciente da sua história. O conjunto destas ações ficaria conhecido como Semana de Arte Moderna, evento que teve lugar no Teatro Municipal de São Paulo entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922, quando foram discutidos certos aspectos da cultura nacional, como a literatura, a música e as Belas Artes. Os pintores participantes defenderiam a derrubada de “todos os cânones que até então legitimavam entre nós a criação artística”<sup>226</sup>, conceitos extremistas de ruptura que gerariam abertas críticas na imprensa da época – assombrada não tanto com as revoluções estéticas apresentadas, ainda muito modestas, mas sim com a proposta de construção de uma nova e desconhecida realidade.

Em Portugal, o modernismo não chegaria a produzir, como no Brasil, um só evento de grande porte que congregasse os anseios da sua vanguarda. Ademais, os pintores da década de 1910 eram, sobretudo, antiacadêmicos, preferindo a ação desorganizada à reflexão.<sup>227</sup> A baixa receptividade do público e da imprensa frente às rupturas violentas propostas pela “geração do Orpheu” de 1915<sup>228</sup> limitaria a arte moderna portuguesa mais ao âmbito das ilustrações do que aos salões de Belas Artes. Raquel Henriques da Silva acredita que tais dificuldades surgiram porque o naturalismo foi “dominador e castrador das tímidas iniciativas vanguardistas e modernistas que se delineiam a partir de 1910”<sup>229</sup>. O pincel naturalista prevaleceria em Portugal e acabaria por deixar esquecidos os experimentos modernos das primeiras décadas do século XX, consequência ainda da longa vida produtiva que tiveram os adeptos do naturalismo, dentre os quais José Malhoa (falecido em 1933) é certamente o nome mais expressivo:

À anterior vontade de se comprometer na agitação intelectual do nascente século XX, que as obras pioneiras de Amadeo, as experimentações de Viana e os textos

<sup>225</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Portugal como culpa ou o Modernismo Brasileiro e a negação colonialista portuguesa. In: RODRIGUES, Ana Maria (coord.) **Brasil-brasis**: cousas notáveis e espantosas. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000. p. 56-57.

<sup>226</sup> AMARAL, Aracy. **Artes plásticas na Semana de 22**: subsídios para uma história da renovação das artes no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 15.

<sup>227</sup> FRANÇA, José-Augusto. **O modernismo na arte portuguesa**. Lisboa: Biblioteca Breve, 1991.

<sup>228</sup> A maioria dos colaboradores da revista era de jovens da classe média, filhos de funcionários públicos, educados em Paris e atentos às modernidades, cosmopolitas e habituados a manifestações intelectuais. O futurismo era experimentado por eles como algo revolucionário. VER: RAMOS, Rui. A segunda fundação. (1890-1926). In: MATTOSO, José (coord.). **História de Portugal**. v. XI. Rio de Mouro: Círculo dos Leitores, 2008. p. 362-364.

<sup>229</sup> SILVA, Raquel Henriques da. As artes durante a Primeira República: tradição e modernidade. In: MORAIS, Ana Paiva (Org.). **Pensar a República** (1910-2010). Coimbra: Almedina, 2014. p. 175.

provocatórios de Almada veicularam, sucede uma vontade de acalmia e de distanciamento face às rupturas artísticas, em regresso à tradição e à ordem.<sup>230</sup>

O naturalismo correspondia com exatidão a este desejo de uma certa “normalidade” estética. Ele acabaria por predominar nas paredes dos salões brasileiros e portugueses até a década de 1940, malgrado prosseguissem surgindo isoladas tentativas de implantação do modernismo – como o tardio Salão dos Artistas Brasileiros de 1929, uma iniciativa inovadora de Alberto da Veiga Guignard e Paulo Gagarin que contaria com a participação do desconhecido pintor português José Rodrigues e ficou marcada por acolher manifestações artísticas de diferentes tendências.<sup>231</sup> No mais, a linguagem naturalista moderada e conectada com os anseios nacionalistas dos governos iria se sobrepor. Com a anuência da imprensa e da sociedade tropical, o naturalismo português seria insistentemente levado ao Brasil durante toda a vigência da sua Primeira República. Entretanto, o caminho inverso não seria traçado.

### 1. 3. 1 A ausência do Brasil em Portugal

A presença da arte naturalista portuguesa no Brasil conferiria aos nativos, sobretudo, a oportunidade de observar os representantes da produção europeia e o intercâmbio cultural seria exercido, ao longo da Primeira República, essencialmente no sentido Portugal-Brasil.<sup>232</sup> Os pintores portugueses eram sobremaneira populares nos trópicos, onde suas obras podiam ser admiradas com certa facilidade em coleções privadas, no acervo da Pinacoteca nacional<sup>233</sup> ou através do próprio movimento de exposições. Por outro lado, a arte brasileira teve baixa inserção no mercado português, a ponto de o aquarelista Alfredo Roque Gameiro lamentar que os artistas de aquém-mar não fossem “conhecidos ainda à altura do seu mérito, como deviam ser em Portugal”<sup>234</sup>.

Uma exceção a esse cenário, euforicamente comentada nos jornais da época, foi a fraternal acolhida do pintor e diplomata Navarro da Costa realizada pelos meios artísticos de Lisboa e do Porto, onde o brasileiro se instalara em missão consular. As suas marinhas, que

<sup>230</sup> HENRIQUES, Paulo (coord.). **Arte moderna portuguesa no tempo de Fernando Pessoa, 1910-1940**. Zurique: Edition Stemmler, 1997. p. 42.

<sup>231</sup> UMA MOSTRA DE ARTE. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 11 set. 1929, 4ª col., p. 2.

<sup>232</sup> ENTRE PAÍSES. Uma exposição de arte. **A Noite**. Rio de Janeiro, 21 abr. 1919, 4ª col., p. 1.

<sup>233</sup> VALLE, Arthur. Considerações sobre o acervo de pintura portuguesa da Pinacoteca da Escola Nacional de Belas Artes. **19&20**. Rio de Janeiro, v. VII, n. 1, jan./mar. 2012. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/obras/portugueses\\_enba.htm](http://www.dezenovevinte.net/obras/portugueses_enba.htm)>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2014.

<sup>234</sup> UM GRANDE PINTOR QUE NOS VISITA. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 2 ago. 1920, 5ª e 6ª col., p. 1.

passaram a retratar panoramas de Portugal, teriam sido alvo de distintas homenagens e elogiosos comentários proferidos por Júlio Dantas<sup>235</sup>, embora Almada Negreiros tenha feito dele chacota máxima em 1916<sup>236</sup>. Ao visitar o ateliê lisboeta de Navarro, um jornalista<sup>237</sup> comentaria as paisagens portuguesas que teria visto ali, todas interpretadas por um temperamento brasileiro tão apaixonado por aquelas terras, que poderia chegar a competir com o amor manifestado pelos nativos. Merecedor de uma rara admiração externada por nomes da cultura oficial e acompanhado de perto pela imprensa local, Navarro alcançaria notável sucesso em suas exposições organizadas na Europa e rapidamente se integraria à sociedade portuguesa. O diplomata e pintor brasileiro seria visto no banquete organizado em homenagem a José Malhoa pela Sociedade Nacional de Belas Artes, a 17 de junho de 1928, em Lisboa. A festa foi “considerada como o sinal mais intenso da camaradagem intelectual e artística entre Portugal e Brasil nos últimos tempos”<sup>238</sup>. Na ocasião, Navarro iria discursar sobre a influência que as obras do português exerciam sobre as produções brasileiras.<sup>239</sup>

Em Portugal não ocorreriam manifestações expressivas de brasilofobia<sup>240</sup>, a não ser nos casos de discussão linguística, podendo ser apontadas eventuais colaborações entre escritores e pintores das duas nacionalidades. Em junho de 1900, por exemplo, foi publicado pela Casa Bertrand o volume *As duas Américas*, de autoria do brasileiro Candido da Costa, dirigido pelo lisboeta Gualdino Gomes e ilustrado pelo pintor António Ramalho.<sup>241</sup> Mas apesar dessa aparente amabilidade para com os ex-colonos, Eça de Queiroz lembra que os portugueses não frequentavam os lugares visitados pelos “brasileiros” (emigrados enriquecidos no Brasil e assim apelidados no regresso à terra natal) e que estes últimos eram muitas vezes chamados nas ruas de “macacos”, enquanto os jornais eufemisticamente utilizavam a expressão “nações irmãs” para referir-se às relações luso-brasileiras.<sup>242</sup> O pintor Carlos Reis, em discurso pronunciado durante a entrega de um quadro seu para homenagear um filantropo conterrâneo, em iniciativa

<sup>235</sup> O PINTOR CARLOS REIS NO BRASIL. A sua próxima visita. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 22 abr. 1919, 6ª a 8ª col., p. 3.

<sup>236</sup> HENRIQUES, Raquel Henriques da. (raquelhs10@gmail.com). Mensagem pessoal recebida por raquelaaraujo@yahoo.com.br em 16 de maio de 2017.

<sup>237</sup> BELLAS ARTES. Um artista brasileiro em Portugal. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 12 mar. 1918, 3ª col., p. 4.

<sup>238</sup> AS HOMENAGENS A MALHÔA. **O Commercio de São Paulo**. São Paulo, 19 jun. 1928, 2ª col., p. 3.

<sup>239</sup> BARROS, João de. Malhõa e o Brasil. **A Noite**. Rio de Janeiro, 21 jul. 1928, 4ª col., p. 1.

<sup>240</sup> SARAIVA, Arnaldo. **Modernismo brasileiro e modernismo português**: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 258.

<sup>241</sup> NOTÍCIAS DE PORTUGAL. Lisboa, 4 de junho. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 21-22 jun. 1900, 4ª col., p. 3.

<sup>242</sup> ALVES, Ida; TELLES, Ângela. Atravessando o Atlântico: imagens de brasileiros por portugueses. **Convergência Lusíada**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, n. 29, jan./jun. 2013, p. 255.

que envolvera esforços de brasileiros e portugueses, confirmava que formou-se “em Portugal, ideia errada da falta de cultura da colônia portuguesa no Brasil”<sup>243</sup>.

Se nas ruas o preconceito era declarado, a intelectualidade portuguesa celebraria e apoiaria quaisquer empreendimentos que contribuíssem para ampliar o intercâmbio com os brasileiros. Durante o mês de março de 1889, por exemplo, os irmãos Bernardelli passariam alguns dias em Lisboa a buscar documentação sobre o descobrimento do Brasil. A informação teria sido suficiente “para que os artistas portugueses se alvorçassem em projetos de simpatia e apreço aos dois artistas brasileiros”<sup>244</sup>. A ausência de ações governamentais que subsidiassem tais iniciativas de colaboração ou promovessem o diálogo entre artistas e intelectuais dos dois lados do Atlântico não desencorajaria os portugueses, que possuíam um motivo extra para empreenderem seus esforços particulares na travessia do oceano: a possibilidade de ganhos avultados nos trópicos. Por meio de constantes viagens ao Rio de Janeiro e São Paulo, eles acabariam por assumir o papel de enérgicos divulgadores da cultura vernácula, a ponto de um jornalista carioca anotar:

Decididamente, os artistas são os melhores diplomatas do mundo. Para estabelecer íntimas relações entre povos, não há como esses representantes da cultura intelectual e moral das pátrias. Onde eles vão, vai toda a alma das terras que representam. Não tem credenciais, nem fardas bordadas, nem protocolos, nem trens faustosos: têm apenas o seu talento, e com isso conseguem tudo. Cinquenta ministros, que Portugal nos mandasse, ao mesmo tempo, para nos dizer o que é a terra portuguesa, o que são seus costumes, e o que é a sua vida, - não conseguiriam o que conseguiu Malhã, sozinho, trazendo-nos a sua pintura forte e verdadeira, de uma arte fecunda, em que a imaginação se não separa da realidade, e onde o sonho aparece intimamente ligado à observação.<sup>245</sup>

---

<sup>243</sup> NOTAS SOCIAIS. Manifestações. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 16 ago. 1919, 8ª col., p. 6.

<sup>244</sup> NOTÍCIAS DE PORTUGAL. Lisboa, 22 de fevereiro de 1899. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 27 mar. 1899, 4ª col., p. 2.

<sup>245</sup> REGISTRO. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 14-15 jul. 1906, 1ª col., p. 2.

## **CAPÍTULO 2**

### **A CONVIVÊNCIA ENTRE OS ARTISTAS: AMIZADES E PARCERIAS**

Embora as relações políticas e econômicas entre Brasil e Portugal tenham se mantido inconstantes no período da Primeira República brasileira, fazendo fracassar diversas investidas de reconciliação diplomática e levando ao arquivamento de muitos acordos comerciais, o capítulo anterior indicou que o campo cultural se mostrou sempre mais frutífero e promissor enquanto meio articulador dos dois lados do Atlântico. Ainda que o português permanecesse apontado nas ruas como o explorador, grosseirão e ignorante responsável pelo atraso civilizacional do Brasil, os artistas, literatos e intelectuais de ambas as nacionalidades estabeleceriam vínculos de fraternal e duradoura amizade. Este microclima afável e conciliador não chegaria a alterar o distanciamento que se processou em outros níveis, mas foi responsável pelo intenso diálogo instalado entre as Belas Artes do Brasil e de Portugal na transição para o século XX.

As trocas culturais firmadas entre o além e o aquém-mar seriam possibilitadas por um ambiente civilizacional comum baseado no modelo francês.<sup>246</sup> No contexto de fins do século XIX, Paris era a cidade mais moderna e globalizada do mundo. Suas ruas e cafés fervilhavam com a movimentação de visitantes e emigrantes, com a circulação de ideias e de muito dinheiro. Para aquela buscada e invejada atmosfera dirigiam-se os maiores intelectuais do momento e abastados sobrenomes dispostos a gastarem suas fortunas na “Cidade-Luz”. A França congregaria também grande parte dos artistas ativos à época, atentos ao prestigioso Museu do Louvre e à *École de Beaux-Arts*. Esta academia parisiense seria responsável por doutrinar e formar expressivas figuras da arte naturalista na transição para o século XX, reunindo em suas dependências estudantes que buscavam uma trajetória própria e estavam simultaneamente atentos ao que era ali ditado.

Conectados pela similitude linguística, literatos e artistas chegados do Brasil e de Portugal, quando instalados na França, promoveriam sucessivas trocas de impressões, conhecimentos e informações através de encontros aleatórios, mantidos e aprofundados posteriormente com o intercâmbio de correspondências. Eles se reuniriam em locais como o apartamento de Eduardo Prado, na *Rue Rivoli*, que registrara as passagens de Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão e Oliveira Martins, mas também de Graça Aranha, Oliveira Lima, José Veríssimo, Joaquim Nabuco e Olavo Bilac.<sup>247</sup> Eduardo, rico advogado e jornalista brasileiro,

---

<sup>246</sup> GUIMARÃES, Valéria. Jornais franceses no Brasil. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. ANPUH 50 anos: comemorações. São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312985067\\_ARQUIVO\\_jornais\\_franceses.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312985067_ARQUIVO_jornais_franceses.pdf)>. Acesso em: 30 de setembro de 2014.

<sup>247</sup> MIGLIACCIO, Luciano. Entre Lisboa, Paris e o Rio de Janeiro. Para o estudo das relações artísticas entre Portugal e Brasil na segunda metade do século XIX. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel (org.). **Oitocentos: intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal**. Tomo III. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. p. 267.

se relacionava confortavelmente com representantes da cultura das duas nacionalidades – ele pode ser visto ao lado de Ramalho Ortigão e do Barão do Rio Branco<sup>248</sup> em fotografia captada durante a Exposição Universal de Paris de 1889.<sup>249</sup> Este típico personagem que emergia em fins do século XIX, o burguês endinheirado e cosmopolita, mediante sua agitada e bem articulada atuação social, acabaria por ajudar na intensificação dos diálogos artísticos luso-brasileiros.

O presente capítulo revelará que reuniões, homenagens e jantares promovidos por opulentas figuras atuantes nos dois lados do Atlântico impulsionariam o surgimento de profícuas amizades entre personalidades que inicialmente poderiam considerar-se inimigas históricas. O “banquete oferecido a Guerra Junqueiro pelos seus admiradores da colônia portuguesa e brasileira”<sup>250</sup> residente em Paris, decorrido nos salões de honra do restaurante *Adelphi* em 1904, é um bom exemplo da saudável e vantajosa atmosfera que se processava entre os representantes das nações. Compareceriam à recepção os pintores Rodrigo Soares e José Júlio de Souza Pinto, além dos literatos Olavo Bilac e Xavier de Carvalho, que discursaram na ocasião.<sup>251</sup> Brasil e Portugal, em meio aos brados nacionalistas dos seus governos, encontrariam nesse microclima amistoso o território ideal para intensificar a aproximação ansiada pelos projetos políticos e fracassada na esfera dos tratados. Nos idos de 1914, o escritor Manoel de Souza Pinto lamentava que os projetos incentivadores do maior intercâmbio luso-brasileiro ainda não haviam gerado bons frutos efetivos e seguiam por deixar a aproximação a cargo da boa vontade das individualidades empreendedoras:

Apesar de, à hora efusiva do erguer das taças, as verbosas classes pensantes de aquém e de além-Atlântico aludirem volta e meia, em discursos grávidos de generosíssimos propósitos, à conveniência urgente do estreitamento das relações intelectuais e artísticas entre o novo Brasil e o velho Portugal, é certo que ainda coisa alguma de verdadeiramente prático e viável se esboçou, lá ou cá, nesse vantajoso sentido. [...] as entidades oficiais naturalmente indicadas para meter mãos à obra continuam, senão de braços cruzados, com os olhos postos noutras questões, talvez mais inadiáveis, mas, sem dúvida, menos férteis em consequências magníficas.<sup>252</sup>

---

<sup>248</sup> Figura singular do processo republicano brasileiro, o barão assumiu a pasta das Relações Exteriores em 1902, após larga experiência diplomática no período imperial. Foi responsável por agregar ao Brasil os territórios ao sul (na área das Missões), o Amapá (pretendido pela França) e o Acre (reclamado pela Bolívia). Após sua morte, em 1912, o Itamarati continuaria a seguir seus valores pacifistas e de proteção ao patrimônio nacional. VER: VIANNA, Hélio. **História do Brasil**. v. II. São Paulo: Melhoramentos, 1970. p. 240.

<sup>249</sup> CALMON, Pedro. **História do Brasil**. v. VI. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1971. p. 1974.

<sup>250</sup> TELEGRAMAS. Serviço Especial. Paris, 2. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 2-3 jun. 1904, p. 1, col. 3 e 4.

<sup>251</sup> TELEGRAMAS. Banquete a Guerra Junqueiro. Paris, 2. **Correio Paulistano**. São Paulo, 3 jun. 1904, 7ª col., p. 1.

<sup>252</sup> PINTO, Manoel de Sousa. Antonio Carneiro. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 5 jul. 1914, 7ª e 8ª col., p. 1.



## 2. 1 O encontro nas academias europeias

### 2. 1. 1 O ambiente francês

A partir de meados do século XIX, Paris tornou-se o local mais procurado por artistas chegados de diversas partes do globo. A “Cidade-Luz” oferecia um verdadeiro espetáculo da modernidade através de seus extensos parques, movimentados cafés, elegantes bulevares e linhas de comboio que conectavam a urbe à bucólica região rural.<sup>253</sup> O dinheiro, as oportunidades e os prazeres atraíam todo um mundo para a capital francesa, sinônimo do bem-viver contemporâneo. Dentro do seu inovador complexo urbanístico há pouco reformado por Haussmann, o Museu do Louvre despontava como espaço acumulador de uma coleção visual multifacetada e doutrinária. Fundado em fins do século XVIII, o Louvre tornar-se-ia, cem anos depois, o principal acervo mundial de obras de arte oriundas de diferentes locais e épocas. Congregava uma profusão de possibilidades imagéticas que forneciam aos estudantes soluções estéticas e composicionais distintas do onipotente modelo acadêmico, como o barroco flamengo de Rubens e a pintura de gênero holandesa.<sup>254</sup>

No *Salon Officiel* era mostrada a arte francesa contemporânea produzida conforme os parâmetros da *École de Beaux-Arts*. As exposições anuais ali organizadas tornaram-se a melhor oportunidade para observar a tendência do mercado e fazer notórios alguns nomes: “a Academia era, portanto, o campo de produção da obra de arte e o Salão, a sua primeira instância de consagração”<sup>255</sup>. Segundo a historiografia novecentista, a maior parte das pinturas ali exibidas ao longo do oitocentos seguiria a tradição ingrinista ou, timidamente, a fatura de Delacroix. Mas o exame atento dos catálogos evidencia, na verdade, a presença de linguagens bem diversificadas. O *Salon* acolheria proposições que abririam caminho ao naturalismo e ao impressionismo já a partir de 1878, quando ali figuraram telas de Renoir e Courbet. As mostras seguintes receberiam obras de Manet, Bastien-Lepage e Henri Gervex.<sup>256</sup> No ano de 1880, o literato Émile Zola chegaria a observar “uma evolução lenta em direção a temas modernos e à

<sup>253</sup> SCHAPIRO, Meyer. **Impressionismo**: reflexões e percepções. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p.124.

<sup>254</sup> COLI, Jorge. Manet: o enigma do olhar. In: AGUIAR, Flávio; NOVAES, Adauto. **O olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988. p. 227.

<sup>255</sup> FERNANDES, Cybele Vidal. **A construção simbólica da Nação**: a pintura e a escultura nas Exposições Gerais da Academia Imperial de Belas Artes.19&20, Rio de Janeiro, v. II, n. 4, out. 2007. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/obras/cfv\\_egba.htm](http://www.dezenovevinte.net/obras/cfv_egba.htm)>. Acesso em: 2 de dezembro de 2011.

<sup>256</sup> MAINARDI, Patricia. **The end of the Salon**: art and the State in the Early Third Republic. University of Cambridge, 1994. p. 100.

pintura clara”<sup>257</sup>, levando o evento a apresentar mais cenas ruralistas do que composições acadêmicas.

Em 1881, o novo governo francês abdicaria do controle do *Salon*, entregando-o à *Société des Artistes Français*.<sup>258</sup> Com Antonin Proust a assumir o cargo de Ministro das Belas Artes, Manet receberia o título de Cavaleiro da Legião de Honra e numerosos quadros de Courbet seriam adquiridos pela iniciativa pública, atitude que sancionava a oficial aceitação do realismo. Os *Salons* subsequentes confirmariam a definitiva ascensão do naturalismo enquanto adequado sistema artístico vigente e a relativa abertura da Academia para os conceitos técnicos impressionistas. Os temas clássicos tornavam-se cada vez mais raros nas exposições e os artistas buscavam pintar à sua maneira, procurando diferenciar-se em meio à massa de concorrentes.<sup>259</sup> Neste ínterim, fazendo eco às assertivas de Zola, o crítico brasileiro Gonzaga Duque externaria sua aversão à sumidade de algumas figuras conservadoras que insistiam em lecionar na *École*, mesmo diante do contexto naturalista que se impunha, e advertia:

Não é das melhores recomendações, para qualquer artista, o nome de Cabanel [...]. Alexandre Cabanel não é mais do que o pintor oficial e massudo de alguns amadores caducos da França moderna. [...] Estacionário, nunca mais moveu-se nem procurou mover-se; clássico, continuou as pedantes enormidades incompreensíveis que os velhos pincéis, desde Van Loo até Ingres deixaram para determinar uma época. Hoje que a arte está ligada com os mais melindrosos processos científicos, Cabanel tem às mãos a tiara de sumo pontífice na arte inerte e pedantesca [...].<sup>260</sup>

É com este cenário renovador que os bolsistas chegados de Portugal e Brasil irão se deparar quando de seus pensionatos em Paris. Os estrangeiros de passagem pela França habitualmente se reuniram em “grupos que compartilhavam interesses mútuos, porque vieram da mesma região ou cidade”<sup>261</sup>. Daí a importância de observar que “as tentativas naturalistas dos pintores brasileiros da nova geração passem pelo conhecimento das obras dos portugueses ativos em Paris e também em Roma, frequentemente associados aos colegas espanhóis”<sup>262</sup>. Fosse no ambiente solene da *École de Beaux-Arts*, nos ateliês de formação associados à academia ou mesmo nos barulhentos cafés parisienses, unidos pela coincidência linguística, brasileiros e portugueses que se desconheciam acabariam por conviver em clima de proveitosa

<sup>257</sup> ZOLA, Émile. **A batalha do impressionismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 287.

<sup>258</sup> REWALD, John. **História do Impressionismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 338.

<sup>259</sup> ZOLA, Émile. *Op. cit.*, p. 308.

<sup>260</sup> DUQUE ESTRADA, Luís Gonzaga. **Impressões de um amador**: textos esparsos de crítica (1882-1909). Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 61-62.

<sup>261</sup> Weisberg, Gabriel P. **Beyond Impressionism**: the naturalist impulse in european art (1860-1905). London: Thames and Hudson, 1992. p. 8.

<sup>262</sup> MIGLIACCIO, Luciano. Entre Lisboa, Paris e o Rio de Janeiro. Para o estudo das relações artísticas entre Portugal e Brasil na segunda metade do século XIX. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel (org.). **Oitocentos**: intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. Tomo III. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. p. 273.

amizade. Como será visto ao longo do Capítulo, esse contato iniciado nos anos de estudo seria mantido por meio de mútuos convites para exposições e constantes trocas de correspondência, cujo resultado foi o estímulo indireto do intercâmbio cultural entre os dois lados do Atlântico.

Na *École de Beaux-Arts* parisiense, o ateliê de Alexandre Cabanel era o mais procurado e cursado pelos pensionistas estrangeiros. Ali os portugueses Silva Porto e Marques de Oliveira<sup>263</sup> conviveriam com os brasileiros Almeida Júnior e Rodolpho Amoedo. Estes dois últimos, por sua vez, dividiram a mesma sala de aula com José Júlio de Souza Pinto e Henrique Pousão, chegados à França em 1880.<sup>264</sup> Já no ano de 1892, Veloso Salgado frequentaria o ateliê de Cabanel, enquanto Eliseu Visconti assistiria às lições de Eugène Grasset. Por fim (e sem pretensão de encerrar esse extenso rol de coincidências), os pensionatos do português José de Brito e do brasileiro José Fiúza Guimarães transcorreriam concomitantemente em 1895 na *École*.<sup>265</sup> Importante ressaltar que o estudo na escola francesa não divergiu muito do conteúdo cursado nas academias do Brasil e de Portugal, sendo valorizados ali igualmente os processos de cópia e o desenho impecável<sup>266</sup>, assim como a competição por um lugar no *Salon Officiel*.

O mais importante evento artístico da França abrigaria com relativa constância nomes portugueses e brasileiros, cujas participações não passariam despercebidas pela crítica jornalística de ambos os países. Já em 1890, a cosmopolita *Ilustração* de Mariano Pina<sup>267</sup> exaltava a boa acolhida dos portugueses no *Salon*, onde figuraram: Columbano Bordalo Pinheiro (retratos do poeta Antero do Quental e do ator João Rosa), José Júlio de Souza Pinto (que ali expunha regularmente desde 1881, tendo alcançado uma menção honrosa em 1883<sup>268</sup>), o promissor paisagista Veloso Salgado e José de Mello e Brito. Em 1891, o correspondente em Paris do periódico carioca *O Paiz*, Xavier de Carvalho<sup>269</sup>, apontava as presenças no certame

<sup>263</sup> Ambos estiveram na Itália entre janeiro de 1876 e setembro de 1877 (a bolsa de estudos teria uma duração total de 1873 a 1879): Marques de Oliveira em Roma e Silva Porto em Capri. VER: DAZZI, Camila. Artistas brasileiros e portugueses: a estada na Itália como parte da formação artística de pintores e escultores no século XIX. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel (org.). **Oitocentos: intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal**. Tomo III. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. p. 73.

<sup>264</sup> MIGLIACCIO, Luciano. Entre Lisboa, Paris e o Rio de Janeiro. Para o estudo das relações artísticas entre Portugal e Brasil na segunda metade do século XIX. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel (org.). **Oitocentos: intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal**. Tomo III. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. p. 272.

<sup>265</sup> A COLÔNIA PORTUGUEZA EM PARIS. **O Commercio de São Paulo**. São Paulo, 12 nov. 1895, 6ª col., p.1.

<sup>266</sup> TARASANTCHI, Ruth Sprung. Pedro Alexandrino e Almeida Júnior. In: LOURENÇO, Maria Cecília França. **Almeida Júnior: um criador de imaginários**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2007. p. 247.

<sup>267</sup> PINA, Mariano. Variações sobre a arte. **A Ilustração**. Paris, 20 maio 1890, 7º ano, vol. VII, n. 10, p. 2.

<sup>268</sup> SIMÕES, Daniela; Costa, Jorge C. da. A formação parisiense dos pintores portugueses do fim do século: Souza Pinto, Alves Cardoso. In: NETO, Maria João; MALTA, Marize (eds.). **Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX: perfis e trânsitos**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014. p. 303-307.

<sup>269</sup> CARTA PARISIENSE. Paris, 12 de maio - O "Salon" dos Campos Elysios. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 9 jun. 1891, 1ª e 2ª col., p.1.

dos portugueses Columbano (com um retrato do irmão, Raphael) e Souza Pinto (*A volta da pesca* e *O interior de uma forja*). No ano seguinte, Veloso Salgado seria ali agraciado com a Medalha de Segunda Classe pelo *Cristo no deserto* e o retrato do pintor Demont.<sup>270</sup>

Já o *Salon Officiel* de 1893 catalogaria a presença de brasileiros (Manuel Lopes Rodrigues e Oscar Pereira da Silva) pela primeira vez após a Proclamação da República. A exposição daquele ano, criticada pelo excesso de cenas que não demandavam “maiores esforços de composição”<sup>271</sup>, receberia ainda os portugueses Veloso Salgado, José Júlio de Souza Pinto (*Dans les champs* e *Au coin du feu*), Jorge Collaço (*En attendant la soupe*) e José de Brito (*Retrato do Conde de Caparica*). A mostra parisiense de 1894, por sua vez, voltaria a ser comentada por Xavier de Carvalho<sup>272</sup>, que destacou as participações dos brasileiros Oscar Pereira da Silva, Manuel Lopes Rodrigues e Felix Bernardelli; como também dos portugueses Veloso Salgado, José de Brito e Souza Pinto (que enviaria *Rendez-vous* direto da França para a Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes). Dois anos depois, a crítica apontaria que o *Salon* mesclava à época “as boas tradições da velha escola ao lado das ousadias dos impressionistas deste fim de século”<sup>273</sup>, mudança acompanhada *in loco* pelos brasileiros Alvim Corrêa, Pedro Luiz Vauthier e Eliseu Visconti (então aluno da *Académie Julian*); e pelo costumeiro representante português, José Júlio de Souza Pinto (com *O banho* e *A forja*).

A exposição francesa de 1897 iria motivar uma série de artigos publicados pela *Revista Moderna*, editada em Paris a partir daquele ano para ser vendida nos mercados de Brasil e Portugal. Este cosmopolita magazine ilustrado registraria colaborações de Eça de Queiroz e Batalha Reis, Olavo Bilac e Eduardo Prado; além de intervenções artísticas protagonizadas por José Júlio de Souza Pinto e Veloso Salgado, Pedro Américo e Belmiro de Almeida – só para citar alguns nomes dos dois lados do Atlântico.<sup>274</sup> O editorial de 15 de maio<sup>275</sup>, assinado por Domício da Gama, reproduzia imagens das telas expostas no *Salon* de 1897, onde figuraram Souza Pinto (*En Prairie*, enviada para a Exposição Geral da ENBA, e *As castanhas*), Veloso Salgado (dois retratos, um deles de António Candido<sup>276</sup>), José Malhoa (um retrato e um grupo

<sup>270</sup> Para comemorar a infrequente e distinta honraria oferecida pelo exigente júri do *Salon*, alguns portugueses (como Teixeira Lopes e Marques da Silva) promoveriam um banquete em tributo ao discípulo de Cabanel, evento em que esteve presente o notório Jules Breton. VER: ARTISTA PORTUGUÊS EM PARIS. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 22 jun. 1892, 5ª col., p. 1.

<sup>271</sup> CARTAS DE PARIS. *Cidade do Rio*. Rio de Janeiro, 14 jul. 1893, 5ª e 6ª col., p. 1.

<sup>272</sup> O *Paiz*. Rio de Janeiro, 4 jun. 1894, 2ª col., p. 2.

<sup>273</sup> CARTAS DE PARIS. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 11-12 jun. 1896, 3ª col., p. 2.

<sup>274</sup> A NOSSA COLABORAÇÃO. *Revista Moderna*. Paris, Ano II, n. 24, ago. 1898, p. 1-2.

<sup>275</sup> GAMA, Domício da. O *salon* dos Campos Elyseos. *Revista Moderna*. Paris, Ano I, n. 1, 15 maio 1897, p. 25-28.

<sup>276</sup> PRADO, Eduardo. Antonio Candido. *Revista Moderna*. Paris, Ano I, n. 7, 5 out. 1897.

de oleiros das Caldas sem título), Júlio Ramos (a paisagem *Efeito de crepúsculo* e a marinha *Entrada dos barcos*) e António Ribeiro (*Depois do trabalho*); os brasileiros Pedro Weingartner, Pedro Vauthier, Simões da Fonseca e Florian Peixoto. A participação portuguesa na mostra de 1897 também foi destaque no *Correio Paulistano*, em extensa matéria dedicada ao assunto.<sup>277</sup>

No ano seguinte, o texto de Domingos Guimarães<sup>278</sup> publicado na *Revista Moderna* enfatizaria a ampla colaboração dos artistas portugueses e brasileiros no *Salon* de 1898, em apreciação que criticava a fatura demasiadamente afrancesada de José Júlio de Souza Pinto e as pinceladas improvisadas de Malhoa, embora elegeisse o moderado Candido Cunha um dos maiores paisagistas de Portugal. Seriam aceitos naquela exposição, ao todo, onze trabalhos de oito pintores portugueses (Souza Pinto<sup>279</sup>, José Malhoa, Candido da Cunha, Condessa do Alto Mearim, Viscondessa de Sistello, Zoé Wautelet, Sarah de Vasconcellos Gonçalves e Adelaide de Vasconcellos Barbosa) e cinco obras de quatro brasileiros (Belmiro de Almeida, Pedro Weingartner, Alvim Corrêa e Manoel Madruga). O certame parisiense de 1899 provocaria outra crítica reflexiva de Xavier de Carvalho<sup>280</sup>, que ressaltaria a participação de José Malhoa (dois retratos), José Júlio de Souza Pinto (os pasteis *Pastor* e *Meia Noite no Campo*, além de *Colheita das batatas* e *À margem do rio*), Alberto de Souza Pinto (*Retour de la ville*) e Sarah de Vasconcellos (*Fiadeira do Minho*); além dos brasileiros Rosalvo Ribeiro, Pedro Alexandrino, Eliseu Visconti, Manoel Madruga e Pedro Luiz Vauthier.

Paralelamente à mostra oficial instalada na *Champs-Élysées* pela *Société des Artistes Français*, a exposição coordenada pela *Société Nationale des Beaux-Arts* e alocada no Campo de Marte também registraria nomes de brasileiros e portugueses em seus catálogos, malgrado em menor escala.<sup>281</sup> Em 1897, Alberto de Souza Pinto<sup>282</sup> (irmão do afamado José Júlio de Souza Pinto) exibiria ali algumas telas e, nos anos de 1898 e 1899, seria a vez do ítalo-brasileiro Eliseu Visconti.<sup>283</sup> Para além destes dois eventos de grande expressão, outros pequenos salões eram frequentemente abertos em diferentes cantos da cosmopolita e agitada Paris. Em 1893, por exemplo, os alunos do ateliê de Fernand Cormon, dentre os quais distinguia-se o português

<sup>277</sup> OS PORTUGUESES NO “SALON” DE PAIS. *Correio Paulistano*. São Paulo, 25 maio 1897, 4ª col., p. 2.

<sup>278</sup> GUIMARÃES, Domingos. Brasil e Portugal nos “Salons” de 1898. *Revista Moderna*. Paris, Ano II, n. 20, 1º maio 1898, p. 646-650.

<sup>279</sup> Também lembrado por: O “MERCÚRIO” NAS ARTES. *O Mercúrio*. Rio de Janeiro, 21 jul. 1898, 5ª col., p.2.

<sup>280</sup> CARVALHO, Xavier de. O “salon” brasileiro e português de 1899 em Paris. *Revista Moderna*. Paris, 30 abr. 1899, Ano II, n. 30, p. 238 – 242.

<sup>281</sup> CARTA PARISIENSE. Paris, 12 de maio - O “Salon” dos Campos Elysios. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 9 jun. 1891, 1ª e 2ª col., p.1.

<sup>282</sup> O SALÃO DO CAMPO DE MARTE. *Revista Moderna*. Paris, Ano I, n. 2, 25 jun. 1897, p. 63-64.

<sup>283</sup> GUIMARÃES, Domingos. Brasil e Portugal nos “Salons” de 1898. *Revista Moderna*. Paris, Ano II, n. 20, 1º maio 1898, p. 646-650.

Jorge Collaço, preparariam uma pequena exposição independente. Segundo Xavier de Carvalho, apesar de não ter figurado naquela mostra, os elogiados trabalhos de Collaço podiam ser constantemente vistos na *salles de dépêches* do *Figaro* e do *Petit Parisien*.<sup>284</sup>

Com o trasladar dos séculos, a presença dos artistas portugueses e brasileiros no *Salon Officiel* parisiense parece ter diminuído consideravelmente ou, pelo menos, passou a ser menos valorizada na imprensa. O certame de 1909, que arrolara apenas os nomes de um brasileiro (Mario Barbosa) e dois portugueses (José Malhoa e José Júlio de Souza Pinto), foi classificado por Xavier de Carvalho como “excessivamente medíocre”<sup>285</sup> devido à falta de audácia verificada ali, fruto da cansativa repetição do naturalismo. O desinteresse no evento pode explicar, assim, o relativo silêncio da crítica. De toda forma, pintores chegados do Brasil e de Portugal encontrariam na França, durante décadas, o ambiente produtivo ideal para o progresso artístico de cada um. Eles vivenciariam ali a enriquecedora oportunidade de se conhecerem, trocarem experiências e debaterem suas opiniões.

A criação de vínculos estimulados pelas participações concomitantes nos *Salons* e aliados à prévia convivência nos ateliês, firmariam relações fulcrais para o contínuo diálogo que a arte brasileira estabeleceria com a portuguesa ao longo do século XX. Neste sentido, o *Salon* de 1908 traz um dado curioso: o português Adriano de Souza Lopes concorreria à mostra com a pintura de uma dama brasileira, enquanto o paulista Mario Barbosa expunha um carro de bois pintado nos arredores do Porto.<sup>286</sup> O episódio poderia indicar, se forçado um entendimento literal e uma conexão direta, que o intercâmbio luso-brasileiro ultrapassaria o âmbito dos casuais encontros nos cafés para atingir um grau de intimidade que previa o conhecimento da realidade do outro e a superação de possíveis barreiras históricas do preconceito mútuo. Ademais, para além do moderno ambiente vivenciado na França, os artistas portugueses e brasileiros também se encontrariam em outro círculo artístico concorrido na Europa: a Itália.

## 2. 1. 2 As raízes italianas e a modernidade de Munique

No contexto de transição do século XIX para o XX, a estadia na Itália era indicada como primordial para a formação de qualquer estudante de Belas Artes e necessária complementação

---

<sup>284</sup> CARVALHO, Xavier de. Cartas parisienses. Paris, 3 de março. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 31 mar. 1893, 1ª a 3ª col., p. 2.

<sup>285</sup> CARTAS DE PARIS. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 21 maio 1909, 5ª col., p. 3.

<sup>286</sup> CARVALHO, Xavier de. Carta de Paris. Paris, 1 de maio. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 29 maio 1908, 1ª e 2ª col., p. 4.

aos ateliês parisienses. A maioria dos bolsistas portugueses e brasileiros de passagem pela *École de Beaux-Arts* acabariam, assim, por cursar ao menos um ano de sua aprendizagem nas academias italianas; enquanto outros escolheriam percorrer todo o intercâmbio exclusivamente na Itália. Chegados ao país, os pintores vindos de diversas partes do globo logo se filiavam à *Associazione Artistica Internazionale di Roma*, mais conhecida como *Circolo Artistico*, onde podiam frequentar Academias de Nu e integrar exposições anuais.<sup>287</sup> Por lá estiveram Silva Porto, Marques de Oliveira e Arthur Loureiro, além de Antônio Parreiras, Pedro Weingartner e Belmiro de Almeida, só para citar alguns nomes.

Afora a experiência naquela consagrada agremiação italiana, Camila Dazzi ressalta que “os centros preferidos pelos artistas recém-chegados a Roma eram os estúdios dos pintores a eles contrerrâneos que haviam alcançado já alguma fama, onde o ensinamento prático era muito mais construtivo”<sup>288</sup>. Neste sentido, o modesto ateliê italiano dos irmãos Bernardelli (Rodolpho e Henrique) acabaria por tornar-se um ponto de confluência dos estudantes portugueses e brasileiros. Ali teria ocorrido o encontro de Henrique Bernardelli (bolsista de 1879 a 1888) com Henrique Pousão, que rumara para o ameno clima mediterrâneo em dezembro de 1881, na esperança de ver minimizados seus problemas de saúde.<sup>289</sup> Os dois trabalhariam juntos em Capri durante o verão de 1882, quando construíram uma sincera e estreita amizade, interrompida apenas pelo falecimento do português.<sup>290</sup>

Para além do *Circolo Artistico* e da convivência com os compatriotas, os pensionistas portugueses e brasileiros de passagem pela Itália impreterivelmente visitavam coleções artísticas referenciais aos estudantes de Belas Artes, como a Pinacoteca do Vaticano, a Academia de San Luca, a Galeria Borghese, o Palácio Barberini, o Palácio Colonna e a *Doria Pamphili*.<sup>291</sup> O país era, portanto, um centro de excelência para o ensino, a discussão e a observação das Belas Artes, ao mesmo tempo em que fornecia aos pintores uma inesgotável oferta de paisagens pitorescas e tipos populares, temáticas elementares ao naturalismo. A Itália

<sup>287</sup> DAZZI, Camila. Artistas brasileiros e portugueses: a estada na Itália como parte da formação artística de pintores e escultores no século XIX. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel (org.). **Oitocentos: intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal**. Tomo III. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. p. 69.

<sup>288</sup> DAZZI, Camila. **Relações Brasil-Itália na arte do segundo oitocentos: estudo sobre Henrique Bernardelli (1880 a 1890)**. 300 p. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. p. 32.

<sup>289</sup> VER: TEIXEIRA, José de Monterroso (org.). **Henrique Pousão no primeiro centenário da sua morte: 1884-1984**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

<sup>290</sup> SILVEIRA, Carlos. Uma via original no naturalismo português, Henrique Pousão (1859-1884). In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel (org.). *Op. cit.*, p. 99.

<sup>291</sup> PEREIRA, Sonia Gomes. Os exercícios das cópias dos nossos artistas na Europa: o que viam e o que escolhiam. In: CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. *et. al. Anais do XXXII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte*. Direções e sentidos da História da Arte. Brasília: CBHA, 2012. p. 707-724.

também disponibilizava aos estudantes propostas inovadoras para a produção artística com os *macchiaioli*, comumente comparados aos impressionistas franceses:

Apesar de Paris, já no início do oitocentos, ser berço de novas e inquietantes tendências artísticas, o interesse por viagens e estadias na Itália não diminui, nem, em geral, constitui uma experiência de menor relevância na trajetória artística de pintores e escultores de toda Europa e das Américas. Muito pelo contrário, a Itália ainda desperta um interesse considerável, tornando-se lugar de estudos para inúmeros artistas estrangeiros, interessados não somente nas famosas coleções de arte reunidas em museus e igrejas, mas sobretudo nas novas propostas da arte italiana.<sup>292</sup>

A Itália apresentava uma estética pictórica mais coerente com a realidade aos pensionistas que precisavam transportar o sistema naturalista para as típicas realidades de Brasil e Portugal.<sup>293</sup> O grupo *verista*<sup>294</sup> primava pela representação de luminosas cenas cotidianas, com especial atenção para as ambiências rurais.<sup>295</sup> Suas telas forneceria aos naturalistas brasileiros e portugueses um exemplo eficaz do tratamento adequado da luz regional: um sol amarelado e ao mesmo tempo avassalador, que cega o espectador e castiga os personagens. Objetos típicos, afazeres e indumentárias apareciam nas composições italianas com a mesma exatidão antropológica posteriormente utilizada por nomes do além e aquém-mar para retratar as tipicidades de seus países. A cultura italiana seria celebrada por Henrique Pousão (*Cecília*, 1882), Almeida Júnior (*A italianinha*, s.d.) e Rodolpho Amoedo (*Amuada*, 1882) - (FIG. 1).



**FIGURA 1** - A celebração da cultura italiana

- a) Henrique Pousão, *Cecília*, 1882, óleo sobre tela, 82 x 57, 5 cm, Museu Nacional de Soares dos Reis.  
 b) Almeida Júnior, *A italianinha*, s.d., óleo sobre tela, 46 x 38 cm, coleção particular.  
 c) Rodolpho Amoedo, *Amuada*, 1882, óleo sobre tela, 72,8 x 48,6 cm, Museu Nacional de Belas Artes.

<sup>292</sup> DAZZI, Camila. **Relações Brasil-Itália na arte do segundo oitocentos**: estudo sobre Henrique Bernardelli (1880 a 1890). 300 p. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. p. 12.

<sup>293</sup> LEITE, Reginaldo da Rocha. A contribuição das Escolas Artísticas Europeias no Ensino das Artes no Brasil Oitocentista. **19&20**, Rio de Janeiro, v. IV, n. 1, jan. 2009. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/ensino\\_artistico/escolas\\_reginaldo.htm](http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/escolas_reginaldo.htm)>. Acesso em: 11 de março de 2011.

<sup>294</sup> Composto por Cristiano Banti, Odoardo Borrani, Vincenzo Cabianca, Gaetano Chierici, Giacomo Favretto, Silvestro Lega, Luigi Nono, Telemaco Signorini, Vito D'Ancona, Raffaello Sernesi e Luigi Bechi

<sup>295</sup> DAZZI, Camila. *Op. cit.*, p. 37.



Além das conhecidas passagens pela França e Itália, Arthur Valle<sup>296</sup> ressalta ainda que, em fins do século XIX, foram estabelecidas íntimas conexões entre o ambiente luso-brasileiro e a cidade de Munique. Por ali passariam nomes de relevo da arte brasileira, como Pedro Weingartner, João Batista da Costa e Hélios Seelinger (sendo este último o que mais estreitos diálogos estabeleceu com aquele meio), assim como os pensionistas Fiúza Guimarães e Antônio de Souza Viana, para lá enviados em 1895 e 1896, respectivamente.<sup>297</sup> Já do lado português, é possível que a arte vigente em Munique tenha atraído um número seleto de artistas. Sabe-se que Alfredo Keil estudara diretamente com pintores de tradição romântica provenientes daquele local.<sup>298</sup> Mas a fatura remanescente da Holanda seiscentista, adepta das rápidas pinceladas justapostas e arredia ao modelado cuidadoso, defensora da composição à mão livre (sem medições ou compassos de desenho), remeteria com maior propriedade a outro ilustre nome atuante em Portugal: Columbano Bordalo Pinheiro. Aliás, Columbano seria efusivamente elogiado pelos críticos alemães por sua elevada compreensão da arte demonstrada durante a participação portuguesa na Exposição de Berlim, em 1896.<sup>299</sup>

Arthur Valle<sup>300</sup> lembra que Munique era um dos mais importantes centros artísticos do oitocentos finesséculo. A avançada, luxuosa e movimentada urbe abrigava uma vida intelectual de destaque na Europa e uma atividade artística independente do controle oficial, fazendo com que a ala modernizadora da Escola Nacional brasileira vislumbrasse ali uma boa oportunidade para dinamizar a formação de seus alunos. Graças à ausência de uma instituição que controlasse ou determinasse os parâmetros pictóricos e à atuação regular de uma sociedade consumidora das Belas Artes, os pintores estrangeiros que por lá passaram executariam obras originais e diversas do contexto naturalista (italo-francês) na transição das centúrias. Parece que a modernidade de alguns dos conceitos estéticos desenvolvidos pelos alemães seria mal compreendida nas análises da crítica brasileira (para a qual o moderno estava no naturalismo), o que levaria ao abandono de Munique pelos pensionistas da ENBA logo no início do século XX. Os estudantes brasileiros só voltariam a visitar a Alemanha após o desenrolar do

---

<sup>296</sup> VALLE, Arthur. “A maneira especial que define a minha arte”: pensionistas da Escola Nacional de Belas Artes e a cena artística de Munique em fins do Oitocentos. **Revista de História da Arte e Arqueologia**. Campinas: UNICAMP, n. 13, jan./jul. 2010, p. 109-144.

<sup>297</sup> VALLE, Arthur. *Ibidem*.

<sup>298</sup> ELIAS, Margarida. **A recepção crítica de Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1987)**. Dissertação (Mestrado em História da Arte Contemporânea). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2002. N.D.R., p. 23.

<sup>299</sup> ELIAS, Margarida. **Columbano no seu Tempo (1857-1929)**. Tese (Doutoramento em História da Arte Contemporânea). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011. p. 499.

<sup>300</sup> VALLE, Arthur. “A maneira especial que define a minha arte”: pensionistas da Escola Nacional de Belas Artes e a cena artística de Munique em fins do Oitocentos. **Revista de História da Arte e Arqueologia**. Campinas: UNICAMP, n. 13, jan./jul. 2010, p. 109-144.

modernismo, com Anita Malfatti e Alberto da Veiga Guignard. Mas se estes últimos buscavam ali novos parâmetros para a sua vanguardista arte, os naturalistas portugueses continuavam a visualizar maiormente no Brasil um mercado consumidor que lhes garantia a sobrevivência.

## 2. 2 Pintores portugueses no Brasil: confluências e diálogos

A leitura dos textos jornalísticos publicados no Rio de Janeiro e em São Paulo entre 1889 e 1929 comprova que o movimento de deslocamento dos artistas de língua portuguesa foi significativamente maior no sentido Portugal-Brasil. A busca por um mercado consumidor mais abrangente (que envolvia não só nativos, como também a grande colônia imigrada) e por uma economia próspera ainda em formação encorajaria os pintores portugueses a empreenderem a arriscada e dispendiosa travessia do Atlântico. Além de quadros, estes aventureiros carregavam a esperança de alcançar os lucros prometidos pelo eldorado tropical. Ali chegados, paralelamente à progressiva conquista dos saudosos concidadãos imigrados (óbvios consumidores de sua arte), iriam surpreender-se com a carinhosa acolhida da própria sociedade brasileira, realidade confirmada por emotivo discurso de Lucinda Simões proferido em 1898:

Nós, os artistas portugueses, não podemos voar através de regiões desconhecidas, mas temos no Brasil uma segunda pátria.  
Ali encontramos amigos dedicados, afeições sinceras saídas de um público bondoso e animador.  
Ali se sucedem os dias, os meses, em representações consecutivas e nem por isso o entusiasmo arrefece ou a concorrência diminui.  
Povo amigo, onde os artistas portugueses encontram sempre refúgio, para com o qual há sempre uma saudade em nossa alma, saudade que nos aguilha o desejo de lá voltarmos a visitá-lo com prazer.<sup>301</sup>

Poder-se-ia pensar que os pintores, escultores, músicos e atores portugueses que visitavam o Brasil na transição do século XIX para o XX seriam confundidos, pelo senso comum, com os aproveitadores comerciantes daquela nacionalidade, criticados por voltar a Portugal tão logo conseguissem acumular riquezas. Entretanto, ao invés de serem desprezados e ridicularizados, em conformidade com o clima xenófobo que pairava sobre a Primeira República, os artistas portugueses acabariam vistos como irmãos de longa data e enquanto portadores de uma cultura superior buscada pelos novos ricos brasileiros. Em pouco tempo, os informes sobre as bem-aventuranças logradas nos trópicos chegariam ao outro lado do oceano,

---

<sup>301</sup> SIMÕES, Lucinda. Os atores portugueses no Brasil. **Jornal do Brasil**. Lisboa, 11 jan. 1898. 4ª col., p. 2 e 1ª col., p. 3.

gerando um fluxo cada vez maior às províncias carioca e paulista. No seu discurso fundador da Câmara Portuguesa de Comércio, Indústria e Arte de São Paulo, por exemplo, Moraes de Carvalho encorajava os que ainda receavam implementar a travessia do Atlântico por medo do insucesso e ressaltava o empenho do Brasil em acolher os pintores portugueses.<sup>302</sup>

As exposições de artistas portugueses que tiveram lugar no Rio de Janeiro e São Paulo de 1889 a 1929 promoveriam, além de ações comerciais e da diversificação do ainda restrito campo visual brasileiro, o contato daqueles indivíduos com representantes da sociedade tropical. A leitura dos jornais permite determinar quais artistas brasileiros teriam visitado as mostras portuguesas, apontar as possíveis amizades firmadas ali e narrar iniciativas paralelas que intensificariam as relações interpessoais entre os dois lados do Atlântico. Na abertura da Exposição de Arte Portuguesa de 1902, decorrida no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, por exemplo, os irmãos Bernardelli (Rodolpho e Henrique) estiveram presentes a demonstrarem o “seu grande amor pelas coisas portuguesas”<sup>303</sup>. Já o relato sobre a visita à mesma mostra publicado pelo literato Arthur Azevedo conta que ele teria esbarrado na porta do Liceu com o pintor Décio Villares, que adentrava para observar exemplares da arte portuguesa.<sup>304</sup>

A mais relevante exposição portuguesa instalada no Brasil viria a ocorrer, entretanto, somente em 1906. A mostra de José Malhoa patrocinada pelo Real Gabinete Português de Leitura teria atraído mais de dois mil visitantes<sup>305</sup> no total, número deveras significativo para um evento cultural à época. Suas salas registrariam as passagens de Rodolpho Bernardelli, Rodolpho Amoedo e João Batista da Costa, além do literato Coelho Netto. O certame seria responsável por fomentar e promover vantajosos contatos entre os meios artísticos de Portugal e do Brasil. Seu sucesso remonta ao desembarque tumultuado que Malhoa protagonizou no Rio de Janeiro, em triunfal chegada antecipadamente anunciada pela imprensa e ansiosamente esperada pelo público. O acontecimento seria acompanhado por Modesto Brocos, Henrique Bernardelli, Belmiro de Almeida e pelo crítico de arte Angelo Agostini, além dos alunos e professores da Escola Nacional de Belas Artes, ou seja, os nomes mais importantes da classe artística carioca.<sup>306</sup>

---

<sup>302</sup> CÂMARA PORTUGUESA DE COMMERCIO, INDUSTRIA E ARTE. Discurso oficial proferido pelo Sr. dr. Moraes de Carvalho Sobrino. **Correio Paulistano**. São Paulo, 3 dez. 1913, 6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> col., p. 3 e 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> col., p. 4.

<sup>303</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, 6<sup>a</sup> col., p. 1.

<sup>304</sup> AZEVEDO, Arthur. A arte portuguesa. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 25 jul. 1902, 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> col., p. 1.

<sup>305</sup> JOSÉ MALHÔA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 7 jul. 1906, 6<sup>a</sup> col., p. 1.

<sup>306</sup> JOSÉ MALHÔA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 11 jun. 1906, 3<sup>a</sup> col., p. 1.

A partir de então, os periódicos cariocas divulgariam sucessivas informações e curiosidades sobre o pintor estrangeiro que visitava o Brasil. Dois artigos publicados pel' *O Paiz* confirmariam que intimistas laços de amizade eram frequentemente estabelecidos entre os naturalistas portugueses e brasileiros, unidos por um contexto pictórico comum. Um deles narra que, ao desembarcar no Rio do Janeiro, Malhoa visitaria a casa de Antônio Parreiras para saudar a esposa do colega e entregar-lhe uma carta do marido, que estava a viver na Europa.<sup>307</sup> Já o outro texto, estampado na primeira página da edição do dia 19 de junho de 1906, reproduziria uma carta do próprio Parreiras, que meses antes partira para estudar uma composição em Paris e acabaria por contatar o português durante a passagem do seu navio por Lisboa. As palavras do pintor brasileiro revelavam o antigo desejo de conhecer José Malhoa e narravam uma série de encontros acontecidos no ateliê da Avenida 5 de Outubro, onde foram conservadas por alguns meses as telas a serem transportadas para a mostra no Gabinete de Leitura:

Os quadros que esse notável artista leva para o Rio são pedaços palpitantes de Portugal, são trechos belíssimos da vida portuguesa no que ela tem de mais encantador, de mais pitoresco, de mais característico.

Quantas saudades não irão esses quadros recordar aos que, afastados da pátria há longos anos, a virem de súbito, numa terra longínqua, emoldurada em ouro e madeira lavrada, em pequenas telas impecáveis! Como se não expandirá a alma portuguesa diante desses quadros em que lhes vai levar o Malhõa o interior dos seus lares, pequenas porções de alegres feiras, de colheita farta, de amor, de tristeza, de embevecimento em suma.<sup>308</sup>

José Malhoa seguiria constituindo valiosos vínculos afetivos e profissionais durante sua estadia no Brasil. Maria do Carmo Couto<sup>309</sup> verificou que os irmãos Bernardelli teriam nutrido grande simpatia pelo português, constatação ratificada por Arthur Valle. Em texto que discute a coleção de “Malhõas” adquirida pela ENBA, este historiador apresenta um estudo pintado por Henrique Bernardelli que trazia a dedicatória: “Ao bom amigo Malhoa como lembrança da sua vinda ao Rio. H Bernardelli, 18 de julho de 1906”<sup>310</sup>. Mas a notoriedade do pintor estrangeiro extrapolaria o meio artístico e conquistaria fiéis admiradores também entre a classe literária. Ecylla Brandão<sup>311</sup> confirma que ele distribuiria alguns de seus estudos por amigos que fizera no

<sup>307</sup> JOSÉ MALHÕA. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 26 jun. 1906, 5ª col., p. 1.

<sup>308</sup> HÓSPEDE ILUSTRE. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 19 jun. 1906, 3ª à 6ª col., p. 1.

<sup>309</sup> SILVA, Maria do Carmo Couto da. Obras de artistas portugueses oitocentistas no acervo do Museu Nacional de Belas Artes. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel (org.). *Oitocentos: intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal*. Tomo III. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. p. 349.

<sup>310</sup> VALLE, Arthur. Os “Malhoas” da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. In: MALTA, Marize; NETO, Maria João (eds.). *Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX*. As academias de belas-arts do Rio de Janeiro, de Lisboa e do Porto (1816-1836): ensino, artistas, mecenas e coleções. Lisboa: Caleidoscópio, 2016.

<sup>311</sup> BRANDÃO, Ecylla Castanheira. José Vital Branco Malhõa no Brasil. In: COSTA, Lucília Verdelho da; BRANDÃO, Ecylla Castanheira. *A pintura de Malhoa: amar o outro mar*. Lisboa: Gráfica Maiadouro, 2003. p.30.

Rio de Janeiro, como Olavo Bilac, Coelho Netto e Eduardo Viana. Uma missiva redigida por Bilac, presença constante em Portugal<sup>312</sup>, relata que Malhoa lhe teria ofertado um quadro como demonstração de carinho e gratidão – proximidade incentivada também pela amizade existente entre o escritor e Julião Machado, figura esta que providenciou a viagem de Malhoa ao Brasil e trabalhou por sua favorável recepção, conforme ressalta Sandra Leandro<sup>313</sup>.

A admiração devotada pelo meio tropical à pintura naturalista portuguesa acabaria por refletir-se, enfim, na veneração constituída em torno da figura do próprio José Malhoa. Logo após a cerimônia de abertura da exposição de 1906 ao público, o Real Gabinete Português de Leitura ofereceria um jantar em sua homenagem no restaurante do Hotel Paris.<sup>314</sup> Compareceram ao banquete alguns literatos, alunos da Escola Nacional de Belas Artes, jornalistas e representantes de diversas instituições portuguesas; além dos artistas brasileiros Rodolpho Bernardelli, Belmiro de Almeida, Modesto Brocos, Raul Pederneiras, Henrique Bernardelli e Benedito Calixto.<sup>315</sup> Os tradicionais brindes da festa seriam acompanhados por discursos do cônsul de Portugal<sup>316</sup>, do já citado Olavo Bilac e do próprio Malhoa, que agradeceria a gentil acolhida.<sup>317</sup>

Para além do tributo prestado pelo Gabinete, no dia 24 de junho de 1906 o Club Internacional de São Domingos<sup>318</sup> proporcionaria um almoço ao pintor e seu irmão. Já em meados de julho, Malhoa seria gentilmente convidado pelo comendador Cunha Vasco para um jantar íntimo.<sup>319</sup> A 29 de julho<sup>320</sup> era a vez do comendador Casimiro Costa oferecer uma festa pitoresca em homenagem ao português, para a qual foram reservados bondes especiais que levaram os convidados da estação central da Companhia de Ferro ao Alto do Sumaré. Dos presentes neste último evento destacam-se os literatos Olavo Bilac, Arthur Azevedo e Filinto de Almeida; o respeitado crítico de arte Gonzaga Duque; e os artistas brasileiros João Batista da Costa, Rodolpho Bernardelli, Belmiro de Almeida e Raul Pederneiras.<sup>321</sup>

<sup>312</sup> VIAJANTES. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 12 fev. 1915, 3ª col., p. 4.

<sup>313</sup> LEANDRO, Sandra. Tragicomédias de Julião Machado (1863-1930) e uma cena extra: José Malhoa no Rio de Janeiro em 1906. **Arte Teoria**. Lisboa: Mestrado em Teoria da Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, n. 16/17, ano 2013/14, p. 153-163.

<sup>314</sup> JOSÉ MALHÔA. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 4 jul. 1906, 3ª col., p. 2.

<sup>315</sup> EXPOSIÇÃO MALHÔA. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 5 jul. 1906, 8ª col., p. 1 e 1ª col., p. 2.

<sup>316</sup> JOSÉ MALHÔA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 5 jul. 1906, 4ª col., p. 1.

<sup>317</sup> EXPOSIÇÃO MALHÔA. **Correio Paulistano**. São Paulo, 5 jul. 1906, 3ª e 4ª col., p. 2.

<sup>318</sup> NITERÓI. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 25 jun. 1906, 8ª col., p. 3.

<sup>319</sup> **A Notícia**. Rio de Janeiro, 13-14 jul. 1906, 4ª col., p. 1.

<sup>320</sup> JOSÉ MALHÔA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 30 jul. 1906, 8ª col., p. 1.

<sup>321</sup> Ver fotografias disponibilizadas por: BLOG PROVOCANDO. **Breve retrato de Olavo Bilac num crayon de Antonio Carneiro**. Disponível em: <<http://provocando-umateima.blogspot.com.br/2015/12/breve-retrato-de-olavo-bilac.html>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2018.

A essas iniciativas particulares de ode a José Malhoa somavam-se outras promovidas por entidades de caráter coletivo, que também desejavam demonstrar seu apreço ao pintor. Em 30 de junho de 1906<sup>322</sup>, o Retiro Literário Português, durante a comemoração do seu 47º aniversário, entregaria o diploma de sócio a Malhoa em sessão solene presidida pelo conde de Lagoaça (encarregado de negócios de Portugal) e ilustres representantes da colônia portuguesa.<sup>323</sup> Já no dia 3 de julho, às vésperas da abertura da exposição no Real Gabinete de Leitura, o Conselho Escolar da ENBA carioca se reuniria para votar a proposta formulada pelo professor Araújo Viana, qual seja, a de tornar Malhoa membro honorário daquele seletivo grupo. A massiva aceitação dos presentes converteria o estrangeiro em integrante vitalício do Conselho Superior de Belas Artes do Brasil.<sup>324</sup>

Ainda em julho de 1906, uma elaborada manifestação de apreço a José Malhoa seria coordenada pela companhia de teatro portuguesa Eduardo Victorino, à época dirigida pelo ator Eduardo Brazão.<sup>325</sup> O grupo organizaria um festival cujo programa previa a récita da comédia de João da Câmara, *Os Velhos*, no Teatro Apollo.<sup>326</sup> A peça foi intencionalmente eleita por sua temática conectada à vida aldeã portuguesa, a ponto de um articulista do *Jornal do Brasil*<sup>327</sup> dizer que os personagens da encenação pareciam saídos dos quadros de Malhoa. Os entreatos seriam abrilhantados por contribuições literárias<sup>328</sup> e discursos<sup>329</sup> que saudavam as lembranças emotivas trazidas pelas obras do pintor<sup>330</sup>. A importante contribuição da hospitalidade carioca para o progresso das relações luso-brasileiras também seria lembrada.<sup>331</sup> Para o evento teatral seriam convidados o presidente da República brasileira, o cônsul de Portugal, a diretoria do Real Gabinete Português de Leitura e outras autoridades.<sup>332</sup> A sala do Apollo acabaria registrando lotação completa, embora fosse a 7ª vez que aquela montagem subia aos palcos do Rio de Janeiro somente na temporada de 1906.<sup>333</sup>

<sup>322</sup> **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 30 jun. 1906, 2ª col., p. 1.

<sup>323</sup> RETIRO LITERÁRIO PORTUGUÊS. A festa de hoje. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 30 jun. 1906, 4ª col., p. 4.

<sup>324</sup> EXPOSIÇÃO JOSÉ MALHÔA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 4 jul. 1906, 5ª col., p. 1.

<sup>325</sup> JOSÉ MALHÔA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 6 jul. 1906, 3ª col., p. 1.

<sup>326</sup> ECOS E RECLAMOS. Teatro Apollo. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 6 jul. 1906, 3ª col., p. 2.

<sup>327</sup> TEATRO APOLLO. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 6 jul. 1906, 7ª col., p. 3.

<sup>328</sup> Arthur Azevedo recita um soneto escrito especialmente para o evento: ECOS E RECLAMOS. José Malhòa. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 8 jul. 1906, 5ª e 6ª col., p. 2.

<sup>329</sup> Coelho Netto elogia a iniciativa do Gabinete em: NOTÍCIAS TEATRAIS. Homenagem a Malhòa. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 10 jul. 1906, 8ª col., p. 3.

<sup>330</sup> ESPETÁCULOS HOJE. Apollo. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 9 jul. 1906, 8ª col., p. 2.

<sup>331</sup> CORREIO DOS TEATROS. Ecos e Reclamos / Companhia Brazão. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 7 jul. 1906, 7ª col., p. 2.

<sup>332</sup> NOTÍCIAS TEATRAIS. Companhia Brazão. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 6 jul. 1906, 8ª col., p. 3.

<sup>333</sup> ARTES E ARTISTAS. Teatro Apollo. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 11 jul. 1906, 7ª col., p. 2.

As demonstrações de estima não abrandariam e, a 5 de agosto de 1906<sup>334</sup>, o Real Gabinete Português de Leitura ofereceria novo banquete ao pintor. Desta vez, cerca de trinta intelectuais e artistas<sup>335</sup> participariam de uma pitoresca excursão à Tijuca<sup>336</sup>. Diante deste cenário, José Malhoa pediria aos jornais cariocas que publicassem uma carta<sup>337</sup> na qual ele externava sua profunda gratidão para com a acolhida que recebera no Brasil e confessava ter a hospitalidade dos brasileiros excedido suas mais altas expectativas.<sup>338</sup> O retorno a Lisboa programado para 7 de agosto<sup>339</sup> teria de ser, inclusive, adiado<sup>340</sup> em função do passeio em tributo ao estrangeiro organizado pelo Visconde de Moraes, que acreditava, assim, suprir a sua vontade de admirar a paisagem tropical por mais tempo.<sup>341</sup> Já na Europa, Malhoa continuaria a desdobrar-se em elogios à conduta dos jornalistas, dos artistas brasileiros e da colônia portuguesa<sup>342</sup>, com especial consideração ao amigo Julião Machado e à diretoria do Gabinete.<sup>343</sup>

Embora tenha sido de suma importância para a representatividade da arte de além-mar no Brasil, a exposição de José Malhoa não foi a única iniciativa portuguesa observada com especial atenção pelos pintores e intelectuais brasileiros. No ano seguinte, teria lugar no Rio de Janeiro uma mostra coletiva organizada pela Direção do Mercado Central de Produtos Agrícolas de Lisboa<sup>344</sup>, repartição anexa ao ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria de Portugal. A chamada Exposição Permanente de Produtos Portugueses foi instalada nos salões do Liceu Literário Português com o objetivo de manter constante a oferta e a divulgação dos artigos disponibilizados pela ex-metrópole. As obras de arte ali acomodadas, em meio a itens industriais e agrícolas, seriam analisadas pelo crítico Angelo Agostini em texto publicado n' *O Paiz*.<sup>345</sup> Esta nova oportunidade para os brasileiros desejosos de conhecer um pouco mais do contexto artístico português chamaria a atenção dos irmãos Rodolpho<sup>346</sup> e Henrique Bernardelli<sup>347</sup>, que implementariam demorada visita ao evento de 1907.

<sup>334</sup> **A Notícia**. Rio de Janeiro, 25-26 jul. 1906, 2ª col., p. 3.

<sup>335</sup> NOTAS E NOTÍCIAS. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 6 ago. 1906, 3ª col., p. 13.

<sup>336</sup> JOSÉ MALHÔA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 25 jul. 1906, 4ª col., p. 5.

<sup>337</sup> JOSÉ MALHÔA. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 15 ago. 1906, 1ª col., p. 4.

<sup>338</sup> JOSÉ MALHÔA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 15 ago. 1906, 3ª col., p. 3.

<sup>339</sup> JOSÉ MALHÔA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 29 jul. 1906, 7ª col., p. 1.

<sup>340</sup> NOTAS E NOTÍCIAS. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 9 ago. 1906, 4ª col., p. 1.

<sup>341</sup> JOSÉ MALHÔA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 14 ago. 1906, 4ª col., p. 2.

<sup>342</sup> TELEGRAMAS. Lisboa, 29. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 30 ago. 1906, 2ª col., p. 4.

<sup>343</sup> MALHÔA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 30 ago. 1906, 6ª col., p. 2.

<sup>344</sup> **A Notícia**. Rio de Janeiro, 25-25 mar. 1907, 2ª e 3ª col., p. 1.

<sup>345</sup> EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS PORTUGUESES. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 13 abr. 1907, 5ª e 6ª col., p. 3.

<sup>346</sup> EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS PORTUGUESES. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 18 ago. 1907, 2ª col., p. 4.

<sup>347</sup> EXPOSIÇÃO ARTÍSTICA. No Liceu Literário Português. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 18 ago. 1907, 3ª col., p. 3.

Nos anos subsequentes, diversos outros representantes da cultura portuguesa chegariam ao Brasil, em notadas presenças que estimulavam a promoção constante dos diálogos e dos intercâmbios entre os dois lados do Atlântico. Mas somente em 1912 o país voltaria a receber a visita de um pintor português de vulto. Trata-se de José Júlio de Souza Pinto, o admirado e colecionado talento que finalmente chegava aos trópicos, causando grande agitação entre a elite carioca e paulista. Souza Pinto já era conhecido por seus regulares envios de telas para as Exposições Gerais da Escola Nacional de Belas Artes (instituição que já tinha, inclusive, adquirido um exemplar seu<sup>348</sup>) e pelas participações em importantes eventos, como a Exposição Nacional de 1908 (quando foi homenageado com o Grande Prêmio<sup>349</sup>). Sua primeira viagem ao Brasil era, portanto, há muito esperada e foi motivada pelo irmão, António Alves Valle, que desde a década de 1850 residia e atuava como célebre artista no Rio de Janeiro.<sup>350</sup>

Logo durante o desembarque na baía carioca, Souza Pinto reencontraria um velho amigo dos tempos de estudo na *École de Beaux Arts*, Rodolpho Amoedo.<sup>351</sup> Os dois seguiriam juntos em visita à residência do poeta Filinto de Almeida, onde Souza Pinto teria visualizado uma pequena tela de sua autoria, dentre tantas outras que adornavam as paredes do rico palacete. O quadro estava pendurado em lugar privilegiado da sala, ao lado de uma paisagem assinada pelo conterrâneo Silva Porto, e retratava um velho provinciano a atar a gravata de domingo frente a um caco de espelho. A data de 1884 instantaneamente o teria levado a questionar Amoedo: “Mas tu conhecestes este tipo...”. O jornalista Baptista Coelho segue a narrar que o brasileiro confessara que realmente lembrava-se da figura, recordações que teriam desencadeado uma agradável conversação sobre a época em que a composição teria sido pintada, quando “eram companheiros no *atelier* do mesmo mestre, estudavam ambos sob a mesma direção. [...] Eram do mesmo ano. Um chegara em outubro; o outro em dezembro”<sup>352</sup>.

O *vernissage* da exposição de José Júlio de Souza Pinto, decorrido no Real Gabinete Português de Leitura a 13 de setembro de 1912, registraria a presença do amigo Rodolpho Amoedo, mas também de Batista da Costa, Eliseu Visconti, Rodolpho Bernardelli, Eduardo e Angelina Agostini, além do crítico de arte José Mariano Filho.<sup>353</sup> Os alunos e professores da Escola Nacional de Belas Artes igualmente aproveitariam a oportunidade para observar o pintor

<sup>348</sup> PEQUENOS ECHOS. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 27-28 jun. 1912, 2ª col., p. 2.

<sup>349</sup> NOTAS DE ARTE. Souza Pinto no Rio. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 26 jul. 1912, 4ª col., p. 1.

<sup>350</sup> NA CAPITAL. **O Commercio de São Paulo**. São Paulo, 20 ago. 1896, 3ª col., p. 2.

<sup>351</sup> SOUZA PINTO. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 27-28 jul. 1912, 4ª col., p. 2.

<sup>352</sup> COELHO, Baptista. Souza Pinto. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 15 set. 1912, 1ª e 2ª col., p. 8.

<sup>353</sup> INAUGURA-SE A EXPOSIÇÃO SOUZA PINTO. **A Noite**. Rio de Janeiro, 14 set. 1912, 4ª col., p. 3.



estrangeiro e seu pincel.<sup>354</sup> Ademais, a diretoria do Centro Artístico Juventas homenagearia o mestre, entregando-lhe flores ofertadas pela mocidade artística brasileira e acompanhadas de carinhosa mensagem<sup>355</sup>: o texto reconhecia Souza Pinto como o maior representante da “moderna cultura artística”<sup>356</sup> de Portugal e lamentava que outros artistas daquele país não visitassem com maior frequência o Brasil, fato que poderia dissipar o desânimo e as incertezas dos jovens estudantes locais.<sup>357</sup> Parece que Souza Pinto teria exercido, senão alguma influência, pelo menos certo impacto sobre os pupilos da ENBA, que viram nas suas obras referenciais exemplares da arte contemporânea europeia, realidade ainda distante para os aprendizes que esperavam conquistar o pensionato no exterior nos anos vindouros.

Ainda no ano de 1912, outro pintor português chegado ao Brasil abriria sua exposição nos salões da Escola Nacional de Belas Artes (à época disponível para o arrendo de terceiros). O hoje esquecido Mattoso da Fonseca provavelmente interagira com Souza Pinto durante o tempo em que ambos permaneceram no Rio de Janeiro, embora os jornais não mencionem qualquer encontro. Mas se este último mostraria aos estudantes da ENBA um pincel mais afeito à realidade bretã, o primeiro contribuiria com exemplares vibrantes do naturalismo português. Mattoso da Fonseca<sup>358</sup> também experimentara uma recepção positiva do seu certame e igualmente receberia homenagens organizadas por artistas locais e amigos conterrâneos (como o *pic-nic* ofertado por Julia Lopes de Almeida, Julião Machado e João Luso<sup>359</sup>). O próprio pintor, em entrevista quando do retorno a Portugal, se dizia “extremamente grato à maneira como foi acolhido pelo público do Rio de Janeiro”<sup>360</sup> e reconhecia a valiosa ajuda que lhe foi prestada pelos colegas brasileiros (cita aqui os nomes de Henrique Bernardelli, Rodolpho Amoedo, Batista da Costa, Eliseu Visconti, Belmiro de Almeida e Antônio Parreiras) para que sua mostra alcançasse o máximo brilho. Se mostrava, enfim, satisfeito com os resultados da iniciativa e com o cumprimento de seu objetivo inicial, que era “de conhecer esta cidade e este meio de que, há um tempo para cá, ouvia falar com tanto entusiasmo”<sup>361</sup>.

Malhoa, Souza Pinto e Mattoso da Fonseca deixariam o Brasil encantados pelos ganhos monetários auferidos e pelas amizades ali firmadas. Nas suas passagens pelos trópicos, os

<sup>354</sup> VERNISSAGE. Exposição Souza Pinto. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 14 set. 1912, 2ª col., p. 2.

<sup>355</sup> NOTAS SOCIAIS. Exposição – O salão Souza Pinto. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 14 set. 1912, 2ª e 3ª col., p. 7.

<sup>356</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Souza Pinto. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 14 set. 1912, 6ª col., p. 7.

<sup>357</sup> OS SUCESSOS ARTÍSTICOS. A exposição de pintura de Souza Pinto. **A Noite**. Rio de Janeiro, 13 set. 1912, 6ª col., p. 1.

<sup>358</sup> MATTOSO DA FONSECA. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 14-15 ago. 1912, 6ª col., p. 2.

<sup>359</sup> NOTAS SOCIAIS. Pic-nic. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 12 ago. 1912, 2ª col., p. 5.

<sup>360</sup> ARTES E ARTISTAS. Mattoso da Fonseca. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 12 out. 1912, 5ª col., p. 2.

<sup>361</sup> ARTES E ARTISTAS. Mattoso da Fonseca. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 14 ago. 1912, 5ª e 6ª col., p. 3.

portugueses acessariam a desconhecida arte local, enquanto os brasileiros ganhavam a oportunidade de observar a buscada arte europeia. Na continuação desse movimento concretizador do intercâmbio e interlocutor dos dois lados do Atlântico, em 1914 desembarcava no Rio de Janeiro o pintor José Campas, com o objetivo de exhibir suas obras nos mesmos salões da ENBA que dois anos antes receberam Mattoso da Fonseca. Durante a abertura da mostra, Henrique Bernardelli e Campas dariam início a uma longa e consistente amizade.<sup>362</sup> A exposição registraria ainda as visitas de Rodolpho Bernardelli, Julião Machado e Julia Lopes de Almeida<sup>363</sup>, além do poeta Olavo Bilac<sup>364</sup>. Nesse ínterim, Campas e o modernista compatriótico Corrêa Dias, que fixara residência no Brasil, seriam homenageados por Ferreira de Almeida, encarregado de negócios de Portugal<sup>365</sup>, com o oferecimento de um jantar no restaurante *Assyrio*.<sup>366</sup> Ao banquete foram convidados<sup>367</sup> o diretor da Escola Nacional de Belas Artes, Rodolpho Bernardelli; o diretor e redator-chefe da *Gazeta de Notícias*, Paulo Barreto; o presidente da Associação de Imprensa, Belizário Soares de Souza; e o redator d'*O Paiz* e caricaturista português, Julião Machado.<sup>368</sup>

Em mais um caso de sucesso, Campas deixaria o Rio de Janeiro cercado dos amigos que se dirigiram ao cais para despedirem-se, como Ferreira de Almeida, o comendador José António da Silva, o ministro Souza Dantas, os jornalistas Carlos Malheiro Dias e Luciano Fataça, diretor do *Portugal Moderno*.<sup>369</sup> Henrique Bernardelli não figurava nesta listagem, mas conta a *Gazeta de Notícias*<sup>370</sup> que o velho companheiro ali estaria em 1926, quando José Campas regressou ao Brasil para expor na Galeria Jorge: instalaria sua mostra na sede carioca e na sucursal paulista do estabelecimento comercial. O evento de São Paulo registrara as presenças de Pedro Alexandrino, Paulo do Valle<sup>371</sup> e do pintor português atuante na pauliceia, Rodrigo Soares<sup>372</sup>. Em entrevista concedida ao *Diário da Tarde*<sup>373</sup> lisboeta antes de sua segunda viagem aos trópicos, Campas confirmaria as boas impressões deixadas pela visita de 1914, lembrando

<sup>362</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição José Campas. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 12 maio 1914, 6ª e 7ª col., p. 7.

<sup>363</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição José Campas. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 15 maio 1914, 3ª col., p. 4.

<sup>364</sup> BELAS ARTES. Exposição de pinturas José Campas. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 25 maio 1914, 5ª e 6ª col., p. 9.

<sup>365</sup> JANTARES. **A Noite**. Rio de Janeiro, 25 maio 1914, 6ª col., p. 4.

<sup>366</sup> PÉ DE COLUNA. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 26-27 maio 1914, 3ª col., p. 1.

<sup>367</sup> A SOCIEDADE & A MODA. **Correio da Noite**. Rio de Janeiro, 26 maio 1914, 7ª col., p. 3.

<sup>368</sup> VIDA SOCIAL. Jantares. Rio de Janeiro, 26 maio 1914, 3ª col., p. 3.

<sup>369</sup> VIDA SOCIAL. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 11 jun. 1914, 3ª col., p. 3.

<sup>370</sup> BELAS ARTES. Exposição José Campos, na Galeria Jorge. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 6 jan. 1927, 6ª col., p. 5.

<sup>371</sup> JOSÉ CAMPAS. **Correio Paulistano**. São Paulo, 21 dez. 1926, 6ª col., p. 3.

<sup>372</sup> REGISTO DE ARTE. José Campas. **Correio Paulistano**. São Paulo, 7 dez. 1926, 7ª col., p. 2.

<sup>373</sup> PINTURA PORTUGUESA. A arte de José Campas. **Correio Paulistano**. São Paulo, 11 dez. 1926, 3ª e 4ª col., p. 4.

com júbilo a acolhida da imprensa, o jantar oferecido em sua homenagem pelos artistas brasileiros e o prazeroso contato estabelecido com intelectuais locais, como João Lage, Olavo Bilac e João do Rio.

De volta a 1914, desembarcava no porto carioca outro grande representante da pintura portuguesa, António Carneiro, que exibiria suas telas na mesma propriedade de Jorge de Freitas, a Galeria Jorge. Durante as décadas de 1910 e 1920, este espaço comercial exclusivamente dedicado às Belas Artes acabaria por tornar-se “o ponto de reunião dos nossos amadores e dos nossos artistas”<sup>374</sup>, registrando também a passagem de importantes nomes estrangeiros. Assim, junto ao certame de Carneiro foram ali instalados quadros do espanhol Sanchez de la Peña e do brasileiro Oscar Pereira da Silva, à época recém-chegado de Paris.<sup>375</sup> O estável e progressista Brasil, distante dos conflitos bélicos e políticos que afligiam a Europa, continuava a atrair aqueles que buscavam um mercado consumidor sedento por fragmentos da civilização europeia. Não raramente, portanto, o país receberia simultâneas exposições de distintas nacionalidades, em cosmopolita atmosfera de convivências e ricos diálogos.

À inauguração da mostra de António Carneiro, compareceriam os artistas António Alves Valle de Souza Pinto, Rodolpho Amoedo, Hélios Seelinger e os irmãos Bernardelli.<sup>376</sup> Nos dias subsequentes foram notadas ainda as presenças de José Vasco Ramalho Ortigão, do literato Laudelino Freire, do caricaturista Corrêa Dias e do crítico de arte Adalberto Mattos, além dos pintores Navarro da Costa<sup>377</sup>, Belmiro de Almeida<sup>378</sup>, Décio Villares<sup>379</sup>, Timóteo da Costa<sup>380</sup> e do italiano residente no Brasil, Carlo de Servi.<sup>381</sup> O evento teria ganhado amplo destaque na imprensa e receberia dedicada atenção por parte da elite carioca.<sup>382</sup> Diante do volume de visitantes<sup>383</sup>, os jornais exageradamente afirmariam que todos os artistas brasileiros (sem exceção) tinham passado pela exposição do português.<sup>384</sup> Neste ínterim, Carneiro receberia homenagens, como a organizada pelo encarregado de negócios de Portugal, Ferreira de

<sup>374</sup> VIDA ARTÍSTICA. Exposição Antonio Carneiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 27 jul. 1914, 3ª col., p. 1.

<sup>375</sup> VIDA ARTÍSTICA. Mais uma exposição que se realiza na Galeria Jorge. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 12 jul. 1914, 5ª col., p. 6.

<sup>376</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 19 jul. 1914, 5ª col., p. 6.

<sup>377</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 21 jul. 1914, 3ª col., p. 3.

<sup>378</sup> SOCIAIS. Exposições. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 22 jul. 1914, 2ª col., p. 6.

<sup>379</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 31 jul. 1914, 7ª col., p. 5.

<sup>380</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 24 jul. 1914, 3ª col., p. 4.

<sup>381</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 26 jul. 1914, 6ª col., p. 3.

<sup>382</sup> ANTONIO CARNEIRO. **Ilustração Brasileira**. Rio de Janeiro, 1 ago. 1914, p. 6.

<sup>383</sup> VIDA ARTÍSTICA. Exposição Antonio Carneiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 20 jul. 1914, 8ª col., p. 3.

<sup>384</sup> EXPOSIÇÃO ANTONIO CARNEIRO. **Ilustração Brasileira**. Rio de Janeiro, 1 ago. 1914, 4ª col., p. 29.

Almeida<sup>385</sup>: um jantar no refinado Hotel Metrópole<sup>386</sup>, para o qual seriam convidados o cônsul geral de Portugal (Alberto de Oliveira), Filinto de Almeida, Paulo Barreto, Julião Machado<sup>387</sup>, Julia Lopes de Almeida e João Luso.<sup>388</sup> A exposição de António Carneiro seria considerada por Adalberto Mattos “um verdadeiro hino de confraternização com a intelectualidade brasileira”<sup>389</sup>, tamanha a interação dos literatos locais com o artista estrangeiro.

Alguns meses depois, a sucessão de proveitosos contatos entre o além e o aquém-mar seria bruscamente interrompida por um trágico evento: a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), período durante o qual não seriam registradas visitas de pintores portugueses ao Brasil. Finalizado o conflito bélico, o nome de Carlos Reis seria o primeiro a ser entoado nessa retomada. O pintor desembarcaria no Rio de Janeiro em 1919 acompanhado do filho, João Reis, e de imediato seria recebido com um almoço na Beneficência Portuguesa, onde estaria presente Henrique Bernardelli (que brindou ao colega de profissão).<sup>390</sup> Em sua estadia, Carlos Reis revelou que ambicionava iniciar “uma nova era para o intercâmbio artístico luso-brasileiro tão descuidado nestes últimos anos”<sup>391</sup>. Para tal, pretendia implementar ações que incentivassem o deslocamento dos desconhecidos pintores brasileiros a Portugal, que, por sua vez, poderia enviar maior volume de artistas aos trópicos.

O pronunciamento de Carlos Reis iria gerar uma onda de aplausos às suas intenções, traduzida no grande sucesso da exposição instalada junto ao filho no Real Gabinete Português de Leitura e em diversos tributos subsequentes. A mostra atrairia as visitas do diretor da Pinacoteca Nacional, Bruno Lobo; do diretor da Escola Nacional de Belas Artes, João Batista da Costa; do artista Rodolpho Amoedo e da escritora Julia Lopes de Almeida.<sup>392</sup> Enquanto isso, a Sociedade Propagadora das Belas Artes organizaria uma festa, celebrada no salão nobre do Liceu de Artes e Ofícios<sup>393</sup>, para entregar o diploma de sócio correspondente ao pintor.<sup>394</sup> A “homenagem de brasileiros ilustres a um dos mais ilustres portugueses”<sup>395</sup>, presidida por

---

<sup>385</sup> DIPLOMACIA. **A Noite**. Rio de Janeiro, 12 set. 1914, 6ª col., p. 2.

<sup>386</sup> VIDA SOCIAL. Viajantes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 12 set. 1914, 1ª col., p. 3.

<sup>387</sup> VIDA SOCIAL. Jantares. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 13 set. 1914, 2ª col., p. 6.

<sup>388</sup> SOCIAIS. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 13 set. 1914, 3ª col., p. 9.

<sup>389</sup> MATTOS, Adalberto. Artistas portugueses no Rio de Janeiro. **Ilustração Brasileira**. Rio de Janeiro, Agosto de 1925, Ano VI, n. 60, p. 46 e 47.

<sup>390</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Beneficência Portuguesa – Visita de Carlos Reis. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 19 maio 1919, 1ª e 2ª col., p. 6.

<sup>391</sup> INTERCÂMBIO ARTÍSTICO LUSO-BRASILEIRO. **A Rua**. Rio de Janeiro, 26 jun. 1919, 3ª col., p. 4.

<sup>392</sup> VIDA SOCIAL. Inaugurações. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 13 jun. 1919, 1ª e 2ª col., p. 4.

<sup>393</sup> A ENTREGA DE UM DIPLOMA AO ARTISTA PORTUGUÊS CARLOS REIS. **A Razão**. Rio de Janeiro, 23 jun. 1919, 3ª col., p. 7.

<sup>394</sup> CARLOS REIS. Sócio correspondente da S. P. das Belas Artes. **A Noite**. Rio de Janeiro, 22 jun. 1919, 5ª col., p. 5.

<sup>395</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Homenagem a Carlos Reis. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 25 jun. 1919, 1ª e 2ª col., p. 8.

Bettencourt da Silva Filho<sup>396</sup>, reuniria pintores, escultores, músicos, atores<sup>397</sup> e caricaturistas<sup>398</sup>; além de damas da elite e representantes da imprensa<sup>399</sup> - uma rica oportunidade de firmar contatos com colegas de profissão e possíveis compradores. Pouco depois, a recém-fundada Sociedade Brasileira de Belas Artes igualmente decidiria, ainda na sua reunião de implantação, nomear Carlos Reis como sócio correspondente em Portugal.<sup>400</sup>

Consoante ao que ocorrera com Malhoa em 1906, Carlos e João Reis também seriam alvo de um tributo teatral agenciado pelo empresário José Loureiro<sup>401</sup>, “o maior colaborador da grande obra da confraternização intelectual e artística luso-brasileira”<sup>402</sup>, e oferecido<sup>403</sup> por um grupo que englobava artistas, literatos e jornalistas.<sup>404</sup> O festival instalado no *Palace Theatre* celebraria o impulso conferido ao intercâmbio entre os dois lados do Atlântico pelo embaixador da arte portuguesa, o próprio Carlos Reis.<sup>405</sup> Ali seria representada uma das peças de maior sucesso em Portugal e alusiva às tipicidades do país: a comédia *O senhor roubado*<sup>406</sup>, de Chagas Rouquette, cujos entreatos foram enriquecidos com récitas das poesias de autores brasileiros.<sup>407</sup> Os exclusivos convites enviados aos alunos e professores da Escola Nacional de Belas Artes resultariam em nova oportunidade de estabelecer diálogos diretos entre o futuro da arte brasileira e os maiores representantes da arte portuguesa contemporânea.<sup>408</sup>

Mesmo com a merecida relevância que alcançara no meio tropical, Carlos Reis não se limitaria a receber passivamente as homenagens e carinhosas demonstrações de apreço. No espaço de tempo em que permanecera no Brasil, buscaria participar ativamente do cotidiano da elite carioca. Em agosto de 1919, ele seria convidado pelos amigos<sup>409</sup> do comendador José Antônio da Silva para integrar a cerimônia que ofereceria a este português, presidente do Banco da Lavoura e Comércio do Rio de Janeiro e diretor de várias instituições de crédito<sup>410</sup>, a tela *O*

<sup>396</sup> ARTES E ARTISTAS. Várias. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 25 jun. 1919, 5ª col., p. 5.

<sup>397</sup> NOTAS SOCIAIS. Homenagens. **A Rua**. Rio de Janeiro, 24 jun. 1919, 6ª col., p. 5.

<sup>398</sup> VIDA SOCIAL. Festas. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 24 jun. 1919, 2ª col., p. 6.

<sup>399</sup> UMA FESTA EM HOMENAGEM A CARLOS REIS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 24 jun. 1919, 1ª col., p. 4.

<sup>400</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 3 jul. 1919, 1ª col., p. 6.

<sup>401</sup> A VIDA SOCIAL. Festivais. **A Razão**. Rio de Janeiro, 3 jul. 1919, 2ª col., p. 7.

<sup>402</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Festival no Palace-Theatre – Carlos Reis. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 27 jun. 1919, 5ª col., p. 7.

<sup>403</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. O festival de Carlos Reis no Palace Theatre. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 3 jul. 1919, 4ª col., p. 7.

<sup>404</sup> THEATROS E MÚSICA. Palace. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 3 jul. 1919, 4ª col., p. 5.

<sup>405</sup> A HOMENAGEM, DE HOJE, A CARLOS REIS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 3 jul. 1919, 4ª col., p. 4.

<sup>406</sup> NOTÍCIAS. Palace-Theatre. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 2 jul. 1919, 7ª col., p. 4.

<sup>407</sup> O QUE HÁ HOJE. Palace. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 3 jul. 1919, 4ª col., p. 5.

<sup>408</sup> ARTES E ARTISTAS. Várias. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 2 jul. 1919, 6ª col., p. 4.

<sup>409</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Belo presente. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 22 jun. 1919, 1ª col., p. 8.

<sup>410</sup> NOTAS SOCIAIS. Manifestações. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 16 ago. 1919, 4ª col., p. 8.

*Pila* [sic.], na qual Carlos retratara um velho aldeão da Lousã<sup>411</sup>. A iniciativa era liderada por banqueiros, industriais, comerciantes, médicos, advogados, intelectuais e jornalistas<sup>412</sup>, influentes personalidades com as quais o pintor teve a oportunidade de conviver e que certamente ajudariam a robustecer o rol de compradores e admiradores da sua obra. A entrega do quadro<sup>413</sup> ocorreria em meio a discursos do periodista português Jayme Victor, do literato Alexandre de Albuquerque e do próprio Carlos Reis.

Mais adiante, em empreendimento similar, membros de uma comissão que reunia cerca de 40 associações portuguesas atuantes no Rio de Janeiro<sup>414</sup>, presididas pela Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria, encomendariam a Carlos Reis a feitura do retrato do recém-eleito presidente da República, Epitácio Pessoa. O grupo visitaria pessoalmente o chefe de Estado brasileiro<sup>415</sup> com o objetivo de enviar os cumprimentos da colônia imigrada ao seu novo governo<sup>416</sup>, ocasião durante a qual o pintor teve a oportunidade de se apresentar e pedir permissão para pintar a efígie do governante.<sup>417</sup> A tela, exibida na Galeria Jorge<sup>418</sup> após sua conclusão<sup>419</sup>, seria considerada um importante passo para conectar os corações de brasileiros e portugueses<sup>420</sup>. Frente à visibilidade fornecida por eventos desse porte, Carlos Reis não demoraria para voltar a se envolver em outro caso que mesclou esforços da colônia portuguesa e da sociedade brasileira.

À época da passagem do pintor pelo Brasil, o ator Christiano de Souza<sup>421</sup> encontrava-se em dificuldades financeiras advindas de uma doença que o impossibilitava de trabalhar. Frente à sua penosa condição, o jornal carioca *A Noite*<sup>422</sup> apelaria para algum ato de generosidade dos seus leitores, chamado que logo comoveria o amigo de infância e companheiro dos anos

<sup>411</sup> OS PINTORES CARLOS E JOÃO REIS. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 15 ago. 1919, 4ª col., p. 3.

<sup>412</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Comendador José Antonio da Silva. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 16 ago. 1919, 1ª col., p. 7.

<sup>413</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Ainda a homenagem ao comendador Silva. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 17 ago. 1919, 5ª col., p. 10.

<sup>414</sup> A POSSE DO PRESIDENTE EPITÁCIO PESSOA E O SEU GOVERNO. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 28 jul. 1919, 2ª col., p. 3.

<sup>415</sup> UMA HOMENAGEM DA COLÔNIA PORTUGUESA AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 20 ago. 1919, 7ª col., p. 1.

<sup>416</sup> Epitácio esteve em Lisboa e, em discurso, elogiara a colaboração da colônia portuguesa no progresso do Brasil, angariando simpatizantes. VER: ECHOS E FACTOS. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 20 ago. 1919, 2ª e 3ª col., p. 3.

<sup>417</sup> A CÂMARA PORTUGUESA DE COMÉRCIO. Homenagem ao Sr. Epitácio Pessoa. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 20 ago. 1919, 2ª col., p. 4.

<sup>418</sup> ALBUQUERQUE Alexandre de. Um pintor de almas – O retrato do Dr. Epitácio Pessoa por Carlos Reis. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 15 out. 1919, 1ª e 2ª col., p. 3.

<sup>419</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. O retrato do Dr. Epitácio Pessoa. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 14 out. 1919, 3ª col., p. 9.

<sup>420</sup> UMA BELA OBRA DE ARTE. **A Rua**. Rio de Janeiro, 15 out. 1919, 4ª col., p. 1.

<sup>421</sup> NOTAS SOCIAIS. Belas Artes. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 9 out. 1919, 4ª e 5ª col., p. 6.

<sup>422</sup> UM NOVO TRABALHO DE CARLOS REIS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 1º set. 1919, 3ª col., p. 2.

escolares lisboetas<sup>423</sup>, Carlos Reis, que ofereceria uma tela em branco e assinada para ser preenchida pelo retrato de quem pagasse a maior quantia.<sup>424</sup> A doação, leiloada pel' *A Noite*<sup>425</sup>, foi adquirida por uma coligação de cavalheiros<sup>426</sup> que visavam destiná-la à efígie de José Rainho da Silva Carneiro.<sup>427</sup> A Galeria Jorge, por meio do seu proprietário, também contribuiria com o oferecimento da moldura<sup>428</sup> para o retrato que seria ali exibido<sup>429</sup>. Neste meio tempo, o *Gil Blás*<sup>430</sup>, periódico de conteúdo fortemente antilusitano, criticaria todo o processo de auxílio prestado a Christiano de Souza, então acusado de ter influenciado negativamente o teatro brasileiro, desnacionalizando-o para inserir expressões típicas de sua terra. O artigo fazia eco às falas xenófobas sobre a suposta burrice dos portugueses e ressaltava a lentidão do ato de caridade: listava que para salvar um português da morte, um segundo português oferecera uma tela em branco, que seria comprada por outros cinco portugueses, os quais se reuniram para oferecer o quadro a um oitavo português, que só então efetivaria o donativo ao primeiro português. Afora essa isolada assertiva preconceituosa, Ruy Chianca, João Luso e Filinto de Almeida<sup>431</sup> aplaudiriam a iniciativa de Carlos Reis que teria permitido, ao fim, atingir o montante suficiente para enviar Christiano ao seu tratamento na Itália.<sup>432</sup>

No dia 15 de novembro o retrato seria entregue a José Rainho, entre concertos e diversas atividades.<sup>433</sup> *O Paiz*<sup>434</sup> salientaria a importância destes eventos festivos, que concorriam para uma maior confraternização entre nomes da sociedade brasileira e da comunidade portuguesa. A verdade é que as homenagens, discursos, celebrações, jantares, visitas e premiações permitiam que um numeroso grupo de indivíduos de diferentes origens, com baixa possibilidade de se reunirem no mesmo espaço, acabasse por conviver e interagir. Durante o almoço oferecido pelo encarregado de negócios de Portugal<sup>435</sup>, por exemplo, Carlos Reis ganhou nova

<sup>423</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Carlos Reis e Christiano de Souza. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 7 out. 1919, 2ª e 3ª col., p. 7.

<sup>424</sup> EM FAVOR DE UM ARTISTA. Um retrato pintado por Carlos Reis. **A Noite**. Rio de Janeiro, 4 out. 1919, 2ª col., p. 2.

<sup>425</sup> NOVO QUADRO DE CARLOS REIS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 7 set. 1919, 4ª col., p. 4.

<sup>426</sup> VIDA SOCIAL. Homenagens. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 14 nov. 1919, 3ª col., p. 4.

<sup>427</sup> Vulto da filantropia carioca e diretor das mais notáveis associações portuguesas de auxílio à comunidade compatriota residente no Rio de Janeiro. VER: HOMENAGEM AO SR. J. RAINHO. A oferta do seu retrato. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 25 out. 1919, 3ª col., p. 2.

<sup>428</sup> O ÚLTIMO QUADRO DE CARLOS REIS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 11 out. 1919, 2ª col., p. 1.

<sup>429</sup> ÚLTIMO RETRATO DE CARLOS REIS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 13 out. 1919, 6ª col., p. 4.

<sup>430</sup> OS OITO PORTUGUESES. **Gil Blás**. Rio de Janeiro, 16 out. 1919, p. 10.

<sup>431</sup> ENCERROU-SE A EXPOSIÇÃO DE PINTURA DOS ARTISTAS CARLOS E JOÃO REIS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 6 jul. 1919, 5ª col., p. 3.

<sup>432</sup> MANIFESTAÇÕES. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 14 nov. 1919, 5ª col., p. 6.

<sup>433</sup> HOMENAGEM AO SR. J. RAINHO. A entrega amanhã do seu retrato. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 14 nov. 1919, 7ª col., p. 2.

<sup>434</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Três homenagens. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 16 nov. 1919, 1ª a 5ª col., p. 11.

<sup>435</sup> VIDA SOCIAL. Almoços. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 1º set. 1919, 2ª col., p. 4.

oportunidade de relacionar-se com políticos, industriais, filantropos, jornalistas e nobres integrantes da comunidade luso-brasileira, que indiretamente cooperariam para o sucesso de sua mostra particular; ou, em longa duração, para o seu retorno e o de João Reis outras duas vezes ao Brasil. O pintor e seu filho seriam ainda convidados para prestigiar a cerimônia de despedida da antiga diretoria do *Orpheon Club Português*, que realizara novas eleições<sup>436</sup>, sendo ali gentilmente saudados por Alexandre de Albuquerque.<sup>437</sup> Por fim, um grupo formado pela poetisa Laura da Fonseca, pela Associação dos Estudantes Portugueses no Brasil e pela Sociedade Propagadora das Belas Artes organizaria um singelo tributo aos pintores estrangeiros.<sup>438</sup>

As homenagens prestadas a Carlos Reis e seu filho chegariam ao conhecimento da Sociedade Nacional de Belas Artes de Portugal (à época dirigida por Jorge Collaço, Armando de Lucena e outros), que determinaria o envio de um ofício ao embaixador do Brasil em Lisboa: a mensagem, escrita em nome de todos os artistas portugueses, agradecia o apreço para com os conterrâneos e garantia que iguais circunstâncias seriam proporcionadas de bom ânimo a qualquer pintor brasileiro que visitasse Portugal.<sup>439</sup> Assim, Carlos Reis cumpria com o objetivo inicial de sua visita, qual seja, o de promover mais intensamente o intercâmbio artístico e cultural entre os dois lados do Atlântico. Antes de retornar à Europa, ele mesmo ofereceria um jantar íntimo em agradecimento aos diretores da Escola Nacional de Belas Artes e do Liceu de Artes e Ofícios, ao presidente da Sociedade Brasileira de Letras e a alguns artistas brasileiros de vulto.<sup>440</sup> Quantos diálogos, projetos, ideias e amizades podem ter surgido deste rico encontro, que reuniria a nata da classe artística brasileira em torno de dois pintores portugueses?

Sensibilizado com os resultados pessoais e financeiros alcançados na sua primeira passagem pelo Rio de Janeiro, Carlos Reis revelaria em entrevista o desejo de voltar para a festa do centenário da independência em 1922<sup>441</sup>. O mestre e o filho regressariam ao Brasil ainda no ano de 1926, quando João Reis iria realizar o sonho de expor em São Paulo (impossibilitado em 1919 e 1922 pela venda de quase todas as telas ao público carioca). Não tardaria para que fossem organizadas manifestações de apreço aos pintores, lembrados com carinho pela imprensa e cobiçados com ansiedade pelos paulistas. Por motivos profissionais, Carlos Reis

<sup>436</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Tarde dançante. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 27 jul. 1919, 5ª col., p. 7.

<sup>437</sup> Respeitado engenheiro paulista que tornar-se-ia um dos fundadores da Escola de Belas Artes de São Paulo. SECÇÃO PORTUGUESA. Chá dançante. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 9 ago. 1919, 4ª col., p. 8.

<sup>438</sup> NOTAS SOCIAIS. Exposições. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 7 jul. 1919, 2ª col., p. 6.

<sup>439</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Pintores portugueses no Brasil. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 16 dez. 1919, 1ª e 2ª col., p. 9.

<sup>440</sup> BELAS ARTES. Carlos Reis. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 13 out. 1919, 2ª col., p. 10.

<sup>441</sup> BELAS ARTES. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 7 jul. 1919, 8ª col., p. 7.



retornaria a Portugal, enquanto seu filho ficaria a coordenar a mostra artística na pauliceia. O português seria alvo de um chá oferecido na *Casa Mappin Stores*<sup>442</sup>, onde foi saudado pelo jornalista Paulo de Medeiros; pelos artistas locais, Pedro Alexandrino e Theodoro Braga; além de políticos, escritores e industrialistas.<sup>443</sup>

Seguindo o exemplo de Carlos e João Reis, em 1920 chegava aos trópicos outro pintor acompanhado de um descendente: Alfredo Roque Gameiro viajava junto à filha Helena com o objetivo de estudar a natureza e os tipos do Brasil para produzir as ilustrações da *História da Colonização Portuguesa*.<sup>444</sup> Vincularia à obrigação oficial o seu antigo desejo de expor ali e contatar os artistas brasileiros, nomes ainda desconhecidos em Portugal – realidade que lamentava em entrevista<sup>445</sup>, quando reafirmou a imperativa necessidade de instalar um efetivo intercâmbio cultural entre os dois lados do Atlântico. Visando cumprir a vontade de Roque Gameiro, o diretor da Sociedade Brasileira de Belas Artes, Bruno Lobo, arranjaria um encontro para apresentar aquarelistas locais aos portugueses.<sup>446</sup> Na passagem pelo Rio de Janeiro, Alfredo e Helena Roque Gameiro ainda seriam alvo de uma homenagem coordenada pelo *Orpheon Club Português*, entidade que buscava distinguir os conterrâneos em visita à cidade.<sup>447</sup>

Em 1928 seria a vez de Alves Cardoso<sup>448</sup> concretizar sua primeira visita ao Brasil. O pintor era portador de uma cordial mensagem de saudação enviada pela Sociedade de Belas Artes de Lisboa à Sociedade Brasileira de Belas Artes, que foi lida durante a assembleia mensal desta última, quando Cardoso teve a oportunidade de contatar diversos colegas brasileiros.<sup>449</sup> Em resposta à gentileza, os artistas locais organizariam um chá em tributo ao português.<sup>450</sup> A cortesia inicialmente sugerida pelo pintor Navarro da Costa<sup>451</sup>, logo ganharia o apoio de Oswaldo Teixeira, Edgard Parreiras, Adalberto Mattos, Terra de Scena e Ariosto Berna.<sup>452</sup> O evento decorrido no salão do *Club dos Bandeirantes* contaria com um discurso de Corrêa Lima, diretor da ENBA, que em nome de seus colegas entregou a Cardoso um pergaminho assinado

<sup>442</sup> REGISTO DE ARTE. João Reis. **Correio Paulistano**. São Paulo, 28 jun. 1926, 6ª col., p. 3.

<sup>443</sup> REGISTO DE ARTE. Homenagem a João Reis. **Correio Paulistano**. São Paulo, 1º jul. 1926, 4ª col., p. 9.

<sup>444</sup> LEANDRO, Sandra (coord.). **Flor de Água**: Helena Roque Gameiro (1895-1986) – Aquarela e artes aplicadas. Lisboa: Câmara Municipal da Amadora, 2016.

<sup>445</sup> DOIS PINTORES PORTUGUESES NO RIO. Roque e Helena Gameiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 26 jul. 1920, 7ª e 8ª col., p. 1.

<sup>446</sup> ROQUE GAMEIRO NO RIO. **A Noite**. Rio de Janeiro, 1º ago. 1920, 5ª e 6ª col., p. 1.

<sup>447</sup> HOMENAGEM AOS AQUARELISTAS GAMEIRO. **A Noite**. Rio de Janeiro, 11 set. 1920, 4ª col., p. 5.

<sup>448</sup> VER: SILVA, Raquel Henriques da (coord.). **Artur Alves Cardoso**, 1832-1930: Alma Mater. Lisboa: Fundação Millennium BCP, 2016.

<sup>449</sup> UM GRANDE PINTOR PORTUGUÊS. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 30 ago. 1928, 4ª col., p. 10.

<sup>450</sup> VIDA SOCIAL. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 4 out. 1928, 3ª col., p. 5.

<sup>451</sup> HOMENAGENS. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 2 ago. 1928, 5ª col., p. 5.

<sup>452</sup> CHÁ DANÇANTE. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 4 out. 1928, 3ª e 4ª col., p. 5.

por todos os responsáveis pela iniciativa.<sup>453</sup> Estavam no local Henrique e Rodolpho Bernardelli, Rodolpho Amoedo, Lucilio e Georgina Albuquerque, Navarro da Costa e Candido Portinari, além da pintora portuguesa Eduarda Lapa e do caricaturista Corrêa Dias.<sup>454</sup> Antes de retornar a Portugal, Alves Cardoso ainda ofereceria uma tela em branco à Obra de Assistência aos Portugueses Desamparados, na qual deveria ser pintado o retrato da figura mais relevante daquela instituição, para o que foi indicado o nome de Eduardo Dantas.<sup>455</sup>

Embora os casos tratados até aqui envolvam expressivos representantes da arte portuguesa, é possível dizer que o carinhoso acolhimento da crítica e do público brasileiro se estenderia a ignorados nomes da classe artística chegada do além-mar. As próprias instituições portuguesas atuantes nos trópicos auxiliariam no processo de validação e reconhecimento dos seus conterrâneos. Assim, em 1929 o desconhecido José Rodrigues seria contemplado com um rico banquete oferecido pela embaixada de Portugal no Brasil.<sup>456</sup> Outros pintores receberiam convites do Real Gabinete Português de Leitura, condecorações do cônsul de Portugal e diferentes tipos de aplausos da colônia local. Ajudados pelos compatriotas que já estavam estabelecidos no Rio de Janeiro e em São Paulo, os artistas portugueses de passagem pelo Brasil alcançariam uma importância ainda mal avaliada pelos estudiosos hodiernos. Mais do que simples exploradores do mercado tropical desejosos apenas de auferir lucros, eles buscariam constituir íntimas amizades e estabelecer contatos de extrema relevância para o diálogo da cultura portuguesa com a brasileira. Devem ser vistos, portanto, como os verdadeiros arautos do intercâmbio luso-brasileiro.

## 2. 2. 1 A passagem pela Escola Nacional de Belas Artes

As visitas dos pintores portugueses ao Brasil representavam uma rica oportunidade para os locais observarem, com certa proximidade, a aplaudida fatura naturalista europeia. Ao mesmo tempo, os portugueses poderiam contatar a História da Arte brasileira ou rever alguns de seus colegas contemporâneos, além de acompanhar os preceitos visuais que então agradavam o mercado local. O espaço ideal para estabelecer esta troca de olhares e impressões seria a instituição oficial responsável pelo ensino acadêmico no Rio de Janeiro: graças aos esforços

<sup>453</sup> VIDA SOCIAL. Manifestações. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 17 out. 1928, 3ª e 4ª col., p. 5.

<sup>454</sup> CHÁS. Professor Alves Cardoso. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 17 out. 1928, 3ª col., p. 5.

<sup>455</sup> UM GRANDE ARTISTA PORTUGUÊS ENTRE NÓS. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 out. 1928, 4ª col., p. 1.

<sup>456</sup> ALMOÇOS. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 12 out. 1929, 6ª col., p. 6.

dos seus diretores<sup>457</sup>, com a República a ENBA acolheria de bom ânimo as mostras dos estrangeiros para dar uso aos salões inertes entre as Exposições Gerais (como fizeram Mattoso da Fonseca<sup>458</sup> e o espanhol Villa y Padrez<sup>459</sup>, em 1912, e José Campas<sup>460</sup>, em 1914). Ademais, a atitude de aceitá-los em suas mostras oficiais e os esforços empreendidos junto ao Governo para adquirir telas que integrariam a sua Pinacoteca Nacional também contribuiriam para constituir duradouros enlaces entre a arte de além e aquém-mar.

## 2. 2. 1. 1 Exposições de Mattoso da Fonseca e José Campas

Mattoso da Fonseca<sup>461</sup>, até então lembrado pela imprensa brasileira por sua atuação como literato<sup>462</sup>, já tinha enviado quadros ao Brasil para a Exposição Nacional de 1908 e para a Exposição Permanente de Produtos Portugueses (Liceu Literário, 1907)<sup>463</sup>; mas a 24 de junho de 1912 inauguraria uma mostra individual dos seus 35 pastéis e 14 trabalhos a óleo na Escola Nacional de Belas Artes.<sup>464</sup> Na ocasião, a imprensa carioca aproveitaria para salientar a importância da divulgação do pastel, método pouco explorado pelo meio local.<sup>465</sup> A ousada iniciativa seria aplaudida por artistas, críticos<sup>466</sup> e pelos amadores brasileiros, que logo no dia do *vernissage*<sup>467</sup> adquiriram boa quantidade de obras.<sup>468</sup> Embora tenha sido frequentemente comparado com o seu mestre José Malhoa, Mattoso da Fonseca acabaria reconhecido no desenrolar do evento por suas boas faculdades técnicas<sup>469</sup> e apontado como um pastelista de referência no cenário artístico da época.<sup>470</sup>

<sup>457</sup> Rodolpho Bernardelli (1889-1915), João Batista da Costa (1915-1926), José Mariano Filho (1926-1927) e José Octavio Corrêa Lima (1927-1930).

<sup>458</sup> GAZETA DAS ARTES. Exposição Mattoso da Fonseca. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 25 jun. 1912, 6ª col., p. 2.

<sup>459</sup> ARTES E ARTISTAS. As exposições de pintura. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 3 jul. 1912, 6ª col., p. 5.

<sup>460</sup> O PINTOR JOSÉ CAMPAS INAUGURA HOJE A SUA EXPOSIÇÃO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 11 maio 1914, 6ª col., p. 1.

<sup>461</sup> ARTES E ARTISTAS. Mattoso da Fonseca. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 14 ago. 1912, 5ª e 6ª col., p. 3.

<sup>462</sup> ARTES E ARTISTAS. Mattoso da Fonseca. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 23 jun. 1912, 6ª col., p. 3.

<sup>463</sup> LETRAS & ARTES. Exposição Mattoso da Fonseca. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 28 jun. 1912, 1ª à 3ª col., p. 4.

<sup>464</sup> NOTAS MUNDANAS. Inaugurações. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 24 jun. 1912, 7ª col., p. 4.

<sup>465</sup> GAZETA DAS ARTES. Exposição Mattoso da Fonseca. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 25 jun. 1912, 6ª col., p. 2.

<sup>466</sup> AMADOR, Bueno. Belas Artes. Exposição Mattoso da Fonseca. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 25 jun. 1912, 2ª col., p. 5.

<sup>467</sup> EXPOSIÇÃO MATTOSO DA FONSECA. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 23 jun. 1912, 4ª col., p. 4.

<sup>468</sup> EXPOSIÇÃO MATTOSO DA FONSECA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 25 jun. 1912, 6ª e 7ª col., p. 5.

<sup>469</sup> BELAS ARTES. Exposição Mattoso da Fonseca. **A Noite**. Rio de Janeiro, 24 jun. 1912, 6ª col., p. 2.

<sup>470</sup> GAZETA DAS ARTES. Exposição Mattoso da Fonseca. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 24 jul. 1912, 2ª col., p. 3.



FIGURA 2 – “Exposição Mattoso da Fonseca”

- a) *Alcachofra florida*, pintura a pastel, *O Paiz*, 25 de junho de 1912
- b) *Orgulho*, pintura a pastel, *O Paiz*, 25 de junho de 1912
- c) *A rendeira*, pintura a pastel, *O Paiz*, 25 de junho de 1912
- d) Aspecto do salão de exposição e retrato do artista, *Gazeta de Notícias*, 28 de junho de 1912

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

O inesperado êxito de Mattoso da Fonseca se traduziria em elevada afluência à exibição<sup>471</sup>, disputada pela elite local<sup>472</sup> e autoridades, como o presidente da República e o ministro das Relações Exteriores.<sup>473</sup> Os amadores não deixariam vazias as salas da ENBA<sup>474</sup> e a *Gazeta de Notícias* salientava que poucas “foram as exposições que obtiveram um sucesso tão rápido e tão grande concorrência”<sup>475</sup>. As mais de cem visitas diárias<sup>476</sup> causariam respeitável

<sup>471</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Mattoso da Fonseca. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 26 jun. 1912, 2ª col., p. 8.

<sup>472</sup> GAZETA DAS ARTES. Exposição Mattoso da Fonseca. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 26 jun. 1912, 6ª col., p. 3.

<sup>473</sup> ARTES E ARTISTAS. As exposições de pintura. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 3 jul. 1912, 6ª col., p. 5.

<sup>474</sup> LETRAS & ARTES. Exposição Mattoso da Fonseca. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 jul. 1912, 2ª col., p. 5.

<sup>475</sup> LETRAS & ARTES. Mattoso da Fonseca encerrou a sua exposição. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 26 jul. 1912, 3ª col., p. 5.

<sup>476</sup> EXPOSIÇÃO MATTOSO DA FONSECA. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 28-29 jun. 1912, 4ª e 5ª col., p. 2.

soma de obras comercializadas.<sup>477</sup> O próprio Mattoso da Fonseca informou que vendera dois terços de tudo o que expusera, uma verdadeira façanha se considerado o desconhecimento inicial de seu nome.<sup>478</sup> Ademais, as muitas encomendas de retratos realizadas por damas da alta sociedade carioca o obrigariam a permanecer no Rio de Janeiro após o encerramento da iniciativa.<sup>479</sup> Os relevantes ganhos financeiros auferidos<sup>480</sup> e a venda de quase todo o estoque<sup>481</sup> impediriam o português de cumprir com o seu plano inicial de seguir para São Paulo.<sup>482</sup> Cerca de um mês depois de seu desembarque, voltava a Portugal coberto de glórias.<sup>483</sup>

**TABELA 2**  
**Exposição individual de Mattoso da Fonseca (Rio de Janeiro, 1912)**

<b>Algumas obras expostas</b>	<b>Compradores</b>
<i>Adeusinho</i>	José C. Velloso
<i>Alcachofra florida</i>	Comendador José António da Silva
<i>A mulher do véu</i>	...
<i>A rendeira</i>	João de Souza Lage
<i>Camponesa</i>	Camello Lampreia
<i>Dorso</i>	Costa Macedo
<i>Eglantine</i>	A. T. Connor
<i>Estudo</i>	Armando Herz
<i>Estudo</i>	Humberto Lima
<i>Estudo</i>	João Luso
<i>Fantasia</i>	...
<i>Gigolette</i>	José Prestes
<i>Gilete</i>	Arsênio de Campo Martins de Carvalho
<i>Margarida vai à fonte</i>	...

<sup>477</sup> GAZETA DAS ARTES. Mattoso da Fonseca. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 13 jul. 1912, 6ª col., p. 4.

<sup>478</sup> ARTES E ARTISTAS. Mattoso da Fonseca. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 14 ago. 1912, 5ª e 6ª col., p. 3.

<sup>479</sup> ARTES E ARTISTAS. Mattoso da Fonseca. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 24 jul. 1912, 5ª col., p. 3.

<sup>480</sup> BELAS ARTES. Exposição Mattoso da Fonseca. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 26 jun. 1912, 4ª col., p. 5.

<sup>481</sup> GAZETA DAS ARTES. Exposição Mattoso da Fonseca. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 24 jul. 1912, 2ª col., p. 3.

<sup>482</sup> LETRAS & ARTES. Mattoso da Fonseca. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 16 ago. 1912, 6ª col., p. 5.

<sup>483</sup> SOCIAIS. Viajantes. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 13 ago. 1912, 6ª col., p. 5. / E / NOTAS MUNDANAS. Viajantes. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 15 ago. 1912, 7ª col., p. 4.

<i>Maria</i>	Alípio Dias Costa
<i>Mimi</i>	...
<i>Mocidade</i>	João de Souza Lage
<i>Novidade</i>	...
<i>O espelho</i>	Antônio Augusto de Almeida Carvalhaes
<i>Ophelia</i>	Filinto de Almeida
<i>Orgulho</i>	...
<i>Peixe fresco!</i>	José C. Velloso
<i>Talvez te escreva</i>	João de Souza Lage
<i>Tricana</i>	Martins Ribeiro de Carvalho
<i>Triste</i>	Coronel Rosemburg
<i>Varina</i>	...
<i>Visão</i>	Julião Machado

---

José Campas, por sua vez, desembarcaria no Rio de Janeiro a 27 de abril de 1914<sup>484</sup>. Deixava seu ateliê parisiense, onde gozava de certo prestígio, para expor na Argentina e no Brasil.<sup>485</sup> Viajava certo de que a fama alcançada nos centros artísticos europeus seria premissa favorável ao sucesso nos trópicos<sup>486</sup>, cuja progressista cultura acabaria por acolher sua obra.<sup>487</sup> Levou 80 óleos<sup>488</sup> às paredes da Escola Nacional de Belas Artes, a maioria de paisagens e costumes da vida campesina portuguesa<sup>489</sup> registrados por seu olhar melancólico<sup>490</sup>, que transportava “para a tela manchas admiráveis das paisagens características, aspectos interessantes dos seus costumes tradicionais”<sup>491</sup>. Uma seleta assistência apreciaria a inauguração<sup>492</sup> da mostra de Campas nos salões da Escola Nacional de Belas Artes, decorrida

---

<sup>484</sup> VIAJANTES. **O Século**. Rio de Janeiro, 28 abr. 1914, 2ª col., p. 1.

<sup>485</sup> CARTA DE PORTUGAL. O pintor José Campos na América do Sul. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 17 jan. 1914, 5ª col., p. 6.

<sup>486</sup> EXPOSIÇÕES DE ARTE. Chega ao Rio o pintor Sr. José Campos. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 28 abr. 1914, 7ª col., p. 7.

<sup>487</sup> CARVALHO, Xavier de. Carta de Paris. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 15 abr. 1914, 7ª col., p. 3.

<sup>488</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Campas. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 11 maio 1914, 5ª col., p. 3.

<sup>489</sup> JOSÉ CAMPAS. **FonFon**. Rio de Janeiro, 25 abr. 1914, Ano VIII, n. 17, p. 26.

<sup>490</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição José Campas. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 21 maio 1914, 5ª col., p. 3.

<sup>491</sup> TELAS DE UM PORTUGUÊS. A exposição José Campas. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 29 abr. 1914, 5ª col., p. 2.

<sup>492</sup> VIDA SOCIAL. Exposições. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 9 maio 1914, 5ª col., p. 3. / E / INAUGUROU-SE HOJE A EXPOSIÇÃO DE PINTURA DO ARTISTA PORTUGUÊS JOSÉ CAMPAS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 11 maio

a 11 de maio já com a notícia de que deveria perdurar somente até o dia 25 daquele mês<sup>493</sup> (prazo alargado para 31, tamanho o sucesso do evento<sup>494</sup>).



**FIGURA 3** – “Notas de Arte”: José Campas, *Fon Fon*, 9 de maio de 1914.

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

Destacavam-se, entre os presentes na cerimônia de abertura, o diretor da ENBA, Henrique Bernardelli, e o subsecretário das relações exteriores, Souza Dantas<sup>495</sup>; além de jornalistas<sup>496</sup>, ministros, representantes diplomáticos<sup>497</sup> e o presidente da República<sup>498</sup> (convidado<sup>499</sup> por Ferreira de Almeida, encarregado dos negócios de Portugal<sup>500</sup>, tinha prometido comparecer<sup>501</sup>). Em sua visita guiada pelo próprio José Campas<sup>502</sup>, o Chefe de Estado brasileiro e sua esposa iriam proferir entusiásticos elogios<sup>503</sup> que muito sensibilizariam o pintor.<sup>504</sup> No decorrer da exposição, graças à entrada gratuita<sup>505</sup>, o público afluiria<sup>506</sup> curioso

1914, 5ª col., p. 3. / E / A SOCIEDADE & A MODA. **Correio da Noite**. Rio de Janeiro, 9 maio 1914, 7ª col., p. 3. / E / A EXPOSIÇÃO JOSÉ CAMPAS. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 23 maio 1914, p. 21.

<sup>493</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 10 maio 1914, 6ª col., p. 4.

<sup>494</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição José Campas. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 30 maio 1914, 6ª col., p. 4.

<sup>495</sup> ARTE PORTUGUESA. A exposição de José Campas é inaugurada com a assistência do Sr. Presidente da República. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 12 maio 1914, 4ª col., p. 4.

<sup>496</sup> ARTES. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 10 maio 1914, 6ª col., p. 9.

<sup>497</sup> O PINTOR PORTUGUÊS JOSÉ CAMPAS. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 12 maio 1914, 6ª col., p. 5.

<sup>498</sup> O DIA DO PRESIDENTE. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 12 maio 1914, 2ª col., p. 2. / E / S. EX. ASSISTE À EXPOSIÇÃO CAMPAS. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 12 maio 1914, 5ª col., p. 2.

<sup>499</sup> **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 9 maio 1914, 2ª col., p. 1.

<sup>500</sup> ECHOS E FACTOS. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 9 maio 1914, 3ª col., p. 1.

<sup>501</sup> PÉ DE COLUNA. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 9-10 maio 1914, 5ª col., p. 1.

<sup>502</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição de pinturas de José Campas. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 13 maio 1914, 4ª e 5ª col., p. 3.

<sup>503</sup> O DIA DE ONTEM. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 12 maio 1914, 1ª col., p. 1.

<sup>504</sup> ARTISTAS PORTUGUESES. A inauguração da exposição do pintor José Campas. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 12 maio 1914, 7ª e 8ª col., p. 9.

<sup>505</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição José Campas. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 16 maio 1914, 5ª col., p. 4.

<sup>506</sup> A SOCIEDADE & A MODA. **Correio da Noite**. Rio de Janeiro, 12 maio 1914, 7ª col., p. 7.

aos salões<sup>507</sup>. Circulava por ali o que havia de mais fino na sociedade carioca<sup>508</sup>, que cordialmente acolhera o artista estrangeiro<sup>509</sup> - como nobres comendadores<sup>510</sup>, o ministro Lauro Müller<sup>511</sup>, o cônsul do Brasil em Paris e o Visconde de Moraes, que adquiriu duas telas<sup>512</sup>. Com o encerramento da mostra, Campas embarcaria<sup>513</sup> para a Europa<sup>514</sup> a colecionar admiradores entre os brasileiros.<sup>515</sup> *O Paiz* concluía que o português apenas colhera “as honras que lhe eram devidas como um artista de mérito e de valor”<sup>516</sup>. Mas a verdade é que o sucesso desta primeira iniciativa o levaria a impetrar nova incursão ao Brasil em 1927.



**FIGURA 4** – “O pintor portuguez sr. José Campas inaugurou hontem a exposição dos seus trabalhos na Escola de Bellas Artes”, *O Imparcial*, 10 de maio de 1914.<sup>517</sup>

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

<sup>507</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição José Campas. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 18 maio 1914, 5ª col., p. 2.

<sup>508</sup> ARTE PORTUGUESA. Exposição de pintura José Campas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 23 maio 1914, 3ª col., p. 2.

<sup>509</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição José Campas. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 22 maio 1914, 6ª col., p. 4.

<sup>510</sup> ARTE PORTUGUESA. Exposição de pintura José Campas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 maio 1914, 4ª col., p. 2.

<sup>511</sup> NOTAS SOCIAIS. Exposições. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 15 maio 1914, 4ª e 5ª col., p. 7.

<sup>512</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição José Campas. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 23 maio 1914, 3ª col., p. 4.

<sup>513</sup> PEQUENOS ECHOS. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 10-11 jun. 1914, 5ª col., p. 3.

<sup>514</sup> VIAJANTES. *O Século*. Rio de Janeiro, 10 jun. 1914, 2ª col., p. 1.

<sup>515</sup> VIDA SOCIAL. Viajantes. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 10 jun. 1914, 3ª col., p. 5.

<sup>516</sup> ARTES E ARTISTAS. José Campas. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 31 maio 1914, 6ª col., p. 3.

<sup>517</sup> 1) *Perspectiva do Tejo*; 2) *A caminho do curral*; 3) *Os meus enlevos*; 4) *José Campas*; 5) *Durante o sono – estudo de nu*; 6) *A Ignacia*; 7) *Declarações*.



**TABELA 3**  
**Exposição individual de José Campas (Rio de Janeiro, 1914)**

Algumas obras expostas	Compradores
<i>Apanhando grilos</i>	Visconde de Moraes
<i>A caminho do curral</i>	...
<i>A chávena de chá</i>	...
<i>A Ignacia</i>	...
<i>A perspectiva do Tejo</i>	...
<i>A quinta da China, no Porto</i>	...
<i>A volta da venda</i> <sup>518</sup>	...
<i>Bois teimosos</i>	Visconde de Moraes
<i>Caldo Verde</i> <sup>519</sup>	...
<i>Ceifa</i>	...
<i>Constância</i>	Comendador Manoel da Costa Pereira
<i>Coplas</i>	Sra. Falcarreiro Teixeira
<i>Declarações, em Pádua</i>	...
<i>Dia Triste</i>	Souza Dantas
<i>Douro no Areinho (Porto)</i>	Ferreira de Almeida <sup>520</sup>
<i>Durante o sono – estudo de nu</i>	...
<i>Efeitos de trovoada</i>	...
<i>Entre os rios</i>	Francisco de Souza Costa
<i>Filho adotivo</i>	José Custódio Velloso
<i>Lakmé</i>	J. C.
<i>Lutando pela vida</i>	...
<i>Manhã triste</i> <sup>521</sup>	Souza Dantas
<i>Margarida vai à fonte</i>	...

<sup>518</sup> Quadro reproduzido em: NOTAS DE ARTE. **FonFon**. Rio de Janeiro, 9 mai. 1914, Ano VIII, n. 18, p. 24.

<sup>519</sup> Quadro reproduzido em: **FonFon**. Rio de Janeiro, 16 mai. 1914, Ano VIII, n. 20, p. 22.

<sup>520</sup> BELAS ARTES. Artes portuguesas – Exposição José Campas. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 23 maio 1914, 3ª col., p. 7.

<sup>521</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição José Campas. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 21 mai. 1914, 5ª col., p. 3.

<i>Margens do Nabão</i>	Souza Dantas
<i>Na arribana</i>	Francisco de Souza Costa
<i>Namorados</i>	...
<i>Nostalgia</i>	...
<i>Os meus enlevos</i>	...
<i>Padua</i>	...
<i>Panorama de Valle Vaqueiros</i>	Comendador Manoel da Costa Pereira
<i>Poente (Ericeira)</i>	...
<i>Retrato de Bulhão Pato</i>	...
<i>Retrato de Christovão Ayres</i>	...
<i>Um jardim do século XVIII</i>	...
<i>Vale dos Vaqueiros</i>	...

---

O delicado pastel de Mattoso da Fonseca e o naturalismo luminoso de José Campas não passariam despercebidos pelos alunos da Escola Nacional de Belas Artes: com eles os aprendizes tiveram a prestigiosa oportunidade de contatar expressões singulares e complementares ao que estavam acostumados a observar no ambiente acadêmico local. A técnica pouco comum de Mattoso da Fonseca e o pincel quase impressionista de Campas trouxeram aos pupilos da arte brasileira atualizadas expressões da arte europeia. Para além destas duas ocasiões particulares, a contínua aceitação de telas estrangeiras nas mostras anuais da ENBA construiria de maneira mais efetiva o diálogo direto com o naturalismo português, que fazia eco às pretensões doutrinárias de modernidade propaladas pela academia carioca.

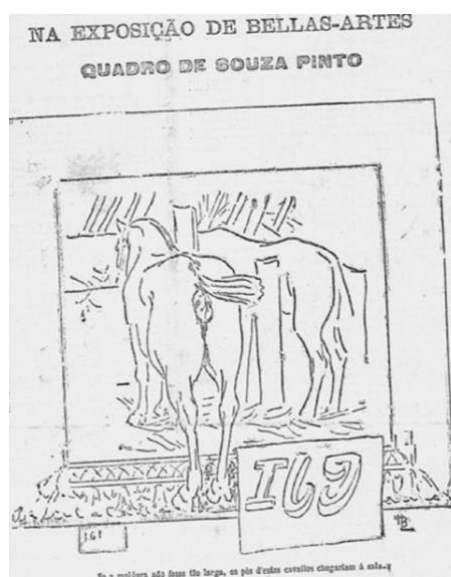
## 2. 2. 1. 2 As Exposições Gerais de Belas Artes

As participações dos portugueses nas Exposições Gerais da Escola Nacional de Belas Artes proporcionariam significativo ponto de confluência entre a produção de além e aquém-mar. O salão de 1894, o primeiro decorrido após a Proclamação da República, já registraria em suas paredes alguns nomes portugueses, como os de Rodrigo Soares<sup>522</sup> (retratos de José Maria

---

<sup>522</sup> **A Notícia**. Rio de Janeiro, 2-3 maio 1896, 6ª col., p. 2.

Lisboa<sup>523</sup> e Alberto da Silva e Souza, que não agradara a crítica<sup>524</sup>), José Malhoa (despachara uma tela diretamente do seu ateliê lisboeta<sup>525</sup>) e José Júlio de Souza Pinto<sup>526</sup> (*À beira-mar*, *Arredores de Paris*, *Père Mathieu*<sup>527</sup>, *Rendez-vous*<sup>528</sup> e o ridicularizado *Animais*<sup>529</sup>, FIG. 5). Inaugurada a 1 de outubro de 1894, a mostra somaria 38 nomes aceitos, sendo 24 deles brasileiros.<sup>530</sup> Nenhum dos pintores portugueses esteve pessoalmente no Rio de Janeiro nessa ocasião, mas é provável que eles tenham recebido cópias do catálogo ilustrado da exposição e buscado notícias nos jornais, que geralmente reproduziam as imagens das mais relevantes composições admitidas e possibilitavam, com isto, contatar o contexto produtivo tropical.



**FIGURA 5** – Quadro de Souza Pinto, *Gazeta de Notícias*, 7 de novembro de 1894.<sup>531</sup>

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

Em 1895, José Malhoa voltaria a figurar entre os participantes da mostra anual brasileira (seu nome não consta no catálogo graças à detenção de sua carga na alfândega até data posterior ao início do evento) com o envio de cinco telas (como *Caça*<sup>532</sup> e *Ouriços*)<sup>533</sup> enfaticamente

<sup>523</sup> EXPOSIÇÃO GERAL DE BELLAS ARTES. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 out. 1894, 6ª col., p. 1.

<sup>524</sup> A EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 17-18 out. 1894, 1ª col., p. 2.

<sup>525</sup> NOTAS SOBRE ARTE. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 8 set. 1893, 6ª col., p. 2.

<sup>526</sup> *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 ago. 1894, 6ª col., p. 2.

<sup>527</sup> PARLAGRECCO, Carlos. A Exposição de Bellas Artes. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, Ano I, Tomo I, 1895, p. 47-55.

<sup>528</sup> EXPOSIÇÃO GERAL DE BELLAS ARTES - SOUZA PINTO. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 31 out. 1894, 4ª col., p. 1.

<sup>529</sup> NA EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 7 nov. 1894, p. 1.

<sup>530</sup> BELLAS ARTES. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 10 nov. 1894, 1ª col., p. 1.

<sup>531</sup> Legenda: “Se a moldura não fosse tão larga, os pés destes cavalos chegariam à sala”.

<sup>532</sup> Olavo Bilac comete um pequeno engano ao designar a tela de Malhoa *Caça aos taralhões*, título da conhecida obra do pintor Manuel Henrique Pinto adquirida pelo rei D. Carlos. LEANDRO, Sandra. (sandrleandro7@gmail.com). Mensagem recebida por raquelaguilarhistoria@gmail.com em 8 fev. 2018.

<sup>533</sup> *A Notícia*. Rio de Janeiro, 21-22 ago. 1895, 4ª col., p. 1.

aplaudidas em artigo publicado pelo literato Olavo Bilac<sup>534</sup>. Naquele salão foram aceitos também os hoje desconhecidos portugueses Álvaro do Valle<sup>535</sup> (*Junto do fogão e O proletário*) e Marques Guimarães<sup>536</sup>, que gozava de certa notoriedade no Brasil e apresentou um dos maiores conjuntos da secção de pintura – algumas naturezas mortas, três paisagens (*Manhã de inverno, Tarde de verão e Capoeiras*), dois retratos (de sua mãe e de Julião Machado) e *Um jejum de preceito*.<sup>537</sup> Este último quadro não agradaria a crítica, que alegou falta de vigor.<sup>538</sup> Mas como a opinião de intelectuais e acadêmicos nem sempre coincidia, Guimarães acabaria distinguido pelo júri da ENBA com a Terceira Medalha de Ouro, honraria que lhe rendera uma importante encomenda para pintar a efígie do Presidente da República.<sup>539</sup>

O certame de 1897 trilharia um caminho menos frutuoso do que os anteriores, sendo descrito como mesquinho e miserável por João Ribeiro.<sup>540</sup> As inscrições registrariam nomes desconhecidos e muitos amadores, a ponto de os diretores da academia enviarem convites para artistas de renome com o objetivo de dar credibilidade ao evento, como o português José Júlio de Souza Pinto (presença constante na mostra graças à atuação do irmão, enviou *Paisagem e animais na Bretanha*<sup>541</sup>), que ali figurava a pedido.<sup>542</sup> Naquele ano, Belmiro de Almeida, há pouco chegado dos estudos na França como bolsista do governo brasileiro, exibiria *Pronta para a feira*, “uma jovem e linda aldeã portuguesa, com seu vestuário domingueiro de pano encarnado, com as grandes arrecadas características e o lenço nacional na cabeça”<sup>543</sup>. A cena

<sup>534</sup> Utiliza aqui um dos seus pseudônimos e assina como *Fantasio*. Ver: FANTASIO NA EXPOSIÇÃO. VIII – Malhoa. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 20 set. 1895, 7ª col., p. 1.

<sup>535</sup> NOTAS SOBRE ARTE. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 15 set. 1895, p.4.

<sup>536</sup> Joaquim Augusto Marques Guimarães emigrara de Portugal para o Brasil provavelmente nos primeiros anos da década de 1890, pouco após a morte do amigo Soares dos Reis, com o qual trabalhara em diversos projetos escultóricos e a quem substituíra como professor da Escola de Belas Artes do Porto. No Brasil, viveria isolado no seu ateliê de Lorena, interior de São Paulo (VER: **A Cigarra**. Rio de Janeiro, 23 maio 1895, Ano I, n. 3, p. 6). Continuará a atuar no cenário artístico brasileiro de fins do século XIX e registraria participações em outros salões nacionais, como o de 1901 (NOTAS DE ARTE. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 10 set. 1901, p. 3.). Ganharia notoriedade depois de o seu polêmico *Retrato de Pedro II* dividir opiniões: convidado para figurar na Exposição Nacional de 1908 do Rio de Janeiro, o quadro foi indicado para integrar a coleção do museu da Escola Nacional de Belas Artes (UM RETRATO DO IMPERADOR. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 2 ago. 1908, 7ª col., p. 2.). Entretanto, ao ser exibido na Exposição Geral do mesmo ano (NOTAS DE ARTE. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 1º set. 1908, p. 5.) seria duramente atacado nos jornais. Um articulista afirmava que aquele era apenas “um grande retrato de um velho que o catálogo, com a teimosia das letras impressas, afirma ser o de D. Pedro II” (ARTES E ARTISTAS. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 2 set. 1908, p. 21.); enquanto Bueno Amador (BUENO, Amador. Belas Artes. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 15 set. 1908, p. 4.) notava que a desproporcional e enorme efígie era uma cópia de fotografia sem vida e de desenho mecânico.

<sup>537</sup> NOTAS SOBRE ARTE. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 30 jul. 1895, 7ª col., p. 2.

<sup>538</sup> NOTAS SOBRE ARTE. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 5 set. 1895, p. 2.

<sup>539</sup> NOTAS SOBRE ARTE. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 9 out. 1895, 5ª col., p. 2.

<sup>540</sup> RIBEIRO, João. A Exposição de Bellas Artes. **Revista Brasileira**. Rio de Janeiro, Tomo XI, jul.-set. 1897, p. 363-367.

<sup>541</sup> NOTAS SOBRE ARTE. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 2 set. 1897, p. 2.

<sup>542</sup> NOTAS SOBRE ARTE. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 8 set. 1897, p. 2.

<sup>543</sup> PALESTRA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 15 jun. 1898, 6ª col., p. 1.

comprovaria que, de diversas maneiras, o intercâmbio entre o além e o aquém-mar continuava a fazer-se.

O salão nacional seguinte, segundo a crítica, traria um conjunto mais qualificado do que o observado nos últimos anos.<sup>544</sup> Dentre as 254 telas aceites e os 47 concorrentes<sup>545</sup>, Souza Pinto novamente figurava: enviaria *En Prairie* (logo após sua exibição no *Salon* parisiense de 1897), *Le Cabaret* e “uma parelha de cavalos de arado, admiravelmente pintados, em um campo de trigo, com uma aldeia ao fundo, e um sol de inverno”<sup>546</sup>. A participação de José Júlio de Souza Pinto nas Exposições Gerais da ENBA era tão comum e aguardada pelo público que, no ano de 1899, um articulista do *Don Quixote* lamentaria a ausência do seu nome entre os inscritos.<sup>547</sup> Sempre apoiado pelo irmão, o português voltaria a concorrer à mostra oficial em 1902<sup>548</sup> (com a cena rural *Vacas bebendo em um trecho do rio Tua* e a marinha *Um trecho do rio Douro, perto da cidade do Porto*<sup>549</sup>), quando foi considerado, junto a Batista da Costa, Aurélio de Figueiredo, Gustavo Dall’Ara e Benno Treidler, um dos melhores paisagistas do certame.<sup>550</sup>

No seguimento das Exposições Gerais, o catálogo de 1903 listava 199 obras de 50 expositores.<sup>551</sup> O evento registraria boa visitação de críticos e figuras da alta sociedade, além do ministro de Portugal, que prestigiava os conterrâneos Carlos Reis e Marques Guimarães.<sup>552</sup> Este último, “que se retirou para o Estado de São Paulo, onde se tem dedicado ao professorado com bom êxito, mandou um bom retrato de senhora”<sup>553</sup>. Novo registro da presença portuguesa nas paredes do salão acadêmico carioca só voltaria a ocorrer em 1906, quando José Malhoa destinou cinco das telas (*Cócegas, Soalheira, 7º Não furtar...as uvas do Sr. Reitor, Cebolas e Compra de votos*) que compuseram sua mostra individual no Real Gabinete Português de Leitura.<sup>554</sup> Para além dele, Teixeira Bastos, Falcão Trigoso, Columbano e Germano Neves (artista português domiciliado no Rio de Janeiro)<sup>555</sup> assinavam alguns dos 218 quadros aceites

<sup>544</sup> NOTAS SOBRE ARTE. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 1º set. 1898, p. 4.

<sup>545</sup> BEDELHO EM TUDO. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 19 set. 1898, 7ª col., p. 1.

<sup>546</sup> NOTAS SOBRE ARTE. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 13 set. 1898, 1ª col., p. 3.

<sup>547</sup> BELLAS ARTES. *Don Quixote*. Rio de Janeiro, 9 set. 1899, 3ª col., p. 3 e 1ª col., p. 4.

<sup>548</sup> SALÃO DE 1902. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 25-26 ago. 1902, 5ª col., p. 2.

<sup>549</sup> NOTAS DE ARTE. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 12 set. 1902, p. 3.

<sup>550</sup> SALÃO DE 1902. Vernissage. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 30-31 ago. 1902, 1ª à 6ª col., p. 3.

<sup>551</sup> MORALLES DE LOS RIOS, Adolpho. Exposição de Belas Artes. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 3 set. 1903, p. 3.

<sup>552</sup> EXPOSIÇÃO DE BELAS ARTES. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 3 set. 1903, 1ª col., p. 3.

<sup>553</sup> NOTAS DE ARTE. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 6 set. 1903, p. 1.

<sup>554</sup> A EXPOSIÇÃO. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 2 set. 1906, 3ª col., p. 5.

<sup>555</sup> SALÃO DE 1906. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 31 ago.-1 set. 1906, 1ª à 5ª col., p. 3.

naquele ano<sup>556</sup>. *Cócegas*, que já tinha sido adquirido pelo governo brasileiro<sup>557</sup> durante a iniciativa privada de Malhoa, foi amplamente reproduzido nos periódicos e causaria grande sensação entre os visitantes.<sup>558</sup> O exemplar conquistaria a Medalha de Ouro de Primeira Classe: o mais distinto prêmio conferido pelo júri da ENBA era entregue a um português.<sup>559</sup>



**FIGURA 6** – “A Exposição de Belas Artes no Rio de Janeiro”, *Revista da Semana*, 7 de outubro de 1906.

a) José Malhoa, *Cócegas* (Medalha de ouro), página 4.

b) José Malhoa, *Compra do voto*, página 6.

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

José Malhoa voltaria a concorrer à Exposição Geral em 1907, com o retrato a pastel de uma “morena brasileira, de bastos cabelos pretos e belos olhos expressivos”<sup>560</sup>, provavelmente produzido durante sua passagem pelo Rio de Janeiro. Já no ano de 1912, Júlio Teixeira Bastos enviaria *Os cinco sentidos*<sup>561</sup>, enquanto Malhoa figuraria<sup>562</sup> com uma cabeça de estudo<sup>563</sup> não identificada, mas “que já esteve em exposição nesta cidade”<sup>564</sup>. Era comum que os estrangeiros empregassem obras em circulação no meio tropical (como quadros destinados a eventos anteriores, na posse de colecionadores ou disponibilizados à venda em Galerias) para submetê-las ao júri da mostra carioca. Foi o que fez Carlos Reis em 1919, quando designara duas telas da sua iniciativa individual decorrida no Real Gabinete Português de Leitura para integrar o

<sup>556</sup> O “SALÃO DE 1906”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 9 set. 1906, 5ª col., p. 5.

<sup>557</sup> NOTAS DE ARTE. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 1º set. 1906, p. 3.

<sup>558</sup> A EXPOSIÇÃO DE BELAS ARTES NO RIO DE JANEIRO. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 7 out. 1906, Ano VII, n. 334, p. 2 a 7.

<sup>559</sup> BELAS ARTES. O salão de 1906. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 14 set. 1906, 4ª col., p. 3.

<sup>560</sup> NOTAS DE ARTE. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 24 set. 1907, p. 3.

<sup>561</sup> BELAS ARTES. O *Salon* de 1912. *A Noite*. Rio de Janeiro, 14 ago. 1912, 5ª col., p. 2.

<sup>562</sup> O SALÃO DE 1912. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 3-4 set. 1912, 3ª col., p. 3.

<sup>563</sup> ESCOLA DE BELAS ARTES. O “salão” deste ano. *A Imprensa*. Rio de Janeiro, 2 set. 1912, 7ª col., p. 1.

<sup>564</sup> AMADOR, Bueno. Belas Artes. O salão de 1912. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 14 set. 1912, 7ª col., p. 4.

certame da ENBA<sup>565</sup>: *Comungantes* e *Retrato de Mlle. S. C.* (pintado no Brasil<sup>566</sup>) seriam dispostas nas paredes junto às pinturas de Antônio Parreiras, Batista da Costa e Rodolpho Amoedo.<sup>567</sup> No catálogo daquele ano é possível identificar ainda o marinhista B. Pinto, natural do Porto, com três composições: *Velha Barca*, *Barco de Pesca* e *Canoa*.<sup>568</sup> À exposição de 1928, por sua vez, Alves Cardoso também reservaria três trabalhos recém-saídos da sua mostra no Gabinete: retrato de D. Emilia Bretes, *Lá fora está a nevar* e uma paisagem não identificada, mas duramente criticada por Fléxa Ribeiro.<sup>569</sup> Em 1928 concorreria ao salão outro português, Justino Migueis, com o óleo *Camões na Ilha dos Amores* e o pastel *Eu e minha avó*.<sup>570</sup>

É importante ressaltar que todos os estudantes e professores da ENBA, além dos pintores brasileiros em atividade à época, entrariam em contato com as obras portuguesas, as quais certamente não passaram despercebidas pelo crivo dos olhares mais curiosos e interessados nas manifestações da arte europeia. O regular envio de telas, estimulado pelas sequenciais participações dos portugueses na Exposição Geral, acabaria por oferecer um interessante panorama da arte de além-mar. O júri da mostra oficial, ao aceitar exemplares de fatura mais comedida, como retratos e aplaudidas representações do naturalismo, ignorando os emissários do modernismo português, criaria no Brasil um ambiente artístico similar ao mercado de Portugal: maiormente naturalista e desenvolvido ao redor dos mesmos nomes que o sustentaram por quase meio século – José Júlio de Souza Pinto, José Malhoa e Carlos Reis.

Mais do que aprovar as obras enviadas pelos portugueses, o júri da ENBA regularmente premiava esses artistas por meio do seu Conselho Superior de Belas Artes. Em 1894 Souza Pinto receberia a Segunda Medalha de Ouro (ao alegar falta de mérito, o júri não concedeu as primeiras medalhas) por *Rendez-vous*<sup>571</sup>; no ano seguinte, Marques Guimarães seria distinguido com a Terceira Medalha de Ouro<sup>572</sup>; em 1906, Malhoa iria garantir a Medalha de Ouro de Primeira Classe, por *Cócegas*<sup>573</sup>; já Carlos Reis foi agraciado, em 1919<sup>574</sup>, com a Grande

<sup>565</sup> O SALON DE 1919. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 13 ago. 1919, 1ª e 2ª col., p. 3.

<sup>566</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 6 set. 1919, 1ª e 2ª col., p. 5.

<sup>567</sup> O SALON DE 1919. O seu vernissage ontem, na Escola de Belas Artes. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 12 ago. 1919, 5ª col., p. 3.

<sup>568</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Os portugueses na exposição brasileira de belas artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 15 ago. 1919, 2ª e 3ª col., p. 11.

<sup>569</sup> RIBEIRO, Fléxa. Salão brasileiro: um pintor grave – Alves Cardoso. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 22 ago. 1928, 6ª col., p. 1.

<sup>570</sup> RIBEIRO, Fléxa. O salão de Belas Artes. **A Noite**. Rio de Janeiro, 21 ago. 1928, 5ª e 6ª col., p. 2.

<sup>571</sup> EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 1º nov. 1894, 1ª col., p. 1.

<sup>572</sup> NOTAS SOBRE ARTE. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 9 out. 1895, 5ª col., p. 2.

<sup>573</sup> BELAS ARTES. O salão de 1906. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 14 set. 1906, 4ª col., p. 3.

<sup>574</sup> O SALON DE 1919. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 30 ago. 1919, 6ª col., p. 3.

Medalha de Ouro em Pintura<sup>575</sup>, maior prêmio concedido depois da Medalha de Honra (na ocasião entregue ao professor Augusto Girardet<sup>576</sup>); em 1920, por sua vez, era conferida a Pequena Medalha de Ouro a Alves Cardoso e ao brasileiro Theodoro Braga.<sup>577</sup> Este reconhecimento generoso, mérito primeiro da qualidade dos trabalhos apresentados pelos portugueses, inevitavelmente lhes garantiria ainda maior visibilidade no mercado tropical e contribuiria para estabelecer outro elemento incentivador da travessia do Atlântico.

Por fim, enquanto instituição oficial representativa da arte brasileira e responsável pela formação dos futuros artistas locais, a Escola Nacional de Belas Artes e sua Pinacoteca seriam também frequentemente visitadas pelos pintores portugueses chegados ao Brasil. Em 1919 Carlos Reis, “o embaixador da arte portuguesa”<sup>578</sup>, passaria em revista às instalações da academia carioca, à época muito criticada por não ter organizado uma recepção à altura do mestre. José Malhoa, por sua vez, lá esteve em 1906 junto de Julião Machado, quando foi “recebido pelos srs. professores Henrique Bernardelli, Rodolpho Amoedo, Dr. Araújo Vianna e o bibliotecário Victor Viana”<sup>579</sup>. No caminho pelos corredores da escola, o português encontraria tempo para assistir alguns dos cursos práticos que estavam a ser ministrados:

Na aula de pintura, do Sr. Henrique Bernardelli, o Sr. José Malhõa exprimiu a sua profunda admiração pelo ensino das artes no Brasil e elogiou e constatou a forma e o *savoir faire* dos estudos dos alunos. O Sr. Malhõa impressionou-se, principalmente, com o trabalho do aluno Sr. José Timotheo da Costa, que achou-o bem marcado, com esplêndida tonalidade e caráter.<sup>580</sup>

Efetivamente, Timóteo da Costa viria a ser um dos maiores nomes da pintura brasileira do início do século XX, agraciado com o Prêmio de Viagem logo em 1907 e posteriormente apontado como um pré-modernista. Durante sua passagem pela ENBA, José Malhoa ainda faria questão de percorrer as salas da Pinacoteca nacional, onde admirou, sobretudo, as obras de José Ferraz de Almeida Júnior, Belmiro de Almeida, Victor Meirelles e Pedro Américo. Poderia visualizar ali, portanto, os grandes nomes do romantismo, do realismo e do naturalismo brasileiro. Quais impressões as imponentes Batalhas do Guararapes e do Avaí (pintadas por Meirelles e Américo, respectivamente), o bucólico campo paulista (retratado nos caipiras de Almeida Júnior) ou as diferentes facetas de Belmiro podem ter causado no português?

<sup>575</sup> A EXPOSIÇÃO GERAL DE BELAS ARTES. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 30 ago. 1919, 4ª e 5ª col., p. 1.

<sup>576</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 30 ago. 1919, 7ª col., p. 4.

<sup>577</sup> O SALÃO DESTE ANO. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 29 ago. 1928, 8ª col., p. 3.

<sup>578</sup> UM HÓSPEDE ILUSTRE. Um apelo aos nossos artistas. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 4 maio 1919, 4ª col., p. 1.

<sup>579</sup> JOSÉ MALHÕA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 12 jun. 1906, 7ª col., p. 1.

<sup>580</sup> *Idibem*.



## 2. 2. 2 O Liceu de Artes e Ofícios

Para além da Escola Nacional de Belas Artes, o Liceu de Artes e Ofícios também atuou, ao longo da Primeira República, na acolhida e promoção das manifestações artísticas portuguesas chegadas ao Brasil. O local iria receber, no ano de 1902, a Exposição de Arte Portuguesa (a ser analisada no Capítulo 5) e, em 1922, uma mostra de moveis que trazia, junto a artigos de luxo e tapeçarias, um pequeno desenho pendurado nas paredes: tratava-se do estudo para o quadro *O emigrante*, de José Malhoa.<sup>581</sup> A cena representativa dos expressivos fluxos migratórios registrados naquela transição de centúrias<sup>582</sup> teria sido um presente do pintor à família de diplomatas brasileiros Macedo Soares<sup>583</sup>. Ademais, em abril de 1924, Adolpho Rosa, chanceler do Consulado Geral de Portugal, utilizaria o saguão do estabelecimento de ensino para exibir 34 de seus trabalhos em aquarela<sup>584</sup>, que teriam encantado os visitantes.<sup>585</sup> Já em 1923 e 1929, respectivamente, o Liceu abrigaria outras iniciativas portuguesas de maior vulto: as exposições de Jorge Barradas e João Sarmento.

João Sarmento escolheria o Liceu de Artes e Ofícios<sup>586</sup> para acomodar suas aquarelas<sup>587</sup> e passaria praticamente despercebido pela imprensa local, que divulgaria apenas uma pequena nota a indicar a boa interpretação da paisagem pátria pelo português.<sup>588</sup> Jorge Barradas, por sua vez, célebre pelas contribuições como diretor artístico da *Ilustração Portuguesa*<sup>589</sup>, ilustrador da *Contemporânea* e autor de algumas das mais belas capas de revistas dos anos 1920, após elogiada passagem por Pernambuco<sup>590</sup> abriria sua mostra no saguão do Liceu a 11 de outubro de 1923<sup>591</sup>, com breve encerramento previsto para dia 20 daquele mês<sup>592</sup>. Exibia 40 trabalhos<sup>593</sup>

<sup>581</sup> MATTOS, Adalberto. Belas Artes. A propósito de uma exposição. **O Malho**. Rio de Janeiro, 15 abr. 1922, Ano XXI, n. 1.022, p. 35.

<sup>582</sup> DANTAS, Julio. O emigrante. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 4 jul. 1919, 1ª col., p. 2.

<sup>583</sup> VALLE, Arthur; DAZZI, Camila. Comentários sobre artistas portugueses na revista *Ilustração Brasileira* em 1925. In: CAVALCANTI, Ana Maria Tavares; COUTO, Maria de Fátima Morethy; MALTA Marize. **Anais do XXXI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. [Com/Con]tradições na História da Arte. São Paulo: UNICAMP, 2011. p. 125-141.

<sup>584</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 19 abr. 1924, 3ª col., p. 9.

<sup>585</sup> EXPOSIÇÃO ADOLPHO ROSA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 8 abr. 1924, 3ª col., p. 7.

<sup>586</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 21 maio 1929, 7ª col., p. 5.

<sup>587</sup> BELAS ARTES. Exposição de aquarelas. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 22 maio 1929, 7ª col., p. 5.

<sup>588</sup> ESTÁ NO RIO UM BRILHANTE AQUARELISTA PORTUGUÊS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 18 maio 1929, 4ª col., p. 2.

<sup>589</sup> UM DESENHISTA PORTUGUÊS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 18 out. 1923, 5ª col., p. 3.

<sup>590</sup> ARTES E ARTISTAS. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 12 out. 1923, 8ª col., p. 3.

<sup>591</sup> VIDA SOCIAL. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 11 out. 1923, 3ª col., p. 5.

<sup>592</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE JORGE BARRADAS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 11 out. 1923, 6ª col., p. 6.

<sup>593</sup> *A casa verde, Alhandra, Atitudes (5 desenhos), Alhandra, Azambuja, Barquinha, Beira, Caminho da fonte, Campos de Santarém, Campos do Ribatejo, Campos floridos, Casa do regedor, Casa vermelha, Casas velhas, Chapéu vermelho, Dia do santo, Ericeira, Estudo (3 exemplares), Gracinda, Igreja da Graça, Lavadeiras de*

de variadas temáticas e técnicas (desenhos, pasteis, aquarelas).<sup>594</sup> Membro atuante da primeira geração do movimento modernista português, somava participações como pintor nos salões dos Humoristas (1912 e 1915) e como ilustrador em publicações de caráter revolucionário, sendo ainda lembrado por composições que mesclavam realidade e devaneios da sua imaginação – “uma pintura sonhada e sentida”<sup>595</sup>. Teria sido a fatura moderna de Barradas o fator motivador de sua mostra ter decorrido no Liceu?

Entre os críticos, a modernidade de Jorge Barradas acabaria por dividir opiniões. Um articulista do *Jornal do Brasil*<sup>596</sup> iria elogiar suas cabeças femininas e paisagens; enquanto Carlos Rubens<sup>597</sup> confessava ter se encantado pela originalidade das diferentes técnicas exibidas pelo português.<sup>598</sup> O modernista António Ferro<sup>599</sup>, por sua vez, logo declararia seu grande desgosto para com a mostra do conterrâneo; opinião negativa que ganhou eco no texto de Ercole Cremona<sup>600</sup>, desiludido após a visita ao Liceu supostamente desmentir as lisonjeiras descrições publicadas nos jornais lisboetas, que distinguiam Barradas como um pintor forte e renovador da arte nacional. As apreciações desfavoráveis fatalmente dificultariam o desenrolar da iniciativa carioca de Jorge Barradas, que logo seguiria para São Paulo em busca de um nicho mais progressista.

A agitada capital paulista recebia, à época, seis mostras simultâneas de arte<sup>601</sup> e os trabalhos a guache do português seriam instalados em um dos salões da Rua Líbero Badaró, em dezembro de 1923<sup>602</sup>. Para a inauguração foram enviados atenciosos convites à imprensa<sup>603</sup>, o que surtiria efeito deveras positivo na melhora das críticas e das visitas. O jornalista Simões Coelho<sup>604</sup> apontaria Barradas como um dos melhores da sua geração, um criador de linguagem própria que congregava a rebeldia das vanguardas com os modelos clássicos. Afinal, a moderna

---

*Bellas, Lisboa antiga (3 exemplares), Louças e barros, Mirbella, Montes da Beira, Morena, Os porcos, O triste fado, Poente, Preciosa, Rua da Barca, Sombrinha vermelha, Sopa da Misericórdia, Trecho da Barquinha, Um bonito chapéu e Villa Franca.*

<sup>594</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 14 out. 1923, 6ª col., p. 1.

<sup>595</sup> FIGUEIRA, Carlos Alberto Nunes. **A escultura cerâmica na animação arquitetônica**: contributo de Jorge Barradas. Dissertação (Mestrado em Teorias da Arte). Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001. p. 93.

<sup>596</sup> EXPOSIÇÃO JORGE BARRADAS. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 12 out. 1923, 2ª col., p. 6.

<sup>597</sup> RUBENS, Carlos. Por motivos de arte. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 16 out. 1923, 6ª col., p. 6.

<sup>598</sup> RUBENS, Carlos. Duas exposições. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 19 out. 1923, 1ª col., p. 5.

<sup>599</sup> FERRO, Antonio. Jorge Barradas, degolador de mulheres. **Para todos**. Rio de Janeiro, 18 ago. 1923, Ano V, n. 244, p. 10.

<sup>600</sup> CREMONE, Ercola. Belas Artes: Exposição Barradas. **O Malho**. Rio de Janeiro, 3 nov. 1923, Ano XXIII, n. 1103, p. 26.

<sup>601</sup> BELAS ARTES. De São Paulo. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 2 mar. 1924, 2ª col., p. 3.

<sup>602</sup> NOTAS DE ARTE. Exposição Barradas. **A Gazeta**. São Paulo, 15 dez. 1923, 2ª col., p. 1.

<sup>603</sup> REGISTO DE ARTE. Jorge Barradas. **Correio Paulistano**. São Paulo, 14 dez. 1923, 5ª col., p. 4.

<sup>604</sup> COELHO, Simões. De janela aberta – Um pintor original. **A Gazeta**. São Paulo, 17 dez. 1923, 6ª col., p. 1.

São Paulo parece ter ofertado um ambiente mais favorável e receptivo a iniciativas como a de Jorge Barradas, embora a região também tenha mantido um mercado atento e generoso diante das opções naturalistas.

### 2. 2. 3 A busca por São Paulo

Os pintores portugueses de passagem por São Paulo puderam vivenciar, ao longo de suas estadias, o ambiente cosmopolita da cidade que atraía artistas do mundo todo. A progressista região, ao aceitar manifestações culturais de diferentes origens e linguagens, oferecia uma interessante variedade de oportunidades aos pintores, mas também opções para todos os gostos do público interessado. Nos primeiros anos do século XX, os estrangeiros chegados à pauliceia vivenciariam ali um meio artístico que mesclava os conservadores traços de Carlo de Servi, as paisagens de Joaquim Miguel Dutra, o naturalismo luminoso de Antônio Ferrigno, a pintura documental de Benedito Calixto, as experimentações vanguardistas de Oscar Pereira da Silva e as naturezas-mortas de Pedro Alexandrino.<sup>605</sup> Por vezes, os estrangeiros iriam se deparar com uma atmosfera diversa e acompanhariam também as declarações modernistas promovidas por Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Lasar Segall e outros.

Durante as primeiras décadas do século XX, São Paulo não receberia mostras coletivas de pintores portugueses, ao contrário do que ocorrera com os italianos, espanhóis e franceses.<sup>606</sup> A presença da arte portuguesa seria mais discreta naquela região quando comparada ao Distrito Federal, apesar de alguns nomes terem organizado exposições individuais na pauliceia após a estadia no Rio de Janeiro, como fizeram José Júlio de Souza Pinto (1912), João Vaz (1913)<sup>607</sup>, Hippolyto Colomb (1919) e Alfredo e Helena Roque Gameiro (1920). Enquanto o evento de Vaz<sup>608</sup> passaria despercebido pelo público e pela crítica locais, Roque Gameiro e a filha Helena, depois do triunfo entre os cariocas, viajariam à capital paulista<sup>609</sup> para exibir cerca de

<sup>605</sup> VER: TARASANTCHI, Ruth Sprung. **Pintores paisagistas: São Paulo, 1890 a 1920.** São Paulo: USP, 2002.

<sup>606</sup> NASCIMENTO, Ana Paula. A discreta presença dos artistas portugueses na cidade de São Paulo. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel (org.). **Oitocentos: intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal.** Tomo III. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. p. 31.

<sup>607</sup> SOCIAIS. Viajantes. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 24 set. 1913, 5ª col., p. 4. / E / NOTAS SOCIAIS. Viajantes. **O Imparcial.** Rio de Janeiro, 25 set. 1913, 4ª col., p. 8.

<sup>608</sup> VIDA SOCIAL. Viajantes. **O Paiz.** Rio de Janeiro, 25 set. 1913, 3ª col., p. 3.

<sup>609</sup> OS PINTORES GAMEIRO PARTIRAM PARA S. PAULO. **Correio Paulistano.** São Paulo, 25 set. 1920, 1ª col., p. 5.

100 obras<sup>610</sup> e realizar o antigo sonho de conhecer a terra do café, mas igualmente experimentariam ali uma experiência menos próspera do que a anterior.<sup>611</sup>

A tais vezes contrapõe-se a comentada exposição de Hippolyto Colomb, que depois de exitoso empreendimento no Rio de Janeiro e da elogiada passagem pelo Rio Grande do Sul<sup>612</sup>, inauguraria sua mostra em São Paulo a pedido de amigos e admiradores.<sup>613</sup> A prévia acolhida da crítica carioca e o desempenho como ilustrador em gabaritadas magazines europeias auxiliaram na divulgação do certame paulista entre potenciais colecionadores. Ademais, o pintor iria pessoalmente às redações dos periódicos anunciar a abertura dos salões da Câmara Portuguesa de Comércio, a realizar-se no dia 29 de dezembro de 1919.<sup>614</sup> Os diferentes gêneros e técnicas de pintura experimentados por Colomb compuseram um evento variado, que perpassava por paisagens a óleo e desenhos a lápis de cor, sempre com uma luminosidade tipicamente portuguesa que deixou saudosa a colônia compatriça. Malgrado seu nome não fosse à época tão popular quanto o de Vaz ou de Roque Gameiro, graças aos esforços publicitários e aos contatos sociais Hippolyto Colomb alcançaria a glória ansiada pelos demais.

No contexto da Primeira República, outros artistas portugueses, já atentos ao mercado paulista e conscientes das oportunidades ali disponibilizadas, se dirigiriam para São Paulo sem ao menos explorar primeiro o comércio carioca. Foi o que fizeram Rodrigo Soares, João Reis, José Campas, António Carneiro e António Ribeiro. Este último iria exhibir, em 1898, um *crayon* nas vitrines do luxuoso *Bon Marché*. O quadro teria sido um presente à Sociedade Portuguesa de Beneficência<sup>615</sup> e apresentava “uma acentuada revelação de mérito artístico. É uma alegoria artisticamente composta, de um ótimo efeito e cujo conjunto se notabiliza pela figura e verdade histórica com que está tratado”<sup>616</sup>. António Ribeiro, recém-diplomado pela academia de Paris, angariava louvores em ambiente dominado pelo naturalismo de José Ferraz de Almeida Júnior.

Rodrigo Soares, por sua vez, era figura conhecida das rodas artísticas da pauliceia em fins do século XIX.<sup>617</sup> *O Commercio de São Paulo*, em artigo datado de 1895<sup>618</sup>, chegaria a

<sup>610</sup> ECHOS. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 26 set. 1920, 1ª col., p. 10.

<sup>611</sup> TELEGRAMAS. **Correio Paulistano**. São Paulo, 28 out. 1920, 5ª col., p. 5.

<sup>612</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Echos da colônia - Viajantes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 5 set. 1919, 4ª col., p. 8.

<sup>613</sup> REGISTO DE ARTE. Hippolyto Collomb. **Correio Paulistano**. São Paulo, 24 dez. 1919, 6ª e 7ª col., p. 2.

<sup>614</sup> REGISTO DE ARTE. Hippolyto Collomb. **Correio Paulistano**. São Paulo, 27 dez. 1919, 8ª col., p. 4.

<sup>615</sup> **O Commercio de São Paulo**. São Paulo, 15 dez. 1898, 2ª col., p. 1.

<sup>616</sup> **Correio Paulistano**. São Paulo, 11 dez. 1898, 5ª col., p. 2.

<sup>617</sup> A boa interação que estabelecera com o meio paulistano o levaria a ser convidado para participar de jantares, ações beneficentes e demais reuniões reservadas a importantes membros da comunidade. No final de agosto de 1895, Rodrigo Soares doaria uma tela para ajudar na arrecadação de fundos empregados na abertura de creches pela cidade de São Paulo. KERMESSE. **O Commercio de São Paulo**. São Paulo, 23 ago. 1895, 2ª col., p. 1.

<sup>618</sup> PEQUENAS NOTAS. **O Commercio de São Paulo**. São Paulo, 6 fev. 1895, 2ª col., p. 1.

indicá-lo como uma das três principais personalidades responsáveis por estimular o gosto das artes na região, ao lado dos aplaudidos Almeida Júnior e Antônio Parreiras. A primeira aparição de Rodrigo Soares nas terras do café ocorreria, entretanto, um ano antes, quando a *Casa Hollender*, estabelecimento comercial que pretendia manter em suas instalações uma exposição artística permanente, adquiriu obras de reconhecidos pintores regionais, além do retrato do conselheiro José Julio Rodrigues, produzido pelo português.<sup>619</sup> Em maio de 1895 Soares voltaria a ser notícia com a mostra de outro retrato nos salões paulistas, desta vez criticado pela má distribuição de luz, as tonalidades desacertadas e o preciosismo do desenho que endurecia a figura – defeitos justificados pelo curto espaço de tempo disponibilizado para a encomenda – “sabemos o que ele vale e quanto pode fazer nesta obra grandiosa e necessária da educação estética do nosso povo”<sup>620</sup>, defendeu *O Commercio de São Paulo*. Efetivamente, logo no segundo semestre de 1895 o português ressurgiria triunfante com o aplaudido retrato do marechal Floriano Peixoto, à época exibido na Casa Daniel Abreu.<sup>621</sup> Já no ano de 1896, Rodrigo Soares conseguiu reunir uma coleção suficientemente sólida para inaugurar a sua primeira exposição individual de telas no Banco Construtor e Agrícola de São Paulo. Ao que tudo indica, o evento registrou bom público<sup>622</sup> e elevadas vendagens<sup>623</sup>, a somar mais de dez quadros adquiridos em poucos dias.<sup>624</sup>

Rodrigo Soares regressaria à Europa nos anos seguintes<sup>625</sup>, mas seu talento não seria esquecido. Em 1909, o Consulado de Portugal instalado em São Paulo ostentava o retrato do rei D. Manuel II, de autoria daquele artista e oferecido à instituição por um conjunto de distintos membros da colônia portuguesa residente na cidade.<sup>626</sup> As amizades mantidas à distância e a certeza de outra frutífera recepção pela terra que dantes o acolhera levariam o pintor a embarcar, em 1915, outra vez com destino ao Brasil.<sup>627</sup> Acompanhado da esposa, organizaria nova mostra de telas<sup>628</sup>, agora no andar térreo do Palacete Prates.<sup>629</sup> A exposição somou mais um vigoroso

<sup>619</sup> PALCOS E SALÕES. *O Commercio de São Paulo*. São Paulo, 9 mar. 1894, 8ª col., p. 1.

<sup>620</sup> UM RETRATO. *O Commercio de São Paulo*. São Paulo, 5 maio 1895, 5ª col., p. 1.

<sup>621</sup> TELEGRAMAS. São Paulo, 5. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 7 ago. 1895, 2ª col., p. 1.

<sup>622</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA. *O Commercio de São Paulo*. São Paulo, 5 maio 1896, 6ª col., p. 2.

<sup>623</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA. *O Commercio de São Paulo*. São Paulo, 14 maio 1896, 2ª col., p. 2.

<sup>624</sup> TELEGRAMAS. São Paulo, 19. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 maio 1896, 3ª col., p. 1.

<sup>625</sup> Não foi encontrado o motivo para este retorno e nem mesmo uma data exata nos jornais, mas pode-se estimar que a volta para a Europa ocorreu antes da viragem para o século XX.

<sup>626</sup> NOTAS. *Correio Paulistano*. São Paulo, 24 ago. 1909, 1ª col., p. 2.

<sup>627</sup> CARVALHO, Xavier de. Cartas de Paris – Rodrigo Soares no Brasil. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 24 ago. 1914, 7ª col., p. 2.

<sup>628</sup> REGISTRO DE ARTE. Exposição Rodrigo Soares. *Correio Paulistano*. São Paulo, 27 mar. 1915, 6ª col., p. 4.

<sup>629</sup> VIDA ARTÍSTICA. Exposição Rodrigo Soares. *A Gazeta*. São Paulo, 27 mar. 1915, 3ª col., p. 2.

sucesso<sup>630</sup> de vendas e visitas.<sup>631</sup> Ao seu fim, Rodrigo Soares atravessaria o Atlântico pela última vez com destino a Portugal. Foi, sem dúvida, um dos grandes beneficiados por esta longa viagem: alcançaria nos trópicos a fama e o retorno financeiro que nunca chegou a conquistar na Europa. Nas suas passagens pelo Brasil, o português ainda poderia acompanhar *in loco* o caminho que a pintura paulista traçaria desde os caipiras de Almeida Júnior até as tentativas modernas empreendidas após o Manifesto Futurista de 1912.

São Paulo só voltaria a ser o alvo primário de um grande pintor português mais de dez anos depois da partida de Rodrigo Soares. Após duas passagens pelo Rio de Janeiro realizadas ao lado do pai, Carlos Reis, em 1919 e 1922, João Reis faria uma inédita visita à região em 1926.<sup>632</sup> Desde a sua primeira viagem ao Brasil, o jovem pintor mantinha a expectativa de expor também na capital paulista, mas nunca conseguiria lá chegar devido à venda de quase todas as telas suas e as do genitor durante os eventos no Distrito Federal. Casado com uma santista, nutria grande curiosidade de conhecer o ambiente moderno da pauliceia.<sup>633</sup> Assim, logo após desembarcar no porto carioca e cumprimentar os amigos articulistas dos tempos passados<sup>634</sup>, o português seguiria para São Paulo<sup>635</sup>, onde buscaria as redações dos jornais para entregar um convite ao *vernissage* de sua mostra.<sup>636</sup> O salão, inaugurado a 31 de maio de 1926<sup>637</sup> na sucursal da Galeria Jorge<sup>638</sup>, trazia 22 obras de Carlos Reis<sup>639</sup>, 53 de João Reis<sup>640</sup> e oito de Maria Luiza Reis<sup>641</sup>. Esta última, que enviara panoramas da Lousã<sup>642</sup>, era apontada como um promissor talento da nova geração artística portuguesa.<sup>643</sup>

<sup>630</sup> RODRIGUES, Wasth. Rodrigo Soares. **O Pirralho**. São Paulo, 3 abr. 1915, 2ª e 3ª col., p. 4.

<sup>631</sup> VIDA ARTÍSTICA. Exposição de pintura. **A Gazeta**. São Paulo, 26 abr. 1915, 7ª col., p. 1.

<sup>632</sup> BELAS ATEs. João Reis. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 7 maio 1926, 8ª col., p. 2.

<sup>633</sup> PORTUGAL NO BRASIL. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 8 maio 1926, 2ª col., p. 5.

<sup>634</sup> VIDA SOCIAL. Visitas. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 7 maio 1926, 2ª col., p. 6.

<sup>635</sup> JOÃO REIS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 6 maio 1926, 2ª col., p. 2.

<sup>636</sup> REGISTO DE ARTE. João Reis. **Correio Paulistano**. São Paulo, 27 maio 1926, 2ª col., p. 3.

<sup>637</sup> NOTAS DE ARTE. Exposição Carlos Reis e João Reis. **A Gazeta**. São Paulo, 27 maio 1926, 2ª col., p. 3.

<sup>638</sup> EXPOSIÇÃO EM SÃO PAULO. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 2 jun. 1926, 6ª col., p. 8.

<sup>639</sup> *Sol de agosto, A enxurrada, Nuvens de outono, A fonte de Santo António, Os bezerros, Única companheira, A capelinha de Santo António, Visita maçadora, Outono, Cantigas de amor, Nascer da lua, A senhora Georgina, Casa erma, Lírios, Feira da louça, Saloio, Família de pobres, Tarde de outubro, Canto do meu jardim, Capelinha de Santo Cristo, Casa do meu vizinho e Vindima.*

<sup>640</sup> *Os Jerónimos, Ao cair da tarde, A casa do Zé Pinheiro, A fonte de Valle de Maceira, Garoto lousanense, Pátio rústico, O mercado (Clermont-Ferrand), A vila da Lousã, No Tejo, Rua de Royat (Anvergue), Últimas folhas, Igreja de Royat, Milheiral, Volta do trabalho, Alpendurada, Em Casal de Ermo, Dia tranquilo, Ouro de outono, Árvore desmantelada, Manhã (Lisboa), Tranquilidade, A aldeia de Royat, Capelinha de Nossa Senhora da Piedade, No parque (Royat), Nuvens na serra, Perfil de aldeã, Dia de névoa, Rua do Arco (Royat), A rocha do Conde d'Óbidos, Outubro, Comício, Uma tarde sombria, Uma rua da Lousã, Um garoto, Nuvens, Céu revolto, Nuvens de outono, Na missa das almas, A fonte dos Mouros, Coimbra ao longe, O grande senhor e Primavera.*

<sup>641</sup> BARBOSA, A. Exposição de pintura. **Correio Paulistano**. São Paulo, 19 jun. 1926, 5ª col., p. 4.

<sup>642</sup> *Nuvens douradas, Velhos casebres, Rua da Aldeia, Mancha, Nuvens de outono, Serra de névoa, Dia tranquilo e Nuvens.*

<sup>643</sup> REGISTO DE ARTE. Carlos e João Reis. **Correio Paulistano**. São Paulo, 10 jun. 1926, 6ª a 8ª col., p. 3.

Embora os trabalhos de João Reis, a esta altura, já estivessem espalhados por acervos particulares de São Paulo e fossem vistos com frequência em exposições coletivas<sup>644</sup>, ele decidira reservar alguns quadros inéditos para a nova mostra artística a ser inaugurada na capital do café.<sup>645</sup> No dia de abertura da exposição, suas composições naturalistas representativas de recantos vernáculos<sup>646</sup> (*A casa do Zé Pinheiro*<sup>647</sup> e *Casa erma*<sup>648</sup>, de João Reis, e *Rua de aldeia*, de Maria Luiza<sup>649</sup>) foram as primeiras a serem vendidas. Ademais, colecionadores anônimos dispenderiam quantias consideráveis na compra de imagens emblemáticas pintadas por Carlos Reis (*A senhora Georgina*<sup>650</sup>, *A capelinha de Santo António*<sup>651</sup> e *Os bezerros*<sup>652</sup>), que enviara telas de seu ateliê lisboeta<sup>653</sup> apontadas pela crítica local como magníficos exemplares da moderna escola portuguesa<sup>654</sup> - devendo a modernidade ser aqui entendida enquanto adesão ao naturalismo. O elevado volume de visitantes levados à Galeria Jorge<sup>655</sup> obrigaria João Reis a adiar<sup>656</sup> o encerramento da mostra<sup>657</sup>. Mesmo quatro anos após a Semana de Arte Moderna, o repetido naturalismo, vigente desde o século anterior, continuava a atrair o aplauso do público e o interesse dos compradores na progressista São Paulo.

Era atrás deste mercado palpável que José Campas viajaria em 1926<sup>658</sup>, doze anos depois da sua primeira exposição individual organizada na Escola Nacional de Belas Artes, quando foi impossibilitado de seguir para São Paulo devido à venda de quase todas as obras ao público carioca.<sup>659</sup> Voltaria ao Brasil, portanto, com o compromisso de dispor seus trabalhos primeiramente à pauliceia, para onde se dirigiu<sup>660</sup> após breve passagem pelas redações dos jornais<sup>661</sup> no Rio de Janeiro. Apresentado pelos críticos paulistas como artista de renome internacional<sup>662</sup>, também escolheria a sucursal paulista da Galeria Jorge para instalar o seu

<sup>644</sup> REGISTO DE ARTE. Exposição de pintura. **Correio Paulistano**. São Paulo, 30 maio 1926, 3ª col., p. 3.

<sup>645</sup> UMA NOVA E DESEJADA EXCURSÃO DE ARTE. **A Noite**. Rio de Janeiro, 24 fev. 1926, 6ª col., p. 1.

<sup>646</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA. **Correio Paulistano**. São Paulo, 1º jun. 1926, 5ª col., p. 3.

<sup>647</sup> EXPOSIÇÃO CARLOS E JOÃO REIS. **A Gazeta**. São Paulo, 1º jun. 1926, 1ª col., p. 2.

<sup>648</sup> EXPOSIÇÃO JOÃO REIS. **Correio Paulistano**. São Paulo, 26 jun. 1926, 6ª col., p. 3.

<sup>649</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA. **Correio Paulistano**. São Paulo, 8 jun. 1926, 1ª col., p. 3.

<sup>650</sup> REGISTO DE ARTE. Exposição Reis. **Correio Paulistano**. São Paulo, 15 jun. 1926, 2ª col., p. 3.

<sup>651</sup> REGISTO DE ARTE. João Reis. **Correio Paulistano**. São Paulo, 29 jun. 1926, 2ª col., p. 3.

<sup>652</sup> REGISTO DE ARTE. João Reis. **Correio Paulistano**. São Paulo, 13 jun. 1926, 2ª col., p. 7.

<sup>653</sup> BELAS ARTES. João Reis vai expor. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 21 maio 1926, 2ª col., p. 5.

<sup>654</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 30 maio 1926, 4ª e 5ª col., p. 10.

<sup>655</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA. **Correio Paulistano**. São Paulo, 22 jun. 1926, 1ª col., p. 4.

<sup>656</sup> CARLOS REIS, JOÃO REIS E MARIA LUIZA REIS. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 20 maio 1926, 7ª col., p. 3.

<sup>657</sup> REGISTO DE ARTE. Exposição João Reis. **Correio Paulistano**. São Paulo, 24 jun. 1926, 5ª col., p. 2.

<sup>658</sup> VISITAS. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 16 nov. 1926, 8ª col., p. 6.

<sup>659</sup> BELAS ARTES. José Campos. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 16 nov. 1926, 6ª col., p. 5.

<sup>660</sup> REGISTO DE ARTE. José Campos. **Correio Paulistano**. São Paulo, 23 nov. 1926, 4ª col., p. 7.

<sup>661</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 16 nov. 1926, 1ª col., p. 6.

<sup>662</sup> VIAJANTES. José Campos. **A Noite**. Rio de Janeiro, 15 nov. 1926, 5ª col., p. 6.

empreendimento<sup>663</sup>. O *vernissage*, decorrido a 6 de dezembro de 1926, seria prestigiado por autoridades, jornalistas, membros da elite cafeeira e pelo próprio cônsul de Portugal.<sup>664</sup>

José Campas exibiria cerca de cem telas produzidas nos diversos países pelos quais transitou como pensionista, dentre quadros inéditos e outros emprestados por colecionadores portugueses<sup>665</sup>: eram retratos, paisagens, cenas de gênero e esboços.<sup>666</sup> A representação exata da verdade, aspecto exigido dos naturalistas enquanto fator distintivo, era destacada como a sua maior qualidade.<sup>667</sup> Os jornais reproduziriam alguns dos trabalhos mais elogiados pelos visitantes, como *Amazonas*, *Retrato de aristocrata russa*, *A hora do chá*, *Toilette de Vênus*, *Retrato do cardeal Mercier* e *O viático*.<sup>668</sup> Os bons índices de vendas levariam *Pastorinha fiando (Constância)* e *Dia triste – Namur (Bélgica)* a serem arrematadas em um só dia.<sup>669</sup> Esse interesse despertado<sup>670</sup> na imprensa e no público atrairia ainda a ilustre presença do diretor do Museu Paulista, Affonso de Taunay<sup>671</sup>: herdeiro de renomada família de pintores que atuava há décadas no Brasil (como o avô Félix Emílio Taunay e o bisavô Nicolas-Antoine Taunay), estaria ali apenas a observar ou talvez buscasse um candidato para ocupar o acervo da instituição que dirigia? Quando do encerramento da mostra, logo a 25 de dezembro de 1926<sup>672</sup>, José Campas peregrinaria pelas redações dos jornais para anunciar que tencionava partir rumo ao Rio de Janeiro e promover ali novo evento<sup>673</sup>.

**TABELA 4**  
**Exposição individual de José Campas (São Paulo, 1926-1927)**

Obras expostas	
<i>A caminho da pastagem</i>	<i>Manhã de primavera</i>
<i>Acampamento de ciganos</i>	<i>Manhã no Vouga</i>
<i>A catedral</i>	<i>Margens do Mondego</i>
<i>A “Chanita”</i>	<i>Margens do Tejo</i>

<sup>663</sup> VERNISSAGE DA EXPOSIÇÃO JOSÉ CAMPAS. **Correio Paulistano**. São Paulo, 5 dez. 1926, 6ª col., p. 3.

<sup>664</sup> REGISTO DE ARTE. José Campas. **Correio Paulistano**. São Paulo, 7 dez. 1926, 7ª col., p. 2.

<sup>665</sup> NOTAS DE ARTE. José Campas. **A Gazeta**. São Paulo, 6 dez. 1926, 5ª col., p. 4.

<sup>666</sup> NOTAS DE ARTE. As exposições. **A Gazeta**. São Paulo, 14 dez. 1926, 4ª col., p. 2.

<sup>667</sup> DEMORO, Lauro. Belas Artes: Exposição José Campas. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 9 jan. 1927, 5ª e 6ª col., p. 10.

<sup>668</sup> DE JOSÉ CAMPAS. **Para Todos**. Rio de Janeiro, 11 dez. 1926, Ano VIII, n. 417, p. 37.

<sup>669</sup> REGISTO DE ARTE. José Campas. **Correio Paulistano**. São Paulo, 18 dez. 1926, 7ª col., p. 17.

<sup>670</sup> REGISTO DE ARTE. José Campas. **Correio Paulistano**. São Paulo, 23 dez. 1926, 1ª col., p. 4.

<sup>671</sup> JOSÉ CAMPAS. **Correio Paulistano**. São Paulo, 21 dez. 1926, 6ª col., p. 3.

<sup>672</sup> REGISTO DE ARTE. José Campas. **Correio Paulistano**. São Paulo, 25 dez. 1926, 8ª col., p. 4.

<sup>673</sup> REGISTO DE ARTE. José Campas. **Correio Paulistano**. São Paulo, 1º jan. 1927, 5ª col., p. 3.



*A “Farandole”*

*A hora das vésperas*

*A hora do chá*

*Almoço da lavradora*

*Amazonas*

*Antes da feira*

*Ao começar do trabalho*

*À saída da Arribana*

*A Soíza*

*A Veneza do Ribatejo*

*A volta do campo*

*Barcos*

*“Bugres” do silêncio*

*Cabra teimosa*

*Cabras pastando*

*Casa antiga*

*Castelo de Almourol*

*Castelo dos Condes (Gand)*

*Cenas de cabaré*

*Céu nublado*

*Cigana*

*Colocando a barbela*

*Depois da ceifa*

*Depois da feira*

*Dia triste*

*Durante o jantar*

*Espanha*

*Florentina*

*Floresta de castanheiros*

*Margens do Vouga*

*Mercado de burros*

*Midinette*

*Na aldeia*

*Namur*

*Nostalgia*

*O mais belo do rebanho*

*O parque de Versailles*

*Ordenhando*

*O rebanho*

*Outono*

*O viático*

*O Sena em Sartrouville*

*Parisiense*

*Pastorinha fiando*

*Plátanos seculares*

*Poente*

*Preparativos para o almoço*

*Preparativos para o teatro*

*Rapariga do Ribatejo*

*Regresso da fonte*

*Retrato de Antonio Borges Caldeira*

*Retrato de aristocrata russa*

*Retrato de D. Veloso Rebelo*

*Retrato de madame J.C.*

*Retrato de Mlle. Bonacho dos Anjos*

*Retrato de sua eminencia o Cardeal Mercier*

*Retrato do conselheiro José Maria d’Alpoim*

*Rua Nova Cintra*

<i>Floresta – Haya</i>	<i>Saulxier</i>
<i>Frutos</i>	<i>Sol posto</i>
<i>Fugida para o Egito</i>	<i>Surtout soyez discret</i>
<i>Golegã</i>	<i>Tapada da Ajuda</i>
<i>Hora crepuscular</i>	<i>Tarde de novembro</i>
<i>Horas tranquilas</i>	<i>Toilette de Vênus</i>
<i>Idílio</i>	<i>Uma boa vara</i>
<i>Impressões de viagem</i>	<i>Uma página de “Musset”</i>
<i>Intimidade</i>	<i>Uma rua</i>
<i>Juno</i>	<i>Uma rua – Constância</i>
<i>Juno (projeto)</i>	<i>Uma rua em Saulxler</i>
<i>Leda e o cisne</i>	<i>Versailles</i>
<i>Macieira em flor</i>	<i>Volta da venda</i>
<i>Malinês</i>	<i>Volta do mercado (Constância)</i>

---

Por fim, António Carneiro também retornaria ao Brasil na década de 1920 para fazer o caminho inverso que percorrera quinze anos antes. Assim como José Campas, ele expusera ao público carioca pela primeira vez em 1914 e, em 1929, decidiria instalar suas telas chegadas de Portugal diretamente nos salões do Palacete Glória, em São Paulo. No decorrer do seu certame, Carneiro seria flagrado a palestrar com o artista local de sucesso e discípulo do já falecido Almeida Júnior: o pintor Pedro Alexandrino.<sup>674</sup> Em sua passagem pela terra do café, o português ainda seria alvo de homenagens diversas, como o jantar íntimo patrocinado pelo escritor Carlos da Veiga Lima e prestigiado por João Luso.<sup>675</sup> Tais amizades continuariam a fomentar a feitura de convites mútuos para exposições, incentivariam a troca de ideias e opiniões, promoveriam encontros posteriores e instituiriam um benéfico intercâmbio para as culturas do Brasil e de Portugal. Entretanto, embora as relações pessoais tenham impulsionado o movimento de travessia do Atlântico e motivado uma primeira acolhida calorosa aos que desembarcavam na baía carioca, elas não eram garantia de que as iniciativas artísticas portuguesas alcançariam o

---

<sup>674</sup> PAÇO D'ARCOS, Joaquim. Exposição de pintura Antonio Carneiro. **Diário Nacional**. São Paulo, 10 nov. 1929, 2<sup>a</sup> a 7<sup>a</sup> col., p. 6.

<sup>675</sup> NOTAS MUNDANAS. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 15 set. 1929, 4<sup>a</sup> col., p. 11.

sucesso esperado diante do público comprador. Para tal, atuaria de forma definitiva a partidária imprensa brasileira, maiormente favorável aos portugueses.

### **CAPÍTULO 3**

#### **O BRASIL RECEPTIVO À ARTE PORTUGUESA: IMPRENSA**

As centenas de quadros oriundos de Portugal que desembarcaram no Rio de Janeiro e em São Paulo entre 1889 e 1929 atravessariam o Atlântico estimulados pelo mercado tropical aquecido e pelas amizades sinceras estabelecidas entre figuras das duas nacionalidades. Mas após percorrer este longo caminho, para lograr o tão almejado êxito de vendas, os artistas portugueses precisavam ainda contar com o acolhimento da colônia compatriota residente nos trópicos e com a boa recepção do público local. Tais fatores foram preponderantes no movimento de crescimento exponencial do número de exposições daqueles pintores que se instalaram no Brasil ao longo da Primeira República: a década de 1890 lista 27 eventos que exibiram telas portuguesas, sendo 20 provenientes de certames coletivos; já a década de 1920 registra 36 mostras com nomes portugueses, das quais 20 eram individuais e 16 coletivas.<sup>676</sup>

A realidade construída em sentido favorável aos pintores pertencentes à nacionalidade estrangeira menos apreciada no Brasil recém-republicano seria forjada pela positiva atuação da imprensa, que publicitava as exposições, elogiava com veemência os trabalhos chegados de Portugal e incitava o movimento de compra dos quadros. À época, grande parte da crítica jornalística carioca e paulista revelava certo amadorismo em suas opiniões, mais conectadas a aspectos pessoais e superficiais apreciações técnicas do que a analíticos julgamentos da obra. Em seus textos, os intelectuais celebravam, sobretudo, a reprodução exata da vida portuguesa feita por artistas descritos como detentores de um poder provindo do coração, e não do cérebro.<sup>677</sup> Era também frequentemente destacada a qualidade temática das mostras, que permitiam aos seus visitantes viajarem até Portugal por meio de exemplares representativos dos campos e das figuras daquela nacionalidade. Coelho Netto<sup>678</sup> chegou ao exagero de afirmar que a verdade expressa nas telas de Malhoa era tão sincera que acabava por confundir os observadores, duvidosos se vislumbravam ali reais pedaços da sua terra ou apenas reproduções.

Na passagem para o século XX, José Júlio de Souza Pinto, Carlos Reis<sup>679</sup>, António Carneiro, José Malhoa e Columbano eram comumente citados como líderes do movimento de restauração da arte portuguesa<sup>680</sup>, devedor e continuador dos avanços conquistados pelo Grupo do Leão. Em teoria, os pintores dessa geração não se deixaram influenciar pelas “escolas estrangeiras, salvo no aperfeiçoamento da técnica”<sup>681</sup>, e permaneceram, assim, focados na

---

<sup>676</sup> Dados colhidos pela própria autora por meio de criteriosa pesquisa nos jornais brasileiros da época.

<sup>677</sup> ESTÁ NO RIO O BRILHANTE PINTOR PORTUGUÊS ALVES CARDOSO. **A Noite**. Rio de Janeiro, 12 maio 1928, 6ª col., p. 2.

<sup>678</sup> NETTO, Coelho. Exposição Malhõa. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 9 jul. 1906, 1ª col., p. 1.

<sup>679</sup> ARTES E ARTISTAS. Carlos Reis. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 11 jun. 1919, 5ª col., p. 5.

<sup>680</sup> BELAS ARTES. Exposição Antonio Carneiro. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1914, 7ª col., p. 7.

<sup>681</sup> EXPOSIÇÃO PORTUGUESA. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 31 jul.-01 ago. 1902, 1ª e 2ª col., p. 3.

reprodução da alma portuguesa. A preponderância luminosa do naturalismo registraria uma exceção de vulto, Columbano Bordalo Pinheiro<sup>682</sup>, o qual seria alvo de forçadas avaliações dos jornalistas cariocas (desejosos de encaixá-lo no contexto naturalista), que ressaltavam sua capacidade de representar com exatidão as mais íntimas características psicológicas dos modelos<sup>683</sup> e externar, assim, a verdade – malgrado ele rejeitasse as composições etnográficas comuns ao contexto.<sup>684</sup> Dentre os exemplos máximos do naturalismo pós-Silva Porto, Malhoa e Souza Pinto lideravam a preferência dos articulistas brasileiros, embora alguns<sup>685</sup> tenham defendido que o segundo superara o primeiro no que se refere à “reprodução exata dos costumes e das paisagens portuguesas”<sup>686</sup>, a ponto de um colaborador do *Correio da Manhã*<sup>687</sup> afirmar que Malhoa era discípulo de Souza Pinto, engano rapidamente corrigido<sup>688</sup>.

De toda forma, a pintura portuguesa exportada na transição das centúrias permaneceria à volta de alguns poucos nomes, o que supostamente prejudicaria sua evolução para os aspectos mais hodiernos das vanguardas. José-Augusto França chegou a afirmar que “veem-se dez quadros de Malhoa e percebe-se tudo quanto aconteceu em Portugal entre 1880 e 1930, e já antes, e ainda depois”<sup>689</sup>. Um articulista d’*O Jornal*, em texto de 1927, corroborava o predomínio do naturalismo ao ressaltar que “nunca se encontram, entre os artistas portugueses que nos visitam, esses arrojos de concepção”<sup>690</sup>, referindo-se aqui às tendências simbolistas e futuristas. A pesquisa para a tese concluiu que, comparados aos naturalistas, pouquíssimos modernistas portugueses atravessaram o Atlântico e, quando o fizeram, adotaram posturas mais discretas do que as experimentadas na terra natal, apresentando ao público brasileiro amainados

---

<sup>682</sup> Reconhecido pela crítica internacional como exímio retratista, em verdade, o pintor atravessou distintas fases ao longo de sua trajetória profissional que o levariam do rechaço à glória: até 1879 Columbano teria produzido uma obra muito próxima à do pai; mas durante a década de 1880 ele escolheria seu próprio caminho ao definir uma maneira de pintar distante do predomínio naturalista; de 1889 a 1902, após uma viagem a Madri, decidiria escurecer sua paleta e passaria a organizar aplaudidas exposições individuais, até conquistar uma cadeira na Escola de Belas Artes, símbolo da aceitação oficial do seu legado; por fim, após 1902 o artista experimentaria a derradeira fase de sua consagração absoluta, enquanto mestre a ser inquestionavelmente honrado e admirado. VER: ELIAS, Margarida. **Columbano no seu Tempo (1857-1929)**. Tese (Doutoramento em História da Arte Contemporânea). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011. / LAPA, Pedro (Org.). **Columbano Bordalo Pinheiro (1874-1900)**. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2007. / SILVEIRA, Maria de Aires (coord.). **Columbano**. Lisboa: Museu Nacional de Arte Contemporânea-Museu do Chiado, 2010.

<sup>683</sup> PINTO, Manoel de Souza. No atelier de Columbano. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 4 nov. 1907, 3ª e 4ª col., p. 1.

<sup>684</sup> SIMAS, Helena. Columbano, outras leituras. **Arte Teoria**. Lisboa: FBA/UL, n. 6, 2005, p. 123-134.

<sup>685</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Souza Pinto. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 15 set. 1912, 4ª col., p. 6.

<sup>686</sup> VIDA SOCIAL. Viajantes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 23 jul. 1912, 4ª col., p. 3.

<sup>687</sup> INAUGUROU-SE, ontem, a exposição do pintor Souza Pinto. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 15 set. 1912, 1ª col., p. 4.

<sup>688</sup> BELAS ARTES. Souza Pinto e a sua exposição. **A Noite**. Rio de Janeiro, 17 set. 1912, 2ª col., p. 2.

<sup>689</sup> FRANÇA, José-Augusto. **(In)definições de cultura**: textos de cultura e história, artes e letras. Lisboa: Editorial Presença, 1997. p. 94.

<sup>690</sup> UM ARTISTA PORTUGUÊS NO RIO. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 16 jan. 1927, 1ª a 4ª col., p. 13.

exemplares da sua obra. O aspecto vernacular das composições naturalistas portuguesas seria, portanto, vivamente celebrado na imprensa e garantiria seu significativo reconhecimento.

### 3. 1 O papel do jornalismo

A imprensa exerceu ampla autoridade durante toda a Primeira República brasileira por ser o meio de comunicação mais poderoso e eficaz daquele período. As grandes folhas eram empresas sólidas, que buscavam lucros consistentes e mantinham poderosos gestores em seu comando. No final do século XIX, a introdução dos recursos publicitários em suas pautas as teria tornado autônomas dos subsídios políticos e relativamente independentes dos mandos externos.<sup>691</sup> A criteriosa organização desses empreendimentos e os fartos recursos coletados permitiriam ainda a contratação de profissionais qualificados (como redatores, articulistas, críticos, desenhistas, repórteres e fotógrafos), que forneciam conteúdos especializados e diversificados. O periodismo acabaria, assim, por firmar-se enquanto arauto da verdade<sup>692</sup> e ampliaria cada vez mais o seu poder de influência sobre a opinião e a conduta dos leitores:

Nunca se compreenderá o que foi a imprensa desde meados do século XIX se se julgar que os jornais eram apenas algo que se acrescentara ao mundo tal como existia antes deles. A imprensa era o principal mecanismo de um universo em que os negócios públicos tinham saído do segredo das cortes para a praça pública por onde passava o povo soberano. A imprensa era a ‘democracia’, a nova medida de todas as coisas.<sup>693</sup>

O barateamento dos métodos produtivos, permitido pelas conquistas tecnológicas, também contribuíra sobremaneira para o progresso alcançado pela imprensa brasileira durante a Primeira República e a consequente ampliação dos seus potenciais consumidores, possível ainda graças à melhoria nos níveis de alfabetização do Brasil. Na urbe “o saber ler tornou-se emblema distintivo. Não só para colocação no mercado de trabalho, [...] como para o exercício da cidadania”<sup>694</sup>. Os números de vendagem cada vez mais alargados produziram alterações substanciais nas redações, que democratizavam sua escrita e suavizavam o tom para alcançar qualquer tipo de leitor.<sup>695</sup> Atentos ao conteúdo demandado pelo público, os escritores buscavam

---

<sup>691</sup> LUCA, Tania Regina. A Grande Imprensa no Brasil da primeira metade do século XX. In: LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 149-175.

<sup>692</sup> BARBOSA, Marialva. Imprensa, poder e público: os diários do Rio de Janeiro (1880-1920). **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo: INTERCOM, v. 20, n. 2, jul./dez. 1997, p. 98.

<sup>693</sup> RAMOS, Rui. A segunda fundação. (1890-1926). In: MATTOSO, José (coord.). **História de Portugal**. Rio de Janeiro: Circulo dos Leitores, 2008. v. XI. p. 54.

<sup>694</sup> MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempo de República**, São Paulo (1890,1922). São Paulo: USP / FAPESP, 2008. p. 201.

<sup>695</sup> LUCA, Tania Regina. *Op. cit.*, p. 149-175.

“encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível”<sup>696</sup>.

Dentro de uma imprensa dominada maiormente pelos cinzentos jornais, a criação dos magazines ilustrados em fins do século XIX viria atestar a importância da imagem para aquele contexto e acabaria por formar verdadeiras comunidades leitoras no Brasil ao atingir, inclusive, grupos não-letrados. “Tornando-se, talvez, as mais populares entre os periódicos”<sup>697</sup>, as revistas eram uma exigência da acelerada vida moderna. Possuidoras de linguagem mais apurada do que os folhetins, eram preferidas pelos literatos que buscavam o prestígio de um “homem de letras e não jornalista”<sup>698</sup>. Atrairiam também os produtores de peças publicitárias, artifícios que garantiam a principal fonte de receita destes empreendimentos: “como para o homem de letras, também para o artista plástico, o periodismo resultou no espaço possível de colocação, fosse para o reconhecimento público ou pela remuneração complementar”<sup>699</sup>. A boa oferta de trabalho e a ampla visibilidade que as publicações ofereciam acabariam por levar laureados pintores a dedicarem-se à ilustração ou à direção artística das folhas.

A imprensa luso-brasileira da passagem para o século XX ficaria marcada ainda pelo lançamento de uma considerável quantidade de títulos direcionados à comunidade que transitava entre os dois lados do Atlântico: um “grupo internacional de posses, grandes investidores, cosmopolitas, em trânsito pelos novos mercados, cruzando mares em vapores que demandavam os portos de maior movimento, frequentando os hotéis de vilegiatura da elite”<sup>700</sup>. As iniciativas partiriam, principalmente, de empresários e intelectuais portugueses e brasileiros estabelecidos na França, mas também de redações instaladas em Portugal. Já os projetos oriundos do Brasil foram bem mais raros e a Primeira República registraria apenas um empreendimento liderado por Fernando Mendes de Almeida e Cândido Mendes de Almeida Filho, respectivamente proprietário e editor do carioca *Jornal do Brasil*. Eles publicariam, entre 1897 e 1898, um folhetim também direcionado a Portugal que contou com apenas seis números e foi intitulado *O Jornal do Brasil: edição quinzenal ilustrada*.<sup>701</sup>

<sup>696</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p.334

<sup>697</sup> TRICHES, Robertha Pedroso. **Os sentidos do Atlântico: a Revista Lusitania e a colônia portuguesa do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. p. 84.

<sup>698</sup> MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempo de República**, São Paulo (1890,1922). São Paulo: USP / FAPESP, 2008. p. 140-141.

<sup>699</sup> *Idem*; LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 252.

<sup>700</sup> MARTINS, Ana Luiza. *Op. cit.*, p. 88-89.

<sup>701</sup> SILVA, Julio Rodrigues da. *A Edição Quinzenal Ilustrada (1897-1898): a experiência editorial do Jornal do Brasil em Portugal*. In: ABREU, Márcia; DEAECTO, Marisa Midori. (Org.) **A circulação transatlântica dos impressos: conexões**. Campinas: Unicamp/IEL, 2014. p. 205-212.



O periódico *A Ilustração: revista quinzenal para Portugal e Brasil* é outro exemplo de publicação dedicada aos anseios dos leitores residentes nos dois países. O magazine teria sido editado e impresso em Paris, entre maio de 1884 e janeiro de 1892. Seu diretor, o português Mariano Pina, era uma articulada figura que transitava bem pelos círculos culturais dos dois lados do Atlântico – o que lhe rendera, por exemplo, íntimas amizades com os artistas Belmiro de Almeida, Raphael e Columbano Bordalo Pinheiro. Após o fim da *Ilustração*, uma nova iniciativa franco-luso-brasileira seria organizada logo no ano de 1893, quando Xavier de Carvalho (à época correspondente d’*O Paiz*) lançou o quinzenário ilustrado *A Revista*. Este número contou com direção artística de Jorge Collaço e anotou colaboração de diversos escritores portugueses e brasileiros.<sup>702</sup>

Ademais, os empresários portugueses contribuiriam para formar um mercado periódico cosmopolita luso-brasileiro com uma maior quantidade de títulos: *Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada* (1899-1914), *Atlântida: mensário artístico para Portugal e Brasil*, *A Águia* e *Orpheu*. Marco da linguagem modernista portuguesa do princípio do século XX, a última publicação curiosamente teve o seu esboço delineado em encontro promovido no Rio de Janeiro entre o brasileiro Ronald de Carvalho e o português Luís de Montalvor; mas imprimiria apenas dois números em 1915, que chegaram a ser vendidos nos trópicos.<sup>703</sup> Ainda em 1915, João do Rio e João de Barros iriam concretizar o projeto da *Atlântida*, que permaneceria no mercado até 1920 a reunir colaborações de Graça Aranha, Afrânio Peixoto e Tristão de Ataíde.<sup>704</sup> Já a portuense *Águia*, ligada ao movimento da Renascença portuguesa<sup>705</sup>, alcançaria uma vigência mais prolongada do que as anteriores e estenderia sua edição dos anos de 1910 a 1932. Vendida no mercado carioca desde o seu primeiro volume, embora só tenha passado a circular em São Paulo a partir de 1919, mantinha entre seus correspondentes os brasileiros Almqvist Dinis (o mesmo que em dezembro de 1909 traduziu e publicou o manifesto futurista de Marinetti), Lima Barreto, Gonzaga Duque e o assíduo Ronald de Carvalho.<sup>706</sup>

<sup>702</sup> OS COLEGAS. *A Revista*. **A Semana**. Rio de Janeiro, 25 nov. 1893, 3ª col., p. 133 e 1ª col., p. 134.

<sup>703</sup> De volta a Lisboa, Montalvor levaria os projetos a Fernando Pessoa que, junto a outros nomes da vanguarda local, organizara o lançamento do periódico. VER: FERNANDES, Annie Gisele. Do Portugal no Brasil ao Brasil em Portugal: reflexões acerca do convívio intelectual na (e para a) afirmação da modernidade. **Convergência Lusitana**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, n. 29, jan.-jun. 2013, p. 118.

<sup>704</sup> FERREIRA, Maria-Jo. **Os portugueses do Brasil: atores das relações luso-brasileiras (fim do século XIX - início do século XX)**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <[http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/quartas\\_no\\_arquivo/2007palestra\\_MarieJoFerreira.pdf](http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/quartas_no_arquivo/2007palestra_MarieJoFerreira.pdf)>. Acesso em: 17 de junho de 2014.

<sup>705</sup> O movimento objetivava criar a Sociedade Luso-Brasileira, a editora Anuário do Brasil e incrementar a troca intelectual entre Brasil e Portugal. Ver: SARAIVA, Arnaldo. **Modernismo brasileiro e modernismo português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações**. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 90.

<sup>706</sup> SARAIVA, Arnaldo. *Ibidem*, p. 89-92.

Os títulos relevantes para o intercâmbio luso-brasileiro, mesmo os que experimentaram uma curta e inexpressiva duração, permitiriam a escritores e artistas assumirem o proeminente papel de conectores das realidades de Brasil e Portugal. Na imprensa brasileira da Primeira República avultavam ainda os periódicos dirigidos à grande comunidade portuguesa ali estabelecida, cujos exemplares objetivavam “tornar o Brasil conhecido em Portugal, tornar Portugal conhecido no Brasil, generalizando em cada um destes países a arte, a literatura do outro, e tornando apreciados em ambos, os escritores e os artistas”<sup>707</sup>. Dentre as diversas iniciativas procedentes dos imigrantes instalados no Rio de Janeiro, destacam-se: *Portugal Moderno* (1904-1913), *Lusitania: semanário ilustrado luso-brasileiro* (1916, editado por Alexandre de Albuquerque), *Jornal Português: defensor dos interesses portugueses no Brasil* (1918-1934), *Portugal* (1923-1928), *Terra de Sol* (1924-1925) e *Pátria portuguesa: pela pátria, pela tradição, pela raça* (1925-1934). Já dos números produzidos em São Paulo, sobressaem-se: *A bandeira portuguesa: órgão dos interesses da colônia portuguesa no Brasil*, *Echo Português*<sup>708</sup>, *Portugal e Brasil* e *A Vida Moderna* (1906-1929, propriedade do grupo empresarial d’*O Estado de São Paulo*, teve boas vendagens e colaborações de João Luso, João de Barros e Ramalho Ortigão<sup>709</sup>).

Ademais, à época da Primeira República o Rio de Janeiro mantinha uma imprensa dominada por portugueses, fosse pelo facto de eles dirigirem e presidirem os maiores periódicos cariocas ou por serem seus mais efetivos anunciantes, ou seja, responsáveis pela maioria das receitas angariadas. A colônia portuguesa era fiel leitora do *Jornal do Commercio*<sup>710</sup>, dirigido por António Ferreira Botelho entre 1915 e 1923, quando ele aproveitou para instalar a sede da Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria no prédio da sua redação.<sup>711</sup> *O Paiz*, uma das mais importantes publicações do momento, tivera dois portugueses em sua direção: João José dos Reis e, a partir de 1902, João de Souza Lage.<sup>712</sup> Durante sua longa e influente duração, editaria crônicas de Justino de Montalvão, José Maria Alpoim (“Cartas de Lisboa”) e Xavier de

<sup>707</sup> *Apud* MULLER, Fernanda Suely. **(Re) vendo as páginas, (re)visando os laços e (des)atando os nós**: as relações literárias e culturais luso-brasileiras através dos periódicos portugueses (1899-1922). Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. p. 113.

<sup>708</sup> DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. *Imigração e educação: os portugueses em São Paulo no início do século XX. Cadernos CERU*. São Paulo: USP, série 2, v. 12, 2001, p. 163.

<sup>709</sup> MORAES, Juliana Lopes de. *A Vida Moderna (1907-1922), o periódico-vitrine da cidade de São Paulo*: tempos de modernidade com um leve toque português. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007. p. 94-95.

<sup>710</sup> ZAN, João Carlos. **Ramalho Ortigão e o Brasil**. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. p. 212.

<sup>711</sup> FERREIRA, Maria-Jo. **Os portugueses do Brasil**: atores das relações luso-brasileiras (fim do século XIX - início do século XX). Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <[http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/quartas\\_no\\_arquivo/2007palestra\\_MarieJoFerreira.pdf](http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/quartas_no_arquivo/2007palestra_MarieJoFerreira.pdf)>. Acesso em: 17 de junho de 2014.

<sup>712</sup> FERREIRA, Maria-Jo. *Ibidem*.

Carvalho (“Cartas de Paris”), além dos artigos de Câmara Reis. Já o *Jornal do Brasil*, fundado em 1891, contava com Fialho de Almeida, Teófilo Braga e Oliveira Martins entre os seus correspondentes.<sup>713</sup>

Na outra província, *O Estado de São Paulo*<sup>714</sup> congregaria o maior número de colaboradores e revisores portugueses do país, dentre os quais é possível citar: Gaspar da Silva (o Visconde de S. Boaventura), António Maria Bettencourt Rodrigues, Filinto de Almeida (alçado à direção do jornal e à Academia Brasileira de Letras), Fialho de Almeida, Ramalho Ortigão, Maria Amália Vaz de Carvalho, Pinheiro Chagas, Mariano Pina, Guilherme de Azevedo, Jaime Batalha Reis, Carlos Malheiro Dias, Jaime Cortesão, Henrique Galvão, Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena, Oscar Lopes e João Grave.<sup>715</sup> Até 1906, o jornal paulista circularia aleatoriamente com a coluna “A vida portuguesa” e, depois de 1900, incluiria suas “Revistas portuguesas”, que apresentavam o panorama político e cultural do além-mar.<sup>716</sup> Tal periodismo seria previsivelmente tendencioso ao enaltecimento das iniciativas artísticas portuguesas instaladas nos trópicos, realidade criticada em irônico artigo da revista *Para todos*, que em tom pejorativo narrava a opinião de um aluno da Escola Nacional de Belas Artes sobre o retrato do Presidente Epitácio Pessoa pintado por Carlos Reis:

O Sr. Epitacio estava tão perfeito, que até parecia o senador Lauro Muller, sem o *cavaignac*.

O rapaz foi para a escola e quis contar o que viu, mas calou-se. Calou-se, porque se cometesse uma irreverência era capaz de ser suspenso por trinta dias.

Pode-se discutir o mérito de um artista brasileiro e até arrasá-lo. O de um estrangeiro, que ao Brasil veio ganhar a sua vida, é que não. Seria desaforo imperdoável.<sup>717</sup>

### 3. 2 A atuação dos intelectuais

Assim como nas artes, “a presença de autores portugueses no Brasil foi muito mais incisiva e manifesta do que a de brasileiros em Portugal”<sup>718</sup>. A ex-metrópole esporadicamente

<sup>713</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p.309

<sup>714</sup> O jornal foi comandado pelo português Júlio Mesquita de 1889 a 1927, que o alçou à primeira grandeza. VER: MULLER, Fernanda Suely. **Ruptura ou tradição?** A crítica e a literatura portuguesa em *O Estado de São Paulo* no pré-modernismo brasileiro: 1900-1911. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. p. 53.

<sup>715</sup> NEVES, João Alves das. **As relações literárias de Portugal com o Brasil**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992. p. 25.

<sup>716</sup> MULLER, Fernanda Suely. *Op. cit.*, p. 61.

<sup>717</sup> O QUE SE OUVI, O QUE SE VÊ. **Para todos**. Rio de Janeiro, 18 out. 1919, p. 14.

<sup>718</sup> FERNANDES, Annie Gisele. Do Portugal no Brasil ao Brasil em Portugal: reflexões acerca do convívio intelectual na (e para a) afirmação da modernidade. **Convergência Lusíada**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, n. 29, jan.-jun. 2013, p. 127.

lançava no mercado livreiro títulos dos brasileiros Gonçalves Dias, José de Alencar, Álvares de Azevedo, Alvarenga Peixoto, Machado de Assis, Aluísio de Azevedo e Coelho Netto. Ainda em raríssimas exceções, personalidades como Raimundo Correia, Olavo Bilac, Valentim Magalhães e Arthur Azevedo “colaboravam ou eram transcritos na imprensa portuguesa, quando não eram mesmo editados em livro”<sup>719</sup>, embora sempre submetidos a uma crítica revisão da linguagem. Por outro lado, os literatos portugueses tornar-se-iam regularmente lidos nos trópicos e influenciariam toda uma geração de intelectuais<sup>720</sup>, em contribuições decisivas para o maior intercâmbio cultural luso-brasileiro.

Pode-se dizer que Eça de Queiroz foi o nome mais reverenciado de fins do século XIX e teve inúmeros trabalhos divulgados pelos periódicos brasileiros, especialmente pela *Gazeta de Notícias* carioca. Em 1878, ajudado por Ramalho Ortigão, ele lançou no Rio de Janeiro um grande sucesso, *O primo Basílio*, com o qual abria ali caminho para a literatura realista, caracterizada pelo profundo desejo de transformar a sociedade.<sup>721</sup> Eça manteria íntima amizade com os brasileiros Eduardo Prado, Domício da Gama, Olavo Bilac, Paulo Prado, Joaquim Nabuco e com o diplomata Barão do Rio Branco.<sup>722</sup> Neste ínterim, outro português deveras admirado no Brasil viveria na Capital Federal, de 1875 a 1879. Raphael Bordalo Pinheiro foi contratado para ilustrar as páginas d’*O mosquito*<sup>723</sup> e construiria amistosa relação com boa parte da intelectualidade carioca, especialmente com Aluísio de Azevedo (responsável por fundar o realismo no Brasil, em 1881, com a publicação de *O mulato*).

Ramalho Ortigão, por sua vez, assinaria a coluna “Cartas portuguesas” da *Gazeta de Notícias* de 1877 até 1915, colaboração interrompida apenas entre 1895 (quando publicou, em edições sucessivas, *O culto da arte em Portugal*<sup>724</sup>) e 1901. Conhecido pelo tom crítico adotado nas suas *Farpas* contra as condições de vida dos imigrantes no Brasil<sup>725</sup>, ele visitaria o Rio de Janeiro em 1887 para a cerimônia de inauguração do Gabinete Português de Leitura<sup>726</sup> e

<sup>719</sup> SARAIVA, Arnaldo. **Modernismo brasileiro e modernismo português**: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 37

<sup>720</sup> RAMOS, Rui. A segunda fundação. (1890-1926). In: MATTOSO, José (coord.). **História de Portugal**. Rio de Mouro: Círculo dos Leitores, 2008. v. XI. p. 56-63.

<sup>721</sup> MÉRIAN, Jean-Yves. Presença de Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Rafael Bordalo Pinheiro no debate e na polêmica naturalista no Brasil. **Convergência Lusíada**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, n. 24, jul./dez. 2007, p. 219-222.

<sup>722</sup> NEVES, João Alves das. **As relações literárias de Portugal com o Brasil**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992. p. 196.

<sup>723</sup> ALVES, Ida; TELLES, Ângela. Atravessando o Atlântico: imagens de brasileiros por portugueses. **Convergência Lusíada**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, n. 29, jan./jun. 2013, p. 257-259.

<sup>724</sup> Ver as edições da *Gazeta de Notícias* dos dias 26 e 28 de outubro de 1895. O texto aparece com destaque na primeira página de ambos os exemplares.

<sup>725</sup> ALVES, Ida; TELLES, Ângela. *Ibidem*, p. 255.

<sup>726</sup> ZAN, João Carlos. **Ramalho Ortigão e o Brasil**. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

estabeleceria vínculos que acabariam por entusiasmar literatos brasileiros, como Luiz Murat e o modernista Olavo Bilac.<sup>727</sup> Eça, Raphael e Ramalho, tríade de peso responsável pela propagação da cultura portuguesa no além-mar, também auxiliariam na difusão dos escritos de Émile Zola e contribuiriam para a introdução do naturalismo no Brasil na década de 1880.<sup>728</sup>

Atuação menos observada, mas nem por isso de menor importância, é a de Alfredo Camarate. O engenheiro, escritor e músico nascido nos idos de 1840, em Lisboa, teria emigrado para o Brasil aos 32 anos de idade e permanecido no país até a sua morte, em 1904.<sup>729</sup> Escreveria importantes críticas de arte nos jornais brasileiros, ao lado dos reconhecidos Oscar Guanabarro e França Júnior. Entre 1875 e 1891, Camarate colaborou na *Gazeta de Notícias*, período durante o qual certamente acompanhara as passagens de Eça, Ramalho e Raphael pelo Rio de Janeiro.<sup>730</sup> Outro nome influente desse cenário, o português Carlos Malheiro Dias seria convidado, em 1907, a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, graças ao seu elevado desempenho literário demonstrado nas constantes contribuições aos periódicos cariocas. Após lutar abertamente pela volta da monarquia em Portugal, fugiria para o Brasil em 1912, onde passaria a dirigir vários folhetins. No ano de 1921, Malheiro Dias iria ainda coordenar o lançamento de uma obra especialmente pensada para as comemorações do centenário da Independência brasileira e intitulada *História da Colonização Portuguesa do Brasil*. Financiado por um rico industrial, Albino Sousa Cruz, e ilustrado por Alfredo Roque Gameiro, o livro objetivava “glorificar o papel de Portugal e dos portugueses na formação da nação brasileira”<sup>731</sup>.

No seguimento do cenário de influências literárias exercidas quase exclusivamente no sentido Portugal-Brasil, Fernando Corrêa Dias nutriria proveitosas relações com Ronald de Carvalho e Anita Malfatti durante suas exposições nos trópicos, até firmar residência no Rio de Janeiro em 1914. Casado com a poetisa Cecília Meireles, tornar-se-ia uma espécie de elo entre

---

<sup>727</sup> SILVA, Maria do Carmo Couto da. A crítica de arte de Ramalho Ortigão e a pintura oitocentista portuguesa. In: CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. *et. al. Anais do XXXII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte*. Direções e sentidos da História da Arte. Brasília: CBHA, 2012. p. 589.

<sup>728</sup> MÉRIAN, Jean-Yves. Presença de Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Rafael Bordalo Pinheiro no debate e na polêmica naturalista no Brasil. *Convergência Lusíada*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, n. 24, jul./dez. 2007, p. 222.

<sup>729</sup> LÜSCHER, Pedro de Castro. Alfredo Camarate: República, civilização e patrimônio. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. ANPUH 50 anos. São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300419768\\_ARQUIVO\\_ANPUH.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300419768_ARQUIVO_ANPUH.pdf)>. Acesso em: 23 de março de 2015.

<sup>730</sup> DAZZI, Camila. Crítica de arte: uma nova forma de escrever o século XIX no Brasil. In: CAMPOS, Adalgisa Arantes. *et. al. Anais do XXIV Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte*. Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <[http://www.cbha.art.br/coloquios/2004/anais/textos/21\\_camila\\_dazzi.pdf](http://www.cbha.art.br/coloquios/2004/anais/textos/21_camila_dazzi.pdf)>. Acesso em: 12 de dezembro de 2014.

<sup>731</sup> FERREIRA, Maria-Jo. *Os portugueses do Brasil: atores das relações luso-brasileiras (fim do século XIX - início do século XX)*. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <[http://www0.rj.gov.br/arquivo/pdf/quartas\\_no\\_arquivo/2007palestra\\_MarieJoFerreira.pdf](http://www0.rj.gov.br/arquivo/pdf/quartas_no_arquivo/2007palestra_MarieJoFerreira.pdf)>. Acesso em: 17 de junho de 2014.

o modernismo de além e aquém-mar.<sup>732</sup> Em São Paulo, António Ferro e Fernanda de Castro também se envolveriam com o meio vanguardista local e estabeleceriam intensos diálogos com os organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922. À época do movimento, Ferro chegava ao Brasil para seguir a companhia de teatro que encenaria ali a sua peça, *Mar Alto*, quando foi recebido por Menotti del Picchia e Graça Aranha. Após um rápido casamento por procuração, faria vir Fernanda de Castro, junto da qual percorrera os teatros brasileiros a proferir conferências, enquanto a esposa declamava seus poemas.<sup>733</sup> O Festival de Arte Portuguesa instalado pelo casal no Teatro Municipal paulista, as suas publicações na *Klaxon*, as encenações e, sobretudo, as amizades e diálogos firmados ao longo de meses de convivência contribuiriam em definitivo para a implantação do modernismo no Brasil, em sua vertente futurista.<sup>734</sup> Nomeada a “Rainha da Semana de Arte Moderna” pelos próprios organizadores da mostra, Fernanda de Castro seria retratada por Anita Malfatti e Tarsila do Amaral.<sup>735</sup>

Por fim, a atuação de enérgicos divulgadores da cultura portuguesa no Brasil, como Ricardo Severo<sup>736</sup>, colaborava de maneira definitiva para as frutíferas trocas que se processavam entre os dois lados do Atlântico. O abastado engenheiro, emigrado após a Revolta do Porto, iria dirigir o Liceu de Artes e Ofícios e participar da criação da *Revista do Brasil*, na qual divulgaria uma série de artigos sobre a arquitetura luso-brasileira. Suas ações somavam-se às dos artistas, que também transitavam por ambas as nações, e davam maior volume às tentativas de aproximação entre Brasil e Portugal. Por vezes, os portugueses contribuiriam com a publicação de uma opinião favorável sobre os compatriotas nos jornais brasileiros. Por outras, apenas acolheriam os pintores chegados da Europa e os apresentariam às proeminentes figuras residentes no Rio de Janeiro ou em São Paulo, atitude que poderia garantir o sucesso das mostras. Cooperariam, direta ou indiretamente, para a positiva recepção que arte portuguesa experimentou nos trópicos, construindo mais um alicerce da ponte que gradativamente era construída sobre o largo oceano que separava ex-metrópole e ex-colônia.

---

<sup>732</sup> MULLER, Fernanda Suely. **(Re)vendo as páginas, (re)visando os laços e (des)atando os nós:** as relações literárias e culturais luso-brasileiras através dos periódicos portugueses (1899-1922). Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. p. 231-232.

<sup>733</sup> FERRO, Ana Mafalda. António Ferro, o meu avô. **UNILETRAS**. Ponta Grossa: UEPG, v. 38, n. 2, jul./dez. 2016, p. 331-337.

<sup>734</sup> NEVES, João Alves das. **As relações literárias de Portugal com o Brasil**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992. p. 49-50.

<sup>735</sup> FERRO, Ana Mafalda. *Op. cit.*, p. 336.

<sup>736</sup> **Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto:** Ricardo Severo. Disponível em: <[http://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?P\\_pagina=1000789](http://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1000789)>. Acesso em: 24 de setembro de 2014.

### 3. 2. 2 Os críticos de arte no Brasil

As mudanças nos paradigmas da crítica de arte desenvolvida a partir do setecentos<sup>737</sup>, proporcionadas pela introdução de aspectos filosóficos e historiográficos na produção literária relativa às Belas Artes, quando mescladas à ascensão da civilização moderna na segunda metade do oitocentos levariam à emergência de um tipo ideal de intelectual responsável pela análise da arte naturalista: o conhecedor, do qual era exigida a capacidade de classificar e examinar uma pintura pela simples observação dos seus elementos, sem precisar recorrer a outras fontes.<sup>738</sup> Tais escritores eram dedicados acumuladores de imagens e informações, amigos de amadores e colecionadores, eternos viajantes que procuravam testemunhar diferentes manifestações artísticas. Influenciavam o gosto estético e o fazer artístico da época ao declararem apoio a alguma iniciativa, embora suas palavras de censura não necessariamente impedissem a glória de um pintor ou de sua exposição.

Durante a Primeira República brasileira, a crítica de arte permaneceria maiormente conectada à produção jornalística, que tinha a clara pretensão de educar seus leitores nos assuntos culturais. Das folhas de maior circulação nos trópicos, *O Paiz* (1885-1934) talvez tenha sido o que mais espaço cedeu à temática e foi “o primeiro a dedicar uma seção diária, na parte editorial, ao tema”<sup>739</sup>. Preocupados “com a formação do artista no Brasil e com a criação de um ambiente propício para a fruição da arte”<sup>740</sup>, os periódicos buscaram fazer de si uma espécie de catálogo comentado. Assim, reproduziam telas exibidas em mostras ou pinturas existentes nos museus ao redor do mundo, seguidas das acessíveis análises de conhecedores, com a finalidade de desenvolver a cultura visual dos brasileiros.<sup>741</sup> Para Angelo Agostini, os críticos de arte assumiam o papel de instrutores da coletividade ao aperfeiçoarem os olhares para diferenciarem “o que é obra prima, o que não ultrapassa os limites do bom; o que é sofrível e o que não presta – a fim de que o público saiba apreciar e distinguir”<sup>742</sup>.

<sup>737</sup> ARGAN, Giulio Carlo. **Arte e crítica de Arte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1988. p. 127.

<sup>738</sup> VENTURI, Lionello. **História da Crítica de Arte**. Lisboa: Edições 70, 1998. p. 214-215.

<sup>739</sup> GRANGEIA, Fabiana de Araújo Guerra. Oscar Guanabara e a crítica de arte periódica no Brasil. **I Encontro de História da Arte**, 2004. Revisão historiográfica: o estado da questão. Campinas: UNICAMP, 2005. p.326-333.

<sup>740</sup> SILVA, Rosângela de Jesus. Um novo olhar para a Arte Brasileira e o século XIX. **História na Fronteira**. Foz do Iguaçu: Uniamérica, v. 3, n. 3, jul./dez. 2010, p. 51-66.

<sup>741</sup> LEANDRO, Sandra. **Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1871-1900)**. 2 vol. Dissertação (Mestrado em História da Arte Contemporânea). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1999. p. 510. p. 202.

<sup>742</sup> SILVA, Rosângela de Jesus. *Op. cit.*, p. 51-66.

O mercado livreiro registraria contribuições raras, mas igualmente importantes, como a de Luiz Gonzaga Duque Estrada, que ainda sob o regime monárquico, em 1888, lançaria *A arte brasileira* – volume de forte cunho historiográfico que procurava observar se a produção artística do Brasil estava em conformidade com as necessidades da nação e de sua cultura. O texto cogitava ter sido a formação da ex-colônia por portugueses, judeus, jesuítas e homens degredados, unida à escravização do índio e do negro, desfavorável ao desenvolvimento das Belas Artes nos trópicos, processo prejudicado ainda pela excessiva abertura da República à influência estrangeira.<sup>743</sup> Gonzaga Duque foi considerado um dos mais influentes críticos de arte brasileiros até a sua morte, em 1911. Seria relegado pela posteridade, que alegava haver um suposto tradicionalismo em suas concepções<sup>744</sup>. Entretanto, foi verdadeiramente o patrono de uma arte moderna, enquanto manifestação independente, atenta à sua época e produzida fora das imposições acadêmicas ou oficiais, em textos que dialogavam com progressistas autores franceses, como Baudelaire e Zola.<sup>745</sup>

A crítica de arte brasileira da Primeira República registraria a atuação de outros respeitados nomes, como o de Angelo Agostini. O italiano chegado aos trópicos em 1864 adotaria uma redação menos embasada em dados históricos ou na referência a outros escritores, como fizera Gonzaga Duque, mas atenta ao movimento artístico contemporâneo e fortemente opinativa. Entre 1876 e 1888 Agostini dirigiria a célebre *Revista Ilustrada*. “Direto e, por vezes, áspero com as palavras [...], ele não hesitava em desencorajar um artista para o caminho das artes se acreditasse que esse não tivesse talento”<sup>746</sup>. Condenador ferrenho da Academia Imperial, avaliava que a reformulação da Escola Nacional de Belas Artes teria produzido consideráveis avanços no cenário brasileiro e creditava tais progressos às mudanças no comando da instituição (era admirador de Rodolpho Bernardelli, um dos novos diretores).<sup>747</sup> Entretanto, lamentava a falta de incentivo governamental e exigia que os artistas procurassem

---

<sup>743</sup> SILVA, Rosângela de Jesus. Ângelo Agostini, Felix Ferreira e Gonzaga Duque Estrada: contribuições da crítica de arte brasileira no século XIX. **Revista de História da Arte e Arqueologia**. Campinas: Unicamp, n. 10, jul./dez. 2009. p. 65.

<sup>744</sup> VERMEERSCH, Paula Ferreira. **Notas de um estudo crítico sobre A Arte Brasileira, de Luiz Gonzaga Duque Estrada**. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

<sup>745</sup> COUTO, Renata de Campos. Gonzaga Duque: crítica, arte e a experiência da modernidade. In: CONDURU, Roberto; SIQUEIRA, Vera Beatriz (Org.). **Anais do XXVIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Mudanças de paradigmas para a História da Arte no Brasil. Rio de Janeiro, 2008. p. 615-624.

<sup>746</sup> SILVA, Rosângela de Jesus. *Op. cit.*, p. 54.

<sup>747</sup> SILVA, Rosângela de Jesus. **O Brasil de Ângelo Agostini: política e sociedade nas imagens de um artista (1864-1910)**. Tese (Doutorado em História da Arte). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. p. 231-234.



estudar mais, de modo que pudessem educar o público com suas obras.<sup>748</sup> Em 1895 fundaria o polêmico *Don Quixote*, publicação ativa até 1904<sup>749</sup>, ano em que passou a colaborar n' *O Malho*, onde permaneceu até novembro de 1907. Agostini foi, enfim, “o mais importante artista gráfico entre nós na segunda metade do século XIX. Caricaturista, pintor, um dos inventores das histórias em quadrinhos, jornalista, repórter, editor e militante político, exerceu uma influência decisiva em sua época”<sup>750</sup>.

O último nome desta significativa tríade de pensadores, que assumiria no Brasil o exclusivo e especializado papel de críticos de arte, é o de Oscar Guanabara. Frequentemente colaborador d' *O Paiz* entre 1884 e 1917, período durante o qual assinara a coluna “Artes e artistas”, de 1917 até o ano de sua morte (1937) passaria a escrever para a coluna “Pelo mundo das artes”, impressa no *Jornal do Commercio* carioca. Suas reflexões defendiam a melhoria na qualidade das opiniões pronunciadas pela crítica brasileira, que supostamente adotara o simples papel de registrar impressões ou empatias. Guanabara lutava pela publicação de análises que assumissem a atribuição de formar e educar o público para as Belas Artes, a ponto de desenvolver plenamente este nicho no Brasil. Influenciado pelas teorias positivistas vigentes no final do século XIX, acreditava que um povo com maior gosto cultural e mais apurado sentimento estético inevitavelmente acabaria por formar uma nação progressista.<sup>751</sup>

Ademais, durante a Primeira República, o maior volume de publicações jornalísticas e a abertura dos periódicos às opiniões diversificadas acabariam por resultar no aparecimento de numerosos articulistas despreparados e que erroneamente se intitulavam críticos de arte. Em verdade, eles podem ser vistos mais como curiosos pelo assunto do que propriamente enquanto especialistas instruídos. Em 1920, Gilberto Amado<sup>752</sup> chegaria a lamentar que o Brasil não possuía mais verdadeiros críticos de arte e a censurar o silêncio dos entendidos na matéria. Segundo o escritor, os tendenciosos comentários proferidos por literatos de opinião respeitada, mas pouco conhecedores das Belas Artes, fariam com que o público se deixasse guiar somente pela fama dos autores: os nomes conhecidos reuniam uma multidão de admiradores,

<sup>748</sup> SILVA, Rosângela de Jesus. Crítica de arte na imprensa carioca do século XIX: *Revista Musical e de Bellas Artes*. In: AMBROSIO, Eliana Ribeiro. *et. al. Atas do III Encontro de História da Arte*. História da Arte e instituições culturais: perspectivas em debate. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2007. p. 604.

<sup>749</sup> SILVA, Rosângela de Jesus. Ângelo Agostini: crítica de arte, política e cultura no Brasil do Segundo Reinado. *Revista de História da Arte e Arqueologia*. Campinas: UNICAMP, n. 6, dez. 2006, p. 113.

<sup>750</sup> OLIVEIRA, Gilberto Maringoni de. *Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal (1864-1910)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. p. 27.

<sup>751</sup> GRANGEIA, Fabiana de Araújo Guerra. Oscar Guanabara e a crítica de arte periódica no Brasil. *I Encontro de História da Arte*, 2004. Revisão historiográfica: o estado da questão. Campinas: UNICAMP, 2005. p.326-333.

<sup>752</sup> AMADO, Gilberto. Um pouco de pintura. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 6 set. 1920, 1ª a 3ª col., p. 2.

independente da sua qualidade, enquanto pintores de talento acabavam por passar despercebidos.

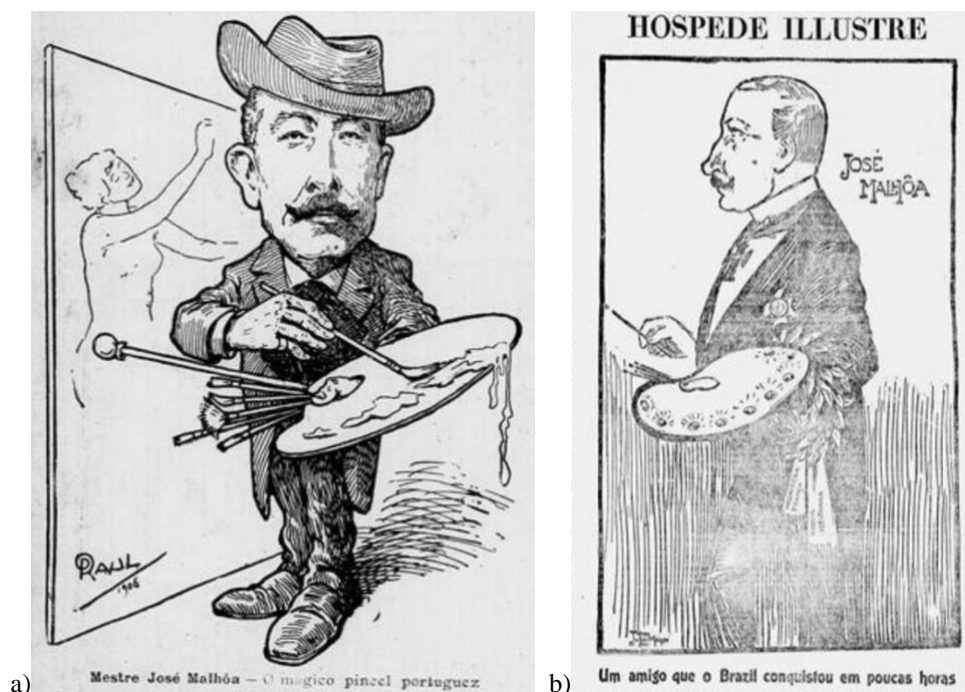
Em geral, os intelectuais atuantes na transição dos séculos exigiriam duas habilidades dos pintores: a capacidade de transmitir o sentimento despertado pela cena e a reprodução exata do panorama a ser imortalizado na tela. De modo a avaliar o cumprimento ou não destas demandas, Coelho Netto<sup>753</sup> aconselhava, em artigo de 1906, que o crítico de arte se posicionasse frente à obra para buscar perceber a personalidade do pintor e, só então, passar a entender suas questões técnicas. O artista que não conseguisse inicialmente comunicar emoção ao observador por meio do pincel acabaria, aqui, incompreendido e ignorado. Apenas se lograsse alcançar este objetivo é que ele deveria ser observado conforme outros critérios, como a correção do desenho, o uso adequado da luz, a composição apropriada dos planos, a manutenção da forma e a correspondência com os modelos já balizados pela França, ou seja, com o naturalismo. Diante de tais expectativas, o clamor da crítica brasileira atuante ao longo da Primeira República seria plenamente atendido com a chegada da arte naturalista portuguesa aos trópicos.

### 3. 3 Os pintores portugueses e a imprensa brasileira

A opinião favorável dos críticos, unida ao progressista contexto econômico da Primeira República, faria do Brasil o entreposto artístico mais importante para a arte naturalista portuguesa do início do século XX. Os periódicos cariocas e paulistas foram atentos divulgadores e promotores das iniciativas portuguesas chegadas aos trópicos. Confessos admiradores daquele naturalismo, preencheriam suas páginas com superior conteúdo ao noticiar o andamento das exposições, os *vernissages*, as visitas e o comércio de telas. Cientes desta realidade, os próprios artistas fariam questão de visitar as redações dos jornais após o seu desembarque na baía carioca. As desprezíveis saudações seriam intencionalmente utilizadas para estabelecer vínculos que, em futuro próximo, ajudariam a dar visibilidade às mostras e a alavancar o trabalho dos pintores.<sup>754</sup> Os folhetins, por sua vez, buscavam se notabilizar pela presença destas conceituadas figuras, verdadeiros arautos da cultura, em seus escritórios.

<sup>753</sup> NETTO, Coelho. Exposição Malhã. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 9 jul. 1906, 1ª col., p. 1.

<sup>754</sup> ARAÚJO, Raquel Aguilar de. **As linguagens de Almeida Júnior**: o diálogo com a modernidade. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.



**FIGURA 7** – O reconhecimento de José Malhoa pela imprensa

- a) “Mestre José Malhõa: o mágico pincel português”, *Revista da Semana*, 8 de julho de 1906.  
 b) “Hóspede Illustre: um amigo que o brasil conquistou em poucas horas”, *O Paiz*, 19 de junho de 1906.

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

Neste ínterim, as personalidades ainda ignoradas pelo meio tropical precisavam mostrar-se e disponibilizar-se através da imprensa, como fez o desconhecido Luiz Silva, que visitaria o *Jornal do Brasil* para se apresentar (como pintor, decorador, cenógrafo, dourador e zincógrafo) e oferecer seus serviços à sociedade<sup>755</sup>. Mas, em verdade, foram poucos os nomes incógnitos para o jornalismo brasileiro, sendo mais comum o caminho contrário: que a imagem dos artistas portugueses fosse utilizada pelos periódicos para angariar leitores e elevar sua reputação. Neste sentido, em 1895 *O Paiz*<sup>756</sup> ofereceria, como brinde aos clientes que renovassem a assinatura anual, um exemplar de *O Paiz Illustrado* – número excepcional que trazia imagens produzidas pelo brasileiro Henrique Bernardelli e também pelos portugueses Raphael Bordalo Pinheiro, Columbano, António Ramalho, Ernesto Condeixa e Alfredo Keil. No ano de 1902 seria repetida a mesma estratégia, quando *O Paiz Illustrado* apresentou contribuições literárias ricamente adornadas por “deliciosas ilustrações a cores”<sup>757</sup> de Condeixa e Columbano. A preferência pelos nomes portugueses não era fortuita. Eles seriam propositadamente aproveitados para conferir maior status ao jornal, que se mostrava conectado, assim, à cultura europeia.

<sup>755</sup> *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 14 mar. 1902, 8ª col., p. 3.

<sup>756</sup> ASSIGNATURAS PARA 1896. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 8 dez. 1895, 1ª col., p. 1.

<sup>757</sup> *O Paiz*. Rio de Janeiro, 5 jan. 1902, 1ª col., p. 1.

Ainda a cumprir um papel deveras partidário, os periódicos faziam constantes e explícitas convocações à colônia portuguesa e aos leitores brasileiros com o objetivo de estimular a visita às mostras e elevar o número de obras comercializadas. Em 1919, um artigo publicado n' *O Paiz* referente à exposição de Hippolyto Colomb afirmava terem os portugueses o “dever patriótico de passar pela Galeria Jorge e admirar esses encantadores trabalhos, e dar-lhe o seu aplauso, e até a concorrer para o seu êxito no campo econômico, porque o artista bem o merece”<sup>758</sup>. A imprensa chegava a exagerar no otimismo das suas informações, de modo a superestimar a estadia dos artistas no Brasil. Foi o que aconteceu com João Vaz, em 1913, quando *A Noite* iria anunciar a compra de praticamente todo o conjunto exposto pelo pintor no Real Gabinete Português de Leitura<sup>759</sup> e ressaltar a boa visitação ao evento<sup>760</sup>, embora uma edição posterior corrigisse a soma de trabalhos vendidos para uma cifra bem mais modesta: apenas onze.<sup>761</sup>

A exposição de José Campas, decorrida em 1914 no Rio de Janeiro, é acontecimento que confirma a conjuntura de cordialidade travada entre a imprensa brasileira e a classe artística portuguesa, na adoção de ações fundamentais para o sucesso das mostras. Antes de partir para o Brasil, o pintor exporia no salão da *Ilustração Portuguesa*<sup>762</sup>, quando foi elogiado pelo trabalho consistente e perseverante que lhe fizera progredir rapidamente.<sup>763</sup> Para os críticos brasileiros, entretanto, ele continuava a ser uma grande incógnita, desconhecimento amainado por suas visitas às redações da *Careta*<sup>764</sup> e d' *A Noite*<sup>765</sup> após o desembarque na baía carioca. Campas passaria a ser apresentado<sup>766</sup>, de maneira a enaltecer sua trajetória, como antigo aluno da Escola de Belas Artes de Lisboa, discípulo de Carlos Reis, amigo de Rodin<sup>767</sup> e expansionista do governo de Portugal na França<sup>768</sup>, adorado pelos mestres da *École de Beaux-Arts*<sup>769</sup> e reconhecido por sua dedicação à pintura de paisagem<sup>770</sup>. Os periódicos noticiariam

<sup>758</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Um artista português: a exposição de Hippolyto Colomb. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 20 ago. 1919, 2ª e 3ª col., p. 8.

<sup>759</sup> BELAS ARTES. João Vaz. **A Noite**. Rio de Janeiro, 23 ago. 1913, 5ª col., p. 4.

<sup>760</sup> BELAS ARTES. João Vaz. **A Noite**. Rio de Janeiro, 18 ago. 1913, 1ª col., p. 4.

<sup>761</sup> BELAS ARTES. João Vaz. **A Noite**. Rio de Janeiro, 25 ago. 1913, 5ª col., p. 4.

<sup>762</sup> CARTA DE PORTUGAL. O pintor José Campos no Brasil. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 19 abr. 1914, 7ª col., p. 8.

<sup>763</sup> A EXPOSIÇÃO DE JOSÉ CAMPAS. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 9 maio 1914, p. 21.

<sup>764</sup> ARTES E LETRAS. **A Careta**. Rio de Janeiro, 9 maio 1914, p. 41.

<sup>765</sup> O PINTOR JOSÉ CAMPAS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 30 abr. 1914, 4ª col., p. 2.

<sup>766</sup> UM PINTOR PORTUGUÊS. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 2-3 maio 1914, 3ª col., p. 3.

<sup>767</sup> ARTES E ARTISTAS. José Campas. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 3 maio 1914, 5ª col., p. 3.

<sup>768</sup> OS ARTISTAS PORTUGUESES. A abertura da exposição de José Campas. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 12-13 maio 1914, 3ª col., p. 3.

<sup>769</sup> VIDA SOCIAL. Viajantes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 28 abr. 1914, 1ª col., p. 3.

<sup>770</sup> O INTERCÂMBIO LUSO-BRASILEIRO. Chegou ao Rio o pintor José Campas. **Correio da Noite**. Rio de Janeiro, 29 abr. 1914, 4ª e 5ª col., p. 2.

com afincos todo o andamento<sup>771</sup> da mostra instalada por José Campas nos salões da Escola Nacional de Belas Artes e aconselhariam o público leitor a comparecer ao evento para adquirir telas de um artista que já possuía exemplares espalhados por importantes galerias europeias.<sup>772</sup> O *Jornal do Brasil*<sup>773</sup> anunciava que o certame era um dos mais interessantes da temporada e as revistas voltadas para o público feminino chegariam a recomendar a visita como um programa adequado às senhoras de bom gosto.<sup>774</sup>

Os textos destacavam a compra<sup>775</sup> de obras<sup>776</sup> por distintas personalidades<sup>777</sup> e colecionadores<sup>778</sup> mesmo semanas após sua abertura<sup>779</sup>. O *Correio da Noite* informava que quase todos os 80 quadros levados ao Brasil foram adquiridos durante a exposição, embora a verdade seja que pouco mais de 10 tenham sido realmente comercializados.<sup>780</sup> De toda maneira, os esforços dos articulistas provocariam o aumento do interesse do público<sup>781</sup> e seriam reconhecidos por Campas, que em agradecimento ofereceria uma de suas telas à Associação de Imprensa do Rio de Janeiro.<sup>782</sup> Antes de retornar à Europa, José Campas ainda passaria pelo *Jornal do Brasil*<sup>783</sup> e *O Imparcial*<sup>784</sup> com um discurso que distinguia a afetuosa acolhida da sociedade carioca. Esta foi outra prática comum aos pintores portugueses, os quais voltariam às redações dos periódicos ao final de suas mostras com o objetivo de manter o bom relacionamento com a imprensa local, agradecer a recepção do povo brasileiro e despedir-se devidamente dos seus compradores.

Para encerrar o presente capítulo, vale lembrar que mesmo uma relação positiva e frutífera com a imprensa não impediria o surgimento de raras críticas negativas às iniciativas dos pintores portugueses instaladas nos trópicos, embora elas fossem sempre minimizadas e replicadas por artigos que buscavam desautorizar as adversas opiniões. Em 1925, uma destas contendas iria instalar certo desconforto entre dois respeitados intelectuais brasileiros e foi

<sup>771</sup> A EXPOSIÇÃO JOSÉ CAMPAS. *A Noite*. Rio de Janeiro, 23 maio 1914, 2ª col., p. 2.

<sup>772</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA. *A Noite*. Rio de Janeiro, 9 maio 1914, 6ª col., p. 4.

<sup>773</sup> NOTAS SOCIAIS. Exposições. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 14 maio 1914, 3ª col., p. 9.

<sup>774</sup> CARTA DE PARIS. José Campas. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 23 maio 1914, 7ª col., p. 1.

<sup>775</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição José Campas. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 29 maio 1914, 6ª col., p. 5.

<sup>776</sup> ARTE PORTUGUESA. Exposição de pintura José Campas. *O Imparcial*. Rio de Janeiro, 30 maio 1914, p. 1.

<sup>777</sup> ARTE PORTUGUESA. A exposição de pintura José Campas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 31 maio 1914, 7ª col., p. 8.

<sup>778</sup> NOTAS SOCIAIS. Exposições. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 30 maio 1914, 4ª col., p. 9.

<sup>779</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Campas. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 27 maio 1914, 7ª col., p. 3.

<sup>780</sup> NO DOMÍNIO DAS BELAS ARTES. Exposição Campas. *Correio da Noite*. Rio de Janeiro, 2 jun. 1914, 4ª col., p. 4.

<sup>781</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição José Campas. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 30 maio 1914, 6ª col., p. 4.

<sup>782</sup> *A Noite*. Rio de Janeiro, 8 jun. 1914, 6ª col., p. 4.

<sup>783</sup> HÓSPEDES E VIAJANTES. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 9 jun. 1914, 6ª col., p. 9.

<sup>784</sup> NOTAS SOCIAIS. Visitas. *O Imparcial*. Rio de Janeiro, 9 jun. 1914, 2ª col., p. 8.

gerada pelas opiniões contrárias à exposição de José de Almeida e Silva no Rio de Janeiro. Patrocinado pelo Centro Beirão e alguns membros destacados da colônia portuguesa, ele levaria uma grande coleção de obras<sup>785</sup> ao Brasil<sup>786</sup> – cerca de 100 quadros a óleo<sup>787</sup>, a maioria paisagens da Beira-Alta<sup>788</sup> que o próprio pintor afirmava não possuírem uma linguagem estética definida, nem “estilo de qualquer escola antiga, moderna e muito menos moderníssima: - apenas pessoal e sincera como eu a sinto. Oxalá ela aqui agrade”<sup>789</sup>. Desconhecido do meio local, Almeida e Silva visitaria as redações dos jornais<sup>790</sup> cariocas de modo a se apresentar<sup>791</sup> e anunciar a inauguração da sua mostra no salão nobre do Real Gabinete Português de Leitura. Ao *vernissage* do compareceriam figuras da alta sociedade, jornalistas e artistas, além do embaixador de Portugal.<sup>792</sup> Até então, tudo dentro do esperado.

A querela se inicia quando Fléxa Ribeiro afirma ter visualizado em Almeida e Silva uma ultrapassada técnica acadêmica que manteria sua mostra “limitada ao campo do amadorismo”<sup>793</sup>. As duras censuras iriam provocar uma sentida resposta de Alexandre de Albuquerque<sup>794</sup>, cujo texto lembrava os grandes artistas já revelados por Viseu e destacava a vontade de Almeida e Silva de dar continuidade à tradição pictórica do local, o que justificaria sua resistência aos supostos devaneios das escolas modernas e a fidelidade aos valores vernáculos. A réplica de Alexandre incitaria uma tréplica de Fléxa<sup>795</sup>, que reclamava seu direito de criticar a produção do português, fugindo aos textos jornalísticos salientadores apenas dos feitos pessoais daqueles pintores e de sua nacionalidade. Aliás, Fléxa Ribeiro creditava o relativo sucesso da exposição ao apoio da colônia portuguesa e ao simples facto de o pintor ser um estrangeiro, o que já provocaria imediato interesse nos brasileiros. O evento foi encerrado a 15 de novembro com o registro de bom público<sup>796</sup>, embora tenha sido necessário promover

<sup>785</sup> UM PINTOR REGIONALISTA PORTUGUÊS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 7 set. 1925, 4ª col., p. 10.

<sup>786</sup> A PINTURA PORTUGUESA. **A Noite**. Rio de Janeiro, 7 out. 1925, 3ª col., p. 3.

<sup>787</sup> *A boneca, A dor de São Pedro, Às escondidas, A Virgem do Deserto, A viúva, Avó e neta, Bernardo, Cabeça de mendigo, Camponesa de Leiria, Canção da aldeia, Capela de Santa Eulalia, de Repezes, Capucheira da Beira Alta, Cerejas portuguesas, Costurando, Creadita amuada, Depois do banho, Isaura, Jantar de pai, Mulher ciumenta, Na mesa da cozinha, O lampião aceso, O livro de estampas, O pão nosso de cada dia, Pensativa, Recanto da taberna, Serão e Velho cocheiro*. EXPOSIÇÕES. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 6 out. 1925, 2ª col., p. 6.

<sup>788</sup> ARTE REGIONALISTA PORTUGUESA. **A Noite**. Rio de Janeiro, 5 out. 1925, 4ª col., p. 6.

<sup>789</sup> PORTUGAL NO BRASIL. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 9 out. 1925, 1ª e 2ª col., p. 5.

<sup>790</sup> O PINTOR JOSÉ DE ALMEIDA E SILVA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 13 set. 1925, 8ª col., p. 8.

<sup>791</sup> A VIDA SOCIAL. Visitas. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 13 set. 1925, 1ª col., p. 5.

<sup>792</sup> A EXPOSIÇÃO DO ARTISTA PORTUGUÊS, SR. JOSÉ DE ALMEIDA E SILVA. **A Noite**. Rio de Janeiro, 13 out. 1925, 2ª col., p. 2.

<sup>793</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 7 out. 1925, 1ª col., p. 5.

<sup>794</sup> ALBUQUERQUE, Alexandre. Vizeu. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 10 out. 1925, 1ª e 2ª col., p. 3.

<sup>795</sup> RIBEIRO, Fléxa. A crítica de arte e o amor da Pátria. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 13 out. 1925, 1ª e 2ª col., p. 1.

<sup>796</sup> PORTUGAL NO BRASIL. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 8 nov. 1925, 2ª col., p. 5.

uma baixa de preços para conseguir impulsionar as vendas.<sup>797</sup> Dentre os adquirentes dos quadros estavam capitalistas e políticos, como Zeferino de Oliveira, Jayme Sotto Maior, A. Carneiro Pacheco e José Antônio de Souza<sup>798</sup>, mostrando que o mérito da compra nem sempre passava efetivamente por questões qualitativas e intrínsecas à arte (como Fléxa Ribeiro gostaria que fosse).



Se o capítulo anterior mostrou que os contatos desenvolvidos entre individualidades brasileiras e portuguesas ajudaram a promover o intercâmbio cultural entre os dois lados do Atlântico, agora foi possível perceber que a recepção favorável da imprensa forneceria o principal motivo para a travessia do oceano: os pintores sabiam que encontrariam no além-mar um jornalismo afeito às suas iniciativas e que os publicitaria sem maiores objeções, atuando como uma verdadeira ponte entre os pintores e a sociedade compradora. Não apenas os receberia em suas redações e divulgaria notícias elogiosas, como também acolheria as exposições em seus próprios espaços: no ano de 1891 Mariano de Lima<sup>799</sup> instalou suas obras no salão d'*O Paiz*<sup>800</sup> e, nos idos de 1914, a Associação de Imprensa do Rio de Janeiro hospedou uma mostra de caricaturas de Corrêa Dias<sup>801</sup>. O próximo capítulo, por sua vez, observará que as instituições de auxílio fundadas pelos portugueses nos trópicos ofereceriam um ambiente propício aos pintores conterrâneos que se aventuravam a tentar a sorte no Brasil. Tais entidades foram a maior e mais sólida garantia de que os artistas não viajavam desamparados em caso de infortúnio.

<sup>797</sup> EXPOSIÇÃO ALMEIDA E SILVA. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 31 out. 1925, Ano XXVI, n. 45, p.27.

<sup>798</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 14 out. 1925, 4ª col., p. 5.

<sup>799</sup> Imigrante português estabelecido no Brasil, que em 1886 fundara a Escola de Desenho e Pintura de Curitiba (VER: SANTANA, Luciana Wolff Apolloni. **Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná**: o projeto de ensino de artes e ofícios de Antônio Mariano de Lima – Curitiba, 1886-1902. Dissertação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004), sendo deveras elogiado nos periódicos por esta iniciativa (VER: EXPOSIÇÃO DO PARANÁ. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 25 nov. 1895, 7ª col., p.2). Foi reconhecido pelo árduo trabalho que cumpriu à frente da instituição até o ano de 1902 (VER: ESTADO DO PARANÁ. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 25 ago. 1897, 1ª col., p. 2) e por ter corajosamente insistido no desenvolvimento das artes mesmo perante o total desinteresse e descaso do governo local (VER: **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 26 nov. 1896, 5ª col., p. 1).

<sup>800</sup> SALÃO D'O PAIZ. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 14 out. 1891, 7ª col., p. 1

<sup>801</sup> OS ARTISTAS PORTUGUESES. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 4-5 maio 1914, 2ª col., p. 2. / E / ARTES E ARTISTAS. Exposição Correia Dias. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 3 maio 1914, 4ª col., p. 3.

## **CAPÍTULO 4**

### **IMIGRANTES PORTUGUESES E SUAS INSTITUIÇÕES REPRESENTATIVAS**



A análise sobre a recepção favorável da arte portuguesa no outro lado do Atlântico passa obrigatoriamente por questões alusivas à proeminência da sua comunidade residente no Brasil.<sup>802</sup> “A emigração não era um mero detalhe demográfico ou um aspecto exterior da situação portuguesa. Era um dos mais importantes fatores da vida social, econômica e cultural de Portugal.”<sup>803</sup> Em grupo numeroso e organizado, os imigrantes portugueses construiriam fortes raízes no além-mar, onde se destacariam nas atividades comerciais. A escolha da ex-colônia esteve ligada a parâmetros históricos e linguísticos, como é óbvio, mas também à rápida concessão da nacionalidade e aos muitos parentes ou amigos que, já instalados ali, prometiam uma vida melhor aos recém-chegados. Emigrados em busca do sonho do enriquecimento ou visando importantes funções na burocracia brasileira, os portugueses não deixariam, entretanto, de valorizar e rememorar suas raízes quando estabelecidos nos trópicos. Neste interim, a pintura naturalista, representativa de uma imagem supostamente verídica dos característicos ambientes vernáculos, permitiria a recordação saudosa da terra natal e de seus costumes.

#### 4. 1 O movimento migratório

Entre 1886 e 1930, mais de quatro milhões de estrangeiros entraram no Brasil.<sup>804</sup> Em 1890 eles representavam 2,5% dos habitantes do país, mas em 1900 já chegavam a somar além dos 7%.<sup>805</sup> Os portugueses estiveram quase sempre em primeiro lugar neste ranking migratório e enviariam para os trópicos cerca de dois milhões de indivíduos entre 1820 e 1968, seguidos de perto apenas pelos italianos.<sup>806</sup> Só a década de 1890 registraria um total de 305.908 emigrados portugueses, ou seja, 6% da população brasileira.<sup>807</sup> Herbert Klein<sup>808</sup> acredita que as principais razões para tal movimento em Portugal foram o alto crescimento demográfico desatrelado do avanço econômico, a insuficiente modernização agrícola (especialmente do

---

<sup>802</sup> SILVA, Armando Malheiro da. Portugal e Brasil: dos fluxos migratórios às interações ideológico-políticas (1989-1918). **Coletâneas do Nosso Tempo**. Rondonópolis: UFMT, ano VIII, n. 9, 2009, p. 11-32.

<sup>803</sup> RAMOS, Rui. A segunda fundação. (1890-1926). In: MATTOSO, José (coord.). **História de Portugal**. Rio de Mour: Círculo dos Leitores, 2008. v. XI. p. 32.

<sup>804</sup> LEVY, Maria Stella Ferreira. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872-1972). **Revista de Saúde Pública**. São Paulo: USP, v. 8, n. supl., 1974, p. 54.

<sup>805</sup> MENDES, José Sacchetta Ramos. **Laços de sangue: privilégios e intolerância à imigração portuguesa no Brasil (1822-1945)**. Porto: CEPESE/Fronteira do Caos, 2010. P. 158-159.

<sup>806</sup> CERVO, Amado Luiz; MAGALHÃES, José Calvet de. **Depois das caravelas: as relações entre Portugal e o Brasil, 1808-2000**. Lisboa: Instituto Camões, 2000. p. 112.

<sup>807</sup> RAMOS, Rui (coord.). **História de Portugal**. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009. p. 558-559.

<sup>808</sup> KLEIN, Herbert. A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil nos finais do século XIX e no século XX. **Análise Social**. Lisboa: ICS/UL, v. 28, n. 121, 1993, p. 235.

Norte densamente povoado) e a precária expansão do frágil setor industrial. Os estados de São Paulo e Rio de Janeiro concentrariam quase 85% dos imigrantes portugueses, que até à década de 1890 seguiriam em massa para a urbe carioca<sup>809</sup>, fluxo invertido a partir de 1900 com a explosão da produção cafeeira.<sup>810</sup> E se em São Paulo eles acabariam majoritariamente alocados nas fazendas, no Rio de Janeiro seu agrupamento seria mais forte nas cidades<sup>811</sup>, o que em pouco tempo fez desta a metrópole “onde viviam mais portugueses depois de Lisboa”<sup>812</sup>.

O ápice do êxodo português viria a ocorrer no ano de 1912, consequência da proclamação do regime republicano e da consequente desilusão popular para com o novo governo.<sup>813</sup> A partir de então, o número de mulheres chegadas ao Brasil aumentaria devido ao deslocamento de famílias inteiras, e não apenas de homens isolados. O novo surto migratório provocado pelo fim da Primeira Guerra Mundial iria consagrar a mudança da emigração portuguesa: era “individual, masculina e temporária, tornou-se familiar e permanente”<sup>814</sup>, ou seja, se antes representava um momento transitório com fins de enriquecimento, passaria a ser uma escolha de vida e uma importante válvula de escape para a pobreza que assolava a maior parte do país europeu. O golpe ditatorial decretado em 1926 e as consequentes mudanças na prioridade da política externa de Portugal, agora mais voltada para a ocupação da África, não impactariam negativamente o fluxo de investidores e trabalhadores rumo ao Brasil. Este ciclo só seria quebrado pela crise global de 1929, ano em que foi introduzido nas normas brasileiras um novo requisito para a aceitação dos estrangeiros e que faria decrescer drasticamente as taxas migratórias – a obrigatoriedade de saber ler e escrever.<sup>815</sup>

---

<sup>809</sup> Os portugueses representavam 68% dos estrangeiros residentes no Rio de Janeiro e um quinto de toda a população carioca. VER: RIBEIRO, Gladys Sabina. O imigrante e a imigração portuguesa no acervo da Justiça Federal do Rio de Janeiro (1890-1930). In: SOUSA, Fernando de; MARTINS, Ismênia; PEREIRA, Conceição Meireles (coord.). **A emigração portuguesa para o Brasil**. Porto: CEPESE/Edições Afrontamento, 2007. p. 123.

<sup>810</sup> LEVY, Maria Stella Ferreira. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872-1972). **Revista de Saúde Pública**. São Paulo: USP, v. 8, n. supl., 1974, p. 56.

<sup>811</sup> FONSECA, Vitor Manoel Marques da. Monumentos à imigração: as sedes das associações portuguesas no Rio de Janeiro, em inícios do século XX. In: SOUSA, Fernando de; MARTINS, Ismênia; PEREIRA, Conceição Meireles (coord.). **A emigração portuguesa para o Brasil**. Porto: CEPESE/Edições Afrontamento, 2007. p. 420.

<sup>812</sup> RAMOS, Rui. A segunda fundação. (1890-1926). In: MATTOSO, José (coord.). **História de Portugal**. Rio de Mouro: Círculo dos Leitores, 2008. v. XI. p. 32.

<sup>813</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. A “onda” emigratória de 1912: dos números às trajetórias. In: SOUSA, Fernando de; MARTINS, Ismênia; MATOS, Izilda (coord.). **Nas duas margens: os portugueses no Brasil**. Porto: CEPESE/Edições Afrontamento, 2009. p. 237-247.

<sup>814</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. Escritos e deslocamentos: cartas, correspondências e mensagens trocadas entre portugueses (São Paulo – Portugal, 1890-1950). In: ARRUDA, José Jobson de Andrade. *et al.* **De colonos a imigrantes: i(e)migração portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2013. p. 53.

<sup>815</sup> KLEIN, Herbert. A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil nos finais do século XIX e no século XX. **Análise Social**. Lisboa: ICS/UL, v. 28, n. 121, 1993. p. 239.

A maioria das viagens oriundas de Portugal não teria sido subsidiada por incentivos governamentais, e sim procedido de capital individual privado.<sup>816</sup> Como o deslocamento para o Brasil era muito dispendioso à época, pode-se concluir que boa parte dos portugueses emigrados não pertencia à camada miserável da população. Eram, sobretudo, “trabalhadores especializados do Norte que passaram a dominar o comércio retalhista de todas as grandes cidades brasileiras”<sup>817</sup>, além de pequenos industrialistas e artífices qualificados. Esta imigração urbana, preferida pela administração portuguesa, priorizava o indivíduo garantidor de remessas de dinheiro mais volumosas à pátria e atuante como divulgador dos produtos nacionais no comércio brasileiro.<sup>818</sup> Tal realidade fizera com que as importâncias monetárias enviadas à Europa pela comunidade portuguesa residente no Brasil chegassem a duplicar entre as décadas de 1890 e 1920<sup>819</sup>. De qualquer forma, nem todos alcançariam o patamar financeiro almejado com a decisão de emigrar e alguns se tornariam incapazes não só de sustentar a família remanescente em Portugal, como também de manter a sua própria dignidade nos trópicos. É aqui que os imigrantes enriquecidos ganham respeitável e relevante função:

A natureza urbana de grande parte da migração portuguesa, bem como o aumento constante de indivíduos especializados e abastados, juntamente com o grande número de pobres, deram origem a uma comunidade de imigrantes com um espírito de chefia bem acentuado e empenhados em organizações de voluntários. Os portugueses foram os primeiros a criar inúmeras instituições de voluntários, desde associações de socorros mútuos para trabalhadores a hospitais, sociedade literárias e bibliotecas para os emigrantes das classes média e alta. Além disso, o forte sentido de identidade comunitária assegurou que estas instituições de voluntários fossem não só das primeiras a serem criadas, como as mais duradouras da história moderna do Brasil.<sup>820</sup>

Os imigrantes instalados nos trópicos receberiam a importante tarefa de conectar a realidade portuguesa à brasileira, sendo responsáveis pela entrada dos artigos nacionais no Brasil e pela divulgação da cultura vernácula no mercado local. Se a progressista República tropical era considerada “a mais irrefutável prova das excepcionais capacidades colonizadoras do povo português, [...] os portugueses que, em terras brasileiras, labutavam por uma vida nova fora da terra pátria estavam, de alguma maneira, a dar continuidade a essa missão

<sup>816</sup> LEITE, Joaquim da Costa. Emigração portuguesa: a lei e os números (1855-1914). **Análise Social**. Lisboa: ICS/UL, v. 23, n. 97, 1987. p. 468.

<sup>817</sup> KLEIN, Herbert. A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil nos finais do século XIX e no século XX. **Análise Social**. Lisboa: ICS/UL, v. 28, n. 121, 1993. p. 243.

<sup>818</sup> PASCKES, Maria Luisa. Nota sobre os imigrantes portugueses no Brasil (séculos XIX e XX). **Revista História**. São Paulo: UNESP, n. 123-124, ago./jul. 1990-1991, p. 86.

<sup>819</sup> GONÇALVES, Paulo Cesar. Os “Rios de Ouro” que cruzaram o Atlântico: aproximações para um estudo comparado das remessas dos emigrantes italianos, portugueses e espanhóis. In: ARRUDA, José Jobson de Andrade. *et al.* **De colonos a imigrantes: i(e)migração portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2013. p. 473.

<sup>820</sup> KLEIN, Herbert. *Op. cit.*, p. 255.

colonizadora”<sup>821</sup>. Entretanto, na esfera cotidiana eles sofriam com o duplo preconceito: entre os brasileiros eram enxotados e apontados como rudes exploradores; quando do retorno à terra natal seriam ridicularizados por terem supostamente adquirido as incultas maneiras do além-mar. Frente à hostilidade que partia de ambos os lados, a elite emigrada também se dedicaria “a apagar as adversidades sociais, econômicas e políticas da colônia portuguesa pela elaboração de um discurso de união e de comunhão em torno da afirmação da identidade nacional portuguesa”<sup>822</sup>. As falas pacificadoras das tensões mostravam o trabalhador português (pobre e singelo) como um indivíduo dedicado e honesto.

#### 4. 2 As entidades de apoio à colônia portuguesa residente no Brasil

Como a mudança para o Brasil nem sempre vinha acompanhada da esperada riqueza ou de recompensas favoráveis, os imigrantes humildes e desqualificados, sem parentesco influente, às vezes acabavam por traçar um caminho sofrido e pouco gratificante. A maior parte teria de recorrer às instituições de beneficência fundadas pela elite portuguesa emigrada, que batalhava para promover a organização da comunidade e o sustento dos desamparados.<sup>823</sup> Isto ocorria porque a civilização de fins do século XIX e início do XX considerava a filantropia uma obrigação dos indivíduos favorecidos pela fortuna. No caso dos prósperos imigrantes portugueses instalados no Brasil, a caridade para com os seus tornava-se também sinônimo de evidente patriotismo.<sup>824</sup> O governo de Portugal, mesmo do outro lado do Atlântico, tinha ciência do esforço desses homens, que empenhavam seu capital privado para fazer as vezes do próprio Estado, enquanto ativos provedores de recursos aos seus conterrâneos. Em troca (e como forma de reconhecimento), a administração portuguesa concedia títulos nobiliárquicos e mercês aos benfeitores, como a cruz de São Thiago que foi ofertada ao pintor Rodrigo Soares por suas ações solidárias praticadas em São Paulo.<sup>825</sup>

<sup>821</sup> SILVA, Isabel Corrêa da. **Espelho Fraterno: o Brasil e o republicanismo português na transição para o século XX**. Lisboa: Divina Comédia, 2013. p. 415.

<sup>822</sup> FERREIRA, Maria-Jo. **Os portugueses do Brasil: atores das relações luso-brasileiras (fim do século XIX - início do século XX)**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <[http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/quartas\\_no\\_arquivo/2007palestra\\_MarieJoFerreira.pdf](http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/quartas_no_arquivo/2007palestra_MarieJoFerreira.pdf)>. Acesso em: 17 de junho de 2014.

<sup>823</sup> SCOTT, Ana Silvia Volpi. **As duas faces da imigração portuguesa para o Brasil: décadas de 1820-1930**. *Paper* apresentado ao Congresso de História Econômica de Zaragoza, 2001. Disponível em: <<http://www.unizar.es/eueez/cahe/volpiscott.pdf>>. Acesso em: 27 de agosto de 2014.

<sup>824</sup> RAMOS, Rui. A segunda fundação. (1890-1926). In: MATTOSO, José (coord.). **História de Portugal**. Rio de Mour: Círculo dos Leitores, 2008. v. XI. p. 96.

<sup>825</sup> NOTÍCIAS DE PORTUGAL. Lisboa, 12 de abril. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 29-30 abr. 1897, 4ª col., p. 2.

As instituições portuguesas filantrópicas atuantes no Distrito Federal (entre Centros, Fraternidades, Beneficências e Sociedades) normalmente proibiam a inscrição de brasileiros, o que confirma o forte senso associativo da comunidade. O pesquisador Vitor Fonseca<sup>826</sup> apontou a existência de 17 entidades integradas e dirigidas por portugueses na transição para o século XX.<sup>827</sup> Já Isabel Corrêa da Silva<sup>828</sup> inventariou 24 organizações de origem portuguesa que realizavam assistência social no Rio de Janeiro em 1913, as quais congregariam cerca de 63 mil associados, ou seja, 47% dos imigrantes daquela nacionalidade ali residentes. Dentre os nomes arrolados pelos dois estudiosos, destacam-se: a Congregação dos Artistas Portugueses, fundada a 28 de setembro de 1883 e que possuía 316 membros em 1912; e a Associação Beneficente dos Artistas Portugueses (Real)<sup>829</sup>, instituída a 26 de maio de 1863<sup>830</sup> e que contava em 1912 com cerca de 420 sócios – igualmente todos do sexo masculino e de origem portuguesa.<sup>831</sup> O silêncio dos periódicos e da historiografia sobre o alcance destes órgãos para o intercâmbio artístico luso-brasileiro faz crer que, em verdade, eles atuaram em prol de personalidades menos favorecidas, como artesãos e artífices de pouca expressão.

Dentre todas as demais organizações representativas da comunidade portuguesa instaladas no Brasil e vigentes ao longo da Primeira República, o Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro alcança lugar de destaque neste estudo. Já o Liceu Literário Português, de desempenho mais discreto, receberia, em 1907, a Exposição Permanente de Produtos Portugueses. São Paulo, por sua vez, somava ao fim da primeira década do século XX cerca de 16 agremiações fundadas por imigrantes portugueses<sup>832</sup>, dentre as quais sobressaía a Câmara Portuguesa de Comércio. Junto aos estabelecimentos privados brasileiros, estas entidades tornar-se-iam responsáveis pelo incentivo e recepção da maioria das iniciativas dos artistas

---

<sup>826</sup> FONSECA, Vitor M. Marques da. Monumentos à imigração: as sedes das associações portuguesas no Rio de Janeiro, em inícios do século XX. In: SOUSA, Fernando de; MARTINS, Ismênia; PEREIRA, Conceição Meireles (coord.). **A emigração portuguesa para o Brasil**. Porto: CEPESE/Edições Afrontamento, 2007. p. 417-436.

<sup>827</sup> Como a *Associação Beneficente em Homenagem ao Escritor Ramalho Ortigão*, fundada em setembro de 1887.

<sup>828</sup> SILVA, Isabel Corrêa da. **Espelho Fraterno**: o Brasil e o republicanismo português na transição para o século XX. Lisboa: Divina Comédia, 2013. p. 296.

<sup>829</sup> Pretendia “auxiliar financeiramente os associados nos casos de doenças e invalidez, providenciar o deslocamento de sócios que, por estarem enfermos, precisassem se ausentar do Rio de Janeiro ou de outro local qualquer, conceder pensão para as famílias dos sócios falecidos e financiar as despesas de funerais”. Ver: CERVO, Amado Luiz; MAGALHÃES, José Calvet de. **Depois das caravelas**: as relações entre Portugal e o Brasil, 1808-2000. Lisboa: Instituto Camões, 2000. p. 192.

<sup>830</sup> AS INSTITUIÇÕES PORTUGUESAS NO BRASIL. O que é a Real Associação Beneficente dos Artistas Portugueses: a sua ação na colônia. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 23 out. 1916, 4ª e 5ª col., p. 5.

<sup>831</sup> FONSECA, Vitor M. Marques da. *Op. cit.*, p. 256-257.

<sup>832</sup> KLEIN, Herbert. A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil nos finais do século XIX e no século XX. **Análise Social**. Lisboa: ICS/UL, v. 28, n. 121, 1993, p. 256.

portugueses chegadas ao Brasil entre 1889 e 1929. Assumiriam, portanto, o papel de frequentes promotores e disseminadores da arte naturalista portuguesa pelo mercado tropical.

#### 4.2.1 O Gabinete Português de Leitura (Real)

Fundado em 1837 por um grupo de imigrantes com o objetivo de impulsionar as manifestações do além-mar no Brasil, o Gabinete Português de Leitura buscava “não somente criar uma Instituição de caráter associativo, mas também oferecer ao emigrado uma espécie de embaixada cultural lusitana”<sup>833</sup>. Para tal, reunia em suas dependências um considerável acervo de obras literárias de acesso livre, a ponto de ser eleita, em 1880, a segunda mais importante biblioteca pública do Brasil – superada apenas pela Biblioteca Nacional.<sup>834</sup> Regida por austero regulamento interno, que visava manter a identidade pátria, só aceitava membros portugueses, embora os subscritores pudessem pertencer a quaisquer nacionalidades. A atual sede, inaugurada em setembro de 1887 sob elaborado discurso de Ramalho Ortigão, adotaria propositadamente uma arquitetura neo-manuelina.<sup>835</sup> A escolha deste estilo tão característico comprovou que o edifício “transcendia exclusivamente a questão da necessidade de espaço, abarcando um motivador mesmo de perpetuar a Instituição enquanto símbolo do grandioso passado português”<sup>836</sup>. O imponente prédio integrava uma espécie de núcleo cultural carioca, que incluía as construções da Escola Nacional de Belas Artes, da Biblioteca Nacional e do Teatro Municipal.

Inicialmente voltado para assuntos literários, o Gabinete Português de Leitura abraçaria, a partir da década de 1890, a “gloriosa missão”<sup>837</sup> de resguardar e incentivar as mais nobres manifestações artísticas vernáculas. O espaço passaria a abrigar obras alusivas à nação deixada, compradas durante a visita de pintores compatriotas ou encomendadas para posse exclusiva,

---

<sup>833</sup> AZEVEDO, Fabiano Cataldo. O acervo bibliográfico do Gabinete Português de Leitura como lugar de memória e forma reconhecível: considerações acerca dessas aproximações. **Convergência Lusíada**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, n. 25, jan./jun. 2011, p. 52.

<sup>834</sup> ANACLETO, Regina; BERRINI, Beatriz. **O Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro**. São Paulo: Dezembro Editorial, 2004. p. 32.

<sup>835</sup> FONSECA, Vitor M. Marques da. Monumentos à imigração: as sedes das associações portuguesas no Rio de Janeiro, em inícios do século XX. In: SOUSA, Fernando de; MARTINS, Ismênia; PEREIRA, Conceição Meireles (coord.). **A emigração portuguesa para o Brasil**. Porto: CEPESE/Edições Afrontamento, 2007. p. 431.

<sup>836</sup> BASTOS, Tatiana Quintela de Azevedo. Gabinete Português de Leitura: construção de uma identidade portuguesa. **XXIII Simpósio Nacional de História**. História: Guerra e Paz. Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0987.pdf>>. Acesso em: 3 de maio de 2016.

<sup>837</sup> UM GRANDE ACONTECIMENTO ARTÍSTICO. A exposição de Souza Pinto. **A Noite**. Rio de Janeiro, 14 set. 1912, 5ª col., p. 1.

como os quadros de Carlos Reis (*Bucolismo*), José Malhoa (*O descobrimento do Brasil e O sonho do infante*), José Rodrigues (*Retrato de Alexandre Herculano*), Henrique Medina (*Retrato de Carlos Malheiro Dias*) e Eduardo Malta (*Retrato do conde Dias Garcia*). Enquanto núcleo intermediador das relações entre Portugal e Brasil, a entidade procuraria dialogar também com a cultura tropical, para o que acolheria telas dos brasileiros Pedro Américo, Oscar Pereira da Silva e Victor Meirelles.<sup>838</sup> A sua sede seria ainda enriquecida com doações e presentes oriundos de membros da colônia portuguesa instalada no Rio de Janeiro, como o proprietário da Camisaria Progresso<sup>839</sup>, Augusto Brandão, que em maio de 1918 adquiriu o retrato do escritor Camillo Castelo Branco (de autoria do pintor Mario Santos e então exposto na Livraria Alves) para oferecer à instituição em agradecimento pelos serviços prestados.<sup>840</sup>

Não tardaria para que os amplos e iluminados salões do Gabinete Português de Leitura se tornassem alvo dos pintores chegados ao Rio de Janeiro em busca de um local adequado para instalar suas exposições. Souza Pinto, por exemplo, durante sua passagem pelos trópicos teve dificuldade para encontrar um recinto “cuja condições de luz e espaço não prejudiquem os trabalhos a expor”<sup>841</sup>, exigências plenamente satisfeitas após visita à sede da agremiação representativa.<sup>842</sup> O local acabaria por tornar-se grande fomentador do intercâmbio luso-brasileiro e proveitoso abrigo para os artistas conterrâneos desembarcados no Brasil. Malgrado tenha recebido atividades diversas, como a mostra de caricaturas em homenagem a Raphael Bordalo Pinheiro de 1905, a entidade organizaria o seu primeiro grande evento de pintura somente em 1906, quando convidara José Malhoa, eleito o maior representante da cultura portuguesa em exercício, para exhibir ali os seus trabalhos.

#### 4. 2. 1. 1 José Malhoa

Escolhido pela direção do Real Gabinete Português de Leitura para encabeçar as celebrações organizadas pela entidade em ode a Portugal, Malhoa viajaria ao Brasil pela primeira vez em 1906. Após anos de participações seguidas nas Exposições Gerais da Escola

<sup>838</sup> ANACLETO, Regina; BERRINI, Beatriz. **O Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro**. São Paulo: Dezembro Editorial, 2004. p. 77.

<sup>839</sup> NOTAS SOCIAIS. Arte. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 17 maio 1918, 2ª col., p. 7.

<sup>840</sup> NOTAS SOCIAIS. Arte. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 3 maio 1918, 1ª col., p. 8.

<sup>841</sup> BELAS ARTES. Souza Pinto. **A Noite**. Rio de Janeiro, 27 jul. 1912, 5ª col., p. 2.

<sup>842</sup> SOUZA PINTO, o grande pintor português, está no Rio de Janeiro. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 24 jul. 1912, 5ª col., p. 2.

Nacional de Belas Artes e do envio frequente de telas para diversos eventos nos trópicos, na resposta positiva ao apelo enviado por José Vasco Ortigão o pintor iria agradecer a “oportunidade de realizar o desejo que tem há muito de vir ao Rio, uma cidade tão tradicionalmente simpática aos artistas e a todas as tentativas de artes”<sup>843</sup>. Sua presença era consequência do projeto esboçado pela agremiação ali sediada, que objetivava aproximar as realidades imateriais luso-brasileiras. Malgrado os esforços diplomáticos dispendidos até então, o Gabinete defendia que só a arte era capaz de unir Brasil e Portugal intimamente e em definitivo. O Secretário Julião Machado explicava que Malhoa seria “justamente o que mais vigorosamente exprime o nosso intuito. É ele o que mais tem feito vibrar na sua obra tão pessoal e tão sentida, toda a pitoresca meiguice da alma simples e sã da sua pátria”<sup>844</sup>.

O nacionalismo das composições de José Malhoa, razão primeira de sua eleição pelo Real Gabinete Português de Leitura, é característica que vem sendo repetida incansavelmente por literatos e historiadores desde o princípio do século XX.<sup>845</sup> Este atributo supostamente inerente à personalidade do pintor, reforçado pelo facto de ele não ter estudado com os mestres franceses, garantiria a sinceridade das “paisagens reproduzidas, todas rigorosamente portuguesas, como são caracteristicamente portugueses os personagens das suas telas e os costumes que constituem o assunto concebido pelo ilustre artista”<sup>846</sup>. Descrito como um tipo curioso, que andava atrás das procissões pelas ruas de Figueiró dos Vinhos e acompanhava a lide camponesa, a retratar figuras com rápidos traços que depois aprimorava em ateliê<sup>847</sup>, “ele realizou as imagens da sua terra e da sua gente com uma atenção profissional, certo da verdade que transmite e que encanta”<sup>848</sup>.

Até os primeiros anos do novecentos, a carreira do já cinquentenário José Malhoa progredia a passos lentos, se “afirmando de uma forma cada vez mais pessoal, e mais voltada para a pintura de gênero, numa espécie de ‘ruralismo paisagístico’, onde o artista parece não abdicar totalmente da sua antiga paixão pela pintura de paisagem”<sup>849</sup>. E foi justamente o reconhecimento internacional, como o proporcionado pela Medalha de Prata na Exposição

<sup>843</sup> ARTES E ARTISTAS. José Malhoa. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 27 dez. 1905, 8ª col., p. 2.

<sup>844</sup> EXPOSIÇÃO MALHÔA. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 5 jul. 1906, 8ª col., p. 1 e 1ª col., p. 2.

<sup>845</sup> FRANÇA, José-Augusto. **Malhoa, o português dos portugueses & Columbano, o português sem portugueses**. Lisboa: Bertrand, 1987. p. 30.

<sup>846</sup> ARTES E ARTISTAS. The Studio - José Malhoa. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 12 set. 1905, 8ª col., p. 2.

<sup>847</sup> COSTA, Lucília Verdelho da. Amar o outro mar: a pintura de Malhõa. In: COSTA, Lucília Verdelho da; BRANDÃO, Ecyla Castanheira. **A pintura de Malhoa: amar o outro mar**. Lisboa: Gráfica Maiadouro, 2003. p.14.

<sup>848</sup> FRANÇA, José-Augusto. **A arte portuguesa de oitocentos**. Lisboa: Biblioteca Breve, 1992. p. 87.

<sup>849</sup> SALDANHA, Nuno. **José Vital Branco Malhoa (1855-1933): o pintor, o mestre e a obra**. Tese (Doutoramento em História da Arte). Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2006. p. 79.



Universal de Paris<sup>850</sup> e pela Exposição de Arte Portuguesa decorrida no Rio de Janeiro em 1902 (quando muitas de suas telas de tipos populares inseridos em luminosas paisagens foram vendidas), o responsável por provocar considerável melhora da sua situação econômica e profissional. A partir de então, a fortuna crítica dos portugueses sobre a produção de Malhoa – que esteve centrada na censura ao excesso de cores nada reais, à falsa relação com a natureza, ao exagero de efeitos e aos artifícios forçados – começou a valorizar o conjunto, ou seja, as temáticas genuinamente vernaculares e a retratação de cenários que simulavam um Portugal ideal.<sup>851</sup> José Malhoa passaria a ser louvado na década de 1910 por escritores como Júlio Dantas<sup>852</sup>, que viam de forma positiva as suas intencionais reproduções dos tipos vernáculos:

Com efeito, Malhõa é hoje, como o foi Silva Porto, uma gloriosa exceção na pintura portuguesa. O seu ardente, o seu indestrutível lusitanismo – não apenas nos motivos, mas no sentimento e nos processos – conferiu-lhe um lugar à parte entre os mestres pintores do seu país e do seu tempo. Não há maneira de o confundir, porque a pintura de Malhõa não se parece com nenhuma outra. Ponham um quadro deste naturalista admirável, deste assombroso lírico da paisagem, deste intérprete luminoso e sadio da alma e dos costumes do nosso povo, entre centenas, milhares de quadros de todas as escolas, de todas as proveniências, de todos os países: ele permanecerá na sua luz, na sua natureza, na sua etnologia, no seu pitoresco, na sua emoção, - inconfundível, saboroso, característico, português.<sup>853</sup>

Albino Forjaz de Sampaio<sup>854</sup> acredita que todo esse êxito não foi resultado de um predado íntimo ou de mera casualidade, mas sim de um caminho conscientemente construído por Malhoa para que ele fosse reconhecido como o pintor mais português de todos os tempos. De toda forma, os periódicos brasileiros, dominados por colaboradores e diretores chegados do além-mar, abraçariam o projeto de alçar a imagem de Malhoa ao maior dos portugueses em atividade. Mesmo os articulistas que conheciam a obra do pintor somente por meio de reproduções jornalísticas, como Coelho Netto, iriam se desdobrar em elogios à sua produção e ressaltar sua atitude patriótica de querer “fazer em Portugal pintura portuguesa”<sup>855</sup>. Em 1905, *A Notícia* editaria um artigo originalmente publicado na prestigiosa revista londrina *The Studio* (autoridade europeia nos assuntos culturais), texto responsável por inserir Malhoa “no primeiro plano entre os atuais artistas de Portugal”<sup>856</sup>. No ano seguinte, frente à proximidade da abertura

<sup>850</sup> LEANDRO, Sandra. Luz sobre luz: José Malhoa (1855-1933). In: **José Malhoa**. Lisboa: Franco Maria Ricci; Artimg Editores, 2008. p. 66.

<sup>851</sup> SALDANHA, Nuno. **José Vital Branco Malhoa (1855-1933): o pintor, o mestre e a obra**. Tese (Doutoramento em História da Arte). Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2006. p. 282.

<sup>852</sup> DANTAS, Julio. O painel das almas. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 7 set. 1919, 1ª e 2ª col., p. 2.

<sup>853</sup> DANTAS, Julio. A ilha dos amores. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 20 out. 1918, 1ª col., p. 2.

<sup>854</sup> SAMPAIO, Albino Forjaz de. Figuras Portuguesas – José Malhõa. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 27 nov. 2016, 6ª a 8ª col., p. 6.

<sup>855</sup> NETTO, Coelho. José Malhõa. **Correio da Manhã**. 10 jun. 1906, 1ª e 2ª col., p. 1.

<sup>856</sup> JOSÉ MALHÕA. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 12-13 de setembro de 1905, 2ª col., p. 2.

da exposição no Gabinete Português de Leitura, a imprensa carioca se empenharia em aguçar ainda mais a curiosidade do público com reportagens que imprimiam fotografias do mestre e de seu local de trabalho.<sup>857</sup> A *Gazeta de Notícias*<sup>858</sup> chegaria a enviar um correspondente ao ateliê lisboeta, o qual reportaria sua admiração pela extrema devoção de Malhoa à pintura e sua árdua rotina de passar horas a observar as alterações da luz no campo.



**FIGURA 8** – “Interior do atelier de José Malhõa”, *O Paiz*, 12 de abril de 1906.

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

José Malhoa produziria mais de cem obras<sup>859</sup> destinadas à mostra carioca, incluindo os retratos em tamanho real dos reis portugueses e alguns desenhos a carvão.<sup>860</sup> Antes de partir para o Brasil, reuniria todas as peças que pretendia levar em evento aberto a amigos próximos e restritos convidados, como o rei D. Carlos, confesso admirador que “demorou-se bastante tempo no atento exame dos novos quadros”<sup>861</sup>. Pelo que foi visto ali, a imprensa portuguesa proclamava entusiasmada a certeza de que o compatriota iria receber a consagração devida no Rio de Janeiro. Abel Botelho destacava que aqueles quadros de gênero seriam acolhidos com fervor pela colônia imigrada, já que carregavam uma “maravilhosa evocação da vida portuguesa, para aqueles que apenas a revivem pela saudade, porque andam morando longe”<sup>862</sup>.

<sup>857</sup> *O Paiz*. Rio de Janeiro, 12 abr. 1906, p. 4.

<sup>858</sup> JOSÉ MALHÕA. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 abr. 1906, 4ª a 8ª col., p. 3.

<sup>859</sup> CARTA DE PORTUGAL. 23 de abril de 1906. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 11 maio 1906, 3ª col., p. 5.

<sup>860</sup> JOSÉ MALHÕA. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 30 mar. 1906, 7ª e 8ª col., p. 2.

<sup>861</sup> JOSÉ MALHÕA. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 8 maio 1906, 7ª col., p. 4.

<sup>862</sup> BOTELHO, Abel. Arte portuguesa – A exposição Malhõa. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 3 jun. 1906, 8ª col., p. 2 e 1ª à 3ª col., p. 3.

À época, Malhoa já reunia nos trópicos um considerável rol de admiradores e um consistente grupo de colecionadores do seu trabalho, apreço que foi agradecido por ele mesmo em missiva publicada n’*O Paiz*: “lisonjeiam-me sobremaneira as diversas cartas que tenho recebido de alguns dos principais vultos da capital do Brasil, insistindo pela minha presença ali”<sup>863</sup>. Desde a década de 1890<sup>864</sup>, quando era ainda ignorado e criticado em Portugal, Malhoa já enviava telas à Exposição Geral da ENBA (1895 e 1898) e participava de pequenas mostras, como a organizada pela Companhia de Indústria e Comércio de Papéis Pintados (1896) e pela Casa Vieitas (1904). Seu nome apareceria ainda nos leilões cariocas do início do século XX, como na venda do espólio do coronel João Alves Mendes da Silva e de um rico cavalheiro não identificado (decorridos em 1899 e 1901, respectivamente). Em 1905, a Casa Vieitas voltaria a exhibir três pequenos exemplares de Malhoa, que provavelmente foram importados para a venda avulsa – uma paisagem de Figueiró dos Vinhos, *Lavadeira* e um retrato a carvão do periodista Vasco Abreu.<sup>865</sup> Em cada ocasião, os críticos brasileiros aproveitavam para reforçar a ideia de que ele era o artista que reproduzia com maior intensidade a alma portuguesa.

O Portugal que chegava ao Brasil transportado pelas telas de José Malhoa iria permitir, de uma só vez, que os brasileiros conhecessem a realidade da ex-metrópole e que os saudosos emigrados recordassem a terra deixada. Neste sentido, Olavo Bilac<sup>866</sup> sublinhou a importância do certame de 1906 para o fortalecimento do intercâmbio luso-brasileiro, em artigo que relembra o seu primeiro contato com a obra do português (durante a Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes de 1895, quando observara *Caça e Ouriços*), conexão reforçada posteriormente em casual encontro na Europa. Por outro lado, os jornalistas portugueses atuantes nos trópicos não escondiam sua nostalgia. Em sentimental assertiva, João Chagas definiria Malhoa como um homem “beirão, natureza essencialmente rural, e tendo vivido no campo, é a paisagem e todos os assuntos rústicos os que principalmente o interessam e que ele sempre escolhe de preferência para os tratar, jubilosamente, na tela”<sup>867</sup>.

As folhas brasileiras prosseguiram no seu esforço de fazer da exposição no Real Gabinete Português de Leitura um grande acontecimento para o intercâmbio luso-brasileiro. O *Correio da Manhã* notava que episódios culturais deste porte não eram comuns no Rio de Janeiro, “em

<sup>863</sup> **O Paiz**. Rio de Janeiro, 31 jan. 1906, 8ª col., p. 3

<sup>864</sup> Em 1879 ele enviou alguns óleos para uma Exposição Portuguesa no Rio de Janeiro sem, contudo, chamar a atenção da imprensa ou ser notado pelos críticos.

<sup>865</sup> ARTES E ARTISTAS. José Malhóia. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 5 mar. 1905, 3ª e 4ª col., p. 3.

<sup>866</sup> CHRONICA. **Kosmos**. Rio de Janeiro, Ano III, N. 6, Jun. 1906, p. 5.

<sup>867</sup> JOSÉ MALHÓIA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 8 abr. 1906, 6ª col., p. 6.

se tratando de um artista de valor, já consagrado pela crítica estrangeira”<sup>868</sup>. De modo a corroborar a notoriedade de José Malhoa, *O Paiz*<sup>869</sup> reproduziria um elogioso artigo de Ramalho Ortigão, originalmente escrito para a revista lisboeta *Serões*; enquanto *O Malho*<sup>870</sup> ressaltava a Legião de Honra conquistada em recente concurso promovido pelo *Salon* de Paris e o *Jornal do Brasil*<sup>871</sup> destacava os elogios proferidos por “críticos de todos os países onde a sua obra esteve em contato com a admiração do público”<sup>872</sup>.

Junto à imprensa, o Real Gabinete Português de Leitura assumia papel proeminente enquanto divulgador e promotor da exposição que trazia o suprasumo da arte naturalista portuguesa para o Rio de Janeiro. O ativo auxílio financeiro e estrutural dispensado pela entidade garantiria a José Malhoa a tranquilidade de aproveitar “a maré para ver como está por aqui o câmbio da arte”<sup>873</sup>. O pintor visitava o Brasil em delicado momento político, em meio à conclusão das radicais transformações urbanas de Pereira Passos que modernizaram a capital do país.<sup>874</sup> Embora tenha, mesmo assim, acumulado admiradores e novos colecionadores, Malhoa mais tarde confessaria ao artista brasileiro Antônio Parreiras que não recebera por sua mostra os rendimentos inicialmente esperados.<sup>875</sup>

José Malhoa chegaria ao Rio de Janeiro no dia 10 de junho de 1906, em navio que trazia outro português muito apreciado no Brasil, o ator Eduardo Brazão.<sup>876</sup> Os dois protagonizaram um tumultuado desembarque que registrou a presença de importantes figuras da arte brasileira e de literatos conterrâneos, como Filinto de Almeida.<sup>877</sup> Junto do irmão Joaquim, iria se instalar na residência de Julião Machado, companheiro inseparável ao longo dos quase dois meses de permanência no Distrito Federal.<sup>878</sup> Durante este tempo, se dividiria entre as obrigações sociais, artísticas e seus deveres enquanto representante da cultura portuguesa no Brasil. Como medida inicial, fez questão de inspecionar a sala do Real Gabinete Português de Leitura que abrigaria as obras (aprovando de imediato o espaço bem arejado e corretamente iluminado) e solicitaria

<sup>868</sup> JOSÉ MALHÔA. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 4 jul. 1906, 3ª col., p. 2.

<sup>869</sup> JOSÉ MALHÔA. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 11 jun. 1906, 3ª e 4ª col., p. 1.

<sup>870</sup> *O Malho*. Rio de Janeiro, 16 jun. 1906, p. 6.

<sup>871</sup> JOSÉ MALHÔA. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 11 jun. 1906, 3ª col., p. 1.

<sup>872</sup> JOSÉ MALHÔA. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 10 jun. 1906, 4ª col., p. 5.

<sup>873</sup> CASAL DE “MALHOS”. *O Malho*. Rio de Janeiro, 30 jun. 1906, p. 5.

<sup>874</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 14 out. 1919, 4ª col., p. 5.

<sup>875</sup> SALDANHA, Nuno. *José Vital Branco Malhoa (1855-1933): o pintor, o mestre e a obra*. Tese (Doutoramento em História da Arte). Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2006. p. 120.

<sup>876</sup> JOSÉ MALHÔA. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 jun. 1906, 1ª col., p. 3.

<sup>877</sup> JOSÉ MALHÔA. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 11 jun. 1906, 6ª e 7ª col., p. 1.

<sup>878</sup> LEANDRO, Sandra. Tragicomédias de Julião Machado (1863-1930) e uma cena extra: José Malhoa no Rio de Janeiro em 1906. *Arte Teoria*. Lisboa: Mestrado em Teoria da Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, n. 16/17, ano 2013/14, p. 153-163.

à Alfândega brasileira que as caixas contendo suas telas fossem abertas somente nas instalações da exposição<sup>879</sup> (requerimento aprovado mediante designação de escolta policial<sup>880</sup>). Cuidadoso com as questões diplomáticas ligadas à razão de ser da sua mostra, percorreria ainda os escritórios dos ministros da fazenda (José Bulhões Jardim)<sup>881</sup> e do interior (Felix Gaspar)<sup>882</sup> e também do prefeito Pereira Passos<sup>883</sup>, a carregar sempre um amigável e fraternal convite para o comparecimento das autoridades à inauguração do seu evento.

O *vernissage* exclusivo à imprensa, literatos, artistas, amadores e outros restritos convidados foi agendado para 3 de julho de 1906.<sup>884</sup> A abertura ao público só ocorreria no dia seguinte<sup>885</sup>, quando numerosos curiosos acorreram para ver aquele “estrangeiro que veio precedido de grande fama e teve quadros no *Salon* de Paris”<sup>886</sup>. A cerimônia seria abrilhantada pela presença do presidente da República<sup>887</sup>, que chegou acompanhado dos filhos<sup>888</sup> e do chefe da casa militar<sup>889</sup>. José Malhoa receberia<sup>890</sup> com toda a pompa o sr. Rodrigues Alves, que analisara vagarosamente as telas exibidas e manifestara profunda admiração.<sup>891</sup> Os corredores do Real Gabinete Português de Leitura registrariam ainda as passagens do encarregado dos negócios de Portugal, conde de Lagoaça<sup>892</sup>, e do secretário do ministro da justiça (que acabou por adquirir uma obra<sup>893</sup>). Sempre atento ao seu papel diplomático, dias depois o pintor iria pessoalmente aos escritórios do ministro Felix Gaspar<sup>894</sup>, figura constante no certame<sup>895</sup>, e do chefe de Estado brasileiro<sup>896</sup> para agradecer o comparecimento das autoridades à exposição.<sup>897</sup> Segundo informações fornecidas pelo próprio Malhoa, o primeiro dia da mostra recebera 4.800 visitantes, enquanto o dia posterior, um domingo, anotara espantosas 5.300 visitas.<sup>898</sup>

<sup>879</sup> ALFÂNDEGA. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 19 jun. 1906, 7ª col., p. 2.

<sup>880</sup> ALFÂNDEGA. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 20 jun. 1906, 6ª col., p. 3.

<sup>881</sup> *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 jun. 1906, 6ª col., p. 1.

<sup>882</sup> EXPOSIÇÃO JOSÉ MALHÔA. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 4 jul. 1906, 5ª col., p. 1.

<sup>883</sup> EXPOSIÇÃO MALHÔA. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 jul. 1906, 8ª col., p. 1 e 1ª col., p. 2.

<sup>884</sup> JOSÉ MALHÔA. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 3 jul. 1906, 3ª col., p. 1.

<sup>885</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 3 jul. 1906, 3ª col., p. 1.

<sup>886</sup> EXPOSIÇÃO MALHÔA. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 4 jul. 1906, 6ª col., p. 1.

<sup>887</sup> *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 4 jul. 1906, 4ª col., p. 1.

<sup>888</sup> *O Paiz*. Rio de Janeiro, 4 jul. 1906, 3ª col., p. 1.

<sup>889</sup> O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA. *Correio Paulistano*. São Paulo, 4 jul. 1906, 3ª col., p. 2.

<sup>890</sup> A EXPOSIÇÃO JOSÉ MALHÔA. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 22 jul. 1906, Ano VII, n. 323, p. 2.

<sup>891</sup> JOSÉ MALHÔA. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 5 jul. 1906, 10ª col., p. 1 e 1ª e 2ª col., p. 2.

<sup>892</sup> EXPOSIÇÃO MALHÔA. *O Comércio de São Paulo*. São Paulo, 5 jul. 1906, 1ª col., p. 2.

<sup>893</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 5 jul. 1906, 2ª col., p. 1.

<sup>894</sup> *O Paiz*. Rio de Janeiro, 8 jul. 1906, 6ª col., p. 1.

<sup>895</sup> EXPOSIÇÃO MALHÔA. *Correio Paulistano*. São Paulo, 20 jul. 1906, 3ª col., p. 2.

<sup>896</sup> NOTAS E NOTÍCIAS. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 jul. 1906, 5ª col., p. 1.

<sup>897</sup> *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 8 jul. 1906, 7ª col., p. 5.

<sup>898</sup> SALDANHA, Nuno. *José Vital Branco Malhoa (1855-1933): o pintor, o mestre e a obra*. Tese (Doutoramento em História da Arte). Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2006. p. 120.



**FIGURA 9** – “A exposição Malhòa”, *Revista da Semana*, 22 de julho de 1906.

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

As paredes do Real Gabinete Português de Leitura acolheriam 112<sup>899</sup> quadros aplaudidos pelo público, disputados pelos amadores e estampados com destaque na imprensa carioca.<sup>900</sup> Aos seus convidados, a instituição representativa da colônia imigrada disponibilizaria emotivas cenas da vida pátria.<sup>901</sup> Logo à entrada do salão era possível observar as efígies dos reis portugueses, rapidamente adquiridas pela Caixa de Socorros D. Pedro V<sup>902</sup> para a sua sede.<sup>903</sup> Na sequência, os visitantes vislumbravam os diversos tipos que Malhoa estudara *in loco* e contemplavam a natureza de Portugal sob uma verdade quase fotográfica, aspecto repetidas vezes ressaltado como a grande “originalidade de sua pintura, por isso mesmo tão espontânea e sadia”<sup>904</sup>. Em apaixonadas análises do certame, os articulistas brasileiros enfatizariam a capacidade técnica do pintor, o desenho correto, o colorido acertado<sup>905</sup> e, principalmente, a perfeita representação da alma portuguesa.<sup>906</sup> O êxito de José Malhoa parecia

<sup>899</sup> JOSÉ MALHÔA. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 5 jul. 1906, 4ª col., p. 1.

<sup>900</sup> EXPOSIÇÃO JOSÉ MALHÔA. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 8 jul. 1906, Ano VII, n. 321, p. 3, 24, 26.

<sup>901</sup> EXPOSIÇÃO MALHÔA. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 4-5 jul. 1906, 4ª col., p. 1.

<sup>902</sup> Ao lado da Associação de Beneficência Portuguesa, criada em 1840, a Caixa de Socorros D. Pedro V, fundada em 1863, era uma das maiores entidades de caridade em atuação no Brasil novecentista. FERREIRA, Maria-Jo. **Os portugueses do Brasil: atores das relações luso-brasileiras (fim do século XIX - início do século XX)**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <[http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/quartas\\_no\\_arquivo/2007palestra\\_MarieJoFerreira.pdf](http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/quartas_no_arquivo/2007palestra_MarieJoFerreira.pdf)>. Acesso em: 17 de junho de 2014.

<sup>903</sup> CAIXA DE SOCORROS D. PEDRO V. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 19 ago. 1907, 1ª à 5ª col., p. 3.

<sup>904</sup> EXPOSIÇÃO JOSÉ MALHÔA. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 4 jul. 1906, 5ª col., p. 1.

<sup>905</sup> CRÔNICA. *O Malho*. Rio de Janeiro, 7 jul. 1906, p. 4.

<sup>906</sup> DOLORES, Carmen. Impressão de luz. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 26 jul. 1906, 8ª col., p. 3.

estar, assim, na mescla da boa qualidade do pincel com uma dose encantadora de poesia vernácula.

Aquele talento “reconhecido em todos os países em que sua obra tem sido admirada”<sup>907</sup> seria merecedor de uma interessante análise publicada pela *Kosmos* e redigida pelo maior crítico de arte atuante no Brasil à época. No texto, Luiz Gonzaga Duque Estrada<sup>908</sup> narrava que há 18 anos teria visitado uma vivenda em Botafogo, propriedade de certo português que guardava rica coleção artística, incluindo quatro paisagens de Silva Porto (leiloadas quando da volta do cavalheiro para a terra natal). Agora, a exposição de Malhoa lhe teria feito recordar as telas do outro pintor português, já que ambos representavam aspectos nacionais com sincera expressividade. E foi, sobretudo, esta inclinação para fixar naturalmente o tipo e a cena observados que levaria Gonzaga Duque a nomear José Malhoa, ao lado da literatura de Almeida Garret e da caricatura de Raphael Bordalo Pinheiro, o embaixador da cultura portuguesa.

O encerramento da exposição, inicialmente marcado para 15 de julho de 1906<sup>909</sup>, só ocorreria a 18 deste mês<sup>910</sup> com o positivo saldo de 39 quadros adquiridos<sup>911</sup>, dentre os quais identificamos: *Retratos dos Reis de Portugal*, pela Caixa de Socorros D. Pedro V; *As cebolas e Não furtar...*, por Jorge de Souza Freitas<sup>912</sup>; *O soalheiro*, por J. Cunha Vares; *O barbeiro na aldeia*, pelo sr. comendador Manoel da Costa Pereira; *Uma desgraça*, por António Dias Garcia; *Esperando a vez* e *Aldeia de castanheira ao pôr do sol*, pelo Visconde de São João da Madeira; *A apanha das castanhas*, por João Lopes Chaves; *Castanheiros*, *Estudando à borda do pinhal* e *Fonte Elviria*, por Joaquim Carvalheiro; *Pai e filha* e *Estudo para o quadro “Cocegas”*, por João de Barros; *Rua Serpa Pinto*, pelos srs. Carvalho, Farinha e C.; *A ida para o trabalho*, pelo comendador Baldomero Carqueja; *Costume do Minho*, pelo barão de Peixoto Serra; *Outono na vida e na natureza*, por Rodrigo Barbosa; e *A caminho da horta*, por A. Reis.<sup>913</sup>

Na tentativa de manter as boas relações diplomáticas que estruturara durante sua estadia, antes de embarcar rumo a Portugal o pintor iria pessoalmente se despedir do presidente da República.<sup>914</sup> Diante do sucesso do evento em várias frentes, a mostra de José Malhoa passaria a ser apontada como a atividade mais marcante realizada por uma personalidade portuguesa no

<sup>907</sup> JOSÉ MALHÔA. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 17 jun. 1906, Ano VII, N. 317.

<sup>908</sup> EXPOSIÇÃO MALHÔA. *Kosmos*. Rio de Janeiro, Ano III, N. 7, jul. 1906, p. 39-41.

<sup>909</sup> EXPOSIÇÃO MALHÔA. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 jul. 1906, 8ª col., p. 1 e 1ª col., p. 2.

<sup>910</sup> ECOS E FATOS. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 17 jul. 1906, 2ª col., p. 1.

<sup>911</sup> SALDANHA, Nuno. *José Vital Branco Malhoa (1855-1933): o pintor, o mestre e a obra*. Tese (Doutoramento em História da Arte). Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2006. p. 118.

<sup>912</sup> Proprietário da atuante Galeria Jorge, regularmente adquiria telas para o acervo de sua loja comercial.

<sup>913</sup> JOSÉ MALHÔA. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 5 jul. 1906, 4ª col., p. 1.

<sup>914</sup> ONTEM. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 9 ago. 1905, 2ª col., p. 1.

Brasil e um dos máximos contributos para a promoção do intercâmbio luso-brasileiro ao longo da Primeira República. Nos idos de 1925, Adalberto Mattos<sup>915</sup> continuaria a afirmar que Malhoa foi o maior artista português que alguma vez passara pelo Rio de Janeiro, deixando ali não apenas amigos sinceros e a admiração dos críticos, mas também as telas compradas pela Pinacoteca Nacional (listava, na ocasião: *Cócegas, A sesta, Gozando os rendimentos e A corar a roupa*). A exposição de 1906 abriria em definitivo as portas do mercado e do colecionismo brasileiro para a arte portuguesa. Depois de Malhoa, muitos mais viriam, sabedores de que encontrariam no Brasil uma realidade econômico-social favorável aos seus projetos e que seriam apoiados por uma comunidade imigrante solidária, ativa adquirente do naturalismo saudosista e engajada publicitária das manifestações culturais vernáculas. Neste ínterim, o Real Gabinete Português de Leitura permaneceria sendo instrumento indispensável para a proposta de acolhimento e de propagação da arte naturalista nos trópicos.

**TABELA 5**  
**Exposição individual de José Malhoa (Rio de Janeiro, 1906)**

Obras expostas	
- <i>A apanha das castanhas</i>	- <i>Fonte fria</i>
- <i>A caminho da horta</i>	- <i>Mendigo</i> (estudo para a <i>Volta da romaria</i> )
- <i>A cerca do convento</i>	- <i>Montanhas</i> (estudo para <i>Batismo de Cristo</i> )
- <i>A compra do voto</i> (exposição de Lisboa 1905)	- <i>Morte do porco</i>
- <i>A eira</i>	- <i>No alto da serra</i>
- <i>A estender a roupa ao sol</i>	- <i>No alto do Madrão;</i>
- <i>A ida para o trabalho</i>	- <i>No paul dos Patudos</i>
- <i>A minha macieira</i>	- <i>Nascer da lua</i>
- <i>A minha musa</i>	- <i>Notícias financeiras</i>
- <i>À passagem do comboio</i> (Salon, 1905)	- <i>Nuvens</i>
- <i>A Pintura</i> (panneau decorativo)	- <i>O azeite novo</i> (exposição de Lisboa, 1905)
- <i>A procissão</i>	- <i>O barbeiro da aldeia</i> (2 estudos)
- <i>A Rosita das Courelas</i>	- <i>O bêbado</i> (estudo para <i>A volta da romaria</i> )
- <i>A Ti'Anna</i>	- <i>O Lagar</i>
- <i>Aldeia da Castanheira ao pôr do sol</i>	- <i>O passal do Sr. Cura</i>
- <i>Aldeia dos Chãos</i>	- <i>O pinhal dos corvos</i>
- <i>Amanhã as arranjarei</i>	- <i>O portão do dr. Manuel</i>
- <i>Amores da aldeia</i>	

<sup>915</sup> MATTOS, Adalberto. Artistas portugueses no Rio de Janeiro. **Ilustração Brasileira**. Rio de Janeiro, Ano VI, N. 54, fev. de 1925, p. 12.



---

- <i>Apanhando o foguete</i> (estudo para <i>A procissão</i> )	- <i>O sonho do infante</i> (ou <i>O infante D. Henrique no promontório de Sagres</i> )
- <i>Ao pôr do sol</i>	- <i>O Viático na aldeia</i> (exposição de Lisboa, 1905)
- <i>As cebolas</i>	- <i>O vinho verde</i>
- <i>As pupilas do Sr. Reitor</i>	- <i>O soalheiro</i>
- <i>As sardinhas</i>	- <i>Os mações ao cair da tarde</i>
- <i>Cair da tarde</i>	- <i>Os ouriços</i>
- <i>Caminho para o Colmeal</i>	- <i>Outono na lavandeira</i>
- <i>Carvalhos do padre Diogo</i>	- <i>Outono na vida e na natureza</i>
- <i>Casal dos giestos</i>	- <i>Pai e filha</i>
- <i>Castanheiros</i>	- <i>Pinhal, ao fundo a igreja de Figueiró dos Vinhos</i>
- <i>Castanheiros doentes</i>	- <i>Proclamando a restauração de Portugal</i> (estudo)
- <i>Cavaleiro de S. Thiago</i> (Salon, 1904 e Exposição de Madrid, 1904)	- <i>Provocando</i>
- <i>Céu de trovoadas</i>	- <i>Pensando no caso</i> (exposição de Lisboa, 1905)
- <i>Chegada do Zé Pereira à romaria</i>	- <i>Retrato de Sua Majestade a Rainha D. Amélia</i>
- <i>Clarinha</i>	- <i>Retrato de Sua Majestade El-Rei D. Carlos I</i>
- <i>Cócegas</i> (estudo)	- <i>Regedor</i>
- <i>Cócegas</i> (Salon, 1905)	- <i>Ribeira da Lavandeira</i>
- <i>Costume do Minho</i> (2 telas)	- <i>Ribeira do Lagar</i>
- <i>Cristo</i>	- <i>Rua Serpa Pinto em Figueiró dos Vinhos</i>
- <i>Cuidados de amor</i>	- <i>Salão de musgo</i>
- <i>Deitando foguetes</i> (estudo para <i>A procissão</i> )	- <i>Sétimo, não furtar...as uvas ao seu cura!</i>
- <i>Depois da chuva</i>	- <i>Tempo de chuva, lar sem pão</i> (exposição de Lisboa, 1905)
- <i>De volta da Senhora da Agonia</i>	- <i>Torre de Belém</i>
- <i>Efeito de ribalta</i>	- <i>Trigo ceifado</i>
- <i>Efeito do sol no musgo de um pinhal</i>	- <i>Troncos de castanheiros na Insua</i>
- <i>Entrada de mina</i>	- <i>Últimos raios de sol</i>
- <i>Ermida de Nossa Senhora da Madre de Deus</i>	- <i>Últimos raios de sol num soito de castanheiros</i>
- <i>Ermida de Nossa Senhora dos Remédios</i>	- <i>Uma desgraça</i> (estudo)
- <i>Esperando a vez</i> (estudo para <i>O Barbeiro da aldeia</i> )	- <i>Uma desgraça</i>
- <i>Esperando o peixe</i>	- <i>Uma rua na aldeia</i>
- <i>Estudando</i>	- <i>Vale de zebras</i>
- <i>Estudando à borda do pinhal</i>	- <i>Vasco da Gama</i>
- <i>Flor de pessegueiro</i>	- <i>Velha fiando</i> (Exposição de Madrid, 1904)
- <i>Fonte Eirivia</i>	- <i>Velhas habitações de aldeia</i>
	- <i>Vendo subir o foguete</i> (estudo para <i>A procissão</i> )
	- <i>Viúvo</i> (exposição de Lisboa, 1905)

---

#### 4. 2. 1. 2 Souza Pinto

Seis anos depois de José Malhoa desembarcaria no Brasil o segundo nome do naturalismo português mais colecionado nos trópicos: José Júlio de Souza Pinto. Em novo marcante evento para o intercâmbio luso-brasileiro, o pintor também escolheria instalar a sua exposição de quadros no Real Gabinete Português de Leitura. Preferência nada fortuita. Os flagrantes da realidade portuguesa<sup>916</sup> e os sentimentais camponeses<sup>917</sup> que vinham transportados por suas telas não seriam vistos da mesma maneira se ocupassem uma simples parede branca de outro edifício qualquer. O peso da estonteante arquitetura manuelina que definia a sede da entidade no Rio de Janeiro chegaria a influenciar alguns observadores, que viram nas evidentes figuras bretãs e afrancesadas de Souza Pinto algo do homem do campo português.

A presença do pintor no Real Gabinete Português de Leitura não teria sido, entretanto, impulsionada por qualquer convite (como aconteceu com Malhoa), mas sim por uma antiga aspiração pessoal<sup>918</sup> de visitar o país no qual o irmão (António Alves Valle) fixara residência e que durante anos seguidos acolhera sua obra. Souza Pinto já era à época muito admirado e citado pela imprensa brasileira, que constantemente noticiava seus feitos nos salões portugueses<sup>919</sup> e franceses<sup>920</sup>, como a conquista do status de *hors concours* no *Salon Officiel*<sup>921</sup> e da menção honrosa pel' *O calção roto*<sup>922</sup>, além das nomeações para cavalheiro da Legião de Honra da França<sup>923</sup> e comendador da Ordem de Santiago de Portugal<sup>924</sup>. A notabilidade dessa trajetória profissional era ainda confirmada pela presença de telas de sua autoria nos museus de Nice, Amiens, Monte-Carlo, Lincoln, Melbourne, Lisboa e no praticamente inacessível Museu de Luxemburgo.<sup>925</sup> As elites brasileiras, por sua vez, há muito ansiavam por uma visita do mestre e colecionavam com afínco os seus trabalhos.<sup>926</sup>

<sup>916</sup> A ARTE. O pintor Souza Pinto a caminho do Brasil. **A Noite**. Rio de Janeiro, 2 jul. 1912, 5ª col., p. 1.

<sup>917</sup> UM GRANDE ACONTECIMENTO ARTÍSTICO. A exposição de Souza Pinto. **A Noite**. Rio de Janeiro, 14 set. 1912, 5ª col., p. 1.

<sup>918</sup> SOUZA PINTO, o ilustre artista português, chegou ontem ao Rio. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 23 jul. 1912, 4ª col., p. 1.

<sup>919</sup> SOUZA PINTO. **Revista Moderna**. Rio de Janeiro, 1 maio 1898, Ano II, N. 20, p. 3, col. 3.

<sup>920</sup> VICTOR, Jayme. Souza Pinto em Paris. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 31 jul. 1899, 5ª col., p. 2.

<sup>921</sup> INAUGUROU-SE, ontem, a exposição do pintor Souza Pinto. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 15 set. 1912, 1ª col., p. 4.

<sup>922</sup> BELAS ARTES. Exposição Souza Pinto. **A Noite**. Rio de Janeiro, 19 set. 1912, 5ª col., p. 2.

<sup>923</sup> EXPOSIÇÃO SOUZA PINTO. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 13-14 set. 1912, 6ª col., p. 2.

<sup>924</sup> **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 15 jun. 1912, 3ª col., p. 1.

<sup>925</sup> LETRAS & ARTES. Souza Pinto no Brasil. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 26 jul. 1912, 2ª col., p. 5.

<sup>926</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Souza Pinto. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 15 set. 1912, 4ª col., p. 6.

O sucesso alcançado na Europa<sup>927</sup> conferiu ampla fama a José Júlio de Souza Pinto<sup>928</sup>, mas a sua fatura conectada mais à realidade bretã do que ao naturalismo português era outro assunto recorrentemente discutido nos periódicos.<sup>929</sup> O crítico Mariano Pina, diretor d'*A Ilustração*, reclamava que o pintor “aparisienou-se”<sup>930</sup> demais com o objetivo de seguir a moda e vender suas telas no exterior; embora outros intelectuais considerassem tal peculiaridade uma mais valia por torná-lo inconfundível.<sup>931</sup> Em verdade, a vivência por 33 anos na França o levava a retratar a natureza bretã por meio de um pincel relativamente sombrio<sup>932</sup>, embora Souza Pinto adotasse algo do impressionismo nas suas reproduções de Portugal, em obras de menor tamanho e que quase sempre iriam adquirir tonalidades mais brandas.<sup>933</sup> Para José-Augusto França<sup>934</sup>, a mistura que o pintor fazia do sentimentalismo rústico e familiar com uma temática naturalista quase literária acabaria por agradar os compradores mais tradicionalistas.

Após deixar o ateliê em Neuilly<sup>935</sup>, a 22 de julho de 1912<sup>936</sup> José Júlio de Souza Pinto desembarcou na baía carioca pela primeira vez<sup>937</sup>, a carregar consigo quatro ou cinco quadros compostos durante a travessia do Atlântico.<sup>938</sup> Chegaria ao Brasil por mérito próprio e não por ser “um artista vulgar como muitos outros que aqui têm vindo trombeteados pela fama dos amigos e confrades”<sup>939</sup>, alfinetava o articulista d'*A Noite*. A estadia de um pintor desta magnitude era considerada rara oportunidade ao “meio artístico e social de admirar uma das mais preciosas coleções de arte”<sup>940</sup> da época, exibida por “um dos nomes de mais vivo relevo no mundo artístico contemporâneo”<sup>941</sup>. Bueno Amador destacava que a ocasião era a chance dos amadores<sup>942</sup>, que observavam de longe o triunfo do pintor e vibravam com suas telas enviadas ao Brasil<sup>943</sup>, de aumentarem suas galerias. Souza Pinto era, enfim, apontado como “a

<sup>927</sup> PEQUENOS ECHOS. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 22-23 ago. 1912, 3ª col., p. 2.

<sup>928</sup> ARTE PORTUGUESA. Exposição Souza Pinto. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 27 fev. 1916, 6ª col., p. 5.

<sup>929</sup> VERNISSAGE. Exposição Souza Pinto. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 14 set. 1912, 2ª col., p. 2.

<sup>930</sup> PINA, Mariano. Arte Portuguesa: *A lição do avô*. **A Ilustração**. Paris, 5 maio 1890, Ano VII, v. VII, n. 9, p. 9.

<sup>931</sup> A ARTE. O pintor Souza Pinto a caminho do Brasil. **A Noite**. Rio de Janeiro, 2 jul. 1912, 5ª col., p. 1.

<sup>932</sup> NOTAS DE ARTE. Souza Pinto no Rio. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 26 jul. 1912, 4ª col., p. 1.

<sup>933</sup> SANTOS, Aida Alves. **José Júlio de Souza Pinto na Bretanha**. Dissertação (Mestrado em História da Arte Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2011.

<sup>934</sup> FRANÇA, José-Augusto. **A arte portuguesa de oitocentos**. Lisboa: Biblioteca Breve, 1992. p. 74.

<sup>935</sup> ARTE PORTUGUESA. O pintor Souza Pinto. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 28 jun. 1912, 5ª col., p. 3.

<sup>936</sup> A PINTURA. O *Frisia* traz-nos um pintor português. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 22 jul. 1912, 3ª col., p. 1.

<sup>937</sup> VIDA SOCIAL. Viajantes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 22 jul. 1912, 2ª e 3ª col., p. 3.

<sup>938</sup> NOTAS DE ARTE. Souza Pinto no Rio. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 26 jul. 1912, 4ª col., p. 1.

<sup>939</sup> BELAS ARTES. Souza Pinto. **A Noite**. Rio de Janeiro, 27 jul. 1912, 5ª col., p. 2.

<sup>940</sup> J. SOUZA PINTO. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 25 jun. 1912, 2ª col., p. 6.

<sup>941</sup> J. DE SOUZA PINTO. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 22 jul. 1912, 6ª col., p. 5.

<sup>942</sup> AMADOR, Bueno. Belas Artes. Exposição Souza Pinto. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 28 set. 1912, 7ª col., p. 6.

<sup>943</sup> AMADOR, Bueno. Belas Artes. Exposição Souza Pinto. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 14 set. 1912, 7ª col., p. 4.

maior glória artística de Portugal”<sup>944</sup>, em elogiosas assertivas que repetiam as mesmas frases outrora dirigidas a José Malhoa pela entusiasta imprensa local.

Instalado no Rio de Janeiro, Souza Pinto logo buscava visitar, na companhia do irmão, (figura reconhecida no meio artístico brasileiro<sup>945</sup>) as redações dos principais jornais cariocas<sup>946</sup>. O português também empenharia seus esforços para apressar a abertura da mostra individual, o que deveria ocorrer antes do salão anual da ENBA (previsto para setembro), de modo a não sobrepor os dois eventos.<sup>947</sup> Mas o atraso causado pelo desvio do navio que trazia cinco arcas repletas de telas suas<sup>948</sup>, as quais ficariam depois retidas na Alfândega<sup>949</sup>, acabaria por adiar a data da inauguração<sup>950</sup> seguidas vezes<sup>951</sup>. Estas notícias, acompanhadas de perto pela imprensa, só fizeram crescer ainda mais a ansiedade do público e o interesse dos colecionadores.<sup>952</sup> Ao perceber que não conseguiria preparar as instalações do Real Gabinete Português de Leitura em tempo hábil, Souza Pinto decidiria, por fim, aguardar o lançamento da Exposição Geral para estreitar a sua.<sup>953</sup> Visando compensar a espera dos admiradores, alargaria o tempo de vigência do certame e decretaria entrada franca.<sup>954</sup>

O *vernissage* ocorreria, finalmente, a 13 de setembro de 1912<sup>955</sup>, ao qual compareceram artistas convidados, representantes da imprensa, notáveis membros da elite cuidadosamente selecionados<sup>956</sup> e o ministro de Portugal.<sup>957</sup> À entrada do edifício foi entregue um catálogo com prefácio assinado pelo brasileiro Coelho Netto, que com suas palavras rebuscadas confirmava o poder colonizador de Portugal ao saudar “um dos maiores expoentes intelectuais da raça de que viemos e da arte”<sup>958</sup>. O número de telas apresentadas rondava entre os 120<sup>959</sup> e 150<sup>960</sup> exemplares, constantemente reproduzidos nos jornais cariocas<sup>961</sup>, com destaque para aqueles

<sup>944</sup> BELAS ARTES. Souza Pinto. **A Noite**. Rio de Janeiro, 31 out. 1912, 4ª col., p. 2.

<sup>945</sup> LETRAS & ARTES. Souza Pinto no Brasil. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 21 jun. 1912, 4ª e 5ª col., p.4.

<sup>946</sup> SOCIAIS. Visitas. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 24 jul. 1912, 5ª col., p. 2.

<sup>947</sup> LETRAS & ARTES. Exposição Souza Pinto. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 9 ago. 1912, 4ª e 5ª col., p.2.

<sup>948</sup> EXPOSIÇÃO SOUZA PINTO. **A Noite**. Rio de Janeiro, 7 ago. 1912, 3ª col., p. 2.

<sup>949</sup> GAZETA DAS ARTES. Exposição Souza Pinto. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 10 ago. 1912, 4ª col., p.4.

<sup>950</sup> LETRAS & ARTES. Exposição Souza Pinto. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 16 ago. 1912, 6ª col., p. 5.

<sup>951</sup> BELAS ARTES. Souza Pinto. **A Noite**. Rio de Janeiro, 20 ago. 1912, 5ª col., p. 2.

<sup>952</sup> LETRAS & ARTES. Souza Pinto. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 23 ago. 1912, 6ª col., p. 5.

<sup>953</sup> LETRAS & ARTES. Exposição Souza Pinto. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 30 ago. 1912, 6ª col., p. 5.

<sup>954</sup> EXPOSIÇÃO SOUZA PINTO. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 13-14 set. 1912, 6ª col., p.2.

<sup>955</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Souza Pinto. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 13 set. 1912, 7ª col., p. 2.

<sup>956</sup> VIDA SOCIAL. Festas. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 14 set. 1912, 1ª col., p. 5.

<sup>957</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Souza Pinto. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 14 set. 1912, 6ª col., p. 7.

<sup>958</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição do pintor Souza Pinto. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 19 set. 1912, 6ª col., p. 3.

<sup>959</sup> SOUZA PINTO, o célebre pintor português inaugura hoje no Gabinete Português de Leitura, a sua exposição de pintura. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 14 set. 1912,

<sup>960</sup> VIDA SOCIAL. Viajantes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 23 jul. 1912, 4ª col., p. 3.

<sup>961</sup> ARTE PORTUGUESA. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 10 set. 1912, 3ª e 4ª col., p. 2.

que figuraram anteriormente no *Salon* parisiense.<sup>962</sup> Ao “aplauso unânime”<sup>963</sup> dos visitantes e ao fomento promovido pelo Real Gabinete Português de Leitura, somou-se a positiva opinião dos críticos sobre o alto valor da iniciativa de Souza Pinto.<sup>964</sup> Os jornais ressaltariam a passagem extasiada dos visitantes pelo Real Gabinete Português de Leitura, já que “nunca ao Rio de Janeiro apresentou um forasteiro salão tão completo, tão precioso e tão rico”<sup>965</sup>.



**FIGURA 10** – “Exposição Souza Pinto”, *O Paiz*, 14 de setembro de 1912

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

Malgrado a chuva que teimava em cair prejudicasse a apreciação dos quadros<sup>966</sup>, o público continuava a acorrer impaciente ao Real Gabinete Português de Leitura.<sup>967</sup> Desfilavam por ali as mais ilustres damas da elite carioca, políticos, representantes da intelectualidade e membros do universo artístico luso-brasileiro.<sup>968</sup> Só no dia 28 de setembro foram registrados nada menos do que 260 visitantes<sup>969</sup>, dentre os quais era possível notar o ministro Lauro Müller,

<sup>962</sup> INAUGUROU-SE, ontem, a exposição do pintor Souza Pinto. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 15 set. 1912, 1ª col., p. 4.

<sup>963</sup> AMADOR, Bueno. Belas Artes. Exposição Souza Pinto. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 15 set. 1912, 8ª col., p. 4.

<sup>964</sup> AMADOR, Bueno. Belas Artes. Exposição Souza Pinto. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 20 set. 1912, 5ª col., p. 5.

<sup>965</sup> NOTAS SOCIAIS. Exposição – O salão Souza Pinto. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 14 set. 1912, 2ª e 3ª col., p. 7.

<sup>966</sup> VERNISSAGE. Exposição Souza Pinto. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 14 set. 1912, 2ª col., p. 2.

<sup>967</sup> BOA NOVA! Exposição Souza Pinto. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 14 set. 1912, 3ª à 5ª col., p. 2.

<sup>968</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Souza Pinto. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 20 set. 1912, 4ª col., p. 4.

<sup>969</sup> NOTAS. Exposição Souza Pinto. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 29 set. 1912, 7ª col., p. 2.

o diplomata Souza Dantas e o jornalista João Luso.<sup>970</sup> O presidente da República também seria visto<sup>971</sup> na companhia de militares<sup>972</sup>, ministros<sup>973</sup>, secretários<sup>974</sup> e senadores<sup>975</sup>, todos ansiosos por admirar as telas do notório José Júlio de Souza Pinto. Na ocasião, o chefe de Estado iria adquirir o exemplar de número 66, *As serras de Monchique*, quando aproveitou para felicitar o pintor.<sup>976</sup> Esta foi a primeira vez que o ocupante do mais alto cargo da República brasileira comprava para si a obra de um artista estrangeiro em visita ao país.<sup>977</sup> Em agradecimento a este significativo gesto, Souza Pinto iria pessoalmente<sup>978</sup> ao Palácio do Catete cumprimentar o sr. Hermes da Fonseca.<sup>979</sup>



**FIGURA 11** – Exposição Souza Pinto: *Le Baquet Bleu* e *Dans l'eau*, *Ilustração Brasileira*, 1º de outubro de 1912.

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

Apesar de todo o sucesso de público e crítica, a vendagem de quadros seguia a passos lentos: o português lhes teria conferido o mesmo preço de mercado que praticava em Paris, montante já elevado ao qual acresciam ainda as taxas alfandegárias, o seguro de viagem e os

<sup>970</sup> ARTES E ARTISTAS. A exposição Souza Pinto. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 29 set. 1912, 6ª col., p. 5.

<sup>971</sup> NOTICIÁRIO. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 8 out. 1912, 2ª col., p. 5.

<sup>972</sup> **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 8 out. 1912, 4ª col., p. 1.

<sup>973</sup> **A Noite**. Rio de Janeiro, 7 out. 1912, 2ª col., p. 2.

<sup>974</sup> INTERIOR. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 8 out. 1912, 1ª col., p. 5.

<sup>975</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA SOUZA PINTO. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 8 out. 1912, 3ª col., p. 2.

<sup>976</sup> ECHOS E FACTOS. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 8 out. 1912, 2ª col., p. 1.

<sup>977</sup> BELAS ARTES. Souza Pinto. **A Noite**. Rio de Janeiro, 31 out. 1912, 4ª col., p. 2.

<sup>978</sup> **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 9 out. 1912, 3ª col., p. 1.

<sup>979</sup> NOTICIÁRIO. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 9 out. 1912, 3ª col., p. 5.

custos do transporte.<sup>980</sup> Mas o anúncio do encerramento da mostra a 22 de setembro<sup>981</sup> curiosamente faria aumentar o interesse dos colecionadores, que correram para garantir um exemplar.<sup>982</sup> Frente ao empenho tardio destes compradores, o fim do evento foi adiado para 6 de outubro<sup>983</sup>, intervalo que permitiria a distintos nomes da elite e da política carioca adquirirem mais de 40 telas para seus acervos.<sup>984</sup> O apreço da sociedade brasileira por José Júlio de Souza Pinto parecia crescer ainda mais<sup>985</sup>, assim como o número de admiradores de sua obra.<sup>986</sup> Prolongada outra vez pelo restante mês de outubro<sup>987</sup> (até o dia 31<sup>988</sup>), para atender o grande fluxo de visitantes a exposição passou a contar com salões abertos mesmo aos domingos.<sup>989</sup>



**FIGURA 12** – Exposição Souza Pinto: *Les mousses*, *La pêche* e *Le départ pour le travail*, *Careta*, 21 de setembro de 1912.

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

<sup>980</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Souza Pinto. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 20 set. 1912, 4ª col., p. 4.

<sup>981</sup> AMADOR, Bueno. Belas Artes. Exposição Souza Pinto. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 18 set. 1912, 8ª col., p. 5.

<sup>982</sup> BELAS ARTES. Souza Pinto. **A Noite**. Rio de Janeiro, 26 set. 1912, 2ª col., p. 2.

<sup>983</sup> BELAS ARTES. Souza Pinto. **A Noite**. Rio de Janeiro, 28 set. 1912, 6ª col., p. 2.

<sup>984</sup> BELAS ARTES. Souza Pinto. **A Noite**. Rio de Janeiro, 14 out. 1912, 4ª col., p. 4.

<sup>985</sup> BELAS ARTES. Exposição Souza Pinto. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 22 set. 1912, 4ª col., p. 5.

<sup>986</sup> MANIFESTAÇÕES. Exposição Souza Pinto. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 19 out. 1912, 2ª col., p. 5.

<sup>987</sup> NOTAS. Exposição Souza Pinto. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 26 out. 1912, 2ª col., p. 2.

<sup>988</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Souza Pinto. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 31 out. 1912, 7ª col., p. 4.

<sup>989</sup> ARTES E ARTISTAS. Souza Pinto. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 27 out. 1912, 7ª col., p. 6.

**TABELA 6**  
**Exposição individual de José Júlio de Souza Pinto (Rio de Janeiro, 1912)**

Obras expostas	Compradores
<i>Appelant le passeur</i>	...
<i>À espera do pai</i>	Albino Costa
<i>A filha do moleiro</i>	Nestor Pestana
<i>A leitura</i>	Magalhães Coutinho
<i>Après le combat naval</i>	...
<i>A sombra</i>	Humberto Taborda
<i>As serras de Monchique</i>	Marechal Hermes da Fonseca (presidente)
<i>Avant le bain</i>	...
<i>Baigneuse</i>	...
<i>Braserie</i>	Oscar S. Pinto
<i>Cabeça de bretã</i>	Guerra Duval
<i>Cabeça de rapazito</i>	Paulo Queiroz
<i>Causerie</i>	...
<i>Chez le Charron</i>	...
<i>Cloe à espera</i>	M.
<i>Dans l'eau</i>	...
<i>Dans les champs</i>	...
<i>Éclairé</i>	...
<i>Efeito da tarde</i>	Oscar S. Pinto
<i>Estudo de Breton</i>	Paulo Queiroz
<i>Estudo para Le Bateau Cassé</i>	Paulo Queiroz
<i>Jogo a bordon</i>	Luiz Alves
<i>Journée finie</i>	...
<i>Kerdeake</i>	Magalhães Coutinho
<i>L'appel au passeur (soir)</i>	(obra <i>Hors concours</i> no Salon)
<i>La baignade</i>	...
<i>La culote de Airée</i>	...
<i>La culote déchirée</i>	...



<i>La dernière de la famille</i>	...
<i>La forge</i>	...
<i>La leçon du grand père</i>	Bernardo Pinto Machado Bastos
<i>La pêche</i>	...
<i>La soupe renversée</i>	J. B. Leme do Prado
<i>Le baquet bleu</i>	...
<i>Le bateau cassé</i>	...
<i>Le bateau disparu</i>	...
<i>Le départ pour le travail</i>	...
<i>Le Moulin</i>	Bernardino de Campos
<i>Le pont-neuf</i>	Nestor Pestana
<i>Le rendez-vous manqué</i>	...
<i>Le retour des bateaux</i>	...
<i>Les amoureux</i>	Bernardo Pinto Machado Bastos
<i>Les chateignes</i>	...
<i>Les deux maussés</i>	...
<i>Les lavandières</i>	Club dos Diários
<i>Les mousses</i>	...
<i>Les pommes de terre</i>	...
<i>Les roses tremières</i>	...
<i>Maison du chemineau</i>	Bellegarde
<i>No meu jardim (pastel)</i>	Galeno Martins
<i>Promise</i>	Thomaz Alberto Alves Saraiva
<i>Retour de la rivière</i>	...
<i>Revenant du travail</i>	...
<i>Roses tremières</i>	Visconde de Moraes
<i>Sob a verdura</i>	Escola Nacional de Belas Artes
<i>Trempe jusqu'aux</i>	...
<i>Um rud dans les bois</i>	...

---

Confiante no sucesso da empreitada carioca, Souza Pinto decidiria explorar outro mercado consumidor e partiria rumo a São Paulo.<sup>990</sup> O local escolhido para a exibição dos 90 trabalhos a óleo e pastel não vendidos no Rio de Janeiro foi a Casa Mascarini<sup>991</sup> (a recém-inaugurada Câmara Portuguesa de Comércio funcionava ainda nas dependências do Consulado de Portugal). À abertura da mostra, agendada para 12 de dezembro de 1912<sup>992</sup>, compareceram diversas autoridades locais convidadas.<sup>993</sup> A aguardada exposição teria alcançado significativo êxito. Os clamores proferidos pelos admiradores levariam Souza Pinto a anunciar o encerramento do evento para o último dia do ano<sup>994</sup>, gesto significativo por se tratar de uma época festiva, quando suas obras acabariam por tornar-se um luxuoso presente. Foram comercializadas, ao todo, cerca de 60 telas<sup>995</sup>, expressivo dígito que seria celebrado pelos jornais portugueses.<sup>996</sup> Após o desfecho paulista, José Júlio de Souza Pinto passaria ainda pela baía carioca para despedir-se e agradecer a acolhida da sociedade brasileira<sup>997</sup>, seguindo depois para a Inglaterra<sup>998</sup>, onde contava com grande número de colecionadores que há tempos também clamavam por sua presença.<sup>999</sup> Prometia regressar em breve ao Brasil para fixar nos seus quadros os panoramas daquela exuberante terra<sup>1000</sup>, o que não viria a suceder.

#### 4. 2. 1. 3 João Vaz

A partir da década de 1910, o Real Gabinete Português de Leitura passaria a acolher com maior frequência os artistas compatriotas chegados ao Brasil, cumprindo com retidão o papel de órgão promotor da cultura nacional e solidário às necessidades de seus conterrâneos. As portas da instituição continuariam maiormente abertas aos naturalistas, que seguiam praticamente sem opositores no mercado luso-brasileiro desde 1880. Em 1913, o salão nobre

<sup>990</sup> VIDA SOCIAL. Viajantes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 24 nov. 1912, 2ª col., p. 5.

<sup>991</sup> REGISTRO DE ARTE. Souza Pinto. **Correio Paulistano**. São Paulo, 27 nov. 1912, 5ª col., p. 3.

<sup>992</sup> SOUSA PINTO. **O Pirralho**. Rio de Janeiro, 14 dez. 1912, 2ª col., p. 15.

<sup>993</sup> SOUZA PINTO EM S. PAULO. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 13 dez. 1912, 5ª col., p. 2.

<sup>994</sup> REGISTRO DE ARTE. Exposição Souza Pinto. **Correio Paulistano**. São Paulo, 27 dez. 1912, 2ª col., p. 2.

<sup>995</sup> TELEGRAMAS. S. Paulo - A exposição do pintor Souza Pinto. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 9 jan. 1913, 7ª col., p. 12.

<sup>996</sup> TELEGRAMAS. A exposição do pintor Souza Pinto. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 17 dez. 1912, 1ª col., p. 8.

<sup>997</sup> VIDA SOCIAL. Viajantes. **A Ilustração Brasileira**. Rio de Janeiro, 1º mar. 1913, p. 22.

<sup>998</sup> VIDA SOCIAL. Viajantes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 17 fev. 1913, 2ª col., p. 5.

<sup>999</sup> BELAS ARTES. Souza Pinto. **A Noite**. Rio de Janeiro, 31 out. 1912, 4ª col., p. 2.

<sup>1000</sup> VIDA SOCIAL. Viajantes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 16 fev. 1913, 2ª col., p. 3.

da entidade hospedaria outra exposição, desta vez do marinhista João Vaz<sup>1001</sup>. O professor de desenho decorativo e diretor da Escola Industrial Affonso Domingues<sup>1002</sup> seria lembrado na imprensa brasileira, como de costume, pelas premiações auferidas em mostras europeias.<sup>1003</sup> Mais especificamente, era apontado por António Guimarães como “o primeiro trabalhador de marinhas de Portugal”<sup>1004</sup>, opinião compartilhada por Bueno Amador<sup>1005</sup>, que o elegera ainda um dos “mais notáveis marinhistas da atualidade”<sup>1006</sup>.

João José Vaz realizaria o *vernissage*<sup>1007</sup> da sua mostra a 13 de agosto de 1913<sup>1008</sup>, em elegante cerimônia decorrida no Real Gabinete Português de Leitura. O evento recebeu o apoio do ministro de Portugal atuante no Brasil, Bernardino Machado<sup>1009</sup>, que iria pessoalmente<sup>1010</sup> convidar o presidente da República<sup>1011</sup> para uma visita à exposição, a qual só seria concretizada mais tardiamente<sup>1012</sup>. As 50 obras exibidas<sup>1013</sup> - óleos, aquarelas, desenhos a carvão e projetos de decoração<sup>1014</sup> - refletiriam a personalidade<sup>1015</sup> artística assumida por Vaz ao longo dos significativos 30 anos de profissão acumulados até ali<sup>1016</sup> e que acabavam por espelhar também a realidade portuguesa deste período. O certame, “que tanto êxito obteve no nosso meio artístico”<sup>1017</sup>, teria fim a 13 de setembro<sup>1018</sup>, mesma noite em que o Gabinete celebrava uma homenagem ao escritor Alexandre Herculano<sup>1019</sup>.

Neste ínterim, a imprensa carioca exaltaria os panoramas marítimos de João Vaz<sup>1020</sup> por abandonarem a dramaticidade típica do romantismo, substituindo os grandes encouraçados e

<sup>1001</sup> VER: FALCÃO, Isabel. *et al.* **João Vaz (1859-1931): um pintor do naturalismo**. Lisboa: Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2005.

<sup>1002</sup> EXPOSIÇÃO DE QUADROS. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 1-2 ago. 1913, 5ª col., p. 3.

<sup>1003</sup> BELAS ARTES. João Vaz. **A Noite**. Rio de Janeiro, 4 ago. 1913, 5ª col., p. 4.

<sup>1004</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição de pintura portuguesa. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 14 ago. 1913, 3ª col., p. 3.

<sup>1005</sup> AMADOR, Bueno. Belas Artes. Exposição João Vaz. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 19 ago. 1913, 8ª col., p. 6.

<sup>1006</sup> AMADOR, Bueno. Belas Artes. A exposição de pintura do Sr. João Vaz. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 14 ago. 1913, 7ª col., p. 9.

<sup>1007</sup> NOTAS ARTÍSTICAS. **Fon Fon**. Rio de Janeiro, 6 set. 1913, Ano VII, n. 36, p. 69.

<sup>1008</sup> BELAS ARTES. João Vaz. **A Noite**. Rio de Janeiro, 12 ago. 1913, 4ª col., p. 4.

<sup>1009</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposições. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 15 ago. 1913, 4ª col., p. 4.

<sup>1010</sup> O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 4-5 set. 1913, 2ª col., p. 1. / E / NOTICIÁRIO. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 4 set. 1913, 3ª col., p. 8.

<sup>1011</sup> ECHOS E FACTOS. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 15 set. 1913, 2ª col., p. 7.

<sup>1012</sup> BELAS ARTES. João Vaz. **A Noite**. Rio de Janeiro, 1º set. 1913, 3ª col., p. 4.

<sup>1013</sup> REALIZOU-SE HOJE O *VERNISSAGE* DO ARTISTA PORTUGUÊS JOÃO VAZ. **A Noite**. Rio de Janeiro, 13 ago. 1913, 2ª col., p. 2.

<sup>1014</sup> ARTE. Exposição João Vaz. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 14 ago. 1913, 2ª col., p. 4.

<sup>1015</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 3 ago. 1913, 6ª col., p. 4.

<sup>1016</sup> ARTES E ARTISTAS. Notas de arte. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 18 set. 1913, 2ª col., p. 7.

<sup>1017</sup> BELAS ARTES. João Vaz. **A Noite**. Rio de Janeiro, 11 set. 1913, 3ª col., p. 4.

<sup>1018</sup> BELAS ARTES. João Vaz. **A Noite**. Rio de Janeiro, 8 set. 1913, 4ª col., p. 4.

<sup>1019</sup> SOCIAIS. Exposições. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 14 set. 1913, 7ª col., p. 7.

<sup>1020</sup> PÉ DE COLUNA. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 15-16 ago. 1913, 4ª col., p. 1.

vapores pela “simplicidade pitoresca e poética dos barcos humildes”<sup>1021</sup> – expressão de certa candura que, em muitos aspectos, era representativa da alma portuguesa. A relativa calma das cenas e a fidelidade ao panorama observado<sup>1022</sup> eram vistos de forma positiva pela maior parte dos articulistas, embora Laudelino Freire<sup>1023</sup>, em raro momento de análise formulada por um verdadeiro conhecedor das questões artísticas, criticasse com rigor as produções frias e inanimadas de Vaz (pelo que considerava mais valiosas as suas figuras humanas do que as marinhas). Já um crítico do *Correio da Manhã* curiosamente celebraria o facto de Vaz estar distante das “preocupações estéticas de Carlos Reis e Malhoa, os mais robustos pintores lusitanos, no seu modo de fazer cheio de arrebatamentos e pujaças”<sup>1024</sup>.



**FIGURA 13** – Exposição de João Vaz, *Fon Fon*, 6 de setembro de 1913.

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

Após o encerramento da exposição no Rio de Janeiro, João Vaz decidiria partir para São Paulo<sup>1025</sup>, onde também permanecera por pouco tempo devido ao insucesso do novo empreendimento. Diante dos baixos índices de venda das telas, que pareceram rechaçadas pelos colecionadores cariocas e paulistas, antes de retornar à Europa o pintor deixaria alguns

<sup>1021</sup> ATUALIDADES. João Vaz. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 15 ago. 1913, 4ª e 5ª col., p. 2.

<sup>1022</sup> BELAS ARTES. João Vaz. *A Noite*. Rio de Janeiro, 14 ago. 1913, 6ª col., p. 2.

<sup>1023</sup> FREIRE, Laudelino. Artes e Artistas. Exposição de João Vaz. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 20 ago. 1913, 6ª col., p. 8.

<sup>1024</sup> JOÃO VAZ E A SUA OBRA. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 19 ago. 1913, 1ª col., p. 5.

<sup>1025</sup> ARTES E ARTISTAS. João Vaz. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 26 set. 1913, 1ª col., p. 3.

exemplares sob a responsabilidade do Real Gabinete Português de Leitura<sup>1026</sup>: *A senhora dos remédios, Bairro dos Pescadores, Canal de S. Roque, Claustro da Sé de Lisboa, Claustro manuelino, Coisas do tempo antigo, Entardecer, Esteiro da Praça do Peixe, Fonte da Barra, Gaivotas, Igreja da Madre de Deus, No amanho das redes, O velho cais de Setúbal, Pescador setubalense, Praia da Saúde (Setúbal), Praia das Maças, Pro mar e Trecho do jardim patriarcal*. A instituição representativa dos imigrantes portugueses receberia a difícil missão de encontrar uma saída mercadológica para esses quadros e iria revelar-se, assim, não apenas local de acolhida das principais manifestações culturais vernáculas ou de promoção das atividades patrióticas, mas também uma engajada representante comercial dos artistas compatriotas – papel diferenciado que desempenhava no âmbito do seu escopo enquanto entidade benemérita.

#### 4. 2. 1. 4 Carlos Reis

O Real Gabinete Português de Leitura receberia, ainda durante a Primeira República, a primeira exposição organizada por Carlos e João Reis no Rio de Janeiro. No ano de 1919, pai e filho viajavam aos trópicos em delicado momento de incertezas do pós-Guerra<sup>1027</sup>. O fim do conflito mundial provocara uma onda de esperança em meio aos revezes financeiros. Confiantes no estabelecimento definitivo da paz e na recuperação da economia global, aqueles que ainda possuíam reservas aproveitavam para apostar em novos projetos ou buscar diferentes investimentos. O Brasil, pouco afetado por danos físicos, continuava a ser uma saída deveras rentável frente à ainda confusa realidade europeia. Embora a Primeira Guerra, na medida em que dificultara as comunicações, tenha contribuído para aumentar o desconhecimento e o preconceito vivenciado cotidianamente entre brasileiros e portugueses<sup>1028</sup>, as promessas de uma economia tropical aquecida fizeram manter alto o fluxo de telas chegadas pelo Atlântico. O ano de 1919 acabaria, assim, por tornar-se o das exposições de arte:

Raro é o mês que se não inaugura um desses certames que até bem pouco tempo eram raros entre nós. Temos tido não só exposições de artistas nacionais, como de estrangeiros, que já nos procuram certos de encontrar aqui um bom mercado para as obras de valor, para as coisas de arte.<sup>1029</sup>

<sup>1026</sup> SOCIAIS. Exposições. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 14 set. 1913, 7ª col., p. 7.

<sup>1027</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 14 out. 1919, 4ª col., p. 5.

<sup>1028</sup> SARAIVA, Arnaldo. **Modernismo brasileiro e modernismo português**: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 256.

<sup>1029</sup> MAIS UM CERTAME ARTÍSTICO. A exposição do pintor Collomb. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 20 ago. 1919, 4ª e 5ª col., p. 3.

A iniciativa de Carlos e João Reis, chegada ao Rio de Janeiro em maio de 1919, seria comemorada pela imprensa por constituir “mais um belo passo para a intensificação do intercâmbio artístico das duas pátrias irmãs, tão unidas pelos laços de sangue, pela comunidade de língua, de costumes, de interesses, mas tão ignoradas uma da outra quanto ao movimento mental e artístico”<sup>1030</sup>. À época Carlos Reis revelou em entrevista que o grande objetivo da sua viagem era justamente o de promover uma “maior aproximação artístico-literária luso-brasileira”<sup>1031</sup>, confessando que desejava também estabelecer contato mais íntimo com os representantes da pintura local. Assim que desembarcou na baía carioca, o mestre português, “conhecido no Brasil apenas por alguns privilegiados”<sup>1032</sup> que tinham acesso aos magazines europeus, peregrinaria pelas redações dos principais jornais ao lado do filho, João Reis – este sim, uma absoluta incógnita para a crítica local.<sup>1033</sup> Os dois seriam apresentados aos articulistas por João Luso, que os acompanhava nas visitas.<sup>1034</sup>

A relativa ignorância da imprensa brasileira para com a figura do mestre europeu remonta a enganosa publicação datada de 1907, quando *A Notícia* revelou que o português Carlos Reis, após fazer uma breve exibição de seus trabalhos no Rio de Janeiro, apresentaria novamente seus quadros a óleo, a bico de pena, aquarelas e pastéis à sociedade carioca.<sup>1035</sup> Em verdade, uma coincidência de alcunhas teria suscitado esta informação provavelmente errônea: à época residiam no Distrito Federal pelo menos duas figuras públicas com o mesmo nome e sobrenome de Carlos Reis. Um deles era major da polícia, enquanto o outro, de modo a gerar ambiguidade ainda maior, era docente na Escola Normal e também atuava como pintor. Conforme a imprensa local, este último parece ter se esforçado para mesclar sua reputação à do português, de modo a sobrevalorizar-se: “Carlos Reis, o pseudo-pintor, que é nesta arte uma figura secundária, já se tem intitulado professor da Escola de Belas Artes de Lisboa, e mostra fotografias das magníficas obras do seu homônimo, como suas”<sup>1036</sup>. Não demoraria para que

<sup>1030</sup> O PINTOR CARLOS REIS NO BRASIL. A sua próxima visita. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 22 abr. 1919, 6ª a 8ª col., p. 3.

<sup>1031</sup> A ARTE PORTUGUESA NO BRASIL. A chegada do pintor Carlos Reis. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 3 maio 1919, 6ª e 7ª col., p. 3.

<sup>1032</sup> FILHO, Rodrigo Octavio. Arte portuguesa – Exposição Carlos e João Reis. **O Malho**. Rio de Janeiro, 5 jul. 1919, Ano XVIII, n. 877, p. 30 e 31.

<sup>1033</sup> VIDA SOCIAL. Visitas. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 4 maio 1919, 1ª col., p. 5.

<sup>1034</sup> O PROFESSOR CARLOS REIS. A sua visita à *Gazeta*. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 7 maio 1919, 7ª col., p. 1.

<sup>1035</sup> **A Notícia**. Rio de Janeiro, 23-24 jul. 1907, 3ª e 4ª col., p. 1.

<sup>1036</sup> SECCÃO PORTUGUESA. Carlos Reis. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 4 out. 1919, 3ª col., p. 8.

dedicados periódicos saíssem em defesa do autêntico Carlos Reis e publicassem notas esclarecedoras que desacreditavam o brasileiro fraudulento.<sup>1037</sup>

De volta a 1919, logo após se estabelecerem no Rio de Janeiro, Carlos e João Reis escolheriam com muita cautela o local para a instalação dos seus quadros. Visitariam primeiro a Escola Nacional de Belas Artes, que supostamente guardava melhor estrutura para seus exemplares de maiores dimensões. Mas a alusão à história vernácula evidenciada pela fachada do edifício do Real Gabinete Português de Leitura falaria mais alto na decisão dos pintores. Concluída a montagem da exposição, Carlos Reis assumiria seu papel de agente do intercâmbio luso-brasileiro e promoveria, antes mesmo da inauguração pública de sua mostra, a visitação de um grupo de alunos da ENBA<sup>1038</sup>, representados por Armando Navarro, que homenagearam o mestre com a entrega de um generoso presente<sup>1039</sup>. O encontro permitiria aos ainda aprendizes dialogarem diretamente com o naturalismo europeu e seus executores, que ali permaneceram a palestrar com os mais interessados.

A abertura do certame de Carlos e João Reis seria apontada pela imprensa carioca como “um dos maiores acontecimentos de arte destes últimos tempos”<sup>1040</sup>, exagero anteriormente repetido durante as iniciativas de José Malhoa e Souza Pinto. O exclusivo *vernissage*<sup>1041</sup>, decorrido a 11 de junho de 1919<sup>1042</sup>, registrou as presenças de jornalistas, literatos, artistas e políticos, que acabariam por adquirir os quadros de preço mais elevado.<sup>1043</sup> Enquanto embaixador da arte portuguesa<sup>1044</sup>, Carlos Reis iria pessoalmente convidar o presidente da República para assistir a cerimônia de inauguração ao público marcada para o dia seguinte.<sup>1045</sup> Embora Delfim Moreira não tenha comparecido<sup>1046</sup>, os salões do Real Gabinete Português de Leitura ficaram repletos de distintos nomes da sociedade brasileira e da colônia portuguesa<sup>1047</sup>, como os senhores Cesar Mendes, encarregado de negócios de Portugal, e Alberto Eça de Queiroz, filho do famoso literato tão apreciado no Brasil.<sup>1048</sup>

<sup>1037</sup> ELE OU ELA! **A Noite**. Rio de Janeiro, 4 out. 1919, 5ª col., p. 4.

<sup>1038</sup> SECCÃO PORTUGUESA. Exposição Carlos Reis e João Reis. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 10 jun. 1919, 5ª col., p. 7.

<sup>1039</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 10 jun. 1919, 3ª col., p. 4.

<sup>1040</sup> UM GRANDE ACONTECIMENTO ARTÍSTICO. A exposição dos pintores Carlos Reis e João Reis. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 11 jun. 1919, 1ª a 3ª col., p. 3.

<sup>1041</sup> ARTE PORTUGUESA. Exposição Carlos Reis. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 10 jun. 1919, 8ª col., p. 2.

<sup>1042</sup> CENAS E TELAS. A exposição Carlos Reis. **A Rua**. Rio de Janeiro, 10 jun. 1919, 5ª col., p. 5.

<sup>1043</sup> ARTES E ARTISTAS. Carlos Reis. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 11 jun. 1919, 5ª col., p. 5.

<sup>1044</sup> SECCÃO PORTUGUESA. Festival no Palace-Theatre – Carlos Reis. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 27 jun. 1919, 5ª col., p. 7.

<sup>1045</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 11 jun. 1919, 2ª col., p. 5.

<sup>1046</sup> **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 13 jun. 1919, 5ª col., p. 2.

<sup>1047</sup> A VIDA SOCIAL. Arte. **A Razão**. Rio de Janeiro, 12 jun. 1919, 5ª col., p. 6.

<sup>1048</sup> VIDA SOCIAL. Inaugurações. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 13 jun. 1919, 1ª e 2ª col., p. 4.



**FIGURA 14** – A exposição dos pintores Carlos Reis e João Reis: assistência ao *vernissage* e um canto da exposição, *Gazeta de Notícias*, 11 de junho de 1919

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

Assim que ingressava pela sede do Real Gabinete Português de Leitura, o visitante deparava-se com o perfil da mãe de Carlos e com a figura do conselheiro Silva Mattos.<sup>1049</sup> Carlos Reis exibiria um total de sete retratos e 37 trabalhos diversos<sup>1050</sup>, entre paisagens, cenas de interior e de gênero.<sup>1051</sup> O seu pincel emotivo e espontâneo trazia belas paisagens da terra deixada aos imigrantes saudosos e tipos portugueses apanhados em flagrante expressão<sup>1052</sup>, como fizeram os outros naturalistas anteriormente recebidos pelo salão da entidade representativa.<sup>1053</sup> Embora adentrasse a terceira década do século XX e observasse a França vivenciar as primeiras experimentações dadaístas, o mercado brasileiro continuava a investir suas pequenas fortunas na busca incansável pelo mesmo padrão estético, o naturalismo, linguagem artística que seguia garantindo a afluência do público aos salões.<sup>1054</sup>

João Reis, por sua vez, levaria ao Brasil apenas um retrato e outras dez telas<sup>1055</sup> – composições muito parecidas com as do mestre, embora alguns críticos avaliassem

<sup>1049</sup> CARDOSO, Mattos. **A Rua**. Rio de Janeiro, 24 jun. 1919, 6ª col., p. 4.

<sup>1050</sup> *A fonte do Vidal, A lagartixa, Anã do Vilarinho, Anunciando a festa, A trança, A vindima, Cabreirinhas, Canto da natureza, Canto do meu atelier, Casa dos arcos, Castanhal de Alfocheira, Castanhal do Penedo, Ciganas, Comungantes, Cristais, Dois infelizes, Entre lilases, Garoto salãoio, Família de pobres, Manhã de abril, Melancolia, O castanheiro, O gaiteiro anunciando a festa, O hortelão, O mercado da louça, O mirante favorito, O Pila, O Sebastião da Favariça, Outono, Perfil de aldeão, Repouso do viandante, Retrato de Adelaide de Lima Cruz, Retrato de D. Caroli-Jayce, Retrato de D. Manoela Gomes, Retrato de minha mãe, Retrato do conselheiro Silva Mattos, Seja pelas suas alminhas, Tipo de mendigo, Vagabundo e Vindima.*

<sup>1051</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 5 maio 1919, 5ª col., p. 5.

<sup>1052</sup> TELEGRAMAS. Exposição Carlos Reis. **Correio Paulistano**. São Paulo, 11 jun. 1919, 3ª col., p. 4.

<sup>1053</sup> ALBUQUERQUE, Alexandre de. A grande arte. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 11 jun. 1919, 1ª col., p. 3.

<sup>1054</sup> ENCERROU-SE A EXPOSIÇÃO DE PINTURA DOS ARTISTAS CARLOS E JOÃO REIS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 6 jul. 1919, 5ª col., p. 3.

<sup>1055</sup> *Apanha das abóboras, Encosta d'Alfocheira, Espumas do mar, Fumo da lareira, Hora da sesta, Macambuzio, Manhã de agosto, Moleirinho, Poente, na Lousã, Prenúncios e Retrato de Thomaz Ribeiro Collaço.*



positivamente o facto de o jovem ser “um continuador do nome fulgurante do seu ilustre pai”<sup>1056</sup>. Ronald de Carvalho<sup>1057</sup> acreditava que o pintor não tinha como fugir completamente às imagens festivas e ingênuas do naturalismo, que dominava o cenário artístico da época, sendo quase inevitável a similitude com os quadros de Carlos Reis. Já a *Gazeta de Notícias*<sup>1058</sup> ressaltava que a mocidade de João Reis não poderia ser confundida com falta de habilidade, pois o estreito convívio com o genitor lhe teria facultado preciosos ensinamentos assimilados ainda muito precocemente. Por fim, o literato Alexandre de Albuquerque<sup>1059</sup> igualmente pronunciaria positivas críticas sobre a técnica e o colorido de João Reis.

A imprensa carioca<sup>1060</sup>, em geral, manteria sua opinião favorável à representação daquelas pitorescas cenas naturalistas. Um jornalista emigrado ao Brasil afirmava que “diante de uma tela de Carlos Reis, todas as almas portuguesas, sobretudo quando, como nós, estão no exílio, recebem um banho de ar, de luz, de sol, do bom sol, de Portugal”<sup>1061</sup>. Lia de Santa Clara<sup>1062</sup>, outra escritora portuguesa radicada nos trópicos, comentaria sobre as saudades que sentiu da pátria deixada ao observar a exposição de Carlos e João Reis, harmonicamente inserida no alusivo Real Gabinete Português de Leitura. *O Paiz* chegaria a acusar os portugueses que não comparecessem à mostra dos crimes “de lesa-arte e de lesa-pátria”<sup>1063</sup>, enquanto o poeta brasileiro Rodrigo Octávio Filho notava que a iniciativa era um consolo até mesmo para o espírito dos brasileiros, que tão bem compreendiam a alma portuguesa: “a verdade é que em Portugal nós encontramos as fontes de nossa vida, a nossa história nunca se poderá desembaraçar da história portuguesa, as nossas tradições são as mesmas e é nelas que vamos encontrar as melhores emoções de nosso espírito”<sup>1064</sup>.

Os bons índices de visitação à mostra<sup>1065</sup> foram traduzidos em vendas expressivas. Logo no primeiro dia de exposição seriam comercializadas as principais obras de Carlos Reis, como

<sup>1056</sup> ECOS DE ARTE. Inaugurou-se hoje a exposição Carlos Reis – João Reis. **A Rua**. Rio de Janeiro, 12 jun. 1919, 6ª col., p. 2.

<sup>1057</sup> CARVALHO, Ronald de. Crônica de Arte – João Reis. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 25 ago. 1919, 6ª e 7ª col., p. 7.

<sup>1058</sup> UM GRANDE ACONTECIMENTO ARTÍSTICO. A exposição dos pintores Carlos Reis e João Reis. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 11 jun. 1919, 1ª a 3ª col., p. 3.

<sup>1059</sup> ALBUQUERQUE, Alexandre de. A grande arte. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 11 jun. 1919, 1ª col., p. 3.

<sup>1060</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA. Carlos e João Reis. **Correio Paulistano**. São Paulo, 5 jun. 1926, 7ª e 8ª col., p. 7.

<sup>1061</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Carlos Reis. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 5 maio 1919, 2ª col., p. 9.

<sup>1062</sup> CLARA, Lia de. Dois artistas. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 8 jul. 1919, 1ª e 2ª col., p. 4.

<sup>1063</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. À colônia – A exposição Carlos Reis. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 5 jul. 1919, 2ª e 3ª col., p. 7.

<sup>1064</sup> FILHO, Rodrigo Octavio. Arte portuguesa – Exposição Carlos e João Reis. **O Malho**. Rio de Janeiro, 5 jul. 1919, Ano XVIII, n. 877, p. 30 e 31.

<sup>1065</sup> VIDA SOCIAL. Arte. **A Razão**. Rio de Janeiro, 27 jun. 1919, 2ª col., p. 7. / E / NOTAS SOCIAIS – Exposições. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 4 jul. 1919, 3ª col., p. 6.

o retrato da mãe e do conselheiro Silva Mattos<sup>1066</sup>, lista gradualmente aumentada com a aquisição de quadros valorosos pelos “mais conhecidos colecionadores e amadores de arte”<sup>1067</sup> do Rio de Janeiro: *Ciganas*, 18:000\$; *Outono*, 18:000\$; *Canto do meu atelier*, 13:500\$; *Cristais*, 10:000\$; *A lagartixa*, 9:000\$; *O Sebastião da Favariça*, 9:000\$; *O Pila*, 9:000\$; *A vindima*, 8:000\$; *Casa dos Arcos*, 3:000\$; *Dois infelizes*, 3:000\$; *Perfil de aldeão*, 1:600\$; *Tipo de mendigo*, 1:600\$ e *Repouso do viandante*, 1:600\$. João Reis, por sua vez, enriqueceria algumas galerias brasileiras com *Prenúncios*, 2:000\$; *Espumas do mar*, 1:500\$; *Hora da sesta*, 1:200\$; *Encosta d’Alfocheira*, 1:200\$; *Fumo da lareira*, 1:200\$ e *Manhã de agosto*, 1:000\$.<sup>1068</sup> Até o último dia do evento, diversas telas continuaram a ser adquiridas, tal como *Comungantes*, reclamada pela Escola Nacional de Belas Artes, que oficializara uma solicitação de compra junto ao ministro da Justiça.<sup>1069</sup>



**FIGURA 15** – Exposição Carlos e João Reis: *Ciganas*, *Canto do meu atelier*, *Minha mãe*, *Exa. Sra. Manoela Reis* e *Conselheiro Silva Mattos*, O Malho, 5 de julho de 1919.

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bdn.digital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

<sup>1066</sup> SECCÃO PORTUGUESA. A exposição de Carlos Reis. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 13 jun. 1919, 2ª col., p. 8.

<sup>1067</sup> EXPOSIÇÃO CARLOS REIS. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 9 jul. 1919, 2ª col., p. 3.

<sup>1068</sup> SECCÃO PORTUGUESA. À colônia – A exposição Carlos Reis. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 5 jul. 1919, 2ª e 3ª col., p. 7.

<sup>1069</sup> BELAS ARTES. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 7 jul. 1919, 8ª col., p. 7.

Ao longo da estadia no Rio de Janeiro, o mestre português recebera tantas encomendas para a feitura de retratos<sup>1070</sup> (embora o Brasil contasse à época com bons retratistas, tratava-se aqui de um representante da cultura europeia) que foi obrigado a encerrar sua exposição precocemente.<sup>1071</sup> Assim, no dia 6 de julho de 1919<sup>1072</sup>, quando ainda registrava elevada visitação, a mostra de Carlos e João Reis seria oficialmente finalizada.<sup>1073</sup> Alguns quadros permaneceriam sob a guarda do Real Gabinete Português de Leitura para a admiração dos mais curiosos, onde seriam exibidos também, vez ou outra, os pedidos concluídos. A entidade parecia repetir aqui a função representativa, quase comercial, assumida em 1913 após o evento de João Vaz. Logo no início de agosto, Gastão Penalva visitaria os salões da instituição junto a Belmiro Braga (que para ali se dirigia com fins de observar um carvão da sua face executado por Carlos Reis) e comentaria sobre as obras de pai e filho que seguiam pendentes nas paredes: “cenas e tipos da velha aldeia portuguesa, com tal colorido e tal fidelidade de expressão, que dá à gente vontade de para lá exilar-se”<sup>1074</sup>. Diante de tanta estima, Carlos e João Reis iriam aos jornais agradecer publicamente a recepção positiva da sociedade carioca.<sup>1075</sup>

Em outubro de 1919, Carlos Reis voltaria a organizar uma exposição no Real Gabinete Português de Leitura<sup>1076</sup>, que seguia seu caminho de completa entrega e proteção aos pintores portugueses. O evento reuniria retratos de importantes nomes da sociedade carioca por ele produzidos<sup>1077</sup> e ostentados ali como prova de seu talento e notoriedade.<sup>1078</sup> A crítica jornalística continuava ressaltando o absoluto vigor do pincel de Carlos<sup>1079</sup>, enquanto Luiz de Carvalho<sup>1080</sup> chegava ao descabido exagero de comparar suas efígies femininas às madonas de Rafael Sanzio. João Reis, por sua vez, mostraria dois aplaudidos retratos (das crianças Vasco Ortigão de Mello e de Zuzú) e vários carvões compostos durante sua estadia no Rio de Janeiro.<sup>1081</sup> O apreço mostrado pelos articulistas aos novos exemplares do jovem, rondado por desconfianças quando

<sup>1070</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 4 jul. 1919, 7ª col., p. 2.

<sup>1071</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 4 jul. 1919, 1ª col., p. 6.

<sup>1072</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 5 jul. 1919, 7ª col., p. 4.

<sup>1073</sup> EXPOSIÇÃO CARLOS REIS. O encerramento, hoje. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 6 jul. 1919, 5ª col., p. 3.

<sup>1074</sup> PENALVA, Gastão. Cinco minutos de arte. Carlos Reis. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 6 ago. 1919, 6ª col., p. 7.

<sup>1075</sup> **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 5 jul. 1919, 6ª col., p. 1.

<sup>1076</sup> PINTURA. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 4 out. 1919, 7ª col., p. 2.

<sup>1077</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 6 out. 1919, 1ª col., p. 5.

<sup>1078</sup> O ÚLTIMO RETRATO DE CARLOS REIS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 2 out. 1919, 5ª col., p. 5.

<sup>1079</sup> ALGUNS RETRATOS EXPOSTOS PELOS PINTORES CARLOS REIS E JOÃO REIS. **A Rua**. Rio de Janeiro, 4 out. 1919, 3ª e 4ª col., p. 4.

<sup>1080</sup> CARVALHO, Luiz Moraes de. Maravilha de arte. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 6 out. 1919, 1ª e 2ª col., p. 7.

<sup>1081</sup> SECCÃO PORTUGUESA. João Reis. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 7 out. 1919, 1ª col., p. 7.

de sua chegada aos trópicos, indica que ele paulatinamente conquistara os aplausos da imprensa por seu sincero devotamento ao trabalho e constante desenvolvimento técnico.

Diante da popularidade alcançada por Carlos e João Reis entre a elite carioca<sup>1082</sup>, a Galeria Jorge, por iniciativa do seu proprietário, organizaria uma breve exposição do conjunto de óleos (maiormente retratos) e carvões elaborados pelos dois no Brasil.<sup>1083</sup> As obras continuariam em exibição mesmo após a partida dos pintores para Portugal, o que aconteceria a 14 de outubro de 1919<sup>1084</sup>. Neste ínterim, Carlos Reis teve de recusar novas encomendas e voltar imediatamente a Lisboa para reassumir a cadeira de paisagem na Academia de Belas Artes. O mestre garantiu que retornaria aos trópicos em junho de 1920 para atender os muitos pedidos não finalizados.<sup>1085</sup> Os jornais<sup>1086</sup> logo passariam a anunciar o possível arranjo de outra mostra de telas da família Reis em abril ou maio de 1920, mas a promessa não seria cumprida. Os artistas só voltariam ao Brasil no ano de 1922.

De modo a suavizar a partida lamentada por muitos, Carlos e João Reis peregrinariam pelas redações dos periódicos cariocas<sup>1087</sup> para despedirem-se e externarem sua gratidão<sup>1088</sup>, visitando também o presidente da República.<sup>1089</sup> No dia do embarque, tumultuado pela presença de inúmeros simpatizantes<sup>1090</sup>, Carlos Reis enviaria uma missiva<sup>1091</sup> à direção do Real Gabinete Português de Leitura, na qual se comprometia a produzir uma tela exclusivamente dedicada à agremiação, em agradecimento à calorosa acolhida e à concessão gratuita do salão nobre do edifício para instalar suas obras.<sup>1092</sup> O reconhecimento do pintor confirmava a importância alcançada pela entidade representativa dos imigrantes enquanto elemento mediador das pretensões de seus compatriotas.

<sup>1082</sup> BELAS ARTES. Carlos Reis. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 15 out. 1919, 5ª col., p. 6.

<sup>1083</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. A nova exposição de Carlos Reis e João Reis. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 12 out. 1919, 1ª e 2ª col., p. 10.

<sup>1084</sup> NOTAS SOCIAIS. Viajantes. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 13 out. 1919, 8ª col., p. 5.

<sup>1085</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Carlos Reis e João Reis. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 13 out. 1919, 3ª col., p. 7.

<sup>1086</sup> NOTAS SOCIAIS. Hóspedes e viajantes. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 13 out. 1919, 4ª col., p. 6.

<sup>1087</sup> VIDA SOCIAL. Visitas. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 13 out. 1919, 2ª col., p. 5.

<sup>1088</sup> CARLOS REIS E JOÃO REIS REGRESSAM A PORTUGAL. **A Noite**. Rio de Janeiro, 13 out. 1919, 4ª col., p. 5.

<sup>1089</sup> **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 12 out. 1919, 7ª col., p. 2. / AS DESPEDIDAS DE UM ARTISTA AO CHEFE DA NAÇÃO. **A Noite**. Rio de Janeiro, 11 out. 1919, 2ª col., p. 2. / ECHOS. O tempo. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 12 out. 1919, 1ª col., p. 2. / E / PINTOR CARLOS REIS. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 12 out. 1919, 3ª col., p. 11. / E / OS PINTORES CARLOS E PEDRO REIS. Suas despedidas no Catete. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 12 out. 1919, 6ª col., p. 3.

<sup>1090</sup> VIDA SOCIAL. Viajantes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 15 out. 1919, 5ª col., p. 5.

<sup>1091</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Carlos Reis e o Gabinete Português de Leitura. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 18 out. 1919, 3ª col., p. 7.

<sup>1092</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Carlos Reis e o Gabinete Português de Leitura. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 22 out. 1919, 2ª e 3ª col., p. 8.

#### 4. 2. 1. 5 Alfredo e Helena Roque Gameiro

Outro relevante evento artístico acolhido pelo Real Gabinete Português de Leitura durante a Primeira República brasileira foi a inovadora exposição de aquarelas organizada em 1920 por Alfredo Roque Gameiro e sua filha, Helena. Com esta iniciativa, os pintores cumpriam o antigo sonho de mostrarem-se ao público do Rio de Janeiro e, posteriormente, também de São Paulo.<sup>1093</sup> O objetivo principal da viagem era o de coletar dados que possibilitassem ao mestre aquarelista ilustrar a *História da Colonização Portuguesa*, livro editado por ocasião do centenário da independência brasileira e cujo primeiro volume seria publicado justamente em 1922. O tomo dirigido por Carlos Malheiro Dias buscava comprovar que a conquista portuguesa contribuíra decisivamente para a superior formação do Brasil e foi apresentado como uma amigável homenagem prestada pela ex-metrópole. Alfredo acreditava que, para realizar seu trabalho com propriedade e retratar a realidade tropical, tornava-se imprescindível observar diretamente a natureza, tipos e costumes locais.<sup>1094</sup>

Neste ínterim, o Brasil ganharia a oportunidade de acompanhar uma inédita mostra de aquarelas, técnica ainda pouco conhecida e raramente utilizada no meio tropical. Um articulista da *Gazeta de Notícias* garantia que este não era o gênero preferido dos artistas brasileiros, “talvez porque não se preste à exploração de grandes quadros e porque demanda mais cuidado, mais paciência do que o óleo e o pastel”<sup>1095</sup>. O método não permite hesitações, raspagens ou acúmulo de tintas, obrigando o artista a dominar as muitas nuances de tons e a reproduzir todo o conteúdo de uma só vez. A imprensa esperava, portanto, que o evento promovesse entre os professores da ENBA uma acalorada discussão<sup>1096</sup> e celebrava a possibilidade de afastar “a antiga crença de que a aquarela é uma arte simples, talvez, porque, todos nós, tivéssemos na infância uma caixinha de tintas que se dissolviam na água”<sup>1097</sup>.

O próprio Alfredo Gameiro revelaria em entrevista que a pintura a óleo nunca o teria seduzido frente às possibilidades da aquarela<sup>1098</sup>, sua escolha artística desde a década de 1890 (depois de alguns anos dedicados à litografia), quando passou a integrar as exposições do

<sup>1093</sup> VICTOR, Jayme. O intercâmbio artístico luso-brasileiro. **A Noite**. Rio de Janeiro, 22 jul. 1920, 5ª e 6ª col., p.1.

<sup>1094</sup> DOIS PINTORES PORTUGUESES NO RIO. Roque e Helena Gameiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 26 jul. 1920, 7ª e 8ª col., p. 1.

<sup>1095</sup> MAIS UM CERTAME ARTÍSTICO. A exposição do pintor Collomb. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 20 ago. 1919, 4ª e 5ª col., p. 3.

<sup>1096</sup> AMADO, Gilberto. Um pouco de pintura. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 6 set. 1920, 1ª a 3ª col., p. 2.

<sup>1097</sup> ARTE PORTUGUESA – Exposição de aquarelas de Roque e Helena Gameiro. **A Noite**. Rio de Janeiro, 22 ago. 1920, 5ª e 6ª col., p. 1.

<sup>1098</sup> UMA PALESTRA COM ROQUE GAMEIRO. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 3 ago. 1920, 6ª e 7ª col., p. 3.

Grémio Artístico. Após conquistar a medalha de ouro no *Salon* parisiense de 1900, o mestre alcançaria certo reconhecimento que lhe permitiria manter em Lisboa, a partir de 1911, um ateliê-escola junto dos cinco filhos. A família de aquarelistas dava seguimento ao contexto naturalista que dominava o ambiente português com sua produção de trabalhos ao ar-livre, embora cada qual mantivesse uma personalidade artística própria.<sup>1099</sup> A dedicação de Roque Gameiro à promoção da aquarela (para o que contribuíra também o apoio do rei D. Carlos e a elevação do patriarca à direção da Escola de Arte Aplicada de Lisboa, cargo que ocuparia até 1930<sup>1100</sup>) faria de Portugal um dos poucos países do mundo a realizar exposições exclusivas desta linguagem<sup>1101</sup>: a estreia ocorreria em 1914, na recém-fundada Sociedade Nacional de Belas Artes; já para o Brasil, a mostra portuguesa de 1920 seria a primeira do gênero.

Chegados ao Rio de Janeiro, Alfredo e Helena logo visitariam as redações dos principais periódicos cariocas<sup>1102</sup>, quando anunciaram a breve inauguração de sua mostra.<sup>1103</sup> Os jornais, por conseguinte, dariam início à publicação das costumeiras odes elogiosas<sup>1104</sup> e lembrariam o *Grand Prix* conquistado pelo pai na Exposição Nacional de 1908. A respeito da trajetória da filha, os artigos ressaltariam a premiação recebida na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, quando ela tinha apenas 20 anos, e os louvores proferidos pelo mestre Columbano.<sup>1105</sup> Os dois escolheriam, para instalar suas alusivas produções vernáculas, o representativo salão nobre do Real Gabinete Português de Leitura, onde ocorreria o *vernissage* restrito à imprensa, críticos de arte e seletos convidados a 21 de agosto de 1920, com abertura ao público programada para o dia 23.<sup>1106</sup> À sede da entidade compareceriam o presidente da República (pessoalmente convidado pelos pintores), o cônsul de Portugal, diplomatas, artistas e elementos da alta sociedade carioca.<sup>1107</sup> Ali o chefe de Estado foi presenteado pela “Comissão Pró-Pátria”, na ocasião representada pelo Visconde de Moraes, com o elogiado quadro de Alfredo Roque

<sup>1099</sup> CABRAL, Luís (Org.). **Roque Gameiro: uma família de artistas**. Lisboa: Fundação D. Luis I, 2017. Catálogo de exposição, 13 jan.-20 mar. 2017, **Centro Cultural de Cascais**.

<sup>1100</sup> ELIAS, Margarida. Alfredo Roque Gameiro (1864-1935): “Família, Pátria, Arte”. In: **Alfredo Roque Gameiro: retorno à Casa da Venteira**. Lisboa: Canto Redondo, 2014. Catálogo de exposição, 18 out. 2014-25 jan. 2015, Casa Roque Gameiro. p. 6-17.

<sup>1101</sup> ABREU, Maria Lucília. **Roque Gameiro: o homem e a obra**. ACD Editores, s.d. p. 17

<sup>1102</sup> VISITAS. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 1º ago. 1920, 1ª col., p. 11.

<sup>1103</sup> A ARTE PORTUGUESA. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 8 ago. 1920, 2ª col., p. 2.

<sup>1104</sup> ROQUE GAMEIRO. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 27 jul. 1920, 6ª col., p. 7.

<sup>1105</sup> ROQUE GAMEIRO E SUA FILHA HELENA EXPUSERAM, HOJE, AS SUAS AQUARELAS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 21 ago. 1920, 3ª e 4ª col., p. 1.

<sup>1106</sup> VIDA ARTÍSTICA. Inaugura-se amanhã a exposição Roque Gameiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 22 ago. 1920, 1ª à 3ª col., p. 3.

<sup>1107</sup> EXPOSIÇÃO DE AQUARELAS DE ROQUE E HELENA GAMEIRO. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 24 ago. 1920, 6ª col., p. 4.

Gameiro, *Porta principal dos Jerônimos*; enquanto à sra. Epitácio Pessoa foi ofertada uma aquarela de Helena, *O último olhar*.<sup>1108</sup>

Seriam instaladas no Real Gabinete Português de Leitura, ao todo, 137 obras do pai e 53 da filha<sup>1109</sup>, mais as 60 ilustrações que o primeiro produzira sobre a época da colonização portuguesa do Brasil.<sup>1110</sup> Helena trazia telas de cunho pessoal e sentimentalista<sup>1111</sup>, as quais comumente eram confrontadas nos jornais com o feitio supostamente mais tradicional e documental de Alfredo<sup>1112</sup>, que buscava analisar com rigor os tipos e costumes característicos de Portugal.<sup>1113</sup> Ao mestre aquarelista<sup>1114</sup> foram pronunciados muitos louvores e uma única condenação que, não por acaso, partiria do poeta Ronald de Carvalho<sup>1115</sup>. Este ativo militante do modernismo brasileiro e ex-colaborador da revista *Orpheu* criticaria a falta de espontaneidade dos trabalhos de Alfredo e acusaria o português de dotar suas composições de uma fatura deveras artificial, perdendo o frescor e a doçura que os tons singelos e as tintas aveludadas deveriam fixar nas aquarelas.

Ao final da exposição no Real Gabinete Português de Leitura, Adalberto Mattos<sup>1116</sup> assegurou que os aquarelistas foram, de todos os pintores que estiveram em visita ao Brasil, os que maior curiosidade despertaram no meio local. Os jornais<sup>1117</sup> celebravam ainda o facto de a iniciativa de Alfredo e Helena Roque Gameiro ter sido motivada por questões mais elevadas, para além dos meros fins lucrativos<sup>1118</sup>, visto a maioria dos trabalhos já ter sido comercializada em Lisboa, na exibição organizada pouco antes da partida para os trópicos. Mas Arthur Valle<sup>1119</sup> afirma que não foi bem assim, já que os portugueses planejaram a mostra com antecedência e venderam cerca de 50 telas no Rio de Janeiro. Sandra Leandro<sup>1120</sup> observa, inclusive, que os

<sup>1108</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 24 ago. 1920, 6ª col., p. 4.

<sup>1109</sup> MATTOS, Adalberto. Mostras de arte. **Ilustração Brasileira**. Rio de Janeiro, Out. 1920, Ano VIII, n. 2, p.29.

<sup>1110</sup> A EXPOSIÇÃO GAMEIRO. **A Noite**. Rio de Janeiro, 19 ago. 1920, 4ª col., p. 2.

<sup>1111</sup> Como *A barra azul, Ao espelho, A oração, Ao sol, Casas saloias, No meu jardim, No meu terraço, Oração, O último olhar, Pátio saloio, Rosas cor de rosa, Sol de chuva e Torreão*.

<sup>1112</sup> Como *A Ericeira vista de São Julião, A minha casa em Colares, Estudo de Pinheiros, Na praia, Na Praia Grande, No cais de Guindais, Observando, Onde?, Praia da Adraga, Primavera e Retrato de minha filha Raquel*.

<sup>1113</sup> A EXPOSIÇÃO DOS AQUARELISTAS GAMEIRO. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 23 ago. 1920, 4ª col., p. 3.

<sup>1114</sup> DOIS PINTORES PORTUGUESES NO RIO. Roque e Helena Gameiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 26 jul. 1920, 7ª e 8ª col., p. 1.

<sup>1115</sup> CARVALHO, Ronald de. As aquarelas de Roque Gameiro. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 13 set. 1920, 4ª a 6ª col., p. 1.

<sup>1116</sup> MATTOS, Adalberto. Mostras de arte. **Ilustração Brasileira**. Rio de Janeiro, Out. 1920, Ano VIII, n. 2, p.29.

<sup>1117</sup> UM GRANDE PINTOR QUE NOS VISITA. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 2 ago. 1920, 5ª e 6ª col., p. 1.

<sup>1118</sup> ROQUE GAMEIRO NO RIO. **A Noite**. Rio de Janeiro, 1º ago. 1920, 5ª e 6ª col., p. 1.

<sup>1119</sup> VALLE, Arthur. Helena Roque Gameiro no Rio de Janeiro em 1920. In: LEANDRO, Sandra (coord.). **Flor de Água: Helena Roque Gameiro (1895-1986) – Aquarela e artes aplicadas**. Lisboa: Câmara Municipal da Amadora, 2016. p. 25-28.

<sup>1120</sup> LEANDRO, Sandra. Flor de Água – Helena Roque Gameiro (1895-1986). Aquarela e Artes aplicadas. In: RODRIGUES, Ângela; LEANDRO, Sandra (org.). *Op. cit.*, p. 7-23.

lucros auferidos na ocasião teriam permitido a Helena comprar a casa na qual residiria após o casamento com Leitão de Barros. De qualquer maneira, o êxito carioca teria levado pai e filha a encerrar o evento, de modo a conservar ainda algumas obras que lhes permitissem partir com destino à progressista São Paulo. Ofereceriam igualmente àquela jovem civilização uma imperdível oportunidade de alargar a sua limitada cultura visual.

#### 4. 2. 1. 6 Fausto Gonçalves

Quando ainda era estudante de Direito e ensaiava seus primeiros passos na arte, Fausto Gonçalves corajosamente decidiria dedicar-se a um ousado projeto: viajar ao Brasil para exibir suas telas e obter algum reconhecimento. O jovem tinha à época três quadros comprados pelo respeitado Museu Grão-Vasco e algumas medalhas no currículo.<sup>1121</sup> Ademais, expoentes da intelectualidade conterrânea, como Carlos Malheiro Dias<sup>1122</sup> e Eugenio de Castro<sup>1123</sup>, já teriam tecido elogiosos comentários sobre este que seria, conforme suas opiniões, o maior artista português da nova geração. Incentivado pelo positivo início, o desconhecido Fausto Gonçalves chegou ao Rio de Janeiro em junho de 1923, quando foi apelidado “o pintor de Coimbra”<sup>1124</sup>. Como as notícias sobre sua exposição demoraram a surgir, ele visitaria pessoalmente as redações dos principais jornais cariocas para entregar um convite endossado pelos fiadores da sua iniciativa, como Alexandre de Albuquerque, Adalberto Mattos, João Luso, dentre outros.

Tais esforços renderiam frutos efetivos e o *vernissage*, ocorrido a 12 de julho de 1923<sup>1125</sup>, acabaria por reunir proeminentes figuras da sociedade carioca no Real Gabinete Português de Leitura, como ricos comerciantes, jornalistas, literatos, amadores, colecionadores e artistas.<sup>1126</sup> Os dias posteriores continuariam a registrar elevado número de visitantes<sup>1127</sup>, que acompanhavam a didática exposição através de um catálogo entregue logo à entrada.<sup>1128</sup> As paisagens de Coimbra e do Mondego instaladas no edifício mais representativo de Portugal no

<sup>1121</sup> EXPOSIÇÃO FAUSTO GONÇALVES. **A Rua**. Rio de Janeiro, 11 jul. 1923, 7ª col., p. 4.

<sup>1122</sup> FAUSTO GONÇALVES E A SUA BRILHANTE EXPOSIÇÃO DE PINTURA. **A Noite**. Rio de Janeiro, 11 jul. 1923, 4ª a 6ª col., p. 1.

<sup>1123</sup> EXPOSIÇÃO DO PINTOR FAUSTO GONÇALVES. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 12 jul. 1923, 1ª col., p. 5.

<sup>1124</sup> EXPOSIÇÃO FAUSTO GONÇALVES. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 13 jul. 1923, 8ª col., p. 5.

<sup>1125</sup> O PRIMEIRO BACHAREL PINTOR DE PORTUGAL. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 12 jul. 1923, 9ª col., p. 1.

<sup>1126</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 11 jul. 1923, 4ª col., p. 2.

<sup>1127</sup> A EXPOSIÇÃO FAUSTO GONÇALVES. **A Noite**. Rio de Janeiro, 14 jul. 1923, 2ª col., p. 2.

<sup>1128</sup> ARTES E ARTISTAS. O pintor de Coimbra. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 14 jul. 1923, 4ª col., p. 2.



Brasil deixariam saudosa a colônia de imigrantes.<sup>1129</sup> Em poético artigo, Mario de Albuquerque<sup>1130</sup> descreveria Fausto Gonçalves como um pintor místico que transformava meros panoramas em verdadeiros estados de alma, enquanto Alexandre de Albuquerque<sup>1131</sup> (pai do anterior) ressaltava o tom sublime e pessoal do conjunto observado. Afora estes dois sentidos elogios, a crítica brasileira, em geral, pronunciaria duras análises sobre o evento – juízos que Adalberto Mattos<sup>1132</sup>, na sua defesa ao português, considerou fruto de certo xenofobismo, e não de conscientes convicções estéticas.

Uma das avaliações hostis a Fausto Gonçalves foi publicada na *Gazeta de Notícias*<sup>1133</sup> por um colaborador que censurava aqueles que o elegeram como a maior figura da atual geração artística. Nogueira da Silva<sup>1134</sup> também acreditava ser a suposta genialidade de Fausto uma contundente afronta a nomes consagrados da pintura portuguesa, como José Malhoa. Por fim, Carlos Rubens<sup>1135</sup> e um articulista d'*O Jornal*<sup>1136</sup> compartilhavam da ideia de que as imaturas obras exibidas no Real Gabinete não manifestavam personalidade própria, falha imperdoável para um pintor naturalista. De toda maneira, Fausto chegaria a comercializar 60 cenas de Coimbra<sup>1137</sup> em apenas 13 dias de exposição<sup>1138</sup> e o evento foi rapidamente encerrado<sup>1139</sup> para que o pintor retomasse o curso de Direito na Universidade de Coimbra<sup>1140</sup>. A boa técnica<sup>1141</sup> mostrada ali poderia explicar o sucesso, mas a justificativa está no significativo peso e influência que a entidade representativa dos imigrantes exerceria no público ao longo do processo de acolhida ao seu conterrâneo. A sede carioca do Real Gabinete Português de Leitura abrigaria as paisagens de Coimbra com harmonia suficiente para convencer a colônia portuguesa de que aqueles quadros criticados na imprensa deveriam ser adquiridos.

<sup>1129</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 12 jul. 1923, 7ª col., p. 2.

<sup>1130</sup> ALBUQUERQUE, Mario de. O pintor da serenidade. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 6 jun. 1923, 6ª e 7ª col., p. 3.

<sup>1131</sup> ALBUQUERQUE, Alexandre de. Um grande pintor. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 14 jul. 1923, 1ª e 2ª col., p. 3.

<sup>1132</sup> MATTOS, Adalberto. Exposição Fausto Gonçalves. **O Malho**. Rio de Janeiro, 28 jul. 1923, Ano XXII, n. 1089, p. 30.

<sup>1133</sup> BELAS ARTES. Exposição Fausto Gonçalves. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 15 jul. 1923, 5ª e 6ª col., p. 3.

<sup>1134</sup> SILVA, M. Nogueira. Fausto Gonçalves, o pintor de Coimbra. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 17 jul. 1923, 5ª e 6ª col., p. 1.

<sup>1135</sup> RUBENS, Carlos. Coimbra através do pincel de Fausto Gonçalves. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 23 jul. 1923, 1ª e 2ª col., p. 6.

<sup>1136</sup> EXPOSIÇÃO FAUSTO GONÇALVES. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 15 jul. 1923, 5ª a 7ª col., p. 3.

<sup>1137</sup> PINTOR FAUSTO GONÇALVES. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 31 jul. 1923, 4ª col., p. 4.

<sup>1138</sup> BELAS ARTES. Um artista português. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 25 set. 1926, 5ª col., p. 3.

<sup>1139</sup> NOTAS DE ARTE. O pintor de Coimbra. **A Noite**. Rio de Janeiro, 21 jul. 1923, 4ª col., p. 2.

<sup>1140</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 31 jul. 1923, 1ª col., p. 2.

<sup>1141</sup> ROCHA, Pinto da. Um pintor da saudade. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 19 jul. 1923, 1ª e 2ª col., p. 6.

**TABELA 7**  
**Exposição individual de Fausto Gonçalves (Rio de Janeiro, 1923)**

<b>Obras expostas</b>	
<i>A canção das roupas</i>	<i>Encanto do Mondego</i>
<i>A casa da ceguinha</i>	<i>Fonte de Castanheiro</i>
<i>Altar da raça</i>	<i>Hora da evocação</i>
<i>Altar do Senhor</i>	<i>Hora mística</i>
<i>Ao domingo</i>	<i>Idílio da água</i>
<i>Apoteose d'ouro</i>	<i>Livor da tarde</i>
<i>As trindades</i>	<i>Mosteiro da Rainha Santa</i>
<i>Bucolismo santo</i>	<i>Na Quinta de Santa Cruz</i>
<i>Canção do repouso</i>	<i>O Moinho de Santa</i>
<i>Casa de mariquinhas</i>	<i>O Palácio de Sub-Ripas</i>
<i>Casal de Margarida</i>	<i>O zimbório da Sé Velha</i>
<i>Casario</i>	<i>Paisagem dolorida</i>
<i>Cidade de bruma e de lenda</i>	<i>Paisagem do Mondego</i>
<i>Claustro do silêncio</i>	<i>Rústica moradia</i>
<i>Depois da boda</i>	<i>Serra</i>
<i>Depois da trovoada</i>	<i>Sinfonia pagã</i>
<i>De volta da feira</i>	<i>Soidosos campos</i>
<i>Desalento</i>	<i>Sonata de outono</i>
<i>Desfiando o rosário</i>	<i>Tragédia outonal</i>
<i>Doce enlevo</i>	<i>Tricana de Coimbra</i>

Extasiado com o sucesso que alcançara no primeiro empreendimento, Fausto Gonçalves retornaria ao Brasil em setembro de 1926, quando visitara os mais importantes jornais cariocas para se fazer notado.<sup>1142</sup> A nova iniciativa seria inaugurada a 12 de outubro no mesmo salão do Real Gabinete Português de Leitura que o recebera em 1923.<sup>1143</sup> O *vernissage* registraria as

<sup>1142</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 24 set. 1926, 6ª col., p. 4.

<sup>1143</sup> BELAS ARTES. Exposição Fausto Gonçalves. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 13 out. 1926, 7ª col., p. 4.

presenças de articulistas, damas da elite, do prefeito do Distrito Federal, do embaixador de Portugal e alguns artistas brasileiros.<sup>1144</sup> Os mais de 50 exemplares dispostos ali evidenciavam a evolução alcançada ao longo de três anos de estudos<sup>1145</sup>, incrementados com as viagens de aprimoramento pela Europa, quando excursionara por França, Espanha e Itália.<sup>1146</sup> Ainda assim, os críticos garantiam que Fausto Gonçalves não se teria deixado influenciar pelos aspectos estrangeiros<sup>1147</sup> e mantivera a paleta portuguesa.<sup>1148</sup>

As suas vernaculares figuras de Coimbra<sup>1149</sup>, forjadas através da mescla de uma boa técnica com o sentimentalismo típico dos portugueses<sup>1150</sup>, teriam supostamente atingido a plenitude em 1926.<sup>1151</sup> Alguns articulistas cariocas voltariam a ressaltar que Fausto Gonçalves era um dos melhores pintores da moderna geração portuguesa e o mais genuíno de todos os que teriam visitado o Rio de Janeiro nos últimos tempos.<sup>1152</sup> Diante dos exagerados elogios, os corredores do Real Gabinete Português de Leitura permaneceriam disputados pelo público<sup>1153</sup> e a mostra registraria boas vendas<sup>1154</sup>, obrigando o artista a postergar o seu encerramento.<sup>1155</sup> A entidade representativa dos imigrantes novamente cumpriria sua função de acolher, proteger e publicitar um artista que, mesmo secundário no mercado nacional da época, acabaria por alcançar significativo sucesso no Brasil.

TABELA 8

## Exposição individual de Fausto Gonçalves (Rio de Janeiro, 1926)

Obras expostas	
<i>Abandonada</i>	<i>Largo da Misericórdia</i>
<i>A casa da moleira</i>	<i>Latada minhota</i>
<i>A casa da tia Joanhinha</i>	<i>Livraria do Mondego</i>

<sup>1144</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 12 out. 1926, 3ª col., p. 4.

<sup>1145</sup> LABOREIRO, Simão. O segredo da cor. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 17 out. 1926, 1ª e 2ª col., p. 2.

<sup>1146</sup> MATTOS, Adalberto. De Belas Artes – Exposição Fausto Gonçalves. **Para Todos**. Rio de Janeiro, 23 out. 1926, p. 24.

<sup>1147</sup> O COLORIDO E A EMOÇÃO NA PINTURA DE FAUSTO GONÇALVES. **A Noite**. Rio de Janeiro, 16 out. 1926, 2ª a 4ª col., p. 8.

<sup>1148</sup> DEMORO, Lauro. Exposição Fausto Gonçalves. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 19 out. 1926, 5ª e 6ª col., p. 10.

<sup>1149</sup> BETHENCOURT, Gastão. Os dominadores do ferro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 26 dez. 1926, 1ª e 2ª col., p. 2.

<sup>1150</sup> UM GRANDE PINTOR PORTUGUÊS. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 8 out. 1926, 2ª col., p. 6.

<sup>1151</sup> A EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE FAUSTO GONÇALVES. **A Noite**. Rio de Janeiro 11 out. 1926, 4ª col., p. 2.

<sup>1152</sup> BELAS ARTES. Exposição Fausto Gonçalves. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 19 out. 1926, 8ª col., p. 12.

<sup>1153</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 17 out. 1926, 4ª e 5ª col., p. 11.

<sup>1154</sup> FAUSTO GONÇALVES. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 9 nov. 1926, 5ª col., p. 4.

<sup>1155</sup> EXPOSIÇÃO FAUSTO GONÇALVES. **A Noite**. Rio de Janeiro, 17 nov. 1926, 2ª col., p. 7.

<i>A casa da tia Zefa</i>	<i>Malhos que pendem</i>
<i>A esmola de sábado</i>	<i>Margem do Alva</i>
<i>Aspecto de Lousã</i>	<i>Mercado em Seia</i>
<i>Beco dos namorados</i>	<i>Na encruzilhada</i>
<i>Bucólica</i>	<i>Na fonte</i>
<i>Canal Dei Grecci</i>	<i>No caminho da serra</i>
<i>Casa beirã</i>	<i>Oliveiras</i>
<i>Casal da Clarinha</i>	<i>Orando</i>
<i>Companheira amiga</i>	<i>O Lino boieiro</i>
<i>Depois da chuva</i>	<i>O moinho de Alcaçava</i>
<i>De regresso ao moinho</i>	<i>O moinho do Penedo</i>
<i>De volta da feira</i>	<i>O Mondego no outono</i>
<i>Dia de primavera</i>	<i>Promessa</i>
<i>Dia triste</i>	<i>Réstia de sol</i>
<i>Encruzilhada das almas</i>	<i>Rua do Porto em dia de chuva</i>
<i>Entrada da Sé</i>	<i>Sol da tarde</i>
<i>Escada florida</i>	<i>Sonho dourado</i>
<i>Esfinges do sol-pôr</i>	<i>Telhados</i>
<i>Esperando...</i>	<i>Tia Rita</i>
<i>Grande canal</i>	<i>Tragédia do sol-posto</i>
<i>Humildade</i>	<i>Trecho de rua</i>
<i>Interior de igreja</i>	<i>Uma rua do Cidral</i>
<i>Inverno</i>	<i>Uma rua na Fornia</i>

---

#### 4. 2. 1. 7 Alves Cardoso

Dois anos após a visita do “pintor de Coimbra” chegava ao Rio de Janeiro<sup>1156</sup> outro desconhecido artista português. Alves Cardoso<sup>1157</sup> iria exhibir seus trabalhos pela primeira vez nos trópicos e executar alguns retratos previamente encomendados por integrantes da sociedade local (provavelmente imigrantes portugueses).<sup>1158</sup> Visando apresentá-lo ao público, a revista

---

<sup>1156</sup> VEM FAZER UMA EXPOSIÇÃO O PINTOR PORTUGUÊS, ALVES CARDOSO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 4 fev. 1928, 1ª col., p. 10.

<sup>1157</sup> SILVA, Raquel Henriques da (coord.). **Artur Alves Cardoso**, 1832-1930: Alma Mater. Lisboa: Fundação Millennium BCP, 2016.

<sup>1158</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 1º jun. 1928, 7ª col., p. 5.

*Para Todos*<sup>1159</sup> reproduziria a biografia do pintor traçada por Mario Salgueiro. Os demais periódicos<sup>1160</sup> destacariam sua capacidade de retratar com fidelidade os costumes transmontanos, em composições que espelhavam a cultura das aldeias do norte de Portugal<sup>1161</sup> e deixavam saudosos os portugueses<sup>1162</sup>, mas também curiosos os amadores brasileiros.<sup>1163</sup> Essas cenas regionalistas, por manterem a predileção pelos ambientes rústicos, os tipos portugueses, os aspectos tradicionais da terra e seu cotidiano<sup>1164</sup>, gerariam constantes comparações com outros naturalistas que anteriormente visitaram o Brasil.<sup>1165</sup>

A exposição alusiva às vernaculares memórias portuguesas não poderia ser instalada em outro local que não fosse o Real Gabinete Português de Leitura. Ali ocorreria, a 5 de julho de 1928<sup>1166</sup>, o *vernissage* para a imprensa, críticos de arte e restritos convidados; com abertura ao público agendada para o dia sete.<sup>1167</sup> Alguns articulistas chegariam a afirmar que o salão, adornado por 97<sup>1168</sup> paisagens transmontanas, quadros de gênero e retratos (produzidos tanto em Portugal como no Brasil<sup>1169</sup>), era um dos melhores do ano<sup>1170</sup>. O sucesso daquela linguagem naturalista seria confirmado pelos altos índices de venda das obras, como: *O primeiro sol*, *Em pleno verão*, *Um grupo feliz*, *O presente dos padrinhos* e *Lá fora está a nevar*.<sup>1171</sup> O evento cessaria a 7 de agosto com o positivo saldo de 14 quadros adquiridos por diferentes colecionadores locais.<sup>1172</sup> Para tal trajetória, contribuíra sobremaneira a atuação do Real Gabinete e o impulso promovido pela imprensa, à qual Cardoso manifestaria sua gratidão publicamente.<sup>1173</sup>

Findada essa iniciativa, Alves Cardoso iria promover uma exposição dos retratos por ele executados no Rio de Janeiro.<sup>1174</sup> Para Carlos Rubens, o português interpretava a natureza

<sup>1159</sup> ALVES CARDOSO. **Para Todos**. Rio de Janeiro, 17 mar. 1928, Ano X, n. 483, p. 38 e 53.

<sup>1160</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 4 jul. 1928, 4ª col., p. 5.

<sup>1161</sup> EXPOSIÇÃO ALVES CARDOSO. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 8 jul. 1928, 3ª col., p. 6.

<sup>1162</sup> NOTAS DE ARTE. **A Noite**. Rio de Janeiro, 8 ago. 1928, 5ª e 6ª col., p. 8.

<sup>1163</sup> ALVES CARDOSO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 4 jul. 1928, 6ª e 7ª col., p. 2.

<sup>1164</sup> CARDOSO, Mattos. Um grande artista lusitano. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 29 jul. 1928, 6ª a 8ª col., p. 21.

<sup>1165</sup> UM GRANDE ARTISTA PORTUGUÊS ENTRE NÓS. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 out. 1928, 4ª col., p. 1.

<sup>1166</sup> UMA EXPOSIÇÃO DE ARTE NO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 6 jul. 1928, 3ª a 5ª col., p. 3.

<sup>1167</sup> BELAS ARTES. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 5 jul. 1928, 1ª col., p. 6.

<sup>1168</sup> BINÓCULO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 6 jul. 1928, 3ª col., p. 5.

<sup>1169</sup> NOTAS DE ARTE. A exposição do pintor português Alves Cardoso. **A Noite**. Rio de Janeiro, 6 jul. 1928, 1ª col., p. 8.

<sup>1170</sup> BELAS ARTES. Alves Cardoso. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 8 jul. 1928, 7ª col., p. 2.

<sup>1171</sup> EXPOSIÇÃO ALVES CARDOSO. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 12 jul. 1928, 7ª col., p. 6.

<sup>1172</sup> NOTAS DE ARTE. **A Noite**. Rio de Janeiro, 2 ago. 1928, 3ª col., p. 8.

<sup>1173</sup> VIDA SOCIAL. Viajantes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 29 dez. 1928, 4ª col., p. 5.

<sup>1174</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 16 out. 1928, 1ª col., p. 7.

com emoção, mas seu maior mérito seria efetivamente a retratística.<sup>1175</sup> O novo evento, inaugurado a 8 de outubro<sup>1176</sup> na Galeria Jorge, exibia as efígies de comendadores, políticos e industriais, atraídos e conquistados pelo sucesso anterior.<sup>1177</sup> Parece que o pintor publicitado pelo Real Gabinete Português de Leitura passaria a ser buscado não apenas pela colônia compatriota, mas também pelos encomendantes brasileiros. Ao fim de 1928, a Galeria Jorge voltou a apresentar alguns dos retratos produzidos pelo português durante sua passagem pelos trópicos.<sup>1178</sup> Alves Cardoso acabaria retido por causa das muitas encomendas chegadas de várias partes do país, a tal ponto que precisou improvisar um pequeno ateliê no Rio de Janeiro.<sup>1179</sup> Retornaria a Portugal somente no dia 30 de dezembro, após uma longa estadia que totalizou cerca de oito meses.<sup>1180</sup> Na despedida, antes de deixar o Brasil, o pintor saudou os amigos e colegas que fizera<sup>1181</sup>, revelando o desejo de retornar brevemente ao país.<sup>1182</sup>

**TABELA 9**  
**Exposição individual de Alves Cardoso (Rio de Janeiro, 1928)**

<b>Obras expostas</b>	
<i>A abóbora maior</i>	<i>Meditação</i>
<i>A aldeia de Samaiões</i>	<i>Missa solene na aldeia</i>
<i>A apanha das batatas</i>	<i>Neve na serra</i>
<i>A cabreira</i>	<i>No outono</i>
<i>A caminho da fonte</i>	<i>No soute</i>
<i>A casa da Tia Aduzinda</i>	<i>O alambique do Sr. Abade</i>
<i>A clareira</i>	<i>O Brunheiro à tarde</i>
<i>A grande toilette</i>	<i>O caldo verde</i>
<i>A oliveira velha</i>	<i>O lameiro do cigano</i>
<i>A pereira do burro</i>	<i>O Morgado</i>
<i>A veiga de Chaves</i>	<i>O namorico</i>
<i>A vindima</i>	<i>O primeiro arrufo</i>
<i>As vinhas tintas</i>	<i>O primeiro sol</i>
<i>Brunheiro à tarde</i>	<i>O presente dos padrinhos</i>
<i>Cabeça de criança</i>	<i>O rebanho</i>

<sup>1175</sup> RUBENS, Carlos. Os quadros de Alves Cardoso. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 15 jul. 1928, 5ª a 8ª col., p.9.

<sup>1176</sup> UMA COLEÇÃO DE RETRATOS PELO PINTOR ALVES CARDOSO. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 5 out. 1928, 2ª col., p. 5.

<sup>1177</sup> NOTAS DE ARTE. **A Noite**. Rio de Janeiro, 5 out. 1928, 6ª col., p. 2.

<sup>1178</sup> RETRATOS PELO PINTOR ALVES CARDOSO. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 12 dez. 1928, 2ª col., p. 5.

<sup>1179</sup> ALVES CARDOSO. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 30 dez. 1928, 2ª col., p. 5.

<sup>1180</sup> BELAS ARTES. Alves Cardoso. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 27 dez. 1928, 6ª col., p. 4.

<sup>1181</sup> A PRÓXIMA PARTIDA DO PINTOR ALVES CARDOSO. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 28 dez. 1928, 7ª col., p. 3.

<sup>1182</sup> ALVES CARDOSO. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 5 jan. 1929, Ano XXX, n. 3, p. 34.

<i>Caldo verde</i>	<i>“O Senhor tira-nos o retrato?”</i>
<i>Ciumenta</i>	<i>Os oleiros</i>
<i>Condução de touros</i>	<i>Os namorados</i>
<i>Convalescente</i>	<i>Os pobrezinhos</i>
<i>Dia cinzento</i>	<i>O Tamega (Chaves)</i>
<i>Dia de feira</i>	<i>O velho Adães</i>
<i>Dia de inverno</i>	<i>Outono</i>
<i>Dia de tempestade</i>	<i>Pinheiros mansos</i>
<i>Efeito contra luz</i>	<i>Presente dos padrinhos</i>
<i>Em dia de feira</i>	<i>Primeiro arrufo</i>
<i>Em dia de mercado</i>	<i>Recolhendo o gado</i>
<i>Em dia de trovoada</i>	<i>Retrato de Candido Sotto Mayor</i>
<i>Em pleno outono</i>	<i>Retrato de Emilia Bretes</i>
<i>Em pleno verão</i>	<i>Retrato de Henrique Bacellar</i>
<i>Fim da tarde</i>	<i>Retrato de Navarro da Costa</i>
<i>Fim de reza</i>	<i>Retrato do ator Carlos Santos</i>
<i>Fim do dia</i>	<i>Retrato do padre Silvino Nobrega</i>
<i>Freixo d'ouro</i>	<i>Sob a latada</i>
<i>Freixos no outono</i>	<i>Tarde de dezembro</i>
<i>Fugindo ao temporal</i>	<i>Um atrevido</i>
<i>Lá fora está a nevar!</i>	<i>Um grupo feliz</i>
<i>Lua cheia</i>	<i>Um sorriso de Trás-os-Montes</i>
<i>Madrugada</i>	<i>Uma réstea de sol</i>
<i>Mãe e filha</i>	<i>Vida sã</i>
<i>Margens do Tamega</i>	<i>Volta do pasto</i>

---

#### 4.3 A representatividade portuguesa em São Paulo

Embora tenha recebido uma parcela menor dos imigrantes portugueses chegados ao Brasil, se comparado ao Rio de Janeiro, o estado de São Paulo manteve-se sempre em segundo lugar dentre os destinos preferidos dos europeus que iam tentar a sorte nos trópicos. A pauliceia acolheria um contingente estrangeiro tão expressivo na transição para o século XX, que seus novos moradores seriam compelidos a fundar associações representativas e entidades beneméritas, à semelhança do que ocorreu no Distrito Federal. Mesmo indiretamente, estas agremiações acabariam por incentivar a travessia do oceano, já que a perspectiva de poder

contar com alguma assistência monetária ou ajuda moral para consolidar o caminho no exterior deixava investidores e artistas portugueses mais confiantes.

Fundada a 23 de novembro de 1912 nas dependências do Consulado de Portugal em São Paulo<sup>1183</sup>, a Câmara Portuguesa de Comércio desempenhou papel fundamental na difusão da cultura do além-mar pela região ao investir no arranjo de eventos diversos que acabariam por incentivar a viagem de pintores e comerciantes portugueses à ascendente província enriquecida pelo café. A corporação objetivava, sobretudo, propagandear os exemplares pátrios por todo o território brasileiro, de modo a “vencer a concorrência das outras nações. O que importa é convencer o exportador português que envie os seus artigos em condições de sofrerem o confronto dos outros que para aqui vêm, sem receio de inferioridade”<sup>1184</sup>. No que se refere às Belas Artes, a entidade parece ter desenvolvido uma atenção bem direcionada, a ponto de o tema merecer menção especial durante o discurso de inauguração da sede paulista proferido por Moraes de Carvalho. Para o político, seria produtivo que os artistas portugueses estabelecessem contatos mais estreitos com o Brasil, já que a grande colônia conterrânea residente ali e os novos ricos que surgiram com a Primeira República eram ambos ávidos consumidores de arte:

Os artistas portugueses, afora os comediantes e algum raro homem de letras, desconhecem o Brasil como centro onde os seus trabalhos podiam ter larga recompensa.

Pelo limitado meio em que vive, os seus nomes, muitos dum real merecimento, só conseguem passar as fronteiras quando atingem as proporções do gênio – um Teixeira Lopes, um Columbano, um Malhã.

Os que não possuem o gênio, mas que são dotados de superiores qualidades artísticas, vivem em Portugal uma vida às vezes bastante áspera, entregues a lições reduzidas e a exposições de lucro incerto. Não procurando as nações europeias, com justificados motivos, pelo excesso de produção em meios maiores, com uma concorrência e chauvinismo afrontosos, mas não receosos de comparações e contrastes, também não procuram o Brasil.

[...] Só muito raramente, e de espaço a espaço, algum mais ousado tenta a viagem; e quase sempre regressa arrependido de não a haver feito muito antes. [...]

A Câmara Portuguesa de Comércio, Indústria e Arte não faltará ao desempenho dessa missão com o maior escrúpulo, chamando aos artistas portugueses a que venham conhecer este Brasil generoso e hospitaleiro!<sup>1185</sup>

Despertados para essa promissora realidade, muitos pintores portugueses que inicialmente só pensavam em expor no Rio de Janeiro, no trasladar para o século XX passariam a buscar o estado paulista com maior avidez. Em 1909, o Consulado de Portugal em São Paulo

<sup>1183</sup> NASCIMENTO, Ana Paula. Exposições e colecionismo privado: a presença dos artistas portugueses em São Paulo (1900-1930). In: MALTA, Marize; NETO, Maria João (eds.). **Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX**: perfis e trânsitos. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014. p. 370.

<sup>1184</sup> CAMARA PORTUGUEZA DE COMMERCIO, INDUSTRIA E ARTE. **Correio Paulistano**. São Paulo, 3 dez. 1913, 6ª col., p. 3.

<sup>1185</sup> CAMARA PORTUGUEZA DE COMMERCIO, INDUSTRIA E ARTE. **Correio Paulistano**. São Paulo, 3 dez. 1913, 1ª col., p. 4.



acolheria o retrato do rei d. Manuel II, pintado por Rodrigo Soares, para uma pequena mostra patriótica. O quadro foi oferecido à instituição representativa por um conjunto de distintos membros da colônia portuguesa emigrada, dentre os quais é possível apontar os nomes de: António Augusto Vaz Cerquinho, Ferreira Junior, José Pereira Leite Guimarães, Francisco de Sampaio Moreira, Joaquim Gomes Stella e Adelino da Cunha Cabral.<sup>1186</sup> As encomendas de retratos dos emblemáticos prepostos atuantes na nação deixada ou de figuras relevantes para a comunidade portuguesa no exterior (na maioria das vezes sócios e presidentes das instituições instaladas nos trópicos) acabariam por chamar a atenção de alguns pintores para as possibilidades do mercado brasileiro. Os trabalhos, onerados por sua importância e finalidade, acabariam por tornarem-se outro sólido incentivo à travessia do Atlântico.

Após a inauguração da sede própria, a Câmara Portuguesa de Comércio de São Paulo abriria suas portas a duas iniciativas artísticas: a palestra humorística ilustrada por caricaturas do jornalista Joaquim Guerreiro (1917)<sup>1187</sup> e a exposição dos aquarelistas Alfredo e Helena Roque Gameiro (1920). O pesquisador Carlos Lima Júnior<sup>1188</sup> afirma que este último evento, decorrido entre Primeiro e 10 de outubro, teria apresentado cerca de 100 trabalhos ao público paulista, dos quais foi adquirido o significativo montante de 15 telas apenas nos três primeiros dias de vigência da mostra. Tais dados, se comparados aos fornecidos por Arthur Valle<sup>1189</sup> sobre o certame carioca, indicam que Alfredo e Helena Roque Gameiro teriam vendido quase uma centena de obras no Rio de Janeiro. Este talvez seja o motivo de Menotti del Picchia<sup>1190</sup> (sob o pseudônimo de *Helios*) ter protestado contra a indiferença da pauliceia para com os portugueses, que não chegariam a ser tão bem recebidos ali como o foram nas terras cariocas.



Em conclusão, as instituições representativas da comunidade portuguesa emigrada ao Brasil impulsionariam a difusão da arte compatriótica pelos trópicos de diversas maneiras: ao

<sup>1186</sup> NOTAS. **Correio Paulistano**. São Paulo, 24 ago. 1909, 1ª col., p. 2.

<sup>1187</sup> VER: JORNAL DO BRASIL, 28 de março de 1913, p. 9, col. 2. / E/ CORREIO PAULISTANO, 28 de março de 1917, p. 3, col. 5.

<sup>1188</sup> LIMA JÚNIOR, Carlos. Helena Roque Gameiro e uma certa “Capital artística”. O trânsito por São Paulo no ano de 1920. In: LEANDRO, Sandra (coord.). **Flor de Água: Helena Roque Gameiro (1895-1986) – Aquarela e artes aplicadas**. Lisboa: Câmara Municipal da Amadora, 2016. p. 29-32.

<sup>1189</sup> VALLE, Arthur. Helena Roque Gameiro no Rio de Janeiro em 1920. In: RODRIGUES, Ângela; LEANDRO, Sandra (org.). *Op. cit.*, p. 25-28.

<sup>1190</sup> HELIOS [Menotti del Picchia]. Aquarelistas portugueses. **Correio Paulistano**. São Paulo, 9 out. 1920, 1ª col., p. 3.

oferecerem seus alusivos espaços físicos para o abrigo de exposições, ao promoverem eventos paralelos que celebravam e rememoravam a terra deixada (criando um ambiente acolhedor à arte portuguesa), ao auxiliarem na divulgação das mostras, ao garantirem alguma ajuda em caso de insucesso, enquanto consumidoras primárias dos quadros exibidos (para o adorno de suas sedes), ao funcionarem como galerias comerciais para a venda de obras remanescentes, como encomendantes de retratos para homenagear ou representar sócios e dirigentes, na mediação entre os interesses dos pintores e da oficialidade brasileira tanto a nível pessoal (agendando visitas ao gabinete do Presidente da República), quanto institucional (ao requerer, por exemplo, a diminuição das taxas alfandegárias).

Instaladas nas principais cidades brasileiras, essas agremiações acolhiam o imigrante e proporcionavam àquele saudoso indivíduo uma experiência genuinamente patriótica. Conscientes desse importante papel que era exercido no aquém-mar, durante a estadia no Rio de Janeiro alguns pintores buscariam homenagear o admirável desempenho das entidades na ajuda aos conterrâneos necessitados. Após a exposição decorrida no Real Gabinete Português de Leitura em 1912, por exemplo, José Júlio de Souza Pinto ofereceria um almoço em tributo à diretoria da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência.<sup>1191</sup> Esta mesma entidade seria lembrada, em 1920, por João de Figueiredo Ursprung, que durante evento promotor do intercâmbio artístico luso-brasileiro decidiu doar *Virgem Mãe*, de Carlos Bonvalot, em agradecimento aos serviços filantrópicos prestados pela instituição no Brasil.<sup>1192</sup>

Mais do que o distante governo português, eram as instituições representativas dos imigrantes que realmente conheciam a necessidade dos consumidores brasileiros e tinham exata noção das peculiaridades do meio que as rodeava. O Real Gabinete Português de Leitura, o Liceu Literário Português, a Câmara Portuguesa de Comércio e os Consulados espalhados pelo Brasil estavam aptos a fornecerem informações verdadeiramente acertadas aos empreendedores e artistas que desejavam se aventurar nos trópicos. Não fosse a atuação dessas entidades, a difusão da cultura portuguesa no Rio de Janeiro e em São Paulo poderia ter ocorrido de maneira pontual e moderada, prejudicando todo o processo de divulgação da arte naturalista nos mercados carioca e paulista. De toda forma, ao perceberem os prejuízos que seus lapsos e omissões causavam nas relações entre os dois lados do Atlântico, os governos de Portugal e do Brasil promoveriam isoladas tentativas de aproximação que ajudariam a fortalecer o diálogo cultural ente o além e o aquém-mar.

<sup>1191</sup> SOCIAL. Viajantes. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 17 fev. 1913, 7ª col., p. 5.

<sup>1192</sup> UMA OFERTA À BENEFICÊNCIA PORTUGUESA. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 19 out. 1920, 2ª col., p. 3.

**CAPÍTULO 5**  
**OS INCENTIVOS OFICIAIS**

As amizades emergidas dos encontros entre artistas brasileiros e portugueses ou as boas relações estabelecidas, também a nível pessoal, com a imprensa não resultariam, entretanto, na concreta instalação de um canal comunicador entre os dois lados do Atlântico. Em 1914 a *Revista da Semana* lamentava que as visitas periódicas dos artistas portugueses ao Brasil não contribuiriam verdadeiramente “para criar uma internacionalização do talento artístico e estimular pelo convívio as relações de camaradagem que deviam existir entre os cultores das letras e das belas artes dos dois países irmãos”<sup>1193</sup>. Faltava, obviamente, um projeto oficial que congregasse estes anseios e elevasse o intercâmbio cultural a níveis não alcançados pelas microscópicas relações interpessoais. Foi para tentar preencher essa lacuna que atuaram os governos de além e de aquém-mar na passagem para o século XX. Portugal e Brasil promoveriam ações intermitentes no sentido de fomentar a aproximação entre seus povos e suas culturas, através de apoios oficiais que constituiriam mais um instrumento estimulador para a travessia do Atlântico de indivíduos, obras, volumes, produtos, projetos e conhecimentos.

Neste sentido, em 1902 o jornalista brasileiro Silvio Romero pronunciaria no Gabinete Português de Leitura uma palestra intitulada “Da conveniência de reforçar o elemento português no Brasil”<sup>1194</sup>, conferência que integrava o ciclo de discussões promovido pela Sociedade de Geografia de Lisboa sobre “O elemento português no Brasil”<sup>1195</sup>. Já no ano de 1909, a Academia das Ciências de Lisboa, então regida por Coelho de Carvalho, lançou a ideia de constituir uma aliança formal entre Brasil e Portugal. O conceito seria amadurecido no ano seguinte pela mesma Sociedade de Geografia, através de concurso que iria “premiar o escritor que tivesse proposto o método mais eficaz para garantir uma união moral entre os portugueses no Brasil e a mãe-pátria”<sup>1196</sup>. No decorrer da competição, o seu presidente e mentor, Consiglieri Pedroso, chegaria a formular um “Acordo Luso-Brasileiro”, que previa a realização periódica de eventos mútuos, a negociação de tratados comerciais, a unificação legislativa dos países, a aproximação cultural e a edição de revistas comuns aos dois continentes, dentre outros itens.<sup>1197</sup>

<sup>1193</sup> UM GRANDE ARTISTA PORTUGUÊS NO RIO. Antonio Carneiro. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 4 jul. 1914, p. 32.

<sup>1194</sup> A Notícia. Rio de Janeiro, 26-27 maio 1902, 3ª col., p. 2.

<sup>1195</sup> MULLER, Fernanda Suely. **(Re)vendo as páginas, (re)visando os laços e (des)atando os nós**: as relações literárias e culturais luso-brasileiras através dos periódicos portugueses (1899-1922). 2 v. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. p. 270.

<sup>1196</sup> VIEIRA, Nelson H. **Brasil e Portugal**: a imagem recíproca - o mito e a realidade na expressão literária. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991. p. 131.

<sup>1197</sup> GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Relações culturais luso-brasileiras: encontros e desencontros. **Anais do XII Encontro Regional de História**. Usos do passado. Rio de Janeiro: ANPUH, 2006. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Lucia%20Maria%20Paschoal%20Guimaraes.pdf>>. Acesso em: 18 de abril de 2014.

Em 1912, o poeta português Alberto d'Oliveira aproveitaria a sua coluna “Pombos-correios”, no *Jornal do Commercio* carioca, para discutir os meios de incentivo ao luso-brasileirismo.<sup>1198</sup> Devido à proclamação da República portuguesa, em “1913 e 1914, as respectivas legações diplomáticas em Lisboa e no Rio de Janeiro foram elevadas à categoria de embaixada”<sup>1199</sup>. A Sociedade de Geografia de Lisboa voltaria à cena em 1913, quando tentou enviar ao Brasil um grupo representativo da cultura pátria (composto por cientistas, literatos, jornalistas e comerciantes) e que objetivava estabelecer contatos mais direcionados a prepostos da mesma área atuantes na jovem e progressista nação sul-americana.<sup>1200</sup> No ano de 1916, Olavo Bilac discursaria em Lisboa, ao lado de Guerra Junqueiro, sobre a irmandade entre os dois lados do Atlântico.<sup>1201</sup> Logo em 1917, buscando estreitar o contato com a ex-colônia, o governo português enviaria uma missão de intelectuais ao Rio de Janeiro. Um ano depois, João de Barros externaria suas opiniões sobre a “Aproximação artística luso-brasileira” para a Sociedade de Belas Artes lisboeta.<sup>1202</sup> Barros, que no princípio do século XX chegou a garantir que “a influência da arte portuguesa no Brasil pode dizer-se nula”<sup>1203</sup>, lutou durante anos para alterar o vigente cenário de mútua ignorância. Junto aos brasileiros João do Rio e Navarro da Costa, por meio da *Atlântida*, alcançaria importantes resultados no sentido de melhorar a comunicação entre o além e o aquém-mar:

“[...] obtiveram como uma de suas vitórias a equiparação dos direitos e garantias dos artistas brasileiros e lusitanos por parte da Direção Nacional de Belas Artes de Lisboa, em 1917. Posteriormente, a Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro instaura medida semelhante no Brasil, sendo tal atitude muito divulgada e festejada pelos diretores da revista que tiveram claramente grande relevância nesse processo.”<sup>1204</sup>

Nova mostra de empenho no sentido da maior aproximação bilateral seria a inauguração da cadeira de Estudos Brasileiros na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, importante passo firmado apenas em junho de 1923, malgrado o cargo de professor da disciplina estivesse

<sup>1198</sup> VIEIRA, Nelson H. **Brasil e Portugal**: a imagem recíproca - o mito e a realidade na expressão literária. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991. p. 131.

<sup>1199</sup> MENDES, José Sacchetta Ramos. **Laços de sangue**: privilégios e intolerância à imigração portuguesa no Brasil (1822-1945). Porto: CEPESSE/Fronteira do Caos, 2010. p. 190.

<sup>1200</sup> UMA MISSÃO BRASILEIRA EM PORTUGAL. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 13 jun. 1913, 3ª e 4ª col., p. 10.

<sup>1201</sup> GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Relações culturais luso-brasileiras: encontros e desencontros. **Anais do XII Encontro Regional de História**. Usos do passado. Rio de Janeiro: ANPUH, 2006. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Lucia%20Maria%20Paschoal%20Guimaraes.pdf>>. Acesso em: 18 de abril de 2014.

<sup>1202</sup> MULLER, Fernanda Suely. **(Re)vendo as páginas, (re)visando os laços e (des)atando os nós**: as relações literárias e culturais luso-brasileiras através dos periódicos portugueses (1899-1922). 2 v. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. p. 70.

<sup>1203</sup> CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de. Mesma carne, outro sangue: notas introdutórias sobre as relações culturais republicanas entre Portugal e Brasil. **Letras de Hoje**. Porto Alegre: PUC-RS, v. 47, n. 4, out./dez. 2012, p. 352.

<sup>1204</sup> MULLER, Fernanda Suely. *Op. cit.*, p. 70.

vago desde 1916. Na ocasião, Oliveira Lima (posteriormente substituído por Manoel de Souza Pinto) seria encarregado do trabalho catedrático.<sup>1205</sup> Por fim, os consideráveis recursos públicos e privados mobilizados para estabelecer um fluido diálogo entre Brasil e Portugal culminariam, em 1924, no estabelecimento da chamada “Convenção Especial sobre Propriedade Literária e Artística”<sup>1206</sup>. Desejo antigo da intelectualidade atuante no além e aquém-mar, este acordo bilateral ampliava o regime jurídico de proteção a obras escritas em língua portuguesa, determinava a remessa ao outro país de cada novo volume produzido e previa a diminuição das taxas nas permutas firmadas entre as Bibliotecas Nacionais do Rio de Janeiro e de Lisboa.<sup>1207</sup>

Tais projetos, apoiados pelas administrações nativas, na prática não se mostrariam tão frutíferos. Brasil e Portugal seguiam experimentando um abismo ideológico entre suas culturas tão afins, distância atenuada apenas pelo compartilhamento da língua e o movimento migratório intenso. Já a pintura, que exalava os aspectos vernáculos da maneira mais intimista e sentimental, repercutia adequadamente os anseios dos governos nacionalistas emergentes e satisfazia as saudosas comunidades de imigrantes: “enquanto a música, a literatura, o teatro e a própria arquitetura procuravam, por vezes, adaptar-se às correntes da moda e se desnacionalizavam para se aburguesarem, a pintura [...] conservou-se fiel ao sentimento pátrio”<sup>1208</sup>. Neste contexto, o Brasil republicano buscava definir e impor a sua verdadeira identidade, enquanto o frágil e conturbado Portugal tentava manter seus atributos unificados em torno da imagem de um povo singular e especial.

## 5.1 O governo português

Portugal se mostrou sempre mais entusiasta no que se refere às propostas de aproximação econômica e diplomática com o Brasil, lançando sucessivos empreendimentos simpáticos ao país irmão durante sua Monarquia e os primeiros anos de República. Estes projetos buscavam apaziguar as diferenças emergidas entre as duas nações desde a independência e reunir fatores comuns àquelas realidades aparentemente tão distantes. O

<sup>1205</sup> SARAIVA, Arnaldo. **Modernismo brasileiro e modernismo português**: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 45.

<sup>1206</sup> SANTOS, Paula Marques dos; AMORIM, Paulo. As relações Portugal-Brasil na primeira metade do século XX (1910-1945). In: SOUSA, Fernando; SANTOS, Paula; AMORIM, Paulo (coord.). **As relações Portugal-Brasil no século XX**. Porto: CEPESE, 2010. p. 126.

<sup>1207</sup> MENDES, José Sacchetta Ramos. **Laços de sangue**: privilégios e intolerância à imigração portuguesa no Brasil (1822-1945). Porto: CEPESE/Fronteira do Caos, 2010. p. 193-194.

<sup>1208</sup> ARTES E ARTISTAS. Carlos Reis. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 13 jun. 1919, 5ª col., p. 4.

governo português, fragilizado com o desmanche do seu império e a crise financeira que assolava seus cofres na transição para o século XX, tentava resgatar um glorioso e perdido passado por meio de discursos ufanistas. Neste ínterim, apresentaria o Brasil como exemplo máximo do seu poder conquistador e celebraria o modelo de colonização ali aplicado, responsável por fazer surgir uma progressista nação independente, um dos mais sólidos e ricos países das Américas:

O patriotismo cultural permitia alargar significativamente as fronteiras do espaço simbólico onde concretizar a regeneração pátria. Permitia pensar Portugal já não apenas como um país atrasado, decadente e dependente, lutando contra a sua pequenez numa arena dominada por ambiciosas e modernas potências. Mas como um ‘Portugal Maior’. Tanto no espaço como no tempo. Maior porque possuidor de um vasto império colonial. Maior por ser nação sempiterna, ‘valente e imortal’ – como se cantava n’A Portuguesa. O patriotismo cultural permitia que em 1908 se pudesse dizer sem má consciência patriótica que ‘é no Brasil que está hoje a alma de Portugal’. Frase que tinha implícita a distinção da colônia portuguesa do Brasil como modelo exemplar de patriotismo, mas também a ideia do Brasil como caução dessa representação engrandecida da nacionalidade.<sup>1209</sup>

Ansioso por concretizar os tratados e acordos comerciais propostos à desinteressada nação tropical, o Estado português buscava fomentar investidas mais graúdas no mercado brasileiro para divulgar seus artigos industriais, seus produtos agrícolas e suas Belas Artes. Ainda em 1879, quando o Brasil seguia sob o regime monárquico, Portugal lançaria uma importante tentativa de aproximação com a economia tropical: a Exposição Portuguesa de Produtos Industriais e Manufaturados - Fraternização pelo Trabalho, organizada pela Companhia Fomentadora das Indústrias e Agricultura de Portugal e suas Colônias, buscava propagandear os artigos pátrios e vendê-los como itens de consumo indispensável aos brasileiros e imigrantes portugueses.<sup>1210</sup> A extensa Revista<sup>1211</sup> e o minucioso relatório<sup>1212</sup> produzidos em virtude do evento relatavam que a seção de Belas Artes exibiria obras de Anunciação, Miguel Lupi, Alfredo Keil, Marques Guimarães, Manuel Maria e Columbano<sup>1213</sup>

<sup>1209</sup> SILVA, Isabel Corrêa da. **Espelho Fraterno: o Brasil e o republicanismo português na transição para o século XX**. Lisboa: Divina Comédia, 2013. p. 412-413.

<sup>1210</sup> NETO, Maria João. A exposição portuguesa no Rio de Janeiro em 1879: ecos de um diálogo entre arte e indústria. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel (org.). **Oitocentos: intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal**. Tomo III. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. p. 357-370.

<sup>1211</sup> Pode ser acessada em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=342130>>.

<sup>1212</sup> **RELATÓRIO** da Associação Comercial do Rio de Janeiro de 1880. Exposição Portuguesa 1879. Rio de Janeiro: ACRJ, 1881.

<sup>1213</sup> *Dois Amigos e O último copo*: “era a primeira vez que expunha fora de Lisboa, sendo distinguido com uma Medalha de Prata pelo júri da exposição”. ELIAS, Margarida. **Columbano no seu Tempo (1857-1929)**. Tese (Doutoramento). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011. p. 75.

Bordalo Pinheiro, além de José Malhoa (agraciado com uma menção honrosa por *A Praia do Alfeite*).<sup>1214</sup>

### 5. 1. 1 Exposição de Arte Portuguesa

O choque provocado pela Proclamação da República brasileira em 1889 suscitaria algumas dificuldades diplomáticas entre os regimes de além e aquém-mar que seriam superadas ao longo da década de 1890. Com a virada do século, o governo português voltaria a atuar em busca do estreitamento de relações com a ex-colônia. Em 1902 organizaria, por meio da Sociedade Nacional de Belas Artes, representada na ocasião por Guilherme da Rosa, uma Exposição de Arte Portuguesa no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. O evento objetivava intensificar as trocas mercantis pelo Atlântico e firmar um contato perene entre as duas nações. Dentre seus interesses culturais, desejava tornar constantes as viagens de artistas portugueses ao Brasil, concomitantemente às exibições de brasileiros em Portugal, de forma que se tornassem “conhecidos e apreciados um no outro”<sup>1215</sup>. O plano era abrir “um mercado à Arte portuguesa no Brasil e, simultaneamente, um mercado à Arte brasileira em Portugal”<sup>1216</sup> através da promoção de ao menos dois salões anuais, em Lisboa e no Rio de Janeiro, com fins de desenvolver uma conexão que “aproxima os povos e apaga os atritos mercantis ou políticos”<sup>1217</sup>. Em sua coluna, Arthur Azevedo comemorou a possibilidade de instalar na Europa uma mostra de arte brasileira nos mesmos moldes da que teria lugar agora no Brasil, pois “essas viagens transatlânticas serão um ótimo estímulo para os artistas de ambos os países”<sup>1218</sup>.

Ao desembarcar no porto carioca em maio de 1902, já acompanhado de alguns itens e uma longa relação de pintores aderentes ao evento<sup>1219</sup>, Guilherme da Rosa convidaria os artistas brasileiros a participarem da exposição que ele vinha realizar, de modo que fosse consolidado,

<sup>1214</sup> NETO, Maria João. A exposição portuguesa no Rio de Janeiro em 1879: ecos de um diálogo entre arte e indústria. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel (org.). **Oitocentos: intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal**. Tomo III. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. p. 368-369.

<sup>1215</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 2 jul. 1902, 2ª col., p. 1.

<sup>1216</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 15 jul. 1902, 2ª col., p. 1.

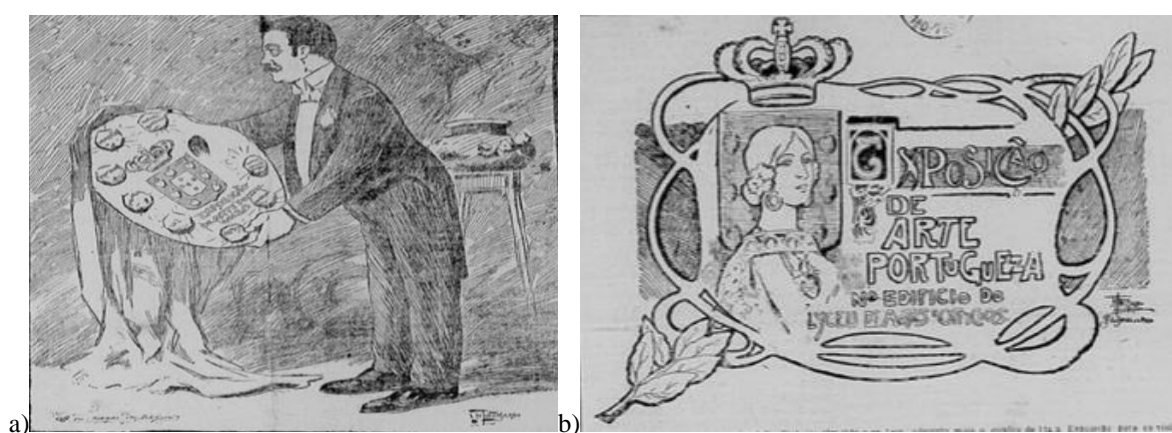
<sup>1217</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 6 ago. 1902, 3ª col., p. 1.

<sup>1218</sup> AZEVEDO, Arthur. A arte portuguesa. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 25 jul. 1902, 1ª e 2ª col., p. 1.

<sup>1219</sup> José Malhoa, Columbano, Maria Augusta Bordalo, Luciano Freire, José Veloso Salgado, Carlos Reis, J. Christino da Silva, Ernesto Condeixa, Teixeira Bastos, João Vaz, Jorge Pinto, Jorge Collaço, Joaquim Luiz Cardoso, Thomaz de Mello, Martins F. Xara, Joaquim Porfírio (único da seção de desenho), João Carlos Galhardo, Manuel Henriques Pinto, Ferreira da Costa, José Ribeiro Junior, David Estrella de Mello, Pedro Guedes, Adriano de Souza Lopes, Enrique Casanova, Roque Gameiro, Augusto de Souza e A. Ferreira Quaresma. VER: A ARTE PORTUGUESA NO RIO DE JANEIRO. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 22 jun. 1902, 9ª col., p. 2.



segundo suas próprias palavras, “o cunho de perfeita solidariedade e fraternal simpatia que caracteriza as relações de tradicional amizade e recíprocos interesses entre os dois países”<sup>1220</sup>. Os periódicos locais não tardariam a aplaudir a iniciativa, vista como relevante instrumento fortalecedor do intercâmbio cultural luso-brasileiro. Neste ínterim, o *Jornal do Brasil* divulgaria uma caricatura de autoria de Julião Machado<sup>1221</sup>, na qual uma figura masculina segura grande paleta que traz, ao invés de borrões de tintas, pedras preciosas incrustadas à volta de um brasão. A imagem era acompanhada da seguinte legenda: “Guilherme da Rosa dá ao público fluminense o ensejo de poder verificar que ‘quem sabe a Arte sempre a estima’. A exposição portuguesa é uma exposição de joias de alto valor”<sup>1222</sup>.



**FIGURA 16** – Exposição de Arte Portuguesa

- a) “Arte portuguesa, por Julião Machado”, *Jornal do Brasil*, 20 de julho de 1902.
- b) “Exposição de Arte Portuguesa no Edifício do Liceu de Artes e Ofícios”, *Jornal do Brasil*, 26 de julho de 1902.

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

A devotada imprensa carioca, reconhecida por seus esforços publicitários, ganharia lugar exclusivo na cerimônia de abertura da Exposição de Arte Portuguesa.<sup>1223</sup> Atento também ao seu papel de mediador diplomático, Guilherme da Rosa visitaria o presidente da República e o convidaria para assistir o *vernissage* do dia 11 de julho de 1902.<sup>1224</sup> Campos Salles percorreria o Liceu de Artes e Ofícios a elogiar os pintores que “reproduzem com amor e com gosto cenas e tipos do seu tempo e do seu país, preenchendo assim nobremente o papel que lhes cabe de conservadores das tradições e dos costumes pátrios”<sup>1225</sup>. Os salões da escola seriam

<sup>1220</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 15 jul. 1902, 2ª col., p. 1.

<sup>1221</sup> Caricaturista que residiu no Rio de Janeiro de 1894 a 1920 e conquistou o apreço da comunidade carioca. Em 1903, o diretor do jornal *O Paiz*, João de Souza Lage, ofereceria um almoço em sua homenagem ao qual teriam comparecido Olavo Bilac, Rodolpho Bernardelli, Arthur Azevedo e Raul Pederneiras, além de José Vasco Ramalho Ortigão. VER: JULIÃO MACHADO. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 30 nov. 1903, 4ª col., p. 2.

<sup>1222</sup> ARTE PORTUGUESA, por Julião Machado. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 20 jul. 1902, 4ª a 7ª col., p. 1.

<sup>1223</sup> EXPOSIÇÃO ARTÍSTICA PORTUGUESA. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 11 jul. 1902, 3ª col., p. 1.

<sup>1224</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 15 jul. 1902, 2ª col., p. 1.

<sup>1225</sup> ARTE PORTUGUESA. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, 4ª col., p. 1.

abrilhantados ainda pela presença do seu diretor (comendador Bettencourt da Silva), do cônsul geral de Portugal (João Salgado) e do ministro plenipotenciário de Portugal no Brasil (Camello Lampreia).<sup>1226</sup> A visitação ao local<sup>1227</sup>, apontada como um manifesto de “bom gosto artístico”<sup>1228</sup>, foi pleiteada por distintas famílias, artistas, intelectuais e amadores<sup>1229</sup>, além da fiel colônia portuguesa instalada no Rio de Janeiro: afinal, “qual o português que deixará de adquirir um desses objetos para perpetuar no Brasil a saudade da sua terra?”<sup>1230</sup>, questionava um articulista. Os imigrantes ganhariam ali a oportunidade de “apreciar os progressos das artes em sua querida pátria”<sup>1231</sup> e comprovar “a vitalidade forte e pujante da pequena nação”<sup>1232</sup>.

A Exposição de Arte Portuguesa reuniria ao todo “105 grupos de objetos diferentes, abrangendo todas as manifestações de arte”<sup>1233</sup>, motivo que levava Adolpho Moralles de los Rios a ressaltar que o evento não espelhava com exatidão uma tradicional mostra de Belas Artes, embora cada uma das seções apresentasse “verdadeiras notabilidades”<sup>1234</sup>. A *Revista da Semana*<sup>1235</sup> reproduziria uma imagem do Liceu de Artes e Ofícios que revelava a disposição dos itens à venda (FIG. 17).<sup>1236</sup> As pinturas somavam mais de 100 exemplares<sup>1237</sup> de célebres autores, alguns já consagrados “pelos aplausos desta capital e unanima aclamação da nossa imprensa”<sup>1238</sup>, como: *As cebolas*, *A sesta*, *Barbeiro na aldeia* (estudo), *Sendeiros*, *Gozando os rendimentos* e *A corar a roupa* (estudo), de José Malhoa<sup>1239</sup>; *Ali é que está a tua mãe*, de João Carlos Galhardo; *Os amores do moleiro*, de Carlos Reis; *Costume da Ilha da Madeira*, de Alfredo Roque Gameiro<sup>1240</sup> e *Um herói boer*, de Adriano Souza Lopes<sup>1241</sup>.

<sup>1226</sup> **O Paiz**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, 5ª col., p. 1.

<sup>1227</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 16 jul. 1902, 4ª col., p. 1.

<sup>1228</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 14 jul. 1902, 3ª col., p. 1.

<sup>1229</sup> **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 16 jul. 1902, 3ª col., p. 1.

<sup>1230</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 17 jul. 1902, 3ª col., p. 1.

<sup>1231</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 2 jul. 1902, 1ª e 2ª col., p. 1.

<sup>1232</sup> CRONICA. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 20 jul. 1902, 1ª e 2ª col., p. 1.

<sup>1233</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 16-17 jul. 1902, 3ª e 4ª col., p. 2.

<sup>1234</sup> MORALLES DE LOS RIOS, Adolpho. Arte portuguesa. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, 7ª col., p. 1.

<sup>1235</sup> A EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 3 ago. 1902, Ano III, n. 116, p. 4.

<sup>1236</sup> EXPOSIÇÃO PORTUGUESA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 2 ago. 1902, 8ª e 9ª col., p. 5.

<sup>1237</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **Don Quixote**. Rio de Janeiro, 26 jul. 1902, 2ª e 3ª col., p. 3.

<sup>1238</sup> ARTES E ARTISTAS. Arte Portuguesa. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, 6ª col., p. 2.

<sup>1239</sup> Em seus cadernos de receitas, Malhoa anota que teria recebido de Guilherme da Rosa a quantia de 1:154\$000 pela venda destes quadros. GAMA, Luís Borges da. **O Senhor Rosa chegou do Brasil!** E fartou-se de vender quadros... Disponível em: <<http://provocando-umateima.blogspot.com.br/2012/08/1902-o-senhor-rosa-chegou-do-brasil.html>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2018.

<sup>1240</sup> A EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 31 ago. 1902, Ano III, n. 120, p. 2.

<sup>1241</sup> A RECENTE EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 5 out. 1902, Ano III, n. 125, p. 2.



**FIGURA 17** – A Exposição de Arte Portuguesa: o grande salão, *As cebolas*, *A corar as roupas* e *Ali é que está tua mãe*, *Revista da Semana*, 3 de agosto de 1902.

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

Arthur Azevedo revelou que, dentre todos aqueles trabalhos em exibição no Liceu de Artes e Offícios, os de Ribeiro Júnior lhe teriam fornecido a mais fecunda “sensação da arte nacional portuguesa”<sup>1242</sup>, junto a Columbano; mas criticou Malhoa, em rara apreciação negativa, pelos assuntos fúteis e as repetitivas cenas de costumes. Já Moralles de los Rios nomearia *A sesta*, deste último, uma das melhores telas da mostra; embora tenha reprovado *Visão*, de Veloso Salgado<sup>1243</sup>, pela influência da moderna técnica pré-raphaelista e suas “figuras sempre excessivamente esguias a perambular de cabelos ao vento entre atmosferas de usina de produtos químicos ou poeiras de minério misturadas de nevoeiros escandinavos”<sup>1244</sup>. Salgado era conhecido em Portugal por sua extrema dedicação à metodologia clássica, diligentemente ensinada aos seus alunos da Escola de Belas Artes de Lisboa entre os anos de 1895 e 1941, embora o simbolismo o tenha atraído por certo período.<sup>1245</sup> O traço relativamente acadêmico do mestre mereceu a admiração de outros articulistas brasileiros, que consideraram os retratos

<sup>1242</sup> AZEVEDO, Arthur. A arte portuguesa. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 25 jul. 1902, 1ª e 2ª col., p. 1.

<sup>1243</sup> VER: SANTOS, Rui Afonso. **Veloso Salgado**: 1864-1945. Lisboa: Museu do Chiado, 1999.

<sup>1244</sup> MORALLES DE LOS RIOS, Adolpho. Arte Portuguesa. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 19 jul. 1902, 2ª e 3ª col., p.2.

<sup>1245</sup> CARDEIRA, Ana Mafalda; COSTA, Sónia; LONGELIN, Stéphane. Caracterização material e técnica da pintura de Veloso Salgado: contributo museológico. **Revista VOX MUSEI**. Lisboa: FBA-CIEBA, v. 1, jan./jun. 2013, p. 64-72.

de Ramalho Ortigão e sra. Ortigão as obras primas da Exposição de Arte Portuguesa, pela veracidade das feições representadas.<sup>1246</sup>



**FIGURA 18** – A Exposição de Arte Portuguesa: *Os amores do moleiro*, *A sesta* e *Costume da ilha da Madeira*, *Revista da Semana*, 31 de agosto de 1902.

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

Logo no primeiro dia da mostra, os jornais cariocas anunciaram que a maioria das telas teria sido adquirida<sup>1247</sup> e que todos os quadros de Columbano (*A locandeira*, *A luva branca*, *Cabeça de mulher* e *O soldado*<sup>1248</sup>), o qual tinha “produtos do seu talento ornamentando várias galerias artísticas do nosso meio”<sup>1249</sup>, foram vendidos em questão de horas. A comercialização de obras para amadores, membros da colônia portuguesa (como o Visconde de Vilella e o comendador Manoel da Costa Pereira) e o Estado brasileiro (que negociou, segundo Arthur Valle<sup>1250</sup>, quase uma dezena de artigos para a sua Escola de Belas Artes) engrandeceria a importante iniciativa. Mas a verdade é que as poucas entradas pagas, no valor de dois mil réis,

<sup>1246</sup> DOIS RETRATOS. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 26 ago. 1902, 3ª col., p. 3.

<sup>1247</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 19 jul. 1902, 8ª col., p. 1.

<sup>1248</sup> GAMA, Luís Borges da. *O Senhor Rosa chegou do Brasil!* E fartou-se de vender quadros... Disponível em: <<http://provocando-umateima.blogspot.com.br/2012/08/1902-o-senhor-rosa-chegou-do-brasil.html>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2018.

<sup>1249</sup> ARTES E ARTISTAS. Arte Portuguesa. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, 6ª col., p. 2.

<sup>1250</sup> VALLE, Arthur. A “Exposição de Arte Portuguesa” no Rio de Janeiro em 1902 e sua recepção. *Fênix*. Ano XII, vol. 12, n. 1, jan./jun. 2015. Disponível em: <[https://www.academia.edu/17214000/2015\\_A\\_Exposi%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Arte\\_Portuguesa\\_no\\_Rio\\_de\\_Janeiro\\_em\\_1902\\_e\\_sua\\_recep%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/17214000/2015_A_Exposi%C3%A7%C3%A3o_de_Arte_Portuguesa_no_Rio_de_Janeiro_em_1902_e_sua_recep%C3%A7%C3%A3o)>. Acesso em: 3 de abril de 2017.

confirmavam o modesto ânimo da sociedade local para com os eventos culturais.<sup>1251</sup> Objetivando amenizar possíveis prejuízos, a imprensa publicaria acintosas convocatórias<sup>1252</sup> direcionadas aos portugueses emigrados ao Brasil<sup>1253</sup> e Guilherme da Rosa determinaria a diminuição do valor do ingresso para um conto de réis.<sup>1254</sup> As ações surtiriam efeito<sup>1255</sup> e fariam com que o evento caísse no gosto do público.<sup>1256</sup> A concorrência a “uma das mais louváveis e meritórias iniciativas dos últimos tempos, tendentes a aproximar os dois países irmãos”<sup>1257</sup> acabaria por ser supostamente ampliada<sup>1258</sup>, assim como a venda de produtos<sup>1259</sup>, e seu encerramento<sup>1260</sup> seria prorrogado<sup>1261</sup>.

A crítica carioca insistia na afirmação de que o certame vantajosamente despertara no público um alto interesse pela moderna arte de além-mar<sup>1262</sup> e o *Jornal do Brasil* divulgava, a 26 de julho, que restavam poucos itens da seção de pintura para serem adquiridos.<sup>1263</sup> Entretanto, a verdade é que muitas obras continuavam a ocupar os salões do Liceu de Artes e Ofícios com o passar dos dias e Guilherme da Rosa se viu obrigado a leiloar óleos, aquarelas, rendas e pratarias imediatamente após a conclusão da mostra. A venda da galeria “de notáveis e laureados artistas portugueses da Sociedade Nacional de Belas Artes”<sup>1264</sup> seria iniciada a 11 de agosto no mesmo local do evento anterior<sup>1265</sup> e contaria com distribuição prévia de um catálogo.<sup>1266</sup> Os periódicos novamente apostariam no “amor próprio dos portugueses e [n]o afeto dos brasileiros”<sup>1267</sup>, mas não há notícias que indiquem o resultado da atitude. Guilherme retornaria a Lisboa quatro dias depois<sup>1268</sup>, quando mandou publicar um excerto no qual agradecia a ajuda de seus auxiliares<sup>1269</sup>, da sociedade (cujo interesse “por tudo que relaciona a

<sup>1251</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 jul. 1902, 5ª col., p. 1.

<sup>1252</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 23 jul. 1902, 4ª col., p. 1.

<sup>1253</sup> ARTE PORTUGUESA. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 jul. 1902, 3ª col., p. 1.

<sup>1254</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 4 ago. 1902, 3ª e 4ª col., p. 6.

<sup>1255</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 24 jul. 1902, 6ª col., p. 1.

<sup>1256</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, 6ª col., p. 1.

<sup>1257</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 27 jul. 1902, 6ª col., p. 3.

<sup>1258</sup> ARTE PORTUGUESA. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 1º ago. 1902, 4ª col., p. 1.

<sup>1259</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 26 jul. 1902, 7ª col., p. 1.

<sup>1260</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 24 jul. 1902, 7ª col., p. 1.

<sup>1261</sup> *A Notícia*. Rio de Janeiro, 24-25 jul. 1902, 4ª col., p. 2.

<sup>1262</sup> EXPOSIÇÃO PORTUGUESA. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 31 jul.-1 ago. 1902, 1ª e 2ª col., p. 3.

<sup>1263</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA NO EDIFÍCIO DO LICEU DE ARTES E OFÍCIOS. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 26 jul. 1902, 6ª à 9ª col., p. 1.

<sup>1264</sup> LEILÕES. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 10 ago. 1902, 1ª e 2ª col., p. 5.

<sup>1265</sup> LEILÃO. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 ago. 1902, 6ª col., p. 4.

<sup>1266</sup> LEILÕES. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 10 ago. 1902, 5ª col., p. 4.

<sup>1267</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 7 ago. 1902, 7ª col., p. 1.

<sup>1268</sup> PUBLICAÇÕES A PEDIDO. Exposição Portuguesa. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 ago. 1902, 2ª col., p. 3.

<sup>1269</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 15 ago. 1902, 4ª col., p. 4.

arte”<sup>1270</sup> lhe teria facilitado o trabalho de difundir os artigos portugueses), de políticos, artistas, jornalistas e membros da colônia compatriota:

Levando aos artistas portugueses a certeza da profunda simpatia com que eles foram acolhidos neste generoso país, levo-lhes também o nobre compromisso de manterem sempre estreitos os laços de confraternidade intelectual entre duas nações que tanto se amam, compromisso que o alto valor dos artistas brasileiros lhes tornará extremamente fácil.<sup>1271</sup>

Chegado a Portugal ao fim de 1902, Guilherme da Rosa publicaria no *Diário de Notícias* de Lisboa uma nota sobre a liquidação de suas responsabilidades para com a Sociedade Nacional de Belas Artes e ressaltava: “a par das lutas a que me entreguei e das vicissitudes que tive de afrontar para levar a cabo com felicíssimo êxito a Exposição de Arte Portuguesa no Rio de Janeiro, consegui para a arte e os artistas do nosso país, que me confirmam as suas obras, algum bem e alguma utilidade”<sup>1272</sup>. À sua fala era aditada uma declaração assinada pelo pintor João Ribeiro Christino da Silva, que garantia terem sido realizados os pagamentos das quantias referentes à venda de quadros aos seus respectivos autores e a devolução de itens não comercializados aos seus proprietários. Christino ressaltava aqui “o excelente acolhimento que os trabalhos dos artistas portugueses, obtiveram naquela Exposição por parte do público e da imprensa fluminense”<sup>1273</sup>. Ao fim, a contabilidade de Rosa indicou a venda de 51 das 86 obras que ele levava ao Brasil, onde colheria ainda 17 encomendas direcionadas a José Malhoa.<sup>1274</sup>

**TABELA 10**  
**Exposição de Arte Portuguesa (Rio de Janeiro, 1902)**

<b>Artista</b>	<b>Obras expostas</b>	<b>Obras vendidas/Comprador</b> <sup>1275</sup>
Adriano de Souza Lopes	<i>Engano d'alma led e cego, Um herói boer, Centenário risonho</i> e mais uma tela não identificada.	...
Alberto de Souza Pinto	3 telas de títulos desconhecidos.	...
Alfredo Roque Gameiro	<i>Costume da Ilha da Madeira</i> e outras 2 telas não identificadas.	...

<sup>1270</sup> ARTES E ARTISTAS. Arte portuguesa. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 15 ago. 1902, 2ª e 3ª col., p. 3.

<sup>1271</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 18 ago. 1902, 5ª col., p. 1.

<sup>1272</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA NO RIO DE JANEIRO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 20 dez. 1902, 4ª col., p. 2.

<sup>1273</sup> *Ibidem*.

<sup>1274</sup> GAMA, Luís Borges da. **O Senhor Rosa chegou do Brasil!** E fartou-se de vender quadros... Disponível em: <<http://provocando-umateima.blogspot.com.br/2012/08/1902-o-senhor-rosa-chegou-do-brasil.html>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2018.

<sup>1275</sup> ARTE PORTUGUESA. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, 4ª col., p. 1.

António Ferreira Quaresma	1 tela de título desconhecido.	...
Carlos Reis	<i>Os amores do moleiro</i> e outras 2 telas não identificadas.	<i>Os amores do moleiro</i> / Comissão de cavalheiros, reunidos em grande instituição.
Columbano Bordalo Pinheiro	<i>A luva branca, A locandeira, Madona, Rapariga, Soldado e Cabeça de Mulher.</i>	<i>Rapariga</i> / Rego Barros <sup>1276</sup> ; <i>A luva branca, A locandeira, Madona e Soldado</i> / Comissão de cavalheiros, reunidos em grande instituição. <sup>1277</sup>
David Estrela de Mello	<i>Madrugada na Portela.</i>	Adquirido pelo Visconde de Vilella. <sup>1278</sup>
Enrique Casanova	<i>Na Ericeira, Na Guia</i> , um estudo de paisagem e outras 3 telas não identificadas.	<i>Na Guia</i> / Conde de Avellar. <sup>1279</sup>
Ernesto Condeixa	<i>Um homem do mar, Crisântemos</i> e outras 4 telas não identificadas.	<i>Um homem do mar</i> / Comissão de cavalheiros, reunidos em grande instituição.
Ferreira da Costa	<i>Música.</i>	...
Francisco Martins	2 telas de títulos desconhecidos.	...
João Carlos Galhardo	<i>Merenda no Senhor da Serra, Ali é que está tua mãe</i> e outras 3 telas não identificadas.	<i>Merenda no Senhor da Serra</i> / Visconde de Vilella. <sup>1280</sup>
João Ribeiro Christino da Silva	3 telas de títulos desconhecidos.	...
João Vaz	<i>No Tejo.</i>	...
Joaquim Luiz Cardoso	<i>Arredores de Aveiro</i> e outras 2 telas não identificadas.	<i>Arredores de Aveiro</i> / Visconde de Vilella. <sup>1281</sup>
Joaquim Porfírio	1 tela de título desconhecido.	...
Jorge Collaço	<i>Batismo árabe</i> e outras 3 telas não identificadas.	...
José António Jorge Pinto	6 obras de títulos desconhecidos.	...

<sup>1276</sup> ARTE PORTUGUESA. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, 4ª col., p. 1.

<sup>1277</sup> Os seis quadros de Columbano foram solicitados para compra pelo Governo Federal brasileiro por indicação do comitê especial da Escola Nacional de Belas Artes, travando-se aqui uma contenda entre o Estado e alguns particulares.

<sup>1278</sup> ARTE PORTUGUESA. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, 4ª col., p. 1.

<sup>1279</sup> MORALLES DE LOS RIOS, Adolpho. Arte portuguesa. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, 7ª col., p. 1.

<sup>1280</sup> Uma nota de falecimento publicada no *Jornal do Brasil* já em 1903, lembrava a morte do talentoso pintor João Galhardo, “um dos artistas portugueses mais apreciados na Exposição Portuguesa de Belas Artes que ultimamente se realizou nesta capital, onde vendeu três dos seus valiosos quadros”. VER: JOÃO GALHARDO. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 2ª col., p. 1.

<sup>1281</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA NO EDIFÍCIO DO LICEU DE ARTES E OFÍCIOS. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 26 jul. 1902, 6ª à 9ª col., p. 1.

José Malhoa	<i>As cebolas, A corar a roupa, A sesta, O Sendeiro, O barbeiro da aldeia e Gozando os rendimentos.</i>	<i>O barbeiro da aldeia e As cebolas / Visconde de Vilella; A sesta / Comissão de cavalheiros, reunidos em grande instituição; A corar a roupa e O Sendeiro / Governo Federal brasileiro.</i>
José Ribeiro Junior	<i>A prova dos vinhos.</i>	...
José Veloso Salgado	Retratos de Ramalho Ortigão e esposa, <i>Visão, Azinhaga em Benfica e Matosinhos.</i>	<i>Azinhaga em Benfica / Uma comissão de cavalheiros, reunidos em grande instituição; Visão, Governo Federal brasileiro.</i>
Júlio Teixeira Bastos	<i>Cabeça de rapariga</i> e outras 2 telas não identificadas.	...
Luciano Freire	<i>Margens do Vizella</i> e outras 4 telas não identificadas.	<i>Margens do Vizella / Emília Braga da Costa Pereira.</i>
Manuel Henrique Pinto	<i>A saída do rebanho</i> e outras 2 telas não identificadas.	<i>A saída do rebanho / Henrique Chaves.</i>
Maria Augusta Bordalo Pinheiro	2 telas de títulos desconhecidos.	...
Pedro Guedes	2 telas de títulos desconhecidos.	...
Thomaz de Mello Júnior	2 telas de títulos desconhecidos.	...

### 5. 1. 2 Exposição Permanente de Produtos Portugueses

Em 1907 seria implementada uma nova e vultosa tentativa de diálogo com o Brasil. Portugal, “compreendendo quanto de interesse há para os dois povos que falam a mesma língua em fazer desaparecer a barreira larga do Oceano, pondo-os em contato diário, estabelecendo uma intimidade cada vez maior”<sup>1282</sup>, organizaria outra mostra de seus artigos em solo tropical. A Exposição Permanente de Produtos Portugueses seria coordenada por Felipe de Souza Belfort e seu auxiliar, Luiz Vidal. O evento objetivava exibir ao público carioca, com certa regularidade, os principais itens da indústria, da agricultura e da arte portuguesa. A iniciativa era baseada no malogro de 1898, quando a Associação Comercial de Lisboa, com o apoio do governo pátrio, arriscou instalar em São Paulo uma Exposição Portuguesa com os mesmos

<sup>1282</sup> A EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS PORTUGUESES. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 21 mar. 1907, 8<sup>a</sup> à 10<sup>a</sup> col., p. 3.



desígnios.<sup>1283</sup> Apesar dos contatos estabelecidos com agentes consulares e do apoio buscado em entidades comerciais, o projeto paulista parece ter sido abortado. De toda forma, empreendimentos como este inegavelmente contribuíam para divulgar os artigos saídos daquele Portugal pouco industrializado e apontados como inferiores à concorrência estrangeira. Durante a Primeira República, os brasileiros acabariam por preferir as mercadorias chegadas de países desenvolvidos, mais baratas (graças à fabricação em série possibilitada pela maquinaria moderna) e qualitativamente superiores. No caso das Belas Artes, tal realidade não seria muito diferente, embora as esculturas e pinturas portuguesas tenham encontrado um relevante nicho mercadológico no Brasil em meio aos exemplares italianos e franceses.<sup>1284</sup>

A Exposição Permanente de Produtos Portugueses de 1907 foi instalada nos salões do Liceu Literário Português do Rio de Janeiro, gratuitamente cedidos por sua diretoria.<sup>1285</sup> Devido à enormidade do certame, alguns objetos começariam a chegar ao Brasil ainda em maio de 1906, como as pinturas de Carlos Reis, Ernesto Condeixa, João Vaz, Veloso Salgado, José Malhoa, Laura Sauvignet Bandeira e Virginia Santos Avellar.<sup>1286</sup> Nos meses subsequentes, os portos cariocas receberiam novas remessas<sup>1287</sup>: quadros de Columbano, Aurélia de Souza, José de Brito e Manuel Henrique Pinto; pasteis de Mattoso da Fonseca, aquarelas de Luciano Lallemand e azulejos de José António Jorge Pinto.<sup>1288</sup> Mas os recorrentes problemas burocráticos criados pela alfândega brasileira para a recepção desses artigos<sup>1289</sup> levariam a diversos adiamentos da cerimônia de inauguração<sup>1290</sup>, até que o dia 21 de março de 1907, em homenagem ao aniversário do príncipe D. Luiz Felipe, fosse finalmente escolhido para concretizar o *vernissage*.<sup>1291</sup>

No seguimento das costumeiras ações diplomáticas que balizavam eventos desse porte, Camello Lampreia (ministro de Portugal no Brasil) e Felipe Belfort iriam pessoalmente entregar

<sup>1283</sup> IMPRENSA PAULISTANA. As folhas de ontem: Diário Popular. **Correio Paulistano**. São Paulo, 13 jan. 1898, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> col., p. 1.

<sup>1284</sup> VER: PEIXOTO, Maria Elizabete Santos. **Pintores alemães no Brasil durante o século XIX**. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1989. / E / PINTORES Italianos no Brasil (1982: São Paulo). In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017.

<sup>1285</sup> TELEGRAMAS. Rio de Janeiro – Exposição de Produtos Portugueses. **Correio Paulistano**. São Paulo, 22 mar. 1907, 5<sup>a</sup> col., p. 2.

<sup>1286</sup> A EXPOSIÇÃO PERMANENTE. Como Portugal se apresenta. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 28 maio 1906, 6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> col., p. 4.

<sup>1287</sup> EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS PORTUGUESES. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 11 jan. 1907, 4<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup> col., p. 2.

<sup>1288</sup> CARTAS DE PORTUGAL. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 15 jun. 1906, 1<sup>a</sup> col., p. 4.

<sup>1289</sup> A EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS PORTUGUESES. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 16 fev. 1907, 6<sup>a</sup> col., p. 1.

<sup>1290</sup> EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS PORTUGUESES. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 2 mar. 1907, 6<sup>a</sup> col., p. 1.

<sup>1291</sup> EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS PORTUGUESES. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 10 mar. 1907, 7<sup>a</sup> col., p. 3.

convites para a abertura da mostra às autoridades locais<sup>1292</sup>, membros da imprensa<sup>1293</sup> e ao presidente da República<sup>1294</sup>. Aliás, Belfort pronunciaria emocionado discurso em agradecimento ao apoio dispensado pelo Chefe de Estado brasileiro e pelo ministro português na concretização da iniciativa.<sup>1295</sup> Junto a Luiz Vidal, ele coordenaria passeios guiados ao Liceu Literário<sup>1296</sup> e esclareceria ilustres figuras da sociedade carioca sobre alguns dos itens exibidos ali<sup>1297</sup>, enquanto “o Sr. Conselheiro Camello Lampreia, resumindo a história de cada um dos artistas, caminhava solícito ao lado dos visitantes exaltados”<sup>1298</sup>. A solenidade de inauguração seria acompanhada ainda por Miguel Calmon (ministro da Indústria do Brasil), Álvaro Thedim (cônsul de Portugal) e outros comerciantes de renome.<sup>1299</sup> Já a visitação pública, iniciada a partir do dia 22 de março<sup>1300</sup>, atrairia muitos curiosos pelos “produtos genuinamente portugueses”<sup>1301</sup> e pelos espetáculos de entretenimento decorridos ali.<sup>1302</sup>

Assim que entravam no edifício do Liceu Literário, os convidados eram surpreendidos pelas pinturas em azulejo de Joaquim Luiz Cardoso, Jorge Collaço e Jorge Pinto, além de algumas marinhas de João Vaz, que seguiam pelas escadas para o piso superior.<sup>1303</sup> O ambiente exalava uma atmosfera típica, com panoramas de Lisboa, Espinho, Porto e Setúbal.<sup>1304</sup> As pinturas, esculturas, bronzes, cerâmicas, instrumentos musicais e rendas ocupariam o recinto principal, dividido em 24 seções para acolher um total aproximado de cem volumes.<sup>1305</sup> Belfort e Vidal seriam elogiados na imprensa pela boa disposição das montras e a fina decoração do espaço que cativara a alta sociedade carioca.<sup>1306</sup> O salão de honra, no segundo andar, ostentava um grande retrato de D. Luiz e a marinha de autoria do rei D. Carlos oferecida ao diplomata brasileiro, o Barão do Rio Branco.<sup>1307</sup> Este pastel, intitulado *Arribas de Guia, à tarde – Cascais*,

<sup>1292</sup> POLÍCIA. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 10 mar. 1907, 1ª col., p. 3.

<sup>1293</sup> EXPOSIÇÃO PORTUGUESA. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 mar. 1907, 3ª col., p. 1. / E / NOTÍCIAS DA PREFEITURA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 22 mar. 1907, 3ª col., p. 2.

<sup>1294</sup> O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 21-22 mar. 1907, 3ª col., p. 1.

<sup>1295</sup> EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS PORTUGUESES. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 22 mar. 1907, 1ª à 5ª col., p. 3.

<sup>1296</sup> EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS PORTUGUESES. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 16 maio 1907, 4ª col., p. 3.

<sup>1297</sup> EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS PORTUGUESES. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 18 ago. 1907, 2ª col., p. 4.

<sup>1298</sup> EXPOSIÇÃO ARTÍSTICA. No Liceu Literário Português. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 18 ago. 1907, 3ª col., p. 3.

<sup>1299</sup> TELEGRAMAS. Rio de Janeiro – Exposição de Produtos Portugueses. **Correio Paulistano**. São Paulo, 22 mar. 1907, 5ª col., p. 2.

<sup>1300</sup> EXPOSIÇÃO PORTUGUESA. **O Século**. Rio de Janeiro, 21 mar. 1907, 3ª col., p. 1.

<sup>1301</sup> 24 HORAS. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 22 mar. 1907, 1ª col., p. 1.

<sup>1302</sup> EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS PORTUGUESES. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 30 jun. 1907, 2ª col., p. 3.

<sup>1303</sup> EXPOSIÇÃO PERMANENTE PORTUGUESA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 24 mar. 1907, 4ª à 6ª col., p. 2.

<sup>1304</sup> EXPOSIÇÃO PORTUGUESA. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 19-20 mar. 1907, 5ª e 6ª col., p. 1.

<sup>1305</sup> EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE PRODUTOS PORTUGUESES. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 13 dez. 1906, 7ª e 8ª col., p. 1.

<sup>1306</sup> EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS PORTUGUESES. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 20 fev. 1907, 4ª e 5ª col., p. 3.

<sup>1307</sup> EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS PORTUGUESES. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 11 jan. 1907, 4ª e 5ª col., p. 2.

seria depois enviado à Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908 e ainda hoje se encontra em exibição no Palácio do Itamaraty.<sup>1308</sup>



**FIGURA 19** – “Exposição Permanente Portuguesa”, *O Paiz*, 24 de março de 1907.

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

A atuação vigorosa de Felipe de Souza Belfort e as lições aprendidas na Exposição de Arte Portuguesa de 1902 levariam Portugal a ser menos ambicioso desta vez, selecionando itens economicamente mais atrativos e de acordo com as demandas do mercado brasileiro. Embora a iniciativa tenha sido criticada por causa dos baixos preços praticados<sup>1309</sup>, ela parece ter alcançado a sua aspiração inicial de fazer-se contínua: um artigo publicado no *Correio da Manhã*<sup>1310</sup> em julho de 1908 (ou seja, um ano depois) indicava que os participantes portugueses admitidos na Exposição Nacional do Rio de Janeiro deveriam deixar os seus nomes na Exposição Permanente de Produtos Portugueses – ainda em curso no edifício do Liceu Literário Português. Não foram encontradas, entretanto, notícias posteriores que possam sugerir até quando a mostra permanecera vigente. O Estado português não voltaria a implementar empreendimentos como esse ao longo da Primeira República brasileira.

<sup>1308</sup> VER: BARTHOLO, Maria de Lourdes. **A obra artística de El-Rei D. Carlos**. Lisboa, 1963. p. 29.

<sup>1309</sup> EXPOSIÇÃO ARTÍSTICA. No Liceu Literário Português. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 18 ago. 1907, 3ª col., p. 3.

<sup>1310</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 25 jul. 1908, 2ª col., p. 6.

**TABELA 11**  
**Exposição Permanente de Produtos Portugueses (Rio de Janeiro, 1907)**

<b>Artista</b>	<b>Obras expostas no evento (compradores, quando houver)</b>
Adolpho de Souza Rodrigues	<i>Trabalhos do campo e Mulher de Douro</i>
Alfredo José Torquato Pinheiro	<i>Tarde no Corgo, Lavadeira na levada, Tarde de inverno e Santa Clara na vila do Conde</i>
Amélia de Souza	<i>Dor</i>
António Manoel da Saude	<i>Poente, Manhã, Arredores de Santarém e Ao luar</i>
Augusto Bobone (pasteis)	<i>Mulher de Viana do Castelo e Pescador de Nazaré</i>
Augusto Paschoal Corrêa Brandão	<i>Um balcão do Funchal</i> (comprado por António de Magalhães), <i>Cabeça de Velho e Vale das Furnas</i>
Branca de Assis Marques	<i>Amuada e Antes da lição</i>
Carlos Reis	<i>Ao pôr do sol, Na primavera, Paisagem Minhota e Efeito de tarde de agosto</i>
Columbano Bordalo Pinheiro	<i>A luva branca e Frutos de Outono</i>
Constantino Fernandes	<i>O amigo das crianças e A peste expulsa os castelhanos do cerco de Lisboa</i>
David Estrela de Mello	<i>Manhã</i>
Domingos Costa	<i>Uma noite de verão</i>
Eduardo Moura	<i>Véspera de Reis e Interior de um circo</i>
Emília Adelaide dos Santos	<i>Zingara</i>
Ernesto Condeixa	<i>Uma feira, O mercado da praça de Saint Medar em Paris, Cabeça de homem do mar, Rosas e Margens do rio Marne</i>
Esther Machado	<i>Rosas e amores perfeitos</i>
Francisco Romano Esteves	<i>Mendigo, Pescador fumando e Pescador</i>
João Augusto Ribeiro	<i>Estudo e Margens do Douro</i>
João Guilherme Mattoso da Fonseca (pastéis)	<i>Mimi, Ao espelho, Mulher de véu, Chica, L'amour des hommes e Dinah</i> (os dois últimos expostos no Salon parisiense de 1907)
João Vaz	<i>Barcos poveiros, Uma vila do Ribatejo, A freguesia, No descanso e Espinho</i>
Joaquim Luiz Cardoso	<i>Paisagem e Que bela pinga</i> (vendidas ao sr. C. V. Janon)
Joaquim Porphirio	<i>Olaías em flor e O Rio Jamor e Atalho</i> (desenho a carvão)
Jorge Collaço	<i>Carro de bois</i> (quadro a óleo adquirido pelo comendador Álvaro Cordeiro) e as pinturas em azulejo <i>Paisagem</i> (vendida a Joaquim Alves Rodrigues Júnior) e <i>Torres Novas</i> (comprada por César Rabello)

José de Brito	<i>Dia de Páscoa</i> (adquirido pelo visconde e a viscondessa de Vilella) e <i>A vaga</i> ; e <i>Um ribeiro em Santa Marta</i> (aquarela)
José Malhoa	<i>Cavaleiro de São Tiago</i> , <i>As sardinhas</i> e <i>A compra do voto</i>
José Ribeiro Junior	<i>Efeito do mar</i> , <i>Vista da praia de Vila do Conde</i> , <i>O forte</i> , <i>Moinhos de São Silvestre</i> e <i>Uma cigarrada</i>
José Veloso Salgado	<i>Pescador de Leça da Palmeira</i> , <i>Um sonho</i> e <i>Nubil</i>
Júlia Pinto	<i>Rijando</i> , <i>La Bagne Marquise</i> , <i>A avó</i> e <i>Sem cuidados</i>
Laura Sauvignet Bandeira	<i>Os pretendentes</i>
Luciano Freire	<i>Quimera</i> , <i>Açude do Carvalho</i> , <i>Moinho do Carvalho</i> , <i>Noras no Nabão</i> e <i>Glicínias e rosas</i>
Lucília Aranha Grave	<i>Cozinha rústica</i> e <i>Cena campestre</i>
Manuel Henrique Pinto	<i>Na eira</i> , <i>Pfaro novo</i> , <i>Manhã de figos</i> , <i>Queilhão</i> , <i>As amoras</i> , <i>À porta da taberna</i> , <i>Dar de comer aos que têm fome</i> , <i>A ceia dos porcos</i> e <i>Uma boa mãe</i>
Sophia de Souza	<i>Ao sol</i>
Thomaz de Mello Júnior	<i>Pescadores de Cascais</i> e <i>Pescadores da praia Cruz Quebrada</i>
Virgínia Santos Avelar	<i>Um caso complicado</i>

---

## 5.2 O governo brasileiro

A pretensão de divulgar a imagem de um governo verdadeiramente independente, estável e progressista faria com que o Brasil, em esparsos momentos, se esforçasse por dialogar com a nação que um dia o colonizou. Esta espécie de diplomacia-reversa não era aplicada com o objetivo único de melhorar as relações com Portugal, mas intencionava, sobretudo, mostrar aos outros países o nível de adiantamento que a recém-implantada República tinha alcançado. As estratégias incluíam convites exclusivos e acordos estritamente direcionados a Portugal, mas englobavam também atitudes mais sutis, como a compra das obras de arte portuguesas expostas nos trópicos e a concessão de facilidades para a realização dos eventos chegados do além-mar. Mais usual seria a adoção de medidas insignificantes para o tesouro nacional, como a exoneração das taxas alfandegárias cobradas sobre os produtos portugueses desembarcados no Rio de Janeiro. Em menor ou maior instância, tais decisões ajudariam a melhorar os índices de venda das telas dos pintores estrangeiros em visita ao país e deixariam satisfeitos os investidores portugueses.

A solicitação do benefício tributário para fugir às obrigações aduaneiras partiria às vezes dos próprios artistas, como fizera Carlos Reis, que em 1919 conseguiria despacho para suas telas<sup>1311</sup>, na tentativa de minimizar os preços de venda<sup>1312</sup>. Alfredo Roque Gameiro<sup>1313</sup>, em 1920, receberia liberação para o seu lote de 16 caixas contendo aquarelas, vidros e molduras destinados à mostra no Real Gabinete Português de Leitura<sup>1314</sup>. Fausto Gonçalves, no ano de 1926<sup>1315</sup>, adotaria a mesma atitude dos anteriores em ofício enviado diretamente ao ministro da Fazenda brasileiro<sup>1316</sup>. As demandas advinham também de comerciantes, como José dos Santos Libório, que em prol da Exposição de Arte Retrospectiva<sup>1317</sup> de 1912 pediria à direção da ENBA para intermediar seu requerimento de isenção junto ao Governo Federal<sup>1318</sup>; ou de instituições, como o Real Gabinete de Leitura, que em 1909 alegou ser *Descobrimento do Brasil*<sup>1319</sup>, de José Malhoa, uma doação do artista, embora o trabalho tenha sido encomendado.<sup>1320</sup> No último caso, o diretor da Escola Nacional de Belas Artes foi convocado para emitir um parecer técnico sobre o quadro que, cotado como verdadeira obra de arte<sup>1321</sup>, ganharia opinião favorável<sup>1322</sup> e seria exonerado das taxas alfandegárias<sup>1323</sup> quase um ano após o início dos trâmites legais.<sup>1324</sup>

Os esforços do Brasil para tornar pública a sua boa relação com Portugal passariam também por táticas mais consistentes e significativas, como os convites enviados à ex-metrópole para que ela integrasse as Exposições Nacionais de 1908 e 1922. Não por acidente, as datas comemoravam o centenário de dois momentos importantes para a emancipação da ex-colônia, atitude ligada mais a questões ideológicas, simbólicas e representativas do que aos requisitos financeiros tão priorizados pelas iniciativas portuguesas.<sup>1325</sup> À diplomacia brasileira não interessavam os acordos econômicos insistentemente propostos pelos representantes portugueses, mas sim a opinião global que se formava de uma República vigorosa, sólida e

<sup>1311</sup> OS QUADROS DO PINTOR CARLOS REIS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 11 maio 1919, 2ª col., p. 1.

<sup>1312</sup> **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 12 maio 1919, 4ª col., p. 2.

<sup>1313</sup> MINISTÉRIO DA FAZENDA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 22 out. 1920, 3ª col., p. 2.

<sup>1314</sup> ISENÇÕES DE DIREITOS. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 22 out. 1920, 1ª col., p. 2.

<sup>1315</sup> ISENÇÕES DE DIREITOS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 7 out. 1926, 4ª col., p. 4.

<sup>1316</sup> VIDA ADMINISTRATIVA. Ministério da Fazenda. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 8 out. 1926, 4ª col., p. 11.

<sup>1317</sup> ARTES E ARTISTAS. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 10 dez. 1911, 6ª col., p. 6.

<sup>1318</sup> **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 4 jan. 1912, 7ª col., p. 4.

<sup>1319</sup> NOTAS E NOTÍCIAS. **O Commercio de São Paulo**. São Paulo, 30 jan. 1908, 3ª col., p. 2.

<sup>1320</sup> O QUADRO “DESCOBRIMENTO DO BRASIL” DO PINTOR MALHÔA. Isenção de direitos. **O Commercio de São Paulo**. São Paulo, 23 jan. 1909, 1ª col., p. 2.

<sup>1321</sup> **O Paiz**. Rio de Janeiro, 14 fev. 1909, 3ª col., p. 3.

<sup>1322</sup> **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 14 fev. 1909, 6ª col., p. 7.

<sup>1323</sup> **O Paiz**. Rio de Janeiro, 22 jan. 1909, 6ª col., p. 2.

<sup>1324</sup> ALFÂNDEGA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 26 fev. 1909, 1ª col., p. 4.

<sup>1325</sup> CARVALHO, Thiago; MARTINS, Fernando. As relações luso-brasileiras. In: MENESES, Filipe Ribeiro de; OLIVEIRA, Pedro Aires (coord.). **A Primeira República Portuguesa: diplomacia, Guerra e Império**. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2011. p. 185.

robusta, a ponto de poder acolher a nação que um dia a subjugou e, até mesmo, ser solidária às suas necessidades.<sup>1326</sup>

### 5. 2. 1 Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908

As grandes mostras comemorativas de fins do século XIX foram concebidas na Europa como espécies de festividades coletivas que exaltavam a força das nações.<sup>1327</sup> A Exposição Nacional de 1908, um dos mais notáveis eventos promovidos pelo Brasil no século XX e idealizado no molde das Exposições Universais, celebrava o centenário da Abertura dos Portos às Nações Amigas. Este importante passo para a independência do país extinguiu as cláusulas reguladoras do pacto colonial e abriu caminho para outras ações liberalizantes. Cem anos depois, a agora jovem República, que pusera fim ao longo período imperial da Casa de Bragança, solenizava o encerramento definitivo do domínio português. Atento à projeção internacional que o certame alcançaria, enquanto símbolo da exultação do progresso republicano, o Brasil decidiu convidar apenas uma pátria estrangeira para integrar os festejos: Portugal.<sup>1328</sup> Esta hábil jogada diplomática, que na superfície pode parecer contraditória, serviu claramente para reafirmar a pujança brasileira ao comprovar que a nação superara em definitivo os laços coloniais e avançava sozinha rumo à modernidade. Neste ínterim, os jornais cariocas enfatizariam que a iniciativa não deixava de ser nacional devido à presença portuguesa; pelo contrário, tal particularidade só contribuiria “para o grande brilhantismo do nosso importante certame”<sup>1329</sup>. A participação do país-irmão era vista como uma oportunidade de compreender melhor a cultura de além-mar<sup>1330</sup> e, conseqüentemente, a própria realidade brasileira.

A direção da secção portuguesa na Exposição Nacional de 1908 caberia ao Encarregado de Negócios de Portugal, Castro Faria. Enviado ao Rio de Janeiro para acompanhar os preparativos, ele realçou em entrevista a importância dos portugueses para a formação do Brasil e defendeu medidas mais enérgicas no sentido de estreitar os laços comerciais entre os dois lados do Atlântico, como a criação de uma Câmara de Comércio (proposta efetivamente

<sup>1326</sup> CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. A política exterior da República. In: **História da política exterior do Brasil**. Brasília: UNB, 2002. p. 161.

<sup>1327</sup> PEREIRA, José Esteves. Positivismo e República em Portugal e no Brasil. In: MORAIS, Ana Paiva (Org.). **Pensar a República** (1910-2010). Coimbra: Almedina, 2014. p. 68.

<sup>1328</sup> PORTUGAL. Exposição do Rio de Janeiro. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 5 abr. 1908, 4ª col., p. 9.

<sup>1329</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 2 set. 1908, 1ª col., p. 5.

<sup>1330</sup> RIO, João do. O Pavilhão Anexo de Portugal. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 11 ago. 1908, 1ª e 2ª col., p. 1.

concretizada em 1911).<sup>1331</sup> Ademais, uma grande força-tarefa, que reunia embaixadores e defensores dos interesses de estabelecimentos atuantes em Portugal, seria formada com o objetivo de otimizar as oportunidades de inserção no mercado tropical durante o evento.<sup>1332</sup> Os portugueses não poupariam esforços para divulgar seus artefatos e ressaltar as boas condições produtivas de suas indústrias por meio de canais como a revista *Brasil-Portugal*<sup>1333</sup>, que organizara a edição de luxuoso álbum ilustrado contendo anúncios das mercadorias remetidas.

Para além de Faria, porta-voz dos anseios gerais do governo, Jorge Collaço seria eleito<sup>1334</sup> o delegado artístico<sup>1335</sup> e representante oficial dos artistas portugueses<sup>1336</sup> na Exposição Nacional. Responsável pelo arranjo das Belas Artes, realizaria uma criteriosa seleção<sup>1337</sup> dos itens enviados ao seu gabinete após convocações públicas dos interessados, durante as quais ele agradeceu aos que, “compreendendo o alcance que a exposição do Rio de Janeiro pode ter no nosso futuro artístico, concorrem a ela com a melhor das suas obras e cheios de esperança”<sup>1338</sup>. Para abrilhantar a participação portuguesa, Collaço encomendaria o retrato do rei d. Manuel a Columbano; do príncipe Luiz Felipe a Malhoa; e a pintura de *Uma aldeia minhota* a João Vaz.<sup>1339</sup> A este último delegaria ainda a responsabilidade de restaurar as antigas telas *Vasco da Gama*, *A pesca em Olhão*, *Um barco de pesca no Barreiro* e *Região vinhateira do Douro*.<sup>1340</sup> Do outro lado do oceano, a imprensa carioca<sup>1341</sup> aplaudia a dedicação daquele pintor de azulejos e diretor da Sociedade Nacional de Belas Artes, que também convidara seus monarcas para remeterem trabalhos à mostra brasileira, chamado prontamente aceito.<sup>1342</sup>

Para acompanhar de perto a organização da Exposição Nacional, Jorge Collaço partiria rumo ao Rio de Janeiro em maio de 1908. Viajava acompanhado da esposa, Branca de Gontha Collaço (filha do poeta e diplomata Thomaz Ribeiro), e dos quadros de Veloso Salgado (*Vasco*

<sup>1331</sup> PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO DE 1908. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 6 nov. 1907, 1ª à 4ª col., p. 1.

<sup>1332</sup> EXPOSIÇÃO PORTUGUESA NO RIO DE JANEIRO. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 18 jun. 1908, 3ª e 4ª col., p. 7.

<sup>1333</sup> PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 24 jul. 1908, 7ª col., p. 4.

<sup>1334</sup> VICTOR, Jayme. A seção de Belas Artes na Exposição Portuguesa do Rio de Janeiro. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 30 jan. 1908, 1ª col., p. 10.

<sup>1335</sup> VÁRIAS NOTÍCIAS. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 26 nov. 1907, 5ª col., p. 3.

<sup>1336</sup> VICTOR, Jayme. Portugal. Lisboa, 20 de abril de 1908. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 7 maio 1908, 4ª col., p. 12.

<sup>1337</sup> Foram aceitos de imediato os trabalhos premiados com a primeira ou a segunda medalha na Sociedade Nacional de Belas Artes. Os demais ficavam sujeitos à avaliação de um júri formado por Constantino Sobral Fernandes, Francisco Carlos Parente e José Veloso Salgado (eleitos pelos próprios artistas concorrentes); além de José Simões de Almeida, diretor da Escola de Belas Artes, e do próprio Jorge Collaço (nomeados pelo governo).

<sup>1338</sup> CARTA DE PORTUGAL. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 17 abr. 1908, 6ª col., p. 4.

<sup>1339</sup> NOTAS. **Correio Paulistano**. São Paulo, 1º abr. 1908, 5ª col., p. 1.

<sup>1340</sup> CARTA DE PORTUGAL. Lisboa, 15 de março. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 1º abr. 1908, 4ª col., p. 4.

<sup>1341</sup> OS NOSSOS TELEGRAMAS. **Correio Paulistano**. São Paulo, 7 set. 1907, 5ª col., p. 1.

<sup>1342</sup> TELEGRAMAS. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 10-11 out. 1907, 1ª col., p. 1.



da Gama lendo uma carta de d. Manuel, retratos de D. Amélia<sup>1343</sup> e do rei D. Carlos<sup>1344</sup>) emprestados por repartições públicas de Portugal.<sup>1345</sup> Sabedor da importância de firmar um bom relacionamento com a imprensa para garantir o sucesso da participação portuguesa, logo procuraria as redações dos jornais locais.<sup>1346</sup> Em sua homenagem, *O Paiz*<sup>1347</sup> divulgaria uma caricatura que o descrevia como “um dos mais brilhantes pintores da atual geração portuguesa”<sup>1348</sup>, enquanto o *Jornal do Brasil* corroborava seu talento de artista ao citar as diversas premiações recebidas no *Salon* e nas mostras lisboetas.<sup>1349</sup>

A enorme quantidade de objetos artísticos enviados à Exposição Nacional e a considerável importância econômica do certame para os cofres de Portugal estimulariam a produção de dois tomos propagandísticos assinados por nomes como Ramalho Ortigão e Joaquim de Vasconcelos.<sup>1350</sup> O governo português mandaria imprimir 40 mil exemplares para serem distribuídos à entrada do seu Pavilhão.<sup>1351</sup> O primeiro volume trazia um estudo crítico de José Figueiredo intitulado *Algumas palavras sobre a evolução da arte em Portugal* e escrito especialmente para a ocasião. O historiador, qualificado por Luiz da Câmara Reis como um dos “mais competentes e mais escutados”<sup>1352</sup> da época, analisara o progresso da arte portuguesa de fins do século XVI ao início do XIX, ressaltando o nacionalismo das produções modernas e a estabilidade da duradoura linguagem naturalista. O outro livro trazia a relação dos trabalhos artísticos remetidos ao Brasil, com seus respectivos autores, as premiações e feitos alcançados ao longo das suas carreiras.

Se a presença portuguesa na Exposição Nacional era uma tentativa de comprovar o adiantamento político, moral e econômico da jovem República, o Governo Federal brasileiro mandaria construir, às suas custas, uma rica estrutura para abrigar os artigos portugueses. O Pavilhão Manuelino<sup>1353</sup>, assim chamado em conformidade com o estilo arquitetônico empregado ali, projetado por Isidoro Monteiro e erigido pela Inspeção Geral de Obras Públicas

<sup>1343</sup> CARTA DE PORTUGAL. Lisboa, 5 de abril. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 22 abr. 1908, 1ª col., p. 5.

<sup>1344</sup> DIÁRIO DO RIO. Arte. *Correio Paulistano*. São Paulo, 6 abr. 1908, 3ª col., p. 1.

<sup>1345</sup> CARTA DE PORTUGAL. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 6 maio 1908, 1ª col., p. 4.

<sup>1346</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21 maio 1908, 2ª col., p. 2.

<sup>1347</sup> JORGE COLLAÇO. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 17 maio 1908, 3ª à 5ª col., p. 1.

<sup>1348</sup> JORGE COLLAÇO. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 18 maio 1908, 3ª e 4ª col., p. 1.

<sup>1349</sup> JORGE COLLAÇO. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 18 maio 1908, 6ª e 7ª col., p. 3.

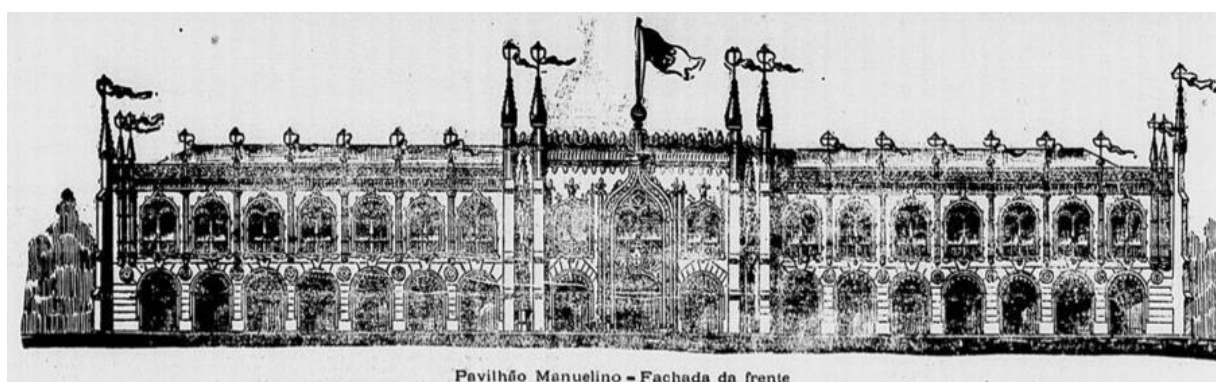
<sup>1350</sup> NOTAS. *Correio Paulistano*. São Paulo, 18 fev. 1908, 5ª col., p. 1.

<sup>1351</sup> PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 26 jul. 1908, p. 2.

<sup>1352</sup> REYS, Luiz da Câmara. Evolução da arte em Portugal. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 24 out. 1908, 7ª col., p. 1.

<sup>1353</sup> *O Paiz* divulgaria uma pormenorizada descrição do arranjo deste edifício monumental oferecido pelo Brasil à nação irmã e estampava sua fotografia. EXPOSIÇÃO NACIONAL. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 10 jul. 1908, p. 3.

do Brasil<sup>1354</sup>, se impunha no panorama carioca pela extensa fachada<sup>1355</sup> e uma beleza que motivaria acaloradas defesas contra a sua demolição após o fim das celebrações.<sup>1356</sup> Em resumo, o pavimento térreo da edificação era destinado aos artigos de agricultura (secção dirigida por Felipe Belfort) e mineralogia; enquanto o segundo andar ficaria a cargo dos 344 expositores de mercadorias industriais (coordenados por Thomaz Bordalo Pinheiro).<sup>1357</sup> Já a decoração interna seria cuidadosamente arranjada pela comissão organizadora, que mandou trazer de Portugal imagens, frisos e móveis alusivos à pátria.<sup>1358</sup>



**FIGURA 20** – “Pavilhão Manuelino-Fachada da frente”, *Correio da Manhã*, 26 de julho de 1908.

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

Apesar do empenho da oficialidade brasileira para acolher da melhor maneira possível o seu ilustre convidado e do esforço de Collaço para montar com graciosidade o local gentilmente disponibilizado, aquele galpão acabou por tornar-se pequeno demais frente à avultada quantidade de produtos chegados semanalmente aos portos cariocas. Para acomodar o excedente, Portugal decidiu erigir, com recursos próprios, um bloco conjunto ao seu Pavilhão principal: o chamado Pavilhão Anexo das Belas Artes seria dedicado exclusivamente às expressões artísticas.<sup>1359</sup> Delineada em estilo mais moderno do que o seu par e com a significativa área de 1.200 metros quadrados, a estrutura teve de ganhar simplificações muito criticadas à época por causa do orçamento limitado. “Diziam que aquele caixão acaçapado, desgracioso, sem originalidade de linhas, sem estilo arquitetônico, sem proporções, mais parecia uma cocheira do que um pavilhão construído”<sup>1360</sup> pelo único país que teve a honra de figurar na Exposição Nacional. Concebido pelo engenheiro alemão residente no Brasil, Tomas

<sup>1354</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 4 jul. 1908, p. 3.

<sup>1355</sup> PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 26 jul. 1908, p. 2.

<sup>1356</sup> A EXPOSIÇÃO DEPOIS DE ENCERRADA. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 9 jul. 1908, p. 4.

<sup>1357</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 10 ago. 1908, 4ª e 5ª col., p. 2.

<sup>1358</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 9 ago. 1908, 1ª e 2ª col., p. 2.

<sup>1359</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 15 abr. 1908, 1ª col., p. 3.

<sup>1360</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 12 ago. 1908, 2ª e 3ª col., p. 2.

Georg Driendl, o edifício constava de uma básica armação em madeira envolta por paredes lisas.<sup>1361</sup> Para tornar o ambiente funcional e fornecer luz adequada às telas ali exibidas foram abertas uma claraboia de vidro que cobria o teto e grandes janelas que circundavam as paredes.



**FIGURA 21** – “Na Exposição Nacional – o Pavilhão Portuguez das Bellas Artes”, *Revista da Semana*, 30 de agosto de 1908.

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

De modo a forjar uma contrapartida com o exterior simplista e atenuar a má impressão que sua austeridade causara no público, o Anexo ganhou requintada decoração interna coordenada por Jorge Collaço. Ele mesmo produziria quatro *panneaux* para a sala de entrada, os quais seriam acompanhados por frisos de Henrique do Amaral.<sup>1362</sup> Já o desenho do mobiliário e as pinturas murais ficariam sob a responsabilidade de João Vaz<sup>1363</sup>, enquanto a disposição das telas no recinto seria delegada a António Pinto, decorador do Museu de Artilharia de Lisboa. O habilidoso trabalho conjunto acabaria por tornar a visita ao Pavilhão das Belas Artes mais agradável do que poderiam supor os observadores de sua fachada<sup>1364</sup>, ideia confirmada pelos jornais:

É interessante a impressão que experimenta o visitante, ao entrar no salão nobre no pavilhão de arte portuguesa. É amplo, cheio de luz, de um pé direito que surpreende e que o aspecto externo não faz prever, decorado com um gosto, com um caráter, com uma severidade, que assombra e que nos predispõe imediatamente o espírito para apreciar detidamente as admiráveis obras de arte que Portugal nos manda e que são um atestado insofismável e consolador do gênio desse povo, capaz de todas as manifestações, cujas qualidades o Brasil herdou em tal dose, que, de todas as nações americanas, é a que mais se salienta pela cultura literária e artística.<sup>1365</sup>

<sup>1361</sup> 1808-1908. EXPOSIÇÃO NACIONAL. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 11 jun. 1908, 7ª col., p. 3 e 1ª col., p. 4.

<sup>1362</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 26 jul. 1908, 1ª col., p. 9.

<sup>1363</sup> PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO. *A Imprensa*. Rio de Janeiro, 11 ago. 1908, p. 2 e 3.

<sup>1364</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 14 ago. 1908, 2ª col., p. 5.

<sup>1365</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 12 ago. 1908, 2ª e 3ª col., p. 2.

Prevista para vigorar entre 15 de junho e 7 de setembro de 1908<sup>1366</sup>, a Exposição Nacional seria inaugurada apenas a 11 de agosto e, mesmo assim, com alguns edifícios não concluídos.<sup>1367</sup> É o caso do próprio Pavilhão Manuelino<sup>1368</sup>, inspecionado ainda em obras pelo presidente da República<sup>1369</sup> e o Marechal Hermes da Fonseca<sup>1370</sup>. Já o Pavilhão Anexo das Belas Artes ficaria pronto a tempo.<sup>1371</sup> O seu *vernissage* do dia 10 de agosto reuniria “representantes da imprensa, homens de letras, engenheiros, diretores técnicos e outras pessoas distintas da nossa sociedade”<sup>1372</sup>, além dos oficiais do cruzador Rainha D. Amélia<sup>1373</sup>, de Angelo Agostini (único preposto da classe artística brasileira)<sup>1374</sup> e do chefe de Estado<sup>1375</sup>, que demorou um bom tempo na contemplação dos exemplares.<sup>1376</sup> Affonso Penna chegaria a enviar, no dia seguinte, um amável telégrafo que felicitava o rei d. Manuel pela participação no certame<sup>1377</sup>:

Rio de Janeiro. – Com o maior interesse visitei ontem a Exposição de Portugal e tive ocasião de admirar, não só as belas produções da arte e da indústria portuguesa ali reunidas, mas também o garbo militar dos oficiais e marinheiros do cruzador D. Amélia, postados junto ao Pavilhão das Artes. Envio a Vossa Majestade as minhas mais cordiais felicitações pelo brilho da Exposição Portuguesa. Os oradores oficiais, no ato da inauguração da nossa Exposição Nacional, fizeram as respeitadas referências devidas ao Augusto Pai de Vossa Majestade, de quem todos nos lembramos com vivo sentimento.<sup>1378</sup>

Aliás, o rei D. Carlos foi lembrado pelos periódicos brasileiros de forma discreta e sutil, visto a complexidade das circunstâncias de seu recente assassinato. O monarca deveria ter visitado o Brasil para acompanhar a Exposição Nacional e seria o primeiro chefe de Estado português a pisar ali após a Independência, em viagem diplomática cuidadosamente arranjada por Camello Lampreia e o barão do Rio Branco.<sup>1379</sup> *O Paiz*<sup>1380</sup> salientou a importância de se fazer justiça à veia artística daquele homem e apagar de vez as dúvidas suscitadas pela qualidade de suas telas, bucólicos flagrantes da vida rural portuguesa e dos pitorescos costumes

<sup>1366</sup> ALMEIDA, Miguel Calmon du Pin. Exposição de 1908. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 17-18 jul. 1907, 1ª à 3ª col., p. 3.

<sup>1367</sup> A EXPOSIÇÃO NACIONAL. O dia da abertura. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 12 ago. 1908, 6ª col., p. 1.

<sup>1368</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 10 ago. 1908, 4ª e 5ª col., p. 2.

<sup>1369</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 24 jul. 1908, p. 5.

<sup>1370</sup> HOMENAGEM AO MARECHAL HERMES. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 7 ago. 1908, 1ª e 2ª col., p. 2.

<sup>1371</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL. **Correio Paulistano**. São Paulo, 12 ago. 1908, 7ª col., p. 2.

<sup>1372</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 11 ago. 1908, 6ª e 7ª col., p. 1.

<sup>1373</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL. **Correio Paulistano**. São Paulo, 11 ago. 1908, 1ª col., p. 2.

<sup>1374</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 12 ago. 1908, p. 6.

<sup>1375</sup> A EXPOSIÇÃO NACIONAL. **O Século**. Rio de Janeiro, 12 ago. 1908, 4ª col., p. 2.

<sup>1376</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL. **Correio Paulistano**. São Paulo, 18 ago. 1908, 5ª e 6ª col., p. 2 e 1ª à 3ª col., p. 3.

<sup>1377</sup> TELEGRAMAS. Lisboa, 14. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 15 ago. 1908, 5ª col., p. 5.

<sup>1378</sup> A EXPOSIÇÃO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 13 ago. 1908, 1ª col., p. 1. / E / A EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 3 set. 1908, 7ª col., p. 3.

<sup>1379</sup> ALMEIDA, Filinto de. Dois reis de Portugal. **A Noite**. Rio de Janeiro, 19 maio 1919, 3ª col., p. 2.

<sup>1380</sup> A SOBERANIA EM AÇÃO. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 27 ago. 1908, 2ª e 3ª col., p. 2.

regionais.<sup>1381</sup> Já a rainha d. Amélia seria elogiada pela generosidade de ter concorrido à mostra em momento pessoal tão delicado, com obras que exibiam boa técnica e colorido acertado.<sup>1382</sup> Por fim, a efígie do recentemente empossado d. Manuel II<sup>1383</sup>, pintada às pressas<sup>1384</sup>, levaria Manoel de Souza Pinto a dizer que se “este rei, certamente vos interessaria por si, interessar-vos-á duplamente pelo retrato que Columbano lhe fez”<sup>1385</sup>.

O amplo salão de honra do Pavilhão Anexo exibiria, portanto, os retratos da família real desenhados por Veloso Salgado; o *Retrato de Sua Majestade El-Rei D. Carlos I, seguido do seu estado-maior*, de autoria de Carlos Reis; além do príncipe d. Luiz Felipe e do rei d. Manuel II pintados por Columbano.<sup>1386</sup> Foi também disposto ali um pastel assinado pelo próprio Carlos I, *Sobreiro* (ou *Paisagem alentejana*), além de diversos trabalhos científicos do finado monarca. A rainha d. Amélia participava com algumas aquarelas e um pequeno quadro campestre (*Carro de bois*), os quais ela fez questão de enviar como manifestação da sua estima pelo Brasil e pela colônia de imigrantes instalada ali. Frente ao exemplo de superação português, alguns jornalistas<sup>1387</sup> aproveitariam para questionar a falha imperdoável do governo brasileiro de não possuir um local dedicado às suas próprias Belas Artes na Exposição Nacional.<sup>1388</sup>

Apontado pela crítica como uma excelente oportunidade de conhecer o Portugal moderno<sup>1389</sup>, o Pavilhão Anexo das Belas Artes abrigaria ao todo 291 obras de arte<sup>1390</sup> (mais da metade de pinturas a óleo<sup>1391</sup>). Para além dos luxuosos bailes<sup>1392</sup> que receberam ali o presidente da República e importantes membros do cenário luso-brasileiro (como Julião Machado, Graça Aranha e Filinto de Almeida<sup>1393</sup>), o espaço acolheria ainda “trabalhos altamente reveladores da exuberância e da intensidade da cultura artística daquele povo, formando um conjunto

<sup>1381</sup> Com o falecimento do soberano, Jorge Collaço, Antônio Palhares e Roiz Torralba organizaram o volume intitulado “S. M. El-Rei D. Carlos e a sua obra artística e científica”, uma homenagem “luxuosamente impressa e ilustrada com a reprodução em fotogravura de inúmeros quadros do saudoso monarca português”. VER: EXPOSIÇÃO NACIONAL. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 26 ago. 1908, 2ª col., p. 2.

<sup>1382</sup> ECOS & FATOS. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 9 dez. 1908, 5ª col., p. 1.

<sup>1383</sup> A obra foi posteriormente doada à Sociedade Portuguesa de Beneficência pelo governo de Portugal. VER: SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICÊNCIA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 1º maio 1909, 3ª e 4ª col., p. 6.

<sup>1384</sup> REGISTRO DE ARTE. **Correio Paulistano**. São Paulo, 1º nov. 1908, 3ª e 4ª col., p. 2.

<sup>1385</sup> PINTO, Manoel de Souza. O retrato de El-Rei. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 6 jun. 1908, 1ª e 2ª col., p. 1.

<sup>1386</sup> NA EXPOSIÇÃO NACIONAL. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 30 ago. 1908, Ano XI, n. 433, p. 4.

<sup>1387</sup> REGISTRO DE ARTE. **Correio Paulistano**. São Paulo, 30 ago. 1908, 1ª à 3ª col., p. 3.

<sup>1388</sup> DE ARTE II. Exposição Nacional. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 9 ago. 1908,

<sup>1389</sup> REGISTRO DE ARTE. **Correio Paulistano**. São Paulo, 1º nov. 1908, 3ª e 4ª col., p. 2.

<sup>1390</sup> Numeradas pelo Catálogo da Seção Portuguesa de Belas Artes da Exposição Nacional no Rio de Janeiro - 1908, disponível para consulta na Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa, Portugal).

<sup>1391</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 16 ago. 1908, 8ª col., p. 9.

<sup>1392</sup> A EXPOSIÇÃO. O baile de ontem. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 10 set. 1908, 1ª e 2ª col., p. 3.

<sup>1393</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 10 set. 1908, 1ª à 3ª col., p. 3.

encantador”<sup>1394</sup> que mereceu o aplauso de Paulo Barreto<sup>1395</sup>. Mais conhecido como João do Rio<sup>1396</sup>, o literato notou que a arte portuguesa passava por certo renascimento: “após um período de estagnação, soube aprender fora para se revelar agora admirável e profundamente nacional”<sup>1397</sup>. A modernidade naturalista podia ser então notada nos azulejos de Jorge Colaço, nas aquarelas de Roque Gameiro e nas esculturas de Costa Motta Sobrinho, Teixeira Lopes e da Duquesa de Palmella<sup>1398</sup>.



**FIGURA 22** – “A arte portuguesa na exposição”, *Gazeta de Notícias*, 16 de agosto de 1908.<sup>1399</sup>

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

<sup>1394</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 11 ago. 1908, 4ª col., p. 1.

<sup>1395</sup> RIO, João do. A Exposição antes da abertura. **Correio Paulistano**. São Paulo, 9 ago. 1908, 1ª col., p. 1.

<sup>1396</sup> RIO, João do. O Pavilhão Anexo de Portugal. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 11 ago. 1908, 1ª e 2ª col., p. 1.

<sup>1397</sup> RIO, João do. O Pavilhão Anexo de Portugal na Exposição Nacional. **Correio Paulistano**. São Paulo, 18 ago. 1908, 1ª e 2ª col., p. 1.

<sup>1398</sup> A ARTE PORTUGUESA NA EXPOSIÇÃO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 26 jul. 1908, p. 4.

<sup>1399</sup> De cima para baixo, da esquerda para a direita, são impressas fotografias dos seguintes quadros: Sua Majestade El-Rei D. Carlos I, *Paisagem alentejana*; Sua Majestade a Rainha Senhora D. Maria Amélia, *Um carro de bois*; José de Almeida e Silva, *A apanha do folhado*; José Malhoa, *Os bêbados*; Columbano Bordalo Pinheiro, *Retrato do Ator João Rosa*; e Carlos Reis, *Retrato de Sua Majestade El-Rei D. Carlos I, seguido do seu estado-maior*.

As salas do Pavilhão Anexo das Belas Artes exibiriam ainda os trabalhos artísticos dos alunos da Escola Industrial Affonso Domingues, dirigida pelo pintor João Vaz.<sup>1400</sup> Este, por sua vez, ostentaria algumas típicas cenas regionais (*As margens do Sado, Margem do Nabão, No Sado, Esperando maré, Vila Nova de Cerveira, Paisagem alentejana, Um canto do Tejo e Um dia de novembro*) e cerca de 600 metros de frisos decorativos.<sup>1401</sup> Columbano enviaria as telas *Outono, Almoço, Interior de cozinha, Retrato do ator João Rosa e Retrato do ator Valle*; enquanto Veloso Salgado mostrava um conjunto de retratos. Figurariam ali também nomes conhecidos do público carioca, como José Júlio de Souza Pinto, e outros ignorados, como o do animalista José Moura Gyrão (participante com cinco óleos e sete aquarelas, destacando-se *Um valente, Mãe e filho, De manhã e Ao pôr do sol*).<sup>1402</sup> José Malhoa<sup>1403</sup>, carinhosamente lembrado pela recente mostra no Real Gabinete Português de Leitura de 1906, seria novamente exaltado na imprensa por sua fidelidade às tipicidades pátrias<sup>1404</sup> externadas em: *Ilha dos Amores, A procissão, O barbeiro na aldeia, Bêbados*<sup>1405</sup>, *Cavaleiro de Santiago, As sardinhas, Pedro Alvares Cabral descobrindo o Brasil e Compra do Voto*.

O Pavilhão Anexo acabaria por exceder as expectativas e conquistaria no evento carioca “um posto de inconfundível destaque, tornando-se o ponto de convergência de todas as admirações do nosso mundo culto”<sup>1406</sup>. Em meio a este inesperado sucesso, crescia a ansiedade do público pela inauguração do Pavilhão Manuelino, o que ocorrera a 1º de setembro de 1908<sup>1407</sup>. O local seria visitado pelo presidente Affonso Penna, elementos do governo<sup>1408</sup>, personalidades da colônia portuguesa, da imprensa<sup>1409</sup> e inúmeros curiosos – “uma verdadeira invasão. Foi necessário regular a concorrência para evitar atropelos, que se dariam sem essa medida”<sup>1410</sup>. Durante a solenidade<sup>1411</sup>, o conde de Selir<sup>1412</sup>, ministro de Portugal, agradeceria diretamente o chefe de Estado brasileiro pela oportunidade concedida ao seu país.<sup>1413</sup> Aquele galpão abrigava produtos típicos e “indústrias que apresentam um desenvolvimento

<sup>1400</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 11 maio 1908, 7ª col., p. 3.

<sup>1401</sup> PORTUGAL. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 20 maio 1908, 2ª col., p. 3.

<sup>1402</sup> PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 11 ago. 1908, p. 2 e 3.

<sup>1403</sup> A ARTE PORTUGUESA NA EXPOSIÇÃO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 16 ago. 1908, p. 3.

<sup>1404</sup> REGISTRO DE ARTE. **Correio Paulistano**. São Paulo, 30 ago. 1908, 1ª à 3ª col., p. 3.

<sup>1405</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 11 ago. 1908, 4ª col., p. 1.

<sup>1406</sup> **O Paiz**. Rio de Janeiro, 21 nov. 1908, 3ª col., p. 2.

<sup>1407</sup> **O Século**. Rio de Janeiro, 1º set. 1908, 3ª col., p. 1.

<sup>1408</sup> A EXPOSIÇÃO NACIONAL. **O Século**. Rio de Janeiro, 31 ago. 1908, 4ª col., p. 2.

<sup>1409</sup> A EXPOSIÇÃO. Palácio Manuelino. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 27 ago. 1908, 3ª col., p. 3.

<sup>1410</sup> A EXPOSIÇÃO. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 2 set. 1908, 1ª e 2ª col., p. 3.

<sup>1411</sup> A EXPOSIÇÃO NACIONAL. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 2 set. 1908, 5ª col., p. 2.

<sup>1412</sup> ÚLTIMA HORA. Rio, Exposição Nacional. **Correio Paulistano**. São Paulo, 2 set. 1908, 1ª col., p. 3.

<sup>1413</sup> INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO PORTUGUESA. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 31 ago. 1908, 4ª col., p. 1.

espantoso”<sup>1414</sup>, como cerâmicas, ourivesarias, louças, vidros, tecidos, azeites, cortiças, conservas e vinhos.<sup>1415</sup> Os críticos salientavam o bom gosto da decoração interna e a disposição dos objetos, que permitiam sentir o “grau de adiantamento do país irmão”<sup>1416</sup>. A opinião geral era de que a mostra portuguesa deveria ser observada com vagar para que o visitante pudesse “calcular o valor comercial, industrial, artístico e intelectual”<sup>1417</sup> dos artigos.

O regulamento da Exposição Nacional determinava que os itens portugueses não poderiam concorrer aos prêmios conferidos pelo júri do evento e as gratificações financeiras ficariam restritas aos participantes brasileiros. A imprensa logo clamaria pela mudança da incômoda situação, justificando que a concessão de lauréis poderia contribuir para a maior fraternidade entre os países.<sup>1418</sup> Neste ínterim, o *Jornal do Brasil* lançaria o seu “Concurso Original”, cujo objetivo era “apurar o valor e a importância de todos os produtos expostos no grande certame da praia da Saudade”<sup>1419</sup>. Os leitores deveriam eleger o artigo que mais lhes agradasse e enviar seus votos por carta para a redação do periódico. Os resultados publicados em edições sucessivas indicariam (TAB. 12), entre marcas brasileiras e portuguesas de vinhos, azeites, artefatos industriais e agrícolas, os nomes de José Malhoa, Carlos Reis e Veloso Salgado. Os dígitos finais apontaram o “Café Ideal” como o melhor produto da mostra, mas os quadros de Malhoa iriam ocupar a surpreendente 38ª colocação geral do torneio extraoficial.

**TABELA 12**  
**Votação para o “Concurso Original” do *Jornal do Brasil* (1908)**

<b>Dia da apuração</b>	<b>José Malhoa</b>	<b>Carlos Reis</b>	<b>Veloso Salgado</b>
14 de outubro <sup>1420</sup>	13 votos	5 votos	...
18 de outubro <sup>1421</sup>	15 votos	5 votos	...
23 de outubro <sup>1422</sup>	33 votos	5 votos	...
24 de outubro <sup>1423</sup>	37 votos	5 votos	...
30 de outubro <sup>1424</sup>	81 votos	8 votos	...
1º de novembro <sup>1425</sup>	85 votos	9 votos	...
6 de novembro <sup>1426</sup>	106 votos	9 votos	11 votos
15 de novembro <sup>1427</sup>	143 votos	9 votos	11 votos

<sup>1414</sup> A EXPOSIÇÃO. Pavilhão Português. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 1º set. 1908, 1ª col., p. 3.

<sup>1415</sup> A EXPOSIÇÃO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 1º set. 1908, 1ª e 2ª col., p. 2.

<sup>1416</sup> A EXPOSIÇÃO NACIONAL. **O Século**. Rio de Janeiro, 2 set. 1908, 1ª col., p. 2.

<sup>1417</sup> A EXPOSIÇÃO NACIONAL. **O Século**. Rio de Janeiro, 1º set. 1908, 3ª e 4ª col., p. 2.

<sup>1418</sup> A EXPOSIÇÃO PORTUGUESA. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 17 out. 1908, 2ª e 3ª col., p. 3.

<sup>1419</sup> UM CONCURSO ORIGINAL. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 15 out. 1908, 3ª à 6ª col., p. 3.

<sup>1420</sup> UM CONCURSO ORIGINAL. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 15 out. 1908, 3ª à 6ª col., p. 3.

<sup>1421</sup> UM CONCURSO ORIGINAL. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 19 out. 1908, 3ª à 7ª col., p. 6.

<sup>1422</sup> UM CONCURSO ORIGINAL. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 24 out. 1908, 5ª e 6ª col., p. 5.

<sup>1423</sup> UM CONCURSO ORIGINAL. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 25 out. 1908, 5ª e 6ª col., p. 5.

<sup>1424</sup> UM CONCURSO ORIGINAL. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 31 out. 1908, 3ª à 5ª col., p. 6.

<sup>1425</sup> UM CONCURSO ORIGINAL. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 2 nov. 1908, 1ª à 5ª col., p. 4.

<sup>1426</sup> UM CONCURSO ORIGINAL. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 7 nov. 1908, 6ª à 8ª col., p. 5.

<sup>1427</sup> UM CONCURSO ORIGINAL. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 17 nov. 1908, 3ª e 4ª col., p. 5.



Apesar do grande sucesso de crítica que a participação portuguesa conquistaria ao longo da Exposição Nacional de 1908, o comércio dos seus artigos não parece ter seguido um caminho frutuoso. Buscando minimizar possíveis prejuízos, a comissão pátria organizaria, a 21 de novembro, um leilão dos mais de duzentos itens artísticos exibidos nos seus Pavilhões. O evento teria lugar no próprio Anexo das Belas Artes e seria acompanhado por “bom número de cavalheiros da nossa melhor sociedade, desejosos de adquirir verdadeiras e primorosas obras de arte”<sup>1428</sup>. Embora os periódicos afirmassem que nenhum daqueles quadros deveria voltar para a Europa<sup>1429</sup>, a *Gazeta de Notícias* relatava que as vendas, iniciadas pel’*A apanha do folhado* (José de Almeida e Silva), evidenciariam “logo a pouca animação dos concorrentes”<sup>1430</sup>. As telas, inflacionadas pelos elevados impostos cobrados por sua entrada e permanência no Brasil, atingiriam lances muito baixos. A liquidação seria logo encerrada por escassez de compradores, enquanto Jorge Collaço anunciava que avaliaria as vantagens de um novo leilão ou da remessa definitiva das obras para Portugal.

Collaço embarcaria com destino à Europa no dia 16 de dezembro<sup>1431</sup> após reunir uma legião de amigos no Brasil<sup>1432</sup>. A comissão portuguesa formada por João Chaves, Léo d’Affonseca, Julião Machado, Thedim Lobo, o comendador Costa Pereira, o barão Peres da Silva e Júlio Barbosa<sup>1433</sup> ofereceria um jantar íntimo em homenagem aos seus esforços<sup>1434</sup>. Já em Portugal, Jorge Collaço seria recebido com duras críticas sobre o relativo insucesso financeiro da participação portuguesa na Exposição Nacional. Sua resposta a estas censuras viria publicada n’*O Século*<sup>1435</sup>, em texto que confirmava a falha da meta econômica inicialmente pretendida pela seção portuguesa; mas notava também que tal infelicidade deveu-se ao facto de Portugal ter ignorado por décadas a nação com a qual deveria estar intimamente ligado, enquanto outros países europeus disputavam diversos setores do mercado brasileiro: os produtos enviados à ex-colônia jamais alcançariam o esperado triunfo simplesmente “por terem sido feitos na absoluta ignorância das necessidades práticas do meio”<sup>1436</sup>.

<sup>1428</sup> ARTE PORTUGUESA. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 22 nov. 1908, 1ª e 2ª col., p. 4.

<sup>1429</sup> *O Paiz*. Rio de Janeiro, 21 nov. 1908, 3ª col., p. 2.

<sup>1430</sup> ECOS DA EXPOSIÇÃO. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 nov. 1908, 1ª col., p. 6.

<sup>1431</sup> *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 dez. 1908, 4ª col., p. 3.

<sup>1432</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 16 dez. 1908, 1ª col., p. 2.

<sup>1433</sup> VIAJANTES. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 16 dez. 1908, 4ª col., p. 3.

<sup>1434</sup> JORGE COLLAÇO. *O Século*. Rio de Janeiro, 16 dez. 1908, 5ª col., p. 3.

<sup>1435</sup> A EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 27 jan. 1909, 5ª col., p. 11.

<sup>1436</sup> A EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 27 jan. 1909, 5ª col., p. 11.

Esta mesma justificativa seria utilizada pelo Visconde de Salgado<sup>1437</sup> na sua réplica ao artigo intitulado “Triste destino – A Exposição do Rio de Janeiro falhou por completo”. O Cônsul Geral, nomeado presidente da comissão organizadora da seção portuguesa no evento brasileiro, afirmava que os produtos não foram vendidos por causa dos altos valores a eles atribuídos, malgrado outras nações disponibilizassem no mercado carioca itens de qualidade superior a preços bem mais acessíveis. Concluía com a certeza de que qualquer comitê representativo de Portugal teria obtido o mesmo resultado, já que a solução só viria com a adoção, a longo prazo, de uma política econômica mais inteligente. Moraes de Carvalho<sup>1438</sup>, em sua análise da piora no índice das importações de artigos portugueses pelo Brasil, verificou que a queda de aproximadamente 18% para 5% em dez anos não era devida apenas à concorrência com outros países ou às altas tarifas alfandegárias, mas, principalmente, a falhas observadas dentro da própria gestão portuguesa – como a ausência de maior planejamento na distribuição de mercadorias e o desinteresse para com o comércio de exportação:

Não basta receber de Portugal um produto, fazer-lhe propaganda e vendê-lo. É necessário que ele venha sempre em condições de levantar a dignidade do comércio português. [...] Eu sou de opinião que os mercados brasileiros dariam sempre preferência às mercadorias portuguesas, quando elas lhe aparecessem em condições iguais às que os outros países exportam.<sup>1439</sup>

Um ano após o encerramento da Exposição Nacional, exatamente em outubro de 1909, o Visconde de Salgado continuaria a buscar saídas viáveis para as peças portuguesas que permaneciam no Brasil e solicitaria novo leilão de todas as mercadorias que se encontravam ociosas nos armazéns do Distrito Federal.<sup>1440</sup> Não há notícias posteriores sobre a venda, mas é possível considerar que a mostra de 1908 gerou efeitos positivos para todos, independente dos seus resultados comerciais. Portugal seria visto em seu esplendor pela sociedade brasileira, provocando trocas de olhares, projetos e opiniões que certamente construiriam outro trecho da ponte simbólica conectora dos dois lados do Atlântico. Por outro lado, o esforço do Brasil de trazer para a sua celebração centenária a nação que um dia o explorara ajudaria a suavizar os preconceitos mútuos e foi tão recompensador a nível diplomático que, em 1922, seria emitido novo convite.

<sup>1437</sup> CARTA DE PORTUGAL. Lisboa, 18 de janeiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 3 fev. 1909, 3ª e 4ª col., p. 4.

<sup>1438</sup> CAMARA PORTUGUEZA DE COMMERCIO, INDUSTRIA E ARTE. **Correio Paulistano**. São Paulo, 3 dez. 1913, 1ª col., p. 4.

<sup>1439</sup> *Ibidem*.

<sup>1440</sup> **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 24 out. 1909, 4ª col., p. 1. / E / **O Paiz**. Rio de Janeiro, 24 out. 1909, 7ª col., p.2.

TABELA 13

## Exposição Nacional do Centenário da Abertura dos Portos (Rio de Janeiro, 1908)

Artista	Trajetória profissional e premiações <sup>1441</sup>	Obras expostas
Abel Cardoso	...	...
Alfredo Guedes	Discípulo da Academia de Belas Artes de Lisboa. Aluno de António Ramalho. Medalhas de 3ª e 2ª classe pelo Grêmio Artístico e Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa. Menção Honrosa em Paris (1900).	As aquarelas <i>Diploma</i> , <i>Retrato</i> , <i>Pedreiro</i> , <i>Pescador</i> e <i>Passeio (estudo)</i>
Alfredo José Torquato Pinheiro	Discípulo das Academias de Belas Artes de Lisboa e do Porto. Aluno de Miguel Lupi e Marques d'Oliveira. Menção Honrosa e duas medalhas de 3ª classe pelo Grêmio Artístico de Lisboa.	<i>Manhã de agosto (Rio Corgo, Vila Real)</i> , <i>Tarde no Corgo (Vila Real)</i> , <i>Lavadeiras na levada (Vila Real)</i> e <i>Tarde de inverno (Santarém)</i> <sup>1442</sup>
Alfredo Roque Gameiro	Discípulo da Academia de Belas Artes de Lisboa e da Escola de Artes e Ofícios de Leipzig. Aluno de Simões de Almeida e Niepper. Medalha de Ouro na Exposição Universal de Paris de 1900. Medalhas de 3ª, 2ª e 1ª classe no Grêmio Artístico de Lisboa, de 1ª classe e de Honra na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa e outras.	As aquarelas <i>Retrato</i> , <i>Porta lateral dos Jerônimos</i> , <i>Igreja da Conceição Velha</i> , <i>A ida para o mar (Caparica)</i> , <i>A volta do mar (Caparica)</i> , <i>Garotos banhando-se</i> , <i>Rua do Bemfornoso</i> , <i>Casa Saloia</i> , <i>Fonte Saloia</i> , <i>Terreiro do Paço</i> , <i>Barco de Palha</i> , <i>Torre de Belém</i> , <i>Castelo da Pena (Sintra)</i> e <i>5 originais de Costumes</i>
Alice Grillo de Lima	Discípula da Academia Portuense de Belas Artes. Aluna de Marques d'Oliveira e Josefa Greno. Menção Honrosa pelo Grêmio Artístico de Lisboa.	<i>No quintal</i> , <i>Frutas</i> e <i>Retrato de minha mãe</i>
António Carneiro	Discípulo da Escola de Belas Artes do Porto e da Academie Julian de Paris. Aluno de Marques de Oliveira, Jean Paul Laurens e Benjamin Constant. Duas medalhas de 2ª classe pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, medalhas de bronze na Exposição Universal de Paris e de prata nas Exposições internacionais de São Luiz (EUA) e de Barcelona.	<i>Praia de Leça</i> , <i>Grupo de família</i> , <i>Retrato do autor</i> , <i>Retrato de velho</i> , <i>Retrato do pobre</i> , <i>Retrato de rapariga</i> , <i>Ruínas</i> , <i>Rochedos</i> , <i>Barcos de vela</i> , <i>Mattosinhos (bairro piscatório)</i> , <i>Efeitos de rochedos (Leça)</i> e <i>Boa Nova (Leça)</i>
António Jose da Costa	Discípulo da Academia de Belas Artes do Porto. Aluno de João António Correia.	<i>Poço Verde (Gerez)</i> , <i>Presa da seara</i> , <i>Campos de Ramalde</i> , <i>Lilases e Glicínias</i> e <i>Do terraço</i>
António Manoel da Saude	Discípulo da Escola de Belas Artes de Lisboa. Aluno de Carlos Reis. Medalha de 3ª classe pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa.	<i>Vouga (poente)</i> , <i>Medeiros (manhã)</i> , <i>Arredores de Santarém</i> (duas telas) e <i>Ao luar (Santarém)</i>
Augusto Bobone	...	<i>Mulher de Vianna do Castelo</i> e <i>Pescador de Nazaré</i>

<sup>1441</sup> Conforme informações colhidas nos próprios jornais, em artigos divulgados ao longo de toda a exposição.<sup>1442</sup> Todas dantes exibidas na Exposição Permanente de Produtos Portugueses de 1907.

Augusto Paschoal Corrêa Brandão	Discípulo da Escola de Belas Artes de Lisboa. Menção Honrosa pelo Grêmio Artístico e Medalha de 3ª classe pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa.	<i>Um retrato do netinho</i> OBS: em 8 de junho <sup>1443</sup> o Ministério da Indústria solicitou ao da Fazenda a isenção de direitos aduaneiros de uma caixa contendo seis obras do artista não identificadas, sendo autorizado em 12 de junho <sup>1444</sup> .
Bartholomeu Sezinando Ribeiro Arthur	Discípulo da Escola Politécnica e dos cursos noturnos da Escola de Belas Artes de Lisboa. Aluno de Simões d'Almeida e Casanova. Menção Honrosa e medalha de 3ª classe pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa em 1902 e 1904.	As aquarelas <i>Casal de Jogueiros (arredores de Vizeu)</i> , <i>Fonte de Repezes (arredores de Vizeu)</i> , <i>Tambor de infantaria (Peniche)</i> e <i>Oficial de lanceiros</i>
Bemvinda Madeira Pinto	Discípula de Moura Gyrão.	<i>Preparativos para a festa e Natureza morta</i>
Branca de Assis Marques	Discípula de José Malhoa e Carlos Reis. Menção Honrosa pelo Grêmio Artístico de Lisboa.	<i>Amuada e Antes da lição</i>
Carlos Reis	Discípulo da Academia de Belas Artes de Lisboa e de Paris. Aluno de Silva Porto e Bonnat. Medalha de Honra pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa e medalhas de 2ª classe pelas Exposições: Universal de Paris de 1900, Internacional de Dresde e de Barcelona em 1907.	<i>Retrato de Sua Majestade El-Rei D. Carlos I, seguido do seu estado-maior</i>
Columbano Bordalo Pinheiro	Discípulo da Escola de Belas Artes de Lisboa. Aluno do próprio pai (Manuel Maria) e de Miguel Lupi. Medalha de Ouro na Exposição Universal de Paris, <i>Grand Prix</i> na Exposição Universal de São Luiz, Medalha de 1ª classe na Exposição de Barcelona, Cavaleiro da Legião de Honra, Medalha de Honra pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa.	<i>Retrato de El-Rei d. Manuel II, Outono, O almoço, Interior de cozinha, A raposa, Retrato do ator João Rosa e Retrato do ator Valle</i>
Condessa do Alto Mearim	Discípula de José Malhoa. Duas menções honrosas nos salões de Lisboa e Paris.	<i>Ultimo Raio de Luz e Retrato de F. de V.</i>
Constantino Álvaro Sobral Fernandes	Discípulo das Escolas de Belas Artes de Lisboa e Paris. Aluno de Veloso Salgado e Fernando Cormon. Menção Honrosa e Medalhas de 3ª e 2ª classe pelo Grêmio Artístico.	<i>Original para um cartaz, O amigo das crianças e A peste expulsa os castelhanos do cerco de Lisboa</i>
David Estrela de Mello	Discípulo da Academia de Belas Artes de Lisboa e Academia Julian (Paris). Aluno de Carlos Reis e Jean Paul Laurens. Medalhas de 2ª classe pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa e 3ª na Exposição de São Luiz.	<i>Eremita</i>
Domingos Costa	Discípulo da Academia de Belas Artes de Lisboa. Aluno de Ferreira Chaves e Veloso Salgado. Medalha de 2ª classe pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa (1906).	<i>Uma noite de verão (quadro decorativo), Alegoria do café (quadro decorativo pintado em cristal) e Painel decorativo</i>

<sup>1443</sup> **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 8 jun. 1908, 5ª col., p. 2.

<sup>1444</sup> NA CÂMARA. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 12 jun. 1908, 1ª col., p. 4. / E / **O Século**. Rio de Janeiro, 12 jun. 1908, 5ª col., p. 1.

Eduardo Moura	Discípulo da Escola de Belas Artes do Porto e de Paris. Aluno de Marques de Oliveira, Jean Paul Laurens e Benjamin Constant. Menção Honrosa em Paris.	<i>No banho, Numa taberna e No interior de um aido (véspera de dia de feira)</i>
Emília Adelaide Santos Braga	Discípula de José Malhoa. Medalhas de 3ª e 2ª classe pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa.	<i>Zingara</i>
Ernesto Condeixa	Discípulo das Escolas de Belas Artes de Lisboa e Paris. Aluno de Miguel Lupi e Cabanel. Medalhas de 1ª e 2ª classe pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa e 2ª medalha na Exposição de São Luiz (1904).	<i>Rosas, Uma feira dos arredores de Lisboa, O mercado da praça Saint-Medard, Cabeça de homem do mar e Margens do Rio Marne (arredores de Paris)</i>
Esther Machado	Discípula de Josefa Greno e Ernesto Condeixa.	<i>Amores perfeitos e Rosas e amores perfeitos</i>
Joaquim Cardoso	Luiz Discípulo da Escola de Belas Artes de Lisboa. Aluno de Silva Porto. Menção Honrosa em 1904 pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa.	<i>Arredores de Castelo Branco (duas paisagens)</i>
Joaquim Teixeira Marinho	Discípulo do Instituto Industrial do Porto, Escola Industrial do Infante D. Henrique e Centro Artístico Portuense. Aluno de Soares dos Reis. Medalha de Ouro na Exposição de Belas Artes do Palácio de Cristal do Porto (1889) e de prata nas mostras subsequentes (1890 e 1893).	<i>Ave Maria (arredores do Porto) e Caça morta. O pastel Mendiga do Cruzeiro (arredores do Porto). As aquarelas Cabeça de estudo e Alusão artística</i>
João Guilherme Mattoso da Fonseca	Discípulo de José Malhoa. Medalha de 3ª classe pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa. Apresenta um conjunto de pasteis e desenhos.	<i>Mimi, Ao espelho, Mulher de véu, Chica, Dinah e O amor dos homens (Salon de Paris)</i>
João Vaz	Discípulo da Escola de Belas Artes de Lisboa. Aluno de Anunciação e Silva Porto. Medalhas no Grémio Artístico, Sociedade Promotora de Belas Artes, Exposição Universal de Paris de 1900 e de São Luiz.	<i>Margens do Sado, O Sado, Esperando a maré, Um canto do Tejo, Dias de novembro (Tejo) e Paisagem alentejana</i>
José de Almeida e Silva	Discípulo da Academia Portuense de Belas Artes. Aluno de Marques de Oliveira e Antonio Correia. Medalha de 2ª classe pelo Grémio Artístico de Lisboa e Menção Honrosa na Exposição de Paris de 1900.	<i>Apanha do Folhado, Uma história da aldeia, Caridade moderna, Velha dobando à lareira, Boa noite! e Viúvas em oração</i>
José de Brito	Discípulo da Escola de Belas Artes do Porto e de Paris. Aluno de Lefebvre, Benjamin Constant e Jean Paul Laurens.	<i>Alma minha gentil que te partiste...(Camões), Fábula e a Verdade, A viúva, A vaga, Um ribeiro em Santa Martha e Procissão dos Milagres. A aquarela Cem Moinhos (Rio Leço)</i>
José de Sousa Moura Gyrão	Discípulo da Escola de Belas Artes de Lisboa. Aluno de Anunciação e Miguel Lupi. Menções Honrosas pela Sociedade Promotora de Belas Artes e medalha de 3ª classe pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa.	<i>Um valente, De manhã, De tarde e No rochedo. As aquarelas Pôr do sol, Para o campo, Cabeça de galo, Patos no lago, Sem mãe, Espreitando e De vigia</i>
José Júlio de Souza Pinto	Discípulo das Escolas de Belas Artes do Porto e de Paris. Aluno de Soares dos Reis, Cabanel e Yvon. Medalha de 2ª classe na Exposição Universal de 1899, Hors Concours a partir deste ano e membro do júri em	<i>Au bon coin (efeito da noite), Amuados (Salon de 1906), A irmãzinha (Salon de 1895), O almoço do avô (Salon de 1891),</i>

	1900. Medalha de Honra pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, Medalha de Ouro nas Exposições de Nice (1884) e Atlanta. Medalha de Prata na Exposição do Rio de Janeiro. Cavaleiro de Santiago e da Legião de Honra por Portugal. Membro de Honra da Sociedade dos Artistas de Madrid.	<i>Sobre a erva (Salon de 1905) e A hora do banho</i>
José Malhoa	Discípulo da Escola de Belas Artes de Lisboa. Aluno de Anunciação. Medalhas no <i>Salon</i> de Paris, Exposição Universal de 1900, Berlim, Madrid, Lisboa, Rio de Janeiro e outras mais. Cavaleiro da Legião de Honra, de Cristo, Templários, Cruz Vermelha de Madrid, Comendador de Isabel a Católica e outros tantos títulos.	<i>Cavaleiro de Santiago, As Sardinhas, A compra do voto, Pedro Alvares Cabral descobrindo o Brasil, Os bêbados, A procissão, Ilha dos Amores, O barbeiro na aldeia e Retrato de Sua Alteza o Príncipe Real D. Luiz Fillipe. O desenho Pele Noir</i>
José Ribeiro Junior	Discípulo da Escola de Belas Artes de Lisboa. Aluno de Condeixa e Veloso Salgado. Medalha de 2ª e 3ª classe pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, em 1904 e 1901, respectivamente.	<i>Ferreiros e Gozando a vida</i>
José Veloso Salgado	Discípulo da Escola de Belas Artes de Lisboa e Paris. Aluno de Ferreira Chaves, Cabanel, Delaunay e Cormon. Medalhas de 3ª e 2ª classe no <i>Salon</i> de Paris (Hors-Concours), Medalha de 1ª classe em Berlim e Paris (1900) e no Grêmio Artístico de Lisboa	<i>Retratos do rei d. Carlos e da rainha d. Amelia, de José de Castro, Ricardo Jorge, Coronel Augusto Alves, Candida Alves, Conselheiro Wenceslau de Lima, conselheiro Antonio Candido, Amelia Ventura da Camara, Maria Amalia Vaz de Carvalho, Ramalho Ortigão, Sra. D. M. Ramalho Ortigão e Igreja abandonada</i>
Júlio Costa	Discípulo da Academia Portuense de Belas Artes. Medalha de 3ª classe pelo Grêmio Artístico de Lisboa.	<i>Só, Para longe dos seus e Esboço do retábulo para o altar mor da Igreja do Bonfim, Porto</i>
Júlio Ramos	Discípulo da Academia Portuense de Belas Artes e Academia Julian (Paris). Aluno de Marques d'Oliveira, Jean Paul Laurens e Benjamin Constant. Medalha de 3ª classe na Exposição Universal de Paris de 1900 e de 2ª pelo Grêmio Artístico de Lisboa.	<i>Tranquilidade e Fim da tarde</i>
Júlio Teixeira Bastos	...	<i>Os cinco sentidos (conjunto de 5 obras)</i>
Laura Sauvignet Bandeira	Discípula de José Malhoa. Menção Honrosa e medalhas de 2ª e 3ª classe pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa.	<i>Os pretendentes</i>
Lucília Aranha Grave	...	<i>Cozinha rústica e Cena campestre</i>
Manuel Henrique Pinto	Discípulo da Academia Real de Belas Artes de Lisboa. Aluno de Anunciação. Medalha de 2ª classe pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa e Menção Honrosa em Paris (1900).	<i>Na eira, Pífaro novo, Manhã de figos, Queilhão, As amoras, A porta da taberna, Dar de comer aos que têm fome, A ceia dos porcos e Uma boa mãe</i>

Margarida da Costa Romão	Discípula da Academia Portuense de Belas Artes. Aluna de Marques d'Oliveira e Júlio Costa.	<i>Adormeceu, Estudos, A minha família e Horas alegres</i>
Maria Aida Gomes Roberto	Discípula de Carlos Reis. Menção Honrosa pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa.	3 naturezas-mortas não identificadas
Maria Piedade d'Azevedo Côrte Real	Discípula de Falcão Trigoso.	<i>Chagas e Caça</i>
Sua Majestade a Rainha D. Amélia	...	<i>Um carro de bois</i> e algumas aquarelas não identificadas
Sua Majestade El-Rei D. Carlos I	...	<i>Sobreiro</i> ou <i>Paisagem alentejana</i> (pastel)
Thomaz de Mello Júnior	Discípulo do Real Colégio Militar e da Academia de Belas Artes de Lisboa. Aluno de Miguel Lupi e Costa Sequeira. Menção Honrosa pelo Grémio Artístico de Lisboa e medalha de 3ª classe pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa.	<i>Caíques de pesca (Ribeira Nova), Praia do Portinho (Torre de S. Julião da Barra), Barcos de pesca de Sesimbra, Pescadores do norte de Portugal (Ribeira Nova) e Pescadores de Cascais</i>
Virginia Santos Avelar	Discípula de José Malhoa. Menção Honrosa no Gremio Artístico de Lisboa.	<i>Um caso complicado</i>
Viscondessa de Sistello	Discípula da Academia Julian (Paris), de José Malhoa e Rousseau. Medalha de 3ª classe pelo Grémio Artístico de Lisboa e de ouro na Exposição de Marselha.	<i>Pescador (Matosinhos), Première étoile (Leça da Palmeira), Castelo do Queijo (Foz do Douro), Olaias em flora (Tapada da Ajuda, Lisboa), Temps brumeux (Margens do Sena, Paris), Coucher du soleil (Margens do Sena, Paris) e O rosário</i>

### 5. 2. 2 Exposição Comemorativa do Centenário da Independência de 1922

O ano de 1922 assinalava o centenário de outro marco político para a História do Brasil: a sua Independência. Em comemoração à importante data, que determinou o encerramento definitivo da era colonial, foi organizado um grande evento nos moldes das Exposições Universais. Ao contrário da mostra de 1908, desta vez o governo brasileiro emitiria convites oficiais para diversas nações estrangeiras interessadas em construir pavilhões de exibição dos seus produtos. Malgrado a festa celebrasse o fim da dominação portuguesa, a Portugal seria reservado um lugar exclusivo. Os galpões portugueses iriam ocupar a maior área concedida a qualquer país: o Pavilhão de Honra, que abrigou as manifestações culturais, teria 400 metros quadrados; enquanto o Palácio das Indústrias Portuguesas, construído em ferro para consolidar-

se no panorama carioca, se alastraria por exorbitantes quatro mil metros quadrados.<sup>1445</sup> O primeiro seria inaugurado a 23 de dezembro de 1922<sup>1446</sup> na presença do chefe de Estado brasileiro, do embaixador de Portugal e de representantes da imprensa. O outro só ficaria pronto a 27 de maio de 1923<sup>1447</sup> e, apesar de sua magnificência, frente à abertura tardia acabou por ter efetivamente pouca utilidade para seus propósitos iniciais.

A organização da participação portuguesa seria entregue à Associação Comercial de Lisboa, que atuou em parceria com a Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro.<sup>1448</sup> O país europeu buscava valorizar de todas as formas esta nova oportunidade de estreitar o intercâmbio com o aquém-mar, o que incluiria a programação de uma visita do presidente da sua recém-implantada República, António José de Almeida.<sup>1449</sup> Neste ínterim, Carlos Malheiro Dias ressaltava que, para evidenciar a sua verdadeira força e pujança, os portugueses não poderiam se mostrar apenas como agricultores ou industriais, ultrapassando este aspecto meramente utilitário: “não pareçamos ir ao Brasil como caixeiros-viajantes, mas como parentes; não apenas para conquistar clientes, mas para estreitar afeições”<sup>1450</sup>. O jornalista, baseado na participação de 1908, advertia que o pavilhão dedicado às Belas Artes deveria ser disposto cronologicamente para levar os visitantes a um passeio pela história de Portugal. Tais opiniões acabariam acatadas por Leal da Câmara, Jorge Collaço e Columbano Bordalo, nomeados para auxiliar na preparação da representação artística portuguesa.<sup>1451</sup>

No Pavilhão de Honra, espaço elegantemente decorado por Costa Motta, o diretor do Museu Grão Vasco, Almeida Moreira, distribuiria com destreza móveis, tapetes, rendas, esculturas e pinturas.<sup>1452</sup> Mas a pretensão de instalar ali uma mostra retrospectiva que remontaria a Nuno Gonçalves, conforme projeto de Malheiro Dias, ficaria restrita à polêmica cópia dos painéis de São Vicente e aos mais recentes exemplares da arte portuguesa<sup>1453</sup>. As obras contemporâneas seriam enviadas por artistas portugueses residentes no Rio de Janeiro,

<sup>1445</sup> A EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENÁRIO. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 16 fev. 1922, 6ª e 7ª col., p. 4.

<sup>1446</sup> PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 25 fev. 1922, 6ª a 8ª col., p. 3.

<sup>1447</sup> PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 27 maio 1923, p. 1.

<sup>1448</sup> ROSA, Adolpho. O centenário da independência do Brasil. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 2 ago. 1921, 6ª e 7ª col., p. 2.

<sup>1449</sup> CALMON, Pedro. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1971. v. VI. p. 234.

<sup>1450</sup> DIAS, Carlos Malheiro. A representação portuguesa na Exposição do Rio de Janeiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 2 fev. 1922, 6ª e 7ª col., p. 3.

<sup>1451</sup> PARA A EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO NO BRASIL. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 25 jun. 1922, 4ª e 5ª col., p. 4.

<sup>1452</sup> NA EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 23 dez. 1922, 6ª e 7ª col., p. 3.

<sup>1453</sup> O CONTINGENTE DE PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO DO NOSSO CENTENÁRIO. **A Rua**. Rio de Janeiro, 26 dez. 1922, 4ª col., p. 3.



que decidiram pleitear sua representatividade na Exposição do Centenário<sup>1454</sup>, mas também por pintores renomados que remeteram ao Brasil trabalhos anteriormente conhecidos (como o *Cristo*, de Veloso Salgado) e não se empenharam em produzir quadros exclusivos.<sup>1455</sup> De qualquer maneira, os críticos celebravam o patriotismo daquelas composições distantes das vanguardas francesas<sup>1456</sup>, destacando as sentimentais aquarelas de Roque Gameiro, o misticismo de Fausto Gonçalves<sup>1457</sup> e a relativa modernidade de Martinho da Fonseca<sup>1458</sup> - embora tenha sido sentida a ausência de José Júlio de Souza Pinto<sup>1459</sup>.

Apesar da boa vontade dos dois governos e dos esforços sinceros dispensados para o incremento do intercâmbio luso-brasileiro, a atuação do Comissário Geral de Portugal, enquanto organizador da seção portuguesa na Exposição Nacional de 1922, seria duramente criticada por seus compatriotas. O não cumprimento dos prazos e o alegado desleixo para com a promoção dos artigos pátrios levariam Lisboa de Lima a ser eleito o grande culpado pelo fiasco da nova participação portuguesa.<sup>1460</sup> Com o encerramento do Pavilhão de Honra ainda repleto de produtos, em junho de 1923<sup>1461</sup>, a apatia do público brasileiro perante as mercadorias da nação-irmã ficou comprovada. Para tentar solucionar tal embaraço, a 17 de novembro seria inaugurada uma mostra na galeria paulista da rua Líbero Badaró.<sup>1462</sup> O evento reuniria, atento ao ativo mercado de São Paulo, todo os itens portugueses não vendidos no Rio de Janeiro (como tapetes, cerâmicas das Caldas da Rainha, obras de cinzelaria, esculturas, 30 trabalhos de Jorge Barradas<sup>1463</sup> e outros tantos de Fausto Gonçalves<sup>1464</sup>). Inexistem relatos posteriores sobre o progresso desta liquidação.

Seria o novo malogro português responsabilidade da incompetência da comissão organizadora, da ignorância cultural dos brasileiros, da má-qualidade dos itens ou pelo facto de os artigos portugueses serem demasiado onerosos? É curioso observar como outra vultosa tentativa de aproximação oficial entre Brasil e Portugal iria igualmente fracassar. Mesmo com

<sup>1454</sup> A ARTE PORTUGUESA NA EXPOSIÇÃO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 6 out. 1922, 5ª col., p. 3.

<sup>1455</sup> MARTINHO DA FONSECA NO PAVILHÃO DE HONRA DE PORTUGAL. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 24 fev. 1923, Ano XXIV, n. 9, p. 34.

<sup>1456</sup> A SEMANA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 31 dez. 1922, 1ª e 2ª col., p. 3.

<sup>1457</sup> COELHO, Simões. De janela aberta: pedacinhos d'arte lusa. **A Gazeta**. São Paulo, 11 dez. 1923, 6ª col., p. 1.

<sup>1458</sup> ROQUE GAMEIRO NO PAVILHÃO DE HONRA DE PORTUGAL. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 27 jan. 1923, Ano XXIV, n. 5, p. 20 e 21.

<sup>1459</sup> A ARTE PORTUGUESA NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 21 jan. 1923, 4ª e 5ª col., p. 3.

<sup>1460</sup> PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 22 set. 1922, 6ª col., p. 3.

<sup>1461</sup> PAVILHÕES PORTUGUESES. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 24 jun. 1923, 2ª col., p. 7.

<sup>1462</sup> OUTRA EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **A Gazeta**. São Paulo, 16 nov. 1923, 3ª col., p. 1.

<sup>1463</sup> COELHO, Simões. De janela aberta: um pintor original. **A Gazeta**. São Paulo, 17 dez. 1923, 6ª col., p. 1.

<sup>1464</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **Correio Paulistano**. São Paulo, 16 nov. 1923, 4ª col., p. 3.

todas as lições aprendidas no evento de 1908, os portugueses voltariam a desperdiçar as facilidades proporcionadas pelo governo brasileiro. Apesar da boa visibilidade fornecida pelos certames oficiais, quase nada foi comercializado. Os incentivadores do real diálogo que se estabelecera entre o além e o aquém-mar acabariam por ser, além dos pintores, da imprensa e das instituições representativas dos imigrantes, os empreendedores particulares, que abririam as portas das suas lojas aos quadros naturalistas portugueses ou disponibilizariam seus próprios recursos para investir no comércio da arte portuguesa.

**TABELA 14**  
**Exposição Nacional do Centenário da Independência (Rio de Janeiro, 1922)**

<b>Artistas</b>	<b>Obras identificadas</b>
Adelaide Lima Cruz	...
Alfredo Roque Gameiro (aquarela)	<i>Visita régia à nau da Índia, Carregamento das especiarias em Calecut, Lendo a correspondência do Brasil e Porta da Vila de Óbidos</i>
Alice Grillo	...
Alves Cardoso	...
António Carneiro	...
António Costa	...
António Saude	...
Arthur Loureiro	...
Aurélia de Souza	...
Carlos Bonvalot	...
Carlos Reis	<i>O batizado na aldeia e Vagabundo</i>
Columbano	4 retratos, dentre os quais o de Guerra Junqueiro
Christino de Souza	...
Daniel Porta	...
Dórdio Gomes	...
Eduardo Moura	...
Emília dos Santos Braga	...
Ernesto Condeixa	<i>Recepção feita pelo Samorin Calicut a Vasco da Gama na sua chegada à Índia</i>

Fausto Gonçalves	...
Helena Roque Gameiro (aquarela)	...
João Augusto Ribeiro	...
João Marques	...
João Reis	<i>Lavadeira</i>
João Vaz	...
Joaquim Lopes	...
José de Almeida e Silva	...
José de Brito	...
José Leite	...
José Malhoa	...
José Ribeiro Júnior	<i>O naufrágio ou Barco em perigo</i>
Júlio Costa	...
Leitão de Barros	...
Luciano Freire	Cópia do tríptico de Nuno Gonçalves – <i>Painel do Infante</i> ; uma cena bucólica e um retrato de Francisco Ribeiro da Cunha
Martinho da Fonseca	<i>O neveiro</i> , quadro comprado pelo governo português para figurar no Museu de Arte Contemporânea de Lisboa.
Narciso de Moraes	...
Plamora Barros	...
Raul Carapinha	...
Samora Barbosa	...
Souza Pinto	...
Veloso Salgado	2 retratos e <i>Cristo</i>

---

## **CAPÍTULO 6**

### **O INTERESSE DOS EMPREENDEDORES PRIVADOS**

Se os negócios não corriam tão bem na esfera governamental, sobre a qual agiam questões várias e, por vezes, alheias ao quesito cultural, no âmbito particular a recepção à arte naturalista portuguesa permaneceu aquecida durante toda a Primeira República. Entusiasmados com os resultados positivos atingidos nas exposições organizadas pelos pintores portugueses no Brasil, algumas lojas iriam facultar seus espaços e esforços próprios para acolherem os exemplares chegados do além-mar, em eventos individuais ou mostras coletivas. Os quadros recebidos pelos estabelecimentos comerciais de Rio de Janeiro e São Paulo procediam dos próprios pintores (que firmavam parcerias e deixavam telas para serem liquidadas em troca de comissões), dos esforços de negociantes e atravessadores, da circulação natural do mercado (quando proprietários já desinteressados dispunham suas galerias para venda), da dissolução de coleções inteiras em leilões ou mesmo do movimento de dispersão dos espólios.

Esses empreendimentos mercantis da Primeira República brasileira seguiam o moderno formato dos grandes empórios franceses, que vendiam simultaneamente produtos de beleza, roupas, móveis, curiosidades, pinturas, esculturas, dentre outros itens. As peças de Belas Artes eram ali disponibilizadas com o objetivo de agregar maior valor simbólico aos espaços meramente comerciais, conferindo um aspecto mais requintado a ambientes tão funcionais. Na busca de associar-se à camada mais nobre da sociedade local, os clubes, companhias industriais, bancos, lojas, entidades e hotéis passariam a oferecer suas instalações para as exposições de arte, visto as atividades culturais serem apreciadas enquanto prática sublime e aristocrática. Por outro lado, tais espaços acabavam por atender também aos anseios dos pintores interessados em encontrar nos trópicos uma atmosfera propícia à venda e à promoção dos seus artigos.

O apoio dos estabelecimentos comerciais brasileiros às atividades artísticas portuguesas teria início ainda durante o período Imperial, em agosto de 1889, quando o *Atelier Moderno* exibiu elogiadas composições de Souza Pinto (*Au revoir*, *Au puits* e *La clef perdue*<sup>1465</sup>) em meio aos criticados quadros dos brasileiros Rodolpho Amoedo<sup>1466</sup> e Pedro Peres<sup>1467</sup>. Após o pequeno intervalo causado pela Proclamação da República, no ano de 1891 a Casa Moncada organizaria uma pequena mostra de arte. Junto à Glace Elegance e à Casa Vieitas, aquela luxuosa boutique era um local da moda frequentado pela alta sociedade carioca de fins do século XIX, que buscava ali se inteirar das novidades europeias e adquirir dispendiosas peças trazidas do exterior. A 15 de novembro, a Casa Moncada trouxe a público uma alegoria sobre a apoteose

<sup>1465</sup> BELLAS-ARTES (continuação). **Revista Ilustrada**. Rio de Janeiro, 17 ago. 1889, p. 3.

<sup>1466</sup> BELLAS-ARTES (continuação). **Revista Ilustrada**. Rio de Janeiro, 27 jul. 1889, p. 6 e 7.

<sup>1467</sup> BELLAS-ARTES (continuação). **Revista Ilustrada**. Rio de Janeiro, 7 ago. 1889, p. 3.

do descobridor da homeopatia, o alemão Hahnemann.<sup>1468</sup> A tela pintada pelo português Francisco José Rezende em Paris e comprada “por 20:000\$, pelo Sr. conde da Leopoldina”<sup>1469</sup>, foi exibida na loja antes de ocupar as paredes da residência do proprietário, como símbolo do seu prestígio, e seria duramente recriminada pela *Revista Illustrada*:

Que horror, que escândalo de pintura de quiosque da cidade nova! Se este Sr. Rezende ainda vive depois de tal faisqueira, aconselhamos-lhe que em antes de se atirar ali ao mar, puxe as orelhas ao Sr. Conde de Leopoldina, que lhe deu vinte contos – vinte contos! Pela droga.  
Como se protege a arte...<sup>1470</sup>

O *Jornal do Commercio*<sup>1471</sup> logo sairia em defesa do pintor de traços românticos jubilado pela Escola de Belas Artes do Porto<sup>1472</sup> e classificaria a *Apoteose de Hahnemann* como uma verdadeira obra prima. Na sequência dos eventos artísticos portugueses que acabavam por enobrecer os espaços comerciais cariocas, em 1896 o presidente da Companhia de Indústria e Comércio de Papéis Pintados ostentaria nas novas instalações da empresa alguns trabalhos enviados ao Rio de Janeiro por José Malhoa.<sup>1473</sup> Já no ano de 1899, o desconhecido José Raphael dispôs uma marinha na montra da loja Preço Fixo<sup>1474</sup>. Em 1910, a Casa Favorita, local que oferecia peças exclusivas, exibiu para venda um óleo de Malhoa (“um garoto a apanhar flechas de foguetes”<sup>1475</sup>), além de telas francesas e aquarelas italianas.<sup>1476</sup> Nos idos de 1918, a requintada Galeria Trianon mostrava aos seus frequentadores três elogiados quadros de Arthur Loureiro (um retrato, uma cabeça de estudo e uma pequena marinha<sup>1477</sup>), ao mesmo tempo em que lançava o livro do jornalista Alfredo de Souza sobre esse mesmo pintor portuense, comprovando o interesse do estabelecimento comercial em associar-se a atividades do tipo.

Outras lojas, entretanto, não se restringiriam à promoção aleatória de eventos artísticos e fariam das suas instalações um abrigo regular para pinturas nacionais e estrangeiras. É o caso da Casa Vieitas e das Galerias Cambiaso e Jorge. Seus proprietários atuariam nos meios carioca e paulista, incansavelmente, a viabilizar exposições e a buscar novos exemplares. Podem ser apontados, assim, como admiráveis promotores do intercâmbio luso-brasileiro. A Casa Vieitas, por exemplo, organizava mostras coletivas com certa constância, apesar das críticas proferidas

<sup>1468</sup> APOTHEOSE DE HAHNEMANN. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 15 nov. 1891, 7ª col., p. 1.

<sup>1469</sup> *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 nov. 1891, 4ª col., p. 1.

<sup>1470</sup> GALERIA ARTÍSTICA. *Revista Illustrada*. Rio de Janeiro, nov. 1891, p. 6.

<sup>1471</sup> APOTHEOSE DE HAHNEMANN. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 20 nov. 1891, 1ª col., p. 4.

<sup>1472</sup> VÁRIAS NOTÍCIAS. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 15 nov. 1891, 2ª col., p. 2.

<sup>1473</sup> *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 11 abr. 1896, 7ª col., p. 1.

<sup>1474</sup> *A Notícia*. Rio de Janeiro, 3-4 out. 1899, 6ª col., p. 2.

<sup>1475</sup> PINGOS E RESPINGOS. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 31 out. 1910, 5ª col., p. 1.

<sup>1476</sup> *A Notícia*. Rio de Janeiro, 17-18 out. 1910, 1ª col., p. 4.

<sup>1477</sup> ARTHUR LOUREIRO. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 7 dez. 1918, p. 39.

por Angelo Agostini sobre os prejuízos que a luz do estabelecimento causava nos quadros.<sup>1478</sup> Em 1892, ela apresentaria aos seus clientes uma cabeça de mulher produzida por Silva Porto e duas marinhas de João Vaz<sup>1479</sup>, exibidas junto a obras do brasileiro Pedro Américo.<sup>1480</sup> Já no século XX, mais precisamente agosto de 1904, os *Srs. Vieitas & C* inaugurariam outro evento muito caro à elite local<sup>1481</sup>: a exibição de 94 trabalhos<sup>1482</sup> de importantes nomes da arte nacional e alguns representantes estrangeiros, como os portugueses Júlio Teixeira Bastos, José Malhoa, João Vaz, Manuel Henrique Pinto e Laura Sauvignet Bandeira.<sup>1483</sup> A iniciativa seria comemorada pela imprensa, que aplaudiu a presença dos pintores “já vantajosamente conhecidos entre nós”<sup>1484</sup>.

Neste ínterim, a própria Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro iria organizar pelo menos dois eventos que contaram com a participação de artistas portugueses – evidência de que o mercado local estava efetivamente atento às ofertas da pintura do além-mar. Um deles foi a mostra de retratos<sup>1485</sup> e paisagens promovida por Carlos Gomes Fernandes “em benefício dos flagelados do norte”<sup>1486</sup>, inaugurada a 23 de junho de 1919<sup>1487</sup> e bem concorrida durante a sua vigência.<sup>1488</sup> Após passagem por Buenos Aires e Montevideo, o certame trazia ao Brasil alguns quadros produzidos durante a viagem do pintor aos trópicos.<sup>1489</sup> Fernandes não era desconhecido dos cariocas<sup>1490</sup>, que em 1910 puderam observar no Café Belas Artes duas de suas telas, à época criticadas pelas cores insípidas que “tresandam a simbolismo logo a distância e dão apenas um pálido aspecto decorativo”<sup>1491</sup>. Entretanto, ainda no ano de 1919, a mesma imprensa elogiaria o retrato do comendador José Antônio da Silva, disposto na Casa Leandro, e a efígie do ator português Chaby Pinheiro, em exibição na Foto-Brasil, ambos de autoria de Carlos Gomes Fernandes.<sup>1492</sup>

<sup>1478</sup> GRAPHITE, Xisto. Belas Artes. **O Malho**. Rio de Janeiro, 27 ago. 1904, p. 10.

<sup>1479</sup> PINTURA. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 25 jun. 1892, 3ª col., p. 2.

<sup>1480</sup> **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 22 jun. 1892, 1ª col., p. 2.

<sup>1481</sup> EXPOSIÇÕES ARTÍSTICAS. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 9 ago. 1904, 1ª col., p. 3.

<sup>1482</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição de Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 9 ago. 1904, 7ª col., p. 2.

<sup>1483</sup> EXPOSIÇÃO DE BELAS ARTES. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 8-9 ago. 1904, 5ª col., p. 2.

<sup>1484</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURAS. **Tagarela**. Rio de Janeiro, 18 ago. 1904, 1ª e 2ª col., p. 29.

<sup>1485</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Ecos da colônia – Um retrato de Wilson. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 9 maio 1919, 3ª col., p. 9.

<sup>1486</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Exposição Carlos Gomes Fernandes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 25 jun. 1919, 2ª e 3ª col., p. 8.

<sup>1487</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Exposição de arte. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 22 jun. 1919, 1ª col., p. 8.

<sup>1488</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. A exposição Gomes Fernandes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 24 jun. 1919, 5ª col., p. 7.

<sup>1489</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Ecos da colônia – Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 15 set. 1918, 3ª col., p. 10.

<sup>1490</sup> CARLOS GOMES FERNANDES. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 14 set. 1918, p. 24.

<sup>1491</sup> BELAS ARTES. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 24 fev. 1910, 3ª col., p. 4.

<sup>1492</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Dois retratos. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 11 out. 1919, 2ª col., p. 6.

Em maio de 1923, a Associação dos Empregados no Comércio voltaria a promover uma exposição artística com trabalhos portugueses.<sup>1493</sup> Roberto dos Santos e Américo Tavares, reconhecidos decoradores que viajaram ao Rio de Janeiro para auxiliar Leal da Câmara no arranjo do Pavilhão Português das Indústrias (durante a Exposição do Centenário da Independência), iriam instalar ali uma improvisada mostra com cerca de 50 obras.<sup>1494</sup> Américo Tavares, discípulo da Escola de Belas Artes do Porto, trazia coloridas pinturas a óleo de tipos populares e costumes pátrios<sup>1495</sup>, figuras e paisagens duramente recriminadas nos jornais.<sup>1496</sup> Já Roberto dos Santos, ex-aluno da Escola de Belas Artes de Lisboa, exibiria jocosas caricaturas, pasteis e desenhos mais bem aceitos pela crítica, com destaque para *Uma carícia antes de sair e Meditação*.<sup>1497</sup>

A presença maciça da arte portuguesa no Brasil levaria quadros e pintores daquela nacionalidade a outras partes do país tropical, como a luxuosa Petrópolis.<sup>1498</sup> A urbe, favorecida pela proximidade com a Capital Federal, acolheria, em outubro de 1904<sup>1499</sup>, as telas de António Ribeiro<sup>1500</sup> exibidas na *Casa Curiositês*. Dois anos depois, a inauguração da 3ª Exposição de Trabalhos Artísticos do Club de Petrópolis reuniria abastadas figuras da sociedade fluminense<sup>1501</sup>, em evento coletivo que contou com obras dos celebrados Henrique Bernardelli, Antônio Parreiras, Batista da Costa, Belmiro de Almeida e Modesto Brocos; mas também de Marques Guimarães.<sup>1502</sup> O naturalismo português chegaria ainda ao mercado lojista paulista, onde foi marcante a atuação da Casa Freire, propriedade de José da Cunha Freire. Em julho de 1920, o local inaugurou uma mostra (permanente e com entrada franca) de 37 pinturas de autores nacionais, franceses, italianos, ingleses, espanhóis e portugueses – José Malhoa e Veloso Salgado contribuíram com um óleo cada.<sup>1503</sup>

Para além das galerias comerciais, outros empreendimentos particulares seriam utilizados no movimento de gentil acolhida e promoção das artes portuguesas ocorrido durante a Primeira República brasileira. Em 1929, por exemplo, José Rodrigues<sup>1504</sup> exibiria alguns dos

<sup>1493</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 13 maio 1923, 7ª col., p. 6.

<sup>1494</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 12 maio 1923, Ano XXIV, n. 20, p. 28.

<sup>1495</sup> EXPOSIÇÃO SANTOS-TAVARES. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 18 maio 1923, 7ª e 8ª col., p. 9.

<sup>1496</sup> EXPOSIÇÃO ROBERTO SANTOS E AMERICO TAVARES. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 15 maio 1923, 1ª col., p. 3.

<sup>1497</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 12 maio 1923, 6ª col., p. 11.

<sup>1498</sup> HÓSPEDES E VIAJANTES. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 16 jun. 1908, 7ª col., p. 6.

<sup>1499</sup> PETRÓPOLIS. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 21 out. 1904, col. 7, p. 2.

<sup>1500</sup> O pintor, falecido pouco antes em Lisboa, teria lecionado durante muitos anos no Brasil.

<sup>1501</sup> EM PETRÓPOLIS. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 1-2 fev. 1906, 1ª e 2ª col., p. 3.

<sup>1502</sup> VIDA DE PETRÓPOLIS. Clubs. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 30 jan. 1906, 5ª col., p. 4.

<sup>1503</sup> NOTAS DE ARTE. Exposição de pintura na Casa Freire. **A Gazeta**. São Paulo, 9 jul. 1920, 7ª col., p. 1.

<sup>1504</sup> VIAJANTES. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 10 ago. 1929, 4ª col., p. 3.



seus panoramas<sup>1505</sup> no hall do Palace Hotel<sup>1506</sup> do Rio de Janeiro – iniciativa que Fléxa Ribeiro<sup>1507</sup> considerou precipitada devido à imaturidade do pintor (mais conhecido por suas atividades literárias<sup>1508</sup>). O evento, inaugurado a 16 de setembro<sup>1509</sup> na presença do embaixador e da embaixatriz de Portugal<sup>1510</sup>, trazia 59<sup>1511</sup> paisagens do Minho e do Douro<sup>1512</sup>. Essa disponibilização frequente da pintura portuguesa em espaços mercantis, frequentados por uma parcela maior da sociedade e que muitas vezes se mostrava desinteressada de adentrar ambientes tão exclusivos como os salões de Belas Artes, iria resultar na difusão maciça do naturalismo pelas residências e instituições do Brasil; mas também ampliaria a convivência dos brasileiros com outros parâmetros visuais que garantiriam a sua necessária educação estética.

## 6.1 Galeria Jorge

De todos os estabelecimentos comerciais atuantes na Primeira República, a Galeria Jorge aberta na rua do Rosário, Rio de Janeiro, certamente alcançaria maior destaque e teria uma influência deveras abrangente sobre o mercado brasileiro do início do século XX. O seu proprietário, Jorge de Souza Freitas, com significativa constância e singular devoção, promoveria eventos artísticos de grande magnitude, derivados de convites exclusivos direcionados a figuras de renome ou de suas viagens à Europa, engendradas para reunir trabalhos que poderiam interessar os colecionadores nos trópicos. A versatilidade deste homem, que firmou estáveis amizades com os artistas e procurou sempre atualizar-se, garantiria o sucesso permanente da loja perante as falências decretadas por suas concorrentes. O êxito do empreendimento seria tamanho que, ao final da década de 1910, Freitas teria de abrir outro galpão na Avenida Rio Branco (onde situava-se o antigo Café Belas Artes) para atender os

---

<sup>1505</sup> *Uma feira no Douro, Choupal de Coimbra, Quinteiro Minhoto, As ceifeiras, As cereais do Mondego, Hora crepuscular, Canção da roupa e Ao cair da tarde, no Minho; Areal deserto, Barcos a vela, Aveiro, Barcos de Portugal, Casas dos pescadores, Espinho, Crepúsculo, Foz, Em frente ao mar, Margens do Rio Douro, Gaia, Mar revoltado, Marinha, Granja, Na Baía, Na volta da pesca, O mar na Foz, Partida para a pesca, Perto do mar e Quase noite, Rio Douro.* Ver: EXPOSIÇÃO JOSÉ RODRIGUES, NO PALACE HOTEL. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 21 set. 1929, 1ª col., p. 15.

<sup>1506</sup> PINTORES DE PORTUGAL. A próxima exposição de José Rodrigues. **A Noite**. Rio de Janeiro, 15 ago. 1929, 3ª col., p. 8.

<sup>1507</sup> RIBEIRO, Fléxa. Artes e Artistas: Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 17 set. 1929, 6ª col., p. 5.

<sup>1508</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 15 set. 1929, 3ª col., p. 7.

<sup>1509</sup> EXPOSIÇÕES. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 14 set. 1929, 3ª col., p. 8.

<sup>1510</sup> EXPOSIÇÃO JOSÉ RODRIGUES. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 15 set. 1929, 9ª col., p. 5.

<sup>1511</sup> EXPOSIÇÃO JOSÉ RODRIGUES. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 17 set. 1929, 1ª col., p. 3.

<sup>1512</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 10 ago. 1929, 7ª col., p. 8.

artistas em busca de instalações adequadas às suas obras.<sup>1513</sup> Este último recinto permaneceria dedicado apenas às exposições; enquanto o outro, mais antigo e tradicional, abrigava produtos diversos para a venda aberta todos os dias ao público<sup>1514</sup>.

Após os iniciais anos de existência e concluída a sua consolidação no mercado local, a Galeria Jorge passaria a promover não apenas obras eventualmente chegadas da Europa (como a paisagem de José Júlio de Souza Pinto<sup>1515</sup> disposta para a venda em 1908), mas também mostras coletivas de seu acervo e exposições individuais de pintores portugueses. Os últimos eventos, que direcionavam todo o poder comercial da loja para apenas um nome, contariam com o envolvimento pessoal e a dedicação exclusiva de Jorge de Freitas, gerando resultados financeiros deveras positivos para o comerciante e para os pintores. O primeiro e mais importante certame individual decorreria em 1914 e foi assinado por António Carneiro. O pintor, notabilizado no Brasil graças aos esforços de Jorge de Freitas, de quem se tornaria amigo íntimo, voltaria ao local em 1929 a convite. As duas ocasiões, devido à extensão de sua importância, serão analisadas mais adiante em separado.

Ademais, em maio de 1919<sup>1516</sup> desembarcava nos trópicos um ainda ignorado e jovem ilustrador, caricaturista e pintor português, que aproveitaria o alcance público da Galeria Jorge para se fazer notado no Brasil. Hippolyto Colomb<sup>1517</sup>, à época conhecido entre alguns poucos artistas e literatos cariocas por seus desenhos publicados em jornais portugueses, franceses e argentinos<sup>1518</sup>, décadas depois acabaria apontado como um dos maiores cenógrafos do teatro e do cinema brasileiros.<sup>1519</sup> Viajava por iniciativa própria para expor na sede carioca da loja, em Porto Alegre (enquanto visitava parentes) e na Câmara Portuguesa de Comércio (São Paulo). Chegava “sem o favor dos reclames retumbantes”<sup>1520</sup> e trazia apenas as suas obras como

<sup>1513</sup> MAIS UM CERTAME ARTÍSTICO. A exposição do pintor Collomb. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 20 ago. 1919, 4ª e 5ª col., p. 3.

<sup>1514</sup> BELAS ARTES. Hyppolito Collomb. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 19 ago. 1919, 8ª col., p. 8.

<sup>1515</sup> AMADOR, Bueno. Belas Artes - Galeria Jorge. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 30 out. 1908, 3ª col., p. 5.

<sup>1516</sup> ARTISTAS PORTUGUESES. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 28 maio 1919, 4ª col., p. 9.

<sup>1517</sup> O nome do pintor aparece com diversas variações ao longo dos artigos: Hyppolito Colombo, Hypolito Collomb, Hipolyto Collomb e Hipólito Colomb. Adotamos aqui o padrão mais repetido: Hippolyto Colomb.

<sup>1518</sup> HIPPOLYTO COLLOMB VAI EXPOR ALGUNS TRABALHOS SEUS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 28 maio 1919, 6ª col., p. 1.

<sup>1519</sup> Com atuação tão marcante a ponto de a própria *Wikipédia* erroneamente o classificar como “um artista brasileiro do princípio do século XX”. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Hip%C3%B3lito\\_Colomb](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hip%C3%B3lito_Colomb)>. Acesso em: 17 de maio de 2016.

<sup>1520</sup> ARTE PORTUGUESA. Uma exposição de aquarelas na Galeria Jorge. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 12 ago. 1919, 6ª col., p. 3.

credenciais. A mostra de 45<sup>1521</sup> aquarelas<sup>1522</sup>, guaches, lápis e pasteis<sup>1523</sup> seria inaugurada a 19 de agosto<sup>1524</sup> na Galeria Jorge, onde simultaneamente decorria um certame de artistas espanhóis<sup>1525</sup>. O evento português receberia nobres figuras, como Custódio Velloso, Camillo Castelo Branco e o comendador Vasco Ortigão<sup>1526</sup>; além de considerável número de visitantes<sup>1527</sup>, atraídos pela entrada franca<sup>1528</sup> e estimulados pela publicidade jornalística<sup>1529</sup>.



**FIGURA 23** – “A exposição do pintor Collomb”, *Gazeta de Notícias*, 20 de agosto de 1919.

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

A exposição cuidadosamente preparada<sup>1530</sup> pelo próprio Jorge de Freitas, contava com catálogo prefaciado por literatos e artistas de renome.<sup>1531</sup> Colomb mostrou ali alguns flagrantes tipicamente portugueses<sup>1532</sup>, “impressionistas, de mancha larga e precisa, outros de minúcia e verdade, com muita luz e muita alma, ainda outros de fina imaginação, cheios de fantasia”<sup>1533</sup>.

<sup>1521</sup> ARTE PORTUGUESA. A exposição de aquarelas e guaches do sr. Hyppolito Collomb. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 22 ago. 1919, 8ª col., p. 3.

<sup>1522</sup> *A faina do mar, A mulher do absinto, Ave Maria, Chuva de maio, Cosette, Crepúsculo no Douro, Frutos de setembro, Já não virá hoje, Leopoldo Fróes, Le vieux pont Saint Michel (Paris), Manhã no Choupal, Na feira, Nanie Nanette, O comitê da greve, O crime de Pierrot, O fetiche, O húngaro da viola, O mar, Passagem no Douro, Rebanho no vale, Um idílio a Marivaux, Um matulão dos cães*, dentre outros títulos.

<sup>1523</sup> ARTE PORTUGUESA. Exposição de aquarelas. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 15 ago. 1919, 3ª col.p.3.

<sup>1524</sup> EXPOSIÇÃO HYPPOLITO COLLOMB. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 17 ago. 1919, 4ª col., p. 7.

<sup>1525</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 19 ago. 1919, 6ª col., p. 6.

<sup>1526</sup> SECCÃO PORTUGUESA. Exposição Hippolyto Collomb. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 31 ago. 1919, 3ª col., p.10.

<sup>1527</sup> BELAS ARTES. Exposição Hyppolito Collomb. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 28 ago. 1919, 3ª col., p. 9.

<sup>1528</sup> EXPOSIÇÃO H. COLLOMB. **A Noite**. Rio de Janeiro, 23 ago. 1919, 2ª col., p. 2.

<sup>1529</sup> BELAS ARTES. Exposição Hyppolito Collomb. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 26 ago. 1919, 3ª col., p. 9.

<sup>1530</sup> EXPOSIÇÃO HYPPOLITO COLLOMB. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 19 ago. 1919, 5ª col., p. 3.

<sup>1531</sup> ARTISTAS PORTUGUESES. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 28 maio 1919, 4ª col., p. 9.

<sup>1532</sup> SECCÃO PORTUGUESA. Um artista português: a exposição de Hippolyto Colomb. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 20 ago. 1919, 2ª e 3ª col., p. 8.

<sup>1533</sup> BELAS ARTES. A exposição Collomb. **A Noite**. Rio de Janeiro, 19 ago. 1919, 2ª col., p. 2.

De todos os trabalhos exibidos, as coloridas aquarelas, que mais pareciam destinadas à ilustração<sup>1534</sup>, seriam eleitas as preferidas do público<sup>1535</sup>. Encerrada a 1º de setembro de 1919<sup>1536</sup>, em meio aos costumeiros apelos da imprensa pelas últimas visitas<sup>1537</sup>, à divulgação dos bons resultados<sup>1538</sup> (que incluíam a venda de *O fetiche*<sup>1539</sup>) e aos agradecimentos do artista pela recepção positiva<sup>1540</sup>, a mostra comprovaria que mesmo nomes desconhecidos ganhavam popularidade quando dispostos nas honradas vitrines da Galeria Jorge.

A Galeria Jorge também seria o local preferido de personalidades como João Reis, que voltava ao Brasil em 1922, depois de uma temporada na Argentina com o pai.<sup>1541</sup> De passagem pelo porto carioca, os pintores desejavam apenas rever alguns amigos, mas acabariam forçados a uma estadia mais longa diante das diversas encomendas feitas por membros da sociedade local. Decidiriam, assim, realizar uma mostra dos poucos exemplares não vendidos no país vizinho e dos quadros produzidos já no Rio de Janeiro<sup>1542</sup> - ao todo, quatro telas de Carlos Reis (*O dia da esmola, Uma leitura interessante, Leitura de um soneto e Perfil aldeão*) e 15 de João Reis (*Calmaria, Campos de Lousã, Na Ribeira, Uma família de barcos, Pequeno armador, Pescador, Tarde de primavera, Depois da trovada, Dia triste, No Tejo, Parque de Caldellas, Prenúncios, Poente e Espumas do mar*).<sup>1543</sup> A exposição foi inaugurada a 10 de outubro de 1922<sup>1544</sup> com boa afluência da imprensa<sup>1545</sup> e do público, que desde 1919 acompanhava o trabalho dos portugueses.<sup>1546</sup> Dois dias depois, Carlos retornaria a Lisboa seguro de que o filho, mais experiente, prosseguiria o brilhante percurso que anos antes eles traçaram juntos.<sup>1547</sup>

Ao longo da mostra, a crítica brasileira iria justamente notar a considerável evolução de João Reis desde a sua última viagem ao Brasil<sup>1548</sup> e as admiráveis telas que ele agora

<sup>1534</sup> Hippolyto Colomb trilhou um caminho mais relacionado à atividade como ilustrador do que como pintor, pelo que recebera elogiosos comentários de Julio Dantas. VER: ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 6 set. 1919, 2ª col., p. 5.

<sup>1535</sup> BELAS ARTES. Exposição de Hyppolito Collomb. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 27 ago. 1919, 4ª col., p. 4.

<sup>1536</sup> SECÇÃO PORTUGUESA. Exposição Hippolyto Collomb. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 31 ago. 1919, 3ª col., p. 10.

<sup>1537</sup> ENCERRAR-SE-Á BREVEMENTE A EXPOSIÇÃO COLLOMB. **A Noite**. Rio de Janeiro, 27 ago. 1919, 2ª col., p. 2.

<sup>1538</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes – Exposição Colomb. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 27 ago. 1919, 5ª col., p. 5.

<sup>1539</sup> BELAS ARTES. Exposição Hypolito Collomb. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 20 ago. 1919, 5ª col., p. 3.

<sup>1540</sup> HÓSPEDES E VIAJANTES. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 5 set. 1919, 7ª col., p. 9.

<sup>1541</sup> Em Buenos Aires, Carlos Reis venderia *Limpendo os cristais* ao Museu Nacional Argentino. VER: OS ARTISTAS CARLOS REIS E JOÃO REIS. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 25 ago. 1922, 2ª col., p. 4.

<sup>1542</sup> CREMONA, Ercole. Belas Artes: mostra de arte. **O Malho**. Rio de Janeiro, 19 maio 1923, Ano XII, n. 1079, p. 43.

<sup>1543</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 11 out. 1922, 6ª e 7ª col., p. 2.

<sup>1544</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 8 out. 1922, 7ª col., p. 2.

<sup>1545</sup> BELAS ARTES. Exposição de pintura. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 10 out. 1922, 6ª col., p. 9.

<sup>1546</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 10 out. 1922, 5ª col., p. 2.

<sup>1547</sup> EXPOSIÇÃO NA GALERIA JORGE. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 12 out. 1922, 6ª e 7ª col., p. 2.

<sup>1548</sup> MAIS UMA NOTA DE ARTE. “O dia da esmola”. **A Noite**. Rio de Janeiro, 11 out. 1922, 3ª e 4ª col., p. 2.

apresentava<sup>1549</sup>, enquanto Adalberto Mattos voltaria a eleger Carlos Reis “um dos maiores mestres da pintura contemporânea”<sup>1550</sup>. Ao final de outubro, João informava que também deveria retornar a Portugal após cumprir sua última encomenda<sup>1551</sup>, o que ocorreu a 10 de novembro de 1922<sup>1552</sup>. Deixava muitos dos seus quadros e do pai vendidos por meio da Galeria Jorge e alguns outros que deveriam integrar o Pavilhão português construído para a Exposição do Centenário da Independência<sup>1553</sup>, significativo marco na história brasileira que acabaria por atrair outros artistas portugueses, atentos ao furor causado pela comemoração.

Foi o caso de Leal da Câmara<sup>1554</sup>, que inicialmente viajou ao Brasil apenas para supervisionar a decoração dos pavilhões portugueses na Exposição Nacional de 1922.<sup>1555</sup> O caricaturista e crítico de arte era conhecido dos brasileiros por suas contribuições no jornal *A Noite*<sup>1556</sup>, mas também buscava a Galeria Jorge<sup>1557</sup> para instalar, a 4 de abril de 1923, uma mostra que disponibilizou ao público carioca cerca de 80 trabalhos (entre aquarelas, pasteis, óleos, caricaturas, charges, crayons e litografias<sup>1558</sup>). Segundo Adalberto Mattos, o “humor forte e comunicativo”<sup>1559</sup> daquelas imagens, como a interessante coleção de *Pierrots*<sup>1560</sup>, imprimiria feições jovens e modernas à arte portuguesa, atraindo bom número de visitantes.<sup>1561</sup> Já a *Revista da Semana*<sup>1562</sup> salientou os traços impressionistas das paisagens, enquanto o *Jornal do Brasil*<sup>1563</sup> notou alguma influência simbolista nas figuras do português.

João Reis e Leal da Câmara chegavam ao Brasil em contexto singular, quando o exclusivo cenário naturalista era questionado pela Semana de Arte Moderna de São Paulo. Após fevereiro de 1922, os jornais seguiam discutindo os reflexos do episódio para as Belas Artes brasileiras, embora as concepções defendidas ali não fossem tão revolucionárias e poucas mudanças efetivas tenham ocorrido posteriormente. Frente à dificuldade de assimilar os

<sup>1549</sup> CARLOS E JOÃO REIS. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 21 out. 1922, Ano XXIII, n. 43, p. 14 e 15.

<sup>1550</sup> MATTOS, Adalberto. Artistas portugueses no Rio de Janeiro. **Ilustração Brasileira**. Rio de Janeiro, Abr. 1925, Ano VI, n. 56, p. 12 a 14.

<sup>1551</sup> NOTAS DE ARTE. **A Noite**. Rio de Janeiro, 28 out. 1922, 6ª col., p. 8.

<sup>1552</sup> JOÃO REIS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 9 nov. 1922, 1ª col., p. 2

<sup>1553</sup> VIDA SOCIAL. Viajantes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 11 nov. 1922, 3ª col., p. 5.

<sup>1554</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 3 abr. 1923, 7ª col., p. 2.

<sup>1555</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 6 abr. 1923, 6ª col., p. 2.

<sup>1556</sup> A NOTA DE ARTE. Leal da Camara. **A Noite**. Rio de Janeiro, 3 abr. 1923, 4ª col., p. 1.

<sup>1557</sup> ARTES E ARTISTAS. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 4 abr. 1923, 2ª col., p. 3.

<sup>1558</sup> O MOMENTO ARTÍSTICO. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 4 abr. 1923, 7ª col., p. 3.

<sup>1559</sup> MATTOS, Adalberto. Belas Artes: Leal da Camara na Galeria Jorge. **O Malho**. Rio de Janeiro, 14 abr. 1923, Ano XXII, n. 1074, p. 36.

<sup>1560</sup> LEAL DA CAMARA E SUA INTERESSANTE EXPOSIÇÃO. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 6 abr. 1923, 8ª e 9ª col., p. 1.

<sup>1561</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Leal da Camara. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 5 abr. 1923, 1ª col., p. 3.

<sup>1562</sup> O PINTOR DE PIERROT. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 14 abr. 1923, Ano XXIV, n. 16, p. 19.

<sup>1563</sup> BELAS ARTES. Leal da Camara. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 5 abr. 1923, 7ª col., p. 11.

conceitos subitamente impostos pelo movimento, “no campo específico das artes plásticas a conquista à liberdade de pesquisa foi talvez uma das maiores vitórias do modernismo”<sup>1564</sup>. Neste sentido, se o novo êxito da família Reis comprova que o naturalismo seguia robusto e predominante, a aceitação da moderna produção de Leal da Câmara<sup>1565</sup> revelava que uma parcela dos amadores estaria realmente disposta a acatar certas manifestações vanguardistas. A neutra Galeria Jorge carioca receberia, na década de 1920, tanto iniciativas de naturalistas, quanto modernistas, frequentemente proporcionando a seus clientes obras de arte portuguesas.

No ano de 1926, o galpão da Avenida Rio Branco exibiria duas telas de José Malhoa junto a um trabalho de Delacroix – os quadros pertenciam ao Real Gabinete Português de Leitura e estavam ali para serem restaurados.<sup>1566</sup> Ademais, a exposição organizada por José Campas em 1927 no Rio de Janeiro, após passagem pelo estado de São Paulo, também foi instalada na Galeria Jorge. O *vernissage*, decorrido a 5 de janeiro<sup>1567</sup>, contaria com as presenças do embaixador e do cônsul geral de Portugal<sup>1568</sup>, de toda a imprensa carioca convidada<sup>1569</sup>, de artistas portugueses radicados no Brasil e dos amigos conquistados durante a primeira viagem de Campas aos trópicos (em 1914).<sup>1570</sup> Foram exibidos ali os mesmos 100 quadros dantes levados à capital paulista, visto as vendas na terra do café não terem progredido.<sup>1571</sup> Para Fléxa Ribeiro<sup>1572</sup>, aquele conjunto de telas representativas das tipicidades portuguesas espelhava um pintor sem feição original, ainda em busca de seus traços e afetado por variantes das escolas modernas – crítica opinião endossada por um jornalista do *Correio da Manhã*<sup>1573</sup>. Os demais articulistas<sup>1574</sup>, que saíam em defesa de José Campas, salientavam seu colorido acertado, o desenho apurado e a observação atenta da natureza, características que supostamente acabavam por imprimir um sentido de verdade às suas composições poéticas.<sup>1575</sup>

<sup>1564</sup> AMARAL, Aracy. **Artes plásticas na Semana de 22**: subsídios para uma história da renovação das artes no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 232.

<sup>1565</sup> ARTES E ARTISTAS. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 30 maio 1923, 3ª col., p. 3.

<sup>1566</sup> NOTAS DE ARTE. **A Noite**. Rio de Janeiro, 13 maio 1926, 5ª col., p. 5.

<sup>1567</sup> BELAS ARTES. Exposição José Campas. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 5 jan. 1927, 6ª col., p. 5.

<sup>1568</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA. **A Noite**. Rio de Janeiro, 5 jan. 1927, 3ª col., p. 7.

<sup>1569</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 5 jan. 1927, 2ª col., p. 5.

<sup>1570</sup> BELAS ARTES. Exposição José Campas, na Galeria Jorge. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 6 jan. 1927, 6ª col., p. 5.

<sup>1571</sup> NOTAS DE ARTE. A exposição de um pintor português na Galeria Jorge. **A Noite**. Rio de Janeiro, 6 jan. 1927, 5ª col., p. 2.

<sup>1572</sup> RIBEIRO, Flexa. Pequena crônica das artes: exposição José Campas. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 12 jan. 1927, 4ª col., p. 2.

<sup>1573</sup> A EXPOSIÇÃO DE JOSÉ CAMPAS, PINTOR PORTUGUÊS, NA GALERIA JORGE. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 7 jan. 1927, 6ª col., p. 3.

<sup>1574</sup> BELAS ARTES. Encerramento da exposição José Campas. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 4 fev. 1927, 8ª col., p. 4.

<sup>1575</sup> UMA FORMOSA DEMONSTRAÇÃO DA ARTE PORTUGUESA. **A Noite**. Rio de Janeiro, 24 jan. 1927, 2ª e 3ª col., p. 7.



**FIGURA 24** – “De José Campas”, *Para Todos*, 11 de dezembro de 1926.<sup>1576</sup>

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

A mostra na Galeria Jorge registraria bons índices de visitação<sup>1577</sup>, atraindo colecionadores, artistas, intelectuais<sup>1578</sup> e políticos, como o ministro da Justiça, Vianna do Castelo<sup>1579</sup>, e o desembargador Ataulpho Paiva<sup>1580</sup>. A vendagem das telas<sup>1581</sup> alcançaria números mais favoráveis do que os assinalados no anterior evento paulista<sup>1582</sup> e indicaria a compra de 20 trabalhos no total.<sup>1583</sup> As concorridas vitrines cariocas da Galeria Jorge acabariam, assim, por salvar a iniciativa do absoluto fiasco. De qualquer maneira, José Campas seguiria para Pernambuco na tentativa de liquidar os demais quadros que permaneciam em sua posse.<sup>1584</sup> Ao fim, o subsequente e apressado retorno à Europa, depois do fraco resultado obtido no Brasil, seria justificado pela necessidade de concluir um exemplar destinado ao *Salon*.<sup>1585</sup>

<sup>1576</sup> Da esquerda para a direita, de cima para baixo: *Amazonas*, *Aristocrata russa*, *Toilette de Vênus*, *Chávena de chá*, *A hora do chá*, *O cardeal Mercier* e *O viático*.

<sup>1577</sup> EXPOSIÇÕES. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 4 fev. 1927, 5ª col., p. 5.

<sup>1578</sup> BELAS ARTES. Exposição José Campas. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 jan. 1927, 7ª col., p. 5.

<sup>1579</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 23 jan. 1927, 6ª col., p. 4.

<sup>1580</sup> BELAS ARTES. Exposição José Campas. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 23 jan. 1927, 8ª col., p. 6.

<sup>1581</sup> BELAS ARTES. Exposição José Campas. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 3 fev. 1927, 8ª col., p. 8.

<sup>1582</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 5 fev. 1927, 7ª col., p. 2.

<sup>1583</sup> EXPOSIÇÃO JOSÉ CAMPAS. Seu encerramento hoje. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 5 fev. 1927, 1ª col., p. 3.

<sup>1584</sup> BELAS ARTES. José Campas. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 13 fev. 1927, 6ª col., p. 2.

<sup>1585</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 3 fev. 1927, 2ª col., p. 4.

**TABELA 15**  
**Exposição individual de José Campas (Rio de Janeiro, 1927)**

<b>Algumas obras expostas</b>	<b>Compradores</b>
<i>Amazonas</i>	...
<i>Antes da feira</i>	Visconde de Moraes
<i>Ao começar do trabalho</i>	Evaristo de Moraes
<i>Castelo dos condes</i>	...
<i>Cenas de cabaré (Paris)</i>	Visconde de Moraes
<i>Florentina</i>	...
<i>Floresta de castanheiros (França)</i>	Visconde de Moraes
<i>Frutos</i>	Duarte Leite
<i>Impressões de viagem</i>	Visconde de Moraes
<i>Intimidade</i>	Visconde de Moraes
<i>Juno (projeto)</i>	Visconde de Moraes
<i>Manhã de Primavera</i>	...
<i>Margens do Vouga</i>	...
<i>Ordenhando</i>	...
<i>O viático</i>	...
<i>Poente (Golegã-Portugal)</i>	...
<i>Regresso da fonte</i>	Visconde de Moraes
<i>Retrato de Mme. J. C.</i>	...
<i>Retrato de Velloso Rebelo</i>	...
<i>Retrato do Cardeal Mercier</i>	...
<i>Sol posto</i>	Visconde de Moraes
<i>Uma rua (Porto)</i>	Duarte Leite
<i>Veneza do Ribatejo</i>	...

Em dezembro de 1928 (mesmo ano no qual Eduarda Lapa instalara ali a sua mostra artística) a loja iria organizar um evento coletivo que disponibilizou para venda parte do seu acervo, como: paisagens de João Batista da Costa, um retrato de Rodolpho Amoedo, peças de



consagrados mestres franceses, uma natureza-morta de Columbano, *Pelas alminhas*, de Carlos Reis, e *Emigrante*, de José Malhoa.<sup>1586</sup> Em 1929, a nova mostra preparada por Jorge de Freitas uniria na mesma sala brasileiros, espanhóis, italianos, franceses e um eclético grupo de pintores portugueses conhecidos do público carioca, que incluía: Columbano, Malhoa, José Júlio de Souza Pinto, Silva Porto, Frederico Ayres, Alves Cardoso, Carlos Reis, António Saude, João Trigoso, Luciano Freire, João Reis, Roque Gameiro, Eduarda Lapa e António Carneiro.<sup>1587</sup>

Frente ao progresso da empresa, na década de 1920 Jorge de Freitas decidiria abrir uma filial de seu estabelecimento em São Paulo, onde o experiente comerciante se deparou com um público muito interessado nas questões artísticas. Ao perceber a carência que a região sofria, relativamente ao Rio de Janeiro, de locais e iniciativas exclusivamente dedicados às Belas Artes, ele anunciou a organização da chamada Exposição Anual de Pintura. O evento mandaria trazer da sede carioca alguns exemplares não vendidos para ofertar aos colecionadores paulistas. Em fins de 1923, a primeira mostra reuniria 142 obras<sup>1588</sup>, dentre composições de Carlos Reis, Souza Pinto e Silva Porto<sup>1589</sup> e foi bem visitada<sup>1590</sup>. Já a terceira edição, inaugurada a 10 de janeiro de 1925<sup>1591</sup>, contou com 133 trabalhos, alguns assinados por Anunciação (*Mugidura*), Malhoa (“o mais vitoriosamente português dos portugueses contemporâneos”<sup>1592</sup>, com um estudo para *O fado*), Silva Porto (*Olival de Fonte Velha*), Carlos Reis (*Dia de esmola*), Souza Pinto (*Entre dois vizinhos*) e Columbano (*Concerto em família*).<sup>1593</sup> Em 1927, o quinto certame da sucursal paulista disponibilizaria 144 itens<sup>1594</sup>, como quadros de Carlos Reis, Souza Pinto, Malhoa, António Cardoso, João Reis, Silva Porto e António Saude.<sup>1595</sup>

Algumas das obras presentes nestas liquidações anuais circulavam no mercado brasileiro há meses e despertaram demasiado interesse, como *O fado, estudo*, de José Malhoa, adquirido por expressiva soma.<sup>1596</sup> A constante presença de assinaturas portuguesas comprovava, por um lado, que a estética naturalista ainda encantava e fazia lucrar as casas

<sup>1586</sup> O QUE EXPÕE ATUALMENTE A GALERIA JORGE. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 12 dez. 1928, 2ª col., p. 5.

<sup>1587</sup> PINTORES DE SEIS NACIONALIDADES NA GALERIA JORGE. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 8 nov. 1929, 5ª col., p. 3.

<sup>1588</sup> MATTOS, Adalberto. Belas Artes: uma exposição. **O Malho**. Rio de Janeiro, 29 dez. 1923, Ano XII, n. 1111, p. 16 e 17.

<sup>1589</sup> UMA GALERIA NOTÁVEL. **A Gazeta**. São Paulo, 27 dez. 1923, 4ª e 5ª col., p. 1.

<sup>1590</sup> REGISTO DE ARTE. Galeria Jorge. **A Gazeta**. São Paulo, 20 jan. 1924, 8ª col., p. 5.

<sup>1591</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 17 jan. 1925, 1ª col., p. 2.

<sup>1592</sup> LUSO, João. Galeria Jorge. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 6 fev. 1925, 6ª e 7ª col., p. 7.

<sup>1593</sup> UMA EXPOSIÇÃO EM S. PAULO, DA GALERIA JORGE. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 13 jan. 1925, 1ª e 2ª col., p. 1.

<sup>1594</sup> NOTAS DE ARTE. Galeria Jorge. **A Gazeta**. São Paulo, 17 mar. 1927, 4ª col., p. 4.

<sup>1595</sup> NOS DOMÍNIOS DA ARTE. **A Noite**. Rio de Janeiro, 15 mar. 1927, 3ª e 4ª col., p. 2.

<sup>1596</sup> “O FADO”, DE JOSÉ MALHÔA. História do último quadro do pintor português. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 29 jun. 1910, 2ª a 6ª col., p. 5.

privadas mantenedoras da sua oferta; mas também que as telas chegadas de Portugal não eram tão facilmente comercializadas, como propalava o elevado ânimo dos articulistas cariocas e paulistas. De qualquer maneira, o interesse dos estabelecimentos comerciais pela arte portuguesa constituiria mais um forte atrativo para a travessia do Atlântico. As exposições de António Carneiro são exemplares neste sentido. Se em 1914 o pintor decidiria tentar a sorte no Brasil, quando se deparou com a generosa acolhida da Galeria Jorge; em 1929, pouco antes de morrer, ele voltaria já consagrado e a convite do próprio Jorge de Freitas.

#### 6. 1. 1 António Carneiro<sup>1597</sup>

No ano de 1914, António Carneiro seria finalmente convencido por João do Rio a expor no Rio de Janeiro, após longas conversações.<sup>1598</sup> O artista viajava persuadido de que receberia a boa acolhida experimentada pelos demais compatriotas<sup>1599</sup>, embora seu trabalho fosse conhecido apenas por um seletivo grupo de intelectuais brasileiros<sup>1600</sup> com acesso aos quadros e desenhos impressos nos poemas de Correia de Oliveira, no livro de João de Deus<sup>1601</sup> e na revista *Águia*<sup>1602</sup>. Os jornais cariocas confirmavam que o sucesso alcançado por Carneiro na Europa<sup>1603</sup>, as honrarias obtidas em mostras internacionais<sup>1604</sup>, os seguidos triunfos lisboetas<sup>1605</sup> e o prêmio conquistado na Exposição Nacional de 1908<sup>1606</sup> deveriam ser motivos suficientes para que sua iniciativa despertasse a atenção do público.<sup>1607</sup> Júlio Brandão comentava ser raro em Portugal “o homem de letras, o artista, a casa onde exista o culto do bom gosto e da beleza, que não possua um trabalho do pintor extraordinário”<sup>1608</sup>. Segundo Guerra Junqueiro, António

<sup>1597</sup> VER: CASTRO, Laura. **António Carneiro: o universo no olhar**. Porto: Afrontamento, 1996.

<sup>1598</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 21 ago. 1914, 7ª col., p. 6.

<sup>1599</sup> ANTONIO CARNEIRO. Pintor. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 3 ago. 1914, 3ª e 4ª col., p. 2.

<sup>1600</sup> ARTES E ARTISTAS. Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 4 jul. 1914, 4ª e 5ª col., p. 4.

<sup>1601</sup> A EXPOSIÇÃO DE ANTONIO CARNEIRO. **Fon Fon**. Rio de Janeiro, 25 jul. 1914, Ano VIII, n. 30, p. 32.

<sup>1602</sup> À época, outras duas personalidades notabilizadas pela revista portuense *Águia* estavam instaladas no Brasil: Costa Macedo e Corrêa Dias – um contista e um caricaturista, respectivamente. VER: MAUL, Carlos. Pena, pincéis e lápis. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 11 set. 1914, 1ª e 2ª col., p. 2.

<sup>1603</sup> ESTÁ MARCADA PARA AMANHÃ. A inauguração da exposição do pintor Antonio Carneiro. **A Noite**. Rio de Janeiro, 17 jul. 1914, 3ª col., p. 2.

<sup>1604</sup> BELAS ARTES. Exposição Antonio Carneiro. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1914, 7ª col., p. 7.

<sup>1605</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 23 jul. 1914, 6ª col., p. 4.

<sup>1606</sup> INAUGURA-SE HOJE A EXPOSIÇÃO ANTONIO CARNEIRO. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1914, 6ª col., p. 2.

<sup>1607</sup> VIDA ARTÍSTICA. Está marcada para amanhã a exposição do pintor Antonio Carneiro. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 17-18 jul. 1914, 4ª col., p. 1.

<sup>1608</sup> BRANDÃO, Julio. Artes e Artistas – O pintor Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 10 jul. 1914, 5ª e 6ª col., p. 2.

Carneiro era para o retrato a sanguínea o que Columbano representava para o retrato a óleo<sup>1609</sup>, embora este último tenha dito sobre o primeiro: *Não há quem desenhe melhor!*<sup>1610</sup>. Ambos alcançariam grande renome por sua habilidade<sup>1611</sup> de combinar o desenho tecnicamente primoroso com a reprodução exata das feições do modelo<sup>1612</sup> e pela notável sensibilidade com que captavam os estados de alma.<sup>1613</sup>

Chegado ao Brasil em junho de 1914, António Carneiro procuraria as redações do *Jornal do Brasil*, em companhia do escritor Nogueira da Silva<sup>1614</sup>, e do *Correio da Manhã*<sup>1615</sup> para se apresentar. Entretanto, quase uma semana após o desembarque, *A Notícia*<sup>1616</sup> divulgava que o pintor permanecia no Rio de Janeiro praticamente esquecido, o que lhe teria causado grande apreensão.<sup>1617</sup> Na busca<sup>1618</sup> de um local adequado para instalar seus quadros, Carneiro visitaria o representativo Real Gabinete Português de Leitura e a Escola Nacional de Belas Artes<sup>1619</sup>, mas acabaria por escolher a Galeria Jorge<sup>1620</sup>. O próprio Jorge de Freitas iria coordenar a cuidadosa montagem da mostra<sup>1621</sup> inaugurada a 18 de julho de 1914<sup>1622</sup> e que trouxe 50 quadros a óleo, 9 aquarelas e 76 desenhos (sanguínea, lápis ou crayon)<sup>1623</sup>

O esforço da imprensa para divulgar a iniciativa de António Carneiro e a decretação da entrada franca atrairia grande número de curiosos<sup>1624</sup>, nobres nomes da sociedade<sup>1625</sup> e influentes jornalistas<sup>1626</sup>: “era todo o Rio que gosta das coisas de arte, todo o Rio culto, todo o

<sup>1609</sup> VIDA ARTÍSTICA. Chegou ontem ao Rio o pintor português Antonio Carneiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 23 jun. 1914, 7ª e 8ª col., p. 1.

<sup>1610</sup> ARTES E ARTISTAS. O pintor Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 2 jul. 1914, 4ª col., p. 4.

<sup>1611</sup> UM GRANDE ARTISTA PORTUGUÊS NO RIO. Antonio Carneiro. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 4 jul. 1914, p. 32.

<sup>1612</sup> VIDA ARTÍSTICA. Antonio Carneiro encerra sábado a sua exposição. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 19 ago. 1914, 3ª col., p. 3.

<sup>1613</sup> BARROS, João de. Antonio Carneiro – pintor e filósofo. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 5 jul. 1914, 1ª a 3ª col., p. 1.

<sup>1614</sup> NOTAS SOCIAIS. Visitas. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 24 jun. 1914, 1ª col., p. 9.

<sup>1615</sup> ANTONIO CANEIRO. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 24 jun. 1914, 4ª col., p. 2.

<sup>1616</sup> ANTONIO CARNEIRO. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 27-28 jun. 1914, 2ª col., p. 3.

<sup>1617</sup> ARTES E ARTISTAS. Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 4 jul. 1914, 4ª e 5ª col., p. 4.

<sup>1618</sup> ARTE PORTUGUESA. Uma admirável cabeça de Antonio Carneiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 5 jul. 1914, 3ª e 4ª col., p. 3.

<sup>1619</sup> VIDA ARTÍSTICA. O pintor Antonio Carneiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 3 jul. 1914, 2ª e 3ª col., p. 2.

<sup>1620</sup> BELAS ARTES. Exposição de pintura. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 17 jul. 1914, 6ª col., p. 7.

<sup>1621</sup> VIDA ARTÍSTICA. Abre-se na próxima semana a exposição Antonio Carneiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 14 jul. 1914, 2ª col., p. 2.

<sup>1622</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 17 jul. 1914, 6ª col., p. 4.

<sup>1623</sup> A NOTÁVEL EXPOSIÇÃO DE PINTURA E DESENHO ABERTA HOJE. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 18-19 jul. 1914, 5ª col., p. 1.

<sup>1624</sup> VIDA ARTÍSTICA. Está marcada para amanhã a exposição do pintor Antonio Carneiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 17 jul. 1914, 2ª col., p. 3.

<sup>1625</sup> ARTE. Exposição Antonio Carneiro. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 19 jul. 1914, 3ª col., p. 8.

<sup>1626</sup> EXPOSIÇÕES. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1914, 8ª col., p. 2.

Rio elegante”<sup>1627</sup>. A exposição receberia diariamente dezenas<sup>1628</sup> de visitantes<sup>1629</sup>, como o presidente da República, que passou pela Galeria Jorge<sup>1630</sup> acompanhado da esposa<sup>1631</sup> e representantes do exército.<sup>1632</sup> O sucesso alcançado no Brasil<sup>1633</sup>, com o registro de corredores sempre cheios<sup>1634</sup> e as vendagens de algumas telas<sup>1635</sup>, não seria abalado nem mesmo pelo recente estopim da Primeira Guerra Mundial.<sup>1636</sup> A Galeria Jorge era o ponto de encontro dos ricos e intelectuais que desejavam fugir dos problemas cotidianos naquele espaço dedicado à cultura e à arte. Mas as incertezas econômicas crescidas com o desenrolar do conflito bélico fatalmente acabariam por desviar a atenção do público<sup>1637</sup>, fazendo decair o número de exemplares comercializados e provocando resultados mais modestos nos dias seguintes.<sup>1638</sup>



**FIGURA 25** – “A exposição do pintor portuguez Antonio Carneiro”, *Revista da Semana*, 1º de agosto de 1914.

FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

<sup>1627</sup> VIDA ARTÍSTICA. Inaugurou-se ontem, com grande sucesso, a exposição do eminente pintor Antonio Carneiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 19 jul. 1914, 2ª a 4ª col., p. 6.

<sup>1628</sup> SOCIAIS. Exposições. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 22 jul. 1914, 3ª col., p. 5.

<sup>1629</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 25 jul. 1914, 2ª col., p. 4.

<sup>1630</sup> O PINTOR ANTONIO CARNEIRO. Inaugurou, à tarde, a sua exposição. **A Noite**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1914, 2ª col., p. 3.

<sup>1631</sup> O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 18-19 jul. 1914, 2ª col., p. 2. / E / **A Rua**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1914, 2ª col., p. 2. / E / O PRESIDENTE. **Correio da Noite**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1914, 5ª col., p. 3.

<sup>1632</sup> O DIA DE ONTEM. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 19 jul. 1914, 5ª col., p. 6.

<sup>1633</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 28 jul. 1914, 3ª e 4ª col., p. 3.

<sup>1634</sup> A EXPOSIÇÃO DO PINTOR PORTUGUÊS ANTONIO CARNEIRO. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 1 ago. 1914, p. 31.

<sup>1635</sup> VIDA ARTÍSTICA. Exposição Antonio Carneiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 17 ago. 1914, 6ª col., p. 2.

<sup>1636</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 11 ago. 1914, 7ª col., p. 3.

<sup>1637</sup> ARTES E ARTISTAS. Encerramento da exposição Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 22 ago. 1914, 6ª col., p. 4.

<sup>1638</sup> VIDA ARTÍSTICA. Encerra-se hoje a exposição do pintor Antonio Carneiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 22 ago. 1914, 4ª col., p. 2.

De qualquer forma, a exposição foi considerada “a nota mais importante da atual *season*”<sup>1639</sup> por disponibilizar modernos trabalhos de arte portuguesa<sup>1640</sup>. A dimensão simbolista da paleta de António Carneiro<sup>1641</sup>, caracterizada por Júlio Brandão como “vaga, religiosa, entristecida”<sup>1642</sup>, inquietou pensadores e artistas locais.<sup>1643</sup> Mas o insuficiente conhecimento estético dos articulistas brasileiros resultaria em análises superficiais e pouco acertadas. Os elogios dirigiam-se, sobretudo, àquela suavidade ainda incompreendida, percebida enquanto calmaria<sup>1644</sup> ou mistério<sup>1645</sup>, em sentido quase místico. O equilíbrio das composições<sup>1646</sup> era ressaltado como ponto de oposição aos exageros do modernismo<sup>1647</sup> e as obras acabariam vistas como um reflexo<sup>1648</sup> da personalidade melancólica<sup>1649</sup> do próprio pintor, que mantivera a humildade mesmo diante do alvoroço causado no Brasil.<sup>1650</sup>

António Carneiro surpreenderia o público carioca com aquarelas<sup>1651</sup> que revelavam sua habilidade de colorista<sup>1652</sup>. Mas foram os retratos que, efetivamente, ganharam a atenção dos colecionadores, a ponto de a *Revista da Semana* afirmar que “possuir um retrato de António Carneiro será, para o futuro, possuir uma preciosidade”<sup>1653</sup>. Parece que o traço sóbrio<sup>1654</sup> aplicado ali, rememorando a pintura espanhola do século XVII<sup>1655</sup>, deixaria críticos e compradores mais confortáveis (relativamente à sua emblemática pintura simbolista). O prematuro encerramento da mostra, provocado pelas intempéries da Guerra, seria anunciado a 22 de agosto de 1914<sup>1656</sup>. Mais do que a exposição, as diversas encomendas recebidas para a pintura de efígies seriam responsáveis por fornecer a António Carneiro os lucros esperados.<sup>1657</sup>

<sup>1639</sup> VIDA ARTÍSTICA. Mais uma exposição que se realiza na Galeria Jorge. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 12 jul. 1914, 5ª col., p. 6.

<sup>1640</sup> VIDA ARTÍSTICA. O eminente pintor português Antonio Carneiro faz hoje sua exposição. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1914, 2ª a 4ª col., p. 2.

<sup>1641</sup> FRANÇA, José-Augusto. **A arte portuguesa de oitocentos**. Lisboa: Biblioteca Breve, 1992. p. 98.

<sup>1642</sup> BRANDÃO, Julio. O pintor António Carneiro Junior. **Ilustração Brasileira**. Paris, 1º jul. 1902, p. 12 e 13.

<sup>1643</sup> ARTES E ARTISTAS. Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1914, 3ª e 4ª col., p. 4.

<sup>1644</sup> PEQUENO REGISTRO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 24 jun. 1914, 5ª col., p. 2.

<sup>1645</sup> BINÓCULO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 19 jul. 1914, 1ª col., p. 8.

<sup>1646</sup> PINTO, Manoel de Sousa. Antonio Carneiro. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 5 jul. 1914, 7ª e 8ª col., p. 1.

<sup>1647</sup> A NOTÁVEL EXPOSIÇÃO DE PINTURA E DESENHO ABERTA HOJE. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 18-19 jul. 1914, 5ª col., p. 1.

<sup>1648</sup> CARVALHO, Ronald. Antonio Carneiro: a figura e a estesia. **Careta**. Rio de Janeiro, 6 fev. 1915, p. 10.

<sup>1649</sup> ANTONIO CARNEIRO. Pintor. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 3 ago. 1914, 3ª e 4ª col., p. 2.

<sup>1650</sup> NA ARTE. **Fon Fon**. Rio de Janeiro, 27 jun. 1914, Ano VIII, n. 26, p. 22.

<sup>1651</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 19 jul. 1914, 5ª col., p. 6.

<sup>1652</sup> CARVALHO, Ronald de. O irreal na arte: sobre as exposições de Correia Dias e Antonio Carneiro. **Fon Fon**. Rio de Janeiro, 26 set. 1914, Ano VIII, n. 39, p. 53 e 54.

<sup>1653</sup> A OBRA DE ANTONIO CARNEIRO NO RIO. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 21 nov. 1914, p. 27.

<sup>1654</sup> GRIECO, Agripino. Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 29 jul. 1914, 4ª col., p. 4.

<sup>1655</sup> VIDA ARTÍSTICA. Exposição Antonio Carneiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 24 jul. 1914, 7ª col., p. 1.

<sup>1656</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 21 ago. 1914, 7ª col., p. 6.

<sup>1657</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 20 ago. 1914, 4ª col., p. 3.

**TABELA 16**  
**Exposição individual de António Carneiro (Rio de Janeiro, 1914)**

<b>Obras expostas (técnica e compradores, quando houver)</b>	
<i>A arcada (Braga) (aquarela)</i>	<i>Lua de Ouro</i>
<i>A costura (desenho)</i>	<i>Luz difusa</i>
<i>A grande vaga</i>	<i>Luz luarizada</i>
<i>A hora do banho</i>	<i>Manhã de névoa</i>
<i>À janela (desenho)</i>	<i>Manhã na praia</i>
<i>A moralidade (desenho)</i>	<i>Manhã rósea</i>
<i>Apóstolo (vários desenhos)</i>	<i>Manhãzinha</i>
<i>Arco-íris</i>	<i>Mar alteroso</i>
<i>A vaga</i>	<i>Maria</i>
<i>Azul e violeta</i>	<i>Mariana</i>
<i>Azul intenso</i>	<i>Matosinhos</i>
<i>Baixa-mar</i>	<i>Na praia</i>
<i>Barcos de velas</i>	<i>Névoa</i>
<i>Barracas</i>	<i>No areal</i>
<i>Bebê (desenho)</i>	<i>Nuvens brancas</i>
<i>Beethoven (desenho)</i>	<i>O batismo (desenho)</i>
<i>Boa nova</i>	<i>O berço (desenho)</i>
<i>Bois no areal (aquarela)</i>	<i>O passo</i>
<i>Brancura</i>	<i>Ouro e rosa</i>
<i>Cabeça de menina</i> <sup>1658</sup>	<i>Passo (desenho adquirido por José Custódio Velloso)</i>
<i>Calma</i>	<i>Placidez de presságio</i>
<i>Campo de Sant'Anna (Braga) (aquarela)</i>	<i>Poente</i>
<i>Cavalgada (desenho)</i>	<i>Pomos Vermelhos</i>
<i>Chaminé de fábrica (aquarela)</i>	<i>Raios de sol poente</i>
<i>Cristo (adquirido por José Prestes)</i>	<i>Repouso (desenho)</i>
<i>Crucifixo (desenho)</i>	<i>Retrato de Quinzinho</i>
<i>Depois do banho</i>	<i>Riso (adquirido pelo sr. Vieira)</i>
<i>Dois amigos</i>	<i>Rochedos</i>
<i>Elza</i>	<i>São Francisco de Assis (desenho)</i>
<i>Envolvência</i>	<i>Sol da manhã</i>
<i>Esther</i>	<i>Sol nas fragas</i>
<i>Estudo, de apóstolo (adquirido por Thomaz Leonardo)</i>	<i>Sonho</i>
<i>Estudos de crianças (vários desenhos)</i>	<i>Suavidade</i>
<i>Estudos para Ceia (desenhos)</i>	<i>Tarde na praia</i>

<sup>1658</sup> Reproduzido em: ARTE PORTUGUESA. Uma admirável cabeça de Antonio Carneiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 5 jul. 1914, 3ª e 4ª col., p. 3.

*Infante* (adquirido por José Prestes)

*Invocação*

*Laranjas*

*Laura* (desenho)

*Tempo nebuloso*

*Tia Juliana* (adquirido por José Custódio Velloso)

*Vaga azul*

*Velhice* (desenho)<sup>1659</sup>

*Velho Rabino*

Logo após o encerramento da iniciativa individual portuguesa<sup>1660</sup>, a Galeria Jorge iria rearranjar sua sala de exposições permanentes para abrir um novo evento que deveria conter mais de cem telas de reputados artistas nacionais e estrangeiros, dentre os quais figurava novamente Antônio Carneiro.<sup>1661</sup> Durante a vigência deste certame, o pintor se encontrava em viagem, a visitar familiares e a promover outra mostra de trabalhos em Curitiba<sup>1662</sup>, inaugurada a outubro de 1914 no salão nobre da Associação Comercial (contendo óleos, aquarelas, desenhos<sup>1663</sup> e reproduções fotográficas dos retratos a sanguínea produzidos no Brasil<sup>1664</sup>). A solenidade paranaense seria finalizada<sup>1665</sup> com uma conferência de Tasso Silveira a respeito da trajetória de Carneiro<sup>1666</sup>, em meio a bons índices de visitação e vendas.<sup>1667</sup>

A ausência do pintor do Rio de Janeiro seria pretexto para a organização de outra carinhosa homenagem, desta vez arquitetada por amigos e admiradores, como Filinto de Almeida<sup>1668</sup>. Esta mostra reuniria retratos e desenhos produzidos por Antônio Carneiro nos trópicos<sup>1669</sup> para exibi-los no vestibulo da Associação dos Empregados no Comércio.<sup>1670</sup> A pequena mostra contou com curadoria de Sylvio Bevilacqua, experiente fotógrafo da elite carioca<sup>1671</sup>, que auxiliara a posicionar os quadros de modo a favorecê-los, conforme a luz que incidia sobre as paredes.<sup>1672</sup> Na cerimônia de abertura<sup>1673</sup> foi possível ver ali diversos artistas e

<sup>1659</sup> ARTES E ARTISTAS. Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1914, 3ª e 4ª col., p. 4.

<sup>1660</sup> VIAJANTES. **O SÉCULO**. Rio de Janeiro, 28 ago. 1914, 6ª col., p. 2.

<sup>1661</sup> GALERIA JORGE. A reabertura da sua sala de exposição permanente. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 31 ago. 1914, 7ª col., p. 2.

<sup>1662</sup> VIDA SOCIAL. Viajantes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 28 ago. 1914, 2ª col., p. 5.

<sup>1663</sup> ARTES E ARTISTAS. O “salon” Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 26 out. 1914, 6ª col., p. 3.

<sup>1664</sup> ANTONIO CARNEIRO. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 20 out. 1914, 6ª col., p. 8.

<sup>1665</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 29 out. 1914, 2ª col., p. 9.

<sup>1666</sup> A EXPOSIÇÃO DE ANTONIO CARNEIRO EM CURITIBA. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 28-29 out. 1914, 1ª col., p. 2. / E / EXPOSIÇÃO DE PINTURA EM CURITIBA. **A Noite**. Rio de Janeiro, 28 out. 1914, 3ª col., p. 5. / E / PEQUENAS NOTÍCIAS. Curitiba, 27. **A Rua**. Rio de Janeiro, 28 out. 1914, 2ª col., p. 4.

<sup>1667</sup> ARTES E ARTISTAS. Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 3 nov. 1914, 3ª col., p. 3.

<sup>1668</sup> ANTONIO CARNEIRO. Exposição de retratos. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 2 nov. 1914, 8ª col., p. 2.

<sup>1669</sup> ANTONIO CARNEIRO. Uma interessante exposição de retratos. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 9 nov. 1914, 1ª col., p. 2.

<sup>1670</sup> NOTAS SOCIAIS. Arte. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 9 nov. 1914, 4ª col., p. 6.

<sup>1671</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 12 nov. 1914, 4ª e 5ª col., p. 8.

<sup>1672</sup> NOTAS DE ARTE. Abertura da exposição de retratos do notável artista, Antonio Carneiro. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 9-10 nov. 1914, 3ª col., p. 2.

<sup>1673</sup> SOCIAIS. Exposições. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 9 nov. 1914, 6ª col., p. 4.

curiosos<sup>1674</sup>, além de Ferreira de Almeida, encarregado de negócios de Portugal, Alberto de Oliveira, cônsul geral de Portugal<sup>1675</sup>, e visitantes<sup>1676</sup> que buscavam uma nova oportunidade de apreciar a obra de Carneiro.<sup>1677</sup> Foram apresentados cerca de 20 exemplares a *crayon* e a *sanguínea*<sup>1678</sup> produzidos pelo português<sup>1679</sup>, alguns concluídos logo após seu desembarque na baía carioca<sup>1680</sup> e outras encomendas<sup>1681</sup> providas de personalidades diversas<sup>1682</sup> (como João do Rio, João Luso, Sylvio Bevilacqua, Filinto de Almeida e Jorge de Souza Freitas), imagens elogiadas pela representação fiel da personalidade do modelo.<sup>1683</sup>

Antônio Carneiro só retornaria ao Rio de Janeiro no final de 1914, quando trouxe novos quadros.<sup>1684</sup> Inauguraria, a 21 de dezembro, outra mostra de trabalhos na mesma Galeria Jorge, fruto de um convite que partira do incansável Jorge de Freitas.<sup>1685</sup> O evento iria perdurar por poucos dias devido ao iminente regresso do pintor a Portugal<sup>1686</sup>, o que ocorreu a 13 de fevereiro de 1915.<sup>1687</sup> Passados quase dois anos, em setembro de 1916 a Galeria Jorge voltaria a organizar uma exposição das obras de Carneiro, que desta vez figuraram junto a paisagens do brasileiro Batista da Costa e aos nus do francês Zier.<sup>1688</sup> Ademais, em novembro de 1916 duas marinhas do português seriam vistas nas paredes de um café carioca<sup>1689</sup>, provavelmente ostentadas por algum comprador vaidoso. Já em 1918, o quarto leilão anual do acervo de pinturas da Galeria Jorge arrolava exemplares assinados por Antônio Carneiro, o que pode ser um indicativo de que obras remanescentes de 1914 ainda não teriam sido vendidas até aquela altura.<sup>1690</sup> Os sucessivos acontecimentos comprovam a importância do apoio fornecido por Jorge de Freitas para ampliar a recepção positiva do pintor português entre a sociedade e para manter as suas obras em circulação no mercado brasileiro pelos anos subsequentes.

<sup>1674</sup> NOTAS SOCIAIS. Exposições. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 10 nov. 1914, 5ª col., p. 9.

<sup>1675</sup> **O Paiz**. Rio de Janeiro, 10 nov. 1914, 7ª col., p. 2.

<sup>1676</sup> ARTES E ARTISTAS. **A Rua**. Rio de Janeiro, 10 nov. 1914, 4ª col., p. 2.

<sup>1677</sup> ARTES E ARTISTAS. Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 10 nov. 1914, 6ª col., p. 3.

<sup>1678</sup> O PINTOR CARNEIRO. **O Século**. Rio de Janeiro, 9 nov. 1914, 4ª col., p. 3.

<sup>1679</sup> A OBRA DE ANTONIO CARNEIRO NO RIO. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 21 nov. 1914, p. 27.

<sup>1680</sup> VIDA ARTÍSTICA. O pintor Antonio Carneiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 3 jul. 1914, 2ª e 3ª col., p. 2.

<sup>1681</sup> ANTONIO CARNEIRO. Uma interessante exposição de retratos. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 10 nov. 1914, 1ª col., p. 2.

<sup>1682</sup> ANTONIO CARNEIRO. Exposição de retratos. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 2 nov. 1914, 8ª col., p. 2.

<sup>1683</sup> BINÓCULO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 11 dez. 1914, 1ª col., p. 4.

<sup>1684</sup> BINÓCULO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 20 dez. 1914, 1ª col., p. 8.

<sup>1685</sup> VIDA ARTÍSTICA. A Galeria Jorge re-exporá hoje algumas telas do ilustre pintor português Antonio Carneiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 21 dez. 1914, 8ª col., p. 1.

<sup>1686</sup> ARTES E ARTISTAS. Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 20 dez. 1914, 4ª col., p. 4.

<sup>1687</sup> ANTONIO CARNEIRO. **Fon Fon**. Rio de Janeiro, 20 fev. 1915, Ano IX, n. 8, p. 24.

<sup>1688</sup> AMADOR, Bueno. Galeria Jorge. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 20 set. 1916, 7ª e 8ª col., p. 7.

<sup>1689</sup> SECCÃO PORTUGUESA. Duas telas portuguesas. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 6 nov. 1916, 1ª e 2ª col., p. 5.

<sup>1690</sup> **A Noite**. Rio de Janeiro, 5 jul. 1918, 4ª col., p. 2.



Quase quinze anos depois da sua primeira passagem pelos trópicos, António Carneiro voltaria ao Brasil. Era a última vez que atravessava o Atlântico<sup>1691</sup>, já que faleceria em 1930, pouco tempo após seu regresso a Portugal. Viajava ao Rio de Janeiro para assistir à exposição dos seus 80<sup>1692</sup> óleos, desenhos, sanguíneas e aquarelas que a Galeria Jorge organizaria em 1929.<sup>1693</sup> A iniciativa partiria do próprio Jorge de Freitas, que desde 1914 nutria sincera amizade com o português.<sup>1694</sup> Desembarcado na baía carioca, Carneiro faria as habituais visitas às redações dos periódicos<sup>1695</sup>, algumas das quais mantinham ainda devotados admiradores do seu pincel.<sup>1696</sup> Os jornais lembravam a trajetória de sucesso do pintor<sup>1697</sup> e fomentavam o interesse do meio com sucessivas notícias sobre a abertura da mostra<sup>1698</sup>. Os críticos<sup>1699</sup>, por sua vez, continuavam a perceber a fatura de António Carneiro como sinônimo de misticismo, melancolia e serenidade quase religiosa.<sup>1700</sup>

Através de audiência especial marcada com a ajuda do embaixador português<sup>1701</sup>, Carneiro iria pessoalmente ao Palácio do Catete convidar o presidente da República para comparecer à inauguração do seu evento<sup>1702</sup>, que ocorre a 19 de agosto de 1929<sup>1703</sup>, quando já foram vendidas sete telas<sup>1704</sup>. Pouco depois, a ENBA anunciaria seus planos (não efetivados) de adquirir o retrato de Guerra Junqueiro.<sup>1705</sup> Nesse contexto, *Camões lendo os Lusíadas aos frades de São Domingos*<sup>1706</sup> ganhou grande evidência e chegou a ser cogitado por um grupo de colonos que tencionava doá-lo para o Real Gabinete Português de Leitura. O pintor concederia até entrevista a explicar como construiu a cena por meio de retratos dos parentes<sup>1707</sup>, o que fez

<sup>1691</sup> ANTONIO CARNEIRO. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 8 set. 1929, 4ª a 7ª col., p. 17.

<sup>1692</sup> UM NOTÁVEL ACONTECIMENTO ARTÍSTICO. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 20 ago. 1929, 6ª col., p. 5.

<sup>1693</sup> ANTONIO CARNEIRO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 16 jul. 1929, 2ª col., p. 4.

<sup>1694</sup> PENALVA, Gastão. Antonio Carneiro. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 9 ago. 1929, 7ª e 8ª col., p. 5.

<sup>1695</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 16 ago. 1929, 2ª col., p. 5.

<sup>1696</sup> NOTAS DE ARTE. Antonio Carneiro. **A Noite**. Rio de Janeiro, 3 ago. 1929, 1ª col., p. 8.

<sup>1697</sup> FLEIUSS, Max. Um grande artista. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 21 jul. 1929, 3ª a 7ª col., p. 17.

<sup>1698</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 19 jul. 1929, 2ª col., p. 5.

<sup>1699</sup> DENTRO DA ARTE. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 14 set. 1929, 7ª col., p. 5.

<sup>1700</sup> O PINTOR ANTONIO CARNEIRO E A SUA EXPOSIÇÃO. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 18 ago. 1929, 1ª a 3ª col., p. 23.

<sup>1701</sup> NOTAS AVULSAS. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 13 ago. 1929, 2ª col., p. 6.

<sup>1702</sup> ARTES E ARTISTAS. Inaugura-se amanhã, na Galeria Jorge, a exposição Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 18 ago. 1929, 5ª e 6ª col., p. 4.

<sup>1703</sup> UMA EXPOSIÇÃO REPRESENTATIVA DA GRANDE PINTURA PORTUGUESA. **A Noite**. Rio de Janeiro, 19 ago. 1929, 3ª col., p. 2.

<sup>1704</sup> INAUGUROU-SE A EXPOSIÇÃO DO PINTOR ANTONIO CARNEIRO. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 20 ago. 1929, 6ª a 8ª col., p. 22.

<sup>1705</sup> EXPOSIÇÃO ANTONIO CARNEIRO NA GALERIA JORGE. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 11 set. 1929, 7ª col., p. 5.

<sup>1706</sup> BELAS ARTES. Exposição Antonio Carneiro. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 ago. 1929, 4ª e 5ª col., p. 10.

<sup>1707</sup> AS GRANDES FIGURAS DA ARTE. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 5 set. 1929, 7ª e 8ª col., p. 6.

Saul de Navarro<sup>1708</sup> (antigo editor da revista antilusitana *Gil Blas*<sup>1709</sup>) se render à sensibilidade daqueles personagens que considerava adoravelmente portugueses. A imprensa não perdoaria o desinteresse do governo brasileiro pelo trabalho<sup>1710</sup> e um colaborador do *Correio Paulistano*<sup>1711</sup> garantia que tal rejeição era baseada na opinião dos modernistas, como Fléxa Ribeiro<sup>1712</sup>, que censurou os traços endurecidos da composição.

No geral, a mostra colhia poucos resultados financeiros, malgrado os esforços de Jorge de Freitas e de diversos articulistas. Comumente apontado enquanto representante de uma fatura que resistia ao continuísmo naturalista, em 1929 António Carneiro voltava a um Brasil já abalado pela Semana de Arte Moderna de 1922; mas, ao invés de entusiasmar, fenecera com o desinteresse do público. Um escritor paulista<sup>1713</sup> justificava que os exemplares do português remontavam a um classicismo não mais aceito pelo mundo que conhecera Picasso. Mas a verdade é que a tentativa de Carneiro de manter-se afastado, ao mesmo tempo, das correntes mais radicais do modernismo e das repetições naturalistas, fazendo dele um verdadeiro “modernista classicista”<sup>1714</sup>, não teria agradado o público. Aquela espécie de modernismo próprio, que transitava entre avanços e conservadorismos, seria, enfim, rejeitado pelo Brasil que adentrava a década de 1930.

**TABELA 17**  
**Exposição individual de António Carneiro (Rio de Janeiro, 1929)**

Obras expostas	
<i>A árvore de Jessé</i>	<i>Morena</i>
<i>A Baía (vista de Santa Tereza)</i> (R.J., 1914)	<i>Morro da Glória</i> (R.J., 1914)
<i>A cancela de talha</i>	<i>Morro de Santo António</i> (R.J., 1914)
<i>A cidade, ao alvorecer</i> (R.J., 1914)	<i>Morro do Castelo</i> (R.J., 1914)
<i>A cidade da Bahia (vista do mar)</i> (R.J., 1914)	<i>Morros do Pinto e de São Diogo</i> (R.J., 1914)
<i>A fonte dos Golfinhos</i> (aquarela)	<i>Mosteiro da Serra do Pilar</i>
<i>A grande nave</i>	<i>O claustro</i> (4 obras com o mesmo título)
<i>A janela vermelha</i>	<i>O coro</i>
<i>Amanhece na baía</i> (R.J., 1914)	<i>O Douro (Porto Manso)</i> (aquarela)

<sup>1708</sup> NAVARRO, Saul. Antonio Carneiro: pintor suave e profundo. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 15 set. 1929, 5ª a 8ª col., p. 18.

<sup>1709</sup> VER: JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. **Revista *Gil Blas* e o nacionalismo de combate (1919-1923)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

<sup>1710</sup> MESTRE ANTONIO CARNEIRO. **Diário Nacional**. São Paulo, 12 nov. 1929, 4ª e 5ª col., p. 7.

<sup>1711</sup> EXPOSIÇÃO DE ANTONIO CARNEIRO. **Correio Paulistano**. São Paulo, 12 nov. 1929, 7ª e 8ª col., p. 6.

<sup>1712</sup> RIBEIRO, Fléxa. Exposição Antonio Carneiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 20 ago. 1929, 5ª e 6ª col., p. 1.

<sup>1713</sup> ANTONIO CARNEIRO. **Correio Paulistano**. São Paulo, 13 nov. 1929, 4ª e 5ª col., p. 10.

<sup>1714</sup> AMORIM, José Carlos de Castro. **António Carneiro: pluralidade e desígnios do ilustrador**. Dissertação (Mestrado em História da Arte Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2012. p. 89.

<i>A mesa de mármore</i>	<i>O grande órgão</i>
<i>A nave lateral direita</i>	<i>O lavabo</i>
<i>A nave lateral esquerda</i>	<i>O mosteiro</i>
<i>A porta do coro</i>	<i>O Pão de Açúcar (R.J., 1914)</i>
<i>A sacristia</i>	<i>O Porto</i>
<i>A Serra de São Mamede de Riba-Tua (aquarela)</i>	<i>O púlpito (3 obras com o mesmo título)</i>
<i>Autorretrato</i>	<i>O rio Douro (Porto)</i>
<i>Caminho batido de sol (aquarela)</i>	<i>Os dois amigos (R.J., 1914)</i>
<i>Caminho de aldeia (aquarela)</i>	<i>O terreirinho ao sol</i>
<i>Caminho rústico (Beilinho)</i>	<i>O viaduto de Santa Tereza (R.J., 1914)</i>
<i>Camões lendo os Lusíadas aos frades de São Domingos</i>	<i>Paisagem do Douro (aquarela)</i>
<i>Capela Renascença</i>	<i>Pinheiros ao declinar do dia (aquarela)</i>
<i>Casa do poeta Teixeira de Pascoaes</i>	<i>Porta da igreja</i>
<i>Casebres rústicos (aquarela)</i>	<i>Praia do Leblon (R.J., 1914)</i>
<i>Catedral e igreja do Carmo (R.J., 1914)</i>	<i>Retrato de Claudio</i>
<i>Celas (Coimbra)</i>	<i>Retrato de Estelinha (desenho)</i>
<i>Copacabana (R.J., 1914)</i>	<i>Retrato de Guerra Junqueiro</i>
<i>Corcovado (R.J., 1914)</i>	<i>Retrato de Maria (desenho)</i>
<i>Cúpula da igreja de S. Gonçalo (Amarante) (aquarela)</i>	<i>Retrato de Mariazinha (desenho)</i>
<i>Detalhe do grande órgão</i>	<i>Retrato de minha mulher</i>
<i>Efeito de manhã (de Santa Tereza) (R.J., 1914)</i>	<i>Retrato de Mme. Alvaro Pinto (desenho)</i>
<i>Entardecer em Copacabana (R.J., 1914)</i>	<i>Retrato de Mme. Rodrigo Octavio (desenho)</i>
<i>Igreja da Glória (R.J., 1914)</i>	<i>Rua da Carioca (R.J., 1914)</i>
<i>Igreja de São Bento (Porto)</i>	<i>Santa Clara (Porto)</i>
<i>Igreja de São Francisco (Porto)</i>	<i>Santa Cruz (Coimbra)</i>
<i>Igrejas do Sacramento, São Francisco e Rosário (R.J., 1914)</i>	<i>São Francisco de Assis (desenho)</i>
<i>Ilha Fernando de Noronha (R.J., 1914)</i>	<i>Serra dos Órgãos (R.J., 1914)</i>
<i>Interior de igreja</i>	<i>Sé Velha (Coimbra)</i>
<i>Leme (R.J., 1914)</i>	<i>Trecho da cidade (vista de Sumaré, estrada da Lagoinha) (R.J., 1914)</i>
<i>Manhã de sol no claustro</i>	<i>Villegaignen (R.J., 1914)</i>
<i>Montanhas do Douro</i>	<i>Virgínia (aquarela)</i>

Esquecido pela imprensa carioca, António Carneiro só voltaria a ser mencionado no início do mês de novembro de 1929, quando pequenas notas apontaram a sua decisão de viajar

para São Paulo<sup>1715</sup>. O pintor, que era ali conhecido e admirado<sup>1716</sup>, anunciaria a inauguração de um certame<sup>1717</sup> que contaria com 62 trabalhos (28 pinturas, 31 aquarelas e 3 desenhos) - números que sugerem a venda de apenas 18 quadros no Rio de Janeiro.<sup>1718</sup> A exposição paulista<sup>1719</sup> manteve os salões cheios de amadores e artistas<sup>1720</sup>, além de registrar também algumas vendas<sup>1721</sup>. Durante o evento, *Camões lendo os Lusíadas aos frades de São Domingos* seria finalmente adquirido por um anônimo<sup>1722</sup>, atitude deveras celebrada nos jornais. Afinal, a fatura simbolista do português seria melhor compreendida pelo público paulista, acostumado à maior versatilidade estética de um meio cosmopolita que arquitetara a Semana de 1922?

**TABELA 18**  
**Exposição individual de Antônio Carneiro (São Paulo, 1929)**

<b>Algumas obras expostas</b>	<b>Compradores</b>
<i>Caminho batido pelo sol</i> (aquarela)	Carlota Guimarães
<i>Camões lendo os Lusíadas aos frades de S. Domingos</i>	Anônimo
<i>Catedral e Igreja do Carmo</i> (aquarela)	René Thiolier
<i>Claustro</i>	Francisca Monteiro da Silva
<i>Claustro</i>	João Braga
<i>Da casa do poeta Teixeira de Pascoaes</i>	Carlota Guimarães
<i>Grande órgão</i>	Plínio de Queiroz
<i>Janela vermelha</i>	Francisca Monteiro da Silva
<i>Morena</i>	...
<i>Morro do Castelo</i> (aquarela)	Carlota Guimarães
<i>O terreirinho ao sol</i>	...
<i>Porta de igreja</i>	Heitor Cunha
<i>Retrato de Claudio Carneiro</i>	...
<i>Retrato de Guerra Junqueiro</i>	...

<sup>1715</sup> REGISTO DE ARTE. Exposição Antonio Carneiro. **Correio Paulistano**. São Paulo, 6 nov. 1929, 7ª col., p.4.

<sup>1716</sup> NOTAS DE ARTE. **A Gazeta**. São Paulo, 9 nov. 1929, 4ª e 5ª col., p. 5.

<sup>1717</sup> EXPOSIÇÃO ANTONIO CARNEIRO. **Correio Paulistano**. São Paulo, 9 nov. 1929, 8ª col., p. 7.

<sup>1718</sup> PAÇO D'ARCOS, Joaquim. Exposição de pintura Antonio Carneiro. **Diário Nacional**. São Paulo, 10 nov. 1929, 2ª a 7ª col., p. 6.

<sup>1719</sup> EXPOSIÇÃO DE ANTONIO CARNEIRO. **Correio Paulistano**. São Paulo, 10 nov. 1929, 7ª e 8ª col., p. 4.

<sup>1720</sup> EXPOSIÇÃO ANTONIO CARNEIRO. **Correio Paulistano**. São Paulo, 16 nov. 1929, 8ª col., p. 3.

<sup>1721</sup> EXPOSIÇÃO ANTONIO CARNEIRO. **Diário Nacional**. São Paulo, 20 nov. 1929, 6ª col., p. 7.

<sup>1722</sup> EXPOSIÇÃO ANTONIO CARNEIRO. **Correio Paulistano**. São Paulo, 17 nov. 1929, 6ª col., p. 6.

## 6.2 A Grande Exposição de Arte Portuguesa

Para finalizar o rol de projetos engendrados por particulares ou empresas em benefício das Belas Artes portuguesas ao longo da Primeira República brasileira é importante citar a Grande Exposição de Arte Portuguesa, organizada por João de Figueiredo Ursprung em 1920. Este filho de um comerciante de molduras lisboeta, acostumado à presença constante de pintores na loja do pai, acabaria por firmar amizade com alguns artistas e conquistar a confiança necessária para o plano que agora colocava em prática.<sup>1723</sup> Viajava ao Rio de Janeiro por iniciativa própria, para o que empenharia significativo montante das suas finanças. Objetivava, com o empreendimento, ampliar o intercâmbio cultural entre os dois lados do Atlântico ao exhibir quadros dos pintores portugueses no Brasil e ao levar para Portugal exemplares da arte brasileira, ideia que contaria com a adesão maciça de figuras das duas nacionalidades.<sup>1724</sup> Para integrar o evento, o comerciante português convidaria artistas do norte ao sul de Portugal, sem predileção por linguagens ou nomes reconhecidos, aceitando até obras dos controversos futuristas.<sup>1725</sup> O chamado teria gerado alvoroço nos mais novos, que vislumbravam ali a oportunidade de figurarem junto a mestres como Columbano Bordalo e José Malhoa.<sup>1726</sup>

Adalberto Mattos<sup>1727</sup> lembrou que a maior interação cultural entre o além e o aquém-mar, apesar de muito falada, permanecia até ali no campo das ideias e só seria concretizada pela iniciativa de João de Figueiredo. Por esta razão, a abertura da mostra foi aguardada com grande expectativa pelos periódicos cariocas, que noticiariam seus preparativos<sup>1728</sup> e atualizariam constantemente as listagens de artistas aderentes.<sup>1729</sup> Em meados de agosto de 1920, desembarcado no Rio de Janeiro, João de Figueiredo iria propor ao diretor da Escola Nacional de Belas Artes que a Grande Exposição de Arte Portuguesa fosse realizada nos salões da academia, sugestão imediatamente aceita.<sup>1730</sup> O *vernissage* programado para 13 de outubro<sup>1731</sup>, com abertura ao público agendada para o dia seguinte<sup>1732</sup>, registraria a presença de autoridades,

<sup>1723</sup> UMA GRANDE EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 17 ago. 1920, 5ª e 6ª col., p. 3.

<sup>1724</sup> A GRANDE EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 14 out. 1920, 3ª col., p. 3.

<sup>1725</sup> A ARTE PORTUGUESA. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 6 maio 1920, 6ª col., p. 1.

<sup>1726</sup> NOTÍCIAS DE PORTUGAL. Lisboa, 5. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 6 maio 1920, 2ª col., p. 4.

<sup>1727</sup> MATTOS, Adalberto. Mostras de arte. **Ilustração Brasileira**. Rio de Janeiro, Out. 1920, Ano VIII, n. 2, p.29.

<sup>1728</sup> INTERCÂMBIO ARTÍSTICO LUSO-BRASILEIRO. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 21 jul. 1920, 2ª col., p. 3.

<sup>1729</sup> A GRANDE EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 7 out. 1920, 1ª e 2ª col.,p.3.

<sup>1730</sup> ECHOS. **O Imparcial**. Rio de Janeiro, 17 ago. 1920, 1ª e 2ª col., p. 8.

<sup>1731</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 14 out. 1920, 4ª col., p. 5.

<sup>1732</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 15 out. 1920, 7ª col., p. 5.

como o embaixador de Portugal, além de artistas, amadores e colecionadores.<sup>1733</sup> Do total de quase 400 exemplares, a sessão de pintura traria 156 óleos e 27 a pastéis, de cerca de 40<sup>1734</sup> autores.<sup>1735</sup> Ronald de Carvalho<sup>1736</sup> comentaria a doçura com que o assunto pátrio era ali tratado pelos portugueses, sem fazerem uso dos artifícios franceses ou alemães em voga à época, embora também externasse seu desagrado para com a enorme quantidade de itens exibidos e a atordoante mistura de estilos. O excesso de artigos dispostos nas paredes e corredores da ENBA cansaria o visitante, que via “abóboras, peras, ananases, uvas, couves e maçãs muito recomendáveis ao intercâmbio económico, mas perfeitamente dispensáveis ao intercâmbio artístico entre Brasil e Portugal”<sup>1737</sup>.

A pouco exitosa Exposição de Arte Portuguesa seria encerrada a 4 de novembro de 1920<sup>1738</sup> e a notícia do seu relativo fracasso logo chegaria ao além-mar, desanimando alguns dos seus aderentes. Neste ínterim, a partidária imprensa carioca ressaltaria que as vendas pouco expressivas não anulavam os benefícios produzidos pelo significativo deslocamento de visitantes ao salão da ENBA. Após o fim do evento, João de Figueiredo procuraria alguns pintores locais para concretizar a segunda etapa da promoção do intercâmbio cultural luso-brasileiro, qual seja, a de reunir trabalhos produzidos no Brasil para figurarem nos salões de Portugal. Seriam, então, organizadas conferências lideradas por Bruno Lobo, presidente da Sociedade Brasileira de Belas Artes, com fins de aproximar o comerciante e a comunidade artística local. Foram agendadas palestras individuais com João Batista da Costa, Carlos Oswaldo, Rodolpho Chambelland, Arthur Thimoteo, Lucilio de Albuquerque, Adalberto Mattos e Georgina de Albuquerque. Depois de muito diálogo, ficou decidido que as obras dos brasileiros interessados no projeto deveriam ser reunidas na Escola Nacional de Belas Artes para, posteriormente, seguirem rumo a Portugal sob a responsabilidade de Ursprung.<sup>1739</sup> O malogro da mostra carioca, entretanto, acabaria por atrapalhar o prosseguimento dos planos e impediria a concretização do evento brasileiro em Portugal.

<sup>1733</sup> A GRANDE EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 15 out. 1920, 1ª col., p. 3.

<sup>1734</sup> Adelaide Lima Cruz, Albertina Rodrigues, Alberto Souza, Alfredo Keil, Álvaro da Fonseca, Alves Cardoso, Antônio Saude, Columbano, Costa Motta (tio), D. Carlos I, Ernesto Condeixa, Ezequiel Pereira, Falcão Trigo, Frederico de Carvalho, Fernandes Tavares, Jayme Barata, João Marques, João Reis, João Trigo, Joaquim Costa, José Leite, Leitão de Barros, Luciano Freire, Malhoa, Martinho da Fonseca, Mattoso da Fonseca, Paulino Montez, Raul Carapinha, Ribeiro Júnior, Silva Porto, Simão da Veiga, Veloso Salgado, além dos escultores.

<sup>1735</sup> VIDA SOCIAL. Exposições. **A Razão**. Rio de Janeiro, 16 out. 1920, 4ª col., p. 5.

<sup>1736</sup> CARVALHO, Ronald. A pintura portuguesa. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 26 out. 1920, 4ª e 5ª col., p. 1.

<sup>1737</sup> *Ibidem*.

<sup>1738</sup> O ENCERRAMENTO DA EXPOSIÇÃO DE PINTURA PORTUGUESA. **A Noite**. Rio de Janeiro, 3 nov. 1920, 4ª col., p. 1.

<sup>1739</sup> INTERCÂMBIO ARTÍSTICO LUSO-BRASILEIRO. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 6 nov. 1920, 3ª col., p. 3.

**TABELA 19**  
**Grande Exposição de Arte Portuguesa (Rio de Janeiro, 1920)**<sup>1740</sup>

Artista	Obras exibidas	Compradores
Adelaide Lima Cruz	<i>Primeiros cuidados</i>	...
Albertina Rodrigues	<i>O pote da Índia</i>	...
Alberto de Souza Pinto	<i>Adega</i>	Rego Barros
	<i>Interior de igreja</i>	José Prestes
Alfredo Keil	...	...
Álvaro da Fonseca	...	...
Alves Cardoso	<i>O velho sobreiro e A saída para a festa</i>	...
António Saude	<i>Manhã de março</i>	...
Carlos Bonvalot	<i>A virgem</i>	João de Figueiredo
	<i>Cabeça de homem</i>	Rego Barros
	<i>Cabeça de mulher</i>	Rego Barros
Carlos Reis	...	...
Carlos I (rei)	<i>Resposta do Inquisitor, pastel</i>	...
Columbano	<i>O repolho</i>	Silva Costa
	<i>O irmão</i>	Silva Costa
	<i>A saudade</i>	Silva Costa
Costa Motta	<i>Pastorinha</i>	...
David de Almeida	...	...
Ernesto Condeixa	<i>Homem do mar</i>	...
Evaristo Catalão	<i>Gente do mar</i>	...
Ezequiel Pereira	<i>Villa de Moinhos</i>	...
Falcão Trigos	<i>Costa de Mira, Algarve</i>	...
Fernandes Tavares	<i>Igrejas</i>	...
Frederico Carvalho	<i>Frutas</i>	...
João Reis	...	...

<sup>1740</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 17 out. 1920, 2ª e 3ª col., p. 3.

João Trigoso	<i>Praia do Pinheiro</i>	...
João Vaz	...	...
Joaquim Costa	<i>Regateira</i>	...
José Leite	<i>Onda</i>	...
	<i>Poente</i>	Rego Barros
José Malhoa	<i>A varanda dos rouxinóis, Último adeus à aldeia, Procissão e o pastel Reflexos</i>	...
	<i>Faceira</i>	João Lage
José Pereira	<i>Surpreendido</i>	Rego Barros
Leitão de Barros	<i>A mulher dos vasos</i>	Rego Barros
	<i>Nas docas do Aterro</i>	José Prestes
	<i>Os poetas</i>	...
Luciano Freire	<i>Os catraeiros e O vaqueiro</i>	...
Martinho da Fonseca	<i>Lêdo surpreendido</i>	...
	<i>Flor mimosa</i>	Silva Costa
	<i>Irmãos</i>	José Custodio Velloso <sup>1741</sup>
Mattoso da Fonseca	...	...
Nunes Ribeiro	<i>Árabe fumando</i>	Ignacio Areal
Romano Esteves	<i>Visão de S. Francisco</i>	José Prestes
Salvador Júnior	<i>Condução do barco para a terra</i>	...
Silva Porto	<i>Paisagem do Minho</i>	Silva Costa
Simão da Veiga	...	...
Simões de Almeida	...	...
Veloso Salgado	<i>O carteiro</i>	...
	<i>Leitura interessante</i>	José Prestes
Zoé Batalha Reis	...	...

<sup>1741</sup> A ARTE EM PORTUGAL. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 12 jan. 1921, 1ª col., p. 3.



Atento às críticas, João de Figueiredo afirmou que voltaria ao Brasil em junho de 1921 com uma mostra mais homogênea e na qual figurariam apenas os nomes mais expressivos da arte portuguesa.<sup>1742</sup> Um articulista chegaria a aconselhar francamente que ele não reaparecesse mesmo “com arte a granel, com arte como essa que ainda queria deixar aqui para expor novamente quando voltasse”<sup>1743</sup>. O comerciante não regressaria, mas a ação que mais se aproxima das suas pretensões seria implementada apenas no ano de 1928, na progressista São Paulo. A Exposição de Arte Portuguesa organizada por iniciativa particular de outro negociante português, Pinto de Vasconcellos, seria deveras aplaudida pela imprensa paulista e despertaria grande curiosidade entre os amadores.<sup>1744</sup> Inaugurada a 11 de dezembro<sup>1745</sup>, também exibiria telas de variadas escolas e épocas da arte portuguesa<sup>1746</sup>. Em meio aos trabalhos dos mestres Carlos Reis, José Malhoa, Alfredo Keil, Veloso Salgado, Augusto de Mello Girão e Tomás da Anunciação, eram dispostos os setecentistas Vieira Lusitano e o Morgado de Setúbal.<sup>1747</sup> Apesar da boa oferta de pinturas, as Belas Artes não conquistariam tantos compradores quanto as sessões de móveis, porcelanas e retratos de figuras históricas.<sup>1748</sup>

---

<sup>1742</sup> A GRANDE EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 19 nov. 1920, 1ª col., p. 3.

<sup>1743</sup> AINDA A GRANDE EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 20 nov. 1920, 6ª e 7ª col., p. 3.

<sup>1744</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **Diário Nacional**. São Paulo, 14 dez. 1928, 6ª col., p. 12.

<sup>1745</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **Diário Nacional**. São Paulo, 11 dez. 1928, 1ª col., p. 7.

<sup>1746</sup> ARTE PORTUGUESA. **Correio Paulistano**. São Paulo, 11 dez. 1928, 2ª col., p. 12.

<sup>1747</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **Correio Paulistano**. São Paulo, 19 dez. 1928, 6ª col., p. 4.

<sup>1748</sup> REGISTO DE ARTE. Arte portuguesa. **Correio Paulistano**. São Paulo, 12 dez. 1928, 1ª col., p. 8.

## **CAPÍTULO 7**

### **SOCIEDADE E MERCADO:**

### **COLECIONISMO E CIRCULAÇÃO DAS OBRAS PORTUGUESAS NO BRASIL**

Os diversos fatores de atração da arte portuguesa analisados até aqui contribuíram de forma decisiva para a maior presença dos pintores portugueses no Brasil ao longo da Primeira República. A amizade estabelecida entre artistas e intelectuais das duas nacionalidades, o incentivo e a publicidade fornecidos pela imprensa, o apoio das entidades representativas dos imigrantes sediados nos trópicos, os projetos governamentais e o interesse dos comerciantes privados compõem o conjunto de elementos indispensáveis à concretização da travessia do Atlântico. Se, ao contrário do que ocorrera, tivessem as rixas xenofóbicas de fins do século XIX atingido as relações interpessoais e levado jornalistas a ignorarem as manifestações chegadas do além-mar, provavelmente os brasileiros, ao vivenciarem no seu cotidiano o clima de antipatia contra os antigos colonizadores, acabariam por rejeitar a arte enviada pela ex-metrópole. Ainda mais, fosse a comunidade de imigrantes desorganizada e anêmica ou caso os governos de além e aquém-mar não tivessem manifestado interesse em promover o intercâmbio cultural luso-brasileiro, os empreendedores particulares talvez nem chegariam a dispor de esforços próprios para a acolhida e a promoção das exposições portuguesas.

Assim, cada um dos aspectos analisados nos capítulos anteriores integram um conjunto de fatores dependentes e complementares entre si que fizeram o naturalismo português buscar no Brasil uma recepção favorável durante um período tão desfavorável para a sua nacionalidade. Frente ao deficitário mercado de Portugal<sup>1749</sup>, que enfrentaria seguidas crises, a nação lusofobista sul-americana continuava a ser a alternativa mais palpável de sobrevivência aos pintores portugueses. O resultado do movimento intenso de travessia do Atlântico, estabelecido a partir da premissa de que a pintura naturalista portuguesa possuía um considerável nicho mercadológico no Brasil, seria o processo de colecionismo exercido pela sociedade brasileira. O mercado tropical, composto por novos ricos interessados em sua promoção pessoal e colonos em busca de diminuir as saudades da terra deixada, iria adquirir, com interessada devoção e ufanista paixão, os exemplares chegados do além-mar.

O mecenas José de Freitas Valle é personalidade que representa com plenitude os abastados colecionadores de arte brasileiros emergidos na passagem para o século XX. As suas famosas reuniões da *Villa Kyral*, em São Paulo, receberiam intelectuais (como Coelho Netto, João do Rio, Menotti del Picchia, Paulo Prado, Mario e Oswald de Andrade) e artistas (José Washt Rodrigues e Victor Brecheret, por exemplo) que ali atuavam ou que estavam de passagem pela cidade. Na residência discutia-se, entre literatos e pintores, a arte que deveria

---

<sup>1749</sup> PINHARANDA, João. O modernismo I: expressão, estilização, disciplina. In: RODRIGUES, Dalila (Coord.). **Arte Portuguesa: da pré-história ao século XX**. v. 18. Lisboa: Fubu, 2009. p. 14 e 16.

ocupar os salões paulistas, sempre com demasiada indiferença à renovação estética promovida por ativistas locais.<sup>1750</sup> Valle também foi responsável por reavivar o Pensionato Artístico em 1912, uma alternativa às bolsas ofertadas pela ENBA e existente desde 1892, mas até então de atuação comedida.<sup>1751</sup> Ao confluir no seu entorno a nata da sociedade brasileira e ao tornar o meio paulista dependente de suas encomendas, homens como Freitas Valle acabariam por determinar o tom do mercado regional: contribuiriam, no caso, para a longa duração da linguagem naturalista, a sua preferida.

### 7. 1 Patrocínio e encomendas

Com o regular investimento de recursos próprios, os abastados brasileiros e as comunidades de imigrantes instaladas nos trópicos iriam também patrocinar diretamente alguns artistas portugueses de passagem por São Paulo ou pelo Rio de Janeiro. Foi o que aconteceu, por exemplo, com Eduarda Lapa (discípula de Arthur Loureiro e Emília dos Santos Braga), que em 1928 levaria mais de 70 quadros ao conhecimento do público brasileiro, entre óleos, pasteis e desenhos.<sup>1752</sup> Sua viagem teria sido custeada por senhoras da elite carioca, como Ana Amélia Carneiro de Mendonça, Henriqueta Lisboa, Laura Margarida de Queiroz, Yveta Ribeiro e Zita Coelho Netto.<sup>1753</sup> Esta comissão de distintas damas se encarregaria da promoção da mostra instalada no salão da Galeria Jorge<sup>1754</sup> e convidaria a imprensa para o *vernissage* do dia 12 de setembro de 1928.<sup>1755</sup> O evento, que registrou boa visita<sup>1756</sup>, teria noticiada a venda de quase todas as telas<sup>1757</sup>, informação que parece ser mais um artifício publicitário empregado para impulsionar a iniciativa. Em palestra concedida à *Gazeta de Notícias*<sup>1758</sup>, a própria artista iria confessar sua decepção frente ao módico acolhimento dos brasileiros, que teriam adquirido apenas quatro trabalhos.

<sup>1750</sup> AMARAL, Aracy. **Artes plásticas na Semana de 22**: subsídios para uma história da renovação das artes no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 87-90.

<sup>1751</sup> ROSSI, Mirian Silva. A gênese do campo artístico paulistano: entre vanguarda e tradição. **Saeculum Revista de História**. João Pessoa: UFPB, n. 28, jan./jun. 2013, p. 195-210.

<sup>1752</sup> NOTAS DE ARTE. **A Noite**. Rio de Janeiro, 1º set. 1928, 1ª col., p. 8.

<sup>1753</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 12 set. 1928, 4ª col., p. 6.

<sup>1754</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 9 set. 1928, 4ª col., p. 7.

<sup>1755</sup> BELAS ARTES. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 12 set. 1928, 8ª col., p. 10.

<sup>1756</sup> AS FLORES DA SRA. EDUARDA LAPA. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 11 out. 1928, 3ª col., p. 3.

<sup>1757</sup> EXPOSIÇÃO DE PINTURA EDUARDA LAPA. **A Noite**. Rio de Janeiro, 10 out. 1928, 4ª col., p. 2.

<sup>1758</sup> D'ARON, Arly. Arte portuguesa. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 23 set. 1928, 3ª e 4ª col., p. 9.

Pintora de flores, paisagens, desenhos e retratos<sup>1759</sup>, Eduarda Lapa era reconhecida em Portugal, onde fora alvo de elogios proferidos por Teixeira Lopes e António Carneiro. Já no Brasil, a portuguesa seria enaltecida pelo tratamento moderno que imprimia à imagem, ou seja, por fugir ao rigor formal do desenho e ao purismo perfeccionista<sup>1760</sup>, preferindo as manchas.<sup>1761</sup> Ganharia ainda breve nota analítica de Fléxa Ribeiro publicada n' *O Paiz*<sup>1762</sup>, na qual o crítico ressaltava a frescura, a leveza e o colorido justo que envolviam as românticas flores, embora as figuras e objetos compositivos não estivessem bem assentados nas telas. Outro articulista descreveria os quadros da pintora como “pedaços de jardins vistos através de um idealismo que lhes empresta o quer que seja de sonho e de imaterial”<sup>1763</sup>.

O apoio da sociedade brasileira aos pintores portugueses, embora não fosse garantia de sucesso, era sentido também nas encomendas de trabalhos e nas homenagens feitas a notáveis por meio do oferecimento de obras com assinaturas portuguesas. Em julho de 1903, por exemplo, um grande quadro de José Malhoa (que representava uma cena do romance *As Pupilas do Sr. Reitor*, de Julio Dinis) seria comprado por “alguns dos mais importantes membros da colônia portuguesa”<sup>1764</sup> e entregue ao ministro plenipotenciário de Portugal no Brasil, Camello Lampreia. Já no ano de 1909, o Centro Acadêmico inauguraria um retrato a *crayon* em homenagem ao poeta Guerra Junqueiro, ofertado na ocasião pelo artista português J. Almeida, em cerimônia que contou com a presença de membros e associados do Grêmio Republicano Português.<sup>1765</sup> Por fim, em maio de 1928 Alves Cardoso seria procurado para produzir o busto de José António de Souza, sócio da *Casa Sotto Maior & Cia*<sup>1766</sup>, logo após o seu desembarque na baía carioca<sup>1767</sup>. Pouco depois, ele exibiria a efígie do próprio Candido Sotto Maior na Galeria Jorge<sup>1768</sup>. Os patrocínios e as encomendas, entretanto, geralmente não comporiam o montante econômico mais significativo reunido pelos pintores portugueses de passagem pelos trópicos.

<sup>1759</sup> PALAVRAS E IMPRESSÕES DE UMA PINTORA PORTUGUESA. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 2 set. 1928, 4ª e 5ª col., p. 3.

<sup>1760</sup> UMA FORMOSA EXPRESSÃO DA PINTURA PORTUGUESA. *A Noite*. Rio de Janeiro, 10 set. 1928, 3ª e 4ª col., p. 8.

<sup>1761</sup> EXPOSIÇÃO EDUARDA LAPA. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 5 out. 1928, 6ª e 7ª col., p. 3.

<sup>1762</sup> RIBEIRO, Fléxa. Artes e Artistas: Belas Artes. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 13 set. 1928, 2ª col., p. 5.

<sup>1763</sup> BELAS ARTES. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 set. 1928, 2ª col., p. 12.

<sup>1764</sup> *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 jul. 1903, 1ª col., p. 3.

<sup>1765</sup> GUERRA JUNQUEIRO. *A Imprensa*. Rio de Janeiro, 15 ago. 1909, 1ª col., p. 5.

<sup>1766</sup> BELAS ARTES. A próxima exposição do Sr. Alves Cardoso. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 31 maio 1928, 1ª col., p. 8.

<sup>1767</sup> EXPOSIÇÕES. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 31 maio 1928, 5ª col., p. 5.

<sup>1768</sup> UM GRANDE ARTISTA PORTUGUÊS EM VISITA AO BRASIL. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 16 jun. 1928, 1ª e 2ª col., p. 27.

## 7. 2 Amadorismo e colecionismo

O retorno financeiro buscado pelos pintores portugueses que planeavam suas visitas ao Brasil ou preparavam o envio de obras para o aquém-mar foi substancialmente satisfeito através das compras efetivadas por amadores e colecionadores brasileiros. A prática do colecionismo, ao considerar que itens reunidos e seriados em determinados espaços possibilitavam uma melhor apreensão do conhecimento, estava em alta na transição das centúrias. Marize Malta nota que no Rio de Janeiro, “ao longo do século XIX, a casa se tornou um lugar possível para acolher inúmeras coleções”<sup>1769</sup>, montadas conforme o esforço pessoal de seus proprietários (médicos, políticos, engenheiros em viagem ao exterior) e por intervenção de comerciantes que aceitavam encomendas. Os paulistas, por sua vez, teriam despertado para tal conduta no início do século XX, já que “o ato de colecionar é eminentemente urbano”<sup>1770</sup> e o progresso da terra do café teria feito emergir uma burguesia que tinha por hábito acumular artigos seletos.

O colecionismo acabaria por enobrecer os novos ricos emergidos com a Primeira República brasileira, embora o jornalista Oscar Lopes<sup>1771</sup>, em série de artigos publicada em 1905, afirme que eram poucos os que poderiam ser verdadeiramente intitulados colecionadores. Geralmente ignorantes dos conceitos artísticos, quando selecionavam exemplares para agregar às suas galerias, esses homens quase sempre optavam pelos títulos mais notórios, ou seja, por trabalhos abalizados pela fama dos seus autores e o aplauso da crítica; e não necessariamente por aqueles de maior qualidade. As galerias particulares da Primeira República admitiam objetos de diferentes técnicas, períodos e linguagens, conforme o gosto eclético da época. Sonia Gomes Pereira afirma que “as coleções e seus mentores não pensavam em estilos temporais, e sim individuais, e as exposições eram organizadas não em termos cronológicos ou geográficos, mas sim temáticos ou tipológicos”<sup>1772</sup>.

---

<sup>1769</sup> MALTA, Marize. Arte em casa: colecionismo de objetos em fins do século XIX no Rio de Janeiro e a Coleção Ferreira das Neves. In: NETO, Maria João; MALTA, Marize (eds.). **Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX**: perfis e trânsitos. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014. p. 128.

<sup>1770</sup> NASCIMENTO, Ana Paula. Exposições e colecionismo privado: a presença dos artistas portugueses em São Paulo (1900-1930). In: NETO, Maria João; MALTA, Marize (eds.). *Op. cit.*, 2014. p. 365-377.

<sup>1771</sup> *Apud* VALLE, Arthur. “Coleccionadores”: uma análise da série de artigos de Oscar Lopes, publicadas na *Gazeta de Notícias* em 1905. In: CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. *et al.* **Anais do VIII Seminário do Museu D. João VI / IV Colóquio Internacional Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX**. Arte e seus lugares: coleções em espaços reais. Rio de Janeiro: EBA/PPGAV, Museu D. João VI, 2017. p. 197-211.

<sup>1772</sup> PEREIRA, Sonia Gomes. Os exercícios das cópias dos nossos artistas na Europa: o que viam e o que escolhiam. In: CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. *et. al.* **Anais do XXXII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Direções e sentidos da História da Arte. Brasília: CBHA, 2012. p. 707-724.

Embora estes acervos públicos e privados do Brasil registrassem, na passagem para o século XX, a “presença tímida de obras de artistas de origem portuguesa”<sup>1773</sup> (quando comparados aos italianos, espanhóis e franceses), o fluxo de telas no sentido Portugal-Brasil seria expressivo e relevante. O naturalismo, que se mantinha estável diante da modernidade e largamente aceite nos mercados de todo o mundo na transição dos séculos, seria escolhido como estandarte cultural para preencher os acervos daqueles indivíduos “imbuídos de preocupações preservacionistas, não raramente marcados por um viés nacionalista”<sup>1774</sup>. As pequenas dimensões dos quadros disponibilizados em frequentes mostras possibilitariam uma maior disseminação do objeto artístico por distintos ambientes e, conseqüentemente, a progressiva educação estética do ainda ignorante público brasileiro:

Há bem pouco tempo a guarda de uma boa tela era um privilégio dos ricos. E nem sempre esses bons trabalhos iam parar em dignas mãos. Os colecionadores de arte em geral tinham muito dinheiro e escasso gosto. De qualquer modo, as obras ficavam segregadas da grande massa e apenas ao dono e aos seus amigos era dado contemplá-las. Os preços da aquisição eram elevados e por isso muita gente deixava de ir às exposições. Hoje, os preços estão menos difíceis. A frequência das galerias terá levado a muitas pessoas a tentação de possuir uma bela coisa em sua casa. Assim, os quadros vão se espalhando. É pelo convívio deles que se pode educar o gosto e os objetos de arte formam um ambiente incomparável.<sup>1775</sup>

O mercado artístico da Primeira República era constantemente alimentado pela circulação de obras através do Atlântico realizada por negociantes e viajantes – como Rego Barros, que em 1904 adquiriu a tela *Inverno*, de Columbano Bordalo Pinheiro<sup>1776</sup>, durante uma exposição<sup>1777</sup> organizada no salão do *Diário de Notícias* de Lisboa<sup>1778</sup> e a levou consigo para o Rio de Janeiro. Já os interessados que não tinham a chance de deslocar-se até a Europa podiam, na visita às exposições instaladas no Brasil, observar e comprar trabalhos estrangeiros com facilidade. Aos colecionadores era ali facultada a conveniência de enriquecer seus acervos por um preço acessível, “sem os perigos do transporte e os incômodos da importação”<sup>1779</sup>. O colecionismo brasileiro aproveitou cada oportunidade fornecida pelos portugueses de adquirir

<sup>1773</sup> NASCIMENTO, Ana Paula. Exposições e colecionismo privado: a presença dos artistas portugueses em São Paulo (1900-1930). In: NETO, Maria João; MALTA, Marize (eds.). **Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX: perfis e trânsitos**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014. p. 366.

<sup>1774</sup> VALLE, Arthur. “Collecionadores”: uma análise da série de artigos de Oscar Lopes, publicadas na *Gazeta de Notícias* em 1905. In: CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. *et al.* **Anais do VIII Seminário do Museu D. João VI / IV Colóquio Internacional Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX**. Arte e seus lugares: coleções em espaços reais. Rio de Janeiro: EBA/PPGAV, Museu D. João VI, 2017. p. 197-211.

<sup>1775</sup> A SEMANA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 23 jun. 1912, 1ª col., p. 1.

<sup>1776</sup> CARTA DE PORTUGAL. Lisboa, 17 de janeiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 2 fev. 1904, 8ª col., p. 2.

<sup>1777</sup> O HOMEM DA ATUALIDADE EM PORTUGAL. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 31 jan. 1904, 7ª a 9ª col., p. 2.

<sup>1778</sup> SEMANA PORTUGUESA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 7 fev. 1904, p. 1.

<sup>1779</sup> LETRAS E ARTES. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 26 jul. 1912, 3ª col., p. 5.

quadros que ocupariam o local mais importante dos seus palacetes hierarquicamente divididos e inspirados no modo de vida da burguesia europeia: a sala de recepção aos convidados, onde se acumulavam itens indicativos do nível de riqueza do anfitrião.

Neste sentido, o jornal carioca *A Notícia*<sup>1780</sup> revelou em 1913 que a elegante moradia de Copacabana pertencente ao industrialista português Francisco Peres reunia, além de antigo mobiliário e prataria, uma significativa Pinacoteca. Logo à entrada do local era possível observar alguns azulejos assinados por Jorge Collaço e dezenas de quadros que abarrotavam as paredes da sala principal. Dentre autores espanhóis e franceses, estavam os portugueses José Malhoa (*O jantar do pai* e uma cabeça de Cristo), Ernesto Condeixa, José Júlio de Souza Pinto, Columbano, Almeida e Silva e Constantino Fernandes<sup>1781</sup>. Para além de Francisco Peres, outras personalidades expressivas no que se refere ao colecionismo de arte portuguesa seriam citadas nos jornais ao longo dos eventos realizados na Primeira República brasileira, como: João de Souza Lage, Custódio Velloso, José Prestes, Silva Costa, Visconde de Vilella e Visconde de Moraes (só este último reuniria mais de uma dezena de telas de autores portugueses). Já em São Paulo, atuariam o engenheiro António Alves Villares da Silva, o médico português António Maria Bettencourt Rodrigues, o dentista ucraniano Ephim Mindlin, o advogado e político José de Freitas Valle, além do arquiteto Heribaldo Siciliano.<sup>1782</sup>

Dentre os artistas portugueses mais colecionados no Brasil entre 1889 e 1929, José Malhoa ocupa, sem dúvida, o primeiro lugar. Ainda em 1902, durante a Exposição de Arte Portuguesa decorrida no Rio de Janeiro, todos os seus trabalhos exibidos seriam “uns adquiridos pelo Estado, outros pelos nossos mais reputados colecionadores”<sup>1783</sup>. Em iniciativa isolada, pouco depois o conselheiro Camello Lampreia iria comprar a tela *Cantadeira*.<sup>1784</sup> Já a aguardada mostra de Malhoa promovida pelo Real Gabinete Português de Leitura, em 1906, atrairia dezenas de compradores interessados e até alguns órgãos oficiais, como a Escola Nacional de Belas Artes. Somente o dia da abertura da exposição e o seguinte teriam registrado a venda de 31 quadros<sup>1785</sup>, todos listados pela *Gazeta de Notícias*<sup>1786</sup>, junto dos seus adquirentes (alguns expressivos colecionistas brasileiros e também estabelecimentos privados):

<sup>1780</sup> UMA VIVENDA ARTÍSTICA. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 9-10 dez. 1913, 4ª e 5ª col., p. 1.

<sup>1781</sup> O texto não informa se os exemplares foram trazidos de Portugal ou se teriam sido adquiridos no Brasil.

<sup>1782</sup> NASCIMENTO, Ana Paula. Exposições e colecionismo privado: a presença dos artistas portugueses em São Paulo (1900-1930). In: NETO, Maria João; MALTA, Marize (eds.). *Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX*: perfis e trânsitos. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014. p. 373-376.

<sup>1783</sup> JOSÉ MALHÔA. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 12-13 de setembro de 1905, 2ª col., p. 2.

<sup>1784</sup> *A Notícia*. Rio de Janeiro, 7-8 ago. 1906, 5ª col., p. 3.

<sup>1785</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 6 jul. 1906, 6ª col., p. 1.

<sup>1786</sup> EXPOSIÇÃO JOSÉ MALHÔA. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 6 jul. 1906, 6ª col., p. 2.



“12, *Cuidados de amor*, Sr. Gaspar José Rodrigues Pacheco  
 34, *Rua Serpa Pinto (Figueiró)*, Sr. Silva Carvalho  
 9, *7º não furtar...as uvas ao Sr. Cura*, Sr. J. Souza Freitas  
 85, *As cebolas*, Sr. J. Souza Freitas  
 11, *Soalheiro*, Sr. Cunha Vasco  
 52, *Costume do Minho*, Sr. Barão Peixoto Serra  
 23, *Apanha das Castanhas*, Sr. João Lopes Chaves  
 29, *Pai e filha*, Sr. Dr. João do Rego Barros  
 109, *Cócegas (estudo)*, Sr. Dr. João do Rego Barros  
 40, *Esperando o peixe*, Sr. comendador Cypriano Costa  
 98, *Castanheiros*, Sr. Joaquim Carvalheiro  
 51, *Fonte Eirivia [sic]*, Sr. Joaquim Carvalheiro  
 28, *Estudando à borda do pinhal*, Sr. Joaquim Carvalheiro  
 44, *Ida para o trabalho*, comendador Baldomero Carqueja Fuentes  
 73, *Prulsab [Pinhal] ao fundo da igreja de Figueiró*, Sr. José Pinheiro Duarte  
 14, *O viático na aldeia*, Sr. comendador Costa Pereira  
 78, *As maçãs [sic] ao cair da tarde*, Sr. Oscar Costa  
 71, *Esperando a vez*, Sr. visconde de S. João da Madeira  
 22, *Aldeia da Castanheira ao por do sol*, Sr. visconde de S. João da Madeira  
 110, *Ermida da Madre de Deus*, Sr. Eduardo Victorino  
 96, *Cabeça de estudo*, Sra. D. Maria Falcão  
 64, *Outono na vida e na natureza*, Sr. Rodrigo Barbosa  
 19, *Amanhã os arranjarei*, Sr. Dias Garcia  
 21, *Uma desgraça*, Sr. Dias Garcia  
 72, *A caminho da horta*, Sr. António Reis  
 42, *Barbeiro na aldeia (estudo)*, Casa Mozart  
 26, *Notícias financeiras*, Sr. E. Laboriau  
 45, *Nasceu da lua*, Sr. António José Dias de Castro  
 8, *Chegada do Zé Pereira à romaria*, Sr. comendador J. Vasco Ramalho Ortigão  
 18, *Pensando no caso*, Sr. Sebastião Cruz”

O mercado brasileiro confirmaria seguidas vezes a sua simpatia para com a pintura naturalista. A Exposição Permanente de Produtos Portugueses, instalada no Liceu Literário Português em 1907, que registrou as vendas de: duas cenas do Minho (*Paisagem* e *Que bela pinga*) e uma pintura em azulejo, de Luiz Cardoso, ao sr. C. V. Janon; *Carro de bois*, de Jorge Collaço, ao comendador Álvaro Cordeiro<sup>1787</sup>; *Dia de Páscoa*, de José de Brito, aos visconde e viscondessa de Vilella; *Paisagem*, pintura em azulejo de Jorge Collaço, a Joaquim Alves Rodrigues Júnior<sup>1788</sup>; *Um balcão no Funchal*, de Corrêa Brandão, a António de Magalhães<sup>1789</sup>; e *Torres Novas*, outro azulejo de Collaço, a César Rabello.<sup>1790</sup> Na sequência, os periódicos ressaltariam ainda as figuras que prestigiaram a liquidação promovida para diminuir o prejuízo causado pela participação portuguesa na Exposição Nacional de 1908 e que compraram: *Barbeiro na aldeia*<sup>1791</sup>, de José Malhoa, por João Borges a 3:500\$000; *Ferreiros*, de Ribeiro

<sup>1787</sup> EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS PORTUGUESES. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 12 maio 1907, 2ª col., p. 3.

<sup>1788</sup> EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS PORTUGUESES. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 16 maio 1907, 4ª col., p. 3.

<sup>1789</sup> EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE PRODUTOS PORTUGUESES. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 6 jun. 1907, 7ª col., p. 3.

<sup>1790</sup> EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS PORTUGUESES. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 20 jun. 1907, 4ª col., p. 3.

<sup>1791</sup> A tela seria oferecida posteriormente ao comendador Costa Pereira, “um grande industrial e diretor da Beneficência Portuguesa”, por um numeroso grupo de amigos durante festa de homenagem organizada no edifício da própria Beneficência. **VIDA SOCIAL. O Paiz**. Rio de Janeiro, 7 dez. 1908, 3ª col., p. 3.

Junior, por Brito Azevedo a 1:000\$000; *Praia da Lapa*, de António Carneiro, pelo conde de Vilella a 250\$000; e *Pescador*, de Alfredo Guedes, por João Lage a 100\$000.<sup>1792</sup>

Ao longo da Primeira República, o nome de José Malhoa apareceria com frequência junto a outro português muito colecionado: José Júlio de Souza Pinto. Reverenciado pelos amadores cariocas, ele alcançara ampla penetração nos trópicos graças à atuação do irmão, António Alves Valle, que vivia e trabalhava como artista no Rio de Janeiro desde meados do século XIX. António teria facilitado e incentivado o constante envio das obras de José Júlio ao Brasil, as quais acabariam instaladas em elegantes residências pelo país. Na progressista São Paulo, entretanto, até 1912 eram poucos os proprietários de algum quadro de Souza Pinto<sup>1793</sup>, realidade alterada com a mostra por ele ali organizada naquele ano, quando venderia suas telas para as coleções locais de: Augusto Toledo, Silvio de Campos, Galeno Martins, Sinésio Pestana, Luiz Alves (*Jogo a bordon*), Bernardo Pinto Machado Bastos<sup>1794</sup> (*Les amoureux* e *La leçon du grand père*), J. Leme do Prado (*La soupe renversé*), Humberto Taborda (*A sombra*), Oscar Pinto (*Braserie* e *Efeito da tarde*), Bernardino de Campos (*Le Moulin*) e Bellegarde (*Maison du chemineau*).<sup>1795</sup> Ao preparar seu retorno para Portugal, após o grande sucesso da exposição, Souza Pinto seria ainda procurado pelo coronel Thomaz Alberto Alves Saraiva, desejoso de adquirir um dos trabalhos que tinham figurado na Casa Mascarini: *La promise*.<sup>1796</sup>

Também no ano de 1912 seria organizada, desta vez no Rio de Janeiro, uma Exposição de Arte Retrospectiva<sup>1797</sup>, empreendimento financiado pelo conhecido e respeitado negociador de antiguidades José dos Santos Libório (proprietário da *Liquidadora*<sup>1798</sup>, que até 1906

<sup>1792</sup> ARTE PORTUGUESA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 22 nov. 1908, 1ª e 2ª col., p. 4.

<sup>1793</sup> REGISTRO DE ARTE. Exposição Souza Pinto. **Correio Paulistano**. São Paulo, 13 dez. 1912, 7ª col., p. 1.

<sup>1794</sup> REGISTRO DE ARTE. Exposição Souza Pinto. **Correio Paulistano**. São Paulo, 4 jan. 1913, 4ª col., p. 2.

<sup>1795</sup> REGISTRO DE ARTE. Exposição Souza Pinto. **Correio Paulistano**. São Paulo, 3 jan. 1913, 7ª col., p. 4.

<sup>1796</sup> REGISTRO DE ARTE. Pintor Souza Pinto. **Correio Paulistano**. São Paulo, 17 jan. 1913, 1ª col., p. 6.

<sup>1797</sup> Apresentava itens com centenas de anos de existência, mas também alguns recentes quadros de Columbano. ARTES E ARTISTAS. Exposição de arte retrospectiva. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 5 fev. 1912, 6ª e 7ª col., p. 3.

<sup>1798</sup> “A criação da liquidadora de José dos Santos Libório a 1 de Dezembro de 1886 [...], ocorre, portanto, numa fase de progressivo amadurecimento do mercado, momento em que a aquisição desenfreada por via de agentes sem estabelecimento próprio, agentes de leilões, vendedores ambulantes ou comerciantes não especializados como douradores ou estofadores, deu lugar à multiplicação de lojas particularmente dedicadas ao comércio de antiguidades e obras de arte, nomeadamente bazares e antiquários, sem esquecer as sociedades e grêmios promotores de exposições e venda de trabalhos de artistas contemporâneos. Deste modo, podemos considerar que a peculiaridade deste estabelecimento reside na sua natureza de casa liquidadora, aparentemente a primeira do género em Portugal, um estabelecimento dedicado à liquidação de um diversificadíssimo conjunto de bens, com ou sem valor artístico, antigos ou contemporâneos, por meio de leilões ou de negociações particulares a troco de uma comissão sobre a venda, tendo alcançado, como veremos, um sucesso ímpar.” MARIZ, Vera. *A Empresa Liquidadora*. Espaço de construção e desconstrução de coleções de arte em Portugal (1886-1906). In: CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. *et al.* **Anais do VIII Seminário do Museu D. João VI / IV Colóquio Internacional Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX**. Arte e seus lugares: coleções em espaços reais. Rio de Janeiro: EBA/PPGAV, Museu D. João VI, 2017. p. 480-492.

abasteceu o meio lisboeta de objetos diversos e seria frequentada pelo próprio rei D. Carlos<sup>1799</sup>). O certame, que perdurou dos dias 5<sup>1800</sup> a 23 de fevereiro<sup>1801</sup> na Escola Nacional de Belas Artes, foi visitado pelo ministro do Interior<sup>1802</sup>, o presidente da República<sup>1803</sup> e muitos outros<sup>1804</sup> adquirentes de artigos representativos da cultura portuguesa.<sup>1805</sup> Seriam ali exibidas algumas peças (de pequenas porcelanas a pinturas) colecionadas pelo próprio Libório, que agora viajava confiante no crescimento exponencial do mercado brasileiro<sup>1806</sup> e na maior preocupação desta sociedade para com a ostentação do luxo. A mostra refletiria a organização e o ambiente de uma verdadeira galeria privada do começo do século XX – eclética, confusa e profusa.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914 teria obrigado o mercado colecionista a fazer um breve intervalo, forçado pelas circunstâncias pouco favoráveis à atividade. Após o encerramento do conflito, logo no ano de 1918 a Galeria Artística de São Paulo, instalada à rua de São Bento, iria promover a mostra de um importante acervo de quadros a óleo<sup>1807</sup>. Na ocasião, *Menino à beira mar*, de Veloso Salgado, foi adquirido pelo colecionador José da Cunha Freire. Este estabelecimento paulista seria responsável por impulsionar uma série de iniciativas individuais ou coletivas na região, e, consequentemente, por desenvolver o colecionismo local. Já no Rio de Janeiro, a Grande Exposição de Arte Portuguesa de 1920 disponibilizou ao público exemplares como o *Poente*, do hoje ignorado José Leite, vendido a Rego Barros, e *A descida da cruz*, cópia de Giordano por Romano Esteves, comprado pelo colecionador José Prestes.<sup>1808</sup> Entre os adquirentes das obras ali disponibilizadas destacam-se ainda os nomes de: José Custódio Velloso, Augusto Prestes, Raul Lopes de Freitas, João Lage, José Mariano Filho, Rodolpho Hess, Mauricio Klareezk, Ignácio Areal, A. Dias Leite e Domingos da Silva.<sup>1809</sup>

<sup>1799</sup> LEILÕES DE ANTIQUARIA. **Correio da Noite**. Rio de Janeiro, 29 maio 1915, 7ª col., p. 3.

<sup>1800</sup> ECHOS E FACTOS. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 6 fev. 1912, 3ª col., p. 1.

<sup>1801</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição de arte retrospectiva. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 23 fev. 1912, 6ª col., p. 3.

<sup>1802</sup> **O Paiz**. Rio de Janeiro, 4 fev. 1912, 6ª col., p. 1. / **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 5 fev. 1912, 4ª col., p. 1.

<sup>1803</sup> NOTAS E NOTÍCIAS. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 6 fev. 1912, 2ª col., p. 1. / E / NOTICIÁRIO. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 6 fev. 1912, 7ª col., p. 4 / E / O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 5-6 fev. 1912, 2ª col., p. 2. / E / **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 6 fev. 1912, 3ª col., p. 1.

<sup>1804</sup> EXPOSIÇÃO D'ARTE RETROSPECTIVA. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 6 fev. 1912, 5ª col., p. 2.

<sup>1805</sup> ARTES E ARTISTAS. Exposição de arte retrospectiva. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 6 fev. 1912, 6ª col., p. 5.

<sup>1806</sup> “Libório, empresário atento e intrépido, consciente da evolução verificada ao longo do século XIX em termos da intensificação da disponibilidade e circulação de obras de arte em Portugal, contribuiu decisivamente para a modelação do mercado, definindo práticas de compra e venda e influenciando o gosto.” MARIZ, Vera. *A Empresa Liquidadora*. Espaço de construção e desconstrução de coleções de arte em Portugal (1886-1906). In: CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. *et al.* **Anais do VIII Seminário do Museu D. João VI / IV Colóquio Internacional Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX**. Arte e seus lugares: coleções em espaços reais. Rio de Janeiro: EBA/PPGAV, Museu D. João VI, 2017. p. 480-492.

<sup>1807</sup> REGISTO DE ARTE. Galeria Artística. **Correio Paulistano**. São Paulo, 24 ago. 1918, 8ª col., p. 3.

<sup>1808</sup> GRANDE EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 1º out. 1920, 7ª col., p. 3.

<sup>1809</sup> O ENCERRAMENTO DA EXPOSIÇÃO DE PINTURA PORTUGUESA. **A Noite**. Rio de Janeiro, 3 nov. 1920, 4ª col., p. 1.

A maioria dos colecionadores devotos da arte portuguesa listados até aqui exercia atividades políticas na Primeira República brasileira. É o caso de Rego Barros (deputado, conselheiro, senador e ministro desde os tempos do Império), que voltaria a ser citado na inauguração da mostra de Alfredo e Helena Roque Gameiro no Real Gabinete Português de Leitura, em 1920, quando iria adquirir nada menos do que seis aquarelas para o seu acervo pessoal.<sup>1810</sup> Já a exposição do caricaturista Leal da Câmara, decorrida no Rio de Janeiro em 1923, indicaria outros dois notórios colecionadores que compraram os retratos de Anatole France e Paul Verlaine: Silva Costa e o comendador José Prestes, respectivamente.<sup>1811</sup> No ano de 1925, quando a sucursal paulista da Galeria Jorge organizou sua III Exposição Anual de Pintura, *O fado, estudo*, de José Malhoa, seria vendido a Raul Rangel de Carvalho<sup>1812</sup>; enquanto Evaristo de Novaes levaria um Silva Porto e um José Júlio de Souza Pinto não identificados.<sup>1813</sup> Em 1927, além do Visconde de Moraes, o embaixador português (Duarte Leite), o secretário da Embaixada (Pedro Rodrigues) e o cônsul de Portugal (Sampaio Garrido)<sup>1814</sup> foram mencionados como adquirentes das telas de José Campas exibidas na Galeria Jorge.<sup>1815</sup> Por fim, em 1928, *O Jornal*<sup>1816</sup> noticiava que um exigente e anônimo colecionador carioca comprara *Um sorriso de Trás-os-Montes*, exibido por Alves Cardoso no Brasil.

O influente Visconde de Souza Prego finaliza este breve levantamento dos amantes das artes naturalistas portuguesas atuantes na Primeira República brasileira, entre nativos e imigrantes. A mostra organizada por aquele colecionador na Casa Assunção (São Paulo), em 1929, apresentou parte da sua galeria de arte voltada para as pinturas do animalista Simão da Veiga, que se dedicou predominantemente à retratação de touros e cavalos.<sup>1817</sup> O acervo teria permanecido até então intocado pelos olhos do público, realidade que infelizmente não constituía exceção para o ambiente cultural do Brasil. Era comum que os colecionadores reservassem suas valiosas coleções às paredes de luxuosas residências e as mantivessem restritas aos convidados que tinham a honra de passar por ali, exibindo-as como um sinal distintivo. Foi com o objetivo de alterar este costume que o Centro Artístico, ainda nos idos de

---

<sup>1810</sup> A EXPOSIÇÃO DOS AQUARELISTAS PORTUGUESES ROQUE GAMEIRO E HELENA GAMEIRO. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 22 ago. 1920, 4ª e 5ª col., p. 3.

<sup>1811</sup> EXPOSIÇÃO LEAL DA CAMARA. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 7 abr. 1923, 6ª col., p. 3.

<sup>1812</sup> DE S. PAULO. Exposição da Galeria Jorge. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 15 mar. 1925, 4ª col., p. 9.

<sup>1813</sup> UM GRANDE MUNDO NUMA PEQUENA SALA. **A Noite**. Rio de Janeiro, 23 jun. 1925, 6ª col., p. 1.

<sup>1814</sup> EXPOSIÇÃO JOSÉ CAMAPS. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 8 fev. 1927, 6ª col., p. 3.

<sup>1815</sup> EXPOSIÇÃO JOSÉ CAMPAS. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 23 jan. 1927, 6ª col., p. 3.

<sup>1816</sup> UM GRANDE ARTISTA PORTUGUÊS EM VISITA AO BRASIL. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 16 jun. 1928, 1ª e 2ª col., p. 27.

<sup>1817</sup> EXPOSIÇÃO DE SIMÃO DA VEIGA. **Diário Nacional**. São Paulo, 11 set. 1929, 2ª col., p. 7.

1898, convidaria os colecionadores brasileiros a apresentarem seus tesouros tão bem guardados ao público, de modo a instruí-lo e educá-lo.

### 7. 2. 1 Exposição do Centro Artístico

A Exposição de Arte Retrospectiva, organizada pelo Centro Artístico do Rio de Janeiro, teria lugar nos salões da Escola Nacional de Belas Artes entre os dias 14 de julho e 31 de agosto de 1898. O evento reuniria coleções particulares de importantes mecenas brasileiros e desejava tornar público o acervo por eles conservado dentro dos seus suntuosos palacetes. O objetivo era “dar antes de tudo uma prova de vitalidade do sentimento artístico que domina no espírito de nossas classes abastadas e bem assim patentear que a nossa vida social não se reduz apenas ao círculo restrito dos negócios e das cotações de gêneros e valores”<sup>1818</sup>. A mostra se inspirava em outra decorrida no ano de 1882, em Lisboa, a Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola<sup>1819</sup>, quando foram emprestados acervos de particulares, curiosos e estabelecimentos para a exibição pública.<sup>1820</sup>

Mas o que era, afinal, o Centro Artístico? A agremiação seria fundada a partir do Círculo Artístico criado por Rodolpho Amoedo, o qual, por sua vez, fora supostamente inspirado no *Circolo Artistico* – academia citada anteriormente e regular recebedora dos estudantes estrangeiros de passagem pela Itália.<sup>1821</sup> Presidido pelo compositor e diretor do Instituto Nacional de Música, Leopoldo Miguez, o Centro Artístico reuniria importantes personalidades conectadas ao cenário cultural brasileiro, somando quase cem sócios que se juntavam mensalmente para trocar ideias e impressões sobre arte e cultura.<sup>1822</sup> A assembleia pretendia aquecer o mercado local através de medidas mais efetivas e provenientes das demandas geradas pelos próprios artistas, intelectuais e colecionadores que o compunham.

<sup>1818</sup> MORALES DE LOS RIOS, Adolfo. A Exposição do Centro Artístico. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 22 jul. 1898, 6ª a 8ª col., p. 1.

<sup>1819</sup> VER: Ferreira, Maria Emília de Oliveira. **Lisboa em festa: a Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola, 1882**. Tese (Doutoramento em História da Arte). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2014.

<sup>1820</sup> NOTAS SOBRE ARTE. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 6 jun. 1898, 8ª col., p. 2.

<sup>1821</sup> DAZZI, Camila. Artistas brasileiros e portugueses: a estada na Itália como parte da formação artística de pintores e escultores no século XIX. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel (org.). **Oitocentos: intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal**. Tomo III. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. p. 69.

<sup>1822</sup> EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DO CENTRO ARTÍSTICO. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 22-23 jul. 1898, 1ª e 2ª col., p. 2.

No evento de 1898, para selecionar os artigos destinados à Exposição de Arte Retrospectiva, a direção executiva do Centro Artístico (Coelho Netto, Sylvio Bevilacqua e Olavo Bilac) iria formar uma comissão julgadora, cuja seção de pintura era coordenada por Angelo Agostini e Henrique Bernardelli<sup>1823</sup>. O grupo de avaliadores percorreria durante meses as casas de cerca de 30 colecionadores que, ao tomarem conhecimento da iniciativa, demonstraram vontade de colaborar; mas também de notórios burgueses conhecidos por suas galerias e que tiveram de ser convencidos a participar. Todos os interessados eram visitados por aquele júri, que definia e determinava o que deveria ou não integrar a mostra. Com o cuidado de fazer do certame mais do que uma simples exibição de produtos exóticos, a comissão sustentaria certo rigor na escolha de unidades que fossem necessariamente antigas (no mínimo nove anos de existência) ou de trabalhos já balizados pela crítica de arte. As instalações da ENBA acabariam abarrotadas de itens raros e valiosos, originários de diferentes épocas e estilos; enfim, peças de valor histórico, caráter artístico ou veia original.

As regras para o funcionamento da Exposição de Arte Retrospectiva incluíam ainda a proibição da venda e da retirada de algum artigo até o fim do evento. Em contrapartida, no esforço de compensar a boa vontade dos colecionadores, o Centro Artístico prometia confeccionar um álbum ilustrado que iria reproduzir todos os itens participantes e citar seus respectivos proprietários – a ideia despertou o interesse daqueles que desejavam ver sua riqueza e suposta dedicação à cultura promovida nos catálogos distribuídos à entrada da mostra.<sup>1824</sup> Ao final do processo, a quantidade de colecionadores inscritos e, principalmente, a qualidade de suas galerias iriam surpreender até mesmo os organizadores do certame, embora houvesse a consciência de que estavam ausentes alguns amadores que simplesmente não possuíam suficiente clareza sobre as preciosidades que conservavam. Aliás, esta era apontada como a grande benesse da iniciativa, qual seja, a de educar o olhar artístico de seus visitantes e, assim, estimular certa curiosidade pelo assunto: “todos aqueles que ali possuem valiosos objetos de arte consideram como um dever inerente à sua posição social proporcionar aos menos protegidos da fortuna o gozo de contemplar os primores artísticos que de outro modo não poderiam nunca conhecer”<sup>1825</sup>.

A cerimônia de inauguração da Exposição de Arte Retrospectiva contaria com as distintas presenças do presidente da República e seus ministros, além de nomes notáveis da

---

<sup>1823</sup> A seção de escultura por Augusto Girardet e Rodolpho Bernardelli. A seção de artes aplicadas pelo português Julião Machado, por Morales de los Rios e Rodolpho Amoedo.

<sup>1824</sup> ARTES E ARTISTAS – Exposição. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 6 jun. 1898, 5ª col., p. 2.

<sup>1825</sup> NOTAS SOBRE ARTE. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 27 jun. 1898, 3ª col., p. 3.

sociedade.<sup>1826</sup> Os dois salões da ENBA ocupados pelo evento acabariam divididos entre obras de arte (pinturas, aquarelas, pastéis, guaches, desenhos e esculturas) e artes aplicadas (gravura, esmaltes, cerâmica, vidros, cristais e outros), com seus espaços vazios e corredores preenchidos por vitrines que abrigavam objetos diversos. O catálogo somaria, ao final, cerca de 200 páginas e quase mil itens listados; mas das 340 pinturas ali instaladas, apenas 26 eram de 16 autores brasileiros, “nove vivos e sete mortos”<sup>1827</sup>. Os artigos nacionais estavam relativamente bem representados<sup>1828</sup>, mas as telas eram assinadas por estrangeiros como Cabanel, Gervex, Taunay e Henner<sup>1829</sup>; e pelos portugueses Anunciação, Simplício Rodrigues de Sá, Veloso Salgado, José Júlio de Souza Pinto e os irmãos Raphael, Maria Augusta e Columbano, além do pai Manuel Maria Bordalo Pinheiro.<sup>1830</sup>

Dentre os acervos em exibição, o do coronel João Alves Mendes da Silva e o do barão de Quatrim formavam certamente os conjuntos mais robustos, além do curiosíssimo patrimônio do pintor Aurélio de Figueiredo. O coronel Mendes Silva enviaria uma singela parte da sua coleção para Exposição de Arte Retrospectiva e, ainda assim, eram tantos itens “que foi preciso catalogá-la em separado”<sup>1831</sup> do volume oficial. Registrava-se como de sua propriedade a tela *O irmão pedinte*, de Simplício de Sá, que seria leiloadada no ano seguinte ao da mostra, como será visto adiante.<sup>1832</sup> Já a galeria do barão, igualmente leiloadada alguns anos depois, era apresentada como a mais rica do Brasil, embora ele tenha remetido apenas oito pinturas das muitas que ornavam as sete salas do seu palacete. Notava-se dentre estas últimas o quadro *Carneiros*, de Anunciação<sup>1833</sup>, à época recriminado em dura crítica de Adolfo Morales de Los Rios<sup>1834</sup> por sua fatura demasiado clássica.

Comporiam ainda a Exposição de Arte Retrospectiva os acervos de Honório Ribeiro, Fabio Ramos, Ubaldino do Amaral, João Evangelista Vianna, José Carlos Rodrigues, do Barão do Catete e do Visconde de Schmidt. Alguns deles supostamente registravam preciosidades

<sup>1826</sup> **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 21 jul. 1898, 9ª col., p. 2.

<sup>1827</sup> BEDELHO EM TUDO. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 8 ago. 1898, 8ª e 9ª col., p. 1.

<sup>1828</sup> NOTAS SOBRE ARTE. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 10 jul. 1898, 4ª col., p. 3.

<sup>1829</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTES RETROSPECTIVAS. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 23 jul. 1898, 5ª col., p. 3.

<sup>1830</sup> MORALES DE LOS RIOS, A. A Exposição do Centro Artístico II – A pintura (continuação). **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 31 jul. 1898, 2ª col., p. 4.

<sup>1831</sup> A EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DO CENTRO ARTÍSTICO. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 15-16 ago. 1898, 2ª col., p. 3.

<sup>1832</sup> ESPÓLIO DE UM COLECIONADOR. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 29-30 abr. 1899, 4ª col., p. 2.

<sup>1833</sup> A EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DO CENTRO ARTÍSTICO. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 26-27 jul. 1898, 2ª e 3ª col., p. 2.

<sup>1834</sup> A EXPOSIÇÃO DO CENTRO ARTÍSTICO. II - A pintura. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 26 jul. 1898, 2ª col., p. 2.

assinadas por Domenichino e Van der Weyden, embora tais atribuições tenham levantado dúvidas entre os intelectuais da época. Outro colecionador que disponibilizara suas riquezas ao Centro Artístico foi o sr. Cunha Vasco, que exibiria ali o maior número de peças portuguesas do evento: obras de Veloso Salgado (uma cabeça de São João Batista), de Manuel Maria Bordalo Pinheiro (*Fadista*), Raphael, Columbano (um pastel, uma aquarela e um retrato a óleo de Cunha Vasco) e Maria Augusta (*Flores*). Por fim, da Pinacoteca majoritariamente francesa de João do Rego Barros sobressaíam duas telas de José Júlio de Souza Pinto.

A Exposição de Arte Retrospectiva seria propositadamente encerrada apenas um dia antes da abertura da Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes, plano que permitiria aos competidores do salão transitarem pelo ambiente do colecionismo brasileiro.<sup>1835</sup> A imprensa salientava que a concorrência do público, embora significativa, ficara longe do esperado – é provável que o valor da entrada (um conto de réis)<sup>1836</sup> tenha dificultado, por exemplo, a visita de estudantes.<sup>1837</sup> Entretanto, a opinião geral celebraria o sucesso da iniciativa que implicara custo zero aos cofres públicos (já que não incluiu premiações) e, ainda assim, reunira com certa facilidade os mais esplêndidos objetos artísticos disponíveis no Rio de Janeiro.<sup>1838</sup> O crítico Oscar Guanabara<sup>1839</sup> comemorou os efeitos positivos da mostra para o cenário cultural local por terem sido agrupados ali quadros de alto valor e que comprovavam, aos desalentados pintores brasileiros, a existência de um meio propício ao consumo de arte no Brasil. O Centro Artístico cumpriria, assim, o seu objetivo inicial de revelar o numeroso “grupo de homens que se ocupam com coisas de arte”<sup>1840</sup>, muitos deles colecionadores de pintura portuguesa, e de fomentar a melhoria na educação estética do povo brasileiro.<sup>1841</sup>

### 7.3 A coleção de obras portuguesas formada pela ENBA

Seja por meio de doações ou através das compras efetivadas com verbas do tesouro público, a Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro acabaria por compor, ao longo da Primeira República, uma importante coleção de obras portuguesas naturalistas. Os donativos

<sup>1835</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE RETROSPECTIVA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 28 ago. 1898, 3ª col., p. 2.

<sup>1836</sup> ARTES E ARTISTAS – Exposição. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 6 jun. 1898, 5ª col., p. 2.

<sup>1837</sup> NOTAS SOBRE ARTE. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 19 ago. 1898, 3ª e 4ª col., p. 3.

<sup>1838</sup> CRÔNICA SEMANAL. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 12 jun. 1898, 8ª e 9ª col., p. 1.

<sup>1839</sup> ARTES E ARTISTAS. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 2 set. 1898, 5ª e 4ª col., p. 2.

<sup>1840</sup> NOTAS SOBRE ARTE. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 24 jul. 1898, 6ª col., p. 3.

<sup>1841</sup> RIBEIRO, João. Exposição de Arte Retrospectiva. **Revista Brasileira**. Rio de Janeiro, Tomo XV, jul.-set. 1898, p. 221-227.



provinham geralmente da concessão de acervos pessoais, como o de Cunha Porto, entregue à Pinacoteca em 1912, que continha telas de artistas portugueses maiormente do final do século XIX<sup>1842</sup>; e o de Luís Fernandes<sup>1843</sup>, cedido em 1926, que arrolava quadros de Columbano (*Mulher com luneta*), Malhoa (*Um compasso difícil*), Adolpho Greno (*Retrato de Josefa Garcia Greno*) e Silva Porto (cinco paisagens de títulos desconhecidos, uma *Cabeça de menina* e *Mulher montada sobre um burrinho*).<sup>1844</sup> Em 1923, excepcionalmente o museu brasileiro registraria ainda um diferente meio de contribuição à sua galeria estrangeira: o pintor Fausto Gonçalves, durante a solenidade de encerramento da sua mostra individual decorrida no Real Gabinete Português de Leitura, iria oferecer o quadro intitulado *Arco do Palácio de Sub-Ripas* a João Batista da Costa. A iniciativa aplaudida por Alexandre de Albuquerque<sup>1845</sup> não teria sido, entretanto, empreendida apenas por filantropia. O português solicitou ao então diretor da ENBA que a tela ficasse em exibição permanente na academia. Os dois artistas desenvolveriam uma afetuosa estima que levaria Fausto Gonçalves a lamentar publicamente a morte de Batista da Costa em 1926, a quem ele se referiu como “meu nobre e grande amigo”<sup>1846</sup>.

### 7. 3. 1 As compras oficiais

Afora as pontuais doações, as autoridades brasileiras buscariam atuar com maior regularidade na compra de objetos artísticos chegados do outro lado do Atlântico. Na viragem para o século XX instalou-se entre o Governo Federal do Brasil o costume de adquirir pelo menos uma obra dos artistas estrangeiros de mérito em visita ao país, de modo a estimular o intercâmbio cultural com o exterior e enriquecer o acervo da Pinacoteca.<sup>1847</sup> Geralmente, o ministro da Fazenda em exercício indicava algum exemplar ou solicitava a avaliação prévia da

<sup>1842</sup> MIGLIACCIO, Luciano. Notas para um inventário de obras de arte portuguesas em coleções brasileiras. In: **Actas do II Congresso Internacional de História da Arte**. Portugal: encruzilhada de culturas, das artes e das sensibilidades, 2001. Coimbra: Almedina, 2001. p. 991-1003.

<sup>1843</sup> Nascido no Brasil, mas educado em Portugal, Luís Fernandes gastou sua fortuna com a compra de objetos artísticos pela Europa. Foi presidente e fundador do *Grupo dos Amigos* do Museu Nacional de Arte Antiga entre 1912 e 1922. O seu testamento indicava a doação à ENBA carioca de todos os seus “*quadros a óleo, desenhos, estampas, gravuras, esmaltes, bronzes e mármore*”. VER: BAIÃO, Joana. O amigo brasileiro: Luís Fernandes. In: NETO, Maria João; MALTA, Marize (eds.). **Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX: perfis e trânsitos**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014.

<sup>1844</sup> VALLE, Arthur. Considerações sobre o acervo de pintura portuguesa da Pinacoteca da Escola Nacional de Belas Artes. **19&20**. Rio de Janeiro, v. VII, n. 1, jan./mar. 2012. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/obras/portugueses\\_enba.htm](http://www.dezenovevinte.net/obras/portugueses_enba.htm)>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2014.

<sup>1845</sup> FAUSTO GONÇALVES. **A Noite**. Rio de Janeiro, 24 jul. 1923, 3ª e 4ª col., p. 2.

<sup>1846</sup> FAUSTO GONÇALVES, O PINTOR DE COIMBRA. **A Noite**. Rio de Janeiro, 20 set. 1926, 6ª col., p. 1.

<sup>1847</sup> BELAS ARTES. Souza Pinto. **A Noite**. Rio de Janeiro, 8 out. 1912, 3ª col., p. 2.

Escola de Belas Artes, para que seus especialistas sugerissem um trabalho digno de figurar na galeria nacional. Mas era também comum que os próprios organizadores das mostras decorridas nos trópicos enviassem propostas para liquidação dos itens não vendidos ao final dos seus eventos individuais ou coletivos.<sup>1848</sup> De toda forma, o patrimônio do museu carioca seria deveras incrementado com tais ações, o que faria do espaço um dos maiores e mais completos da América Latina.

Quando da Exposição de Arte Portuguesa de 1902, realizada no Rio de Janeiro, o ministro da Fazenda nomearia uma comissão responsável por negociar as obras que ali figuravam para integrá-las ao acervo da Escola Nacional de Belas Artes. A atitude despertaria a ira dos críticos, que censuraram a postura das autoridades brasileiras de disputar com a colônia portuguesa a aquisição de alguns itens, malgrado os artistas pátrios seguissem abandonados à própria sorte – como Victor Meirelles, que jazia esquecido e em sérias dificuldades financeiras.<sup>1849</sup> De toda forma, o comitê oficial iria aconselhar a compra de: *A luva branca*, *A locandeira*, *Madona*, *Rapariga*, *Soldado* e *Cabeça de Mulher*, de Columbano Bordalo Pinheiro; *As cebolas*, *A corar a roupa*, *A sesta* e *O Sendeiro*, de José Malhoa; *Os amores do moleiro*, de Carlos Reis; *A saída do rebanho*, de Manuel Henrique Pinto; e *Visão*, de Veloso Salgado.<sup>1850</sup> Os periódicos não confirmam em notas posteriores se todos os títulos foram efetivamente obtidos, mas um relatório dos organizadores, datado de novembro de 1902, calcula em 1:816\$900 fortes o valor das “aquisições feitas pelo governo federal e por diversos particulares, de quadros, outros objetos de arte aplicada”<sup>1851</sup>.

No ano de 1906, a tela que alcançou maior sucesso de crítica e de público na exposição individual de José Malhoa (organizada pelo Real Gabinete Português de Leitura) seria adquirida para a galeria nacional. A compra de *Cócegas* foi sugerida ao Governo Federal pela própria direção da ENBA, visto a composição resumir “admiravelmente todas as qualidades peregrinas do notável artista português”<sup>1852</sup>. A atitude da oficialidade brasileira foi à época comemorada pela imprensa carioca, que salientou seu desejo de poupar o quadro de uma nova travessia do oceano ou de impedir que ele caísse nas mãos dos amadores, com o risco de permanecer obliterado nas inacessíveis coleções privadas. Por outro lado, os articulistas<sup>1853</sup> lamentavam o

<sup>1848</sup> **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 31 jul. 1902, 5ª col., p. 1.

<sup>1849</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA. **Tagarela**. Rio de Janeiro, 26 jul. 1902, 3ª col., p. 2.

<sup>1850</sup> MORALLES DE LOS RIOS, Adolpho. Arte portuguesa. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, 7ª col., p. 1.

<sup>1851</sup> EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA NO RIO DE JANEIRO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 20 dez. 1902, 4ª col., p. 2.

<sup>1852</sup> ECOS E FATOS. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 17 jul. 1906, 2ª col., p. 1.

<sup>1853</sup> BELAS ARTES. Souza Pinto. **A Noite**. Rio de Janeiro, 14 out. 1912, 4ª col., p. 4.

facto de a arte portuguesa permanecer mal representada na Pinacoteca nacional, a não ser por uns pequenos trabalhos de Columbano Bordalo Pinheiro, informação confirmada pelo crítico português Manoel de Souza Pinto<sup>1854</sup>. Nas próximas décadas, esta realidade seria paulatinamente alterada, graças não apenas aos esforços das autoridades brasileiras, mas também à maior disponibilidade de artigos regularmente enviados ao Brasil pelos confiantes pintores portugueses, como *A cisterna*, de Silva Porto, adquirido pela ENBA em 1909.

Nos idos de 1912, buscando amenizar o desconforto causado pelos baixos índices de comercialização das obras de José Júlio de Souza Pinto durante a sua exposição no Real Gabinete Português de Leitura, o ministro da Justiça anunciou que compraria duas das melhores telas ali instaladas para agregar ao acervo do museu brasileiro: *Le baquet bleu* e *Dans l'eau*<sup>1855</sup>. Entretanto, tal intenção não se concretizou e os jornais indicaram *Le depart pour le travail* e *Les culottes déchirées*<sup>1856</sup> como seus quadros favoritos, merecedores de ocupar as paredes da Pinacoteca nacional. Semanas depois seria escolhido, por sugestão dos diretores da ENBA<sup>1857</sup>, apenas um estudo de nu<sup>1858</sup> intitulado *Sob a verdura*<sup>1859</sup>. A preferência pelo assunto mais tradicional, se comparado às composições propostas anteriormente, indica que os padrões moderados seguiam priorizados pela academia carioca mesmo após a viragem do século, embora a modelo nua de Souza Pinto esteja envolta por uma atmosfera campestre naturalista, e não de ateliê. Já em 1913, *Entardecer*<sup>1860</sup>, de João Vaz, seria comprado pelo governo brasileiro durante sua mostra individual decorrida no Rio de Janeiro<sup>1861</sup>.

No início da década de 1920, a Escola Nacional de Belas Artes começou a mostrar maior diversidade dos seus padrões estilísticos, exemplificada na solicitação de autorização formal para adquirir as obras dos aquarelistas Alfredo e Helena Roque Gameiro, então expostas no Rio de Janeiro. A compra requerida em ofício enviado ao ministro do Interior somava um monto de 2:800\$000, verba que no orçamento Federal daquele ano seria oficialmente designada como “destinada a intercâmbio artístico”<sup>1862</sup>. O historiador Arthur Valle afirma que *Praia de Adraga*,

<sup>1854</sup> PINTO, Manoel de Souza. No atelier de Columbano. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 6 dez. 1907, 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> col., p. 1.

<sup>1855</sup> SOUZA PINTO NO RIO. **A Ilustração Brasileira**. Rio de Janeiro, 1<sup>o</sup> out. 1912, p. 10.

<sup>1856</sup> BELAS ARTES. Souza Pinto. **A Noite**. Rio de Janeiro, 14 out. 1912, 4<sup>a</sup> col., p. 4.

<sup>1857</sup> ECOS. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 31 out. 1912, 3<sup>a</sup> col., p. 1.

<sup>1858</sup> AMADOR, Bueno. Belas Artes. Exposição Souza Pinto. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 31 out. 1912, 8<sup>a</sup> col., p. 11.

<sup>1859</sup> SOCIAIS. Exposições. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 31 out. 1912, 6<sup>a</sup> col., p. 5.

<sup>1860</sup> BELAS ARTES. João Vaz. **A Noite**. Rio de Janeiro, 8 set. 1913, 4<sup>a</sup> col., p. 4.

<sup>1861</sup> **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 13 dez. 1913, 3<sup>a</sup> col., p. 6.

<sup>1862</sup> A ESCOLA DE BELAS ARTES ADQUIRE OBRAS DE ARTE DE HELENA E ROQUE GAMEIRO. **A Razão**. Rio de Janeiro, 10 out. 1920, 2<sup>a</sup> col., p. 3.

de Alfredo, e *Assembleia, flores*, de Helena, foram efetivamente compradas<sup>1863</sup>; embora *O Paiz* noticie, em outubro de 1920, que as duas aquarelas mencionadas teriam sido, em verdade, doadas pelos artistas à Sociedade Brasileira de Belas Artes.<sup>1864</sup> Por fim, no ano de 1923, após longo e burocrático processo, a ENBA adquiria *O batizado*, de Carlos Reis, tela reunida a outro exemplar do autor que já adornava as paredes da Pinacoteca.<sup>1865</sup>

Ao serem exibidas no mais prestigioso museu brasileiro, tais obras acabariam vistas por artistas, aprendizes, colecionadores, intelectuais, pela imprensa e os demais interessados que por ali transitavam. A propagação da cultura portuguesa no Brasil passaria, assim, do provisório âmbito das efêmeras exposições instaladas no país, para ser eternizada nos exemplares dispostos na parede da Pinacoteca nacional. Nos idos de 1929<sup>1866</sup>, Fléxa Ribeiro<sup>1867</sup> publicaria um relato sobre a visita que fizera ao museu da ENBA após ser informado da morte de Columbano Bordalo Pinheiro. O literato narrava ter visto ali os originais que a instituição possuía do pintor e sugeria a organização de uma mostra retrospectiva em homenagem ao português, reunindo aquelas composições e as telas de propriedade de colecionadores.<sup>1868</sup> Afora o quadro desaparecido em 1911, durante trabalhos de reparação das instalações do museu brasileiro<sup>1869</sup>, ao final da década de 1920 o seu acervo de Columbanos abrigava: *A luva branca*, *A locandeira*, *O soldado*, *Carneiros e vacas* (oferecido pelo próprio artista), *Retrato de Senhora e Maria Augusta sua irmã*.<sup>1870</sup>

A cidade de São Paulo, por sua vez, na ânsia de ser verdadeiramente reconhecida enquanto a capital artística do Brasil, também iria esforçar-se para comprar quadros de artistas estrangeiros, que cada vez mais procuravam a promissora terra do café para se fazerem vistos. Os exemplares adquiridos eram regularmente instalados no Museu Paulista (mais conhecido como *Museu do Ipiranga*), inaugurado em 1895, e na Pinacoteca do Estado, aberta ao público em 1905. É o caso de *Le baquet bleu*, exposto na Casa Mascarini por José Júlio de Souza Pinto

<sup>1863</sup> VALLE, Arthur. Helena Roque Gameiro no Rio de Janeiro em 1920. In: LEANDRO, Sandra (coord.). **Flor de Água: Helena Roque Gameiro (1895-1986) – Aquarela e artes aplicadas**. Lisboa: Câmara Municipal da Amadora, 2016. p. 25-28.

<sup>1864</sup> ARTES E ARTISTAS. Belas Artes. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 28 out. 1920, 2ª col., p. 5.

<sup>1865</sup> MATTOS, Adalberto. Belas Artes – Dois mestres da arte portuguesa. **Ilustração Brasileira**. Rio de Janeiro, 4 ago. 1923, Ano XXII, n. 1090, p. 34.

<sup>1866</sup> COLUMBANO. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 7 nov. 1929, 7ª col., p. 1.

<sup>1867</sup> RIBEIRO, Fléxa. Columbano: uma técnica. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 8 nov. 1929, 1ª e 2ª col., p. 3.

<sup>1868</sup> UMA RETROSPECTIVA DE COLUMBANO. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 22 nov. 1929, 5ª col., p. 2.

<sup>1869</sup> DESAPARECE DA ESCOLA DE BELAS ARTES UM QUADRO DE COLUMBANO. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 2 set. 1911, 5ª col., p. 2.

<sup>1870</sup> O CONSELHO SUPERIOR DE BELAS ARTES E COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 10 nov. 1929, 9ª col., p. 9.

em 1912, logo após o salão carioca<sup>1871</sup>, e até hoje orgulhosamente ostentado pela Pinacoteca como uma de suas maiores riquezas. Diante da ausência de uma academia centralizadora do ensino artístico em São Paulo, aqueles dois edifícios procurariam proporcionar aos seus cidadãos um adequado panorama da arte brasileira e internacional.

#### 7.4 Os leilões

O ocasional falecimento dos colecionadores, a bancarrota de suas fortunas ou a eventual mudança de país quase sempre implicariam na dissolução de interessantes acervos por meio de leilões e doações. A dispersão das galerias que acumulavam a maior parte da arte estrangeira chegada aos trópicos acabaria por contribuir para a circulação das pinturas portuguesas pelo mercado brasileiro. Caroline Fernandes ressalta que os leilões, enquanto reunidores de curiosos, jovens ou experientes amadores, eram “eventos quase que obrigatórios para colecionadores interessados em itens valorizados pelo atributo histórico e, muitas vezes, artístico”<sup>1872</sup>. Já as concessões, mais raras, eram realizadas por simples filantropia (atitude exigida dos vultos abastados da sociedade) e para a promoção dos nomes familiares frente aos museus, garantindo o reconhecimento público do agente benemérito. Foi o que fez, por exemplo, Alfredo Ferreira Lage, que em 1936 entregou sua coleção privada ao Museu Mariano Procópio (Minas Gerais, Brasil). O conjunto reunia alguns trabalhos, adquiridos por meio de atravessadores ou em viagens à Europa, dos portugueses Tomás da Anunciação (uma paisagem desconhecida), Silva Porto (paisagem e cena rural), José Malhoa (*Uma boa compra*), José Júlio de Souza Pinto (dois retratos, uma cena de gênero e três paisagens não identificadas), José Queirós (*Pátio*) e António Carneiro (uma aquarela).<sup>1873</sup>

Para além dos pontuais donativos, os leilões iriam certamente constituir o meio mais comum de dissolução das grandes coleções privadas da Primeira República, algumas delas originárias ainda do tempo da monarquia. Fernando Grilo lembra que a prática era habitual na

<sup>1871</sup> TELEGRAMAS. S. Paulo - A exposição do pintor Souza Pinto. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 9 jan. 1913, 7ª col., p. 12.

<sup>1872</sup> FERNANDES, Caroline. Entre a coleção e o museu: o leilão como espaço de colecionismo. In: CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. *et al.* **Anais do VIII Seminário do Museu D. João VI / IV Colóquio Internacional Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX**. Arte e seus lugares: coleções em espaços reais. Rio de Janeiro: EBA/PPGAV, Museu D. João VI, 2017. p. 212-220.

<sup>1873</sup> CHRISTO, Maraliz de Castro. Colecionismo no Brasil e cultura portuguesa: o Museu Mariano Procópio. In: NETO, Maria João; MALTA, Marize (eds.). **Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX**: perfis e trânsitos. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014. p. 281-289. / CHRISTO, Maraliz de Castro. *et al.* **Coleções em diálogo**: Museu Mariano Procópio e Pinacoteca de São Paulo. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2014.

transição para o século XX também em Portugal, cujo mercado de arte “revela uma vitalidade extraordinária”<sup>1874</sup>, a ponto de promover significativa especialização dos serviços direcionados aos eventos, como o restauro e limpeza das obras, embalagem e transporte adequado até o comprador. Já no Rio de Janeiro, apesar dos valores módicos anunciados pelas liquidações, a atividade leiloeira parece não ter recebido uma resposta muito positiva da sociedade. Em 1903, Arthur Azevedo lamentava que as vendas organizadas com maestria e fornecedoras de preciosidades passavam comumente despercebidas pelo público, enquanto nas capitais europeias elas representavam sempre um notório acontecimento:

Aos nossos leilões de objetos de arte, que, forçoso é dizê-lo, são sempre mal anunciados, e muitas vezes sacrificados pela inconsciência dos pregoeiros, comparecem invariavelmente os mesmos indivíduos que constituem um grupo restrito de amadores.

É preciso que toda a gente compareça, embora faça como eu que, na maior parte dos casos, sou mero espectador, o que aliás não me impede de acompanhar com interesse os lances, e tomar nota dos preços.

Nesses leilões aprecia-se o grau de adiantamento do gosto artístico do público, acompanha-se o progresso dos seus conhecimentos sobre iconografia, e sente-se um prazer inteligente e discreto, que só não é dado aos infelizes para quem a vida se reduz a cinco funções indispensáveis: trabalhar, comer, beber, procriar e dormir.<sup>1875</sup>

A série de leilões que desponta no Brasil ao longo dos últimos anos do século XIX, corroborando o colecionismo de arte portuguesa ocorrido mesmo durante o Império e dando início ao movimento de circulação das pinturas naturalistas no mercado, é aberta em julho de 1895 e promovida por um estabelecimento comercial: a Galeria Cambiaso. Antônio Cambiaso Monteiro, que manteve declarado interesse pela arte portuguesa, era reconhecido pela experiência nas questões artísticas e elogiado por saber dispor os artigos na sua loja com elegância e bom gosto, de modo que “quem ali vai não tem a impressão de haver entrado numa casa de comércio. Dir-se-ia que nada daquilo está para vender; dir-se-ia o salão de um colecionador escrupuloso e eclético”<sup>1876</sup>. Seus esforços, entretanto, não seriam suficientes para salvar o negócio da falência. A Galeria Cambiaso passaria por dois períodos de dissolução do seu conteúdo: em 1895 e em 1903/1904. No primeiro momento seriam leiloados moveis, pinturas, esculturas e objetos diversos, um total de 179 itens arrolados em catálogo para facilitar o acompanhamento do público.<sup>1877</sup> Os portugueses foram aqui representados pelas telas de Antônio Ramalho, *Um chafariz em Évora*, e de João Vaz, *Barcos de pesca*. No meio tempo

<sup>1874</sup> GRILO, Fernando Jorge Artur. Colecionismo e mercado de arte em Portugal no início do século XX. In: NETO, Maria João; MALTA, Marize (eds.). **Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX**: perfis e trânsitos. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014. p. 487-501.

<sup>1875</sup> AZEVEDO, Arthur. Sobre arte. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 19 jul. 1903, 1ª col., p. 3.

<sup>1876</sup> *Ibidem*.

<sup>1877</sup> LEILÃO. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1895, 3ª e 4ª col., p. 7.

entre as duas liquidações, Cambiaso tentaria reerguer-se e anunciaria, em 1898, a venda de duas paisagens (*No pasto* e *Vacas no bebedouro*) enviadas por José Júlio de Souza Pinto de Paris e a compra de *Velho moinho*, do mesmo pintor, para o seu estoque (por intermédio do irmão residente no Rio de Janeiro).<sup>1878</sup> Mas um novo e último leilão infelizmente tornar-se-ia inevitável entre os anos de 1903 e 1904.<sup>1879</sup>

No seguimento dos eventos leiloeiros, em maio de 1899 foi realizada uma longa dispersão do extenso espólio do falecido coronel João Alves Mendes da Silva, colecionador que participara da Exposição Retrospectiva do Centro Artístico. O evento receberia destaque nos jornais da época, com constantes anúncios a evidenciar a importância do acervo para o cenário cultural brasileiro. O coronel tinha acumulado peças artísticas e raridades por cerca de 20 anos, até formar o “mais completo e valioso museu existente na República dos Estados Unidos do Brasil”<sup>1880</sup>. Nos idos de 1896, o crítico Osório Duque Estrada já comentava nos jornais sobre o esplendor da sua residência: “um museu, sem tirar nem pôr”<sup>1881</sup>. João Alves costumava comprar “tudo quanto, ou pelo seu valor artístico, ou pelo seu valor histórico, por qualquer associação a fato ou personagem conhecido, lhe despertava o interesse”<sup>1882</sup>. A coleção resultaria, portanto, do “esforço de um apaixonado. Ele é o tipo do verdadeiro amador de objetos de arte”<sup>1883</sup>.

Somente a sala de entrada do palacete de João Alves formava uma “soberba galeria de arte, do valor de uma fortuna”<sup>1884</sup> e foi exatamente este o primeiro cômodo a ser leiloadado em 1899. A variedade de artigos ali dispostos levaria à confecção de um catálogo para o melhor acompanhamento dos interessados.<sup>1885</sup> Dentre tantas riquezas, figuravam telas dos pintores portugueses Silva Porto, José Malhoa, José Júlio de Souza Pinto e Simplício de Sá.<sup>1886</sup> O interminável rol de objetos encontrados na residência seria responsável pelo prolongamento das vendas até fins do ano de 1900, cujo desenrolar era acompanhado de perto pela imprensa. Os periódicos regularmente anunciavam os lotes disponibilizados<sup>1887</sup>, com especial destaque para a “Soberba Galeria de Quadros a Óleo”<sup>1888</sup> reunida pelo coronel e que, ainda nos últimos lances,

<sup>1878</sup> **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 5 ago. 1898, 6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> col., p. 2.

<sup>1879</sup> AZEVEDO, Arthur. A pedidos. Palestra. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 24-25 out. 1904, 1<sup>a</sup> a 3<sup>a</sup> col., p. 3.

<sup>1880</sup> LEILÕES. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 25 maio 1899, p. 3.

<sup>1881</sup> COMMENTANDO. **Cidade do Rio**. Rio de Janeiro, 31 dez. 1896, 7<sup>a</sup> col., p. 1.

<sup>1882</sup> **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 11 maio 1899, 8<sup>a</sup> col., p. 4.

<sup>1883</sup> A EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DO CENTRO ARTÍSTICO. **A Notícia**. Rio de Janeiro, 15-16 ago. 1898, 2<sup>a</sup> col., p. 3.

<sup>1884</sup> COMMENTANDO. **Cidade do Rio**. Rio de Janeiro, 31 dez. 1896, 7<sup>a</sup> col., p. 1.

<sup>1885</sup> LEILÕES. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 27 maio 1899, p. 3.

<sup>1886</sup> **Cidade do Rio**. Rio de Janeiro, 29 maio 1899, p. 3.

<sup>1887</sup> LEILÕES. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 31 out. 1900, p. 4.

<sup>1888</sup> LEILÕES. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 5 nov. 1900, p. 4.

registrava a presença de duas paisagens de Souza Pinto e do *Irmão pedinte*, de Simplício de Sá. Exibido na Exposição Retrospectiva de 1898, o quadro<sup>1889</sup> sobressairia em letras garrafais nos reclames publicitários<sup>1890</sup> e funcionaria como chamariz para possíveis compradores interessados no espólio de João Alves Mendes da Silva.<sup>1891</sup>

A passagem para o século XX no Brasil continuaria marcada por sucessivos leilões de palacetes e coleções artísticas inteiras, como o do sr. Havilland A. de Lisle, ocorrido logo em janeiro de 1900<sup>1892</sup>. Este gerente do *London and River Plate Bank*, por motivo de mudança para a Europa, disponibilizaria para a venda alguns dos seus móveis, porcelanas, cristais e outros luxuosos objetos, além de aquarelas, guaches e bronzes, com destaque para as “soberbas pinturas a óleo de pintores célebres como Souza Pinto”<sup>1893</sup>. O segundo semestre do ano de 1900, por sua vez, facultaria à praça carioca novo leilão dos bens de notável membro da sociedade. A senhora em questão, identificada apenas como “distinta amadora, que se retirou para a Europa”<sup>1894</sup>, liquidaria sua coleção de telas de artistas franceses, italianos, portugueses, espanhóis e alemães. Dentre nomes como Troyon e Gervex, despontavam os portugueses Anunciação e José Júlio de Souza Pinto.

O mercado leiloeiro do começo do século XX iria manter-se agitado no Brasil e os anos subsequentes assinalariam uma sucessão de eventos. Outra grande venda, ocorrida ainda a 15 de janeiro de 1901<sup>1895</sup>, promoveria a dispersão de móveis, quadros e diversos objetos artísticos pertencentes a “um ilustre cavalheiro que com Exma. família mudou sua residência para fora desta capital”<sup>1896</sup>. O colecionador não teve seu nome desvendado e dele pode-se apreender apenas que residia na Rua Barão do Flamengo, número 1, Bairro do Catete. A sua “importantíssima e raríssima galeria de pinturas a óleo, de notáveis e laureados artistas”<sup>1897</sup> continha personalidades internacionais de peso (os franceses Corot, Vernet, Daubigny, Courbet e Rousseau) e grandes nomes brasileiros (Décio Villares, Batista da Costa, Aurélio de

<sup>1889</sup> **A Notícia**. Rio de Janeiro, 15-16 maio 1899, p. 4.

<sup>1890</sup> **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 30 maio 1899, p. 8.

<sup>1891</sup> **A Notícia**. Rio de Janeiro, 29-30 maio 1899, p. 4.

<sup>1892</sup> LEILÕES. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 21 jan. 1900, 5ª col., p. 4. (O anúncio é repetido nos dias 22 jan. 1900, 5ª col., p. 3 / e / 24 jan. 1900, 2ª col., p. 3).

<sup>1893</sup> **O Paiz**. 21 jan. 1900, 1ª col., p. 4. (O anúncio é repetido nos dias 22 jan. 1900, 4ª col., p. 4; 23 jan. 1900, 5ª col., p. 4 e 24 jan. 1900, 3ª col., p. 4).

<sup>1894</sup> LEILÃO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 26 ago. 1900, 4ª e 5ª col., p. 4.

<sup>1895</sup> **A Imprensa**. Rio de Janeiro, 12 jan. 1901, 4ª e 5ª col., p. 3. (O anúncio é repetido nos dias 13 jan. 1901, 4ª e 5ª col., p. 3; 14 jan. 1901, 1ª e 2ª col., p. 4 e 15 jan. 1901, 4ª e 5ª col., p. 3)

<sup>1896</sup> LEILÕES. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 3 jan. 1901, 7ª col., p. 4. (O anúncio é repetido nos dias 4 jan. 1901, 7ª col., p. 4; 5 jan. 1901, 8ª col., p. 4; 7 jan. 1901, 7ª col., p. 4; 9 jan. 1901, 7ª col., p. 4; 10 jan. 1901, 7ª col., p. 4; 11 jan. 1901, 7ª col., p. 4; 12 jan. 1901, 7ª col., p. 4; 14 jan. 1901, 6ª col., p. 4; 16 jan. 1901, 4ª col., p. 4; 17 jan. 1901, 5ª col., p. 4).

<sup>1897</sup> **O Paiz**. Rio de Janeiro, 15 jan. 1901, p. 5.



Figueiredo, Weingartner, Pedro Américo e Almeida Júnior), mas também representantes da arte portuguesa (Anunciação, José Júlio de Souza Pinto, Silva Porto e José Malhoa).

A *Gazeta de Notícias*<sup>1898</sup>, em considerável esforço publicitário, exaustivamente inventariou em suas páginas as centenas de peças leiloadas no evento. Para facilitar a visualização do extenso acervo também houve distribuição de catálogo ao público interessado, volume que arrolava os artigos conforme a posição na residência. No que se refere às obras de arte portuguesas, a sala de bilhar contava com um óleo de motivo rural de Anunciação e uma paisagem com lago de Souza Pinto. Já a sala de jantar do primeiro pavimento abrigava, além de afamados exemplares franceses e italianos, três quadros de Souza Pinto: *Último dia de um condenado*, *Camponesa bretã* e *A primavera no campo, França*. O salão principal e a sala de visitas acolhiam mais duas telas de Souza Pinto: *Jovem pastora bretã* e *A filha do pescador*. Por fim, o hall de entrada, outro espaço nobre do palacete, exibiria uma paisagem de Sintra pintada por Silva Porto e alguns meninos retratados por José Malhoa – títulos desconhecidos.

Uma semana depois, o *Jornal do Brasil*<sup>1899</sup> divulgou a realização de novo leilão, igualmente coordenado pelo Escritório J. Dias, mas decorrido à Rua São Clemente, no Bairro de Botafogo. Certo cavalheiro se desfazia de seus bens com o objetivo de mudar com a família para a Europa e deixava para trás uma marinha de João Vaz. Pouco depois, ainda em 1901, seria aberto outro leilão, que agora disponibilizava ao público ricos móveis e telas do palacete instalado à Rua Riachuelo, número 144. O catálogo listava, dentre obras de pintores de renome, uma paisagem de Silva Porto e duas de José Júlio de Souza Pinto (*Trecho do Rio Vizela* e *Campo de Trigo, em Vizela*) pertencentes ao salão de visitas.<sup>1900</sup>

Ao longo dos meses de abril, maio e junho de 1902<sup>1901</sup> ocorreria um dos mais importantes leilões que tiveram lugar na Primeira República brasileira: as consecutivas liquidações de ajuste da massa falida dos srs. *Quartim, Silveira & C.*<sup>1902</sup> Após um grande escândalo financeiro, a empresa encerrava suas atividades e, por determinação judicial, disponibilizava toda a luxuosa residência do Barão de Quartim como meio de saldar as dívidas contraídas. A imprensa enfatizaria que esta era uma rara oportunidade “aos verdadeiros amadores do belo na arte, de fazerem aquisição de objetos de alto valor, e por preços mais que

<sup>1898</sup> LEILÕES. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 jan. 1901, p. 4 (anúncio de página inteira).

<sup>1899</sup> LEILÕES. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 jan. 1901, 2ª à 4ª col., p. 4.

<sup>1900</sup> LEILÕES. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 2 abr. 1901, 1ª à 4ª col., p. 4.

<sup>1901</sup> LEILÃO. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 28 mar. 1902, 1ª e 2ª col., p. 4. (O anúncio é repetido nos dias 23 maio 1902, p. 5; 4 jun. 1902, p. 5 e 5 jun. 1902, p. 5).

<sup>1902</sup> LEILÃO. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 21-22 maio 1902, 1ª col., p. 4.

razoáveis”<sup>1903</sup>. Os jornais notavam ainda o mérito da coleção pacientemente organizada pelo distinto colecionador ao longo de décadas, até formar-se um verdadeiro museu, já reconhecido durante a mencionada Exposição Retrospectiva. A galeria do Barão abrigava grandes representantes da arte brasileira (Henrique e Felix Bernardelli, Modesto Brocos, Almeida Júnior, Batista da Costa, Rodolpho Amoedo, Weingartner, Antônio Parreiras, Oscar Pereira da Silva e Manoel Madruga Filho) e estrangeira (franceses, italianos, espanhóis, belgas, um russo e um alemão). Dentre os portugueses, listava obras de Anunciação (*Pastagem*, que esteve em 1898 no Centro Artístico), José Júlio de Souza Pinto, José de Brito<sup>1904</sup> e um quadro de Veloso Salgado citado<sup>1905</sup> apenas uma vez nos periódicos (pode se tratar de erro ou rápida venda<sup>1906</sup>).

Na sequência dos diversos leilões que continuavam a enriquecer e impulsionar o ambiente cultural da Primeira República – contribuindo particularmente para a maior circulação da arte portuguesa –, em julho de 1906, paralelamente à exposição de José Malhoa que acabara de ser inaugurada no Real Gabinete Português de Leitura, era anunciada nova liquidação de bens. Conforme opinião do articulista da *Gazeta de Notícias*<sup>1907</sup>, o evento merecia ser notado, ao contrário de muitos outros do gênero ocorridos à época, por relevante motivo: se no mercado leiloeiro carioca os artigos eram comumente vendidos por quantias módicas, nesta ocasião os preços dos produtos se aproximavam mais do seu real merecimento. Dentre os itens licitados, a tela que alcançara valor mais elevado foi *A desfolhada do milho*, do próprio Malhoa (quase dois contos de réis), seguida de perto apenas por uma paisagem de João Batista da Costa (adquirida por um conto e meio de réis).

Na década seguinte, durante o ano de 1913<sup>1908</sup>, seria registrada a venda de valiosa coleção carioca instalada no palacete situado à rua São Clemente, número 408.<sup>1909</sup> “Nesta casa residiu por largo tempo um cavalheiro dotado de incontestável gosto artístico e que transformou a sua bela vivenda em um museu de coisas preciosas.”<sup>1910</sup> A listagem de objetos disponibilizados pelo notável não identificado incluiria, além de móveis, louças, pratas, bronzes, mármore, desenhos e gravuras, uma rica Pinacoteca de exemplares franceses (Rosa Bonheur, Henner, Carolus Durand), espanhóis (Pradilla, Sorolla), brasileiros (Felix Bernardelli,

<sup>1903</sup> LEILÃO DE ARTE. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 5-6 jun. 1902, 5ª e 6ª col., p. 1.

<sup>1904</sup> QUADROS ARTÍSTICOS. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 22-23 maio 1902, 6ª col., p. 1.

<sup>1905</sup> LEILÕES. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 9 maio 1902, 3ª à 5ª col., p. 3.

<sup>1906</sup> LEILÃO. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 maio 1902, 3ª à 5ª col., p. 3.

<sup>1907</sup> *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 26 jul. 1906, 6ª col., p. 2.

<sup>1908</sup> VENDA DE UMA EXCEPCIONAL COLEÇÃO DE ARTE. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 26 out. 1913, 2ª e 3ª col., p. 12.

<sup>1909</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 4 nov. 1913, 4ª col., p. 2.

<sup>1910</sup> LEILÃO DE OBRAS DE ARTE. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 1 nov. 1913, 6ª col., p. 4.

Rodolpho Amoedo, João Batista da Costa) e portugueses (José Júlio de Souza Pinto, Columbano e José Malhoa<sup>1911</sup>). Outro trabalho de Malhoa surgiria com destaque no início de 1914<sup>1912</sup>, junto a nomes brasileiros, em novo leilão promovido das restantes obras da galeria do Barão de Quartim, dissolvida em 1902, e do acervo do Paço Imperial do Rio de Janeiro.

No ano de 1915, José Malhoa voltaria a ser mencionado em meio aos reclames<sup>1913</sup> sobre a liquidação dos objetos reunidos por José Augusto Prestes na sua residência de Copacabana, figura citada diversas vezes nesta tese enquanto devoto adquirente de obras portuguesas. O catálogo do leilão indicava também os nomes de Columbano, José Júlio de Souza Pinto, João Ribeiro Christino da Silva, Ernesto Condeixa e Constantino Fernandes; além de quadros brasileiros, franceses e espanhóis.<sup>1914</sup> Ainda em 1915, seriam organizadas consecutivas vendas de mais de mil itens da preciosa galeria instalada em outro palacete, situado à Praia de Botafogo.<sup>1915</sup> A *Gazeta de Notícias*<sup>1916</sup> lamentava a dispersão deste conjunto, que custara ao seu proprietário uma enorme soma de dinheiro e trabalho. A coleção digna de um Museu de Belas Artes congregava pintores flamengos, franceses, belgas, italianos, espanhóis e brasileiros, com destaque para dois portugueses: Columbano, com *Cabeça de Velha*, e Souza Pinto, com *Menina mirando-se num córrego*.

Em janeiro de 1916, era noticiada a liquidação de algumas obras de arte no Rio de Janeiro, dentre as quais constava um quadro de José Malhoa.<sup>1917</sup> Em dezembro deste mesmo ano, um novo leilão de finos objetos artísticos, a realizar-se no armazém Alberto Iglesias, arrolava óleos e aquarelas de autores nacionais e franceses, além das telas do português António Carneiro.<sup>1918</sup> Já ao final de 1920, um prédio e todo o seu conteúdo, que incluía outro exemplar de Malhoa, seriam leiloados no Distrito Federal.<sup>1919</sup> Em 1921 era a vez de Anunciação surgir em meio aos móveis, espelhos, carros, roupas e itens diversos que compunham o leilão de

---

<sup>1911</sup> VENDA DE UMA EXEPCIONAL COLEÇÃO DE ARTE. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 26 out. 1913, 2ª e 3ª col., p. 12.

<sup>1912</sup> AS COISAS PRECIOSAS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 5 jan. 1914, 6ª col., p. 2.

<sup>1913</sup> LEILÃO. **A Noite**. Rio de Janeiro, 23 out. 1915, p. 6.

<sup>1914</sup> **GAZETA DE NOTÍCIAS**. Rio de Janeiro, 31 out. 1915, p. 12.

<sup>1915</sup> UM LEILÃO QUE FICARÁ ASSINALADO. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 5 out. 1915, 3ª col., p. 3.

<sup>1916</sup> OS MUSEUS QUE SE DESFAZEM. Uma das mais preciosas coleções de objetos de arte. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 26 set. 1915, 1ª col., p. 3.

<sup>1917</sup> ARTÍSTICO LEILÃO DE PRIMOROSOS MÓVEIS E OBJETOS DE ARTE. **A Noite**. Rio de Janeiro, 3 jan. 1916, 6ª col., p. 3.

<sup>1918</sup> OS OBJETOS DE ARTE QUE SE DISPERSAM. Mais um importante leilão. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 20 dez. 1916, 4ª col., p. 3.

<sup>1919</sup> EXCEPCIONAL LEILÃO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 8 dez. 1920, p. 8.

penhores de Jorge da Silva Oliveira. Do pintor português eram listadas duas composições de grande formato a representar cachorros e gatos, datadas de 1895.<sup>1920</sup>

Entre fins de 1923 e o princípio de 1924, a filial da Galeria Jorge instalada em São Paulo organizaria uma liquidação do seu acervo. A prática vinha sendo regularmente adotada pelo proprietário do estabelecimento comercial, Jorge de Freitas, que frente aos estoques abarrotados decidira inventariar e disponibilizar os itens acumulados por preços mais competitivos. A imprensa noticiava que “o alto mundo social paulistano, cujo bom gosto e elegância andam ao par com a sua cultura, tem desfilado pela exposição da Galeria Jorge, admirando os mestres que ali aparecem e reservando, para o enriquecimento de suas galerias particulares, telas do mais alto valor artístico”<sup>1921</sup>. Na ocasião, *Perfil de aldeão*<sup>1922</sup>, de Carlos Reis, foi comprada por Alexandre Marcondes Filho; enquanto *Entardecer e Água tranquila*, de Souza Pinto, e *Verão*, de Silva Porto, passavam às mãos de dois adquirentes anônimos que iriam obter diversas outras telas ao longo das vendagens – indicativo de que elas passariam a integrar alguma coleção.<sup>1923</sup> No ano de 1929, Jorge de Freitas repetiria a estratégia na sede carioca, em empreendimento que oferecera ao público, por módicos valores, obras de António Carneiro, Alfredo Roque Gameiro, José Malhoa, Silva Porto, José Júlio de Souza Pinto e Carlos Reis.<sup>1924</sup>

A continuação dos leilões promovidos por colecionadores particulares registra, em abril de 1925, a dispersão de outro valioso acervo: o do comendador José Custódio Velloso, atento adquirente de exemplares portugueses. A vendagem iria decorrer na sua própria casa, situada à rua Voluntários da Pátria, em Botafogo. Custodio reunia ali inestimável coleção de cerâmica, faiança, porcelana, cristal, prataria e móveis antigos, além de telas de laureados pintores nacionais e estrangeiros, como os portugueses José Malhoa, Columbano, José Júlio de Souza Pinto e Anunciação.<sup>1925</sup> Em outubro de 1926, uma nova dissolução de importante galeria (estabelecida no palacete à Rua Barão de Mesquita) traria de volta ao mercado carioca algumas obras de Alfredo e Helena Roque Gameiro, Columbano Bordalo Pinheiro e José de Almeida e Silva (este último representado por *As camélias*, que já havia integrado sua exposição individual organizada no Rio de Janeiro, em 1925).<sup>1926</sup>

<sup>1920</sup> LEILÃO. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 13 out. 1921, 1ª col., p. 9.

<sup>1921</sup> REGISTO DE ARTE. Galeria Jorge. **A Gazeta**. São Paulo, 8 jan. 1924, 3ª col., p. 4.

<sup>1922</sup> Vendida durante a sua exposição de 1919, decorrida no Gabinete Português de Leitura, a um anônimo.

<sup>1923</sup> NOTAS DE ARTE. Galeria Jorge. **A Gazeta**. São Paulo, 3 jan. 1924, 4ª col., p. 2.

<sup>1924</sup> O LEILÃO ANNUAL DA GALERIA JORGE. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 3 dez. 1929, 3ª col., p. 3.

<sup>1925</sup> UM IMPORTANTE LEILÃO DE ARTE. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 11 abr. 1925, 3ª a 5ª col., p. 3.

<sup>1926</sup> RICA GALERIA DE PINTURAS. **A Noite**. Rio de Janeiro, 28 out. 1926, 1ª col., p. 7.

Para encerrar o rol de leilões que ao longo da Primeira República disponibilizaram trabalhos de pintores portugueses às praças carioca e paulista, em 1927 foi promovida a venda das obras de arte, móveis, cerâmicas, tapetes, mármore, bronzes e prataria de autores brasileiros e estrangeiros que formavam a coleção de Manoel da Silva Costa. Na ocasião seria impresso um catálogo com fins de distribuição ao público interessado do Distrito Federal e também de São Paulo, tamanha a relevância do extenso acervo. A galeria era apontada como “uma das mais importantes e valiosas coleções do Rio de Janeiro, reunida com paciência e saber por um dos mais ilustres e competentes colecionadores cariocas”<sup>1927</sup>. Por este motivo, um articulista da *Revista da Semana*<sup>1928</sup> chegaria a clamar pela intervenção do Estado, enquanto adquirente dos itens disponibilizados ali e que deveriam permanecer nos museus nacionais. As telas traziam famosas assinaturas brasileiras, francesas e italianas, além dos portugueses António Carneiro, Veloso Salgado, José Júlio de Souza Pinto, Anunciação, Carlos Reis, João Reis, Alfredo Roque Gameiro, Silva Porto, José Malhoa, Columbano e Arthur Loureiro.

---

<sup>1927</sup> IMPORTANTE LEILÃO DE OBJETOS DE ARTE. **A Noite**. Rio de Janeiro, 15 out. 1927, 1ª col, p. 7.

<sup>1928</sup> UMA RARA COLEÇÃO DE ARTE QUE SE VAI DISPERSAR. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 15 out. 1927, Ano XXVIII, n. 43, p. 27 e 28.

## **CONCLUSÃO**

As telas portuguesas que atravessaram o Atlântico alimentaram o colecionismo da Primeira República e aqueceram o mercado artístico local. Como foi visto ao longo da tese, contribuíra sobremaneira para este movimento a atuação de artistas, jornalistas, imigrantes, governantes e comerciantes residentes no Rio de Janeiro e na São Paulo da transição dos séculos. Mas o motivo que levou todos os fatores anteriores a se complementarem e a criarem uma funcional engrenagem de exportação artística foi, verdadeiramente, o facto de o Brasil compartilhar das mesmas aspirações naturalistas valorizadas pela pintura portuguesa. Portugal forneceria ao jovem país tropical o que ele queria e desejava, enquanto nação em busca de um tradicionalista e embasado reconhecimento cultural. O substrato visual, comum às nações, iria resultar em repetições percebidas pelos próprios críticos da época. Para Gilberto Freyre<sup>1929</sup>, as cores empregadas nas composições do além e aquém-mar eram muito parecidas, o que teria provocado padrões pictóricos visíveis em alguns quadros.

A intelectualidade do período ressaltava que tais semelhanças eram um óbvio resultado dos temperamentos originados da mesma raça.<sup>1930</sup> Entretanto, o primeiro capítulo mostrou que a língua e a história análogas não foram elementos de proximidade entre Brasil e Portugal, senão razões para disputas e preconceitos mútuos. A análise da verdadeira matriz compositiva das cenas dialogantes na cultura visual das duas nações ultrapassa, assim, a mera percepção sentimental dos factos. Embora fosse mantida uma acentuada aversão no sentido Brasil-Portugal, resultado da busca do primeiro pela identidade republicana, brasileiros e portugueses tinham em comum, no que toca às questões artísticas, a admiração pelo naturalismo inicialmente desenvolvido na França e na Itália. As possíveis conexões das cenas pintadas por pintores daquelas nacionalidades devem ser percebidas, portanto, dentro de um contexto naturalista que se processava globalmente, e não como mútua cópia ou influência direta.

Em artigo escrito para avaliar a Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes de 1906, por exemplo, um jornalista carioca chegaria a comparar a obra de José Malhoa à de João Batista da Costa, justamente pelo facto de o brasileiro ser o pintor que retratava a natureza com maior apuro, repetindo a característica do mestre português notada tantas vezes.<sup>1931</sup> Já um colaborador da *Careta* advertia que, se a paleta de José Júlio de Souza Pinto poderia ser mais sóbria e comumente reproduzir aspectos franceses, quando era colorida e solar lembrava as

---

<sup>1929</sup> FREYRE, Gilberto. Sugestões para a cooperação luso-brasileira no estudo de problemas de história da arte culta e popular. In: **O mundo que o português criou**. Lisboa: Livros do Brasil, 1940. p. 96.

<sup>1930</sup> BARBOSA, A. Exposição de pintura. **Correio Paulistano**. São Paulo, 19 jun. 1926, 5ª col., p. 4.

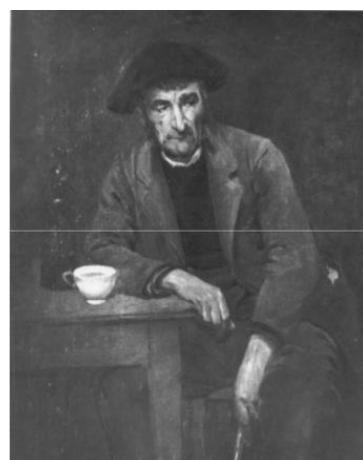
<sup>1931</sup> NOTAS DE ARTE. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 1º set. 1906, p. 3.

paisagens do mesmo Batista da Costa.<sup>1932</sup> Por fim, um artigo publicado em 1909 por Carmen Dolores relacionava de forma mais direta os traços do baiano Presciliano Silva (que à época regressava de seus estudos em Paris, onde tinha-se revelado um habilidoso retratista de tipos populares) aos de Malhoa, salientando que haveria “*uma forte parecença moral*” entre o *Bebedor de cidra*, do brasileiro, e o grupo de homens embriagados imortalizado pelo português:

Dir-me-ão que um bêbado sempre se parece com outro bêbado; mas pintar-lhe a máscara com essa naturalidade, imprimir-lhe às mãos e à atitude do corpo esse abandono mol característico do relaxamento dos músculos, dar-lhe as pupilas esse vidrado baço de uma fixidez lorpa, já próxima do sono de bruto – isso é um trabalho de mestre, em que Presciliano Silva se avizinha muito do talento de Malhoa.<sup>1933</sup>



José Malhoa, *Os bêbados*, 1907, óleo sobre tela, 150 x 200 cm, Museu de José Malhoa.



Presciliano Silva, *Bebedor de cidra*, 1907, [s.d.]<sup>1934</sup>.

Para além da analogia forçada por Dolores, de maneira a enobrecer o brasileiro, o exame das produções artísticas disponibilizadas por Brasil e Portugal na transição para o século XX indica a existência de diálogos que passam por uma outra base compositiva mais usual: a francesa. As imagens retratadas nos quadros de José Júlio de Souza Pinto (*Amuado*) e José Ferraz de Almeida Júnior (*Recado difícil*), por exemplo, concebem pobres crianças camponesas em momentos tão comuns à sua condição pueril: das pirraças aos melindres. Estas ingênuas personagens eram vistas com frequência na conjuntura artística regularmente mostrada no *Salon* parisiense (onde o português e o brasileiro expuseram tantas vezes), compondo o objetivo naturalista de observação e retratação do cotidiano, especialmente no que se refere à ambiência rural. O sentimentalismo e o intimismo das composições, resultado mesmo da interferência

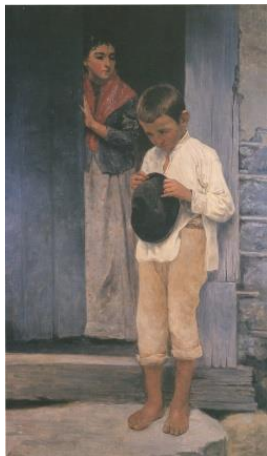
<sup>1932</sup> A EXPOSIÇÃO SOUZA PINTO. **Careta**. Rio de Janeiro, 21 set. 1912, p 17.

<sup>1933</sup> DOLORES, Carmen. Ecos do momento. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 29 jul. 1909, 1ª e 2ª col., p. 1.

<sup>1934</sup> A expressão “s.d.” entre colchetes significa, conforme exigência da ABNT, “sem dados” e será utilizada sempre que forem desconhecidos o ano, o suporte, as dimensões ou o local de depósito da pintura.



direta do pintor enquanto figura atuante no entendimento da cena, as diferenciavam do anterior realismo (linguagem pictórica que pretendeu fazer um documento social combativo e produzir um retrato fiel da degradada sociedade burguesa).



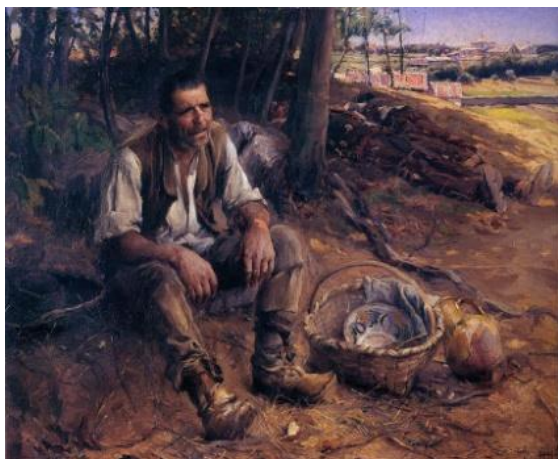
José Ferraz de Almeida Júnior, *Recado difícil*, 1895, óleo sobre tela, 138 x 79 cm, Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro).



José Júlio de Souza Pinto, *Amuado*, [s.d.].

Os tipos populares exaustivamente retratados pelos naturalistas, a ponto de a própria crítica da época por vezes rechaçar a contínua repetição do tema, buscarão mostrar “os trabalhadores em seu meio de ação e condição de vida”<sup>1935</sup>, predominando uma abordagem do campo, com viés descritivo e intimista. O ambiente e os objetos ganham suma importância no naturalismo, enquanto atributos que determinam o caráter e o comportamento do personagem, ausentando-se aqui as cargas polêmicas e os jogos políticos do realismo de Courbet. As telas de José Malhoa (*A sesta*) e Antônio Parreiras (*A sesta*), por exemplo, apresentam um espaço rural, com camponeses detalhadamente caracterizados, a realizarem suas atividades rotineiras, nos locais em que atuavam diariamente. Próximo aos homens tipicamente vestidos são inseridos elementos identificadores de seu cotidiano e das funções que exercem, como o chapéu de palha, a estrutura do curral ou a cesta que carrega o almoço. Este enfoque antropológico tinha a preocupação de contextualizar a imagem retratada com certa proximidade, como se o pintor tivesse compartilhado daquele momento junto à figura e pudesse transferir tal vivência ao público. Com as informações contidas na cena, o observador contemporâneo deveria ser capaz de identificar o indivíduo e o local, além de descrever o que se passava por ali.

<sup>1935</sup> COLI, Jorge. Imagem, trabalho e luta. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, v. 7, n. 13, set. 1986-fev. 1987, p. 189-210.



José Malhoa, *A sesta*, 1898, óleo sobre tela, 26 x 46 cm, Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro).



Antônio Parreiras, *A sesta*, 1900, óleo sobre tela, 65,5 x 50 cm, coleção particular.

As cenas da vida rural tornar-se-iam, com o avanço do naturalismo, elemento predominante nas exposições de arte da passagem para o século XX.<sup>1936</sup> E foi maiormente por causa dos panoramas ligados às atividades do campo, quase sempre conectados a aspectos típicos e regionalistas, que o naturalismo alcançou longevidade e predomínio praticamente absoluto, tanto no contexto brasileiro, quanto no português. Mas esta linguagem artística levaria aos salões acadêmicos outros autênticos representantes das tradições vernáculas e, assim, auxiliariam os governos da época a construírem (ou a reafirmarem) seus discursos patrióticos.<sup>1937</sup> Nos primeiros anos do século XX, José Malhoa transitou pelas vielas da Mouraria para eternizar os autênticos cantores do estilo que seria eleito o mais característico do seu país (*O fado*).<sup>1938</sup> Entrementes, ao final da centúria anterior, Almeida Júnior havia escolhido diferente dupla para uma de suas composições naturalistas sobre a música popular, aqui simbolizada pela viola caipira (*O violeiro*).<sup>1939</sup> As duas telas podem ser vistas como suavizados e sentimentais estudos de caso de grupos marginalizados da sociedade, um artifício comum ao naturalismo. Não espelham, entretanto, qualquer indício de crueldade no mundo, nem incitam uma crítica engajada à situação dos homens e mulheres ali reproduzidos.

<sup>1936</sup> WEISBERG, Gabriel. **Illusions of reality**: naturalist paintings, photography, theatre and cinema (1875-1918). Bruxelas: Mercatorfonds, 2010.

<sup>1937</sup> SILVA, Raquel Henriques da. O naturalismo e o portuguesismo em pintura. In: **João Vaz (1859-1931)**. Um pintor do naturalismo. (Catálogo) Lisboa: Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2005. p. 17.

<sup>1938</sup> COSTA, Lucília Verdelho da. Entre campo e cidade. In: **Amar o outro mar**: a pintura de Malhoa. Lisboa: Gráfica Maiadouro, 2003. p. 82-85.

<sup>1939</sup> É importante lembrar que durante a visita à Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, realizada em 1906, Malhoa teria observado algumas obras de Almeida Júnior, as quais elogiara profusamente. JOSÉ MALHÔA. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 12 jun. 1906, 7ª col., p. 1.



Almeida Júnior, *O violeiro*, 1899, óleo sobre tela,  
141 x 172 cm, Pinacoteca do Estado de São Paulo.



José Malhoa, *O fado*, 1910, óleo sobre tela,  
150 x 183 cm, Museu de Lisboa.

Malgrado o apreço pelo campo e o regionalismo constantemente manifesto nas suas obras de maior expressão, Almeida Júnior não ficaria restrito às pinturas de caipiras e chegaria a produzir diversas cenas urbanas e de gênero.<sup>1940</sup> No *Mendigo da Tabatinguera*, por exemplo, o ituano decidiria retratar a pobreza emergida com as cidades e seus luxuosos *bulevares* de fins do século XIX: era uma maneira de pensar o abismo social que o desenvolvimentismo oitocentista trouxera (se o campo permitia a inserção do homem na terra em ritmo relativamente harmônico, a urbe exigia a rápida interação entre indivíduo e capital, sendo este último requisito forte fator de exclusão), mas sem o tom fortemente anti burguês adotado pelo realismo. Em verdade, o ambiente citadino também revelou-se interessante ferramenta de estudo aos pintores naturalistas, interessados em perceber o homem enquanto um conjunto de questões biológicas e fisiológicas, unidas às características do meio que o rodeava.<sup>1941</sup> O naturalismo eventualmente produziria composições que representavam as misérias urbanas, embora Gabriel Weisberg<sup>1942</sup> ressalte que o artista se afastava aqui de questões conflituosas ou de qualquer tipo de ideologia radicalista, externando visões apolíticas e aproximando-se do sentido sentimental da pobreza. Este viés pode ser visto ainda na figura principal que compõe o quadro *As padeiras*, de José Malhoa. Mas se o mendigo de Almeida Júnior é mostrado em conhecido cenário paulista, o de Malhoa é devidamente ambientado em colorida feira de Figueiró dos Vinhos.

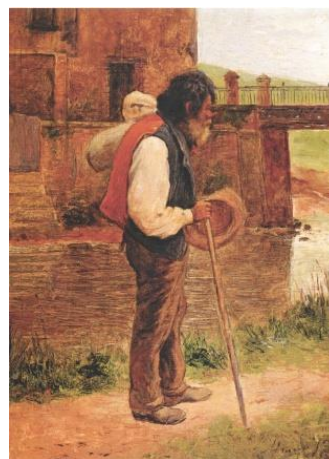
<sup>1940</sup> ARAÚJO, Raquel Aguiar de. **As linguagens de Almeida Júnior**: o diálogo com a modernidade. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

<sup>1941</sup> CORRÊA, Patrícia Alves Carvalho. O realismo e o naturalismo: a questão terminológica. **Anais do XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Rio de Janeiro, 2010. p. 3043-3055.

<sup>1942</sup> Weisberg, Gabriel P. **Beyond Impressionism**. Londres: Thames and Hudson, 1992. p. 9.



José Malhoa, *As padeiras (estudo)*, 1897, [s.d.].



José Ferraz de Almeida Júnior, *Mendigo da Tabatinguera*, 1898, óleo sobre tela, 38 x 28 cm, coleção particular.

No contexto luso-brasileiro da transição para o século XX, a vivência urbana seria abordada detalhadamente em quadros de outros pintores naturalistas que representavam os ofícios derivados da rotina citadina. É o caso das telas do português António Ramalho (*O lanterneiro*), do italiano que atuou no Brasil Antônio Ferrigno (*Afinando o violino*) e do brasileiro Oscar Pereira da Silva (*Consertador de porcelanas*). A lanterna que iluminava as ruas pavimentadas, o violino que vibrava nos teatros neoclássicos e a porcelana que compunha os luxuosos aparelhos de jantar da burguesia criaram profissões especializadas que ainda integravam a parcela manual de um mundo industrializado. Mantendo a visão descritiva e intimista que utilizavam para representar o campo e seus singelos habitantes, como de costume os naturalistas iriam inserir junto dos trabalhadores urbanos detalhes alusivos à sua atividade e ambientação. Mas esta análise social que o pintor fazia de cada personagem não era, embora quisesse parecer ser, uma cópia fiel (cruel) da realidade, e sim derivava de escolha pessoal: ao optar por certo momento e modo de retratar a cena, combinando cor e luz para dar significado às suas composições, os naturalistas se diferenciavam e se destacavam num meio artístico que até pouco tempo primava pela padronização. Aqueles que possuíam uma concepção mais sensível/sintética do cotidiano conseguiam arrebatrar o público, os críticos e as gerações posteriores. Afinal, quem até hoje não se comove com a *Saudade*, de Almeida Júnior, ou deixa de sorrir com o *Ai credo*, de José Malhoa?





Antônio Ramalho, *O lanterneiro*,  
1883, óleo sobre tela, 106 x  
87 cm, coleção particular.



Oscar Pereira da Silva,  
*Consertador de porcelanas*, 1894,  
óleo sobre tela, 92 x 73 cm, [s.d.].



Antônio Ferrigno, *Afinando o violino*,  
1900, óleo sobre madeira,  
19 x 19 cm, coleção particular.

O fazer artístico naturalista comum ao além e aquém-mar, herdeiro de uma metodologia universalmente aplicada e originária do eixo Roma-Paris, forneceria outros elementos de intercessão entre Brasil e Portugal que não pretendemos esgotar nesta breve conclusão sobre as consequências visuais dos diálogos firmados entre os dois lados do Atlântico. Se o naturalismo desejava fazer um retrato apolítico de sua época, adotando o papel de subjetivo testemunho do presente ou emotivo documento histórico e sociológico para o futuro<sup>1943</sup>, os dramas pessoais acabavam por também compor seu objetivo de análise das patologias sociais. Com uma diferença de mais de três décadas entre si, as representações de Belmiro de Almeida (*Arrufos*) e José Malhoa (*Vou ser mãe*) trazem mulheres em trágicos episódios das suas vidas. A tela de Belmiro gerou muita curiosidade e elogios no momento de sua exibição, ainda no século XIX, o que culminou na compra do quadro pelo Estado brasileiro<sup>1944</sup>. Já na centúria seguinte, o português José Malhoa retrataria assunto similar, carregando seu pincel da estética rural que lhe era tão cara. A primeira imagem, ainda a sofrer a influência de pintores como Henri Gervex e seu *Retorno do baile*, na ocasião polemizou questões a respeito das relações conjugais na patriarcal sociedade oitocentista; mas a segunda não pretendeu julgar os aspectos morais da cena, senão revelar o drama de dois camponeses aparentemente inconsolados pela notícia de uma gravidez indesejada. Novamente, a descrição naturalista adota um suavizado tom sentimental, sem estabelecer juízo de valor negativo ou controvertido sobre o conteúdo da obra.

<sup>1943</sup> COLI, Jorge. Imagem, trabalho e luta. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, v. 7, n. 13, set. 1986-fev. 1987, p. 189-210.

<sup>1944</sup> CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. "Arrufos", de Belmiro de Almeida (1858-1935): história da produção e da recepção do quadro. *III Simpósio Nacional de História Cultural*, 2006. Disponível em: <<http://www.eba.ufrj.br/ppgav/lib/exe/fetch.php?media=docente:anacanti:arrufosanacavalcanti.pdf>>. Acesso em: 14 de março de 2014.

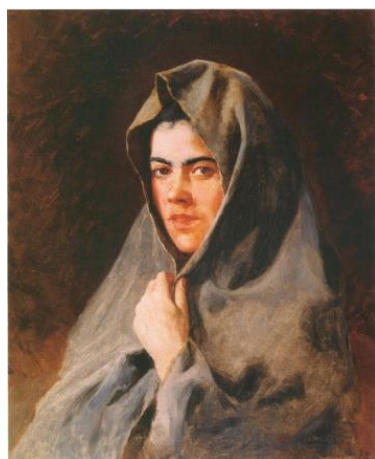


Belmiro de Almeida, *Arrufos*, 1887, óleo sobre tela, 89 x 116 cm, Museu Nacional de Belas Artes (Brasil).



José Malhoa, *Vou ser mãe*, 1923, óleo sobre tela, 46 x 56,5 cm, Casa-Museu Fernando de Castro.

A intimidade dessas relações artísticas estabelecidas entre Brasil e Portugal na transição para o século XX pode ser dimensionada pelo grande número de exposições dos pintores chegados do além-mar que tiveram lugar nos salões cariocas e paulistas entre 1889 e 1929. A quantidade de visitantes dos certames e os lucros alcançados com as vendas dos quadros impressiona. Por outro lado, a recepção do público e da imprensa brasileira não poderia ser mais favorável. Após o encerramento das mostras, centenas de telas assinadas pelos naturalistas portugueses permaneceriam nos trópicos, em mãos de colecionadores ou de museus, e seriam admiradas pelos artistas locais por décadas seguidas. Malgrado as ofensas recíprocas e as pilhérias desnecessárias emitidas nas ruas para denegrir o outro, mesmo que os governos e as economias dos dois lados do Atlântico não andassem em passos tão acertados, na esfera artística a união entre Brasil e Portugal se fez. Dentro da procura naturalista pelas tipicidades, alguns pintores brasileiros chegariam a homenagear a terra que um dia colonizara sua pátria amada.



Almeida Júnior, *A portuguesa*, 1888, óleo sobre tela, 60 x 50 cm, Coleção José Oswaldo de Paula Santos.



Belmiro de Almeida, *A portuguesa*, 1897, óleo sobre tela, 82 x 53 cm, Coleção Marília Seabra Buarque de Andrade.

## **REFERÊNCIAS**

ABREU, Maria Lucília. **Roque Gameiro: o homem e a obra**. Lisboa: ACD Editores, 2005.

ALONSO, Ângela. O debate político-intelectual brasileiro na primeira década republicana. **Novos Estudos**. São Paulo: CEBRAP, n. 85, nov. 2009, p. 131-148.

ALVES, Ida; TELLES, Ângela. Atravessando o Atlântico: imagens de brasileiros por portugueses. **Convergência Lusíada**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, n. 29, jan./jun. 2013, p. 250-265.

AMARAL, Aracy. **Artes plásticas na Semana de 22**: subsídios para uma história da renovação das artes no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1970.

AMORIM, José Carlos de Castro. **António Carneiro**: pluralidade e desígnios do ilustrador. Dissertação (Mestrado em História da Arte Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2012.

ANACLETO, Regina; BERRINI, Beatriz. **O Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro**. São Paulo: Dezembro Editorial, 2004.

ARAGÃO, Solange. Comunicante-comunicado-comunicando: método de estudo de obras de arte. **II Encontro de História da Arte**. Teoria e História da Arte: abordagens metodológicas. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2006. p. 21-27.

ARAÚJO, Bernardo Goytacazes. A instabilidade política na Primeira República. **Revista Estudos Filosóficos**. São João Del Rei: UFSJ, n. 3, 2009, p. 129-141.

ARAÚJO, Raquel Aguiar de. **As linguagens de Almeida Júnior**: o diálogo com a modernidade. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

ARGAN, Giulio Carlo. **A arte moderna na Europa**: de Hogarth a Picasso. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **Arte e crítica de Arte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1988.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. *et al.* **De colonos a imigrantes**: i(e)migração portuguesa. São Paulo: Alameda, 2013.



AZEVEDO, André Nunes de. A Reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. **Revista Rio de Janeiro**. Dossiê Temático n. 10, mai./ago. 2003, p. 39-79.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo. O acervo bibliográfico do Gabinete Português de Leitura como lugar de memória e forma reconhecível: considerações acerca dessas aproximações. **Convergência Lusíada**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, n. 25, jan./jun. 2011, p. 43-60.

BARBOSA, Marialva. Imprensa, poder e público: os diários do Rio de Janeiro (1880-1920). **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo: INTERCOM, v. 20, n. 2, jul./dez. 1997, p. 87-102.

BARTHOLO, Maria de Lourdes. **A obra artística de El-Rei D. Carlos**. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1963.

BASTOS, Cristiana; ALMEIDA, Miguel Vale de; FELDMAN-BIANCO, Bela (coord.). **Trânsitos coloniais**: diálogos críticos luso-brasileiros. Lisboa: ICS-UL, 2002.

BASTOS, Tatiana Quintela de Azevedo. Gabinete Português de Leitura: construção de uma identidade portuguesa. **XXIII Simpósio Nacional de História**. História: Guerra e Paz. Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0987.pdf>>. Acesso em: 3 de maio de 2016.

BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BUENO, Luís. Tamancófilos e Tamancófobos de 1925. **Revista Letras**. Curitiba: UFPR, n. 59, jan./jun. 2003, p. 93-101.

CABRAL, Luís (Org.). **Roque Gameiro**: uma família de artistas. Lisboa: Fundação D. Luís I, 2017. Catálogo de exposição, 13 jan.-20 mar. 2017, **Centro Cultural de Cascais**.

CALMON, Pedro. **História Social do Brasil**: espírito da sociedade Imperial. São Paulo: Martins Fontes, 2002. v. 2.

\_\_\_\_\_. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1971. v. VI.

CARDEIRA, Ana Mafalda; COSTA, Sónia; LONGELIN, Stéphane. Caracterização material e técnica da pintura de Veloso Salgado: contributo museológico. **Revista VOX MUSEI**. Lisboa: FBA-CIEBA, v. 1, jan./jun. 2013, p. 64-72.

CARDOSO, Renata Gomes. Anita Malfatti e a crítica de arte do início do século XX. **I Encontro de História da Arte**, 2004. Revisão historiográfica: o estado da questão. Campinas: IFCH / UNICAMP, 2005. p. 66-73.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de. Mesma carne, outro sangue: notas introdutórias sobre as relações culturais republicanas entre Portugal e Brasil. **Letras de Hoje**. Porto Alegre: PUC-RS, v. 47, n. 4, out./dez. 2012, p. 348-355.

CARVALHO, Thiago; MARTINS, Fernando. As relações luso-brasileiras. In: MENESES, Filipe Ribeiro de; OLIVEIRA, Pedro Aires (coord.). **A Primeira República Portuguesa**: diplomacia, Guerra e Império. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2011.

CASTRO, Laura. **António Carneiro**: o universo no olhar. Porto: Afrontamento, 1996.

CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. *et al.* **Anais VIII Seminário do Museu D. João VI / IV Colóquio Internacional Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX**. Arte e seus lugares: coleções em espaços reais. Rio de Janeiro: EBA/PPGAV, Museu D. João VI, 2017.

CAVALCANTI, Ana Maria Tavares; COUTO, Maria de Fátima Morethy; MALTA Marize. **Anais do XXXI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. [Com/Con] tradições na História da Arte. São Paulo: UNICAMP, 2011.

CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. **O conceito de modernidade e o meio artístico carioca nos anos de 1900 a 1909**. Disponível em: <[http://www.iar.unicamp.br/dap/vanguarda/artigos\\_pdf/ana\\_cavalcanti.pdf](http://www.iar.unicamp.br/dap/vanguarda/artigos_pdf/ana_cavalcanti.pdf)>. Acesso em: 13 de maio de 2014.

\_\_\_\_\_. Pintura brasileira do século XIX e o historiador da arte no labirinto de indícios. In: GERALDO, Sheila Cabo; COSTA, Luiz Cláudio da (Org.). **Anais do XX Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Subjetividade, utopias e fabulações. Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. p. 1320-1332.

\_\_\_\_\_. Artistas brasileiros entre territórios: a relação com a Europa e o sentimento de exílio na própria pátria no século XIX. In: MARTINS, Maria Virgínia Gordilho; HERNÁNDEZ, Maria Hermínia Oliveira. (Org.). **Anais do XIX Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Entre territórios. Cachoeira (Bahia): ANPAP, 2010, p. 49-59.

\_\_\_\_\_. “Arrufos”, de Belmiro de Almeida (1858-1935): história da produção e da recepção do quadro. **III Simpósio Nacional de História Cultural**, 2006. Disponível em: <<http://www.eba.ufrj.br/ppgav/lib/exe/fetch.php?media=docente:anacanti:arrufosanacavalcanti.pdf>>. Acesso em: 14 de março de 2014.

\_\_\_\_\_. O conceito e a função da arte na visão de um pintor brasileiro entre os séculos XIX e XX: uma leitura dos cadernos de notas de Eliseu Visconti (1866-1944). In: **I Encontro de História da Arte**, 2004. Revisão historiográfica: o estado da questão. Campinas: IFCH / UNICAMP, 2005. p. 89-100.

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. **História da política exterior do Brasil**. Brasília: UNB, 2002.

CERVO, Amado Luiz; MAGALHÃES, José Calvet de. **Depois das caravelas**: as relações entre Portugal e o Brasil, 1808-2000. Lisboa: Instituto Camões, 2000.

CHRISTO, Maraliz de Castro. *et al.* **Coleções em diálogo**: Museu Mariano Procópio e Pinacoteca de São Paulo. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2014.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. O naturalismo português na pinacoteca do Museu Mariano Procópio. In: **Anais do XIX Encontro Regional de História**. Profissão historiador: formação e mercado de trabalho. Juiz de Fora: ANPUH, 2014. Disponível em: <[http://www.encontro2014.mg.anpuh.org/resources/anais/34/1399339281\\_ARQUIVO\\_OnaturalismoportuguesnapinacotecadoMMP-textoCORRIGIDO.pdf](http://www.encontro2014.mg.anpuh.org/resources/anais/34/1399339281_ARQUIVO_OnaturalismoportuguesnapinacotecadoMMP-textoCORRIGIDO.pdf)>. Acesso em: 13 de abril de 2015.

COLI, Jorge. Notas para uma distinção entre a noção de artista e de autor. In: MAROTTA, Marcelo Hilsdorf (Coord.). **IV Encontro de História da Arte**. A arte e a história da arte entre a produção e a reflexão. São Paulo: IFCH/UNICAMP, 2008. p. 186-189.

\_\_\_\_\_. **Como estudar a arte brasileira do século XIX?** São Paulo: Senac, 2005.

\_\_\_\_\_. Manet: o enigma do olhar. In: AGUIAR, Flávio; NOVAES, Adauto. **O olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. Imagem, trabalho e luta. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, v. 7, n. 13, set. 1986-fev. 1987, p. 189-210.

CONDURU, Roberto; SIQUEIRA, Vera Beatriz (Org.). **Anais do XXIX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Historiografia da arte no Brasil: um balanço das contribuições recentes. Rio de Janeiro: CBHA, 2009.

CORRÊA, Patrícia Alves Carvalho. O realismo e o naturalismo: a questão terminológica. **Anais do XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Rio de Janeiro, 2010. p. 3043-3055.

COSTA, Lucília Verdelho da; BRANDÃO, Ecyla Castanheira. **A pintura de Malhoa: amar o outro mar**. Lisboa: Gráfica Maiadouro, 2003.

COUTO, Renata de Campos. Gonzaga Duque: crítica, arte e a experiência da modernidade. In: CONDURU, Roberto; SIQUEIRA, Vera Beatriz (Org.). **Anais do XXVIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Mudanças de paradigmas para a História da Arte no Brasil. Rio de Janeiro, 2008. p. 615-624.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana, 1880-1915**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

DAVIES, Penelope J.E.; PEREIRA, Fernando António Baptista; DIAS, Marta Daniel (Coord.). **A nova história da arte de Janson: a tradição ocidental**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

DAZZI, Camila. “A Reforma de 1890”: continuidades e mudanças na Escola Nacional de Belas Artes (1890-1900). In: AMBROSIO, Eliana Ribeiro. *et. al.* **Atas do III Encontro de História da Arte**. História da Arte e instituições culturais: perspectivas em debate. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2007. p. 194-205.

\_\_\_\_\_. Crítica de arte: uma nova forma de escrever o século XIX no Brasil. In: CAMPOS, Adalgisa Arantes. *et. al.* **Anais do XXIV Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <[http://www.cbha.art.br/coloquios/2004/anais/textos/21\\_camila\\_dazzi.pdf](http://www.cbha.art.br/coloquios/2004/anais/textos/21_camila_dazzi.pdf)>. Acesso em: 12 de dezembro de 2014.

\_\_\_\_\_. O moderno no Brasil ao final do século XIX. **Revista de História da Arte e Arqueologia**. Campinas: UNICAMP, n. 17, jan./jun. 2012, p. 87-124.

\_\_\_\_\_. **Relações Brasil-Itália na arte do segundo oitocentos**: estudo sobre Henrique Bernardelli (1880 a 1890). 300 p. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Imigração e educação: os portugueses em São Paulo no início do século XX. **Cadernos CERU**. São Paulo: USP, série 2, v. 12, 2001, p. 161-169.

DUQUE ESTRADA, Luís Gonzaga. **Impressões de um amador: textos esparsos de crítica (1882-1909)**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

EISENSTADT, S. N. Modernidades múltiplas. **Sociologia, Problemas e Práticas**. Lisboa: Mundos Sociais, n. 35, abr. 2001, p. 139-163.

ELIAS, Margarida. Alfredo Roque Gameiro (1864-1935): “Família, Pátria, Arte”. In: **Alfredo Roque Gameiro: retorno à Casa da Venteira**. Lisboa: Canto Redondo, 2014. Catálogo de exposição, 18 out. 2014-25 jan. 2015, Casa Roque Gameiro. p. 6-17.

\_\_\_\_\_. **Columbano no seu Tempo (1857-1929)**. Tese (Doutoramento em História da Arte Contemporânea). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011.

\_\_\_\_\_. *O Grupo do Leão* de Columbano Bordalo Pinheiro. **Revista de História da Arte**. Lisboa: IHA/UNL, n. 5, 2008, p. 153-167.

\_\_\_\_\_. **A recepção crítica de Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1987)**. Dissertação (Mestrado em História da Arte Contemporânea). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2002.

FALCÃO, Isabel. *et al.* **João Vaz (1859-1931): um pintor do naturalismo**. Lisboa: Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2005.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: USP, 1999.

FEITOSA, Rosane Gazolla Alves. **Literatura/cultura portuguesas na imprensa paulista: 1900-1922**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-feitosa-artigo2.pdf>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2015.

FERNANDES, Annie Gisele. Do Portugal no Brasil ao Brasil em Portugal: reflexões acerca do convívio intelectual na (e para a) afirmação da modernidade. **Convergência Lusíada**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, n. 29, jan.-jun. 2013, p. 116-130.

FERNANDES, Cybele Vidal. A construção simbólica da Nação: a pintura e a escultura nas Exposições Gerais da Academia Imperial de Belas Artes. **19&20**, Rio de Janeiro, v. II, n. 4, out. 2007. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/obras/cfv\\_egba.htm](http://www.dezenovevinte.net/obras/cfv_egba.htm)>. Acesso em: 2 de dezembro de 2011.

\_\_\_\_\_. O Ensino de Pintura e Escultura na Academia Imperial das Belas Artes. **19&20**. Rio de Janeiro, v. II, n. 3, jul. 2007. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/ensino\\_artistico/aiba\\_ensino.htm](http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/aiba_ensino.htm)>. Acesso em: 25 de novembro de 2011.

FERREIRA, Marie-Jo. **Os portugueses do Brasil**: atores das relações luso-brasileiras (fim do século XIX - início do século XX). Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <[http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/quartas\\_no\\_arquivo/2007/palestra\\_MarieJoFerreira.pdf](http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/quartas_no_arquivo/2007/palestra_MarieJoFerreira.pdf)>. Acesso em: 17 de junho de 2014.

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (Coord.). **Actas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte, 2005**. Artistas e artífices e sua mobilidade no mundo de expressão portuguesa. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007.

FERRO, Ana Mafalda. António Ferro, o meu avô. **UNILETRAS**. Ponta Grossa: UEPG, v. 38, n. 2, jul./dez. 2016, p. 331-337.

FIGUEIRA, Carlos Alberto Nunes. **A escultura cerâmica na animação arquitetónica**: contributo de Jorge Barradas. Dissertação (Mestrado em Teorias da Arte). Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001.

FRANÇA, José-Augusto. **A arte em Portugal no século XIX**. Lisboa: Bertrand Editora, 1998.

\_\_\_\_\_. **(In)definições de cultura**: textos de cultura e história, artes e letras. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

\_\_\_\_\_. **A arte portuguesa de oitocentos**. Lisboa: Biblioteca Breve, 1992.

\_\_\_\_\_. **O modernismo na arte portuguesa**. Lisboa: Biblioteca Breve, 1991.

\_\_\_\_\_. **Malhoa, o português dos portugueses & Columbano, o português sem portugueses**. Lisboa: Bertrand, 1987.

FREYRE, Gilberto. **O mundo que o português criou**. Lisboa: Livros do Brasil, [1940].

FONSECA, Vitor Marques da. Beneficência e auxílio mútuo no associativismo português: Rio de Janeiro, 1903-1920. **Revista Migrações**. Lisboa: ACIDI, n. 5, out. 2009, p. 221-237.

GAMA, Luís Borges da. **O Senhor Rosa chegou do Brasil!** E fartou-se de vender quadros... Disponível em: <<http://provocando-umateima.blogspot.com.br/2012/08/1902-o-senhor-rosa-chegou-do-brasil.html>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2018.

\_\_\_\_\_. **O conto do vigário ou Um brasuca mudo e o português que não se cala.** Disponível em: <<http://provocando-umateima.blogspot.com.br/2012/07/o-conto-do-vigario.html>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2018.

\_\_\_\_\_. **Breve retrato de Olavo Bilac num crayon de Antonio Carneiro.** Disponível em: <<http://provocando-umateima.blogspot.com.br/2015/12/breve-retrato-de-olavo-bilac.html>>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2018.

GOMES, Ângela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena (Org.). **A República no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

GOMES, Artur Nunes. **Sob o signo da ambiguidade:** configurações identitárias no espaço português do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1998.

GRANGEIA, Fabiana de Araújo Guerra. Oscar Guanabarro e a crítica de arte periódica no Brasil. **I Encontro de História da Arte**, 2004. Revisão historiográfica: o estado da questão. Campinas: IFCH / UNICAMP, 2005. p. 326-333.

GUEDES, Maria Estela. Fernanda de Castro e António Ferro: a Semana de Arte Moderna de São Paulo. **Revista TriploV de Artes, Religiões e Ciências**, n. 29, jul. 2012. Disponível em: <[http://www.triplov.com/novaserie.revista/numero\\_29/maria\\_estela\\_guedes/index.html](http://www.triplov.com/novaserie.revista/numero_29/maria_estela_guedes/index.html)>. Acesso em: 7 de fevereiro de 2018.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Relações culturais luso-brasileiras: encontros e desencontros. **Anais do XII Encontro Regional de História.** Usos do passado. Rio de Janeiro: ANPUH, 2006. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Lucia%20Maria%20Paschoal%20Guimaraes.pdf>>. Acesso em: 18 de abril de 2014.

\_\_\_\_\_. Relações culturais luso-brasileiras: alguns pontos de confluência. **Convergência Lusíada.** Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, n. 24, 2º semestre de 2007, p. 256-264.

GUIMARÃES, Valéria. Jornais franceses no Brasil. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História.** ANPUH 50 anos: comemorações. São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312985067ARQUIVOjornais\\_franceses.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312985067ARQUIVOjornais_franceses.pdf)>. Acesso em: 30 de setembro de 2014.

HAUSER, Arnold. **Teorias da arte.** Lisboa: Presença, 1998.

HEINSFELD, Adelar. A ruptura diplomática Brasil-Portugal: um aspecto do americanismo do início da República brasileira. **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História**. História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo, 2007. Disponível em: <[http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Adelar% 20Heinsfeld.pdf](http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Adelar%20Heinsfeld.pdf)>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2014.

HENRIQUES, Paulo (Coord.). **Arte moderna portuguesa no tempo de Fernando Pessoa, 1910-1940**. Zurique: Edition Stemmle, 1997.

HOLLANDA, Cristina Buarque de. A questão da representação política na Primeira República. **Caderno CRH**. Salvador: UFBA, v. 21, n. 52, jan./abr. 2008, p. 25-35.

JANSON, Horst Woldemar. **História geral da arte**. v. 3. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JÚNIOR, João Julio Gomes dos Santos. Jacobinismo, antilusitanismo e identidade nacional na República Velha. **Historiae**. Rio Grande: FURG, n. 2, 2011, p. 107-122.

KLEIN, Herbert. A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil nos finais do século XIX e no século XX. **Análise Social**. Lisboa: ICS/UL, v. 28, n. 121, 1993, p. 235-265.

KNAUSS, Paulo. O cavalete e a paleta: arte e prática de colecionar no Brasil. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/IPHAN, v. 33, 2001, p. 23-44.

LAPA, Pedro (Org.). **Columbano Bordalo Pinheiro (1874-1900)**. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2007.

LEANDRO, Sandra (coord.). **Flor de Água: Helena Roque Gameiro (1895-1986) – Aquarela e artes aplicadas**. Lisboa: Câmara Municipal da Amadora, 2016.

LEANDRO, Sandra. Tragicomédias de Julião Machado (1863-1930) e uma cena extra: José Malhoa no Rio de Janeiro em 1906. **Arte Teoria**. Lisboa: Mestrado em Teoria da Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, n. 16/17, ano 2013/14, p. 153-163.

\_\_\_\_\_. Luz sobre luz: José Malhoa (1855-1933). In: **José Malhoa**. Lisboa: Franco Maria Ricci; Artimg Editores, 2008.



\_\_\_\_\_. Teoria e Crítica de Arte em Portugal no final do século XIX. In: LEANDRO, Sandra (Coord.). **Seminários de Estudos de Arte**. Estados da Forma I. Évora: Edições Eu é que sei, 2003. p. 13-46.

\_\_\_\_\_. **Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1871-1900)**. 2 vol. Dissertação (Mestrado em História da Arte Contemporânea). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1999.

LEITE, Joaquim da Costa. Os negócios da emigração (1870-1914). **Análise Social**. Lisboa: ICS/UL, v. 31, n. 136-137, 1996, p. 381-396.

\_\_\_\_\_. Emigração portuguesa: a lei e os números (1855-1914). **Análise Social**. Lisboa: ICS/UL, v. 23, n. 97, 1987, p. 463-480.

LEITE, Reginaldo da Rocha. A contribuição das escolas artísticas europeias no ensino das artes no Brasil oitocentista. **19&20**. Rio de Janeiro, v. IV, n. 1, jan. 2009. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/ensino\\_artistico/escolas\\_reginaldo.htm](http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/escolas_reginaldo.htm)>. Acesso em: 11 de março 2011.

\_\_\_\_\_. A prática da cópia no ensino artístico acadêmico: revisão crítica e análises da metodologia pedagógica. In: RIBEIRO, Marília Andrés; RIBEIRO, Maria Izabel Branco (Org.). **Anais do XXVI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. São Paulo, 2006. Belo Horizonte: C/Arte, 2007. p. 514-520.

LEVY, Maria Stella Ferreira. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872-1972). **Revista de Saúde Pública**. São Paulo: USP, v. 8, supl., 1974, p. 49-90.

LOBATO, Monteiro. **Ideias de Jeca Tatu**. São Paulo: Brasiliense, 1959.

LOURENÇO, Maria Cecília França. **Almeida Júnior: um criador de imaginários**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2007.

LÜSCHER, Pedro de Castro. Alfredo Camarate: República, civilização e patrimônio. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. ANPUH 50 anos: comemorações. São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300419768\\_ARQUIVO\\_ANPUH.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300419768_ARQUIVO_ANPUH.pdf)>. Acesso em: 23 de março de 2015.

LUZ, Angela Âncora da. Entre a teoria e a crítica: dilemas da História da Arte. In: RIBEIRO, Marília Andrés; RIBEIRO, Maria Izabel Branco (Org.). **Anais do XXVI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. São Paulo, 2006. Belo Horizonte: C/Arte, 2007. p. 35-40.

\_\_\_\_\_. Salões Oficiais de Arte no Brasil: um tema em questão. **Arte & Ensaios**. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 13, 2006, p. 59-64.

MAINARDI, Patricia. **The end of the Salon: art and the State in the Early Third Republic**. University of Cambridge, 1994.

MALTA, Marize; NETO, Maria João. Coleções de arte além-mar: encontros e perspectivas entre Portugal e Brasil. **Pós**. Belo Horizonte: UFMG, v. 4, n. 8, nov. 2014, p. 26 - 39.

MALTA, Marize; NETO, Maria João (eds.). **Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX: perfis e trânsitos**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014.

MALTA, Marize; NETO, Maria João (eds.). **Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX**. As academias de belas-artes do Rio de Janeiro, de Lisboa e do Porto (1816-1836): ensino, artistas, mecenas e coleções. Lisboa: Caleidoscópio, 2016.

MARQUES, A. H. de Oliveira. **A Primeira República Portuguesa**. Alfragide: Texto Editores, 2010.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempo de República**, São Paulo (1890-1922). São Paulo: USP / FAPESP, 2008.

MATTOSO, José (coord.). **História de Portugal**. v. XI e XII. Rio de Mouro: Círculo dos Leitores, 2008.

MENDES, José Sacchetta Ramos. **Laços de sangue: privilégios e intolerância à imigração portuguesa no Brasil (1822-1945)**. Porto: CEPESE/Fronteira do Caos, 2010.

MÉRIAN, Jean-Yves. Presença de Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Rafael Bordalo Pinheiro no debate e na polémica naturalista no Brasil. **Convergência Lusíada**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, n. 24, jul./dez. 2007, p. 211-224.

MICELI, Sergio. **Nacional estrangeiro: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MIGLIACCIO, Luciano. Notas para um inventário de obras de arte portuguesas em coleções brasileiras. In: **Actas do II Congresso Internacional de História da Arte**. Portugal: encruzilhada de culturas, das artes e das sensibilidades, 2001. Coimbra: Almedina, 2005. p. 991-1003.

MIRANDA, Luciana. Um “voo” entre Portugal e Brasil: leituras das relações luso-brasileiras na Revista *Seara Nova* no início dos anos de 1920. **Revista História**. São Paulo: UNESP, v. 28, n. 1, 2009, p. 483-508.

MITCHELL, W. J. T. **Landscape and power**. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

MORAES, Juliana Lopes de. **A Vida Moderna (1907-1922), o periódico-vitrine da cidade de São Paulo**: tempos de modernidade com um leve toque português. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.

MORAIS, Ana Paiva (Org.). **Pensar a República (1910-2010)**. Coimbra: Almedina, 2014.

MOURÃO, Alda. Portugal, Brasil e a Câmara de Comércio e Indústria: uma relação triangular na representação dos interesses de empresários portugueses no Rio de Janeiro. **Convergência Lusíada**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, n. 29, jan./jun., 2013, p. 22-38.

MULLER, Fernanda Suely. **(Re) vendo as páginas, (re)visando os laços e (des)atando os nós**: as relações literárias e culturais luso-brasileiras através dos periódicos portugueses (1899-1922). 2 v. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

\_\_\_\_\_. **Ruptura ou tradição?** A crítica e a literatura portuguesa em *O Estado de São Paulo* no pré-modernismo brasileiro: 1900-1911. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

NASCIMENTO, Ana Paula. São Paulo: meio artístico e as exposições (1895-1929). In: VALLE, Arthur (Org.). **Oitocentos**: arte brasileira do Império à República. Tomo 2. Rio de Janeiro: EDUR/UFRRJ, DezenoveVinte, 2010.

NATÁRIO, Celeste. A situação de Portugal na Europa no final do século XIX e início do século XX: a geração de 70. **Revista Estudos Filosóficos**. São João Del Rei: UFSJ, n. 1, 2008, p. 100-109.

NEVES, João Alves das. **As relações literárias de Portugal com o Brasil**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

NOCHLIN, Linda. **Courbet**. London: Thames & Hudson, 2007.

NORONHA, Eduardo de. **O pintor António Ramalho (1858-1916)**. Lisboa, s. ed., 1917.

OLIVEIRA, Gilberto Maringoni de. **Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal (1864-1910)**. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PASCKES, Maria Luisa. Nota sobre os imigrantes portugueses no Brasil (séculos XIX e XX). **Revista História**. São Paulo: UNESP, n. 123-124, ago./jul. 1990-1991, p. 81-93.

PERNES, Fernando (coord.). **Panorama da arte portuguesa no século XX**. Porto: Fundação de Serralves/Campo das Letras, 1999.

PERUTTI, Daniela Carolina. **Gestos feitos de tinta: as representações corporais na pintura de Almeida Júnior**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PEREIRA, Sonia Gomes. Os exercícios das cópias dos nossos artistas na Europa: o que viam e o que escolhiam. In: CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. *et. al.* **Anais do XXXII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Direções e sentidos da História da Arte. Brasília: CBHA, 2012. p. 707-724.

\_\_\_\_\_. História, arte e estilo no século XIX. **Revista Concinnitas**. Rio de Janeiro: UERJ, v.1, 2006. p.128-141.

PEREIRA, Sonia Gomes; PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. **Arte brasileira no século XIX**. Belo Horizonte: C/Arte, 2008.

PITTA, Fernanda Mendonça. **Um povo pacato e bucólico: costume, história e imaginário na pintura de Almeida Júnior**. Tese (Doutorado em Teoria, Ensino e Aprendizagem). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PINHARANDA, João. O modernismo I: expressão, estilização, disciplina. In: RODRIGUES, Dalila (Coord.). **Arte Portuguesa: da pré-história ao século XX**. v. 18. Lisboa: Fubu, 2009.

RAMOS, Rui (Coord.). **História de Portugal**. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009.

REWALD, John. **História do Impressionismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

RIBEIRO, Gladys Sabina. Antes sem pão do que sem pátria: o anti-portuguesismo nos anos da década de 1920. **Convergência Lusíada**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, v. 2, n. 18, 2001, p. 147-162.

\_\_\_\_\_. “Por que você veio encher o pandulho aqui?” Os portugueses, o antilusitanismo e a exploração das moradias populares no Rio de Janeiro da República Velha. **Análise Social**. Lisboa: ICS/UL, vol. 29, n. 127, 1994, p. 631-654.

RODRIGUES, Ana Maria (coord.) **Brasil-brasis: cousas notáveis e espantosas (Olhares Modernistas)**. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

ROSSI, Mirian Silva. A gênese do campo artístico paulistano: entre vanguarda e tradição. **Saeculum Revista de História**. João Pessoa: UFPB, n. 28, jan./jun. 2013, p. 195-210.

RUAS, Luci. Fialho de Almeida e João do Rio: Portugal entre ressentimento e fascínio. **Revista Letras**. Curitiba: UFPR, n. 59, jan./jun. 2003, p. 185-195.

SALDANHA, Nuno. **José Vital Branco Malhoa (1855-1933): o pintor, o mestre e a obra**. Tese (Doutoramento em História da Arte). Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2006.

SANT’ANA, Thaís Rezende. **A Exposição Internacional do Centenário da Independência: modernidade e política no Rio de Janeiro do início dos anos 1920**. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SANTOS, Aida Alves. **José Júlio de Souza Pinto na Bretanha**. Dissertação (Mestrado em História da Arte Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2011.

SANTOS, Marcos Florence. **Letras e artes no Brasil: a consolidação da crítica no Segundo Reinado**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

SANTOS, Paula Marques dos; AMORIM, Paulo. As relações Portugal-Brasil na primeira metade do século XX (1910-1945). In: SOUSA, Fernando; SANTOS, Paula; AMORIM, Paulo (coord.). **As relações Portugal-Brasil no século XX**. Porto: CEPES, 2010. p. 121-139.

SANTOS, Rui Afonso. **Veloso Salgado: 1864-1945**. Lisboa: Instituto Português de Museus, Museu do Chiado, 1999.

SARAIVA, Arnaldo. **Modernismo brasileiro e modernismo português**: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações. Campinas: UNICAMP, 2004.

SCHAPIRO, Meyer. **Impressionismo**: reflexões e percepções. São Paulo: Cosac&Naify, 2002.

SCHWARCZ, Lilia. Moderna República Velha: um outro ano de 1922. **Revista IEB**. São Paulo: USP, n. 55, 2012, p. 59-88.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. **As duas faces da imigração portuguesa para o Brasil**: décadas de 1820-1930. *Paper* apresentado ao Congresso de História Econômica de Zaragoza, 2001. Disponível em: <<http://www.unizar.es/eueez/cahe/volpiscott.pdf>>. Acesso em: 27 de agosto de 2014.

SERPA, Élio. Portugal no Brasil: a escrita dos irmãos desavindos. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, v. 20, n. 39, 2000, p. 81-114.

SILVA, Armando Malheiro da. Portugal e Brasil: dos fluxos migratórios às interações ideológico-políticas (1989-1918). **Coletâneas do Nosso Tempo**. Rondonópolis: UFMT, ano VIII, n. 9, 2009, p. 11-32.

SILVA, Isabel Corrêa da. **Espelho Fraterno**: o Brasil e o republicanismo português na transição para o século XX. Lisboa: Divina Comédia, 2013.

SILVA, Júlio Rodrigues da. *A Edição Quinzenal Ilustrada* (1897-1898): a experiência editorial do *Jornal do Brasil* em Portugal. In: ABREU, Márcia; DEAECTO, Marisa Midori. (Org.) **A circulação transatlântica dos impressos**: conexões. Campinas: Unicamp, 2014. p. 205-212.

SILVA, Maria do Carmo. Artistas latino-americanos no acervo do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro: obras adquiridas no final do século XIX e primeiras décadas do século XX. In: MEDEIROS, Afonso; HAMOY, Idanise (Org.). **22º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas**. Ecossistemas estéticos. Belém: ANPAP/UFPA, 2013. p. 575-582.

\_\_\_\_\_. A crítica de arte de Ramalho Ortigão e a pintura oitocentista portuguesa. In: CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. *et. al.* **Anais do XXXII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Direções e sentidos da História da Arte. Brasília: CBHA, 2012. p. 587-597.

SILVA, Raquel Henriques da (Coord.). **Artur Alves Cardoso (1832-1930): Alma Mater**. Lisboa: Fundação Millennium BCP, 2016.

SILVA, Raquel Henriques da. *et al.* **O Grupo do Leão e o Naturalismo português**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1996.

SILVA, Raquel Henriques da. Romantismo e pré-naturalismo. In: PEREIRA, Paulo (coord.). **História da arte portuguesa**. v. III. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995. p. 329-367.

\_\_\_\_\_. Percursos da modernidade (1800-1990). In: MIRANDA, Maria Adelaide. *et al.* **História das artes plásticas**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1991. p. 99-128.

SILVA, Raquel Henriques da; LAPA, Pedro; SILVEIRA, Maria de Aires (Coord.). **Arte portuguesa (1850-1950)**. Lisboa: Instituto Português de Museus/Museu do Chiado, 1994.

**SILVA PORTO: 1850-1893**. Exposição comemorativa do centenário da sua morte. Lisboa: Instituto Português de Museus, 1993. Catálogo de exposição, Museu Nacional Soares dos Reis.

SILVA, Rodrigo de Carvalho da. **A transição do jornalismo do século XIX ao século XX**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-rodrigo-carvalho-transicao-do-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2015.

SILVA, Rosangela de Jesus. **O Brasil de Angelo Agostini: política e sociedade nas imagens de um artista (1864-1910)**. Tese (Doutorado em História da Arte). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

\_\_\_\_\_. Um novo olhar para a Arte Brasileira e o século XIX. **História na Fronteira**. Foz do Iguaçu: Uniamérica, v. 3, n. 3, jul./dez. 2010, p. 51-66.

\_\_\_\_\_. Angelo Agostini, Felix Ferreira e Gonzaga Duque Estrada: contribuições da crítica de arte brasileira no século XIX. **Revista de História da Arte e Arqueologia**. Campinas: UNICAMP, n. 10, jul./dez. 2009, p. 43-71.

\_\_\_\_\_. Arte, crítica, caricatura e humor: a produção artística em questão. In: FARIA, Breno. *et al.* **Atas do V Encontro de História da Arte**. 20 anos de História da Arte na UNICAMP. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2009. p. 398-404.

\_\_\_\_\_. Crítica de arte na imprensa carioca do século XIX: *Revista Musical e de Bellas Artes*. In: AMBROSIO, Eliana Ribeiro. *et al.* **Atas do III Encontro de História da Arte**. História

da Arte e instituições culturais: perspectivas em debate. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2007. p. 601-609.

\_\_\_\_\_. Angelo Agostini: crítica de arte, política e cultura no Brasil do Segundo Reinado. **Revista de História da Arte e Arqueologia**. Campinas: UNICAMP, n. 6, dez. 2006, p. 107–122.

SILVEIRA, Maria de Aires (coord.). **Columbano**. Lisboa: Museu Nacional de Arte Contemporânea-Museu do Chiado, 2010.

SIMAS, Helena. Columbano, outras leituras. **Arte Teoria**. Lisboa: FBA/UL, n. 6, 2005, p. 123-134.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. A viagem a Paris de artistas brasileiros no final do século XIX. **Tempo Social**. São Paulo: USP, v. 17, n. 1, 2005, p. 343-366.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUSA, Fernando de; MARTINS, Ismênia; MATOS, Izilda (coord.). **Nas duas margens: os portugueses no Brasil**. Porto: CEPESE/Edições Afrontamento, 2009.

SOUSA, Fernando de; MARTINS, Ismênia; PEREIRA, Conceição Meireles (coord.). **A emigração portuguesa para o Brasil**. Porto: CEPESE/Edições Afrontamento, 2007.

SOUZA, Ricardo Luiz de. O antilusitanismo e a afirmação da nacionalidade. **Politeia: História e Sociedade**. Vitória da Conquista: UESB, v. 5, n. 1, 2005, p. 133-151.

TARASANTCHI, Ruth Sprung. **Pintores paisagistas: São Paulo, 1890 a 1920**. São Paulo: USP, 2002.

TAVARES, Cristina Azevedo. **A Sociedade Nacional de Belas Artes: um século de história e de arte**. Vila Nova de Cerveira: Fundação da Bienal de Vila Nova de Cerveira, 2006.

TEIXEIRA, José de Monterroso (org.). **Henrique Pousão no primeiro centenário da sua morte: 1884-1984**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

TINTELNOT, Hans. **Do Neoclassicismo à Arte Moderna**. Lisboa: Verbo, 2v., 1972.



TRICHES, Robertha Pedroso. **A labareda da discórdia**: o antilusitanismo na imprensa carioca. Disponível em: <[http://www.achegas.net/numero/36/triches\\_36.pdf](http://www.achegas.net/numero/36/triches_36.pdf)>. Acesso em: 13 de agosto de 2014.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do Atlântico**: a *Revista Lusitania* e a colônia portuguesa do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

\_\_\_\_\_. Identidades contrastivas: a inserção do português na Primeira República. **História, Imagem e Narrativas**. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 3, 2007, p. 9-23.

TORGAL, Luís Filipe. Portugal/Brasil, 1889-1910: uma visão cronológica. In: HOMEM, Amadeu Carvalho; SILVA, Armando Malheiro da; ISAÍIA, Artur César (coord.). **Progresso e religião**: a República no Brasil e em Portugal (1889-1910). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007. p. 309-387.

VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel (org.). **Oitocentos**: intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. Tomo III. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

VALLE, Arthur. A “Exposição de Arte Portuguesa” no Rio de Janeiro em 1902 e sua recepção. **Fênix**. Ano XII, vol. 12, n. 1, jan./jun. 2015. Disponível em: <[https://www.academia.edu/17214000/2015\\_\\_A\\_Exposi%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Arte\\_Portuguesa\\_no\\_Rio\\_de\\_Janeiro\\_em\\_1902\\_e\\_sua\\_recep%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/17214000/2015__A_Exposi%C3%A7%C3%A3o_de_Arte_Portuguesa_no_Rio_de_Janeiro_em_1902_e_sua_recep%C3%A7%C3%A3o)>. Acesso em: 3 de abril de 2017.

\_\_\_\_\_. A importância de agremiações artísticas e do colecionismo de Portugal na constituição da coleção de arte portuguesa da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. In: HOFFMAN, Ana Maria Pimenta. *et. al.* **História da Arte**: coleções, arquivos e narrativas. Bragança Paulista: Urutau, 2015. p. 269-279.

\_\_\_\_\_. Transnational Dialogues in the Images of *A Ilustração*, 1884-1892. **RIHA Journal**, 2015. Disponível em: <<http://www.riha-journal.org/articles/2015/2015-jan-mar/valle-transnational-dialogues/@@rihaview>>. Acesso em: 13 de março de 2015.

\_\_\_\_\_. O acervo de pintura portuguesa da Escola Nacional de Belas Artes no contexto pedagógico pós “Reforma de 1890”. **Revista de História da Arte e Arqueologia**. Campinas: UNICAMP, n. 19, jan./jun. 2013, p. 117-139.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre o acervo de pintura portuguesa da Pinacoteca da Escola Nacional de Belas Artes. **19&20**. Rio de Janeiro, v. VII, n. 1, jan./mar. 2012. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/obras/portugueses\\_enba.htm](http://www.dezenovevinte.net/obras/portugueses_enba.htm)>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2014.

\_\_\_\_\_. “A maneira especial que define a minha arte”: pensionistas da Escola Nacional de Belas Artes e a cena artística de Munique em fins do Oitocentos. **Revista de História da Arte e Arqueologia**. Campinas: UNICAMP, n. 13, jan./jul. 2010, p. 109-144.

\_\_\_\_\_. **A pintura da Escola Nacional de Belas Artes na Primeira República** (1890-1930): da formação do artista aos seus *Modos* estilísticos. Tese (Doutorado em História e Crítica de Arte). Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

VAZ, João Barreto de Moraes. **O pintor João Vaz**: contributo para o conhecimento da sua vida e obra. Dissertação (Mestrado em História da Arte). Universidade Lusíada, Lisboa, 1998.

VENTURI, Lionello. **História da Crítica de Arte**. Lisboa: Edições 70, 1998.

VERMEERSCH, Paula Ferreira. **Notas de um estudo crítico sobre A Arte Brasileira, de Luiz Gonzaga Duque Estrada**. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

VIANNA, Hélio. **História do Brasil**. v. II. São Paulo: Melhoramentos, 1970.

VIEIRA, Nelson H. **Brasil e Portugal**: a imagem recíproca – o mito e a realidade na expressão literária. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991.

WEISBERG, Gabriel P. **Illusions of reality**: naturalist paintings, photography, theatre and cinema (1875-1918). Bruxelas: Mercatorfonds, 2010.

\_\_\_\_\_. **Beyond Impressionism**: the naturalist impulse in european art (1860-1905). London: Thames and Hudson, 1992.

ZAN, João Carlos. **Ramalho Ortigão e o Brasil**. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ZILIO, Carlos. A modernidade efêmera: anos 80 na Academia. In: PEREIRA, Sonia Gomes (Coord.). **Anais do Seminário EBA 180**. 180 anos da Escola de Belas Artes, 1996. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p. 238-239.

ZOLA, Émile. **A batalha do impressionismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

## **APÊNDICES**

## **APÊNDICE A – TABELA 20**

**Listagem dos artigos consultados para a tese, em ordem cronológica**

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<b>1889</b>				
<i>Revista Illustrada</i>	20 de julho de 1889, p. 3 e 6	Belas Artes	A inauguração do <i>Atelier X. Moderno</i> , espaço exclusivo para exposições artísticas.	X.
<i>Revista Illustrada</i>	17 de agosto de 1889, p. 3, col. 2 e 3	Belas-Artes (continuação)	A exposição de três telas de Souza Pinto no <i>Atelier Moderno</i> .	X.
<b>1890</b>				
<i>Revista Illustrada</i>	29 de março de 1890, p. 6, col. 3 e p. 7, col. 1	Belas Artes	Analisa a situação das Belas Artes no Brasil, defendendo que a culpa do seu atraso não deveria recair sobre Portugal.	Xisto Graphite
<i>A Ilustração (Revista quinzenal para Portugal e Brasil)</i>	5 de maio de 1890, 7º Ano, vol. VII, n. 9, p. 9	Arte portuguesa – A lição do avô	Elogio à produção do pintor Souza Pinto, com duras críticas ao seu <i>afrancesamento</i> .	...
<i>A Ilustração (Revista quinzenal para Portugal e Brasil)</i>	20 de maio de 1890, 7º Ano, vol. VII, n. 10, p. 2	Variações sobre a arte	Exaltação do desenvolvimento artístico de Portugal dos últimos tempos, com indicação dos principais artistas e críticas à atuação da Academia de Belas Artes.	Mariano Pina
<b>1891</b>				
<i>O Paiz</i>	9 de junho de 1891, p.1, col. 1 e 2	Carta Parisiense. Paris, 12 de maio	Sobre a participação de brasileiros e portugueses (Souza Pinto e Columbano) no <i>Salon</i> parisiense.	Xavier de Carvalho
<i>O Paiz</i>	14 de outubro de 1891, p. 1, col. 7	Salão d’ <i>O Paiz</i>	Exposição de Mariano de Lima no Rio de Janeiro.	...
<i>Revista Illustrada</i>	Novembro de 1891, p. 6, col. 1	Galeria Artística	Duras críticas à exposição do quadro de Francisco José Rezende na Galeria Moncada.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	15 de novembro de	Apotheose de Hahnemann	Exposição na Galeria Moncada de uma tela em homenagem ao	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
	1891, p. 1, col. 7		criador da homeopatia, pintada por Francisco José Rezende.	
<i>Jornal do Commercio</i>	15 de novembro de 1891, p. 2, col. 2	Várias notícias	O conde de Leopoldina adquire o enorme quadro de Francisco José Rezende por 20:000\$.	...
<i>Jornal do Commercio</i>	20 de novembro de 1891, p. 4, col. 1	Apotheose de Hahnemann	Compra do quadro de José Rezende pelo Conde de Leopoldina, que o expõe na Casa Moncada.	...
<b>1892</b>				
<i>Gazeta de Notícias</i>	22 de junho de 1892, p. 2, col. 1	...	Noticia a exposição de quadros dos pintores portugueses Silva Porto e João Vaz, ao lado de brasileiros, no Salão Vieitas.	...
<i>Jornal do Commercio</i>	22 de junho de 1892, p. 1, col. 5	Artista português em Paris	A medalha de 2ª classe obtida por Veloso Salgado no <i>Salon</i> dos Campos Elyseos.	...
<i>Jornal do Commercio</i>	25 de junho de 1892, p. 2, col. 3	Pintura	A casa Vieitas expõe quadros de pintores como João Vaz e Silva Porto.	...
<b>1893</b>				
<i>Cidade do Rio</i>	14 de julho de 1893, p. 1, col. 5 e 6	Cartas de Paris, 20 de junho	Sobre a participação de Souza Pinto, Veloso Salgado, Jorge Collaço e José de Brito no <i>Salon</i> parisiense deste ano.	Anna Caron
<i>Jornal do Commercio</i>	8 de setembro de 1893, p. 2, col. 6	Notas sobre Arte	A Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes recebe telas de Malhõa.	...
<i>A Semana</i>	25 de novembro de 1893, p. 133, col. 3 e p. 134, col. 1	Os colegas - A Revista	Noticia o lançamento em Paris do periódico <i>A Revista</i> , que contaria com colaboradores brasileiros e portugueses.	...
<b>1894</b>				

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Commercio de São Paulo</i>	9 de março de 1894, p. 1, col. 8	Palcos e Salões	Exposição na Casa Hollender de um retrato executado por Rodrigo Soares.	...
<i>O Paiz</i>	4 de junho de 1894, p. 2, col. 2	Cartas de Paris	Sobre a participação de brasileiros e portugueses no <i>Salon</i> parisiense.	Xavier de Carvalho
<i>Gazeta de Notícias</i>	10 de agosto de 1894, p. 2, col. 6	...	Notícia que Souza Pinto concorreria à Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes com um quadro.	...
<i>O Paiz</i>	30 de setembro de 1894, p. 1, col. 1	Palestra	Comentário crítico sobre a Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	A. A.
<i>O Paiz</i>	1º de outubro de 1894, p. 2, col. 2 e 3	Escola Nacional de Belas-Artes / Exposição Geral	Sobre o progresso das artes no Brasil, rumo a uma linguagem nacional, observado na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	Oscar Guanabari-no
<i>A Notícia</i>	17-18 de outubro de 1894, p. 2, col. 1	A exposição de Belas Artes	Nota a participação de Rodrigo Soares na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes com dois retratos.	J.B.
<i>A Semana</i>	20 de outubro de 1894, p. 509	Exposição Geral de Belas Artes / I	Elogio à pintura ao ar livre, leve e luminosa, que prevalece nos quadros expostos na Escola Nacional de Belas Artes este ano.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	25 de outubro de 1894, p. 1, col. 6	A Exposição Geral de Belas Artes	A participação de Rodrigo Soares na mostra da Escola Nacional de Belas Artes com dois retratos.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	31 de outubro de 1894, p. 1, col. 4	Exposição Geral de Belas-Artes / Souza Pinto	Análise crítica de cada um dos cinco quadros enviados por Souza Pinto à mostra anual da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>O Paiz</i>	31 de outubro de 1894, p. 2, col. 7	...	Informa que foi conferido o prêmio de segunda medalha de ouro a Souza Pinto na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Gazeta de Notícias</i>	1º de novembro de 1894, p. 1, col. 1 e 2	Exposição de Belas-Artes	Os prêmios concedidos pelo júri da Escola Nacional de Belas Artes e a 2ª medalha de ouro entregue a Souza Pinto.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	7 de novembro de 1894, p. 1	Na Exposição de Belas-Artes	Caricatura do quadro de Souza Pinto que figurou na mostra da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>O Paiz</i>	10 de novembro de 1894, p. 1, col. 1 e 2	Belas Artes	Comentário crítico sobre a participação de Souza Pinto na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	Adelina A. Lopes Vieira

## 1895

<i>Revista Brasileira</i>	Ano I, Tomo I, 1895, P. 47 – 55	A exposição de Bellas Artes	A linguagem moderna na mostra da Escola Nacional de Belas Artes e a participação de Souza Pinto com 5 quadros.	Carlos Parlagrecco
<i>O Commercio de São Paulo</i>	6 de fevereiro de 1895, p. 1, col. 2	Pequenas Notas	Sobre a importância dos trabalhos de Rodrigo Soares para a cultura artística paulista.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	26 de março de 1895, p. 1, col. 7 e 8	A arte portuguesa / Silva Porto	Reprodução integral do famoso excerto do escritor português.	Ramalho Ortigão
<i>O Commercio de São Paulo</i>	5 de maio de 1895, p. 1, col. 5	Um retrato	Crítica de um retrato pintado por Rodrigo Soares e em exposição na Casa Vollsack.	...
<i>A Cigarra</i>	23 de maio de 1895, Ano I, N. 3, p. 6	...	Trajetória do pintor portuense Joaquim Augusto Marques Guimarães, que recentemente se mudara para o Brasil.	...
<i>Jornal do Commercio</i>	18 de julho de 1895, p. 7, col. 3 e 4	...	Leilão de alguns itens da Galeria Cambiaso, como quadros de Antônio Ramalho e João Vaz.	...
<i>Jornal do Commercio</i>	30 de julho de 1895, p. 2, col. 7	Notas sobre arte	Marques Guimarães envia quatro telas para a Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	7 de agosto de 1895, p. 1, col. 2	Telegramas / São Paulo, 5	Sobre a exibição de um retrato pintado por Rodrigo Soares na Casa Daniel Abreu.	...



Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Notícia</i>	21-22 de agosto de 1895, p. 2, col. 4.	...	Participação de José Malhõa na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes com cinco quadros.	...
<i>O Commercio de São Paulo</i>	23 de agosto de 1895, p. 1, col. 2	Kermesse	Rodrigo Soares doa um retrato com o objetivo de arrecadar dinheiro para construir creches em São Paulo.	...
<i>Jornal do Commercio (R.J.)</i>	5 de setembro de 1895, p.2	Notas sobre arte	Participação de Marques Guimarães na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	20 de setembro de 1895, p. 1, col. 7	Fantasio na exposição / VIII – Malhoa	A participação de José Malhõa com duas telas na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	Fantasio
<i>Revista Brasileira</i>	Ano I, Tomo IV, outubro a dezembro de 1895, p. 96-100	A exposição de Belas Artes	Análise sobre a crítica de arte contemporânea e a questão do nacionalismo na mostra da Escola Nacional de Belas Artes.	Domício da Gama
<i>Jornal do Commercio</i>	9 de outubro de 1895, p. 2, col. 5	Notas sobre arte	Marques Guimarães, que recebeu a 3ª medalha de ouro na Exposição Geral da ENBA, finaliza o retrato do presidente da República.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	26 de outubro de 1895, p. 1, col. 6, 7 e 8	Culto da Arte	Reprodução na íntegra do texto do afamado escritor sobre a importância da conservação do patrimônio português para a melhora do senso estético nacional.	Ramalho Ortigão
<i>Gazeta de Notícias</i>	28 de outubro de 1895, p. 1, col. 6, 7 e 8	Culto da Arte - Conclusão	Arremate do texto anterior.	Ramalho Ortigão
<i>O Paiz</i>	8 de dezembro de 1895, p. 1, col. 1	Assinaturas para 1896	Jornal oferece um exemplar do <i>Paiz Illustrado</i> a quem renovar a assinatura para o próximo ano, com colaborações de A. Keil, Raphael e Columbano Bordallo, Ramalho, Condeixa etc.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
1896				
<i>Gazeta de Notícias</i>	11 de abril de 1896, p. 1, col. 7	...	Obras de José Malhõa na nova sede da Companhia de Indústria e Comércio de Papéis Pintados.	...
<i>A Notícia</i>	2-3 de maio de 1896, p. 2, col. 6	...	Exposição de Rodrigo Soares no salão do Banco Construtor e Agrícola de São Paulo.	...
<i>O Commercio de São Paulo</i>	5 de maio de 1896, p. 2, col. 6	Palcos e salões. Exposição de pintura	Mostra de Rodrigo Soares no salão do Banco Construtor e Agrícola de São Paulo, com notícia da venda de quadros.	...
<i>O Commercio de São Paulo</i>	7 de maio de 1896, p. 2, col. 4	Palcos e salões. Exposição de pintura	Comercialização de mais uma tela da mostra de Rodrigo Soares no Banco Construtor e Agrícola de São Paulo.	...
<i>O Commercio de São Paulo</i>	14 de maio de 1896, p. 2, col. 2	Palcos e salões. Exposição de pintura	Anuncia o total de 14 quadros vendidos durante a mostra de Rodrigo Soares no Banco Construtor e Agrícola.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	20 de maio de 1896, p. 1, col. 3	Telegramas / São Paulo, 19	Notícia o fim da exposição de Rodrigo Soares no Banco Construtor e Agrícola de São Paulo, com venda de 16 telas.	...
<i>A Notícia</i>	20-21 de maio de 1896, p. 1, col. 1	Telegramas/ São Paulo, 19	Aviso de breve encerramento da mostra de Rodrigo Soares no salão do Banco Construtor e Agrícola de São Paulo.	...
<i>A Notícia</i>	11-12 de junho de 1896, p. 2, col. 3	Cartas de Paris	Comenta as participações de brasileiros e portugueses (Souza Pinto) no <i>Salon</i> parisiense.	D. Jayme
<i>O Commercio de São Paulo</i>	15 de dezembro de 1898, p. 1, col. 2	...	Exposição de um <i>crayon</i> de Antonio Ribeiro na vitrine da casa <i>Bom Marché</i> .	...
<i>Cidade do Rio</i>	31 de dezembro de 1896, p. 1, col. 7	Comentando	Acolecção artística do coronel João Alves Mendes, contendo telas de Souza Pinto, Malhõa e Silva Porto, dentre outros.	Osório Duque Estrada

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<b>1897</b>				
<i>A Notícia</i>	29-30 de abril de 1897, p. 2, col. 4	Notícias de Portugal. Lisboa, 12 de abril	Sobre o decreto português que concedia a cruz de S. Thiago a Rodrigo Soares, residente em São Paulo.	...
<i>Revista Moderna</i>	15 de maio de 1897, ano I, n. 1, p. 25-28	O Salon dos Campos Elyseos	Reprodução das telas de Souza Pinto, com comentários elogiosos a Veloso Salgado, José Malhõa, Julio Ramos e Antonio Ribeiro	Domício da Gama
<i>A Notícia</i>	15-16 de maio de 1897, p. 3, col. 3 e 4	Notícias de Portugal. Lisboa, 28 de abril	Sobre os elogios da crítica francesa à participação de Souza Pinto no <i>Salon</i> de Belas Artes de Paris.	...
<i>Correio Paulistano</i>	25 de maio de 1897, p. 2, col. 4	Os portugueses no “Salon” de Paris	Cuidadosa análise das obras expostas no certame parisiense por Souza Pinto, Veloso Salgado, Julio Ramos e Antonio Ribeiro.	...
<i>Revista Moderna</i>	25 de junho de 1897, n. 2, ano I, p. 63-64	O salão do Campo de Marte	As participações de Alberto Pinto e José Júlio de Souza Pinto do <i>Salon</i> .	Ludovicus
<i>Revista Brasileira</i>	Tomo XI, julho a setembro de 1897, p. 363 - 367	A Exposição de Belas Artes	Comenta a possível inscrição forçada de Souza Pinto na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes devido à falta de concorrentes.	João Ribeiro
<i>Jornal do Commercio</i>	5 de agosto de 1898, p. 2, col. 6 e 7	Notas sobre arte	Duas paisagens com vacas de Souza Pinto expostas na Galeria Cambiaso.	...
<i>Jornal do Commercio (R.J.)</i>	2 de setembro de 1897, p. 2	Notas sobre arte	Elogio ao quadro de Souza Pinto exibido na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>Jornal do Commercio (R.J.)</i>	8 de setembro de 1897, p. 2	Notas sobre arte	Análise da trajetória de Souza Pinto e de sua tela exibida na Exposição Geral da ENBA.	...
<i>Revista Moderna</i>	5 de outubro de 1897, n. 7, ano I	Antonio Candido	Reprodução do retrato de Antonio Candido pintado por Veloso Salgado e exposto no <i>Salon</i> dos Campos Elyseos.	Eduardo Prado

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
1898				
<i>Correio Paulistano</i>	13 de janeiro de 1898, p. 1, col. 2 e 3	Imprensa paulistana – As folhas de ontem	Reproduz a crítica do <i>Diário Popular</i> sobre não ter havido uma exposição permanente de artigos portugueses em São Paulo.	...
<i>Revista Moderna</i>	1º de maio de 1898, n. 20, ano II, p. 646 - 650	Brasil e Portugal nos “Salons” de 1898	Comentário crítico e reprodução de algumas telas de brasileiros e portugueses que participaram do <i>Salon</i> .	Domingos Guimarães
<i>Jornal do Commercio</i>	6 de junho de 1898, p. 2, col. 8	Notas sobre arte	Exposição de Arte Retrospectiva realizada pelo Centro Artístico: origens, organização e normas.	...
<i>O Paiz</i>	6 de junho de 1898, p. 2, col. 5	Artes e artistas / Exposição	Publicação do edital com normatis para a Exposição de Arte Retrospectiva no Centro Artístico.	...
<i>Jornal do Commercio</i>	12 de junho de 1898, p. 1, col. 8 e 9	Crônica semanal	Elogio à iniciativa do Centro Artístico de realizar a Exposição de Arte Retrospectiva.	G.
<i>O Paiz</i>	15 de junho de 1898, p. 1, col. 6	Palestra	Tradução de um artigo publicado na revista <i>The Studio</i> sobre a Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes de 1897.	...
<i>Jornal do Commercio</i>	27 de junho de 1898, p. 3, col. 3	Notas sobre arte	A comissão organizadora da Exposição de Arte Retrospectiva visita casas de colecionadores.	...
<i>Jornal do Commercio</i>	10 de julho de 1898, p. 3, col. 4	Notas sobre arte	A surpreendente quantidade de bons objetos reunidos para a Exposição de Arte Retrospectiva.	...
<i>Jornal do Commercio</i>	21 de julho de 1898, p. 2, col. 9	...	A abertura da Exposição de Arte Retrospectiva no dia seguinte, em presença do presidente da República, na ENBA.	...
<i>O Mercúrio</i>	21 de julho de 1898, p. 2, col. 5	“O Mercurio” nas artes	Sobre a participação de Souza Pinto no <i>Salon</i> parisiense com a tela <i>Chloé fillette</i> .	...

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>Gazeta de Notícias</i>	22 de julho de 1898, p. 1, col. 6, 7 e 8	A exposição do Centro Artístico	Detalhada explanação sobre os objetivos e a organização da Exposição de Arte Retrospectiva, citando as coleções participantes e suas obras de maior valor.	Adolfo Morales de los Rios
<i>A Notícia</i>	22-23 de julho de 1898, p. 2, col. 1 e 2	Exposição retrospectiva do Centro Artístico	Texto explicativo da origem e da composição do Centro Artístico, com consequente elogio à iniciativa da mostra.	...
<i>Jornal do Commercio</i>	23 de julho de 1898, p. 3, col. 5	Exposição de Artes Retrospectivas	A inauguração, no dia anterior, com boa concorrência. O fim anunciado para 13 de agosto. Os carneiros, de Annuniação.	...
<i>Jornal do Commercio</i>	24 de julho de 1898, p. 3, col. 6	Notas sobre arte	Exposição de Arte Retrospectiva revela que o Brasil estava pronto para ter um museu de belas artes.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	26 de julho de 1898, p. 2, col. 2	A exposição do Centro Artístico / II – A pintura	As obras de Álvaro do Valle, Rodrigues de Sá e Annuniação na Exposição de Arte Retrospectiva.	A. Morales de los Rios
<i>A Notícia</i>	26-27 de julho de 1898, p. 2, col. 2 e 3	A exposição retrospectiva do Centro Artístico	Os colecionadores participantes da mostra, com indicação do conteúdo de suas galerias.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	31 de julho de 1898, p. 4, col. 2	A exposição do Centro Artístico / II – A pintura (continuação)	Elogio às obras de Columbano Bordalo Pinheiro e Souza Pinto presentes na Exposição de Arte Retrospectiva.	A. Morales de los Rios
<i>Revista Brasileira</i>	Tomo XV, julho a setembro de 1898, p. 221 – 227	Exposição de arte retrospectiva	Comenta as presenças de Anuniação, Simplicio de Sá, Salgado e Souza Pinto na mostra do Centro Artístico.	João Ribeiro
<i>Revista Moderna</i>	Ano II, n. 24, agosto de 1898, p. 1-2	A nossa colaboração	Nomeia os pintores Souza Pinto, Veloso Salgado e Candido da Cunha como colaboradores da Revista.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Jornal do Commercio</i>	8 de agosto de 1898, p. 1, col. 8 e 9	Bedelho em tudo	Lamenta o breve fim da Exposição de Arte Retrospectiva. Das 340 telas, somente 26 eram de 16 pintores brasileiros.	Alceste
<i>A Notícia</i>	15-16 de agosto de 1898, p. 3, col. 2	A exposição retrospectiva do Centro Artístico	A soberba coleção do coronel João Alves Mendes da Silva, seus diversos exemplares portugueses e outras tantas preciosidades.	...
<i>Jornal do Commercio</i>	19 de agosto de 1898, p. 3, col. 3 e 4.	Notas sobre arte	Defende o adiamento do fim da Exposição de Arte Retrospectiva, de modo a permitir a visitação de grupos escolares.	...
<i>Jornal do Commercio</i>	2 de setembro de 1898, p. 3, col. 6	Festas e bailes	O Centro Artístico oferece um banquete aos colecionadores que colaboraram para a Exposição de Arte Retrospectiva.	...
<i>O Paiz</i>	2 de setembro de 1898, p. 2, col. 5 e 6	Artes e artistas	O novo ânimo concedido às artes brasileiras após a Exposição Retrospectiva e a melhora no cenário global da Exposição Geral da ENBA.	Oscar Guanabari-no
<i>Jornal do Commercio</i>	13 de setembro de 1898, p. 3, col. 1	Notas sobre arte	A elogiada participação de Souza Pinto na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>Jornal do Commercio</i>	19 de setembro de 1898, p. 1, col. 7	Bedelho em tudo	Souza Pinto expõe uma tela na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>A Imprensa</i>	24 de outubro de 1898, p. 2, col. 1 e 2	Vida artística. A exposição de Bellas Artes	O salão anual da Escola Nacional de Belas Artes carioca. Elogio à tela <i>En Praire</i> , de José Júlio de Souza Pinto.	M.
<i>Correio Paulistano</i>	11 de dezembro de 1898, p. 2, col. 5	-	Exibição de um crayon de Antonio Ribeiro, cujo conteúdo trazia alegorias relativas a Portugal, na vitrine do <i>Bon March�</i> .	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<b>1899</b>				
<i>A Notícia</i>	29-30 de abril de 1899, p. 2, col. 4	Espólio de um colecionador	O espólio do coronel João Alves Mendes da Silva, com especial menção à tela <i>Irmão Pedinte</i> , de Simplício de Sá.	...
<i>Revista Moderna</i>	30 de abril de 1899, n. 30, ano III, p. 233 – 237	Pedro Américo	Reflexão sobre a inexistência da arte brasileira ou portuguesa e os malefícios da colonização para o desenvolvimento das Belas Artes no Brasil.	Xavier de Carvalho
<i>Revista Moderna</i>	30 de abril de 1899, n. 30, ano III, p. 238 - 242	O “salon” brasileiro e português de 1899 em Paris	Reprodução das obras e análise dos participantes brasileiros e portugueses no <i>Salon</i> , com elogio ao desenvolvimento das Belas Artes nos dois países.	Xavier de Carvalho
<i>Jornal do Commercio</i>	10 de maio de 1899, p. 7	...	Anuncia o leilão do espólio de João Alves Mendes da Silva.	...
<i>Jornal do Commercio</i>	11 de maio de 1899, p. 4, col. 8	...	A dispersão da notável coleção de João Alves Mendes da Silva, singular acumulador de objetos.	...
<i>A Notícia</i>	15-16 de maio de 1899, p. 4, col. 1 a 3	Leilões	Leilão do espólio do coronel João Alves Mendes da Silva contendo a tela <i>Irmão Pedinte</i> , de Simplício de Sá, e as porcelanas das Caldas.	...
<i>A Notícia</i>	17-18 de maio de 1899, p. 4, col. 2 e 3	Leilões	Novo anúncio sobre o leilão do espólio do coronel João Alves Mendes da Silva.	...
<i>A Imprensa</i>	25 de maio de 1899, p. 3, col. 5 e 6	Leilões	Anúncio do leilão do espólio de João Alves Mendes da Silva, contendo tela de Souza Pinto.	...
<i>A Notícia</i>	26-27 de maio de 1899, p. 4, col. 1 e 2	Leilões	Leilão do espólio do coronel João Alves Mendes da Silva, com especial menção à galeria de quadros que compunham a sala de visitas, dentre os quais, um exemplar de Souza Pinto.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Imprensa</i>	27 de maio de 1899, p. 3, col. 5 e 6	Leilões	Anúncio do leilão do espólio do finado João Alves Mendes da Silva, incluindo um Souza Pinto.	...
<i>Cidade do Rio</i>	29 de maio de 1899, p. 3, col. 3 e 4	Leilão	A venda das telas de Silva Porto, Malhõa, Souza Pinto e Simplício de Sá no leilão do espólio de João Alves Mendes da Silva.	...
<i>A Notícia</i>	29-30 de maio de 1899, p. 4, col. 1 e 2	Leilões	Anuncia a venda de quadros de Silva Porto, Malhõa, Souza Pinto e Simplício de Sá no leilão do espólio de João Alves Mendes.	...
<i>Jornal do Commercio</i>	30 de maio de 1899, p. 8	...	Oferta neste dia do quadro <i>O irmão pedinte</i> durante leilão do espólio do coronel João Alves.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	31 de julho de 1899, p. 2, col. 5	Souza Pinto em Paris	Sobre a premiação de um dos quadros de Souza Pinto em exposição no salão do <i>Figaro</i> .	Jayme Victor
<i>A Notícia</i>	3-4 de outubro de 1899, p. 2, col. 6	...	Exposição de uma marinha do pintor português José Raphael na loja Preço Fixo.	...
<i>A Notícia</i>	26-27 de outubro de 1899, p. 3, col. 1 a 6	O Theatro. Carta aberta a Souza Bastos	Articulista se defende contra a acusação de ser jacobino e de ter qualquer opinião contrária aos portugueses.	A.A.
<i>Don Quixote</i>	9 de setembro de 1899, p. 3, col. 3 e p. 4, col. 1	Bellas-Artes	Autor lamenta a ausência de Souza Pinto e outros grandes artistas na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes deste ano.	...
<b>1900</b>				
<i>Gazeta de Notícias</i>	21 de janeiro de 1900, p. 4, col. 5	Leilões	Anúncio do leilão dos bens do Sr. Havilland A. de Lisle, contendo pinturas de Souza Pinto.	...
<i>O Paiz</i>	21 de janeiro de 1900, p. 4, col. 1	...	Leilão dos pertences de Havilland A. de Lisle, contendo uma tela de Souza Pinto.	...



Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Gazeta de Notícias</i>	26 de agosto de 1900, p. 4, col. 4 e 5	Leilão	Anuncia o leilão dos bens de uma distinta amadora, contendo telas de Souza Pinto e Anunciação.	...
<i>A Imprensa</i>	31 de outubro de 1900, p. 4, col. 1 e 2	Leilões	Anúncio do leilão do espólio do coronel João Alves Mendes da Silva, contendo telas de Souza Pinto e Simplício de Sá.	...
<i>A Imprensa</i>	5 de novembro de 1900, p. 4, col. 1 e 2	Leilões	Catálogo do leilão da galeria de quadros a óleo referentes ao espólio do finado coronel João Alves Mendes da Silva.	...
<b>1901</b>				
<i>Jornal do Brasil</i>	3 de janeiro de 1901, p. 4, col. 7	Leilões	Anuncia o leilão do acervo de um cavalheiro em mudança, que inclui telas de Souza Pinto, Silva Porto, Malhoa e Anunciação.	...
<i>A Imprensa</i>	12 de janeiro de 1901, p. 3, col. 4 e 5	...	Leilão do acervo de um colecionador que continha obras de Anunciação, Malhoa, Silva Porto e Souza Pinto.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	15 de janeiro de 1901, p. 4 (anúncio de página inteira)	Leilões	Anuncia o leilão de toda a residência de um cavalheiro, incluindo obras de Souza Pinto, Silva Porto, Malhoa e Anunciação, dentre outros.	...
<i>O Paiz</i>	15 de janeiro de 1901, p. 5	...	Leilão de rica galeria de um cavalheiro em mudança com obras de Souza Pinto, Silva Porto, Anunciação e Malhoa.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	22 de janeiro de 1901, p. 4, col. 2, 3 e 4	Leilões	Notícia o leilão de toda a residência de um cavalheiro, citando uma tela de João Vaz.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	2 de abril de 1901, p. 4, col. 1 a 4	Leilões	Anuncia o leilão de todo um palacete, contendo telas de Silva Porto e Souza Pinto.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	16 de junho de 1901, p. 1, col. 8 e p. 2, col. 1	As belas artes em Portugal	Texto crítico sobre a melhora no cenário artístico português frente a artistas mais competentes e um público mais interessado.	João da Camara

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Jornal do Commercio (R.J.)</i>	10 de setembro de 1901, p. 3	Notas de arte	Marques Guimarães participa da Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<b>1902</b>				
<i>O Paiz</i>	5 de janeiro de 1902, p. 1, col. 1	1902 / O álbum do Paiz / Valioso brinde	Distribuição de um exemplar de <i>O Paiz Illustrado</i> (com desenhos de Condeixa, Columbano e Ramalho) aos que renovarem a assinatura do periódico.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	14 de março de 1902, p. 3, col. 8	...	Anuncia a chegada ao Brasil do pintor português Luiz Silva, que oferece seus préstimos.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	28 de março de 1902, p. 4, col. 1 e 2	Leilão	Leilão da massa falida de “Quartim, Silveira & C.”, contendo telas de Veloso Salgado, Souza Pinto, José de Brito, Anunciação e outros.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	9 de maio de 1902, p. 3, col. 3 a 5	Leilões	Novo leilão do palacete do Sr. Quartim, agora realizado por outra agência negociadora.	...
<i>A Notícia</i>	21-22 de maio de 1902, p. 4, col. 1	Leilão	Leilão da massa falida de “Quartim, Silveira & C.”, contendo telas de Souza Pinto, José de Brito e Anunciação.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	22 de maio de 1902, p. 3, col. 3 a 5	Leilão	Anúncio do leilão dos bens do sr. Quartim, com destaque para a galeria de pinturas a óleo.	...
<i>A Notícia</i>	22-23 de maio de 1902, p. 1, col. 6.	Quadros artísticos	Sobre o leilão das telas que se encontravam no palacete do Barão de Quartin, com destaque para <i>Pastagem</i> , de Anunciação.	...
<i>A Notícia</i>	5-6 de junho de 1902, p. 1, col. 5 e 6	Leilão de arte	Enfatiza a oportunidade que o leilão da massa falida de “Quartim, Silveira & C.” representava para os amantes da arte, com especial menção a Souza Pinto.	...

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>Jornal do Brasil</i>	22 de junho de 1902, p. 2, col. 9	A arte portuguesa no Rio de Janeiro	Listagem dos pintores que enviaram obras para a Exposição de Arte Portuguesa, a decorrer no Liceu de Artes e Ofícios.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	2 de julho de 1902, p. 1, col. 1 e 2	Exposição de Arte Portuguesa	Elogio à iniciativa de Guilherme da Rosa de organizar a mostra no Liceu de Artes e Ofícios e aos progressos da arte portuguesa.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	2 de julho de 1902, p. 1, col. 2	Exposição de Arte Portuguesa	Elogio aos esforços de Guilherme da Rosa para organizar a mostra, visando promover entre os países o mútuo reconhecimento cultural.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	11 de julho de 1902, p. 1, col. 3	Exposição Artística Portuguesa	Confirmação do local da mostra (Liceu de Artes e Ofícios) e das solenidades de abertura.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	14 de julho de 1902, p. 1, col. 3	Exposição de Arte Portuguesa	Notícia a abertura da mostra no Liceu de Artes e Ofícios, listando os principais participantes.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	15 de julho de 1902, p. 1, col. 2	Exposição de Arte Portuguesa	Aplauze a iniciativa de Guilherme da Rosa e lista os premiados artistas expositores.	...
<i>Correio da Manhã</i>	16 de julho de 1902, p. 1, col. 4	Exposição de Arte Portuguesa	Anuncia a abertura da mostra no Liceu de Artes e Ofícios para o dia seguinte e lista alguns artistas.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	16 de julho de 1902, p. 1, col. 3	...	A abertura da Exposição de Arte Portuguesa no Liceu de Artes e Ofícios no dia seguinte.	...
<i>A Notícia</i>	16-17 de julho de 1902, p. 2, col. 3	...	Anuncia a abertura da Exposição de Arte Portuguesa, no edifício do Liceu de Artes e Ofícios, para o dia seguinte.	...
<i>A Notícia</i>	16-17 de julho de 1902, p. 2, col. 3 e 4	Exposição de Arte Portuguesa	A mostra promovida pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa e organizada por Guilherme da Rosa.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	17 de julho de 1902, p. 1, col. 3	Exposição de Arte Portuguesa	A concorrência ao evento e as admiradas faianças de Raphael Bordallo Pinheiro.	...

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>Correio da Manhã</i>	18 de julho de 1902, p. 1, col. 7	Arte Portuguesa	Inauguração da Exposição de Arte Portuguesa no Liceu de Artes e Ofícios, principais obras e respectivos pintores, trabalhos vendidos e compradores.	Adolpho Morales de los Rios
<i>Gazeta de Notícias</i>	18 de julho de 1902, p. 1, col. 4	Arte Portuguesa	Comentário sobre o sucesso da abertura da Exposição de Arte Portuguesa no Liceu de Artes e Ofícios e as boas vendagens.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	18 de julho de 1902, p. 1, col. 6	Exposição de Arte Portuguesa	A visita do presidente da República à mostra, seguida de notícia do comércio de quadros.	...
<i>O Paiz</i>	18 de julho de 1902, p. 1, col. 5	...	Visita do presidente da República à Exposição de Arte Portuguesa no Liceu de Artes e Ofícios.	...
<i>O Paiz</i>	18 de julho de 1902, p. 2, col. 6	Artes e Artistas / Arte portuguesa	Elogio à Exposição de Arte Portuguesa instalada no Liceu de Artes e Ofícios, aplaudindo os artistas participantes.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	19 de julho de 1902, p. 1, col. 8	Exposição de Arte Portuguesa	A boa concorrência à mostra no Liceu de Artes e Ofícios e o total de 25 contos de réis em vendas.	...
<i>O Paiz</i>	19 de julho de 1902, p. 2, col. 2 e 3	Artes e artistas/Arte portuguesa	A inauguração da Exposição de Arte Portuguesa no Liceu de Artes e Ofícios, com indicação das obras selecionadas pelo governo brasileiro para compra.	A. Morales de Los Rios
<i>Gazeta de Notícias</i>	20 de julho de 1902, p. 1, col. 1 e 2	Chronica	Elogio à cultura portuguesa, aos expositores e às obras integrantes da Exposição de Arte Portuguesa no Liceu de Artes e Ofícios.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	20 de julho de 1902, p. 1, col. 4 a 7	Arte portuguesa, por Julião Machado	Caricatura representativa de Guilherme da Rosa, com elogio à organização da Exposição de Arte Portuguesa.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	21 de julho de 1902, p. 1, col. 5	Exposição de Arte Portuguesa	Apesar das boas vendas e da grande concorrência à mostra, autor solicita maior atenção por parte da colônia portuguesa.	...

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>Jornal do Brasil</i>	23 de julho de 1902, p. 1, col. 4	Exposição de Arte Portuguesa	Articulista agradece a acolhida do seu pedido de maior participação pela colônia portuguesa.	...
<i>Correio da Manhã</i>	24 de julho de 1902, p. 1, col. 7	Exposição de Arte Portuguesa	A boa afluência do público, a compra de mais três quadros e o fim das vendas no dia 29.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	24 de julho de 1902, p. 1, col. 3	Arte portuguesa	A boa afluência à Exposição de Arte Portuguesa, a venda de telas e o álbum de assinaturas.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	24 de julho de 1902, p. 1, col. 6	Exposição de Arte Portuguesa	Sobre a contínua concorrência do público à mostra, a venda de obras e seus compradores.	...
<i>A Notícia</i>	24-25 de julho de 1902, p. 2, col. 4	...	As assíduas visitas, as boas vendas e o álbum de assinaturas da Exposição de Arte Portuguesa no Liceu de Artes e Ofícios.	...
<i>O Paiz</i>	25 de julho de 1902, p. 1, col. 1 e 2	A arte portuguesa	Análise crítica e artística das obras em exposição no Liceu de Artes e Ofícios.	Arthur Azevedo
<i>Correio da Manhã</i>	26 de julho de 1902, p. 1, col. 7	Exposição de Arte Portuguesa	Abertura do álbum de assinaturas aos visitantes da mostra no Liceu de Artes e Ofícios e mais vendas.	...
<i>Don Quixote</i>	26 de julho de 1902, ano VIII, n. 156, p. 3, col. 2 e 3	Exposição de Arte Portuguesa	Divulgação do evento que reuniria os mais apreciados pintores e escritores de Portugal, a decorrer no Liceu de Artes e Ofícios.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	26 de julho de 1902, p. 1, col. 6 a 9	Exposição de Arte Portuguesa no edifício do Liceu de Artes e Ofícios	Anúncio de destaque na primeira folha do jornal, que comenta as boas vendas alcançadas pela mostra, a ponto de supostamente esgotarem os produtos, e seus respectivos compradores.	...
<i>Tagarela</i>	26 de julho de 1902, p. 2, col. 3	Exposição de Arte Portuguesa	Elogia o esforço da colônia portuguesa para adquirir artigos da mostra no Liceu de Artes e Ofícios e critica o maior apoio do governo brasileiro a este evento do que aos artistas nacionais.	...

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>Jornal do Brasil</i>	27 de julho de 1902, p. 3, col. 6	Exposição de Arte Portuguesa	Anuncia o fim da mostra para o dia 4 de agosto e subscreve o desejo de que o evento se repita nos anos subsequentes.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	31 de julho de 1902, p. 1, col. 5	...	Guilherme da Rosa propõe à Escola Nacional de Belas Artes que sejam adquiridos pelo governo os quadros presentes na Exposição de Arte Portuguesa.	...
<i>A Notícia</i>	31 de julho - 01 de agosto de 1902, p. 3, col. 1 e 2	Exposição portuguesa	Comentário sobre a produção artística portuguesa exibida no Liceu de Artes e Ofícios. Texto crítico muito interessante.	A.V.
<i>Gazeta de Notícias</i>	1º de agosto de 1902, p. 1, col. 4	Arte Portuguesa	Anuncia o breve encerramento da exposição no Liceu de Artes e Ofícios e incentiva sua visitação.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	2 de agosto de 1902, p. 5, col. 8 e 9	Exposição Portuguesa	Alerta para os dois últimos dias da mostra no Liceu de Artes e Ofícios e divulga fotografias das telas exibidas ali.	...
<i>A Notícia</i>	2-3 de agosto de 1902, p. 3, col. 1 e 2	Exposição portuguesa	Continuação do texto publicado na edição anterior e consequente crítica da desnacionalização da arte brasileira e portuguesa.	A.V.
<i>Revista da Semana</i>	3 de agosto de 1902, Ano III, n. 116, p. 4	A Exposição de Arte Portuguesa	Reprodução fotográfica dos quadros de José Malhoa, de João Carlos Galhardo e do salão da mostra no Liceu.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	4 de agosto de 1902, p. 6, col. 3 e 4	Exposição de Arte Portuguesa	Sobre a prorrogação da mostra no Liceu de Artes e Ofícios até o dia 7 de agosto.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	6 de agosto de 1902, p. 1, col. 3	Exposição de Arte Portuguesa	Convite ao público para visitar a mostra no Liceu de Artes e Ofícios, com votos de que o evento se repita no outro ano.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	7 de agosto de 1902, p. 1, col. 7	Exposição de Arte Portuguesa	Anuncia o último dia da mostra no Liceu, informando que os artigos não vendidos seriam levados a leilão.	...

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>Correio da Manhã</i>	10 de agosto de 1902, p. 5, col. 1 e 2	Leilões	Leilão das pinturas e aquarelas que figuraram na Exposição de Arte Portuguesa decorrida no Liceu de Artes e Ofícios.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	10 de agosto de 1902, p. 4, col. 6	Leilão	Anúncio do leilão de quadros e objetos pertencentes à Exposição de Arte Portuguesa.	...
<i>O Paiz</i>	10 de agosto de 1902, p. 4, col. 5	Leilões	Anúncio do leilão dos quadros e aquarelas que figuraram na Exposição de Arte Portuguesa.	...
<i>Correio da Manhã</i>	15 de agosto de 1902, p. 4, col. 4	Exposição de Arte Portuguesa	Breve excerto de Guilherme da Rosa agradecendo aos brasileiros que o auxiliaram na realização da sua iniciativa.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	15 de agosto de 1902, p. 3, col. 2	Publicações a pedido / Exposição Portuguesa	O organizador da mostra decorrida no Liceu de Artes e Ofícios agradece a cooperação de seus auxiliares brasileiros.	Guilherme da Rosa
<i>O Paiz</i>	15 de agosto de 1902, p. 3, col. 2 e 3	Artes e artistas / Arte portuguesa	Reprodução de carta de Guilherme da Rosa agradecendo o apoio ao seu projeto.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	18 de agosto de 1902, p. 1, col. 5	Exposição de Arte Portuguesa	Carta de Guilherme da Rosa agradecendo o interesse e o apoio do público dos dois países na execução da mostra no Liceu.	...
<i>A Notícia</i>	25-26 de agosto de 1902, p. 2, col.5	Salão de 1902	Sobre a participação de Souza Pinto na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>Correio da Manhã</i>	26 de agosto de 1902, p. 3, col. 3	Dois retratos	Elogio aos retratos do sr. e da sra. Ramalho Ortigão pintados por Veloso Salgado e adquiridos durante a Exposição de Arte Portuguesa decorrida no Liceu de Artes e Ofícios.	V.J.
<i>A Notícia</i>	30-31 de agosto de 1902, p. 3, col. 1 a 6	Salão de 1902 – Vernissage	Das paisagens exibidas na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes, o articulista destaca as de Souza Pinto.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Revista da Semana</i>	31 de agosto de 1902, Ano III, N. 120, p. 2	A Exposição de Arte Portuguesa	Fotografias das telas de Carlos Reis, José Malhoa e Alfredo Roque Gameiro que figuraram no Liceu de Artes e Ofícios.	...
<i>Jornal do Commercio (R.J.)</i>	12 de setembro de 1902, p. 3	Notas de Arte	Souza Pinto enviava de Paris dois quadros para figurarem na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>Correio da Manhã</i>	22 de setembro de 1902, p. 1, col. 1 e 2	A Arte espelho da Vida	Texto analítico sobre a maior participação de estrangeiros (como Souza Pinto) na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes deste ano.	J. Veríssimo
<i>Revista da Semana</i>	05 de outubro de 1902, Ano III, N. 125, p. 2	A recente Exposição de Arte Portuguesa	Reprodução fotográfica das telas de Adriano Souza Lopes e José Malhõa que figuraram no Liceu de Artes e Ofícios.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	20 de dezembro de 1902, p. 2, col. 4	Exposição de arte portuguesa no Rio de Janeiro	Guilherme da Rosa, através de documento assinado por João Ribeiro, confirma ter liquidado suas responsabilidades para com a Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa.	Guilherme da Rosa e João Ribeiro Christino da Silva
<b>1903</b>				
<i>Jornal do Brasil</i>	28 de janeiro de 1903, p. 1, col. 2	João Galhardo	Nota de falecimento do pintor português, apreciado na passada Exposição de Arte Portuguesa.	...
<i>Correio da Manhã</i>	19 de julho de 1903, p.3, col. 1	Sobre arte	Sobre a qualidade dos objetos expostos na Galeria Cambiaso (como um Souza Pinto), a baixa afluência do público ao local e aos leilões de arte.	Arthur Azevedo
<i>Gazeta de Notícias</i>	19 de julho de 1903, p. 2, col. 7	...	Membros da colônia portuguesa oferecem ao sr. Lampreia a tela de José Malhoa que trazia cenas da obra <i>Pupilas do Sr. Reitor</i> .	...
<i>Correio da Manhã</i>	3 de setembro de 1903, p.3, col. 1	Exposição de Belas Artes	A Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes e seus 50 expositores, como Marques Guimarães e Carlos Reis.	...



Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Jornal do Commercio (R.J.)</i>	3 de setembro de 1903, p. 1	Exposição de Belas Artes	As participações de Marques Guimarães e Carlos Reis na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	A. Morales de Los Rios
<i>Jornal do Commercio (R.J.)</i>	6 de setembro de 1903, p. 3	Notas de Arte	O retrato de senhora exposto por Marques Guimarães na Exposição Geral da ENBA.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	30 de novembro de 1903, p. 2, col. 4	Julião Machado	Suntuoso almoço oferecido ao caricaturista português pelo diretor do jornal <i>O Paiz</i> , João de Souza Lage.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	13 de dezembro de 1903, p. 3, col. 8 e 9	22 PP e mais 5	Divertida anedota sobre um pintor luso que se aproveita da inocência de um rico brasileiro.	...
<b>1904</b>				
<i>Jornal do Brasil</i>	31 de janeiro de 1904, p. 2, col. 7 a 9	O homem da atualidade em Portugal	Grande reportagem afirmando ser a exposição de Columbano em Lisboa um grande acontecimento.	...
<i>O Paiz</i>	2 de fevereiro de 1904, p. 2, col. 8	Carta de Portugal / Lisboa, 17 de janeiro	Notícia a compra de uma tela de Columbano Bordallo Pinheiro pelo brasileiro Rego Barros, que estava em visita à Lisboa.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	7 de fevereiro de 1904, p. 1	Semana portuguesa	Caricatura de Columbano e nota sobre a repercussão de sua mostra em Lisboa.	...
<i>A Notícia</i>	2-3 de junho de 1904, p. 1, col. 3 e 4	Telegramas / Serviço Especial / Paris, 2	Banquete oferecido a Guerra Junqueiro por admiradores da colônia luso-brasileira, como Rodrigo Soares e Olavo Bilac.	...
<i>Correio Paulistano</i>	3 de junho de 1904, p. 1, col. 7	Telegramas / Banquete a Guerra Junqueiro. Paris, 2	O brasileiro Olavo Bilac e o português Rodrigo Soares, dentre outros, comparecem ao jantar oferecido a Guerra Junqueiro em Paris.	...
<i>A Notícia</i>	8-9 de agosto de 1904, p. 2, col. 5	Exposição de Belas Artes	Inauguração de mostra artística na Casa Vieitas, com participação de Henrique Teixeira Bastos e Laura Sauvignet Bandeira.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Correio da Manhã</i>	9 de agosto de 1904, p. 3, col. 1	Exposições Artísticas	Exposição de pinturas na Casa Vieitas, contendo telas dos portugueses Teixeira Bastos, Malhoa, Laura Bandeira, João Vaz e Henrique Pinto.	...
<i>O Paiz</i>	9 de agosto de 1904, p. 2, col. 7	Artes e Artistas / Exposição de Belas Artes	Listagem de todos os participantes da mostra na Casa Vieitas, dentre os quais diversos portugueses.	...
<i>Tagarela</i>	18 de agosto de 1904, p. 29, col. 1 e 2	Exposição de pinturas	Ressalta a presença de pintores portugueses já conhecidos na mostra da Casa Vieitas.	...
<i>O Malho</i>	27 de agosto de 1904, p. 10	Belas Artes	Exposição na Casa Vieitas com cerca de cem telas e a participação de artistas portugueses.	Xisto Graphite
<i>Jornal do Brasil</i>	21 de outubro de 1904, p. 2, col. 7	Petrópolis	Exposição de quadros do falecido pintor português António Ribeiro na Casa Curiositás.	...
<i>A Notícia</i>	24-25 de outubro de 1904, p. 3, col. 1 a 3	A pedidos – Palestra	Artigo que lamenta o possível encerramento da Galeria Cambiaso, que possuiria telas de Souza Pinto em seu acervo.	Arthur Azevedo
<b>1905</b>				
<i>O Paiz</i>	5 de março de 1905, p. 3, col. 3 e 4	Artes e Artistas / José Malhõa	Crítica positiva à produção do pintor, atentando para a mostra de três telas suas na Casa Vieitas.	...
<i>O Paiz</i>	12 de setembro de 1905, p. 2, col. 8	Artes e Artistas – The Studio / José Malhoa	Comentário elogioso sobre o artigo publicado na revista londrina <i>The Studio</i> sobre o pintor português.	...
<i>A Notícia</i>	12-13 de setembro de 1905, p. 2, col. 2	José Malhõa	Elogio à obra de Malhoa, com menção ao artigo publicado na revista inglesa <i>The Studio</i> sobre o pintor português.	...
<i>O Paiz</i>	27 de dezembro de 1905, p. 2, col. 8	Artes e Artistas / José Malhõa	O convite a José Malhoa feito pelo Gabinete Português de Leitura para organizar uma exposição sua na sede brasileira.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<b>1906</b>				
<i>Gazeta de Notícias</i>	30 de janeiro de 1906, p. 4, col. 5	Vida de Petrópolis / Clubs	A participação de Marques Guimarães na 3ª exposição de belas artes do Club Petrópolis.	...
<i>O Paiz</i>	31 de janeiro de 1906, p. 3, col. 8	(Ilegível)	Entrevista com o pintor José Malhoa sobre a sua mostra no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>A Notícia</i>	1-2 de fevereiro de 1906, p. 3, col. 1 e 2	Em Petrópolis	Terceira edição da mostra de trabalhos artísticos do Club Petrópolis, com obras de Marques Guimarães e Souza Pinto.	...
<i>O Paiz</i>	30 de março de 1906, p. 2, col. 7 e 8	José Malhõa	A conclusão dos retratos dos reis portugueses e os arranjos para a viagem ao Brasil.	...
<i>O Paiz</i>	8 de abril de 1906, p. 6, col. 6	José Malhõa. Lisboa, 22 de março	O convite, prontamente aceito, de Ramalho Ortigão para que o pintor expusesse no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>O Paiz</i>	12 de abril de 1906, p. 4	...	Fotografias de José Malhoa e sua residência-atelier em Lisboa.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	15 de abril de 1906, p. 3, col. 4 a 8	José Malhõa	Reprodução de artigo publicado em Lisboa sobre uma visita ao atelier do pintor, que continha as telas que ele preparava para exibir no Rio de Janeiro.	...
<i>O Paiz</i>	8 de maio de 1906, p. 4, col. 7	José Malhõa	Reproduz o artigo publicado no <i>Século</i> lisboeta sobre a mostra do pintor no Brasil, lista as obras enviadas e elogia seu viés patriótico.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	11 de maio de 1906, p. 5, col. 3	Carta de Portugal, 23 de abril de 1906	Listagem exaustiva de todas as telas (mais de cem) que José Malhoa enviaria para a sua exposição no Rio de Janeiro.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	28 de maio de 1906, p. 4, col. 6 e 7	A exposição permanente / Como Portugal se apresenta	Listagem das casas comerciais, produtores e artistas que iriam participar da exposição portuguesa de 1907, a decorrer no Liceu Literário Português.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Kosmos</i>	Junho de 1906, Ano III, n. 6, p. 5.	Crônica	A exposição de José Malhoa no Gabinete Português de Leitura: comentário crítico sobre a fatura do pintor.	O.B.
<i>Gazeta de Notícias</i>	3 de junho de 1906, p. 2, col. 8 e p. 3, col. 1, 2 e 3	Arte portuguesa / A exposição Malhõa	Texto elogioso ao talento de José Malhoa e à sua fatura patriótica, com indicação de algumas das telas a serem exibidas no Gabinete Português de Leitura.	Abel Botelho
<i>Correio da Manhã</i>	10 de junho de 1906, p. 1, col. 1 e 2	José Malhõa	O articulista saúda a chegada do pintor português ao Rio de Janeiro e elogia seu nacionalismo.	Coelho Netto
<i>Gazeta de Notícias</i>	10 de junho de 1906, p. 3, col. 1	José Malhõa	Sobre a viagem do pintor ao Brasil e as boas expectativas do público para com a mostra.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	10 de junho de 1906, p. 5, col. 4	José Malhõa	Elogios ao pintor português, que desembarcaria no Rio de Janeiro neste mesmo dia.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	11 de junho de 1906, p. 1, col. 6 e 7	José Malhõa	A chegada do pintor, saudado por jornalistas e artistas, e seu reconhecimento internacional.	[Gihanna?]
<i>Jornal do Brasil</i>	11 de junho de 1906, p. 1, col. 3	José Malhõa	Sobre o desembarque do pintor no Rio de Janeiro e a recepção pelos artistas brasileiros.	...
<i>O Paiz</i>	11 de junho de 1906, p. 1, col. 3 e 4	José Malhõa	A chegada do pintor ao Rio de Janeiro e sua recepção calorosa.	...
<i>O Paiz</i>	12 de junho de 1906, p. 1, col. 7	José Malhõa	A visita do pintor à Escola Nacional de Belas Artes, sua pinacoteca e aulas práticas.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	14 de junho de 1906, p. 1, col. 6	...	O ministro da fazenda brasileiro recebe José Malhoa em seu gabinete.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	15 de junho de 1906, p. 4, col. 1	Cartas de Portugal	Indicação de todos os artistas e expositores participantes da mostra do Liceu Literário Português, na segunda remessa de produtos enviados para o Brasil.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Malho</i>	16 de junho de 1906, p. 6	...	Sobre a estadia de José Malhoa no Brasil e suas glórias na arte.	...
<i>Revista da Semana</i>	17 de junho de 1906, Ano VII, n. 317	José Malhòa	Reprodução de um retrato do pintor português, junto a breve texto elogioso de sua fatura.	...
<i>Correio da Manhã</i>	19 de junho de 1906, p. 2, col. 7	Alfândega	José Malhòa solicita que os seus volumes, contendo quadros a serem exibidos no Gabinete Português de Leitura, sejam abertos no recinto da entidade.	...
<i>O Paiz</i>	19 de junho de 1906, p. 1, col. 3 a 6	Hóspede Ilustre	Texto ilustrado por caricatura de Julião Machado, com reprodução de uma carta do pintor brasileiro Antônio Parreiras quando de sua visita ao atelier de José Malhoa.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	20 de junho de 1906, p. 3, col. 6	Alfândega	José Malhoa solicita o acompanhamento oficial das caixas com seus quadros até o Gabinete Português de Leitura.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	25 de junho de 1906, p. 3, col. 8	Niterói	Oferecimento de um almoço em homenagem a José Malhòa no Club Internacional.	...
<i>O Paiz</i>	26 de junho de 1906, p. 1, col. 5	José Malhòa	O convite feito ao artista pelo Club Internacional de S. Domingos para um almoço.	...
<i>Correio da Manhã</i>	30 de junho de 1906, p. 1, col. 2	...	Em comemoração ao seu 47º aniversário, o Retiro Literário Português concede o diploma de sócio a José Malhoa.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	30 de junho de 1906, p. 4, col. 4	Retiro Literário Português/A festa de hoje	Na sessão do 47º aniversário da entidade, José Malhoa é homenageado com o diploma de sócio honorário.	...
<i>O Malho</i>	30 de junho de 1906, p. 5	Casal de “Malhos”	Entrevista de José Malhoa à redação do periódico sobre os motivos de sua viagem ao Brasil.	...
<i>Kosmos</i>	Julho de 1906, Ano	Exposição Malhòa	Análise da produção do artista português por um dos maiores críticos de arte brasileiros.	Gonzaga Duque

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
	III, n. 7, p. 39 a 41			
<i>Correio da Manhã</i>	3 de julho de 1906, p. 1, col. 3	...	Anuncia a inauguração da mostra de José Malhõa no Gabinete Português de Leitura para o dia 4 e convida a redação do jornal para o <i>vernissage</i> do dia 3.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	3 de julho de 1906, p. 1, col. 3	José Malhõa	Noticia a abertura da mostra no Gabinete Português de Leitura para o dia seguinte e o <i>vernissage</i> para o dia atual.	...
<i>Correio da Manhã</i>	4 de julho de 1906, p. 2, col. 3	José Malhõa	Elogio à qualidade da exposição do pintor português instalada no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>Correio Paulistano</i>	4 de julho de 1906, p. 2, col. 3	O Sr. presidente da República	O presidente da República presente na inauguração da exposição de José Malhoa.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	4 de julho de 1906, p. 1, col. 4	...	O presidente da República visita a exposição de José Malhoa no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	4 de julho de 1906, p. 1, col. 6	Exposição Malhõa	Abertura da mostra no Gabinete Português de Leitura e elogio à produção do pintor.	...
<i>O Paiz</i>	4 de julho de 1906, p. 1, col. 3	...	Sobre o comparecimento do presidente da República à mostra de José Malhoa.	...
<i>O Paiz</i>	4 de julho de 1906, p. 1, col. 5	Exposição José Malhõa	O <i>vernissage</i> de abertura da mostra no Gabinete Português de Leitura e a eleição do pintor como membro honorário do Conselho Superior de Belas Artes do Brasil.	...
<i>A Notícia</i>	4-5 de julho de 1906, p. 1, col. 4	O Sr. presidente da República	Presença do chefe de Estado brasileiro na abertura da exposição de José Malhoa no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>A Notícia</i>	4-5 de julho de 1906, p. 1, col. 4	Exposição Malhõa	Inauguração da mostra de José Malhoa no Gabinete Português de Leitura, contendo 112 telas.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Commercio de São Paulo</i>	5 de julho de 1906, p. 2, col. 1	Exposição Malhõa	Sobre a abertura da mostra no Gabinete Português de Leitura, que causou boa impressão.	...
<i>Correio da Manhã</i>	5 de julho de 1906, p. 1, col. 2	...	O ministro da Justiça é representado por seu secretário na mostra de José Malhoa e adquire uma tela.	...
<i>Correio Paulistano</i>	5 de julho de 1906, p. 2, col. 3 e 4	Exposição Malhõa	Os discursos de Olavo Bilac e Coelho Netto no jantar em homenagem ao artista.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	5 de julho de 1906, p. 1, col. 8 e p. 2, col. 1	Exposição Malhõa/A inauguração/ O banquete	Detalhes sobre a solenidade de abertura da mostra no Gabinete Português de Leitura, com presença de notáveis e discurso de Julião Machado.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	5 de julho de 1906, p. 1, col. 10 e p. 2, col. 1 e 2	José Malhõa	Notícia a abertura da mostra no Gabinete Português de Leitura e descreve os quadros expostos.	...
<i>O Paiz</i>	5 de julho de 1906, p. 1, col. 4	José Malhõa	As solenidades e brindes de inauguração da mostra no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>Correio da Manhã</i>	6 de julho de 1906, p. 1, col. 6	...	A boa afluência à exposição de José Malhoa no Gabinete e a venda de 31 quadros.	...
<i>Correio da Manhã</i>	6 de julho de 1906, p. 2, col. 3	Ecos e Reclamos / Teatro Apollo	Informa sobre o oferecimento de uma récita teatral em homenagem a José Malhoa, para a qual são convidadas autoridades.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	6 de julho de 1906, p. 2, col. 6	Exposição José Malhõa	Listagem pormenorizada dos quadros vendidos até então e seus respectivos compradores.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	6 de julho de 1906, p. 3, col. 8	Notícias Teatrais / Companhia Brazão	Anuncia a organização de um festival em homenagem a José Malhoa, a decorrer no Teatro Apollo na presença do presidente da República.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Jornal do Brasil</i>	6 de julho de 1906, p. 3, col. 7	Teatro Apollo	A encenação da peça teatral <i>Os Velhos</i> em homenagem ao pintor português José Malhoa.	...
<i>O Paiz</i>	6 de julho de 1906, p. 1, col. 3	José Malhõa	A homenagem da cia. de teatro Eduardo Victorino ao pintor. Listagem das telas vendidas e seus compradores na mostra do Gabinete Português de Leitura.	...
<i>Correio da Manhã</i>	7 de julho de 1906, p. 2, col. 7	Correio dos Teatros – Ecos e Reclamos / Companhia Brazão	Espectáculo no Teatro Apollo em homenagem a José Malhoa, indicando os discursos de Eugenio Silveira e Coelho Netto.	...
<i>O Malho</i>	7 de julho de 1906, p. 4	Crônica	Elogio à exposição de Malhoa no Gabinete Português de Leitura.	J. Bocó
<i>O Paiz</i>	7 de julho de 1906, p. 1, col. 6	José Malhõa	Venda de obras e os mais de dois mil visitantes da mostra instalada no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>Correio da Manhã</i>	8 de julho de 1906, p. 2, col. 5 e 6	Ecos e Reclamos – José Malhõa	Notícia que a peça de teatro em homenagem ao pintor, a realizar-se no dia 09, contará com a presença do presidente da República e com discursos de Arthur Azevedo, Coelho Netto e Eugenio da Silveira.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	8 de julho de 1906, p. 5, col. 7	...	O sr. comendador José Malhoa agradece o ministro do interior e justiça pela presença em sua exposição no Gabinete.	...
<i>O Paiz</i>	8 de julho de 1906, p. 1, col. 6	...	José Malhõa agradece a presença do secretário de justiça Felix Gaspar na inauguração de sua mostra no Gabinete.	...
<i>Revista da Semana</i>	8 de julho de 1906, Ano VII, n. 321, p. 3, p. 24 e p. 26	Exposição José Malhõa	A abertura da mostra no Gabinete Português de Leitura, elogios ao pintor e reprodução de uma das suas telas.	...



Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Correio da Manhã</i>	9 de julho de 1906, p. 1, col. 1	Exposição Malhõa	Texto crítico e detalhado sobre a produção do artista e suas obras exibidas no Gabinete.	Coelho Netto
<i>Gazeta de Notícias</i>	9 de julho de 1906, p. 2, col. 8	Espectáculos hoje / Apollo	Sobre a peça teatral encenada pelo ator João da Camara em homenagem a José Malhoa.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	10 de julho de 1906, p. 1, col. 5	Notas e notícias	José Malhoa agradece pessoalmente ao presidente da República por sua presença na abertura da exposição.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	10 de julho de 1906, p. 3, col. 8	Notícias Teatrais / Homenagem a Malhõa	A boa afluência à peça teatral em homenagem a José Malhoa, que contou com discursos de Coelho Netto e Eugénio da Silveira.	...
<i>O Paiz</i>	11 de julho de 1906, p. 2, col. 7	Artes e Artistas / Teatro Apollo	Descrição da homenagem feita a José Malhoa pela companhia teatral e os discursos elogiosos nos intervalos dos atos.	JOB
<i>A Notícia</i>	13-14 de julho de 1906, p. 1, col. 4	...	Jantar oferecido ao pintor José Malhoa pelo comendador Cunha Vasco.	...
<i>A Notícia</i>	14-15 de julho de 1906, p. 2, col. 1	Registro	Interessante reflexão sobre a importância da arte enquanto elemento representativo de um país, referenciando-se aqui na exposição de José Malhoa.	B.
<i>O Paiz</i>	17 de julho de 1906, p. 1, col. 2	Ecos e Factos	Aplaudes o pedido enviado pela Escola Nacional de Belas Artes ao governo federal para proceder à compra de <i>Cócegas</i> , de José Malhoa.	...
<i>Correio Paulistano</i>	20 de julho de 1906, p. 2, col. 3	Exposição Malhõa	O ministro da Justiça e Negócios Interiores, Felix Gaspar, visita a mostra no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>Revista da Semana</i>	22 de julho de 1906, Ano VII, n. 323, p. 2	A Exposição Malhõa	Reprodução fotográfica da solenidade de inauguração da mostra no Gabinete Português de Leitura, seguida de um banquete.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	25 de julho de 1906, p. 5, col. 4	José Malhõa	Informa que o Gabinete Português de Leitura anseia oferecer um almoço ao pintor.	...
<i>A Notícia</i>	25-26 de julho de 1906, p. 3, col. 2	...	Noticia o oferecimento de um almoço por parte do Gabinete Português de Leitura ao pintor José Malhõa.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	26 de julho de 1906, p. 2, col. 6	...	Informativo sobre um leilão artístico no qual foi vendido um quadro de José Malhoa.	...
<i>O Paiz</i>	26 de julho de 1906, p. 3, col. 8	Impressão de luz	Delicado relato da autora sobre a luminosidade das telas presentes na mostra de José Malhoa.	Carmen Dolores
<i>O Paiz</i>	29 de julho de 1906, p. 1, col. 7	José Malhõa	Informa sobre a partida do pintor português e de seu irmão para Lisboa no dia 7 de agosto.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	30 de julho de 1906, p. 1, col. 8	José Malhõa	Sobre o jantar oferecido ao pintor português pelo comendador Casimiro Costa.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	6 de agosto de 1906, p. 13, col. 3	Notas e notícias	O passeio à Tijuca oferecido a José Malhoa pelo Gabinete Português de Leitura.	...
<i>O Paiz</i>	6 de agosto de 1906, p. 2, col. 6	Artes e artistas / Visita aos teatros	O jornalista denuncia um suposto golpe do vigário a ele aplicado por José Malhoa.	Carino
<i>A Notícia</i>	7-8 de agosto de 1906, p. 3, col. 5	...	O retorno de José Malhoa a Portugal e sua contribuição para o cenário artístico brasileiro.	...
<i>Correio da Manhã</i>	9 de agosto de 1906, p. 1, col. 2	Ontem	José Malhõa vai pessoalmente ao gabinete do presidente da República.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	9 de agosto de 1906, p. 1, col. 4	Notas e notícias	José Malhoa comparece ao gabinete do presidente da República para se despedir.	...
<i>O Paiz</i>	14 de agosto de 1906, p. 2, col. 4	José Malhõa	Noticia que o Visconde de Moraes teria levado o pintor português para um passeio.	...

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>Correio da Manhã</i>	15 de agosto de 1906, p. 4, col. 1	José Malhõa	O artista português solicita divulgação de uma carta no jornal, na qual agradece a acolhida de sua mostra.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	15 de agosto de 1906, p. 3, col. 3	José Malhõa	Informa sobre a partida do pintor para Lisboa e reproduz a carta em que ele agradece a boa recepção dos brasileiros.	...
<i>O Paiz</i>	16 de agosto de 1906, p. 1, col. 6	Palestra	Nota de agradecimento a José Malhoa pela mostra de seus trabalhos, requerendo sua volta mais prolongada ao Brasil.	A. A.
<i>O Paiz</i>	21 de agosto de 1906, p. 1	O Salão de 1906 / Os pintores	As participações de Teixeira Bastos, José Malhoa e Falcão Trigoso, dentre outros, na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	30 de agosto de 1906, p. 2, col. 7	O salão de 1906	Sobre a participação de José Malhoa na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	30 de agosto de 1906, p. 4, col. 2	Telegramas. Lisboa, 29	O desembarque em Lisboa de José Malhoa, cercado de elogios à sua passagem pelo Brasil.	...
<i>O Paiz</i>	30 de agosto de 1906, p. 2, col. 6	Malhõa	O pintor envia telegrama a Julião Machado informando sobre sua chegada a Lisboa.	...
<i>A Notícia</i>	31 de agosto-01 de setembro de 1906, p. 3, col. 1 a 5	Salão de 1906	Indicação dos artistas portugueses participantes da Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes: Columbano, Malhoa e Germano Neves.	A.V.
<i>Jornal do Commercio (R.J.)</i>	1º de setembro de 1906, p. 3	Notas de arte	Sobre a participação de José Malhoa na Exposição Geral da ENBA com 5 quadros.	...
<i>Correio da Manhã</i>	2 de setembro de 1906, p. 5, col. 3	A Exposição	A exibição de quadros de pintores estrangeiros (como Malhoa) na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes para atenuar a ausência de grandes artistas brasileiros.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Correio da Manhã</i>	9 de setembro de 1906, p. 5, col. 5	O “Salão de 1906”	Crítica ao afastamento dos artistas brasileiros das exposições na Escola Nacional de Belas Artes, à predominância dos estrangeiros e do naturalismo.	O. N.
<i>Jornal do Brasil</i>	14 de setembro de 1906, p. 3, col. 4	Belas Artes / O salão de 1906	José Malhoa recebe a medalha de ouro de primeira classe na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>Revista da Semana</i>	7 de outubro de 1906, Ano VII, N. 334, p. 2 a 7	A Exposição de Belas Artes no Rio de Janeiro	Reprodução fotográfica dos quadros participantes da Exposição Geral na Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	13 de dezembro de 1906, p. 1, col. 7 e 8	Exposição Permanente de Produtos Portugueses	Relação dos artistas e produtos a serem exibidos na mostra a decorrer no Liceu Literário Português, em 1907.	...
<i>O Commercio de São Paulo</i>	29 de dezembro de 1906, p. 1, col. 2	Traças e troças	O Senado Federal brasileiro proíbe a liberação de verba para a compra dos quadros de José Malhoa e de outros artistas.	Laurence
<b>1907</b>				
<i>O Paiz</i>	11 de janeiro de 1907, p. 2, col. 4 e 5	Exposição de produtos portugueses	Revela a boa organização da mostra nas salas do Liceu Literário Português e lista seus expositores.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	16 de fevereiro de 1907, p. 1, col. 6	A exposição de produtos portugueses	Visita do jornal às instalações da mostra a decorrer no Liceu Literário Português, com abertura prevista para o dia 3 de março.	...
<i>O Paiz</i>	20 de fevereiro de 1907, p. 3, col. 4 e 5	Exposição de produtos portugueses	Homenagem do jornal a Felipe de Souza Belfort pela iniciativa de organizar a mostra no Liceu Literário Português.	...
<i>O Paiz</i>	2 de março de 1907, p. 1, col. 6	Exposição de produtos portugueses	Notícia o adiamento da abertura da mostra a decorrer no Liceu Literário Português.	...

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>Correio da Manhã</i>	10 de março de 1907, p. 3, col. 1	Polícia	Convite ao chefe de polícia para assistir à inauguração da Exposição Portuguesa.	...
<i>Correio da Manhã</i>	10 de março de 1907, p. 3, col. 7	Exposição de Produtos Portugueses	Convite à redação do jornal para assistir à inauguração da mostra no Liceu Literário Português.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	18 de março de 1907, p. 1, col. 3	Exposição portuguesa	Notícia da breve abertura da mostra no Liceu Literário Português.	...
<i>A Notícia</i>	19-20 de março de 1907, p. 1, col. 5 e 6	Exposição Portuguesa	Listagem dos artistas e expositores diversos participantes do evento, com descrição do espaço e produtos exibidos.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	21 de março de 1907, p. 3, col. 8 a 10	A Exposição de Produtos Portugueses	Sobre as vantagens recíprocas de se realizar a mostra e a listagem dos participantes.	...
<i>O Século (R.J.)</i>	21 de março de 1907, p. 1, col. 3	Exposição portuguesa	As solenidades de inauguração da mostra no Liceu Literário Português e a presença do presidente da República.	...
<i>A Notícia</i>	21-22 de março de 1907, p. 1, col. 3	O Sr. Presidente da República	Presença do chefe de Estado brasileiro na inauguração da Exposição Portuguesa no Liceu Literário Português.	...
<i>Correio da Manhã</i>	22 de março de 1907, p. 3, col. 1 a 5	Exposição de Produtos Portugueses	Relato pormenorizado da cerimônia de abertura do evento no Liceu Literário Português, com listagem dos expositores.	...
<i>Correio Paulistano</i>	22 de março de 1907, p. 2, col. 5	Telegramas / Rio de Janeiro – Exposição de produtos portugueses	Notícia sobre a inauguração da Exposição Permanente de Produtos Portugueses no Liceu Literário Português, na presença do presidente da República e com boa concorrência.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	22 de março de 1907, p. 1, col. 1	24 horas - Interior	Sobre a qualidade dos artigos e o sucesso da Exposição de Produtos Portugueses, inaugurada no dia anterior.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	22 de março de 1907, p. 2, col. 3	Notícias da Prefeitura	A visita do prefeito carioca à Exposição Portuguesa, no Liceu Literário, no dia 21.	...
<i>O Paiz</i>	24 de março de 1907, p. 2, col. 4 a 6	Exposição Permanente Portuguesa	Fotografia da entrada do Liceu Literário Português, na qual aparecem quadros de João Vaz e azulejos de Jorge Colaço.	...
<i>A Notícia</i>	25-26 de março de 1907, p. 1, col. 2 e 3	...	Elogio à iniciativa de Portugal de promover seus artigos na Exposição a decorrer no Liceu Literário Português.	...
<i>O Paiz</i>	13 de abril de 1907, p. 3, col. 5 e 6	Exposição de produtos portugueses	Listagem dos visitantes da mostra no Liceu Literário Português, destacando-se Angelo Agostini.	...
<i>O Século</i>	28 de abril de 1914, p. 1, col. 2	Viajantes	A chegada ao Rio de Janeiro do pintor José Campas no dia anterior.	...
<i>O Paiz</i>	12 de maio de 1907, p. 3, col. 2	Exposição de produtos portugueses	Notícia a venda de pinturas em azulejo de Joaquim Luiz Cardoso, Jorge Colaço e J. Pinto.	...
<i>O Paiz</i>	16 de maio de 1907, p. 3, col. 4	Exposição de produtos portugueses	Notícia a venda de um quadro de José de Brito e dos azulejos de Jorge Colaço.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	6 de junho de 1907, p. 3, col. 7	Exposição Permanente de Produtos Portugueses	Informa sobre a compra de um quadro de Corrêa Brandão pelo Sr. António de Magalhães.	...
<i>O Paiz</i>	20 de junho de 1907, p. 3, col. 4	Exposição de produtos portugueses	Notícia a venda de um quadro em azulejo de Jorge Colaço para o Dr. César Rabello.	...
<i>O Paiz</i>	29 de junho de 1907, p. 3, col. 1 e 2	A vida portuguesa / Silva Porto e a paisagem	Autor pondera sobre a proeminência de Silva Porto na pintura de paisagem portuguesa e a continuação de seu legado na Sociedade que leva seu nome.	Francisco Carrelhas
<i>O Paiz</i>	30 de junho de 1907, p. 3, col. 2	Exposição de produtos portugueses	A série de concertos em homenagem ao presidente do Liceu Literário Português.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Notícia</i>	17-18 de julho de 1907, p. 3, col. 1 a 3	Exposição de 1908	Reprodução dos artigos normativos da Exposição Nacional, programada para ocorrer entre 15 de junho e 07 de setembro de 1908.	Miguel Calmon Du Pin e Almeida
<i>A Notícia</i>	23-24 de julho de 1907, p. 1, col. 3 e 4	...	Nova exposição do pintor português Carlos Reis a decorrer no Rio de Janeiro.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	18 de agosto de 1907, p. 3, col. 3	Exposição Artística. No Liceu Literário Português	Uma exclusiva visita à Exposição de Produtos Portugueses restrita a poucos convidados, junto à análise das telas e listagem dos artistas vislumbrados.	...
<i>O Paiz</i>	18 de agosto de 1907, p. 4, col. 2	Exposição de produtos portugueses	As figuras notórias que visitaram a mostra no Liceu Literário, como Rodolpho Bernardelli. Elogio às telas de Veloso Salgado e do rei D. Carlos.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	19 de agosto de 1907, p. 3, col. 1 a 5	Caixa de Socorros D. Pedro V	Informa que os retratos dos reis portugueses expostos por José Malhoa em 1906 agora figurariam no salão nobre da instituição beneficente.	...
<i>Correio Paulistano</i>	7 de setembro de 1907, p. 1, col. 5	Os nossos telegramas	Os esforços de Jorge Collaço para incentivar a concorrência dos artistas portugueses à Exposição Nacional do Rio de Janeiro.	...
<i>Jornal do Commercio (R.J.)</i>	24 de setembro de 1907, p. 3	Notas de arte	A participação de José Malhoa na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>A Notícia</i>	10-11 de outubro de 1907, p. 1, col. 1	Telegramas	Jorge Collaço convida os reis de Portugal para enviarem trabalhos à seção de Belas Artes da Exposição Nacional do Rio de Janeiro.	...
<i>Correio da Manhã</i>	4 de novembro de 1907, p. 1, col. 3 e 4	No atelier de Columbano	Articulista descreve os retratos e naturezas-mortas que encontrara no atelier do artista, conectando personalidade melancólica e obra.	Manoel de Souza Pinto

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Gazeta de Notícias</i>	6 de novembro de 1907, p. 1, col. 1 a 4	Portugal na Exposição de 1908	Entrevista do Sr. Castro Faria, Encarregado de Negócios de Portugal, sobre os preparativos do país para a Exposição Nacional.	...
<i>Correio da Manhã</i>	26 de novembro de 1907, p. 3, col. 5	Várias notícias	Jorge Collaço é eleito o representante da Associação de Belas Artes portuguesa na Exposição Nacional carioca.	...
<i>Correio da Manhã</i>	6 de dezembro de 1907, p. 1, col. 1 e 2	No atelier de Columbano	Articulista reconhece que Columbano, ao lado de Malhoa, é o maior nome da pintura portuguesa e afirma que o museu de Belas Artes do Rio de Janeiro possui algumas obras suas.	Manoel de Souza Pinto
<b>1908</b>				
<i>O Commercio de São Paulo</i>	30 de janeiro de 1908, p. 2, col. 3	Notas e notícias	José Malhoa finaliza o quadro sobre a descoberta do Brasil encomendado pelo Gabinete Português de Leitura.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	30 de janeiro de 1908, p. 10, col. 1	A seção de Belas Artes na Exposição Portuguesa do Rio de Janeiro	A chamada da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa para a inscrição de artistas que desejavam participar da Exposição Nacional brasileira.	Jayme Victor
<i>Correio Paulistano</i>	18 de fevereiro de 1908, p. 1, col. 5	Notas	São publicados dois volumes relativos à participação portuguesa na Exposição Nacional do Rio de Janeiro.	...
<i>Correio Paulistano</i>	1º de abril de 1908, p. 1, col. 5	Notas	Columbano e Malhõa são incumbidos de pintar as efígies dos reis e João Vaz deve restaurar obras antigas que figurariam na Exposição Nacional brasileira.	...
<i>O Paiz</i>	1º de abril de 1908, p. 4, col. 4	Carta de Portugal. Lisboa, 15 de março	A comissão organizadora do Pavilhão Português na Exposição Nacional convida artistas para pintarem os retratos dos reis e solicita o reparo de obras antigas por João Vaz.	...



Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Jornal do Brasil</i>	5 de abril de 1908, p. 9, col. 4	Portugal / Exposição do Rio de Janeiro	Os preparativos portugueses para a Exposição Nacional brasileira: a pintura dos retratos da família real e a restauração de peças.	...
<i>Correio Paulistano</i>	6 de abril de 1908, p. 1, col. 3	Diário do Rio – Arte	Listagem de algumas telas portuguesas que figurariam na Exposição Nacional carioca.	R.M.
<i>O Commercio de São Paulo</i>	9 de abril de 1908, p. 2, col. 2	...	Indicação de alguns quadros portugueses que figurariam na Exposição Nacional brasileira.	...
<i>O Paiz</i>	15 de abril de 1908, p. 3, col. 1	Exposição Nacional	A participação portuguesa no certame brasileiro noticiada por um correspondente lisboeta	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	17 de abril de 1908, p. 4, col. 6	Carta de Portugal	Jorge Colaço solicita a publicação das normativas para a concorrência dos artistas à Exposição Nacional.	...
<i>O Paiz</i>	22 de abril de 1908, p. 5, col. 1	Carta de Portugal / Lisboa, 5 de abril	Os retratos dos reis pertencentes ao Instituto Bacteriológico são emprestados para figurarem na Exposição Nacional. É formado o júri de seleção das obras.	...
<i>O Paiz</i>	6 de maio de 1908, p. 4, col. 1	Carta de Portugal	A partida de Jorge Colaço para o Brasil junto a tela de Veloso Salgado que deveria figurar na Exposição Nacional.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	7 de maio de 1908, p. 12, col. 4	Portugal, Lisboa, 20 de abril de 1908	A partida de Jorge Colaço para o Brasil e a autorização para mostrar um quadro de Veloso Salgado na Exposição Nacional do Rio de Janeiro.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	11 de maio de 1908, p. 3, col. 7	Exposição Nacional de 1908 / Os expositores portugueses	Listagem exaustiva dos trabalhos enviados para a mostra carioca, ressaltando entre as Belas Artes os quadros de João Vaz e Moura Gyrão.	...
<i>O Paiz</i>	17 de maio de 1908, p. 1, col. 3 a 5	Jorge Colaço	Caricatura do pintor, delegado dos artistas portugueses na Exposição Nacional, com elogio à sua técnica e caráter.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Jornal do Brasil</i>	18 de maio de 1908, p. 3, col. 6 e 7	Jorge Collaço	Traça o perfil do representante dos artistas portugueses na Exposição Nacional brasileira.	...
<i>O Paiz</i>	18 de maio de 1908, p. 1, col. 3 e 4	Jorge Collaço	Texto elogioso, com fotografia do pintor português e breve narrativa de sua trajetória profissional.	...
<i>A Imprensa</i>	20 de maio de 1908, p. 3, col. 2	Portugal	Sobre a participação de João Vaz na Exposição Nacional, como concorrente à mostra e decorador do Pavilhão.	...
<i>Correio da Manhã</i>	21 de maio de 1908, p. 2, col. 2	...	O pintor Jorge Collaço, diretor artístico da seção portuguesa na Exposição Nacional, visita a redação do jornal.	...
<i>O Paiz</i>	29 de maio de 1908, p. 4, col. 1 e 2	Carta de Paris / Paris, 1 de maio	Sobre a participação de brasileiros e portugueses no <i>Salon</i> .	Xavier de Carvalho
<i>Correio da Manhã</i>	6 de junho de 1908, p. 1, col. 1 e 2	O retrato de El-Rei	Elogio ao retrato do rei D. Manoel II, pintado por Columbano, para figurar na Exposição Nacional.	Manoel de Souza Pinto
<i>A Imprensa</i>	8 de junho de 1908, p. 2, col. 5	...	Pedido de isenção de direitos aduaneiros para os seis quadros de Corrêa Brandão destinados à Exposição Nacional.	...
<i>O Paiz</i>	11 de junho de 1908, p. 3, col. 7 e p. 4, col. 1	1808 – 1908 Exposição Nacional	Os arquitetos construtores e os detalhes a respeito dos edifícios que conformam os dois Pavilhões portugueses.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	12 de junho de 1908, p. 4, col. 1	Na Câmara	Despacho livre de direitos de uma caixa contendo quadros de Augusto Paschoal Corrêa Brandão para figurarem na Exposição Nacional.	...
<i>O Século (R.J.)</i>	12 de junho de 1908, p. 1, col. 5	...	Concessão de despacho livre para os quadros de Correa Brandão, detidos na Alfândega, para a Exposição Nacional.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Jornal do Brasil</i>	16 de junho de 1908, p. 6, col. 7	Hóspedes e viajantes	A exposição do pintor português Virginio de Carvalho em Vitória, Espírito Santo (Brasil).	...
<i>Jornal do Brasil</i>	18 de junho de 1908, p. 7, col. 3 e 4	Exposição portuguesa no Rio de Janeiro	A indicação do Conselheiro Madeira Pinto, Diretor Geral de Comércio e Indústria, como representante de Portugal na Exposição Nacional brasileira.	...
<i>O Paiz</i>	4 de julho de 1908, p. 3	Exposição Nacional	Descrição exaustiva e pormenorizada do Pavilhão Manuelino e do Pavilhão Anexo das Belas Artes.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	9 de julho de 1908, p. 4	A exposição depois de encerrada	Solicita a conservação do edifício do Pavilhão Português construído para a Exposição Nacional.	...
<i>Correio da Manhã</i>	10 de julho de 1908, p. 1, col. 1 e 2	Pintores novos	Crítica à nova geração de pintores revelados pela Sociedade Silva Porto, devido à cópia absoluta do mestre e à mediocridade no tratamento das cores.	Annibal Soares
<i>O Paiz</i>	10 de julho de 1908, p. 3	Exposição Nacional	Publicação de uma fotografia do Pavilhão Manuelino.	...
<i>O Paiz</i>	24 de julho de 1908, p. 4, col. 7	Portugal na Exposição do Rio de Janeiro	Notícia o envio para o Brasil de um catálogo sobre a secção de Belas Artes portuguesa da Exposição Nacional.	F. C.
<i>O Paiz</i>	24 de julho de 1908, p. 5,	Exposição Nacional	A visita do presidente Affonso Penna aos pavilhões da mostra, inclusive à secção portuguesa de Belas Artes.	...
<i>Correio da Manhã</i>	25 de julho de 1908, p. 6, col. 2	Exposição Nacional de 1908	Instruções para a obtenção dos cartões de ingresso dos participantes portugueses no evento.	A comissão
<i>Correio da Manhã</i>	26 de julho de 1908, p. 2 (reportagem especial)	Portugal na Exposição	Descreve a estrutura e a disposição interna do Pavilhão Manuelino e do Anexo na Exposição Nacional e analisa alguns quadros expostos.	...

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>Gazeta de Notícias</i>	26 de julho de 1908, p. 4	A arte portuguesa na Exposição	As esculturas enviadas pela Duquesa de Palmella para a Exposição Nacional.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	26 de julho de 1908, p. 9, col. 1	Exposição Nacional de 1908 / O Pavilhão Português de Belas Artes	Os preparativos para a montagem do Pavilhão Anexo português, com detalhamento da sua decoração e observação das telas já colocadas nas paredes.	...
<i>Correio da Manhã</i>	2 de agosto de 1908, p. 2, col. 7	Um retrato do imperador	A trajetória do pintor Marques Guimarães, que apresentava um retrato do imperador D. Pedro II na Exposição Nacional.	...
<i>O Paiz</i>	7 de agosto de 1908, p. 2, col. 1 e 2	Homenagem ao Marechal Hermes	Visita do notório político ao Pavilhão Anexo das Belas Artes portuguesas.	...
<i>Correio da Manhã</i>	9 de agosto de 1908, p. 2, col. 1 e 2	Exposição Nacional	Descrição da composição interna do Pavilhão Anexo das Belas Artes e dos trabalhos de decoração do Pavilhão Manuelino	...
<i>Correio Paulistano</i>	9 de agosto de 1908, p. 1, col. 1	A exposição antes da abertura	O autor visita os Pavilhões portugueses na Exposição Nacional e elogia suas instalações	João do Rio
<i>Jornal do Brasil</i>	9 de agosto de 1908, p. 9, col. 6 e 7	Exposição Nacional de 1908 / O Pavilhão Português de Belas Artes	A disposição do Pavilhão Anexo de Portugal, a comitiva que participou de seu processo construtivo e os dirigentes da exposição portuguesa no evento brasileiro.	...
<i>Correio da Manhã</i>	10 de agosto de 1908, p. 2, col. 4 e 5	Exposição Nacional	O atraso na conclusão do Pavilhão Manuelino e na liberação de alguns produtos pela alfândega brasileira.	...
<i>Correio da Manhã</i>	11 de agosto de 1908, p. 1, col. 6 e 7	Exposição Nacional	O <i>vernissage</i> do Anexo das Belas Artes portuguesas e a recepção aos convidados.	...
<i>Correio Paulistano</i>	11 de agosto de 1908, p. 2, col. 1	Exposição Nacional	A inauguração da secção de Belas Artes do Pavilhão Anexo português.	...

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>Gazeta de Notícias</i>	11 de agosto de 1908, p. 1, col. 1 e 2	O pavilhão anexo de Portugal /Na Exposição Nacional	Análise sobre o renascimento da arte portuguesa e a atenuação da ignorância do povo brasileiro para com a cultura moderna de além-mar.	João do Rio
<i>A Imprensa</i>	11 de agosto de 1908, p. 2 e 3	Portugal na Exposição	Sobre a participação portuguesa na Exposição Nacional e o Pavilhão Anexo das Belas Artes.	...
<i>O Paiz</i>	11 de agosto de 1908, p. 1, col. 4	Exposição Nacional / Belas Artes	Elogio ao Pavilhão Anexo português, ressaltando alguns artistas e suas obras.	...
<i>Correio Paulistano</i>	12 de agosto de 1908, p. 2, col. 7	Exposição Nacional	O arranjo (telas e decoração) do Pavilhão Português de Belas Artes e sua visita.	...
<i>A Imprensa</i>	12 de agosto de 1908, p. 1, col. 6	A Exposição Nacional	A boa visita ao Pavilhão Anexo e os nomes de seus principais expositores.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	12 de agosto de 1908, p. 6 (reportagem de página inteira)	Exposição Nacional de 1908	A visita do presidente da República ao evento, com passagem por todos os pavilhões, inclusive os prédios portugueses.	...
<i>O Paiz</i>	12 de agosto de 1908, p. 2, col. 2 e 3	Exposição Nacional	A insatisfação com a pobre fachada exterior do Pavilhão Anexo e o contraste com o interior ricamente decorado.	...
<i>O Século (R.J.)</i>	12 de agosto de 1908, p. 2, col. 4	A Exposição Nacional	A visita do presidente da República ao Pavilhão Anexo português e sua admiração.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	13 de agosto de 1908, p. 1, col. 1	A Exposição / O segundo dia	Reproduz o telégrafo de Affonso Penna para o rei D. Manuel, elogiando a participação de Portugal na Exposição Nacional.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	14 de agosto de 1908, p. 5, col. 2	Exposição Nacional de 1908 / Pavilhão de Portugal	Elogio à participação portuguesa na mostra brasileira e aos belos trabalhos expostos no seu Pavilhão Anexo das Belas Artes.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	15 de agosto de 1908, p. 5, col. 5	Telegramas / Exterior / Lisboa, 14	Affonso Penna aplaude o rei D. Manoel pela participação de Portugal na Exposição Nacional.	...
<i>Correio Paulistano</i>	16 de agosto de 1908, p. 1, col. 1 e 2	O Pavilhão anexo de Portugal na Exposição Nacional	Listagem e análise das telas e respectivos pintores participantes da seção artística portuguesa. Elogio aos produtos de Portugal e sua presença na mostra.	João do Rio
<i>Gazeta de Notícias</i>	16 de agosto de 1908, p. 3	A arte portuguesa na Exposição	Fotografia de alguns dos quadros expostos no Pavilhão Anexo de Portugal da Exposição Nacional.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	16 de agosto de 1908, p. 9, col. 8	Exposição Nacional – O Pavilhão Português de Belas Artes	Notícia a exposição de 161 quadros no Pavilhão Anexo português e nomeia os principais artistas que abrilhantaram o projeto internacional.	...
<i>Correio Paulistano</i>	18 de agosto de 1908, p. 2, col. 5 e 6; p. 3, col. 1 a 3	Exposição Nacional	Visita do presidente da República aos pavilhões da mostra, os artistas portugueses observados pelo chefe de Estado e o telegrama enviado a d. Manuel.	...
<i>A Imprensa</i>	26 de agosto de 1908, p. 2, col. 2	A Exposição Nacional	Jorge Collaço, delegado especial de Portugal, oferece ao jornal um exemplar de sua obra sobre o percurso artístico e científico do finado rei D. Carlos.	...
<i>O Paiz</i>	27 de agosto de 1908, p. 2, col. 2 e 3	A soberania em ação	Elogio à veia artística do rei D. Carlos, que possuía uma tela em posse do barão do Rio Branco.	...
<i>O Paiz</i>	27 de agosto de 1908, p. 3, col. 3	A exposição / Palácio Manuelino	Anuncia a breve inauguração do Pavilhão Português na Exposição Nacional.	...
<i>Correio Paulistano</i>	30 de agosto de 1908, p. 3, col. 1 a 3	Registro de Arte	Reprodução de positiva crítica publicada no <i>Jornal do Commercio</i> sobre a seção de Belas Artes do Pavilhão Anexo.	...
<i>Revista da Semana</i>	30 de agosto de 1908, Ano XI, n. 433, p. 4	Na Exposição Nacional	Fotografia do Pavilhão Português das Belas Artes e dos retratos de D. Manoel e D. Carlos.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Correio da Manhã</i>	31 de agosto de 1908, p. 1, col. 4	Inauguração da Exposição Portuguesa	Anuncia a abertura do Pavilhão Manuelino na Exposição Nacional para o dia seguinte.	...
<i>O Século (R.J.)</i>	31 de agosto de 1908, p. 2, col. 4	A Exposição Nacional	Anuncia para o dia seguinte a inauguração dos Pavilhões portugueses na presença do presidente da República.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	1º de setembro de 1908, p. 2, col. 1 e 2	A Exposição	A cerimônia de inauguração do Pavilhão Manuelino e de seu anexo na Exposição Nacional.	...
<i>Jornal do Commercio (R.J.)</i>	1º de setembro de 1908, p. 5	Notas de Artes	Sobre a participação de Marques Guimarães na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>O Paiz</i>	1º de setembro de 1908, p. 3, col. 1	A exposição / Pavilhão Português	A cerimônia de inauguração do Pavilhão Manuelino na Exposição Nacional.	...
<i>O Século (R.J.)</i>	1º de setembro de 1908, p. 1, col. 3	...	A presença do presidente da República na inauguração do Pavilhão Manuelino na Exposição Nacional carioca.	...
<i>O Século (R.J.)</i>	1º de setembro de 1908, p. 2, col. 3 e 4	A Exposição Nacional	Relato da disposição dos objetos no Pavilhão Manuelino e das obras no Pavilhão Anexo das Belas Artes portugueses.	...
<i>Correio Paulistano</i>	2 de setembro de 1908, p. 3, col. 1	Última hora – Rio – Exposição Nacional	A inauguração do Pavilhão Manuelino junto ao presidente da República e notórios nomes da colônia portuguesa.	...
<i>A Imprensa</i>	2 de setembro de 1908, p. 2, col. 5	A Exposição Nacional	Narra detalhadamente a solenidade de abertura do Pavilhão Manuelino.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	2 de setembro de 1908, p. 5, col. 1	Exposição Nacional de 1908	Descrição detalhada do Pavilhão Manuelino, que abrigaria os produtos industriais portugueses.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Jornal do Commercio</i> (R.J.)	2 de setembro de 1908, p. 21	Artes e artistas	A participação de Marques Guimarães na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes com um retrato polêmico.	...
<i>O Paiz</i>	2 de setembro de 1908, p. 3, col. 1 e 2	A Exposição	As solenidades de abertura do Pavilhão Manuelino na Exposição Nacional.	...
<i>O Século</i> (R.J.)	2 de setembro de 1908, p. 2, col. 1	A Exposição Nacional	A cerimônia de inauguração dos Pavilhões Portugueses na presença do presidente.	...
<i>O Paiz</i>	3 de setembro de 1908, p. 3, col. 7	A Exposição do Rio de Janeiro	Reproduz o telegrama de Affonso Penna para o rei D. Manuel, elogiando a participação de Portugal na Exposição Nacional.	F. C.
<i>Correio da Manhã</i>	10 de setembro de 1908, p. 3, col. 1 a 3	Exposição Nacional	Sobre o baile oferecido pelo conde de Selir ao presidente da República no Pavilhão Anexo de Belas Artes de Portugal.	...
<i>O Paiz</i>	10 de setembro de 1908, p. 3, col. 1 e 2	A Exposição / O baile de ontem	Festa oferecida pelo ministro português à sociedade brasileira e ao presidente da República no Pavilhão Anexos das Belas Artes.	...
<i>Jornal do Commercio</i> (R.J.)	15 de setembro de 1908, p. 4	Belas Artes	Autor elogia as flores e critica o retrato expostos por Marques Guimarães na Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	Amador Bueno
<i>Correio Paulistano</i>	10 de outubro de 1908, p. 3, col. 6	Hóspedes e viajantes	A visita de Jorge Collaço, delegado especial de Portugal, e da esposa a São Paulo.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	15 de outubro de 1908, p. 6, col. 3 a 6	Um concurso original / Os produtos dos Estados e de Portugal – Qual o mais saliente?	Concurso realizado entre os leitores do jornal, visando escolher qual o mais proeminente dos produtos portugueses em exibição na Exposição Nacional carioca. Os quadros de Malhõa aparecem com 13 votos e os de Carlos Reis com 5.	...



Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Gazeta de Notícias</i>	17 de outubro de 1908, p. 3, col. 2 e 3	A Exposição Portuguesa	Expositores portugueses pedem que o júri da Exposição Nacional julgue também os seus trabalhos e o articulista sugere que seja ainda instituída uma premiação	...
<i>Jornal do Brasil</i>	19 de outubro de 1908, p. 6, col. 3 a 7	Um concurso original	Continua a concorrência: Malhoa acumula 15 votos e Carlos Reis conta com 5.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	24 de outubro de 1908, p. 5, col. 5 e 6	Um concurso original	Continua a concorrência: Malhoa acumula 33 votos e Carlos Reis permanece com 5.	...
<i>O Paiz</i>	24 de outubro de 1908, p. 1, col. 7	Evolução da Arte em Portugal	Resumo do texto <i>Algumas palavras sobre a evolução da arte em Portugal</i> , de José de Figueiredo, incluído no catálogo da secção de Belas Artes portuguesa da Exposição Nacional brasileira.	Luiz da Camara Reys
<i>Jornal do Brasil</i>	25 de outubro de 1908, p. 5, col. 5 e 6	Um concurso original	Continuação da concorrência: Malhoa acumula 37 votos e Carlos Reis conta com 6.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	30 de outubro de 1908, p. 5, col. 3	Belas Artes / Galeria Jorge	Exposição de quadros artísticos, dentre os quais uma paisagem de Souza Pinto.	Bueno Amador
<i>Jornal do Brasil</i>	31 de outubro de 1908, p. 6, col. 3 a 5	Um concurso original	Continuação da concorrência: Malhoa soma 81 votos e Carlos Reis 8.	...
<i>Correio da Manhã</i>	1º de novembro de 1908, p. 2, col. 3 e 4	De arte. II – Exposição Nacional	Elogio ao Pavilhão de Belas Artes português, considerado um incentivo ao governo brasileiro para criar sua seção de belas artes.	G. de O.
<i>Jornal do Brasil</i>	2 de novembro de 1908, p. 4, col. 1 a 5	Um concurso original	Continuação da concorrência: Malhoa surge com 85 votos e Carlos Reis com 9.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	7 de novembro de 1908, p. 5, col. 6 a 8	Um concurso original	Continuação da concorrência: Malhoa soma 85 votos, Carlos Reis conta com 9 e Veloso Salgado surge com 11 votos.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Jornal do Brasil</i>	17 de novembro de 1908, p. 5, col. 3 e 4	Um concurso original	Fim da concorrência e entrega dos prêmios. Malhoa totalizara 143 votos (38ª posição), Carlos Reis permanecera com 9 e Veloso Salgado com 11 votos.	...
<i>O Paiz</i>	21 de novembro de 1908, p. 2, col. 3	...	Elogio à representação artística portuguesa na Exposição Nacional brasileira e o anúncio do leilão das obras não vendidas.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	22 de novembro de 1908, p. 6, col. 1	Ecos da exposição	Tentativa fracassada de leilão das telas portuguesas dantes participantes da Exposição Nacional devido ao alto preço das obras (venda de apenas 4 telas).	...
<i>O Paiz</i>	22 de novembro de 1908, p. 4, col. 1 e 2	Arte portuguesa	Algumas telas do Pavilhão português de Belas Artes da Exposição Nacional são vendidas: artista, obra, comprador e valor.	...
<i>O Paiz</i>	7 de dezembro de 1908, p. 3, col. 3	Vida social / Festas	O oferecimento de uma tela de José Malhoa, que figurara na Exposição Nacional, para o comendador Costa Pereira.	...
<i>O Paiz</i>	9 de dezembro de 1908, p. 1, col. 5	Ecos & Factos	Elogia uma tela pintada pela rainha D. Amélia e exposta no Pavilhão Português de Belas Artes da Exposição Nacional.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	15 de dezembro de 1908, p. 3, col. 4	...	Partida, neste mesmo dia, do elogiado pintor Jorge Collaço para a Europa.	...
<i>Correio da Manhã</i>	16 de dezembro de 1908, p. 2, col. 1	...	Jorge Collaço vai à redação do jornal para se despedir, diante de sua partida para Portugal.	...
<i>O Paiz</i>	16 de dezembro de 1908, p. 3, col. 4	Viajantes	Noticia a partida de Jorge Collaço para Lisboa, proferindo saudosos vivas e elogios ao pintor português.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Século</i> (R.J.)	16 de dezembro de 1908, p. 3, col. 5	Jorge Collaço	A partida do artista português para Lisboa e o elogio à sua atuação na secção portuguesa da Exposição Nacional.	...
<b>1909</b>				
<i>O Paiz</i>	22 de janeiro de 1909, p. 2, col. 6	...	Ministério da Fazenda pondera sobre a isenção de direitos a um quadro de José Malhoa, solicitando o parecer da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>Commercio de São Paulo</i>	23 de janeiro de 1909, p. 2, col. 1	O quadro “Descobrimiento do Brasil” do pintor Malhòa	Concessão da isenção de direitos aduaneiros à tela de José Malhoa após parecer favorável por parte da direção da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	27 de janeiro de 1909, p. 11, col. 5	A Exposição do Rio de Janeiro	Jorge Collaço publica carta que justifica as causas do relativo insucesso da Secção Portuguesa na Exposição Nacional brasileira.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	3 de fevereiro de 1909, p. 4, col. 3 e 4	Carta de Portugal. Lisboa, 18 de janeiro	Justificativa para o relativo insucesso financeiro da participação portuguesa na Exposição Nacional brasileira.	Visconde de Salgado
<i>Gazeta de Notícias</i>	14 de fevereiro de 1909, p. 7, col. 6	...	Autorizado o despacho livre de direitos para um quadro de José Malhoa importado pelo Gabinete Português de Leitura.	...
<i>O Paiz</i>	14 de fevereiro de 1909, p. 3, col. 3	...	A concessão da isenção de direitos para tela de José Malhoa encomendada pelo Gabinete Português de Leitura.	...
<i>O Paiz</i>	26 de fevereiro de 1909, p. 4, col. 1	Alfândega	O Ministro da Fazenda autoriza o despacho livre requerido pelo Gabinete Português de Leitura ao quadro de José Malhòa.	...
<i>O Paiz</i>	1º de maio de 1909, p. 6, col. 3 e 4	Sociedade Portuguesa de Beneficência	Sessão de posse da nova diretoria da instituição e inauguração do retrato de D. Manoel que figurou na Exposição Nacional de 1908.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	21 de maio de 1909, p. 3, col. 5	Carta de Paris	Sobre a participação no <i>Salon</i> de brasileiros e portugueses (José Malhõa e Souza Pinto).	Xavier de Carvalho
<i>Correio da Manhã</i>	29 de julho de 1909, p. 1, col. 1 e 2	Ecos do momento	Articulista compara a produção do pintor baiano Presciliano Silva com a obra de José Malhoa.	Carmen Dolores
<i>A Imprensa</i>	15 de agosto de 1909, p. 5, col. 1	Guerra Junqueiro	Sobre a inauguração do retrato em homenagem ao poeta português pintado por J. Almeida.	...
<i>Correio Paulistano</i>	24 de agosto de 1909, p. 2, col. 1	Notas	Exibição de um retrato de d. Manuel, pintado por Rodrigo Soares e ofertado por membros da colônia portuguesa, no consulado de Portugal em São Paulo.	...
<i>A Imprensa</i>	24 de outubro de 1909, p. 1, col. 4	...	Informa sobre a solicitação para levar a leilão os bens pertencentes ao Museu Português de Belas Artes, situado no Pavilhão onde ocorreu a Exposição Nacional.	...
<i>O Paiz</i>	24 de outubro de 1909, p. 2, col. 7	...	O presidente da comissão organizadora da seção portuguesa na Exposição Nacional de 1908 solicita abertura de leilão do material referente às Belas Artes.	...
<b>1910</b>				
<i>Jornal do Brasil</i>	24 de fevereiro de 1910, p. 4, col. 3	Belas Artes	A exposição de alguns artigos no Café Belas Artes, dentre os quais duas composições de Carlos Gomes Fernandes.	...
<i>O Paiz</i>	29 de junho de 1910, p. 5, col. 2 a 6	“O Fado”, de José Malhõa – História do último quadro do pintor português / Impressões do grande artista	Articulista vai ao gabinete de Julião Machado, através do qual acessa uma carta de José Malhoa enviada ao escritor e que narrava a história da composição da tela <i>O fado</i> . O texto é acompanhado por uma fotografia do artista português e uma reprodução do quadro.	M.

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Notícia</i>	17 – 18 de outubro de 1910	...	Anúncio da venda de um conjunto de sala de jantar, contendo quadros a óleo de Malhoa.	...
<i>Correio da Manhã</i>	31 de outubro de 1910, p. 1, col. 5	Pingos e Respingos	A compra, pelo governo brasileiro, de uma tela de José Malhoa exposta n'A <i>Favorita</i> .	...
<b>1911</b>				
<i>A Imprensa</i>	2 de setembro de 1911, p. 2, col. 5	Também nós...	O desaparecimento de um quadro de Columbano Bordalo Pinheiro, roubado das dependências da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>O Paiz</i>	10 de dezembro de 1911, p. 6, col. 6	Artes e Artistas	José dos Santos Libório, organizador da Exposição de Arte Retrospectiva, solicita isenção de impostos à ENBA.	...
<b>1912</b>				
<i>Correio da Manhã</i>	4 de janeiro de 1912, p. 4, col. 7	...	O ministro da Fazenda concede isenção de direitos aduaneiros a José dos Santos Libório.	...
<i>O Paiz</i>	23 de janeiro de 1912, p. 4, col. 6	Telegramas – São Paulo, 22	Breve inauguração da mostra de Aurelio de Figueiredo no Liceu de Artes e Ofícios.	...
<i>O Paiz</i>	4 de fevereiro de 1912, p. 1, col. 6	...	José Libório convida o ministro do interior para assistir à Exposição de Arte Retrospectiva.	...
<i>Correio da Manhã</i>	5 de fevereiro de 1912, p. 1, col. 4	...	José Libório convida o ministro do Interior para visitar a Exposição de Arte Retrospectiva.	...
<i>O Paiz</i>	5 de fevereiro de 1912, p. 3, col. 6 e 7	Artes e Artistas – Exposição de Arte Retrospectiva	O culto da arte exercido pelos brasileiros nos últimos tempos. A galeria de um colecionador de arte europeia nos salões da ENBA, com telas de Columbano.	...
<i>A Notícia</i>	5 – 6 de fevereiro de 1912, p. 2, col. 2	O Sr. presidente da República	O chefe de Estado brasileiro vai à ENBA para inaugurar a Exposição de Arte Retrospectiva organizada por José Libório.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Correio da Manhã</i>	6 de fevereiro de 1912, p. 1, col. 3	...	O presidente da República visita, no dia anterior, a Exposição de Arte Retrospectiva, na ENBA.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	6 de fevereiro de 1912, p. 1, col. 2	Notas e Notícias	O presidente da República visita, no dia anterior, a Exposição de Arte Retrospectiva, na ENBA.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	6 de fevereiro de 1912, p. 2, col. 5	Exposição d'Arte Retrospectiva	Sobre o certame organizado por José Libório na ENBA, com peças e quadros de Columbano.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	6 de fevereiro de 1912, p. 4, col. 7	Noticiário	O presidente da República vai à ENBA inaugurar a Exposição de Arte Retrospectiva.	...
<i>O Paiz</i>	6 de fevereiro de 1912, p. 1, col. 3	Ecos e Fatos	O presidente da República comparece à inauguração da Exposição de Arte Retrospectiva no dia anterior.	...
<i>O Paiz</i>	6 de fevereiro de 1912, p. 5, col. 6	Artes e Artistas – Exposição de arte retrospectiva	Os objetos adquiridos logo no primeiro dia da mostra na Escola Nacional de Belas Artes pelo marechal Hermes da Fonseca e outros distintos ali presentes.	...
<i>O Paiz</i>	9 de fevereiro de 1912, p. 5, col. 5	Telegramas. São Paulo, 8	Anuncia o fim da exposição do português Aurelio de Figueiredo para o dia 10 de fevereiro.	...
<i>O Paiz</i>	23 de fevereiro de 1912, p. 3, col. 6	Artes e Artistas – Exposição de arte retrospectiva	O encerramento neste dia da mostra que esteve franqueada ao público nos salões da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	15 de março de 1912, p. 5, col. 3	Um quadro de Malhõa	Venda de um retrato exibido nas dependências do Jornal do Brasil e pintado por José Malhoa.	...
<i>O Paiz</i>	10 de maio de 1912, p. 4, col. 6	Artes e Artistas – José Malhõa no Salon	Reproduz o artigo publicado no jornal <i>República</i> , no qual o articulista visita o ateliê de Malhõa para ver seus quadros.	...
<i>A Imprensa</i>	15 de junho de 1912, p. 1, col. 3	...	Anuncia a breve chegada do laureado José Júlio de Souza Pinto ao Rio de Janeiro.	...

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>Gazeta de Notícias</i>	21 de junho de 1912, p. 4, col. 4 e 5.	Letras & Artes – Souza Pinto no Brasil	Indica que a exposição do pintor português, ao lado do irmão Valle, decorreria na Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>Correio da Manhã</i>	23 de junho 1912, p. 4, col. 4	Exposição Mattoso da Fonseca	O jornal recebe convite para assistir à cerimônia de abertura da mostra no dia seguinte.	...
<i>O Paiz</i>	23 de junho de 1912, p. 1, col. 1 e 2	A Semana	O aumento no número das mostras de artistas estrangeiros no Rio de Janeiro, permitindo o barateamento das telas e maior acesso à arte, educando o público.	Oscar Lopes
<i>O Paiz</i>	23 de junho de 1912, p. 3, col. 6	Artes e Artistas – Mattoso da Fonseca	Notícia a inauguração da mostra de quadros a pastel na Escola Nacional de Belas Artes para o dia seguinte.	...
<i>A Imprensa</i>	24 de junho de 1912, p. 4, col. 7	Notas mundanas – Inaugurações	A inauguração da mostra de Mattoso Camara (da Fonseca) na Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>A Noite</i>	24 de junho de 1912, p. 2, col. 6.	Belas Artes – Exposição Mattoso da Fonseca	Inauguração da mostra de 49 telas do artista, já conhecido dos amadores por sua presença nos eventos portugueses.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	25 de junho de 1912, p. 2, col. 6	Gazeta das Artes – Exposição Mattoso da Fonseca	A mostra na ENBA com 14 telas a óleo e 35 a pastel, sendo esta última técnica muito rara no meio brasileiro. Extensa listagem das obras disponíveis.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	25 de junho de 1912, p. 5, col. 2	Belas Artes – Exposição Mattoso da Fonseca	A inauguração na ENBA, no dia anterior, com presença de artistas e amadores, da mostra do conhecido discípulo de Malhoa.	Bueno Amador
<i>O Paiz</i>	25 de junho de 1912, p. 5, col. 6 e 7	Exposição Mattoso da Fonseca	A inauguração no dia anterior na ENBA, com elogios dos artistas e críticos. Reproduz algumas telas.	...
<i>O Paiz</i>	25 de junho de 1912, p. 6, col. 2	J. de Souza Pinto	Anuncia a breve chegada do pintor ao Rio de Janeiro, onde pretende expor seus quadros.	...

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>Gazeta de Notícias</i>	26 de junho de 1912, p. 3, col. 6	Gazeta das Artes – Exposição Mattoso da Fonseca	No segundo dia da mostra na ENBA, já muito concorrida de visitantes, a vendagem de dez trabalhos, seus títulos e respectivos compradores.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	26 de junho de 1912, p. 5, col. 4	Belas Artes – Exposição Mattoso da Fonseca	O artista é felicitado pelo êxito de sua mostra na Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>O Paiz</i>	26 de junho de 1912, p. 8, col. 2	Artes e Artistas – Exposição Mattoso da Fonseca	A boa concorrência à mostra no salão térreo da ENBA, com indicação dos nomes dos compradores e respectivas telas comercializadas.	...
<i>A Notícia</i>	27 – 28 de junho de 1912, p. 2, col. 2	Pequenos Echos	A breve vinda de Souza Pinto ao Rio de Janeiro, o qual já tinha trabalhos expostos na Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	28 de junho de 1912, p. 4, col. 1 a 3	Letras e Artes – Exposição Mattoso da Fonseca	Reproduz fotografia de uma das salas da mostra. Exalta o pintor, aqui apontado como discípulo de José Malhoa.	...
<i>A Imprensa</i>	28 de junho de 1912, p. 3, col. 5	Telegramas – O pintor Souza Pinto	A partida do artista de Paris para o Rio de Janeiro, onde fará uma exposição de seus quadros.	...
<i>A Notícia</i>	28 – 29 de junho de 1912, p. 2, col. 4 e 5	Exposição Mattoso da Fonseca	Sobre o êxito do evento na Escola Nacional de Belas Artes, visitado diariamente por centenas de pessoas.	...
<i>A Noite</i>	2 de julho de 1912, p. 1, col. 5	A Arte – O pintor Souza Pinto a caminho do Brasil	Um telegrama de Paris noticia a partida do pintor, um dos maiores nomes atuantes na França da época. O naturalista iria ao Brasil pela primeira vez.	...
<i>O Paiz</i>	3 de julho de 1912, p. 5, col. 6	Artes e Artistas – As exposições de pintura	A visita do presidente da República à mostra de Mattoso da Fonseca na ENBA. Lauro Müller adquire uma tela.	...



Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Gazeta de Notícias</i>	13 de julho de 1912, p. 4, col. 6	Gazeta das Artes – Mattoso da Fonseca	A contínua boa concorrência do público à mostra na ENBA, sendo também significativas as vendagens de telas.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	19 de julho de 1912, p. 5, col. 2	Letras & Artes – Exposição Mattoso da Fonseca	Elogio ao pintor, cujas telas já teriam figurado no Brasil em 1907 e 1908. Listagem de obras vendidas e compradores. O pintor pretende expor em São Paulo.	...
<i>A Imprensa</i>	22 de julho de 1912, p. 1, col. 3	A pintura – O <i>Frisia</i> traz-nos um pintor português	A chegada de Souza Pinto ao Brasil para uma exposição que o articulista garante que será um sucesso.	...
<i>O Paiz</i>	22 de julho de 1912, p. 3, col. 2 e 3	Vida Social – Viajantes	Souza Pinto chega ao Rio de Janeiro para a exposição de seus quadros.	...
<i>O Paiz</i>	22 de julho de 1912, p. 5, col. 6	Artes e Artistas - J. de Souza Pinto	A chegada do pintor ao Rio de Janeiro, elogio à sua fama e reprodução de duas de suas telas.	...
<i>A Imprensa</i>	23 de julho de 1912, p. 1, col. 4	Souza Pinto, o ilustre artista português, chegou ontem ao Rio	A chegada do pintor, que há muito queria ter vindo ao Brasil para apreciar a natureza, aqui apontado como grande mestre da moderna escola francesa.	...
<i>O Paiz</i>	23 de julho de 1912, p. 3, col. 4	Vida Social – Viajantes	Elogio ao talento de Souza Pinto, que se encontrava no Brasil para expor mais de 150 telas.	...
<i>Correio da Manhã</i>	24 de julho de 1912, p. 2, col. 5	Souza Pinto, o grande pintor português, está no Rio de Janeiro	Pequena biografia da trajetória do consagrado artista, que vinha pela primeira vez ao Brasil expor cerca de 150 telas no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>Correio da Manhã</i>	24 de julho de 1912, p. 4, col. 5	Sociais – Visitas	Souza Pinto visita a redação do jornal no dia anterior para se apresentar.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Gazeta de Notícias</i>	24 de julho de 1912, p. 3, col. 2	Gazeta das Artes – Exposição Mattoso da Fonseca	A vendagem de quase todos os exemplares, o encerramento da mostra e a partida do pintor para São Paulo após terminar as encomendas de retrato a pastel.	...
<i>O Paiz</i>	24 de julho de 1912, p. 3, col. 5	Artes e Artistas – Mattoso da Fonseca	O encerramento no dia 26 da mostra. O pintor partiria para a Europa após terminar os retratos encomendados.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	26 de julho de 1912, p. 5, col. 2	Letras & Artes – Exposição Souza Pinto	Anuncia a breve abertura da mostra do já laureado pintor no Gabinete Português de Leitura e lista as obras a serem exibidas.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	26 de julho de 1912, p. 5, col. 3	Letras & Artes – Mattoso da Fonseca encerrou a sua exposição	O fim da mostra no dia anterior. Texto exalta o sucesso do evento e a oportunidade de aprendizado que ele significou para os artistas brasileiros. A posterior ida do pintor para São Paulo.	...
<i>A Imprensa</i>	26 de julho de 1912, p. 1, col. 4	Notas de Arte – Souza Pinto no Rio	O pintor visita a redação do jornal, que publica breve resumo de sua trajetória e conquistas.	...
<i>A Noite</i>	27 de julho de 1912, p. 2, col. 5	Belas Artes – Souza Pinto	A próxima abertura da mostra, que encontrava dificuldade para achar um local apropriado.	...
<i>A Notícia</i>	27 – 28 de julho de 1912, p. 2, col. 4	Souza Pinto	O português é apresentado à redação do jornal pelo artista brasileiro Rodolpho Amoedo.	...
<i>A Noite</i>	7 de agosto de 1912, p. 2, col. 3	Exposição Souza Pinto	O pintor escolhe o Gabinete Português de Leitura para instalar sua mostra. A ansiedade pela abertura do evento, atrasado pelo desvio de 5 caixas com quadros.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	9 de agosto de 1912, p. 5, col. 4 e 5	Letras & Artes – Exposição Souza Pinto	O Gabinete Português de Leitura é confirmado como o local da mostra e o pintor apenas espera a liberação de seus quadros pela Alfândega.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Gazeta de Notícias</i>	10 de agosto de 1912, p. 4, col. 4	Gazeta das Artes – Exposição Souza Pinto	Com o desembarque das caixas que carregavam os quadros, anuncia-se a abertura da mostra entre os dias 15 e 20 de agosto.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	12 de agosto de 1912, p. 5, col. 2	Notas Sociais – Pic-nic	Artistas e famílias amigas oferecem um passeio em tributo a Mattoso da Fonseca.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	13 de agosto de 1912, p. 5, col. 6	Sociais – Viajantes	A partida de Mattoso da Fonseca para a Europa no dia seguinte.	...
<i>A Noite</i>	14 de agosto de 1912, p. 2, col. 5	Belas Artes – O Salon de 1912	Teixeira Bastos envia <i>Os cinco sentidos</i> para concorrer à Exposição Geral da ENBA.	...
<i>O Paiz</i>	14 de agosto de 1912, p. 3, col. 5 e 6	Artes e Artistas – Mattoso da Fonseca	Entrevista com o pastelista português sobre a sua exposição individual na Escola Nacional de Belas Artes.	J.M.
<i>A Notícia</i>	14 – 15 de agosto de 1912, p. 2, col. 6	Mattoso da Fonseca	Partida do artista, que foi à redação do jornal para se despedir, de volta para Lisboa, após sua exposição na ENBA.	...
<i>A Imprensa</i>	15 de agosto de 1912, p. 4, col. 7	Notas mundanas – Viajantes	O retorno de Mattoso da Fonseca para a Europa após a sua brilhante exposição na ENBA.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	16 de agosto de 1912, p. 5, col. 6.	Letras & Artes – Exposição Souza Pinto	A ausência de data da abertura da mostra, muito aguardada pela fama e qualidade do pintor português.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	16 de agosto de 1912, p. 5, col. 6.	Letras & Artes – Mattoso da Fonseca	O regresso do artista a Portugal no dia 14, prometendo voltar no ano seguinte com mais obras a fim de ir a São Paulo.	...
<i>A Noite</i>	20 de agosto de 1912, p. 2, col. 5	Belas Artes – Souza Pinto	Anuncia a breve inauguração da mostra do pintor português consagrado pela França.	...
<i>A Notícia</i>	22 – 23 de agosto de 1912, p. 2, col. 3	Pequenos Echos	A próxima inauguração da exposição do já conhecido Souza Pinto nos salões do Gabinete Português de Leitura.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Gazeta de Notícias</i>	23 de agosto de 1912, p. 5, col. 6	Letras & Artes – Souza Pinto	A ansiedade pela abertura da mostra e a homenagem do Centro Artístico Juventas ao português.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	30 de agosto de 1912, p. 5, col. 6	Letras & Artes – Exposição Souza Pinto	Devido a atrasos, o pintor decide esperar pela abertura do Salão Nacional para inaugurar sua aguardada exposição individual.	...
<i>A Imprensa</i>	2 de setembro de 1912, p. 1, col. 7	Escola de Belas Artes – O Salão deste ano	José Malhoa expõe a tela de n. 128 do catálogo da Exposição Geral da ENBA: um retrato não identificado.	...
<i>A Notícia</i>	3 – 4 de setembro de 1912, p. 3, col. 3	O Salão de 1912	O nome de Malhoa aparece na relação dos artistas participantes da Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>A Imprensa</i>	10 de setembro de 1912, p. 2, col. 3 e 4	Arte Portuguesa	Reproduz uma das telas que José Júlio de Souza Pinto destinara para a sua exposição individual no Brasil.	...
<i>Correio da Manhã</i>	13 de setembro de 1912, p. 1, col. 4	...	Souza Pinto vai palácio do Catete convidar o presidente da República para assistir à abertura de sua mostra no dia seguinte.	...
<i>A Imprensa</i>	13 de setembro de 1912, p. 2, col. 3	Notas – Exposição Souza Pinto	O <i>vernissage</i> da mostra que ocorreria neste dia nos salões do Gabinete Português de Leitura.	...
<i>A Noite</i>	13 de setembro de 1912, p. 1, col. 6.	Os sucessos artísticos – A exposição de pintura de Souza Pinto	A homenagem do <i>Círculo Juventas</i> ao mestre durante o <i>vernissage</i> . A abertura oficial no dia seguinte pelo presidente da República e ministro de Portugal.	...
<i>O Paiz</i>	13 de setembro de 1912, p. 2, col. 7	Artes e Artistas – Exposição Souza Pinto	O <i>vernissage</i> para amigos e convidados, com inauguração no dia seguinte na presença do presidente da República.	...
<i>A Notícia</i>	13 – 14 de setembro de 1912, p. 2, col. 6	Exposição Souza Pinto	O <i>vernissage</i> e a abertura da mostra que permaneceria por 15 dias a vigorar no Gabinete Português de Leitura.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Correio da Manhã</i>	14 de setembro de 1912, p. 3, col. 2	Souza Pinto, o célebre pintor português, inaugura hoje no Gabinete Português de Leitura, a sua exposição de pintura	O <i>vernissage</i> do dia anterior no e a mostra de 120 quadros para o público brasileiro. A homenagem do Centro Artístico Juventas ao pintor, grande representante da arte portuguesa, e o envio de saudações à própria arte portuguesa.	...
<i>A Imprensa</i>	14 de setembro de 1912, p. 2, col. 2	<i>Vernissage</i> – Exposição Souza Pinto	A homenagem de uma comissão de alunos da Escola Nacional de Belas Artes ao pintor. Listagem e análise de algumas telas.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	14 de setembro de 1912, p. 4, col. 7	Belas Artes – O salão de 1912	A participação de José Malhoa na Exposição Geral da ENBA com uma cabeça de estudo já exposta anteriormente no Rio.	Bueno Amador
<i>Jornal do Brasil</i>	14 de setembro de 1912, p. 4, col. 7	Belas Artes – Exposição Souza Pinto	A inauguração da mostra do conhecido pintor, causando admiração nos artistas, jornalistas e amadores ali presentes.	Bueno Amador
<i>Jornal do Brasil</i>	14 de setembro de 1912, p. 7, col. 2 e 3	Notas Sociais – Exposição / O Salão Souza Pinto	Texto de ode ao artista, com elogios à sua obra. A admiração, os aplausos e as homenagens prestadas durante o <i>vernissage</i> .	...
<i>A Noite</i>	14 de setembro de 1912, p. 1, col. 5	Um grande acontecimento artístico – A exposição de Souza Pinto	A sinceridade e o desenho correto dos assuntos naturalistas trazidos pelos 120 quadros simples e com cenas do campo, mas de exímia execução.	...
<i>A Noite</i>	14 de setembro de 1912, p. 3, col. 4	Inaugura-se a exposição Souza Pinto	Os artistas brasileiros presentes no evento: Rodolpho Amoedo, Rodolpho Bernardelli, Batista da Costa e autoridades políticas.	...
<i>O Paiz</i>	14 de setembro de 1912, p. 2, col. 3 a 5	Atualidades – Boa nova! Exposição Souza Pinto	Cartaz artístico que anuncia a abertura da mostra no Gabinete Português de Leitura e exhibe duas telas do pintor.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	14 de setembro de 1912, p. 5, col. 1	Vida Social – Festas	Sobre o <i>vernissage</i> no dia anterior e a abertura da exposição de Souza Pinto no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>O Paiz</i>	14 de setembro de 1912, p. 7, col. 6	Artes e Artistas – Exposição Souza Pinto	A boa concorrência da elite ao <i>vernissage</i> do dia anterior. A presença de alunos da ENBA e a homenagem prestada pelo Centro Artístico Juventas.	...
<i>Correio da Manhã</i>	15 de setembro de 1912, p. 4, col. 1	Inaugurou-se, ontem, a exposição do pintor Souza Pinto	Texto crítico e elogioso da produção do pintor, erroneamente identificado como discípulo de Malhoa, através da breve análise de algumas obras.	O. de G.
<i>Jornal do Brasil</i>	15 de setembro de 1912, p. 4, col. 8	Belas Artes – Exposição Souza Pinto	Confirma o sucesso da abertura da mostra no Gabinete Português de Leitura, fato esperado devido ao reconhecido talento do pintor.	Bueno Amador
<i>Jornal do Brasil</i>	15 de setembro de 1912, p. 8, col. 1 e 2	Souza Pinto	O autor descreve a visita do pintor à casa de Filinto de Almeida, onde encontra um quadro seu de 1884 e passa a discorrer com o amigo Rodolpho Amoedo sobre a época de estudantes em Paris.	Baptista Coelho
<i>O Paiz</i>	15 de setembro de 1912, p. 6, col. 4	Artes e Artistas – Exposição Souza Pinto	A inauguração, no dia anterior, da mostra no Gabinete Português de Leitura. Elogio à fama e ao talento do pintor.	...
<i>A Noite</i>	17 de setembro de 1912, p. 2, col. 2	Belas Artes – Souza Pinto e a sua exposição	A admiração do público e o erro de acreditar ser Souza Pinto discípulo de José Malhoa, engano desfeito pelo articulista.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	18 de setembro de 1912, p. 5, col. 8	Belas Artes – Exposição Souza Pinto	Lamenta o fim da mostra ainda muito visitada no Gabinete Português de Leitura já no dia 22 e avisa os amadores.	Bueno Amador
<i>A Noite</i>	19 de setembro de 1912, p. 2, col. 5	Belas Artes – Exposição Souza Pinto	O bom interesse do público na mostra do Gabinete Português de Leitura. Autor derruba o boato de ser o pintor discípulo de Malhoa.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	19 de setembro de 1912, p. 3, col. 6	Artes e Artistas – Exposição do pintor Souza Pinto	Reproduz parte do prefácio de Coelho Netto escrito para o catálogo da mostra, ainda muito visitada no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	20 de setembro de 1912, p. 5, col. 5	Belas Artes – Exposição Souza Pinto	A boa concorrência ao Gabinete Português de Leitura, mesmo faltando poucos dias para o encerramento da mostra.	Bueno Amador
<i>O Paiz</i>	20 de setembro de 1912, p. 4, col. 4	Artes e Artistas – Exposição Souza Pinto	A paulatina venda dos quadros, por seu alto preço, e a boa afluência do público ao Gabinete Português de Leitura.	...
<i>Careta</i>	21 de setembro de 1912, p. 17	A exposição Souza Pinto	Elogio à fatura do pintor e reprodução de três dos seus quadros.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	22 de setembro de 1912, p. 5, col. 4	Belas Artes – Exposição Souza Pinto	Informa sobre a prorrogação da mostra no Gabinete Português de Leitura, atitude de valor para o meio cultural brasileiro.	...
<i>A Noite</i>	26 de setembro de 1912, p. 2, col. 2	Belas Artes – Souza Pinto	A venda de mais alguns trabalhos expostos no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	28 de setembro de 1912, p. 6, col. 7	Belas Artes – Exposição Souza Pinto	A numerosa concorrência, as boas vendas e muitos aplausos à mostra, que caminha para ser a principal deste ano artístico.	Bueno Amador
<i>A Noite</i>	28 de setembro de 1912, p. 2, col. 6	Belas Artes – Souza Pinto	O fim da exposição no dia 6 e as muitas vendas. O pintor, a maior glória artística de Portugal.	...
<i>A Imprensa</i>	29 de setembro de 1912, p. 2, col. 7	Notas – Exposição Souza Pinto	Neste dia, 260 pessoas visitam a mostra, dentre eles: os professores da ENBA Rodolpho Amoedo e Fiúza Guimarães.	...
<i>O Paiz</i>	29 de setembro de 1912, p. 5, col. 6	Artes e Artistas – A exposição Souza Pinto	O contínuo sucesso de público do evento no Gabinete Português de Leitura e as visitas mais ilustres.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Jornal do Brasil</i>	30 de setembro de 1912, p. 6, col. 3	Belas Artes – Exposição Souza Pinto	O completo êxito do evento no Gabinete Português de Leitura, diariamente repleto de admiradores do pintor.	Bueno Amador
<i>A Ilustração Brasileira</i>	1 de outubro de 1912, p. 10	Souza Pinto no Rio	Afirma ser a sua exposição o maior episódio artístico do ano e reproduz as duas telas mais apreciadas: <i>Le baquet de bleu</i> e <i>Dans l'eau</i> .	...
<i>A Noite</i>	7 de outubro de 1912, p. 2, col. 2	...	O presidente da República e o ministro da justiça visitam a exposição de Souza Pinto.	...
<i>Correio da Manhã</i>	8 de outubro de 1912, p. 1, col. 4	...	O presidente da República visita, no dia anterior, a mostra de Souza Pinto no Gabinete.	...
<i>Correio da Manhã</i>	8 de outubro de 1912, p. 2, col. 3	Exposição de pintura Souza Pinto	A boa visitação à mostra, que no dia anterior recebera a visita de autoridades. O presidente da República adquire uma tela.	...
<i>A Imprensa</i>	8 de outubro de 1912, p. 5, col. 1	Interior	O ministro do interior visita a exposição de Souza Pinto no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	8 de outubro de 1912, p. 5, col. 2	Noticiário	O presidente da República visita no dia anterior a mostra de Souza Pinto, quando adquire um quadro.	...
<i>A Noite</i>	8 de outubro de 1912, p. 2, col. 3	Belas Artes – Souza Pinto	Frente às muitas aquisições de obras feitas por particulares, o autor questiona a inação do governo e da ENBA.	...
<i>O Paiz</i>	8 de outubro de 1912, p. 1, col. 2	Ecos e Fatos	O presidente da República visita a exposição de Souza Pinto, quando adquire uma das telas exibidas.	...
<i>Correio da Manhã</i>	9 de outubro de 1912, p. 1, col. 3	...	Souza Pinto agradece a presença do presidente da República em sua exposição.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	9 de outubro de 1912, p. 5, col. 3	Noticiário	Souza Pinto vai pessoalmente ao Palácio do Catete agradecer ao presidente da República pela presença em sua mostra.	...



Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	12 de outubro de 1912, p. 2, col. 5	Artes e Artistas – Mattoso da Fonseca	O pintor concede entrevista em Lisboa, de onde agradece a acolhida do público carioca à sua mostra e aos amigos brasileiros.	...
<i>A Noite</i>	14 de outubro de 1912, p. 4, col. 4	Belas Artes – Souza Pinto	A aquisição de mais de 40 telas e a indicação para a compra de duas obras premiadas para a pinacoteca da ENBA.	...
<i>O Paiz</i>	14 de outubro de 1912, p. 1, col. 7	O mercado artístico do Brasil é um dos melhores do mundo e nele devem colher excelentes resultados os artistas portugueses. Por que não o exploram?	Reproduz uma entrevista com Mattoso da Fonseca, inicialmente publicada no <i>Século</i> lisboeta, na qual ele exalta o desenvolvimento artístico do Brasil e lamenta o pouco aproveitamento desse potencial nicho pelos pintores portugueses. Faz interessante comparação da academia portuguesa com a brasileira e elogia os esforços do governo tropical para estimular as artes.	...
<i>Correio da Manhã</i>	19 de outubro de 1912, p. 5, col. 2	Manifestações – Exposição Souza Pinto	Listagem de quadros vendidos na mostra do Gabinete Português de Leitura e seus respectivos compradores.	...
<i>O Paiz</i>	20 de outubro de 1912, p. 1, col. 1 e 2	A Semana	Comentário sobre a entrevista de Mattoso da Fonseca (a respeito do mercado artístico brasileiro) previamente publicada.	Oscar Lopes
<i>Correio da Manhã</i>	26 de outubro de 1912, p. 4, col. 4	Sociais – Exposições	O último domingo da mostra de Souza Pinto no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>A Imprensa</i>	26 de outubro de 1912, p. 2, col. 2	Notas – Exposição Souza Pinto	A boa visitação à mostra no Gabinete Português de Leitura, que seria brevemente encerrada.	...
<i>O Paiz</i>	27 de outubro de 1912, p. 6, col. 7	Artes e Artistas – Souza Pinto	Anuncia o encerramento da exposição no Gabinete Português de Leitura para 31 de outubro.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Correio da Manhã</i>	31 de outubro de 1912, p. 5, col. 6	Sociais – Exposições	O fim da mostra de Souza Pinto neste dia, notando que a ENBA adquirira a tela <i>Sob a verdura</i> .	...
<i>A Imprensa</i>	31 de outubro de 1912, p. 1, col. 3	Ecos	O encerramento da exposição de Souza Pinto neste dia, que teve o <i>Sob a verdura</i> vendido à ENBA.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	31 de outubro de 1912, p. 11, col. 8	Belas Artes – Exposição Souza Pinto	O fim da aplaudida mostra e a compra de <i>Sob a verdura</i> pelo Governo Federal, por intermédio da ENBA.	Bueno Amador
<i>A Noite</i>	31 de outubro de 1912, p. 2, col. 4	Belas Artes – Souza Pinto	O fim próximo da mostra, que vendeu quadros até ao presidente da República. A partida do pintor para São Paulo e depois Londres.	...
<i>O Paiz</i>	31 de outubro de 1912, p. 4, col. 7	Artes e Artistas – Exposição Souza Pinto	Notícia o encerramento da mostra no Gabinete Português de Leitura para este mesmo dia e a compra de um dos quadros pela ENBA.	...
<i>O Paiz</i>	24 de novembro de 1912, p. 5, col. 2	Vida Social – Viajantes	A partida de Souza Pinto para São Paulo, onde pretendia fazer nova exibição de quadros.	...
<i>Correio Paulistano</i>	27 de novembro de 1912, p. 3, col. 5	Registro de Arte – Souza Pinto	A inauguração de uma mostra do pintor em São Paulo, com cerca de 90 quadros vindos do Rio de Janeiro, no início de dezembro.	...
<i>A Imprensa</i>	9 de dezembro de 1912, p. 1, col. 1 e 2	A arte nacional – Temos pintura brasileira? Assimilamos a estrangeira?	Entrevista de dois pintores brasileiros recém-chegados da Europa, que responsabilizam Portugal pela ausência de uma arte nacional brasileira, já que aquele país supostamente também não possuía arte própria.	B.M.
<i>Correio Paulistano</i>	13 de dezembro de 1912, p. 1, col. 7	Registro de Arte – Exposição Souza Pinto	A inauguração da mostra em São Paulo, com 90 trabalhos a óleo e pastéis. Incentivo à presença dos colecionadores, que já adquirem algumas obras muito elogiadas.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Imprensa</i>	13 de dezembro de 1912, p. 2, col. 5	Souza Pinto em S. Paulo	A inauguração da exposição do pintor português na capital paulista diante de autoridades locais.	...
<i>O Pirralho</i>	14 de dezembro de 1912, p. 15, col. 2	Souza Pinto	A exposição instalada no sobrado da rua S. Bento 85, desejando o jornal que o evento tivesse todo o sucesso.	...
<i>Correio Paulistano</i>	16 de dezembro de 1912, p. 3, col. 1	Registro de Arte – Exposição Souza Pinto	A boa visitação à mostra paulista, que tem vendido muitos quadros. A boa concorrência pela fina sociedade local.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	17 de dezembro de 1912, p. 8, col. 1	Telegramas – A exposição do pintor Souza Pinto	A imprensa portuguesa publica telegramas que anunciam o sucesso do evento em São Paulo, comemorado por todos.	...
<i>Correio Paulistano</i>	27 de dezembro de 1912, p. 1	Pintura portuguesa – Exposição Souza Pinto	A primeira página desta edição traz reproduções de duas telas do pintor exibidas em São Paulo: <i>Lavadeiras</i> e <i>A prometida</i>	...
<i>Correio Paulistano</i>	27 de dezembro de 1912, p. 2, col. 2	Registro de Arte – Exposição Souza Pinto	Atendendo a pedidos, o pintor adia o fim de sua mostra paulista para 31 de dezembro. A venda de 4 grandes telas no dia anterior.	...
<b>1913</b>				
<i>Correio Paulistano</i>	3 de janeiro de 1913, p. 4, col. 7	Registro de Arte – Exposição Souza Pinto	Listagem de obras vendidas e seus compradores, na mostra paulista que registrava afluência cada vez melhor de visitantes.	...
<i>Correio Paulistano</i>	4 de janeiro de 1913, p. 2, col. 4	Registro de Arte – Exposição Souza Pinto	Uma das mostras de maior sucesso da história. Vende <i>Les amoureux</i> e <i>Lição do avô</i> a Bernardo P. Machado Bastos.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	9 de janeiro de 1913, p. 12, col. 7	S. Paulo – A exposição Souza Pinto	O fim da mostra no dia 8, a venda de cerca de 60 telas e a compra de <i>Le Baguit [Baquet] Bleu</i> pelo Governo do Estado paulista.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Correio Paulistano</i>	17 de janeiro de 1913, p. 6, col. 1	Registro de arte – Pintor Souza Pinto	Em sua partida, o pintor é interpelado pelo coronel Thomaz Saraiva, que compra <i>La promise</i> .	...
<i>O Paiz</i>	16 de fevereiro de 1913, p. 3, col. 2	Vida Social – Viajantes	A partida de Souza Pinto para a Europa, com a promessa de breve regresso ao Brasil.	...
<i>Correio da Manhã</i>	17 de fevereiro de 1913, p. 5, col. 7	Sociais – Viajantes	A volta para a Europa de Souza Pinto, que no dia anterior se despediu da diretoria da Real e Benemerita Sociedade Portuguesa de Beneficência.	...
<i>O Paiz</i>	17 de fevereiro de 1913, p. 5, col. 2	Vida Social – Viajantes	Anuncia o regresso de Souza Pinto para a Europa após o sucesso obtido no Rio de Janeiro e em São Paulo.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	26 de fevereiro de 1913, p. 8, col. 8	Belas Artes – Exposição de Arte Retrospectiva	O catálogo da mostra organizada por José Libório, agora no salão do Hotel dos Estrangeiros, trazia uma coletânea de pastéis do pintor Mattoso da Fonseca.	Bueno Amador
<i>A Ilustração Brasileira</i>	1 de março de 1913, p. 22, col. 2	Vida Social – Viajantes	Souza Pinto visita a redação do periódico, no dia 17 de janeiro, antes da partida para Paris.	...
<i>O Paiz</i>	13 de junho de 1913, p. 10, col. 3 e 4	Uma missão brasileira em Portugal	A continuidade ao projeto de Consiglieri Pedroso de firmar um maior intercâmbio entre Brasil e Portugal.	...
<i>A Notícia</i>	1 – 2 de agosto de 1913, p. 3, col. 5	Exposição de quadros	A inauguração da mostra de João Vaz, o maior marinheiro português, na próxima semana.	...
<i>O Paiz</i>	3 de agosto de 1913, p. 4, col. 6	Artes e Artistas – Exposição	A breve inauguração da mostra de João Vaz no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>A Noite</i>	4 de agosto de 1913, p. 4, col. 5	Belas Artes – João Vaz	O maior marinheiro português visita a redação do jornal para anunciar a abertura de sua mostra.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Noite</i>	12 de agosto de 1913, p. 4, col. 4	Belas Artes – João Vaz	Anuncia a inauguração da mostra para o dia 14, com <i>vernissage</i> a realizar-se no dia 13 de agosto.	...
<i>O Paiz</i>	12 de agosto de 1913, p. 1, col. 1 e 2	De Lisboa – Convite a brasileiros	Autor convoca as instituições brasileiras a aderirem ao projeto de aproximação entre Brasil e Portugal inicialmente projetado por Consiglieri.	Bettencourt Rodrigues
<i>A Noite</i>	13 de agosto de 1913, p. 2, col. 2	Realizou-se hoje o <i>vernissage</i> do artista português João Vaz	A inauguração, no dia seguinte, da mostra no Gabinete Português de Leitura com cerca de 50 telas, aquarelas e desenhos do grande marinhista.	...
<i>Imparcial, O</i>	14 de agosto de 1913, p. 4, col. 2	Arte – Exposição João Vaz	O <i>vernissage</i> no dia anterior da mostra contendo 60 quadros (listagem dos mais relevantes).	...
<i>Jornal do Brasil</i>	14 de agosto de 1913, p. 9, col. 7	Belas Artes – A exposição de pintura do Sr. João Vaz	Elogio ao pintor, que fizera o <i>vernissage</i> no dia anterior à imprensa e convidados, dentre os quais os irmãos Bernardelli.	Bueno Amador
<i>A Noite</i>	14 de agosto de 1913, p. 2, col. 6	Belas Artes – João Vaz	Inauguração da mostra que, para além das habituais marinhas, trouxe também boas paisagens.	...
<i>O Paiz</i>	14 de agosto de 1913, p. 3, col. 3	Artes e Artistas – Exposição de Pintura Portuguesa	A mostra de João Vaz no Gabinete Português de Leitura, com reprodução de artigo publicado no <i>Dia</i> lisboeta e de uma fotografia do evento.	...
<i>O Paiz</i>	15 de agosto de 1913, p. 2, col. 4 e 5	Atualidades – João Vaz	Imagem de João Vaz a segurar um barco com legenda que alude às marinhas expostas no Gabinete.	...
<i>O Paiz</i>	15 de agosto de 1913, p. 4, col. 4	Artes e Artistas – Exposições	Presença do Dr. Bernardino Machado, ministro de Portugal, na mostra individual de João Vaz.	...
<i>A Notícia</i>	15 – 16 de agosto de 1913, p. 1, col. 4	Pé de coluna	Sobre a boa impressão gerada no público pela abertura no Gabinete da exposição do marinhista português João Vaz.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Noite</i>	18 de agosto de 1913, p. 4, col. 1	Belas Artes – João Vaz	A boa concorrência à exposição do pintor e as muitas vendas realizadas.	...
<i>Correio da Manhã</i>	19 de agosto de 1913, p. 5, col. 1	João Vaz e a sua obra	Elogio à doçura, poesia e singeleza do traço do artista em suas marinhas e demais temas.	G.
<i>Jornal do Brasil</i>	19 de agosto de 1913, p. 6, col. 8	Belas Artes – Exposição João Vaz	O franco êxito da mostra, que continuava franqueada ao público nas salas do Gabinete.	Bueno Amador
<i>O Paiz</i>	20 de agosto de 1913, p. 8, col. 6	Artes e Artistas – Exposição de João Vaz	Sobre a mostra do pintor no Gabinete Português de Leitura, seguida de duras críticas à sua fatura sóbria e endurecida.	Laudelino Freire
<i>A Noite</i>	23 de agosto de 1913, p. 4, col. 5	Belas Artes – João Vaz	O grande interesse do público pela mostra e a venda de quase todos os quadros expostos.	...
<i>Correio da Noite</i>	25 de agosto de 1913, p. 3, col. 7	Belas Artes	Informa sobre a continuação da mostra de João José Vaz no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>A Noite</i>	25 de agosto de 1913, p. 4, col. 5	Belas Artes – Exposição João Vaz	A grande e seleta concorrência ao certame, a venda de 11 telas e o encerramento no final do mês.	...
<i>A Noite</i>	1º de setembro de 1913, p. 4, col. 3	Belas Artes – João Vaz	O adiamento do fim da mostra, muito visitada no Gabinete. A provável compra de uma tela pelo governo brasileiro.	...
<i>A Notícia</i>	4 – 5 de setembro de 1913, p. 1, col. 2	O Sr. presidente da República	O chefe de Estado brasileiro, a convite do ministro de Portugal Bernardino Machado, agenda visita à mostra de João Vaz.	...
<i>Correio da Manhã</i>	5 de setembro de 1913, p. 1, col. 4	...	A iniciativa do presidente da República de visitar, no Gabinete Português de Leitura, a exposição de João Vaz no dia seguinte.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	5 de setembro de 1913, p. 8, col. 3	Noticiário	A convite do Ministro de Portugal, o presidente da República visitará a exposição de João Vaz.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	5 de setembro de 1913, p. 1, col. 3	Ecos e Fatos	O ministro de Portugal convida o presidente da República para visitar a mostra de João Vaz no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>Fon Fon</i>	6 de setembro de 1913, Ano VII, n. 36, p. 69	Notas Artísticas	Reprodução fotográfica do salão do Gabinete Português de Leitura, onde decorria a exposição de João José Vaz.	...
<i>A Noite</i>	8 de setembro de 1913, p. 4, col. 4	Belas Artes – João Vaz	Anuncia o fim da mostra do Gabinete Português de Leitura no dia 10 de setembro e a compra de <i>Entardecer</i> pela ENBA.	...
<i>A Noite</i>	11 de setembro de 1913, p. 4, col. 3	Belas Artes – Exposição João Vaz	Anuncia o encerramento da mostra no Gabinete Português de Leitura, que foi um grande sucesso, para o dia 14.	...
<i>Correio da Manhã</i>	14 de setembro de 1913, p. 7, col. 7	Sociais – Exposições	A boa concorrência à mostra de João Vaz, que continuaria vigente mesmo com a ida do pintor para São Paulo.	...
<i>O Paiz</i>	18 de setembro de 1913, p. 7, col. 2	Artes e Artistas – Notas de arte	Reproduz artigo de Joaquim Madureira publicado no <i>Portugal Moderno</i> sobre a mostra de João Vaz no Gabinete de Leitura.	...
<i>Correio da Manhã</i>	24 de setembro de 1913, p. 4, col. 5	Sociais – Viajantes	A partida de João Vaz para São Paulo, após encantar o público carioca com a sua exposição.	...
<i>Imparcial, O</i>	25 de setembro de 1913, p. 8, col. 4	Notas Sociais – Viajantes	No dia anterior, João Vaz parte para São Paulo.	...
<i>O Paiz</i>	25 de setembro de 1913, p. 3, col. 3	Vida Social – Viajantes	A partida de João Vaz para São Paulo no dia anterior, com o regresso a Lisboa agendado para o 1º de outubro.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	26 de setembro de 1913, p. 3, col. 1	Artes e Artistas – João Vaz	Reproduz carta do pintor que agradece a acolhida de sua exposição pelo jornal e noticia a partida para São Paulo.	...
<i>O Paiz</i>	4 de outubro de 1913, p. 3, col. 3 e 4	Carta de Paris. Paris, 12 de setembro – José Campas no Rio	Anuncia a chegada próxima do pintor ao Brasil, com efusivos elogios à sua laureada carreira artística no exterior, como os prêmios auferidos em Paris, e aos estudos em Portugal.	Xavier de Carvalho
<i>Correio da Manhã</i>	26 de outubro de 1913, p. 12, col. 2 e 3	Venda de uma excepcional coleção de arte	Oferece pinturas de autores brasileiros, franceses, espanhóis, italianos e portugueses, dentre os quais Columbano, Malhoa, Souza Pinto, Valle e Ribeiro.	...
<i>Correio da Manhã</i>	1 de novembro de 1913, p. 4, col. 6	Leilão de obras de arte	Venda de uma rara e rica galeria de arte, encontrando-se ali telas de Columbano e Souza Pinto.	...
<i>Correio da Manhã</i>	4 de novembro de 1913, p. 2, col. 4	...	O leilão dos bens do palacete à Rua São Clemente, com obras de Souza Pinto e Columbano.	...
<i>Correio Paulistano</i>	3 de dezembro de 1913, p. 3, col. 6 e 7; e p. 4, col. 1 e 2	Câmara Portuguesa de Comércio, Indústria e Arte	Sobre os esforços da instituição para aproximar mais Portugal e Brasil em inúmeros aspectos, prometendo trabalhar para uma melhor relação nas Belas Artes entre os dois países.	...
<i>A Notícia</i>	9 – 10 de dezembro de 1913, p. 1, col. 4 e 5	Uma vivenda artística	A riquíssima e nobre moradia carioca do industrial e colecionador português Francisco Prestes acolhe obras de Malhoa, Souza Pinto, Condeixa, Columbano, Almeida e Silva e Constantino Fernandes.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	13 de dezembro de 1913, p. 6, col. 3	...	Sobre a compra de um quadro de João Vaz para as galerias da Escola Nacional de Belas Artes.	...



Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
1914				
<i>A Noite</i>	5 de janeiro de 1914, p. 2, col. 6	As coisas preciosas	Leilão de objetos de alto valor artístico, como quadros de José Malhoa.	...
<i>O Paiz</i>	17 de janeiro de 1914, p. 6, col. 5	Carta de Portugal. O pintor José Campos na América do Sul	Anuncia a breve partida do artista de Portugal para promover exposições no Brasil e na Argentina, seguido de apelo ao comparecimento dos compatriotas.	...
<i>Revista da Semana</i>	21 de março de 1914, p. 31 a 34	Interiores Elegantes do Rio – A casa do Dr. José Prestes	A luxuosa residência que abrigava uma grande e valorosa galeria artística, como exemplares de Souza Pinto, Columbano e Malhoa.	...
<i>O Paiz</i>	15 de abril de 1914, p. 3, col. 7	Carta de Paris. Paris, 27 de março	Anuncia a viagem do pintor José Campos, estimado no meio francês, para o Rio de Janeiro.	Xavier de Carvalho
<i>O Paiz</i>	19 de abril 1914, p. 8, col. 7	Carta de Portugal. O pintor José Campos no Brasil	Exposição de quadros do artista na <i>Ilustração Portuguesa</i> , muitos dos quais ele levaria para vender no Brasil e na Argentina.	...
<i>Fon Fon</i>	25 de abril de 1914, ano VIII, n. 17, p. 26	José Campas	A vinda do pintor ao Brasil, esse “intérprete delicado da alma simples de Portugal”, discípulo de Carlos Reis e aceito no <i>Salon</i> .	...
<i>Jornal do Brasil</i>	28 de abril de 1914, p. 7, col. 7	Exposições de Arte – Chega ao Rio o pintor Sr. José Campos	Identificado como discípulo de Carlos Reis, tem seus feitos no exterior apontados para corroborar a importância da sua exposição.	...
<i>O Paiz</i>	28 de abril de 1914, p. 3, col. 1	Vida Social – Viajantes	A chegada (no dia 27) de José Campos ao Rio de Janeiro e breve narrativa de sua trajetória.	...
<i>Correio da Noite</i>	29 de abril de 1914, p. 2, col. 4 a 5	O intercâmbio luso-brasileiro – Chegou ao	Breve trajetória artística de Campas, abrangendo desde o seu laureado período estudantil até a sua já consolidada carreira profissional. Comentário sobre	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
		Rio o pintor José Campas	sua fatura e as preferências temáticas.	
<i>Gazeta de Notícias</i>	29 de abril de 1914, p. 2, col. 5	Telas de um português – A exposição José Campas	A chegada do pintor ao Rio de Janeiro, apresentado como discípulo de Carlos Reis. O reconhecimento na Europa.	...
<i>A Noite</i>	30 de abril de 1914, p. 2, col. 4	O pintor José Campas	O artista visita a redação do jornal e anuncia a breve chegada de suas telas para a mostra na ENBA.	...
<i>Correio da Noite</i>	2 de maio de 1914, p. 2, col. 4	Um grande artista – José Campas	Apresentação do pintor e das glórias de sua carreira europeia, por um autor que nunca o viu.	Luiz A. Palmeirin
<i>A Notícia</i>	2 – 3 de maio de 1914, p. 3, col. 3	Um pintor português	Reproduz uma fotografia de José Campas junto de um dos seus quadros a serem expostos.	...
<i>O Paiz</i>	3 de maio de 1914, p. 3, col. 4	Artes e Artistas – Exposição Correia Dias	Anuncia a inauguração da “exposição de humorismo” no dia 5, nos salões da Associação de Imprensa, com 100 obras.	...
<i>O Paiz</i>	3 de maio de 1914, p. 3, col. 5	Artes e Artistas – José Campas	Sobre a estadia do pintor no Rio de Janeiro. Transcrição de artigo elogioso originalmente publicado no <i>Diário de Notícias</i> de Lisboa.	...
<i>O Paiz</i>	4 de maio de 1914, p. 3, col. 6	Artes e Artistas – Correia Dias	O <i>vernissage</i> para a imprensa e artistas no dia 5, com abertura dos salões da Associação de Imprensa para o público no 6 de maio.	...
<i>A Notícia</i>	4 – 5 de maio de 1914, p. 2, col. 2	Os artistas portugueses – A exposição de caricaturas de Correia Dias	O <i>vernissage</i> do evento para notáveis, jornalistas e o presidente da República. Listagem de algumas das 97 obras expostas ali, dentre caricaturas e charges.	...
<i>Careta</i>	9 de maio de 1914, p. 41	Artes e Letras	José Campas visita a redação do jornal e anuncia breve exposição.	...
<i>Correio da Noite</i>	9 de maio de 1914, p. 3, col. 7	A sociedade & a moda	A abertura da mostra de José Campas no dia 11, em um dos salões do palácio das Belas Artes	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Fon Fon</i>	9 de maio de 1914, Ano VIII, n. XVIII, p. 24	Notas de Arte	Reproduz um retrato e uma tela de José Campas, “o pintor das paisagens e da vida simples das aldeias de Portugal”.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	9 de maio de 1914, p. 1, col. 2	...	Ferreira de Almeida, encarregado de negócios de Portugal, convida o presidente da República para visitar as exposições de José Campas e Correia Dias.	...
<i>A Noite</i>	9 de maio de 1914, p. 4, col. 6	Exposição de pintura	José Campas inaugura a sua mostra na ENBA no dia 11, junto ao presidente da República.	...
<i>O Paiz</i>	9 de maio de 1914, p. 1, col. 3	Ecos e Fatos	Ferreira de Almeida, encarregado de negócios de Portugal, convida o presidente da República para comparecer às exposições de José Campas e Correia Dias.	...
<i>O Paiz</i>	9 de maio de 1914, p. 3, col. 5	Vida Social – Exposições	Inauguração da mostra de José Campas no dia 11 de maio, no salão da ENBA, em presença do presidente da República.	...
<i>Revista da Semana</i>	9 de maio de 1914, p. 21	A exposição de José Campas	Reproduz artigo publicado em Portugal antes da partida do pintor para o Brasil.	Cristovam Ayres
<i>A Notícia</i>	9 – 10 de maio de 1914, p. 1, col. 5	Pé de coluna	A inauguração da mostra de José Campos no salão da ENBA, na presença do presidente da República.	...
<i>Imparcial, O</i>	10 de maio de 1914, p. 9, col. 6	Artes	José Campos convida a redação para a inauguração de sua exposição no dia seguinte.	...
<i>O Paiz</i>	10 de maio de 1914, p. 4, col. 6	Artes e Artistas – Exposição	Inauguração da mostra de José Campas na ENBA, com fim programado para o dia 25.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	11 de maio de 1914, p. 1, col. 6	O pintor José Campas inaugura hoje a sua exposição	A inauguração do evento nas salas da Escola Nacional de Belas Artes, com presença do presidente da República e de sua esposa.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Noite</i>	11 de maio de 1914, p. 3, col. 5	Inaugurou-se hoje a exposição de pintura do artista português José Campas	A abertura do evento às 15 horas, que contou com a presença do presidente da República e sua esposa, dentre muitos outros notáveis.	...
<i>O Paiz</i>	11 de maio de 1914, p. 1, col. 4.	Ecos e Fatos	Visita do presidente da República e sua esposa à exposição de Correia Dias no dia seguinte.	...
<i>O Paiz</i>	11 de maio de 1914, p. 3, col. 5	Artes e Artistas – Exposição Campas	A inauguração da mostra de 80 quadros de José Campas na ENBA, sua fama internacional e a reprodução de duas telas.	...
<i>Correio da Manhã</i>	12 de maio de 1914, p. 2, col. 2	O dia do presidente	A visita do Chefe de Estado à mostra de José Campos, na Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>Correio da Noite</i>	12 de maio de 1914, p. 7, col. 7	A sociedade & a moda	A contínua boa afluência à mostra de José Campas na Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	12 de maio de 1914, p. 1, col. 1	O dia de ontem	O presidente da República e comitiva na inauguração da mostra de José Campas.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	12 de maio de 1914, p. 4, col. 4	Arte Portuguesa – A exposição José Campas é inaugurada com a assistência do Sr. presidente da República	O encantamento do chefe de Estado brasileiro e esposa para com a obra do pintor português na Escola Nacional de Belas Artes, fazendo-se presentes também na ocasião os mais importantes nomes da sociedade, da política e da cultura carioca.	...
<i>Imparcial, O</i>	12 de maio de 1914, p. 1	O pintor português José Campas inaugurou ontem a exposição de seus trabalhos	Matéria de primeira página e que ocupa toda a folha com reproduções fotográficas das telas exibidas pelo pintor português na ocasião de sua mostra e um retrato seu. A legenda nomeia as obras e ressalta a boa concorrência de amadores ao certame artístico.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Imparcial, O</i>	12 de maio de 1914, p. 2, col. 5	S. Ex. assiste à exposição Campas	O chefe de Estado, acompanhado da esposa e autoridades, vai à inauguração da mostra na ENBA.	...
<i>Imparcial, O</i>	12 de maio de 1914, p. 5, col. 6	O pintor português, José Campas, inaugurou, ontem, a exposição de seus trabalhos na escola de Belas Artes	As autoridades políticas presentes na abertura da mostra de 79 telas do discípulo de Carlos Reis, pintor de talento aceito no <i>Salon</i> parisiense e que atualmente denotava maior gosto pela paisagem.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	12 de maio de 1914, p. 9, col. 7 e 8	Artistas Portugueses – A inauguração da exposição do pintor José Campas	A abertura da mostra na presença do presidente da República e sua esposa, que muito aplaudem os quadros. Listagem de algumas das telas exibidas e anúncio do fim do evento para o dia 25 de maio.	...
<i>O Paiz</i>	12 de maio de 1914, p. 7, col. 6 e 7	Artes e Artistas – Exposição José Campas	A inauguração da mostra na ENBA no dia anterior, com elogios do público e do presidente da República.	...
<i>O Paiz</i>	12 de maio de 1914, p. 7, col. 7	Artes e Artistas – Correia Dias	Audiência especial durante a qual o presidente da República analisa e aplaude as obras do caricaturista	...
<i>A Notícia</i>	12 – 13 de maio de 1914, p. 1, col. 3	...	A visita do presidente da República, Hermes da Fonseca, à mostra de caricaturas de Correia Dias.	...
<i>A Notícia</i>	12 – 13 de maio de 1914, p. 3, col. 3	Os artistas portugueses – A abertura da exposição de José Campas	Evento na ENBA conta com a presença do presidente da República. Elogio ao pintor e ferrenhas críticas ao lamentável estado das artes no Brasil.	Antonius
<i>O Paiz</i>	13 de maio de 1914, p. 3, col. 4 e 5	Artes e Artistas – Exposição de pinturas de José Campas	A mostra do pintor português na Escola Nacional de Belas Artes e a listagem de seus visitantes mais ilustres.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Jornal do Brasil</i>	14 de maio de 1914, p. 9, col. 3	Notas Sociais – Exposições	Boa visitação à mostra de José Campas na ENBA e venda de mais uma tela. Encerramento marcado para o dia 25 de maio.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	15 de maio de 1914, p. 7, col. 4 e 5	Notas Sociais – Exposições	Rodolpho Bernardelli visita a mostra de José Campas. Venda de mais dois quadros.	...
<i>O Paiz</i>	15 de maio de 1914, p. 4, col. 3	Artes e Artistas – Exposição José Campas	O contínuo sucesso da mostra, visitada por personalidades políticas e artísticas. Indica nova vendagem de telas.	...
<i>Fon Fon</i>	16 de maio de 1914, ano VIII, n. 20, p. 22	...	Reproduz o quadro <i>Caldo Verde</i> , presente na exposição de José Campas na Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>O Paiz</i>	16 de maio de 1914, p. 4, col. 5	Artes e Artistas – Exposição José Campas	Os muitos visitantes à mostra na Escola Nacional de Belas Artes, que segue franqueada ao público das 10 às 17 horas.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	18 de maio de 1914, p. 2, col. 4 e 5	Arte – Um jovem pintor português	Análise complexa da obra de José Campas e sua trajetória dentro da conjuntura artística internacional.	X.
<i>O Paiz</i>	18 de maio de 1914, p. 2, col. 5	Artes e Artistas – Exposição José Campas	O contínuo sucesso de público e de crítica da mostra portuguesa na Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>O Paiz</i>	21 de maio de 1914, p. 3, col. 5	Artes e Artistas – Exposição José Campas	Sucesso do evento na Escola Nacional de Belas Artes e a vendagem de alguns exemplares, com reprodução de um quadro.	...
<i>O Paiz</i>	22 de maio de 1914, p. 4, col. 6	Artes e Artistas – Exposição José Campas	A boa visitação e vendagem de quadros da mostra realizada nos salões da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	23 de maio de 1914, p. 2, col. 3	Arte portuguesa – Exposição de pintura José Campas	Boa visitação à mostra na Escola Nacional de Belas Artes. Listagem de quadros vendidos e seus compradores. Últimos dias antes do encerramento.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Jornal do Brasil</i>	23 de maio de 1914, p. 7, col. 3	Belas Artes – Artes portuguesas / Exposição José Campas	A boa visitação à mostra, com indicação de mais quadros vendidos e respectivos compradores. Alerta para o seu breve encerramento.	...
<i>A Noite</i>	23 de maio de 1914, p. 2, col. 2	A exposição José Campas	Sucesso constante da mostra, fato já esperado diante da brilhante carreira do pintor português.	...
<i>O Paiz</i>	23 de maio de 1914, p. 1, col. 7	Carta de Paris. Paris, 1 de maio – José Campas	Reproduz uma crônica publicada na revista feminina <i>Elegâncias</i> sobre a mostra do pintor português no Rio de Janeiro.	...
<i>O Paiz</i>	23 de maio de 1914, p. 4, col. 3	Artes e Artistas – Exposição José Campas	A boa acolhida da mostra portuguesa pelo público carioca e a vendagem de mais quadros a nomes importantes da sociedade.	...
<i>Revista da Semana</i>	23 de maio de 1914, p. 21	A exposição José Campas	O talento do impecável pintor português e frequente expositor no <i>Salon</i> francês.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	25 de maio de 1914, p. 2, col. 4	Arte portuguesa – Exposição de pintura José Campas	As personalidades de vulto que visitaram a mostra, como Olavo Bilac e Julião Machado. Listagem de quadros vendidos e seus compradores.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	25 de maio de 1914, p. 9, col. 5 e 6	Belas Artes – Exposição de pinturas José Campas	O sucesso da mostra, visitada por altos nomes da sociedade carioca, a venda de quadros e seus compradores.	...
<i>Correio da Noite</i>	26 de maio de 1914, p. 3, col. 7	A sociedade & a moda	O encarregado dos negócios de Portugal no Brasil, Ferreira de Almeida, oferece um jantar a José Campas e Correia Dias.	...
<i>A Noite</i>	25 de maio de 1914, p. 4, col. 6	Jantares	Ferreira de Almeida, encarregado dos negócios de Portugal no Brasil, oferece um jantar a José Campas e Correia Dias.	...
<i>O Paiz</i>	26 de maio de 1914, p. 3, col. 3	Vida Social – Jantares	Ferreira de Almeida, encarregado dos negócios de Portugal no Brasil, oferece um jantar a José Campas e Correia Dias.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Notícia</i>	26 – 27 de maio de 1914, p. 1, col. 3	Pé de coluna	Ferreira de Almeida, encarregado dos negócios de Portugal, oferece um jantar aos artistas José Campas e Corrêa Dias.	...
<i>O Paiz</i>	27 de maio de 1914, p. 3, col. 7	Artes e Artistas – Exposição Campas	O sucesso da mostra que se achava instalada no salão da Escola Nacional de Belas Artes e os muitos elogios recebidos.	...
<i>O Paiz</i>	29 de maio de 1914, p. 5, col. 6	Artes e Artistas – Exposição José Campas	O sucesso da mostra e a compra de suas telas por altas personalidades e importantes colecionadores.	...
<i>Imparcial, O</i>	30 de maio de 1914, p. 9, col. 6	Arte portuguesa – Exposição de pintura José Campas	Anuncia para o dia seguinte o fim da mostra na Escola Nacional de Belas Artes, que vinha sendo muito visitada e elogiada. Venda de 11 quadros.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	30 de maio de 1914, p. 9, col. 4	Notas Sociais – Exposições	O fim da mostra de José Campas no dia seguinte, seu sucesso de público e de venda.	...
<i>O Paiz</i>	30 de maio de 1914, p. 4, col. 6	Artes e Artistas – Exposição José Campas	Anuncia o encerramento da mostra, que foi um grande sucesso, para o dia 31 de maio e convoca as últimas visitas.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	31 de maio de 1914, p. 8, col. 7	Arte portuguesa – A exposição de pinturas José Campas	O encerramento da mostra, em andamento na ENBA, neste dia. Indica uma tela vendida no dia anterior e seu respectivo comprador.	...
<i>O Paiz</i>	31 de maio de 1914, p. 3, col. 6	Artes e Artistas – José Campas	Convoca os visitantes para este último dia de exposição, exaltando o talento do pintor.	...
<i>A Notícia</i>	1 – 2 de junho de 1914, p. 2, col. 4	Os roubos e a arte. Roubaram dois quadros da exposição Corrêa Dias	O articulista confirma o roubo de duas obras que estavam expostas nos salões da Associação de Imprensa: uma caricatura de Christiano Cruz e <i>Na sombra</i> .	...



Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Correio da Noite</i>	2 de junho de 1914, p. 4, col. 4	No domínio das Belas Artes – Exposição Campas	Notícia o fim da mostra de José Campas, que vendeu quase todos os seus quadros exibidos na Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>A Noite</i>	8 de junho de 1914, p. 4, col. 6	...	José Campas oferece um quadro à Associação de Imprensa e parte para a Europa.	...
<i>Imparcial, O</i>	9 de junho de 1914, p. 8, col. 2	Notas Sociais – Visitas	José Campas vai à redação do jornal para se despedir antes de retornar à Europa.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	9 de junho de 1914, p. 9, col. 6	Hóspedes e Viajantes	A partida para a Europa de José Campas, que foi ao jornal para se despedir e agradecer.	...
<i>O Século</i>	10 de junho de 1914, p. 1, col. 2	Viajantes	A partida de José Campas neste dia, a bordo do <i>Aragon</i> , para a Europa.	...
<i>O Paiz</i>	10 de junho de 1914, p. 5, col. 3	Vida Social – Viajantes	Anuncia a partida de José Campas para Portugal, elogiando a sua atuação no Brasil.	...
<i>A Notícia</i>	10 – 11 de junho de 1914, p. 3, col. 5	Pequenos Ecos	A partida do artista português José Campas para a Europa.	...
<i>O Paiz</i>	11 de junho de 1914, p. 3, col. 3	Vida Social	Os distintos nomes que compareceram à partida de José Campas para Portugal.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	23 de junho de 1914, p. 1, col. 7 e 8	Vida Artística – Chegou ontem ao Rio o pintor português Antonio Carneiro	Reproduz <i>Cabeça de Cristo</i> , de autoria do artista. As iniciais impressões do pintor após sua primeira estadia no Brasil. As providências para a mostra no Gabinete Português de Leitura (que não se concretizam) e as obras presas na Alfândega.	...
<i>A Notícia</i>	23 – 24 de junho de 1914, p. 2, col. 3	O nosso ilustre hóspede, Antonio Carneiro,	Reproduz uma entrevista do pintor, que comenta sobre o renascimento artístico português nos últimos anos, a consequente melhora da qualidade dos artistas	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
		fala-nos do movimento artístico em Portugal	e do interesse do público. Anuncia, ainda, a breve abertura de sua exposição no Rio de Janeiro.	
<i>Correio da Manhã</i>	24 de junho de 1914, p. 2, col. 4	Antonio Carneiro	A visita do pintor, que aguardava a chegada dos seus quadros, à redação do jornal.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	24 de junho de 1914, p.2, col. 5	Pequeno registro	Sobre a docilidade das crianças de Antonio Carneiro, que transmitem paz ao público.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	24 de junho de 1914, p. 9, col. 1	Notas Sociais – Visitas	O jornal recebe a visita do pintor português Antonio Carneiro, chegado ao Brasil no dia 22.	...
<i>Fon Fon</i>	27 de junho de 1914, Ano VIII, n. 26, p. 22	Na arte	Elogio à doçura, serenidade e suavidade de Antonio Carneiro, características pessoais que ele parecia transmitir às suas obras.	...
<i>A Notícia</i>	27 – 28 de junho de 1914, p. 3, col. 2	Antonio Carneiro	Alerta para a presença do grande artista no Rio de Janeiro e para a proximidade da abertura de sua esperada exposição.	...
<i>O Paiz</i>	2 de julho de 1914, p. 4, col. 4	Artes e Artistas – O pintor Antonio Carneiro	Reprodução de um artigo publicado anteriormente em Portugal sobre a ida do artista para o Brasil, comentando sobre seu talento e fama.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	3 de julho de 1914, p 2, col. 2 e 3	Vida Artística – O pintor Antonio Carneiro	O certame instalado na ENBA entre os dias 7 e 25 de julho. A fama do pintor em Paris, Bruxelas e Portugal, gerando ansiedade no público para a inauguração.	...
<i>O Paiz</i>	4 de julho de 1914, p. 4, col. 4 e 5	Artes e Artistas – Antonio Carneiro	A expectativa do público para a abertura da exposição, elogio ao pintor e reprodução de breve entrevista.	...
<i>Revista da Semana</i>	4 de julho de 1914, p. 32	Um grande artista português no Rio –	Elogio a um dos melhores desenhistas de Portugal e um dos nomes que mais honram a arte portuguesa. O sucesso do pintor	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
		Antonio Carneiro	entre a sociedade imigrante por seu talento como retratista.	
<i>Correio da Manhã</i>	5 de julho de 1914, p. 1, col. 7 e 8	Antonio Carneiro	As tentativas de aproximação entre Brasil e Portugal a efetivarem-se no campo artístico.	Manoel de Souza Pinto
<i>Gazeta de Notícias</i>	5 de julho de 1914, p. 1, col. 1 e 2	Antonio Carneiro – Pintor e filósofo	Texto de forte cunho literário, no qual o autor expressa sua admiração para com a obra e a personalidade do pintor.	João de Barros
<i>Gazeta de Notícias</i>	5 de julho de 1914, p. 3, col. 3 e 4	Arte portuguesa – Uma admirável cabeça de Antonio Carneiro	Reproduz <i>Cabeça de menina</i> . Informa sobre a mostra a ser brevemente inaugurada na Escola Nacional de Belas Artes, local erroneamente indicado, já que ela ocorre na Galeria Jorge.	...
<i>O Paiz</i>	10 de julho de 1914, p. 2, col. 5 e 6	Artes e Artistas – O pintor Antonio Carneiro	O percurso profissional do pintor, a exposição no Brasil, o sucesso internacional e o estado das Belas Artes em Portugal.	Julio Brandão
<i>Gazeta de Notícias</i>	12 de julho de 1914, p. 6, col. 5	Vida Artística – Mais uma exposição que se realiza na Galeria Jorge	A importância do local, inaugurado há pouco, para as artes brasileiras, com sucessivas e importantes mostras instaladas ali, dentre as quais, a do notório pintor português Antonio Carneiro.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	14 de julho de 1914, p. 2, col. 2	Vida Artística – Abre-se na próxima semana a exposição Antonio Carneiro	A liberação pela Alfândega das 10 caixas com quadros do pintor português, que foram imediatamente enviadas à Galeria Jorge para proceder à montagem da mostra, que deveria ser, então, brevemente inaugurada.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	17 de julho de 1914, p. 3, col. 2	Vida Artística – Está marcada para amanhã a exposição do pintor	Afirma que o certame “marcará definitivamente uma época no momento artístico brasileiro”. Espera-se, pelo renome do artista no estrangeiro, que sua mostra	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
		Antonio Carneiro	seja disputada por amadores e colecionadores brasileiros.	
<i>Jornal do Brasil</i>	17 de julho de 1914, p. 7, col. 6	Belas Artes – Exposição de pintura	A inauguração no dia seguinte, pelo presidente da República, da mostra de António Carneiro.	...
<i>A Noite</i>	17 de julho de 1914, p. 2, col. 3	Está marcada para amanhã a inauguração da exposição do pintor Antonio Carneiro	Esperava-se que o certame, que “marcará época no movimento artístico brasileiro”, fosse muito visitado por amadores e colecionadores. O pintor já tinha fama consolidada na Bélgica e em Paris.	...
<i>O Paiz</i>	17 de julho de 1914, p. 4, col. 6	Artes e Artistas - Exposição Antonio Carneiro	Anuncia a abertura da mostra na Galeria Jorge, com presença do presidente da República, para o dia seguinte (18 de julho).	...
<i>A Notícia</i>	17 – 18 de julho de 1914, p. 1, col. 4	Vida artística. Está marcada para amanhã a exposição do pintor Antonio Carneiro	A abertura da mostra na presença do presidente da República, com muitos elogios ao pintor, que com este evento iria marcar época no Brasil.	...
<i>Correio da Manhã</i>	18 de julho de 1914, p. 2, col. 8	Exposições	O convite à inauguração da mostra de António Carneiro a ocorrer neste dia.	...
<i>Correio da Noite</i>	18 de julho de 1914, p. 3, col. 5	O presidente	O chefe de Estado e sua esposa assistem à inauguração da mostra de António Carneiro.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	18 de julho de 1914, p. 2, col. 2 a 4	Vida artística – O eminente pintor português Antonio Carneiro faz hoje sua exposição	Articulista aponta o artista como o maior que já veio ao Brasil e afirma que sua mostra é uma impressão de arte moderna. Convoca a todos para visitarem o certame instalado na Galeria Jorge. Reproduz uma foto do pintor em ação.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Imparcial, O</i>	18 de julho de 1914, p. 2, col. 6	Inaugura-se hoje a exposição Antonio Carneiro	A mostra de 135 quadros, dos quais 50 são pinturas (o artigo aponta todos os títulos), 9 aquarelas e 76 desenhos. A visita do presidente da República.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	18 de julho de 1914, p. 7, col. 7	Belas Artes – Exposição Antonio Carneiro	A inauguração da mostra do afamado pintor, que contaria com 135 quadros: 50 pinturas, 9 aquarelas e 76 desenhos.	...
<i>A Noite</i>	18 de julho de 1914, p. 3, col. 2	O pintor Antonio Carneiro inaugurou, à tarde, a sua exposição	Apesar do salão cheio e da grande expectativa, o presidente da República não comparece à inauguração, que acaba marcada por um indelicado caso de roubo a um dos visitantes.	...
<i>O Paiz</i>	18 de julho de 1914, p. 4, col. 3 e 4	Artes e Artistas – Antonio Carneiro	A abertura da exposição na Galeria Jorge, com reprodução de uma tela e elogios ao talento do pintor.	...
<i>Rua, A</i>	18 de julho de 1914, p. 2, col. 2	...	O presidente da República e esposa visitam neste dia a exposição de Antônio Carneiro.	...
<i>A Notícia</i>	18 – 19 de julho de 1914, p. 1, col. 5	A notável exposição de pintura e desenho aberta hoje	A exibição na Galeria Jorge dos 59 quadros a óleo e aquarelas, e dos 76 desenhos de Antônio Carneiro, com suas figuras suaves e emotivas.	...
<i>A Notícia</i>	18 – 19 de julho de 1914, p. 2, col. 2	O Sr. Presidente da República	Visita do chefe de Estado e de sua esposa à exposição de Antonio Carneiro instalada na Galeria Jorge.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	19 de julho de 1914, p. 6, col. 2 a 4	Vida Artística – Inaugurou-se ontem a exposição do eminente pintor Antonio Carneiro	O grande esplendor do evento, que reuniu a nata da elite carioca, admirados com o trabalho do pintor. A visita do presidente da República, de representantes da política portuguesa e de alguns nomes da arte brasileira, como os irmãos Bernardelli e Rodolpho Amoedo. Reproduz desenhos e um retrato feitos pelo artista.	...

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>Gazeta de Notícias</i>	19 de julho de 1914, p. 6, col. 5	O dia de ontem	O presidente da República e sua comitiva na abertura da mostra de Antônio Carneiro.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	19 de julho de 1914, p. 8, col. 1	Binóculo	Elogio à habilidade de Antônio Carneiro para fixar a alma feminina em suas telas.	...
<i>Imparcial, O</i>	19 de julho 1914, p. 8, col. 3	Arte – Exposição Antonio Carneiro	A inauguração da mostra com mais de cem quadros, que contou com visitas de distintos nomes da sociedade e da política carioca.	...
<i>O Paiz</i>	19 de julho de 1914, p. 6, col. 5	Artes e Artistas - Exposição Antonio Carneiro	A inauguração da mostra na Galeria Jorge na presença do presidente da República e outros notáveis. Elogio à produção do pintor português.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	20 de julho de 1914, p. 3, col. 8	Vida Artística – Exposição Antonio Carneiro	A contínua concorrência à mostra, inaugurada no último sábado nas dependências da Galeria Jorge.	...
<i>O Paiz</i>	21 de julho de 1914, p. 3, col. 3	Artes e Artistas – Exposição Antonio Carneiro	Listagem dos nomes mais proeminentes dos visitantes da mostra na Galeria Jorge, destacando o talento e as belas exibições do pintor.	...
<i>Correio da Manhã</i>	22 de julho de 1914, p. 5, col. 3	Sociais – Exposições	A boa visitação de artistas, diletantes e curiosos à mostra de Antônio Carneiro.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	22 de julho de 1914, p. 6, col. 2	Sociais – Exposições	Os muitos visitantes à mostra de Antônio Carneiro, como o artista brasileiro Belmiro de Almeida.	...
<i>O Paiz</i>	23 de julho de 1914, p. 4, col. 6	Artes e Artistas - Exposição Antonio Carneiro	A grande afluência da sociedade carioca, especialmente da sua elite, à mostra artística na Galeria Jorge.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	24 de julho de 1914, p. 1, col. 7	Vida Artística – Exposição	O sucesso do evento e a boa visitação, que incluía homens de letras, artistas e conhecidos	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
		Antonio Carneiro	amadores. A admiração ao talento do artista.	
<i>O Paiz</i>	24 de julho de 1914, p. 4, col. 3	Artes e Artistas – Exposição Antonio Carneiro	A contínua concorrência do público à Galeria Jorge, inclusive do artista João Timotheo da Costa e de Ramalho Ortigão.	...
<i>Fon Fon</i>	25 de julho de 1914, ano VIII, n. 30, p. 32	A exposição de Antonio Carneiro	O articulista visita a mostra do pintor português e comenta o sentimento de triste doçura exalado pelas telas.	...
<i>O Paiz</i>	25 de julho de 1914, p. 4, col. 2	Artes e Artistas – Exposição Antonio Carneiro	Os trabalhos exibidos na Galeria Jorge e as boas vendas efetuadas a colecionadores. Reproduz o desenho <i>O Batismo</i> .	...
<i>O Paiz</i>	26 de julho de 1914, p. 3, col. 6	Artes e Artistas – Exposição Antonio Carneiro	A boa afluência à mostra na Galeria Jorge, com excelentes vendas (indica os nomes de algumas telas e de seus compradores).	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	27 de julho de 1914, p. 1, col. 3	Vida Artística – Exposição Antonio Carneiro	A mostra do pintor português atrai amadores e artistas brasileiros à Galeria Jorge.	...
<i>O Paiz</i>	28 de julho de 1914, p. 3, col. 3 e 4	Artes e Artistas – Exposição Antonio Carneiro	Continua a boa afluência à mostra na Galeria Jorge. A indiscutível qualidade dos <i>crayons</i> e telas do artista português.	...
<i>O Paiz</i>	29 de julho de 1914, p. 4, col. 4	Antonio Carneiro	Exalta as marinhas do pintor expostas na Galeria Jorge e compara a fatura sóbria de seus retratos com a de Columbano.	Agripino Grieco
<i>O Paiz</i>	31 de julho de 1914, p. 5, col. 7	Artes e Artistas – Exposição Antonio Carneiro	A contínua concorrência à mostra na Galeria Jorge, convocação aos colecionadores interessados e listagem dos visitantes mais ilustres.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Ilustração Brasileira</i>	1 de agosto de 1914, p. 6	Antonio Carneiro	A admiração da elite carioca pela obra do pintor, uma mística representação dele próprio.	E. de M.
<i>A Ilustração Brasileira</i>	1 de agosto de 1914, p. 29, col. 4	Exposição Antonio Carneiro	Salienta o sucesso do pintor em Paris e Bruxelas e a presença de todos os artistas brasileiros na sua mostra, confirmando seu talento.	...
<i>Revista da Semana</i>	1 de agosto de 1914, p. 31	A exposição do pintor português Antonio Carneiro	O contínuo deslumbramento do público diante das obras do pintor, seguidos de sinceros elogios por parte da imprensa.	...
<i>Correio da Manhã</i>	3 de agosto de 1914, p. 2, col. 3 e 4	Antonio Carneiro, pintor	Texto de ode ao artista, que expunha 134 doces e suaves trabalhos na Galeria Jorge.	...
<i>O Paiz</i>	9 de agosto de 1914, p. 4, col. 7	Artes e Artistas – Exposição Antonio Carneiro	Incentiva os colecionadores a comprarem os bons trabalhos do artista, que continuava a exhibir suas mais de 100 obras na Galeria Jorge.	...
<i>A Gazeta</i>	11 de agosto de 1914, p. 6, col. 2	Telegramas. Rio, 11	A inauguração da mostra de José Campos na ENBA, na presença do presidente da República.	...
<i>O Paiz</i>	11 de agosto de 1914, p. 3, col. 7	Artes e Artistas – Exposição Antonio Carneiro	A boa visitação à mostra na Galeria Jorge, apesar dos trágicos acontecimentos que se desenrolavam na Europa.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	17 de agosto de 1914, p. 2, col. 6	Vida Artística – Exposição Antonio Carneiro	A boa visitação à mostra, apesar das vicissitudes da Guerra, acompanhada também de vultuosas vendas de quadros e desenhos.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	19 de agosto de 1914, p. 2, col. 3	Vida Artística – Antonio Carneiro encerra sábado a sua exposição	Elogio ao maior desenhista de Portugal, comparável apenas a Columbano. A analogia com obras de Velásquez, Ribera e Leonardo da Vinci. As poucas vendas. As diversas visitas de amadores e artistas à mostra.	...



Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	20 de agosto de 1914, p. 3, col. 4	Artes e Artistas – Exposição Antonio Carneiro	Anuncia o encerramento da mostra na Galeria Jorge para o dia 22 de agosto e a alta estima dos colecionadores pelas obras do artista.	...
<i>O Paiz</i>	21 de agosto de 1914, p. 6, col. 7	Artes e Artistas – Exposição Antonio Carneiro	O encerramento, no dia posterior (22 de agosto), da mostra na Galeria Jorge, cujo sucesso teria sido muito significativo.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	22 de agosto de 1914, p. 2, col. 4	Vida Artística – Encerra-se hoje a exposição do pintor Antonio Carneiro	A mais importante mostra de um artista estrangeiro instalada no Rio de Janeiro. Elogio à habilidade do pintor, comparando a qualidade de seus desenhos com os de Leonardo da Vinci. Lamenta o resultado pouco frutífero do certame.	...
<i>O Paiz</i>	22 de agosto de 1914, p. 4, col. 6	Artes e Artistas – Encerramento da exposição Antonio Carneiro	Informa sobre o encerramento da mostra neste dia, elogiando o talento do artista. O pouco interesse do público devido à I Guerra Mundial. Relembra que foi João do Rio quem o convenceu a expor no Brasil.	...
<i>O Paiz</i>	24 de agosto de 1914, p. 2, col. 7	Carta de Paris. Paris, 26 de julho. Rodrigo Soares no Brasil	Anuncia a partida do pintor, após quase 15 anos de ausência, para o Rio de Janeiro e São Paulo, onde provavelmente organizaria uma exposição de quadros.	Xavier de Carvalho
<i>O Século</i>	28 de agosto de 1914, p. 2, col. 6	Viajantes	Notícia a breve partida de Antônio Carneiro para o Paraná, após o sucesso no Rio.	...
<i>O Paiz</i>	28 de agosto de 1914, p. 5, col. 2	Vida Social – Viajantes	Partida de Antônio Carneiro para o Paraná com fins de visitar um familiar.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	31 de agosto de 1914, p. 2, col. 7	Galeria Jorge – A reabertura da sua sala de	O rearranjo do local, após a mostra de Antônio Carneiro, para expor mais de cem telas de modernos artistas nacionais e	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
		exposição permanente	estrangeiros (dentre os quais, o próprio António Carneiro).	
<i>O Paiz</i>	11 de setembro de 1914, p. 2, col. 1 e 2	Pena, pincéis e lápis	As três figuras portuguesas que estavam no Brasil: Costa Macedo (cronista), António Carneiro (pintor) e Correia Dias (caricaturista).	Carlos Maul
<i>A Noite</i>	12 de setembro de 1914, p. 2, col. 6	Diplomacia	O encarregado de negócios de Portugal no Brasil oferece um banquete a António Carneiro.	...
<i>O Paiz</i>	12 de setembro de 1914, p. 3, col. 1	Vida Social – Jantares	Dr. Ferreira de Almeida, encarregado de negócios de Portugal, oferece um jantar ao pintor António Carneiro.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	13 de setembro de 1914, p. 9, col. 3	Sociais	Ferreira de Almeida, encarregado de Negócios de Portugal, oferece um jantar a António Carneiro.	...
<i>O Paiz</i>	13 de setembro de 1914, p. 6, col. 2	Vida Social – Jantares	O jantar oferecido no dia anterior a António Carneiro e o comparecimento de distintas personalidades portuguesas.	...
<i>Fon Fon</i>	26 de setembro de 1914, ano VIII, n. 39, p. 53 e 54	O irreal na arte – Sobre as exposições de Correia Dias e Antonio Carneiro	Poético elogio e análise literária da obra de António Carneiro, talvez “o mais impressionante dos artistas de hoje”.	Ronald de Carvalho
<i>O Paiz</i>	20 de outubro de 1914, p. 8, col. 6	Antonio Carneiro	A exposição do pintor em Curitiba narrada por um jornal local: sucesso e obras expostas.	...
<i>O Paiz</i>	26 de outubro de 1914, p. 3, col. 6	Artes e Artistas – O “salon” Antonio Carneiro	Reproduz o artigo de um jornal curitibano que noticia a abertura da mostra na Associação Comercial e comenta as telas expostas.	...

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>A Noite</i>	28 de outubro de 1914, p. 5, col. 3	Exposição de pintura em Curitiba	O fim da mostra de Antônio Carneiro no dia anterior, com conferência de Tasso Silveira.	...
<i>Rua, A</i>	28 de outubro de 1914, p. 4, col. 2	Pequenas Notícias – Curitiba, 27	O fim da exposição de Antônio Carneiro e a conferência de Tasso da Silveira sobre o artista.	...
<i>A Notícia</i>	28 – 29 de outubro de 1914, p. 2, col. 1	A exposição de Antonio Carneiro em Curitiba	O encerramento da mostra em Curitiba no dia 26 de outubro, com conferência de Tasso Silveira e muitos aplausos.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	29 de outubro de 1914, p. 9, col. 2	Exposição de pintura	Comunica o encerramento da mostra de Antônio Carneiro em Curitiba.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	2 de novembro de 1914, p. 2, col. 8	Antonio Carneiro – Exposição de retratos	Amigos organizam uma mostra dos retratos pintados durante a estadia do artista no Brasil, em homenagem ao seu trabalho.	...
<i>O Paiz</i>	3 de novembro de 1914, p. 3, col. 3	Artes e Artistas – Antonio Carneiro	O estrondoso sucesso do artista em Curitiba, apesar de sua passagem quase despercebida pelo Rio de Janeiro.	...
<i>Correio da Manhã</i>	9 de novembro de 1914, p. 4, col. 6	Sociais – Exposições	A abertura da mostra de 40 retratos pintados por Antônio Carneiro na Associação dos Empregados no Comércio.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	9 de novembro de 1914, p. 2, col. 1	Antonio Carneiro – Uma interessante exposição de retratos	A inauguração, na Associação dos Empregados no Comércio, da mostra dos retratos pintados pelo artista no Rio de Janeiro, a maioria de jornalistas, literatos e membros da elite.	...
<i>Imparcial, O</i>	9 de novembro de 1914, p. 6, col. 4	Notas Sociais – Arte	A inauguração da mostra de retratos de Antônio Carneiro no edifício da Associação dos Empregados no Comércio.	...
<i>O Século</i>	9 de novembro de 1914, p. 3, col. 4	O pintor Carneiro	A exposição de retratos organizada por amigos de Antônio Carneiro na Associação do Comércio.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Notícia</i>	9 – 10 de novembro de 1914, p. 2, col. 3	Notas de Arte – Abertura da exposição de retratos do notável artista, Antonio Carneiro	A mostra na Associação dos Empregados no Comércio dos retratos executados no Rio de Janeiro (exibe-se 20 dos 33 ou 34 pintados). Iniciativa de um grupo de amigos na ausência do pintor, que expunha em Curitiba.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	10 de novembro de 1914, p. 2, col. 1	Antonio Carneiro – Uma interessante exposição de retratos	Algumas das efígies exibidas na mostra instalada na Associação dos Empregados no Comércio. A presença do encarregado de Negócios e cônsul de Portugal na abertura do evento.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	10 de novembro de 1914, p. 9, col. 5	Notas Sociais – Exposições	A abertura, na Associação dos Empregados no Comércio, da mostra de 20 quadros pintados por Antonio Carneiro no Brasil.	...
<i>O Paiz</i>	10 de novembro de 1914, p. 2, col. 7	...	O encarregado de negócios e o cônsul de Portugal visitam a exposição de retratos de Antonio Carneiro na Associação dos Empregados no Comércio.	...
<i>O Paiz</i>	10 de novembro de 1914, p. 3, col. 6	Artes e Artistas – Antonio Carneiro	A inauguração no dia anterior da mostra de retratos, organizada por admiradores, na Associação dos Empregados no Comércio.	...
<i>Rua, A</i>	10 de novembro de 1914, p. 2, col. 4	Artes e Artistas	A boa visitação à nova mostra de Antônio Carneiro, que apresentava bons retratos a crayon.	...
<i>Imparcial, O</i>	12 de novembro de 1914, p. 8, col. 4 e 5	Exposição de arte	A grande afluência à mostra de Antônio Carneiro na Associação dos Empregados no Comércio e os melhores retratos exibidos.	...
<i>Revista da Semana</i>	21 de novembro de 1914, p. 27	A obra de Antonio Carneiro no Rio	Artigo de página inteira que reproduz os retratos pintados pelo artista quando de sua passagem pelo Rio de Janeiro.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Gazeta de Notícias</i>	11 de dezembro de 1914, p 4, col. 1	Binóculo	Sobre a habilidade de António Carneiro em reproduzir estados de alma e sua volta ao Rio de Janeiro para trabalhar mais.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	20 de dezembro de 1914, p. 8, col. 1	Binóculo	António Carneiro volta ao Rio de Janeiro e faz nova mostra na Galeria Jorge das telas que pintou no sul do Brasil.	...
<i>O Paiz</i>	20 de dezembro de 1914, p. 4, col. 4	Artes e Artistas – Antonio Carneiro	O pintor regressa ao Rio de Janeiro e inaugura nova exposição na Galeria Jorge antes de voltar a Portugal.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	21 de dezembro de 1914, p. 1, col. 8	Vida Artística – A Galeria Jorge re-exporá hoje algumas telas do ilustre pintor português Antonio Carneiro	Mostra organizada pelo próprio proprietário da Galeria Jorge, após o sucesso da primeira empreitada, reunindo quadros a óleo, desenhos e muitas marinhas de António Carneiro. Parece que o evento iria durar apenas um dia, sendo mesmo uma celebração do talento do artista português.	...
<b>1915</b>				
<i>Careta</i>	6 de fevereiro de 1915, p. 10	Antonio Carneiro – A figura e a estesia	Trecho literário e poético do livro intitulado “Antonio Carneiro – O irreal na figura e na paisagem”.	Ronald de Carvalho
<i>Gazeta de Notícias</i>	12 de fevereiro de 1915, p. 4, col. 3	Viajantes	Olavo Bilac e António Carneiro viajam a bordo do <i>Frisia</i> para a Europa, partindo no dia seguinte.	...
<i>Fon Fon</i>	20 de fevereiro de 1915, ano IX, n. 8, p. 24	Antonio Carneiro	O pintor regressa a Portugal e envia suas despedidas à redação da revista.	...
<i>Correio Paulistano</i>	27 de março de 1915, p. 4, col. 6	Registro de Arte – Exposição Rodrigo Soares	A inauguração da mostra do pintor português, neste dia, no palacete situado à rua Libero Badaró, em São Paulo.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Gazeta</i>	27 de março de 1915, p. 2, col. 3	Vida Artística – Exposição Rodrigo Soares	A inauguração, neste mesmo dia, da mostra instalada no palacete da rua Libero Badaró, n. 25 C, aberta ao público paulista das 11 às 17 horas.	...
<i>O Pirralho</i>	3 de abril de 1915, p. 4, col. 2 e 3	Rodrigo Soares	O sucesso da exposição aberta no Palacete Prates. As influências francesas na paleta do português.	...
<i>A Gazeta</i>	26 de abril de 1915, p. 1, col. 7	Vida Artística – Exposição de pintura	A boa visitação à mostra de Rodrigo Soares no Palacete Prates, à rua Libero Badaró.	...
<i>Correio da Noite</i>	29 de maio de 1915, p. 3, col. 7	Leilões de antiquaria	Sobre quem era José dos Santos Libório e sua atuação respeitada como vendedor de antiguidades.	Ribeiro da Silva
<i>Correio da Manhã</i>	26 de setembro de 1915, p. 3, col. 1	Os museus que se desfazem	Venda de rica coleção de palacete, constando telas de Columbano e Souza pinto.	...
<i>Correio da Manhã</i>	5 de outubro de 1915, p. 3, col. 3	Um leilão que ficará assinalado	No dia anterior tem início a venda dos 1.115 itens do palacete na praia de Botafogo, dentre os quais há uma tela de Columbano.	...
<i>A Noite</i>	23 de outubro de 1915, p. 6	Leilão	Venda da galeria de José Augusto Prestes, que continha quadros de Columbano, Malhoa, Souza Pinto, Christino e Condeixa.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	31 de outubro de 1915, p. 12	...	Anúncio de leilão da residência de José Augusto Prestes e quadros de Columbano, Souza Pinto, Malhoa, Christino, Condeixa, Almeida e Silva, Constantino Fernandes e Ribeiro Júnior.	...
<b>1916</b>				
<i>A Noite</i>	3 de janeiro de 1916, p. 3, col. 6	Artístico leilão de primorosos móveis e objetos de arte	Venda realizada no dia 4 pelo leiloeiro Virgílio. Continha quadros de José Malhoa.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Gazeta de Notícias</i>	27 de fevereiro de 1916, p. 5, col. 6	Letras & Artes – A arte portuguesa / Exposição Souza Pinto	A nova exposição dos últimos trabalhos de Souza Pinto que teve lugar na Sociedade Nacional de Belas Artes, com efusivos aplausos da crítica.	...
<i>O Paiz</i>	14 de abril de 1916, p. 3, col. 1 e 2	Portugal na Conflagração Europeia – Brasil-Portugal	O histórico das relações firmadas entre os dois países e a recente melhora no quadro diplomático após o início da Primeira Guerra Mundial.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	20 de setembro de 1916, p. 7, col. 7 e 8	Belas Artes – Galeria Jorge	Um evento organizado pelo próprio estabelecimento exibia telas de João Batista da Costa, António Carneiro e Zier.	Bueno Amador
<i>O Paiz</i>	6 de novembro de 1916, p. 5, col. 1 e 2	Seção Portuguesa – Duas telas portuguesas	Elogio ao simbolismo precursor de António Carneiro, esclarecendo as suas diferenças para com Columbano.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	27 de novembro de 1916, p. 6, col. 6 a 8	Figuras Portuguesas – José Malhóia	Ode ao talento do pintor, com breve descrição de sua trajetória e telas pintadas, atentando para o seu caráter patriótico.	Albino Forjaz de Sampaio
<i>Correio da Manhã</i>	20 de dezembro de 1916, p. 3, col. 4	Os objetos de arte que se dispersam – Mais um importante leilão	Anuncia a abertura de outro leilão de objetos de arte na cidade, prática que se tornara comum nos últimos anos. Dentre as pinturas, destaca-se a assinatura de António Carneiro.	...
<b>1917</b>				
...	...	...	...	...
<b>1918</b>				
<i>O Paiz</i>	3 de março de 1918, p. 10, col. 3	Carta de Portugal – Confraternização entre artistas portugueses e brasileiros	A iniciativa da Sociedade Nacional de Belas Artes portuguesa que buscava aproximar os artistas das duas nações e a opinião do pintor Navarro da Costa, residente em Lisboa, sobre esta ação.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	12 de março de 1918, p. 4, col. 3 e 4	Belas Artes – Um artista brasileiro em Portugal	A boa recepção do pintor Navarro da Costa pelos portugueses e a reprodução da crítica positiva publicada no <i>Século</i> lisboeta.	...
<i>Imparcial, O</i>	3 de maio de 1918, p. 8, col. 1	Notas Sociais – Arte	Mario Santos exhibe o retrato de Castelo Branco para venda na Livraria Alves.	...
<i>Imparcial, O</i>	17 de maio de 1918, p. 7, col. 2	Notas Sociais – Arte	Augusto Brandão adquire o retrato de Castelo Branco pintado por Mario Santos.	...
<i>A Noite</i>	5 de julho de 1918, p. 2, col. 4	...	O 4º leilão de quadros da Galeria Jorge, incluindo telas de António Carneiro e Silva Porto.	...
<i>Correio Paulistano</i>	24 de agosto de 1918, p. 3, col. 8	Registro de Arte – Galeria Artística	A boa visitação à coleção de quadros a óleo, com venda da tela de Veloso Salgado a José da C. Freire.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	3 de setembro de 1918, p. 3, col. 1	Navarro da Costa – As impressões do pintor patricio sobre Portugal / O intercâmbio intelectual luso-brasileiro	O artista brasileiro narra seu amor e gratidão por Portugal, salientando os esforços deste país para promover uma maior aproximação com a cultura brasileira através da concessão de honrarias e nomeações inéditas.	...
<i>Revista da Semana</i>	14 de setembro de 1918, p. 24	Carlos Gomes Fernandes	Anuncia breve exposição do pintor, após longa passagem por Buenos Aires e Montevideu.	...
<i>O Paiz</i>	15 de setembro de 1918, p. 10, col. 3	Secção Portuguesa – Ecos da colônia / Artes	Depois das exposições em Buenos Aires e Montevideu, o pintor se estabelece no Rio de Janeiro, onde pretendia organizar sua mostra de telas.	...
<i>O Paiz</i>	30 de setembro de 1918, p. 7, col. 3	Secção Portuguesa – Julio Dantas e os artistas brasileiros	Carta de Adalberto Mattos a Julio Dantas aplaudindo a apresentação ao Congresso português do projeto de lei que isenta de	...



Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
			direitos aduaneiros as obras de arte exibidas por brasileiros.	
<i>Correio da Manhã</i>	20 de outubro de 1918, p. 2, col. 1	A ilha dos amores	Texto apaixonado de ode ao nacionalismo de José Malhoa, substituto de Silva Porto no amor às coisas tipicamente portuguesas	Julio Dantas
<i>Revista da Semana</i>	7 de dezembro de 1918, p. 39	Arthur Loureiro	No lançamento da monografia de Alfredo de Souza sobre o pintor, são expostos 3 telas de Loureiro na galeria <i>Trianon</i> .	...
<b>1919</b>				
<i>A Noite</i>	21 de abril de 1919, p. 1, col. 4	Entre países – Uma exposição de arte	A mostra de Carlos Reis como mais um passo para o estreitamento intelectual e artístico luso-brasileiro.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	22 de abril de 1919, p. 3, col. 6 a 8	O pintor Carlos Reis no Brasil – A sua próxima visita / Uma grande exposição de pintura portuguesa	A mostra como mais um passo para a aproximação cultural luso-brasileira. O artigo também descreve a trajetória profissional do pintor, cita alguns dos quadros expostos e reproduz uma tela sua ( <i>A bizantina</i> ) e outra de seu filho ( <i>Na Serra de Lousã</i> ).	...
<i>O Paiz</i>	23 de abril de 1919, p. 4, col. 1	Artes e Artistas – Belas Artes	O conselho superior de belas artes do Brasil oferece os diplomas de membros honorários a Julio Dantas, ao embaixador português no Rio de Janeiro e a Columbano.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	3 de maio de 1919, p. 3, col. 6 e 7	A arte portuguesa no Brasil – A chegada do pintor Carlos Reis	Reproduz interessante entrevista com o pintor, que relata todas as conjunturas e os aspectos gerais de sua iniciativa artística em solo brasileiro.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	4 de maio de 1919, p. 1, col. 4	Um hóspede ilustre – Um apelo aos nossos artistas	O articulista conclama a classe artística brasileira a prestar homenagens e festas receptivas ao pintor Carlos Reis, especialmente a ENBA.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	4 de maio de 1919, p. 5, col. 1	Vida social - Visitas	A chegada ao Rio de Janeiro de Carlos Reis e seu filho, João Reis, para organizar uma exposição.	...
<i>O Paiz</i>	5 de maio de 1919, p. 5, col. 5	Artes e Artistas – Belas Artes	Carlos Reis expõe pela primeira vez no Brasil. Elogio ao pintor e listagem de obras.	...
<i>O Paiz</i>	5 de maio de 1919, p. 9, col. 2	Secção Portuguesa – Carlos Reis	Sobre a mostra do pintor e seu filho em local ainda indefinido. Elogio à habilidade do mestre em representar a natureza nacional.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	7 de maio de 1919, p. 1, col. 7	O professor Carlos Reis – A sua visita à <i>Gazeta</i>	Visita a redação acompanhado do filho e de João Luso. O autor reclama o reconhecimento do artista pela ENBA carioca.	...
<i>O Paiz</i>	9 de maio de 1919, p. 9, col. 3	Secção Portuguesa – Ecos da colônia / Um retrato de Wilson	Entrega à Associação Comercial do Rio de Janeiro do retrato de seu presidente, adquirido por banqueiros e comerciantes. Tela de autoria do português Carlos Gomes Fernandes.	...
<i>A Noite</i>	11 de maio de 1919, p. 1, col. 2	Os quadros do pintor Carlos Reis	O ministro da Fazenda concede isenção de impostos aos quadros que seriam expostos no Brasil.	...
<i>Correio da Manhã</i>	12 de maio de 1919, p. 2, col. 4	...	Ministro da Fazenda autoriza o despacho livre de direitos aduaneiros às telas de Carlos Reis	...
<i>A Noite</i>	19 de maio de 1919, p. 2, col. 3	Dois reis de Portugal	Sobre o talento e a mostra de Carlos Reis e João Reis. As relações luso-brasileiras.	Filinto de Almeida
<i>O Paiz</i>	19 de maio de 1919, p. 6, col. 1 e 2	Secção Portuguesa. Beneficência Portuguesa – Visita de Carlos Reis	O pintor reconhece os esforços da entidade. O almoço anota brindes do diretor, de Alexandre de Albuquerque e António Carneiro a Carlos Reis, sendo lembrada a presença do pintor Bernardelli.	...
<i>A Noite</i>	28 de maio de 1919, p. 1, col. 6	Hippolyto Collomb vai expor alguns trabalhos seus	A grande expectativa pela mostra do artista já conhecido no meio brasileiro através de publicações da imprensa portuguesa, francesa e argentina.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	28 de maio de 1919, p. 9, col. 4	Secção Portuguesa – Artistas portugueses	A chegada ao Rio de Janeiro de Hyppolito Colombo para uma exposição individual de guaches e aquarelas.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	10 de junho de 1919, p. 2, col. 8	Arte Portuguesa – Exposição Carlos Reis	Ode ao pintor e seus feitos, de modo a convocar o público à inauguração da mostra no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>O Paiz</i>	10 de junho de 1919, p. 4, col. 3	Artes e Artistas – Belas Artes	Adiamento da abertura da mostra de Carlos Reis para o dia 12, de modo a permitir a presença do presidente da República.	...
<i>O Paiz</i>	10 de junho de 1919, p. 7, col. 5	Secção Portuguesa – Exposição Carlos Reis e João Reis	O adiamento da inauguração para o dia 12 de junho, mantendo-se o <i>vernissage</i> para os artistas e a imprensa confirmado para este mesmo dia 10 de junho.	...
<i>Correio da Manhã</i>	11 de junho de 1919, p. 5, col. 2	Exposição de pintura	O <i>vernissage</i> no dia anterior e o elogio aos quadros de Carlos e João Reis.	...
<i>Correio Paulistano</i>	11 de junho de 1919, p. 4, col. 3	Telegramas – Exposição Carlos Reis. Rio, 10	Comentários elogiosos sobre algumas das telas exibidas pelo mestre e seu filho no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	11 de junho de 1919, p. 3, col. 1 a 3	Um grande acontecimento artístico – A exposição dos pintores Carlos Reis e João Reis	A mostra como um dos maiores eventos dos últimos tempos. Elogio à qualidade do mestre e de seu filho. Listagem de obras. A homenagem dos alunos da ENBA. O convite ao presidente da República.	...
<i>O Paiz</i>	11 de junho de 1919, p. 3, col. 1	A grande arte	Um dia após visitar o <i>vernissage</i> , o articulista comenta a exposição de Carlos e João Reis, fazendo curiosa comparação entre eles.	Alexandre de Albuquerque
<i>O Paiz</i>	11 de junho de 1919, p. 5, col. 5	Artes e Artistas – Carlos Reis	Elogio à mostra do pintor e seu viés nacionalista, na senda de Silva Porto. A venda dos quadros mais caros durante o <i>vernissage</i> .	J.M.

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Razão</i>	12 de junho de 1919, p. 6, col. 5	A vida social – Arte	A inauguração da mostra de Carlos e João Reis, em solene cerimônia no Gabinete de Leitura.	...
<i>Rua, A</i>	12 de junho de 1919, p. 2, col. 6	Ecos de Arte – Inaugurou-se hoje a exposição Carlos Reis – João Reis	A abertura da mostra oficializada pelo vice-presidente Delfim Moreira, conta ainda com autoridades, jornalistas, artistas e membros da culta sociedade carioca.	...
<i>Correio da Manhã</i>	13 de junho de 1919, p. 2, col. 5	...	Delfim Moreira envia um representante para a mostra de Carlos Reis.	...
<i>O Paiz</i>	13 de junho de 1919, p. 4, col. 1 e 2	Vida Social – Inaugurações	A abertura da exposição de Carlos e João Reis no Gabinete e seus visitantes mais ilustres.	...
<i>O Paiz</i>	13 de junho de 1919, p. 4, col. 5	Artes e Artistas – Carlos Reis	A mostra no Gabinete Português de Leitura, com análise do viés nacionalista daquela pintura.	J.M.
<i>O Paiz</i>	13 de junho de 1919, p. 8, col. 2	Secção Portuguesa – A exposição de Carlos Reis	A inauguração da mostra no dia anterior na presença de autoridades políticas. Listagem das principais obras exibidas e seu valor de venda estimado.	...
<i>A Noite</i>	22 de junho de 1919, p. 5, col. 5	Carlos Reis, socio correspondente da S. P. das Belas Artes	A diretoria da Sociedade Propagadora das Belas Artes entrega a Carlos Reis o diploma de sócio correspondente em sessão solene.	...
<i>O Paiz</i>	22 de junho de 1919, p. 8, col. 1	Secção Portuguesa – Belo presente	Elogio ao quadro <i>O Pila</i> , de Carlos Reis, oferecido ao presidente da Beneficência Portuguesa por alguns amigos.	...
<i>O Paiz</i>	22 de junho de 1919, p. 8, col. 1	Secção Portuguesa – Exposição de arte	Anuncia, para o dia seguinte, a inauguração da mostra de Carlos Gomes Fernandes no edifício da Associação dos Empregados do Comércio.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Razão</i>	23 de junho de 1919, p. 7, col. 3	A entrega de um diploma ao artista português Carlos Reis	A cerimônia de aclamação como sócio correspondente da Sociedade Propagadora das Belas Artes no Liceu de Artes e Ofícios.	...
<i>Imparcial, O</i>	24 de junho de 1919, p. 6, col. 2	Vida Social – Festas	Entrega do diploma de sócio correspondente da Sociedade Propagadora das Belas Artes a Carlos Reis em cerimônia no Liceu de Artes e Ofícios.	...
<i>A Noite</i>	24 de junho de 1919, p. 4, col. 1	Uma festa em homenagem a Carlos Reis	A Sociedade Propagadora das Belas Artes oferece uma elegante recepção ao pintor no Liceu.	...
<i>O Paiz</i>	24 de junho de 1919, p. 7, col. 5	Secção Portuguesa – A exposição Gomes Fernandes	A inauguração da mostra no dia anterior, na Associação dos Empregados do Comércio, com destaque para os retratos e a boa afluência do público.	...
<i>Rua, A</i>	24 de junho de 1919, p. 4, col. 6	Ecos de Arte – Exposição Carlos Reis / João Reis	A feição naturalista das telas de Carlos, lembrando Malhoa, e os bons trabalhos de João. Listagem de obras.	Mattos Cardoso
<i>Rua, A</i>	24 de junho de 1919, p. 5, col. 6	Notas Sociais – Homenagens	A bela cerimônia para entrega do diploma de sócio correspondente da Sociedade Propagadora das Belas Artes a Carlos Reis.	...
<i>O Paiz</i>	25 de junho de 1919, p. 5, col. 5	Artes e Artistas – Várias	Sociedade Propagadora das Belas Artes entrega o diploma de sócio correspondente a Carlos Reis.	...
<i>O Paiz</i>	25 de junho de 1919, p. 8, col. 1 e 2	Secção Portuguesa – Homenagem a Carlos Reis	Homenagem a Carlos Reis oferecida pela Sociedade Propagadora das Belas Artes na presença dos maiores nomes da arte brasileira.	...
<i>O Paiz</i>	25 de junho de 1919, p. 8, col. 2 e 3	Secção Portuguesa – Exposição Carlos Gomes Fernandes	A mostra na Associação dos Empregados do Comércio em benefício dos flagelados do norte de Portugal. Listagem de quadros pintados no Brasil e em Montevideu, e ali exibidos.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Rua</i>	26 de junho de 1919, p. 4, col. 3	Intercâmbio artístico luso-brasileiro	A homenagem a Carlos Reis organizada por artistas, literatos e jornalistas com o concurso do empresário José Loureiro.	...
<i>O Paiz</i>	27 de junho de 1919, p. 7, col. 5	Secção Portuguesa – Festival no Palace-Theatre / Carlos Reis	Organização de um festival em homenagem ao pintor, nomeado embaixador da arte portuguesa, que foi ao Brasil visando melhorar o intercâmbio cultural entre as duas nações.	...
<i>Razão, A</i>	27 de junho de 1919, p. 7, col. 2	Vida social – Arte	A contínua boa visitação à mostra de Carlos Reis no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	2 de julho de 1919, p. 4, col. 7	Notícias – Palace-Theatre	Festival organizado por uma comissão de jornalistas e artistas em homenagem a Carlos Reis.	...
<i>O Paiz</i>	2 de julho de 1919, p. 4, col. 6	Artes e Artistas – Várias	Homenagem, no dia 3, a Carlos Reis, enquanto arauto do intercâmbio luso-brasileiro.	...
<i>Correio da Manhã</i>	3 de julho de 1919, p. 5, col. 4	O que há hoje – Palace	O festival em homenagem a Carlos Reis, dito iniciador do intercâmbio luso-brasileiro.	...
<i>Imparcial, O</i>	3 de julho de 1919, p. 5, col. 4	Teatros e música – Palace	O festival em homenagem a Carlos Reis, no Palace Theatre, financiado por José Loureiro.	...
<i>A Noite</i>	3 de julho de 1919, p. 4, col. 4	A homenagem, de hoje, a Carlos Reis	O festival no Palace Theatre em homenagem ao “iniciador do intercâmbio artístico luso-brasileiro”.	...
<i>A Razão</i>	3 de julho de 1919, p. 7, col. 2	A vida social – Festivais	A homenagem a Carlos Reis no Palace-Theatre organizada por artistas e intelectuais.	...
<i>O Paiz</i>	3 de julho de 1919, p. 6, col. 1	Artes e Artistas – Belas Artes	A nomeação de Carlos Reis enquanto sócio-correspondente da Sociedade Brasileira de Belas Artes: história e objetivos da instituição .	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	3 de julho de 1919, p. 7, col. 4	Secção Portuguesa – O festival de Carlos Reis no Palace Theatre	O dia da homenagem ao pintor português, financiada por José Loureiro e organizada por grupo de artistas. Alunos e mestres da ENBA são convidados para comparecerem ao evento.	...
<i>Correio da Manhã</i>	4 de julho de 1919, p. 2, col. 1	O emigrante	Visita ao ateliê de José Malhoa para ver sua última obra, que representa um português a trocar sua terra pela América.	Julio Dantas
<i>Imparcial, O</i>	4 de julho de 1919, p. 6, col. 3	Notas Sociais – Exposições	A boa visitação à mostra de Carlos e João Reis, que seria encerrada no dia 6 de julho.	...
<i>Jornal, O</i>	4 de julho de 1919, p. 2, col. 7	Exposição de pintura	Fim da mostra de Carlos e João Reis, para que o primeiro pudesse executar suas encomendas.	...
<i>O Paiz</i>	4 de julho de 1919, p. 6, col. 1	Artes e Artistas – Belas Artes	O fim da mostra de Carlos Reis para cumprir com os muitos retratos encomendados.	...
<i>Correio da Manhã</i>	5 de julho de 1919, p. 4, col. 7	Exposição de pintura	Finda a mostra de Carlos e João Reis no dia seguinte, devido às muitas encomendas de retratos.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	5 de julho de 1919, p. 1, col. 6	...	Carlos e João Reis vão à redação do jornal agradecer as gentis referências aos seus trabalhos e informar o fim da mostra.	...
<i>O Malho</i>	5 de julho de 1919, ano XVIII, n. 877, p. 30 e 31	Arte Portuguesa – Exposição Carlos e João Reis	O elogio à obra dos artistas, especialmente à representação da verdade verificada ali. O histórico de relações entre Brasil e Portugal.	Rodrigo Octavio Filho
<i>O Paiz</i>	5 de julho de 1919, p. 7, col. 2 e 3	Secção Portuguesa – À colônia / A exposição Carlos Reis	O encerramento da mostra no dia ulterior, um dos maiores sucessos dos últimos anos. Listagem de obras vendidas e seus respectivos valores de comercialização.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	6 de julho de 1919, p. 3, col. 5	Exposição Carlos Reis – O encerramento hoje	O fim da mostra justificado pela falta de tempo do mestre para executar alguns retratos que lhe foram encomendados.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Noite</i>	6 de julho de 1919, p. 3, col. 5	Encerrou-se a exposição de pintura dos artistas Carlos e João Reis	A venda da 14ª tela, <i>Abril</i> , e a compra de <i>As comungantes</i> pela ENBA. As homenagens ao pintor pela Associação dos Estudantes Portugueses no Brasil. Promete voltar em 4 anos.	...
<i>Imparcial, O</i>	7 de julho de 1919, p. 6, col. 2	Notas Sociais – Exposições	A grande concorrência ao encerramento da exposição de Carlos e João Reis.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	7 de julho de 1919, p. 7, col. 8	Belas Artes	O fim da mostra de Carlos e João Reis no dia anterior, a venda total de 14 quadros, a boa acolhida e a homenagem da Associação dos Estudantes Portugueses.	...
<i>O Paiz</i>	8 de julho de 1919, p. 4, col. 1 e 2	Dois artistas	Imigrante portuguesa disserta sobre as saudades de sua terra e como identificou suas origens ao ver as obras de João e Carlos Reis.	Lia de Santa Clara
<i>Imparcial, O</i>	9 de julho de 1919, p. 3, col. 2	Exposição Carlos Reis	Anuncia o fim da mostra após a venda de muitas telas, inclusive de <i>As comungantes</i> para a ENBA	...
<i>O Paiz</i>	14 de julho de 1919, p. 5, col. 1 e 2	Secção Portuguesa – Festival luso-brasileiro / Ruy Chianca	O intercâmbio intelectual e artístico entre Brasil e Portugal devido à viagem de muitos portugueses para os trópicos. Entre eles, Carlos Reis.	...
<i>Correio da Manhã</i>	28 de julho de 1919, p. 3, col. 2	A posse do presidente Epitacio Pessoa e o seu governo	A entrega do retrato do novo chefe de Estado, pintado por Carlos Reis, em homenagem à posse do presidente da República recém eleito.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	6 de agosto de 1919, p. 7, col. 6	Cinco minutos de arte – Carlos Reis	Autor acompanha Belmiro Braga, que ia ao Gabinete Português de Leitura buscar um retrato seu a carvão oferecido por Carlos Reis.	Gastão Penalva
<i>O Paiz</i>	9 de agosto de 1919, p. 8, col. 4	Secção Portuguesa – Chá dançante	O evento do Orpheon Club Português, no dia 10, quando Carlos e João Reis seriam saudados por Alexandre de Albuquerque.	...



Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Correio da Manhã</i>	12 de agosto de 1919, p. 3, col. 5	O <i>Salon</i> de 1919 – O seu <i>vernissage</i> ontem, na Escola de Belas Artes	Ao lado de <i>Agonia</i> , tela muito comentada de Antônio Parreiras, e de quadros de Rodolpho Amoedo e Chambelland, Carlos Reis envia alguns retratos para a Exposição Geral da ENBA.	...
<i>Correio da Manhã</i>	12 de agosto de 1919, p. 3, col. 6	Arte Portuguesa – Uma exposição de aquarelas na Galeria Jorge	Elogios feitos a Hyppolito Collomb por Julio Dantas e outros escritores e críticos que comprovavam a habilidade do artista e garantiriam o sucesso de sua mostra.	...
<i>Correio da Manhã</i>	13 de agosto de 1919, p. 3, col. 1 e 2	O <i>Salon</i> de 1919	Carlos Reis expõe um retrato e <i>A comungante</i> na Exposição Geral da ENBA aberta no dia anterior.	...
<i>Correio da Manhã</i>	15 de agosto de 1919, p. 3, col. 3	Arte Portuguesa – Exposição de aquarelas	A inauguração, no dia seguinte, da mostra de aquarelas e guaches de Hyppolito Colomb na Galeria Jorge.	...
<i>Correio da Manhã</i>	15 de agosto de 1919, p. 3, col. 4	Os pintores Carlos e João Reis	<i>O Pila</i> , adquirido por um grupo de amigos durante a mostra no Gabinete, é entregue a José Antônio da Silva.	...
<i>O Paiz</i>	15 de agosto de 1919, p. 11, col. 2 e 3	Seção Portuguesa – Os portugueses na exposição brasileira de belas artes	Lista os artistas portugueses que figuraram no salão da ENBA deste ano. Dentre os pintores: B. Pinto, Antônio Alves Valle de Souza Pinto e Carlos Reis.	...
<i>Correio da Manhã</i>	16 de agosto de 1919, p. 6, col. 8	Notas Sociais – Manifestações	Carlos Reis, representando um grupo de amigos, oferece a tela <i>O Pila</i> em homenagem ao comendador Antônio da Silva.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	16 de agosto de 1919, p. 8, col. 4	Notas Sociais – Manifestações	Carlos Reis, representando um grupo de amigos, oferece a tela <i>O Pila</i> em homenagem ao comendador Antônio da Silva.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	16 de agosto de 1919, p. 7, col. 1	Secção Portuguesa – Comendador José Antonio da Silva	Cerimônia de entrega da tela <i>O Pita</i> , de Carlos Reis, comprada por um grupo de amigos para oferecimento em homenagem ao comendador.	...
<i>Correio da Manhã</i>	17 de agosto de 1919, p. 4, col. 7	Exposição Hyppolito Collomb	Adiada para o dia seguinte a abertura da mostra na Galeria Jorge.	...
<i>O Paiz</i>	17 de agosto de 1919, p. 10, col. 5	Secção Portuguesa – Ainda a homenagem ao comendador Silva	A satisfação do comendador em receber a obra de Carlos Reis em sua modesta casa, tecendo altos elogios à tela, ao mestre e a seu filho.	...
<i>A Noite</i>	18 de agosto de 1919, p. 2, col. 3	Segunda-feira – O “caboco” velho	Malgrado a apatia dos brasileiros nos assuntos artísticos, a Exposição Geral da ENBA trazia bons exemplares, especialmente os dois de Carlos Reis.	Filinto de Almeida
<i>Correio da Manhã</i>	19 de agosto de 1919, p. 3, col. 5	Exposição Hyppolito Collomb	A inauguração do evento na Galeria Jorge. Apesar de jovem, o pintor já era reconhecido.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	19 de agosto de 1919, p. 8, col. 8	Belas Artes – Hyppolito Collomb	Anuncia a breve abertura da mostra de guaches, aquarelas e pasteis, muito elogiados.	R.P.
<i>A Noite</i>	19 de agosto de 1919, p. 2, col. 2	Belas Artes – A exposição Collomb	A inauguração da mostra de 45 telas do pintor - aquarela, guache, lápis e pastel.	...
<i>O Paiz</i>	19 de agosto de 1919, p. 6, col. 6	Artes e Artistas – Belas Artes	Inauguração, na Galeria Jorge, da exposição de aquarelas e <i>guaches</i> de Hippolyto Colomb.	...
<i>Correio da Manhã</i>	20 de agosto de 1919, p. 1, col. 7	Uma homenagem da colônia portuguesa ao presidente da República	A diretoria da Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria e o pintor Carlos Reis vão ao palácio felicitar o chefe de Estado por sua vitória nas eleições e solicitar autorização para a feitura do seu retrato.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Gazeta de Notícias</i>	20 de agosto de 1919, p. 3, col. 4 e 5	Mais um certame artístico – A exposição do pintor Collomb / Uma iniciativa feliz	A boa movimentação do mercado artístico brasileiro. Elogia os esforços da Galeria Jorge em manter este local ativo e por querer abrir um salão exclusivo para mostras. A qualidade das composições de Collomb e breve análise de algumas de suas obras.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	20 de agosto de 1919, p. 4, col. 2	A Câmara Portuguesa de Comércio – Homenagem ao Sr. Eptacio Pessoa	Os diretores da Câmara, em nome de 40 associações portuguesas, saúdam a posse do novo presidente da República, cujo retrato foi encomendado a Carlos Reis quando da passagem de Eptacio por Lisboa.	...
<i>Jornal, O</i>	20 de agosto de 1919, p. 3, col. 5	Belas Artes – Exposição Hypolito Collomb	Abertura da mostra do já conhecido colaborador da <i>Ilustração Portuguesa</i> , com 45 trabalhos muito elogiados.	...
<i>O Paiz</i>	20 de agosto de 1919, p. 3, col. 2 e 3	Ecos e Fatos	A Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria vai ao gabinete do presidente da República manifestar apoio ao governo e pedir permissão para Carlos Reis pintar seu retrato.	...
<i>O Paiz</i>	20 de agosto de 1919, p. 8, col. 2 e 3	Seção Portuguesa – Um artista português: a exposição de Hippolyto Colomb	Inauguração da mostra na Galeria Jorge, com grande concorrência, no dia 19 de agosto. O dever patriótico da colônia portuguesa de adquirir uma tela do pintor.	...
<i>Correio da Manhã</i>	22 de agosto de 1919, p. 3, col. 8	Arte Portuguesa – A exposição de aquarelas e guaches do sr. Hyppolito Collomb	Texto crítico sobre a obra do artista, com avaliação de algumas das suas produções exibidas. Comenta a sua fama e elogia sua fatura, censurando apenas a sua falta de atenção para com os detalhes.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Malho</i>	23 de agosto de 1919, ano XVIII, n. 884, p. 25	O ‘Salão’ deste ano	A reprodução fotográfica de obras brasileiras presentes na Exposição Geral e do <i>Retrato de Melle. S. C.</i> , de Carlos Reis.	...
<i>A Noite</i>	23 de agosto de 1919, p. 2, col. 2	Exposição H. Collomb	O grande interesse do público carioca pelo evento e as muitas obras já vendidas.	...
<i>Jornal, O</i>	25 de agosto de 1919, p. 7, col. 6 e 7	Crônica de Arte – João Reis	Análise apurada dos aspectos técnicos da pintura portuguesa da época e da obra de João Reis.	Ronald de Carvalho
<i>Jornal do Brasil</i>	26 de agosto de 1919, p. 9, col. 3	Belas Artes – Exposição Hyppolito Collomb	Os muitos quadros vendidos e a boa concorrência à mostra portuguesa instalada na Galeria Jorge.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	27 de agosto de 1919, p. 4, col. 4	Belas Artes – Exposição de Hypolito Collomb	A grande concorrência à mostra no dia anterior, as boas vendas de aquarelas e os justos louvores do público ao artista.	...
<i>A Noite</i>	27 de agosto de 1919, p. 2, col. 2	Encerrar-se-á brevemente a exposição Collomb	A boa visitação ao evento, cujo fim estava próximo, na Galeria Jorge.	...
<i>O Paiz</i>	27 de agosto de 1919, p. 5, col. 5	Artes e Artistas – Belas Artes / Exposição Colomb	O prosseguimento da mostra na Galeria Jorge e as boas vendas dos quadros exibidos por Hippolyto Colomb.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	28 de agosto de 1919, p. 9, col. 3	Belas Artes – Exposição Hyppolito Collomb	A alta concorrência à mostra e os muitos quadros já vendidos, revelando o apreço do público para com o artista português.	...
<i>Correio da Manhã</i>	30 de agosto de 1919, p. 3, col. 6	O <i>Salon</i> de 1919	Carlos Reis recebe a Grande Medalha de Ouro pelo Conselho Superior de Belas Artes.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	30 de agosto de 1919, p. 1, col. 4 e 5	A Exposição Geral de Belas Artes – O Conselho Superior	A Grande Medalha de Ouro (maior honraria depois da medalha de honra) é entregue a Carlos Reis, aqui identificado como discípulo de Silva Porto.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	30 de agosto de 1919, p. 4, col. 7	Artes e Artistas – Belas Artes	O júri da Escola Nacional de Belas Artes confere a Grande Medalha de Ouro a Carlos Reis.	...
<i>O Paiz</i>	31 de agosto de 1919, p. 10, col. 3	Secção Portuguesa – Exposição Hippolyto Collomb	O encerramento da mostra, que mantinha elevada concorrência e recebia bons elogios, no dia posterior. Listagem de quadros adquiridos.	...
<i>A Noite</i>	1º de setembro de 1919, p. 2, col. 3	Um novo trabalho de Carlos Reis	Anuncia que o pintor vai executar um retrato em benefício de Christiano de Souza.	...
<i>O Paiz</i>	1º de setembro de 1919, p. 4, col. 2	Vida Social – Almoços	O convite a Carlos Reis e filho para um almoço oferecido na Embaixada pelo encarregado de negócios de Portugal.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	5 de setembro de 1919, p. 9, col. 7	Hóspedes e Viajantes	A partida de Hippolyto Collomb para Porto Alegre, onde tencionava organizar uma mostra. Carta de despedida ao jornal.	...
<i>O Paiz</i>	5 de setembro de 1919, p. 8, col. 4	Secção Portuguesa – Ecos da colônia / Viajantes	A partida de Hippolyto Collomb para o Rio Grande de Sul, onde organizaria nova mostra para depois migrá-la a São Paulo.	...
<i>O Paiz</i>	6 de setembro de 1919, p. 5, col. 1 e 2	Artes e Artistas – Belas Artes	Articulista elogia os talentos participantes da 26ª Exposição Geral da ENBA, dentre os quais destaca Carlos Reis.	...
<i>O Paiz</i>	6 de setembro de 1919, p. 5, col. 2	Artes e Artistas – Belas Artes	Sobre a mostra de guaches de Hippolyto Colomb na sede carioca da Galeria Jorge.	...
<i>Correio da Manhã</i>	7 de setembro de 1919, p. 2, col. 1 e 2	O painel das almas	As anedotas narradas por José Malhoa e o nacionalismo do pintor português, extremado por sua vivência em Figueiró dos Vinhos	Julio Dantas

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Noite</i>	7 de setembro de 1919, p. 4, col. 4	Novo quadro de Carlos Reis	Entrega uma tela em branco à redação para pintar o retrato a quem desse o maior lance, a ser revertido a Christiano de Souza.	...
<i>Correio Paulistano</i>	23 de setembro de 1919, p. 1, col. 1 e 2	Arte brasileira – Alguns pintores no “Salão” de 1919	Comentário sobre alguns expositores brasileiros na mostra nacional e o elogio ao <i>Retrato da senhora C. S.</i> exibido pelo pintor português Carlos Reis.	Fléxa Ribeiro
<i>A Noite</i>	2 de outubro de 1919, p. 5, col. 5	O último retrato de Carlos Reis	O pintor português expunha por três dias a derradeira obra que pintara no Rio de Janeiro.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	4 de outubro de 1919, p. 2, col. 7	Pintura	Carlos Reis expõe seu último retrato, muito elogiado, no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>A Noite</i>	4 de outubro de 1919, p. 2, col. 2	Em favor de um artista – Um retrato pintado por Carlos Reis	Oferece pintar um retrato a quem lhe pagasse mais, sendo a renda revertida ao artista Christiano de Souza. Um grupo de amigos decide encomendar o retrato de José Rainho da Silva.	...
<i>A Noite</i>	4 de outubro de 1919, p. 4, col. 5	Ele ou ela!	Esclarece a confusão relativa aos homônimos de Carlos Reis: dois brasileiros e um português.	...
<i>O Paiz</i>	4 de outubro de 1919, p. 8, col. 3	Secção Portuguesa – Carlos Reis / Duplicação de nomes	A confusão entre os nomes do famoso pintor português e de uma outra figura brasileira, menos importante, que estaria querendo se fazer passar por ele.	...
<i>Rua, A</i>	4 de outubro de 1919, p. 4, col. 3 e 4	Alguns retratos expostos pelos pintores Carlos Reis e João Reis	As efígies de Carlos premiadas no salão nacional com a medalha de ouro e exibidas no Gabinete Português de Leitura. Os dois retratos e os carvões expostos por João.	...
<i>O Paiz</i>	6 de outubro de 1919, p. 5, col. 1	Artes e Artistas – Belas Artes	Carlos Reis convida a imprensa para ver um novo retrato em exposição no Gabinete Português de Leitura.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	6 de outubro de 1919, p. 7, col. 1 e 2	Secção Portuguesa – Maravilha de arte	Texto de ode ao retrato de uma dama carioca produzido por Carlos Reis e exposto no Gabinete Português de Leitura.	Luiz de Moraes Carvalho
<i>O Paiz</i>	7 de outubro de 1919, p. 7, col. 1	Secção Portuguesa – João Reis	Elogios aos seus dois retratos a óleo de crianças expostos no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>O Paiz</i>	7 de outubro de 1919, p. 7, col. 2 e 3	Secção Portuguesa – Carlos Reis e Christiano de Souza	Carlos Reis doa uma tela para ser vendida em proveito de um pintor amigo adoentado. Anuncia sua partida para a Europa no dia 12 de outubro.	...
<i>Imparcial, O</i>	9 de outubro de 1919, p. 6, col. 4 e 5	Notas Sociais – Belas Artes	Sobre o oferecimento de uma tela por Carlos Reis em benefício de Christiano de Souza.	...
<i>A Noite</i>	11 de outubro de 1919, p. 1, col. 2	O último quadro de Carlos Reis	Reproduz o retrato de José Rainho da Silva, pintado em benefício de Christiano de Souza	...
<i>A Noite</i>	11 de outubro de 1919, p. 2, col. 2	As despedidas de um artista ao chefe da Nação	Carlos e João Reis vão ao palácio do Catete para despedirem-se do presidente da República, antes do regresso a Portugal.	...
<i>O Paiz</i>	11 de outubro de 1919, p. 6 col. 2	Secção Portuguesa – Dois retratos	Carlos Gomes Fernandes expõe o retrato do comendador José António da Silva na Casa Leandro; e o do ator Chaby Pinheiro na Foto-Brasil.	...
<i>Correio da Manhã</i>	12 de outubro de 1919, p. 2, col. 7	...	Carlos Reis e o filho despedem-se do presidente da República antes do embarque para a Europa.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	12 de outubro de 1919, p. 3, col. 6	Os pintores Carlos e Pedro Reis – Suas despedidas no Catete	Tendo de regressar a Portugal, os artistas vão pessoalmente, no dia anterior, despedirem-se do presidente da República.	...
<i>Imparcial, O</i>	12 de outubro de 1919, p. 2, col. 1	Echos – O tempo	O presidente da República recebe o pintor Carlos Reis, que vai se despedir antes de voltar à Europa.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Jornal, O</i>	12 de outubro de 1919, p. 11, col. 3	Pintor Carlos Reis	O mestre português e o filho vão pessoalmente despedirem-se do presidente da República.	...
<i>O Paiz</i>	12 de outubro de 1919, p. 10, col. 1 e 2	Secção Portuguesa – A nova exposição de Carlos Reis e João Reis	Mostra de Carlos e João Reis na Galeria Jorge, que exhibia os retratos pintados pelos dois durante a estadia no Brasil e alguns trabalhos a carvão. Elogio à maestria de ambos.	...
<i>Correio da Manhã</i>	13 de outubro de 1919, p. 5, col. 8	Notas Sociais – Viajantes	A volta de Carlos Reis para Lisboa, deixando algumas telas em exposição na Galeria Jorge.	...
<i>Imparcial, O</i>	13 de outubro de 1919, p. 10, col. 2	Belas Artes – Carlos Reis	Pintor oferece um jantar em agradecimento aos diretores da ENBA e Liceu de Artes e Ofícios e a alguns artistas brasileiros.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	13 de outubro de 1919, p. 6, col. 4	Notas Sociais – Hóspedes e Viajantes	Carlos e João Reis vão à redação para se despedirem, prometendo retornar no ano vindouro.	...
<i>A Noite</i>	13 de outubro de 1919, p. 4, col. 6	Último retrato de Carlos Reis	Galeria Jorge oferece a moldura ao retrato de José Rainho pintado em favor de Christiano de Souza e o exhibe no seu salão.	...
<i>O Paiz</i>	13 de outubro de 1919, p. 5, col. 2	Vida Social – Visitas	Carlos Reis e o filho visitam a redação do jornal para se despedirem, no retorno à Europa.	...
<i>O Paiz</i>	13 de outubro de 1919, p. 7, col. 3	Secção Portuguesa – Carlos Reis e João Reis	Os pintores vão pessoalmente se despedirem do presidente da República. Carlos Reis promete retornar em junho.	...
<i>O Paiz</i>	14 de outubro de 1919, p. 5, col. 4	Artes e Artistas – Belas Artes	A partida de Carlos Reis e o filho para Lisboa, com elogio ao caráter e talento de ambos.	J.M.
<i>O Paiz</i>	14 de outubro de 1919, p. 9, col. 3	Secção Portuguesa – O retrato do Dr. Epitácio Pessoa	Os delegados das associações portuguesas no Rio se reúnem na Câmara Portuguesa de Comércio para inaugurar o retrato encomendado a Carlos Reis e ofertá-lo ao presidente da República.	...



Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Imparcial, O</i>	15 de outubro de 1919, p. 6, col. 5	Belas Artes – Carlos Reis	A partida do pintor, que deixava entre os brasileiros admiráveis retratos e prometia voltar.	...
<i>O Paiz</i>	15 de outubro de 1919, p. 3, col. 1 e 2	Um pintor de almas – O retrato do Dr. Epitácio Pessoa por Carlos Reis	Elogio à trajetória política e à personalidade do novo presidente brasileiro em exercício, notando a habilidade de Carlos Reis em fixar a alma do homem no retrato exposto na Galeria Jorge.	Alexandre de Albuquerque
<i>O Paiz</i>	15 de outubro de 1919, p. 5, col. 5	Vida Social – Viajantes	Carlos Reis e João Reis partem para Portugal, no dia 14 de outubro, a bordo do <i>Demerara</i> .	...
<i>Rua, A</i>	15 de outubro de 1919, p. 1, col. 4	Uma bela obra de arte	O retrato do presidente da República, pintado por Carlos Reis, é exposto na Galeria Jorge.	...
<i>Gil-Blás</i>	16 de outubro de 1919, p. 10	Os oito portugueses	Texto irônico sobre a iniciativa de Carlos Reis e outros portugueses para auxiliar o ator Christiano de Souza em sua doença.	C.
<i>O Paiz</i>	18 de outubro de 1919, p. 7, col. 3	Secção Portuguesa – Carlos Reis e o Gabinete Português de Leitura	Reproduz uma carta do pintor com enfáticos agradecimentos à instituição dos imigrantes, prometendo oferecer um quadro pintado em homenagem àquela casa.	...
<i>Para Todos</i>	18 de outubro de 1919, p. 14	O que se ouve, o que se vê	Crítica irônica ao retrato do presidente da República Epitácio Pessoa pintado por Carlos Reis.	P.
<i>O Paiz</i>	22 de outubro de 1919, p. 8, col. 2 e 3	Secção Portuguesa – Carlos Reis e o Gabinete Português de Leitura	Carta da instituição em agradecimento ao quadro gentilmente ofertado pelo pintor, com comentário sobre a boa acolhida da mostra pelo Rio de Janeiro.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	25 de outubro de 1919, p. 2, col. 3	Homenagem ao Sr. J. Rainho – A oferta do seu retrato	O oferecimento do retrato a José Rainho, de modo que o valor do quadro pintado por Carlos Reis fosse revertido ao artista conterrâneo Christiano de Souza.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Correio da Manhã</i>	14 de novembro de 1919, p. 6, col. 5	Manifestações	Carlos Reis pinta o retrato de José Rainho, comprado por um grupo de amigos em favor de Christiano de Souza.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	14 de novembro de 1919, p. 2, col. 7	Homenagem ao Sr. José Rainho – A entrega amanhã do seu retrato	Tributo prestado ao nobre comerciante por um grupo de amigos que encomendaram o seu retrato ao afamado pintor Carlos Reis, quem esteve no Brasil por alguns meses.	...
<i>O Paiz</i>	14 de novembro de 1919, p. 4, col. 3	Vida Social – Homenagens	A entrega do retrato de José Rainho da Silva Carneiro, pintado por Carlos Reis, cuja renda seria revertida a Christiano de Souza.	...
<i>O Paiz</i>	16 de novembro de 1919, p. 11, col. 1 a 5	Secção Portuguesa – Três homenagens	Os tributos prestados por brasileiros a notáveis portugueses - com atenção à entrega do retrato de José Rainho da Silva Carneiro, obra de Carlos Reis, em favor de Christiano de Souza.	...
<i>O Paiz</i>	16 de dezembro de 1919, p. 9, col. 1 e 2	Secção Portuguesa – Pintores portugueses no Brasil	A diretoria da Sociedade Nacional de Belas Artes agradece ao embaixador do Brasil em Lisboa pela boa acolhida dos pintores portugueses.	...
<i>Correio Paulistano</i>	24 de dezembro de 1919, p. 2, col. 6 e 7	Registro de Arte – Hippolyto Collomb	O pintor visita a redação do jornal e anuncia a breve abertura de sua mostra, sendo elogiado e reconhecido pelo articulista.	...
<i>Correio Paulistano</i>	27 de dezembro de 1919, p. 4, col. 8	Registro de Arte – Hippolyto Colomb	A abertura da mostra do artista na Câmara Portuguesa de Comércio de São Paulo e o incentivo à visita dos amadores.	...
<b>1920</b>				
<i>Gazeta de Notícias</i>	6 de maio de 1920, p. 1, col. 6	A arte portuguesa	Os trabalhos da comissão organizadora da Grande Exposição de Arte Portuguesa.	...
<i>O Paiz</i>	6 de maio de 1920, p. 2, col. 4	Notícias de Portugal. Lisboa, 5	Os trabalhos da comissão organizadora da exposição portuguesa, a ter lugar no Brasil.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Gazeta</i>	9 de julho de 1920, p. 1, col. 7	Notas de Arte – Exposição de pintura na Casa Freire	Inaugura a exposição permanente de pinturas de autores nacionais e estrangeiros, dentre os quais José Malhoa e Veloso Salgado.	...
<i>O Jornal</i>	21 de julho de 1920, p. 3, col. 2	Intercâmbio artístico luso-brasileiro	Os artistas participantes da Grande Exposição de Arte Portuguesa.	...
<i>A Noite</i>	22 de julho de 1920, p. 1, col. 5 e 6	O intercâmbio artístico luso-brasileiro	A visita de Roque e Helena Gameiro ao Rio de Janeiro, os quais reportariam a verdadeira alma de Portugal para o Brasil.	Jayme Victor
<i>Gazeta de Notícias</i>	26 de julho de 1920, p. 1, col. 7 e 8	Dois pintores portugueses no Rio – Roque e Helena Gameiro	O verdadeiro motivo da vinda de Alfredo, qual seja, o de conhecer a natureza e os costumes brasileiros para ilustrar o livro <i>História da Colonização Portuguesa</i> .	...
<i>Jornal do Brasil</i>	27 de julho de 1920, p. 7, col. 6	Roque Gameiro	A chegada ao Brasil, no dia anterior, deste mestre premiado que vinha trabalhar e expor.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	1 de agosto de 1920, p. 11, col. 1	Visitas	Alfredo Roque Gameiro vai no dia anterior à redação do jornal para se apresentar.	...
<i>A Noite</i>	1 de agosto de 1920, p. 1, col. 5 e 6	Roque Gameiro no Rio	O artista vai à redação do jornal oferecer seus cumprimentos e fornecer rápida entrevista.	...
<i>O Imparcial</i>	2 de agosto de 1920, p. 1, col. 5 e 6	Um grande pintor que nos visita	O talento e a trajetória de Alfredo Roque Gameiro, que expunha junto da filha, Helena.	...
<i>O Jornal</i>	3 de agosto de 1920, p. 3, col. 6 e 7	Uma palestra com Roque Gameiro	A grande paixão do artista pelas aquarelas e a criação de um método para conservá-las.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	8 de agosto de 1920, p. 2, col. 2	A arte portuguesa	Anuncia breve abertura da mostra de Roque e Helena Roque Gameiro contendo 150 trabalhos.	...
<i>O Imparcial</i>	17 de agosto de 1920, p. 8, col. 1 e 2	Echos	A iniciativa de promover o intercâmbio artístico luso-brasileiro com a exposição de pintores portugueses na ENBA.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Jornal</i>	17 de agosto de 1920, p. 3, col. 5 e 6	Uma grande exposição de arte portuguesa	Os cerca de 400 trabalhos trazidos por João de Figueiredo para serem exibidos na Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>A Noite</i>	19 de agosto de 1920, p. 2, col. 4	A exposição Gameiro	O respeitado aquarelista e sua filha apresentariam cerca de 200 obras ao público carioca.	...
<i>A Noite</i>	21 de agosto de 1920, p. 1, col. 3 e 4	Roque Gameiro e sua filha Helena expuseram, hoje, as suas aquarelas	A abertura da exposição exclusivamente para a imprensa e os méritos dos artistas já consagrados no seu país de origem.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	22 de agosto de 1920, p. 3, col. 1 a 3	Vida Artística – Inaugura-se amanhã a exposição Roque Gameiro	O <i>vernissage</i> à imprensa neste dia, seguido de elogios ao evento. A visita dos artistas ao presidente da República e o convite para comparecer à cerimônia de inauguração ao público no dia seguinte.	...
<i>O Jornal</i>	22 de agosto de 1920, p. 3, col. 4 e 5	A exposição dos aquarelistas portugueses Roque Gameiro e Helena Gameiro	O complexo processo de produção e conservação da aquarela, o <i>vernissage</i> da mostra para jornalistas e colecionadores e a aquisição de obras.	...
<i>A Noite</i>	22 de agosto de 1920, p. 1, col. 5 e 6	Arte portuguesa – Exposição de aquarelas de Roque e Helena Gameiro	O autor descreve o seu deleite em ver os exemplares dos portugueses durante o <i>vernissage</i> e comenta a dificuldade técnica trazida ao público brasileiro pelas aquarelas.	V.
<i>O Jornal</i>	23 de agosto de 1920, p. 3, col. 4	A exposição dos aquarelistas Gameiro	A abertura do evento neste dia. A maneira “antiga” de pintar de Alfredo e a feição “moderna” de Helena.	...

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>Jornal do Brasil</i>	24 de agosto de 1920, p. 4, col. 6	Exposição de aquarelas de Roque e Helena Gameiro	A visita do presidente da República e de autoridades portuguesas ao evento – elogios, ofertas e homenagens.	...
<i>O Paiz</i>	24 de agosto de 1920, p. 4, col. 6	Artes e Artistas – Belas Artes	A inauguração da mostra de Roque Gameiro no Gabinete, em presença de Eritácio Pessoa.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	6 de setembro de 1920, p. 2., col. 1 e 3	Um pouco de pintura	Autor lamenta a fraca atividade da crítica brasileira, que pouca atenção deu ao evento de Alfredo e Helena Roque Gameiro.	Gilberto Amado
<i>A Noite</i>	11 de setembro de 1920, p. 5, col. 4	Homenagem aos aquarelistas Gameiro	A diretoria do Orfeon Club Português convida Alfredo e Helena para assistirem a um chá dançante em sua homenagem.	...
<i>O Jornal</i>	13 de setembro de 1920, p. 1, col. 4 a 6	As aquarelas de Roque Gameiro	A artificialidade de algumas obras de Alfredo, a apurada técnica de outras e a excelência das obras de Helena.	Ronald de Carvalho
<i>Correio Paulistano</i>	25 de setembro de 1920, p. 5, col. 1	Os pintores Gameiro partiram para S. Paulo	Os pintores chegavam naquele dia a São Paulo para expor 100 obras.	...
<i>O Imparcial</i>	26 de setembro de 1920, p. 10, col. 1	Echos	Roque e Helena Gameiro vão a São Paulo expor suas telas, a maioria já vendida no Rio.	...
<i>Ilustração Brasileira</i>	Outubro de 1920, Ano VIII, N. 2, p. 29	Mostras de Arte	O grande interesse na exposição de Alfredo e Helena Gameiro. A iniciativa de estreitamento das relações artísticas luso-brasileiras	Adalberto Mattos
<i>O Jornal</i>	1 de outubro de 1920, p. 3, col. 7	Grande Exposição de Arte Portuguesa	A venda de mais dois quadros da mostra organizada por Portugal e que ainda nem tinha sido inaugurada.	...
<i>O Jornal</i>	7 de outubro de 1920, p. 3, col. 1 e 2	A Grande Exposição de Arte Portuguesa	Pequenas notas biográficas dos principais artistas expositores no evento.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Correio Paulistano</i>	9 de outubro de 1920, p. 3, col. 1	Aquarelistas portugueses	Crítica à apatia do público paulista, que ignorara Roque Gameiro, para com a arte.	Helios
<i>A Razão</i>	10 de outubro de 1920, p. 3, col. 2	A escola de Belas Artes adquire obras de arte de Helena e Roque Gameiro	O diretor da ENBA é autorizado pelo ministro do Interior a adquirir as obras de Helena e Alfredo Roque Gameiro referidas em ofício enviado pela escola ao ministério, na quantia total de 2:800\$000.	...
<i>O Jornal</i>	14 de outubro de 1920, p. 3, col. 3	A Grande Exposição de Arte Portuguesa	A inauguração neste dia do certame, iniciativa há muito programada por João de Figueiredo.	...
<i>O Paiz</i>	14 de outubro de 1920, p. 5, col. 4	Artes e Artistas – Belas Artes	O sucesso do <i>vernissage</i> do dia anterior e a inauguração por autoridades da Exposição de Arte Portuguesa nos salões da ENBA.	...
<i>O Jornal</i>	15 de outubro de 1920, p. 3, col. 1	A Grande Exposição de Arte Portuguesa	A presença de artistas, amadores e colecionadores na inauguração do evento instalado no salão nobre da ENBA.	...
<i>O Paiz</i>	15 de outubro de 1920, p. 5, col. 7	Artes e Artistas – Belas Artes	A abertura da Exposição de Arte Portuguesa nos salões da ENBA e algumas de suas obras.	...
<i>A Razão</i>	16 de outubro de 1920, p. 5, col. 4	Vida Social – Exposições	Os 156 quadros a óleo e 27 a pastel de grandes mestres na Exposição de Arte Portuguesa.	...
<i>O Jornal</i>	17 de outubro de 1920, p. 3, col. 2 e 3	Exposição de Arte Portuguesa	Listagem de telas vendidas e seus respectivos autores e compradores.	...
<i>O Jornal</i>	19 de outubro de 1920, p. 3, col. 2	Uma oferta à Beneficência Portuguesa	João de Figueiredo oferece à instituição a tela <i>Virgem Mãe</i> , de Carlos Bonvalot.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	22 de outubro de 1920, p. 2, col. 1	Isenções de direitos	Isenção alfandegária concedida pelo ministro da Fazenda aos 16 volumes trazidos ao Brasil por Alfredo Roque Gameiro.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	22 de outubro de 1920, p. 2, col. 3	Ministério da Fazenda	Concedida a isenção de direitos solicitada por Roque Gameiro para um lote do mês anterior.	...
<i>O Jornal</i>	26 de outubro de 1920, p. 1, col. 4 e 5	A pintura portuguesa	A pitoresca poesia das obras da Grande Exposição de Arte Portuguesa: o típico e a natureza.	Ronald de Carvalho
<i>Correio Paulistano</i>	28 de outubro de 1920, p. 5, col. 5	Telegramas	Alfredo e Helena Gameiro partem do Rio de Janeiro com destino a Portugal.	...
<i>O Paiz</i>	28 de outubro de 1920, p. 5, col. 2	Artes e Artistas – Belas Artes	Alfredo Roque Gameiro e Helena oferecem aquarelas à Sociedade Brasileira de Belas Artes.	...
<i>A Noite</i>	3 de novembro de 1920, p. 4, col. 1	O encerramento da exposição de pintura portuguesa	O fim do certame no dia seguinte nos salões da ENBA e a listagem dos principais compradores de obras de arte.	...
<i>O Jornal</i>	6 de novembro de 1920, p. 3, col. 3	Intercâmbio artístico luso-brasileiro	João de Figueiredo procura os artistas brasileiros de modo a levar os trabalhos destes para serem exibidos em Portugal.	...
<i>O Jornal</i>	19 de novembro de 1920, p. 3, col. 1	A Grande Exposição de Arte Portuguesa	João de Figueiredo lamenta o pouco êxito de sua iniciativa, mas promete voltar em 1921 com uma mostra mais homogênea.	...
<i>O Jornal</i>	20 de novembro de 1920, p. 3, col. 6 e 7	Ainda a Grande Exposição de Arte Portuguesa	O fracasso da iniciativa de João de Figueiredo gerado pela extrema miscelânea de estilos e obras, onde deveriam estar apenas os grandes mestres lusos.	...
<i>A Rua</i>	9 de dezembro de 1920, p. 3, col. 6	O Sr. Epitacio Pessoa na exposição Carlos Reis	O presidente da República visita a mostra do pintor português instalada no edifício da Associação dos Empregados no Comércio.	...
<b>1921</b>				
<i>O Jornal</i>	12 de janeiro de 1921, p. 3, col. 1	A arte em Portugal	O quadro de Martinho da Fonseca adquirido na Grande Exposição de Arte Portuguesa.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	2 de agosto de 1921, p. 2, col. 6 e 7	Como Portugal se fará representar na exposição do Rio de Janeiro em 1922	O governo brasileiro reserva uma área de terreno para que as nações estrangeiras interessadas construíssem pavilhões e exibissem seus produtos, iniciativa à qual Portugal responde prontamente, comunicando sua participação.	Adolpho Rosa
<i>O Paiz</i>	13 de outubro de 1921, p. 9, col. 1	Leilão	Penhor de objetos com cautela vencida, dentre os quais duas telas de Anunciação.	...

### 1922

<i>O Paiz</i>	2 de fevereiro de 1922, p. 3, col. 6 e 7	A representação portuguesa na Exposição do Rio de Janeiro	Projeto do autor para a representação portuguesa no evento, indicando uma feição mais histórica e paternalista da participação, do que comercial e exploratória.	Carlos Malheiro Dias
<i>O Paiz</i>	16 de fevereiro de 1922, p. 4, col. 6 e 7	A Exposição Internacional do Centenário	Portugal decide construir o Pavilhão de Honra, que abrigará objetos artísticos, e o Palácio das Indústrias Portuguesas.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	25 de fevereiro de 1922, p. 3, col. 6 a 8	Portugal na Exposição do Centenário	A cerimônia de lançamento da pedra fundamental do Pavilhão de Honra no dia anterior.	...
<i>O Malho</i>	15 de abril de 1922, Ano XXI, n. 1.022, p. 35	Belas Artes – A propósito de uma exposição	A tela de Malhoa em meio a uma mostra de moveis leva o autor a refletir sobre a massiva presença de pintores portugueses no Brasil, embora o contrário não ocorresse.	Adalberto Mattos
<i>O Imparcial</i>	25 de junho de 1922, p. 4, col. 4 e 5	Para a exposição do centenário no Brasil	Leal da Camara, Collaço e Columbano são apontados como os dirigentes da representação portuguesa no evento brasileiro.	...
<i>Correio da Manhã</i>	25 de agosto de 1922, p. 4, col. 2	Os artistas Carlos Reis e João Reis	A passagem pelo Rio de Janeiro, após o sucesso na Argentina, de modo a executarem encomendas.	...



Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Malho</i>	16 de setembro de 1922, Ano XXI, n. 1.044, p. 23	Artistas portugueses no Rio de Janeiro	Texto comenta a passagem dos principais artistas portugueses pelo Brasil (seria publicado pela <i>Ilustração Brasileira</i> , em 1925).	Adalberto Mattos
<i>Gazeta de Notícias</i>	22 de setembro de 1922, p. 3, col. 6	Portugal na Exposição do Centenário	A chegada do pacote trazendo os responsáveis pela representação portuguesa na mostra do Brasil.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	6 de outubro de 1922, p. 3, col. 5	A arte portuguesa na Exposição	Os artistas portugueses residentes no Brasil discutem sua presença na Exposição do Centenário.	...
<i>O Paiz</i>	8 de outubro de 1922, p. 2, col. 7	Artes e Artistas – Belas Artes	A abertura, no dia 10, na Galeria Jorge, da exposição de Carlos e João Reis.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	10 de outubro de 1922, p. 9, col. 6	Belas Artes – Exposição de pintura	A inauguração da mostra de João Reis neste dia, que convida a redação do jornal.	...
<i>O Paiz</i>	10 de outubro de 1922, p. 2, col. 5	Artes e Artistas – Belas Artes	A inauguração neste dia da mostra de Carlos e João Reis na Galeria Jorge.	...
<i>A Noite</i>	11 de outubro de 1922, p. 2, col. 3 e 4	Mais uma nota de arte – “O dia da esmola”	Sobre as telas de Carlos Reis, expostas junto às de João Reis, cuja evolução técnica muito agradou aos críticos.	...
<i>O Paiz</i>	11 de outubro de 1922, p. 2, col. 6 e 7	Artes e Artistas – Belas Artes	O sucesso de crítica às 4 telas de Carlos Reis e 15 de João Reis exibidas na Galeria Jorge.	J.C.
<i>O Jornal</i>	12 de outubro de 1922, p. 2, col. 6 e 7	Exposição na Galeria Jorge	A mostra de telas de Carlos e João Reis, contendo obras a serem exibidas na mostra do Centenário.	...
<i>Revista da Semana</i>	21 de outubro de 1922, Ano XXIII, N. 43, p. 14 e 15	Carlos e João Reis	Elogio à obra de Carlos e comentário sobre algumas das telas expostas na Galeria Jorge.	J.L.
<i>A Noite</i>	28 de outubro de 1922, p. 8, col. 6	Notas de arte	A Galeria Jorge recebe um novo quadro de João Reis para figurar na sua mostra já em andamento.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Noite</i>	9 de novembro de 1922, p. 2, col. 1	João Reis	A volta do pintor para Portugal após o sucesso no Rio de Janeiro e em Buenos Aires.	...
<i>O Paiz</i>	11 de novembro de 1922, p. 5, col. 3	Vida Social – Viajantes	João Reis regressava a Lisboa, deixando boas impressões na sociedade carioca e uma tela para a Exposição do Centenário.	...
<i>O Paiz</i>	23 de dezembro de 1922, p. 3, col. 6 e 7	Na exposição do centenário – O Pavilhão de Honra de Portugal	A inauguração do edifício que exibiria os objetos artísticos portugueses, na presença de autoridades diversas.	...
<i>A Rua</i>	26 de dezembro de 1922, p. 3, col. 4	O contingente de Portugal na Exposição do nosso Centenário	A inauguração do Pavilhão de Honra no dia 24 de dezembro e a listagem de todos os artistas modernos que tiveram ali suas obras exibidas.	...
<i>O Paiz</i>	31 de dezembro de 1922, p. 3, col. 1 e 2	A Semana	Elogio à pintura portuguesa apresentada no Pavilhão de Honra por fugir às excêntricas tendências modernas.	Chrysanthème
<b>1923</b>				
<i>O Jornal</i>	21 de janeiro de 1923, p. 3, col. 4 e 5	A arte portuguesa na Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil	A boa representação da pintura portuguesa no Pavilhão de Honra, embora nomes como o de Souza Pinto não figurassem lá. Comentário sobre as esculturas, ourivesarias e pratarias.	...
<i>Revista da Semana</i>	27 de janeiro de 1923, ano XXIV, n. 5, p. 20 e 21	Roque Gameiro no Pavilhão de Honra de Portugal	Os seis trabalhos do pintor que figuravam na mostra oficial brasileira e o alcance de sua perfeição técnica.	...
<i>Revista da Semana</i>	24 de fevereiro de 1923, Ano XXIV, n. 9, p. 34	Martinho da Fonseca no Pavilhão de Honra de Portugal	Elogio ao moderno discípulo de Columbano e críticas à organização da representação portuguesa, por seu aspecto muito comercial e descuidado.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	31 de março de 1923, p. 3, col. 1 e 2	A arte portuguesa no Brasil	O diretor do Pavilhão de Honra comenta a representação da arte portuguesa no museu da ENBA.	Alexandre de Albuquerque
<i>A Noite</i>	3 de abril de 1923, p. 1, col. 4	A nota de arte – Leal da Camara	A inauguração da mostra do artista com 80 obras, como uma coleção de Pierrot e caricaturas.	...
<i>O Paiz</i>	3 de abril de 1923, p. 2, col. 7	Artes e Artistas – Belas Artes	Inauguração da mostra de Leal da Camara, no dia seguinte, na Galeria Jorge.	...
<i>Correio da Manhã</i>	4 de abril de 1923, p. 3, col. 7	O momento artístico	A inauguração da mostra de Leal da Camara na Galeria Jorge, com cerca de 80 trabalhos.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	4 de abril de 1923, p. 3, col. 2	Artes e Artistas	Leal da Camara inaugura sua exposição neste dia na Galeria Jorge.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	5 de abril de 1923, p. 3, col. 1	Artes e Artistas – Exposição Leal da Camara	A coletânea de 49 desenhos, pinturas e caricaturas concebidas em diferentes momentos da vida do artista expostas no salão principal da Galeria Jorge.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	5 de abril de 1923, p. 11, col. 7	Belas Artes – Leal da Camara	Abertura, no dia anterior, da mostra deste artista já consagrando em Paris.	...
<i>Correio da Manhã</i>	6 de abril de 1923, p. 1, col. 8 e 9	Leal da Camara e sua interessante exposição	A inauguração, no dia 4, da mostra de desenhos e caricaturas, com destaque para a série de <i>Pierrots</i> ali apresentada.	...
<i>O Paiz</i>	6 de abril de 1923, p. 2, col. 6	Artes e Artistas – Belas Artes	A boa visitação e o brilhante êxito da exposição de Leal da Camara.	...
<i>O Jornal</i>	7 de abril de 1923, p. 3, col. 6	Exposição Leal da Camara	O elevado número de visitantes e as boas vendas registradas no evento.	...
<i>O Malho</i>	14 de abril de 1923, Ano XXII, N. 1.074, p. 36	Belas Artes – Leal da Camara na Galeria Jorge	Mesmo texto que seria publicado em 1925, pela <i>Ilustração Brasileira</i> , sobre a exposição do artista português.	Adalberto Mattos

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>Revista da Semana</i>	14 de abril de 1923, Ano XXIV, N. 16, p. 19	O pintor de Pierrot	A personalidade artística diversa e a fatura impressionista de Leal da Camara observada nas obras expostas na Galeria Jorge.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	12 de maio de 1923, p. 11, col. 6	Exposição de pintura	A abertura no dia seguinte da mostra de Roberto Santos e Americo Tavares.	...
<i>Revista da Semana</i>	12 de maio de 1923, Ano XXIV, N. 20, p. 28	Exposição de pintura	A inauguração neste dia da mostra de 50 trabalhos dos portugueses Roberto Santos e Americo Tavares.	...
<i>O Paiz</i>	13 de maio de 1923, p. 6, col. 7	Artes e Artistas – Belas Artes	Roberto dos Santos e Americo Tavares inauguram sua mostra de caricaturas e óleos na Associação dos Empregados no Comércio.	...
<i>O Jornal</i>	15 de maio de 1923, p. 3, col. 1	Exposição Roberto Santos e Americo Tavares	Mostra dos dois jovens artistas portugueses que vieram trabalhar no Pavilhão português do Centenário e que deveria ser visitada pelos amadores cariocas.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	18 de maio de 1923, p. 9, col. 7 e 8	Exposição Santos-Tavares	Breve perfil artístico de Roberto e Américo, que improvisaram uma mostra de seu talento ao Brasil.	...
<i>O Malho</i>	19 de maio de 1923, Ano XII, n. 1.079, p. 43	Belas Artes – Mostra de Arte	Exposição na Galeria Jorge que reunia artistas brasileiros e os portugueses João e Carlos Reis.	Ercole Cremona
<i>O Paiz</i>	27 de maio de 1923, p. 1	Portugal na Exposição do Centenário	A cerimônia de abertura do suntuoso Pavilhão das Indústrias Portuguesas.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	30 de maio de 1923, p. 3, col. 3	Artes e Artistas	O retorno de Leal da Camara neste dia a Portugal, após o sucesso de sua exposição.	...
<i>O Paiz</i>	6 de junho de 1923, p. 2, col. 7	Artes e Artistas – Belas Artes	Jorge Barradas chega ao Rio de Janeiro para promover a sua exposição.	...
<i>O Paiz</i>	6 de junho de 1923, p. 3, col. 6 e 7	O pintor da serenidade	Sobre a ida de Fausto Gonçalves para o Brasil, um pintor místico, espiritualista e melancólico.	Mario de Albuquerque

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Gazeta de Notícias</i>	24 de junho de 1923, p. 7, col. 2	Pavilhões portugueses	Anuncia o encerramento do Pavilhão de Honra no dia 30 e pede retirada dos itens vendidos.	...
<i>O Malho</i>	7 de julho de 1923, Ano XII, n. 1.086, p. 53	Belas Artes – Julio Dantas e os artistas brasileiros	Sobre o intercâmbio artístico luso-brasileiro incentivado por Julio Dantas e João de Barros, e pelos artistas dos dois lados.	Adalberto Mattos
<i>A Noite</i>	11 de julho de 1923, p. 1, col. 4 a 6	Fausto Gonçalves e a sua brilhante exposição de pintura	Visitação à sala do Gabinete Português de Leitura nas vésperas da abertura do <i>vernissage</i> , comprova a qualidade do artista já laureado e consagrado pela crítica portuguesa.	...
<i>O Paiz</i>	11 de julho de 1923, p. 2, col. 4	Artes e Artistas – Belas Artes	O <i>vernissage</i> da mostra de Fausto Gonçalves no dia seguinte, no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>A Rua</i>	11 de julho de 1923, p. 4, col. 7	Exposição Fausto Gonçalves	A inauguração no dia seguinte da mostra no Gabinete Português de Leitura.	...
<i>Correio da Manhã</i>	12 de julho de 1923, p. 1, col. 9	O primeiro bacharel pintor de Portugal	Reproduz excertos publicados sobre Fausto Gonçalves para anunciar a abertura, neste dia, de sua exposição.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	12 de julho de 1923, p. 5, col. 1	Exposição do pintor Fausto Gonçalves	O pintor vai à redação entregar o convite para o seu <i>vernissage</i> e comprovar seus méritos artísticos	...
<i>O Paiz</i>	12 de julho de 1923, p. 2, col. 7	Artes e Artistas – Belas Artes	A presença da elite carioca no <i>vernissage</i> de Fausto Gonçalves, apontado como verdadeiro artista.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	13 de julho de 1923, p. 5, col. 8	Exposição Fausto Gonçalves	O sucesso do <i>vernissage</i> , no dia anterior, do maior pintor da nova geração portuguesa.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	14 de julho de 1923, p. 2, col. 4	Artes e Artistas – O pintor de Coimbra	Jornalista narra sua visita ao <i>vernissage</i> de Fausto Gonçalves e suas boas impressões para com as 64 telas do artista.	...
<i>A Noite</i>	14 de julho de 1923, p. 2, col. 2	A exposição Fausto Gonçalves	O sucesso do certame, que levava bom número de curiosos e compradores ao Gabinete.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	14 de julho de 1923, p. 3, col. 1 e 2	Um grande pintor	Elogio à inauguração da mostra de Fausto Gonçalves no salão do Gabinete Português de Leitura.	Alexandre de Albuquerque
<i>Gazeta de Notícias</i>	15 de julho de 1923, p. 3, col. 5 e 6	Belas Artes – Exposição Fausto Gonçalves	Autor critica o facto de o pintor ser considerado o maior da nova geração portuguesa e aponta as suas diversas falhas técnicas.	V.
<i>O Jornal</i>	15 de julho de 1923, p. 3, col. 5 a 7	Exposição Fausto Gonçalves	As dificuldades técnicas e as qualidades artísticas do pintor português.	...
<i>O Imparcial</i>	17 de julho de 1923, p. 1, col. 5 e 6	Fausto Gonçalves, o pintor de Coimbra	Crítica ferrenha aos elogios exagerados dos escritores portugueses ao jovem pintor que ainda buscava se afirmar.	M. Nogueira da Silva
<i>Jornal do Brasil</i>	19 de julho de 1923, p. 6, col. 1 e 2	Um pintor da saudade	Elogio à obra luminosa, colorida e tecnicamente rigorosa de Fausto Gonçalves.	Pinto da Rocha
<i>A Noite</i>	21 de julho de 1923, p. 2, col. 4	Notas de arte – O pintor de Coimbra	Anuncia o fim da exposição de Fausto Gonçalves para o dia 27 e convoca os amadores de arte.	...
<i>O Imparcial</i>	23 de julho de 1923, p. 6, col. 1 e 2	Coimbra através do pincel de Fausto Gonçalves	O jovem e desconhecido pintor de Coimbra, que encantara a crítica brasileira por sua sensibilidade, apesar de ainda buscar uma identidade própria.	Carlos Rubens
<i>A Noite</i>	24 de julho de 1923, p. 2, col. 3 e 4	Fausto Gonçalves	O fim da mostra neste dia, com entusiásticos discursos e a oferta de um quadro à ENBA.	...
<i>O Malho</i>	28 de julho de 1923, Ano XXII, N. 1.089, p. 30	Exposição Fausto Gonçalves	Mesmo texto que seria publicado na <i>Ilustração Brasileira</i> , em 1925, em ode ao pintor português e sua obra.	Adalberto Mattos
<i>Gazeta de Notícias</i>	31 de julho de 1923, p. 4, col. 4	Pintor Fausto Gonçalves	Vai à redação do jornal para se despedir (parte no dia seguinte), após vender todas as suas telas.	...
<i>O Paiz</i>	31 de julho de 1923, p. 2, col. 1	Artes e Artistas – Belas Artes	Após o sucesso de sua mostra e a venda de telas, Fausto Gonçalves retorna a Portugal.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Malho</i>	4 de agosto de 1923, Ano XXII, n.1.090, p. 34	Belas Artes – Dois mestres da arte portuguesa	A ENBA carioca adquire, para a sua Pinacoteca, uma obra de Teixeira Lopes e uma tela de Carlos Reis, <i>O batizado</i> .	Adalberto Mattos
<i>Para Todos</i>	18 de agosto de 1923, Ano V, N. 244, p. 10	Jorge Barradas, degolador de mulheres	Texto irônico e metafórico sobre as dificuldades técnicas do pintor para retratar mulheres, o que o fez voltar-se para a paisagem.	Antonio Ferro
<i>A Noite</i>	11 de outubro de 1923, p. 6, col. 6	Exposição de pintura de Jorge Barradas	A inauguração neste dia da mostra, que deveria figurar no Liceu de Artes e Ofícios até 20 de outubro.	...
<i>O Paiz</i>	11 de outubro de 1923, p. 5, col. 3	Vida Social	Inauguração da mostra de Jorge Barradas no saguão do Liceu de Artes e Ofícios.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	12 de outubro de 1923, p. 3, col. 8	Artes e Artistas – Uma exposição de pintura	A inauguração da mostra de Jorge Barradas neste dia, após elogiada passagem por Pernambuco, durante a qual recebera bons elogios da crítica.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	12 de outubro de 1923, p. 6, col. 2	Exposição Jorge Barradas	A abertura da mostra no dia anterior, a ironia das caricaturas e a boa fatura dos pasteis.	...
<i>O Paiz</i>	14 de outubro de 1923, p. 6, col. 1	Artes e Artistas – Belas Artes	Elogio à exposição de Jorge Barradas por sua qualidade técnica e variedade temática.	...
<i>O Imparcial</i>	16 de outubro de 1923, p. 6, col. 6	Por motivos de arte	A breve abertura da mostra de Jorge Barradas, belo exemplar da nova geração da arte portuguesa.	Carlos Rubens
<i>A Noite</i>	18 de outubro de 1923, p. 3, col. 5	Um desenhista português	A exposição de desenhos e aquarelas de Jorge Barradas com motivos portugueses.	...
<i>O Imparcial</i>	19 de outubro de 1923, p. 5, col. 1	Duas exposições	O encanto luminoso das obras modernas e emotivas de Jorge Barradas.	Carlos Rubens
<i>O Malho</i>	3 de novembro de 1923, Ano XXIII, n. 1.103, p. 26	Belas Artes – Exposição Barradas	Crítica aos elogios exagerados e ao título de “reformador da pintura portuguesa” concedido por alguns escritores ao artista.	Ercole Cremona

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Correio Paulistano</i>	16 de novembro de 1923, p. 3, col. 4	Exposição de Arte Portuguesa	Mostra organizada em São Paulo que trazia cerâmicas, tapeçarias e telas de Fausto Gonçalves.	...
<i>A Gazeta</i>	16 de novembro de 1923, p. 1, col. 3	Outra exposição de arte portuguesa	A abertura da mostra com itens portugueses dantes exibidos na Exposição do Centenário, como os quadros de Fausto Gonçalves.	...
<i>A Gazeta</i>	11 de dezembro de 1923, p. 1, col. 6	De janela aberta – Pedacinhos d’arte lusa	A exposição em São Paulo de itens não vendidos na Exposição do Centenário, como um quadro de Fausto Gonçalves.	...
<i>Correio Paulistano</i>	14 de dezembro de 1923, p. 4, col. 5	Registo de Arte – Jorge Barradas	O pintor inauguraria, no dia seguinte, a sua mostra de arte em São Paulo, para a qual teria convidado a imprensa.	...
<i>A Gazeta</i>	15 de dezembro de 1923, p. 1, col. 2	Notas de Arte – Exposição Barradas	Inauguração da mostra dos guaches de Jorge Barradas na rua Libero Badaró, em São Paulo.	...
<i>A Gazeta</i>	17 de dezembro de 1923, p. 1, col. 6	De janela aberta. Um pintor original	A mostra de 30 quadros de Jorge Barradas, considerado aqui um dos maiores coloristas portugueses da época.	Simões Coelho
<i>A Gazeta</i>	27 de dezembro de 1923, p. 1., col. 4 e 5	Uma galeria notável	A Galeria Jorge organiza uma mostra de pinturas que incluía telas dos portugueses Carlos Reis, Souza Pinto e Silva Porto.	...
<i>O Malho</i>	29 de dezembro de 1923, Ano XXII, N. 1.111, p. 16 e 17	Belas Artes – Uma exposição	A mostra de 142 telas organizada pela Galeria Jorge paulista. Dentre os artistas estrangeiros, os portugueses eram representados por Carlos Reis, Souza Pinto e Silva Porto.	Adalberto Mattos
<b>1924</b>				
<i>A Gazeta</i>	3 de janeiro de 1924, p. 2, col. 4	Notas de Arte – Galeria Jorge	Vende-se um quadro de Carlos Reis, outro de Souza Pinto e um de Silva Porto na mostra coletiva.	...



Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Correio Paulistano</i>	8 de janeiro de 1924, p. 4, col. 3	Registo de Arte – Galeria Jorge	O sucesso da exposição coletiva e a venda de valiosas telas, inclusive de pintores portugueses.	...
<i>Correio Paulistano</i>	20 de janeiro de 1924, p. 5, col. 8	Registo de Arte – Galeria Jorge	Visita do presidente da República e venda de mais algumas obras, como a de Souza Pinto.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	2 de março de 1924, p. 13, col. 2	Belas Artes – De São Paulo	A boa atividade artística da capital paulista, que trazia uma exposição de Jorge Barradas.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	8 de abril de 1924, p. 7, col. 3	Exposição Adolpho Rosa	O Chanceler português inaugura sua mostra de aquarelas no Liceu de Artes e Ofícios.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	19 de abril de 1924, p. 9, col. 3	Exposição de pintura	Mostra das 34 aquarelas de Adolpho Rosa no saguão do Liceu de Artes e Ofícios.	...
<b>1925</b>				
<i>Gazeta de Notícias</i>	13 de janeiro de 1925, p. col. 1 e 2	Uma exposição em S. Paulo, da Galeria Jorge	A mostra coletiva com obras de Anunciação, Carlos Reis, Columbano, Malhoa, Silva Porto, e Souza Pinto.	...
<i>O Paiz</i>	17 de janeiro de 1925, p. 2, col. 1	Artes e Artistas – Belas Artes	A 3ª exposição anual de pintura da Galeria Jorge reúne 133 obras, como telas de Malhoa, Silva Porto e Souza Pinto.	...
<i>Ilustração Brasileira</i>	Fevereiro de 1925, Ano VI, N. 54	Artistas portugueses no Rio de Janeiro	O primeiro de uma série de textos acerca das mostras de pintores portugueses instaladas no Brasil e suas obras – José Malhoa.	Adalberto Mattos
<i>O Paiz</i>	6 de fevereiro de 1925, p. 7, col. 6 e 7	Galeria Jorge	Elogio à iniciativa do local de realizar exposições e indicação dos participantes portugueses.	João Luso
<i>Gazeta de Notícias</i>	15 de março de 1925, p. 9, col. 4	De S. Paulo – Exposição da Galeria Jorge	<i>O fado (estudo)</i> , de Malhoa, é vendida a Raul Rangel de Carvalho.	...
<i>Ilustração Brasileira</i>	Abril de 1925, ano VI, n. 56, p. 12 a 14	Artistas portugueses no Rio de Janeiro	Sobre a mostra de Carlos e João Reis na Galeria Jorge, no ano de 1922.	Adalberto Mattos

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Jornal</i>	11 de abril de 1925, p. 3, col. 3 a 5	Um importante leilão de arte	A dispersão da valiosa coleção do comendador José Custodio Velloso, com telas portuguesas.	...
<i>Ilustração Brasileira</i>	Maio de 1925, Ano VI, n. 57, p. 13 a 15	Artistas portugueses no Rio de Janeiro	Sobre a mostra de Souza Pinto no Rio de Janeiro (Gabinete Português de Leitura), em 1912, e seu caráter afrancesado.	Adalberto Mattos
<i>Gazeta de Notícias</i>	17 de maio de 1925, p. 9, col. 2 a 4	Arte e Mundanismo – Impressões de Arte	Oswaldo Teixeira, ao gozar o Prêmio de Viagem da ENBA, revela suas opiniões sobre a arte portuguesa.	...
<i>A Noite</i>	23 de junho de 1925, p. 1, col.6	Um grande mundo numa pequena sala	O nome de Souza Pinto figura na Exposição Anual de Pintura Francesa da Galeria Jorge.	...
<i>Ilustração Brasileira</i>	Agosto de 1925, Ano VI, n. 60, p. 46 e 47	Artistas portugueses no Rio de Janeiro	Sobre as exposições de António Carneiro, em 1914, e Leal da Câmara, em 1923.	Adalberto Mattos
<i>A Noite</i>	7 de setembro de 1925, p. 10, col. 4	Um pintor regionalista português	A exposição dos cerca de cem quadros de Almeida e Silva, com paisagens e cenas beirãs.	...
<i>Correio da Manhã</i>	13 de setembro de 1925, p. 5, col. 1	A vida social – Visitas	José de Almeida e Silva visita a redação do jornal no dia anterior.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	13 de setembro de 1925, p. 8, col. 8	O pintor José de Almeida e Silva	Visita à redação do jornal no dia anterior deste artista premiado na Exposição do Centenário.	...
<i>Ilustração Brasileira</i>	Outubro de 1925, Ano VI, n. 62, p. 60 e 61	Artistas portugueses no Rio de Janeiro	A exposição de Fausto Gonçalves em 1923 e a grata surpresa da crítica pelo seu notável talento.	Adalberto Mattos
<i>A Noite</i>	5 de outubro de 1925, p. 6, col. 4	Arte regionalista portuguesa	A inauguração, no dia seguinte, da exposição de Almeida e Silva com seus cem quadros.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Correio da Manhã</i>	6 de outubro de 1925, p. 6, col. 2	Exposições	O <i>vernissage</i> e a abertura ao público, no dia seguinte, da mostra de Almeida e Silva.	...
<i>A Noite</i>	7 de outubro de 1925, p. 3, col. 3	A pintura portuguesa	A inauguração, no dia anterior, da mostra de Almeida e Silva patrocinada pelo Centro Beirão.	...
<i>O Paiz</i>	7 de outubro de 1925, p. 5, col. 1	Artes e Artistas – Belas Artes	Duras críticas à mostra de José de Almeida e Silva por seu viés amador e as falhas técnicas.	F.R.
<i>Correio da Manhã</i>	9 de outubro de 1925, p. 5, col. 1 e 2	Portugal no Brasil	Visitação à mostra de Almeida e Silva, análise das telas e entrevista ao pintor.	...
<i>O Paiz</i>	10 de outubro de 1925, p. 3, col. 1 e 2	Vizeu	Breve análise da trajetória artística de Almeida e Silva e ode à sua exposição no Gabinete.	Alexandre de Albuquerque
<i>A Noite</i>	13 de outubro de 1925, p. 2, col. 2	A exposição do artista português, Sr. José de Almeida e Silva	Boa concorrência à mostra de senhores e senhoras da alta sociedade, escritores, jornalistas e artistas ao evento. A venda de quadros a amadores de arte e conhecidos capitalistas.	...
<i>O Paiz</i>	13 de outubro de 1925, p. 1, col. 1 e 2	A crítica de arte e o amor da Pátria	Resposta ao artigo anterior, de Alexandre de Albuquerque, com duras críticas a Almeida e Silva.	Fléxa Ribeiro
<i>O Imparcial</i>	14 de outubro de 1925, p. 5, col. 4	Exposição de pintura	A boa concorrência à mostra de Almeida e Silva e alguns dos compradores de suas telas.	...
<i>O Jornal</i>	20 de outubro de 1925, p. 5, col. 1	Mirante	As impressões da natureza pintadas poeticamente por Almeida e Silva.	R.
<i>Revista da Semana</i>	31 de outubro de 1925, Ano XXVI, N. 45, p. 27	Exposição Almeida e Silva	Anuncia a baixa dos preços dos quadros expostos pelo premiado artista para incentivar as vendas.	...
<i>Correio da Manhã</i>	8 de novembro de 1925, p. 5, col. 2	Portugal no Brasil	O fim da exposição de Almeida e Silva no dia 15 de novembro, com sucesso de público e venda.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
1926				
<i>A Noite</i>	24 de fevereiro de 1926, p. 1, col. 6	Uma nova e desejada excursão de arte	João Reis decide realizar outra exposição no Brasil junto a obras do pai, mas desta vez na Galeria Jorge de São Paulo.	...
<i>A Noite</i>	6 de maio de 1926, p. 2, col. 2	João Reis	O pintor visita a redação do jornal e anuncia sua breve exposição em São Paulo.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	7 de maio de 1926, p. 2, col. 8.	Belas Artes – João Reis	Pintor visita a redação do jornal no dia anterior e anuncia que partirá para São Paulo.	...
<i>O Paiz</i>	7 de maio de 1926, p. 6, col. 2	Vida Social – Visitas	João Reis visita a redação do jornal e anuncia breve abertura de sua exposição em São Paulo.	...
<i>Correio da Manhã</i>	8 de maio de 1926, p. 5, col. 2	Portugal no Brasil	A passagem de João Reis pelo Rio antes de seguir para expor telas suas e do pai em São Paulo.	...
<i>A Noite</i>	13 de maio de 1926, p. 5, col. 5	Notas de arte	Duas telas de José Malhoa são enviadas à Galeria Jorge para reparos e são expostas ao público.	...
<i>O Jornal</i>	20 de maio de 1926, p. 3, col. 7	Carlos Reis, João Reis e Maria Luiza Reis	A mostra dos artistas na Galeria Jorge paulista entre 31 de maio e 10 de julho, com cerca de 70 trabalhos exibidos no total.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	21 de maio de 1926, p. 5, col. 2	Belas Artes – João Reis vai expor em São Paulo	Anuncia a partida do pintor, que já se encontrava há alguns dias no Rio de Janeiro, para expor na sucursal paulista da Galeria Jorge.	...
<i>Para Todos</i>	22 de maio de 1926, Ano VIII, n. 388, p. 14 e 15	De Belas Artes – Os pintores Carlos e João Reis	A acolhida da promissora São Paulo aos artistas estrangeiros e o crescente talento dos dois portugueses, que voltavam ao Brasil pela terceira vez.	Adalberto Mattos
<i>Correio Paulistano</i>	27 de maio de 1926, p. 3, col. 2	Registo de Arte – João Reis	O pintor vai à redação do jornal para entregar um convite para o seu <i>vernissage</i> , no dia 31 de maio.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Gazeta</i>	27 de maio de 1926, p. 3, col. 2	Notas de Arte – Exposição Carlos Reis e João Reis	A inauguração, no dia 31 de maio, na Galeria Jorge, da mostra dos pintores portugueses.	...
<i>Correio Paulistano</i>	30 de maio de 1926, p. 3, col. 3	Registro de Arte – Exposição de pintura	A abertura no dia seguinte da mostra de João Reis na Galeria Jorge paulista, pintor que já era ali conhecido.	...
<i>O Paiz</i>	30 de maio de 1926, p. 10, col. 4 e 5	Artes e Artistas – Belas Artes	A inauguração da mostra dos já conhecidos Carlos e João Reis em São Paulo.	...
<i>Correio Paulistano</i>	1 de junho de 1926, p. 3, col. 5	Exposição de pintura	Listagem das obras exibidas por Carlos, João e Maria Luiza Reis.	...
<i>A Gazeta</i>	1 de junho de 1926, p. 2, col. 1	Notas de Arte – Exposição Carlos João Reis	A inauguração no dia anterior e a venda de uma tela de Carlos e de seis trabalhos de João.	...
<i>O Paiz</i>	2 de junho de 1926, p. 8, col. 6	Exposição em São Paulo	Inauguração, no dia anterior, da mostra de João Reis, que trazia algumas telas de Carlos Reis.	...
<i>Correio Paulistano</i>	5 de junho de 1926, p. 7, col. 7 e 8	Exposição de pintura – Carlos e João Reis	Reflexão sobre a crise nas artes, um período de decadência e transformação que seguia notada pelo talento dos dois artistas.	M. D. P.
<i>Correio Paulistano</i>	8 de junho de 1926, p. 3, col. 1	Exposição de pintura	O grande número de visitantes e das aquisições feitas de telas de João, Carlos e Maria Luiza Reis.	...
<i>Correio Paulistano</i>	10 de junho de 1926, p. 3, col. 6	Registro de Arte – Carlos e João Reis	O êxito do evento e a qualidade de seus artistas expositores na filial da Galeria Jorge paulista.	M. D. P.
<i>Correio Paulistano</i>	13 de junho de 1926, p. 7, col. 2	Registro de arte – João Reis	A boa visitação à mostra na Galeria Jorge e a vendagem de mais alguns quadros.	...
<i>Correio Paulistano</i>	15 de junho de 1926, p. 3, col. 2	Registro de Arte – Exposição Reis	A boa visitação ao evento e o apreço do público pelas obras exibidas, com indicação de algumas das aquisições feitas.	...

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>Correio Paulistano</i>	19 de junho de 1926, p. 4, col. 5	Exposição de pintura	A brilhante mostra de João, Carlos e Maria Luiza Reis e as similitudes com a arte brasileira.	...
<i>Correio Paulistano</i>	22 de junho de 1926, p. 4, col. 1	Exposição de pintura	As obras de João, Carlos e Maria Luiza Reis que permaneceriam em coleções paulistas.	...
<i>Correio Paulistano</i>	24 de junho de 1926, p. 2, col. 5	Registo de Arte – Exposição João Reis	O fim da mostra no dia seguinte e o sucesso de público e de vendas.	...
<i>Correio Paulistano</i>	26 de junho de 1926, p. 3, col. 6	Exposição João Reis	O prolongamento do fim da mostra para o dia 30 e a venda de mais uma tela de Carlos Reis.	...
<i>Correio Paulistano</i>	28 de junho de 1926, p. 3, col. 6	Registo de Arte – João Reis	O chá oferecido por artistas e intelectuais brasileiros a João Reis na Casa Alemã.	...
<i>Correio Paulistano</i>	29 de junho de 1926, p. 3, col. 2	Registo de Arte – João Reis	O fim da mostra no dia seguinte e as vendas e visitas de última hora.	...
<i>Correio Paulistano</i>	1 de julho de 1926, p. 9, col. 4	Registo de Arte – Homenagem a João Reis	Na Casa Mappin Stores, um grupo de intelectuais e amigos oferecem um chá em tributo ao êxito da exposição.	...
<i>A Noite</i>	20 de setembro de 1926, p. 1, col. 6	Fausto Gonçalves, o pintor de Coimbra	Entrevista do pintor, que confere suas opiniões acerca da arte e fala de sua técnica. Retornava ao Rio para expor 60 trabalhos seus.	...
<i>O Paiz</i>	24 de setembro de 1926, p. 4, col. 6	Artes e Artistas – Belas Artes	“Vasco” Gonçalves visita a redação do jornal e anuncia breve abertura da sua exposição.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	25 de setembro de 1926, p. 3, col. 5	Belas Artes – Um artista português	Fausto Gonçalves, um dos melhores pintores modernos, voltava ao Rio para expor suas obras.	...
<i>A Noite</i>	7 de outubro de 1926, p. 4, col. 4	Isenções de direitos	O ministro da Fazenda concede isenção de direitos alfandegários a quadros de Fausto Gonçalves.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Jornal do Brasil</i>	8 de outubro de 1926, p. 6, col. 2	Um grande pintor português	A mestria técnica e o sentimentalismo poético de Fausto Gonçalves.	...
<i>O Paiz</i>	8 de outubro de 1926, p. 11, col. 4	Vida administrativa – Ministério da Fazenda	O ministro concede isenção de direitos alfandegários aos quadros de arte pertencentes a Fausto Gonçalves da Silva.	...
<i>A Noite</i>	11 de outubro de 1926, p. 2, col. 4	A exposição de pintura de Fausto Gonçalves	A inauguração, no dia seguinte, da mostra deste artista conhecido dos brasileiros, cuja técnica agora alcançara a plenitude.	...
<i>O Imparcial</i>	12 de outubro de 1926, p. 4, col. 3	Exposição de pintura	Abertura da mostra de Fausto Gonçalves, em meio a autoridades e artistas brasileiros.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	13 de outubro de 1926, p. 4, col. 7	Belas Artes – Exposição Fausto Gonçalves	A inauguração no dia anterior do evento, que contou com figuras importantes da sociedade carioca e a mesma simpatia de anos antes	...
<i>A Noite</i>	16 de outubro de 1926, p. 8, col. 2 a 4	O colorido e a emoção na pintura de Fausto Gonçalves	As 55 telas luminosas e interpretativas da lírica paisagem portuguesa, que ganhavam a atenção e o aplauso de artistas e do público brasileiro.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	17 de outubro de 1926, p. 2, col. 1 e 2	O segredo da cor	Elogio às 55 obras apresentadas por Fausto Gonçalves, cheias de verdade e de domínio da cor.	Simão de Laboreiro
<i>O Paiz</i>	17 de outubro de 1926, p. 11, col. 4 e 5	Artes e Artistas – Belas Artes	A boa concorrência à exposição de Fausto Gonçalves no salão do Gabinete Português de Leitura.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	19 de outubro de 1926, p. 12, col. 8	Belas Artes – Exposição Fausto Gonçalves	A boa visitação à mostra do consagrado colorista e do pintor mais genuinamente português dos que têm vindo ao Brasil.	...
<i>Para Todos</i>	23 de outubro de 1926, p. 24	De Belas Artes – Exposição Fausto Gonçalves	Salienta as melhorias técnicas alcançadas pelo pintor nestes três anos de ausência do Brasil e lista as suas obras expostas no Gabinete Português de Leitura.	Adalberto Mattos

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>Gazeta de Notícias</i>	24 de outubro de 1926, p. 10, col. 5 e 6	Exposição Fausto Gonçalves	A volta do artista que há três anos deixara uma boa impressão no público.	Lauro Demoro
<i>A Noite</i>	28 de outubro de 1926, p. 7, col. 1	Rica galeria de pinturas	Venda de telas de Alfredo Roque Gameiro, Helena Gameiro, Columbano e Almeida e Silva.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	9 de novembro de 1926, p. 4, col. 5	Fausto Gonçalves	A manutenção das vendas e do alto interesse do público pela exposição do pintor português.	...
<i>A Noite</i>	15 de novembro de 1926, p. 6, col. 5	Viajantes – José Campos	O pintor visita a redação do jornal e anuncia breve exposição em São Paulo. Os muitos elogios à técnica de Campas.	...
<i>Correio da Manhã</i>	16 de novembro de 1926, p. 6, col. 8	Visitas	José Campos visita a redação do jornal.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	16 de novembro de 1926, p. 5, col. 6	Belas Artes – José Campos	O pintor visita a redação do jornal e anuncia sua breve partida para São Paulo, onde tencionava exhibir algumas obras.	...
<i>O Paiz</i>	16 de novembro de 1926, p. 6, col. 1	Artes e Artistas – Belas Artes	José Campas visita a redação do jornal.	...
<i>A Noite</i>	17 de novembro de 1926, p. 7, col. 2	Exposição Fausto Gonçalves	A boa visitação ao certame e a concretização de muitas vendas, levando o pintor a postergar o seu fim.	...
<i>Correio Paulistano</i>	23 de novembro de 1926, p. 7, col. 4	Registo de arte – José Campas	Apresentação das credenciais do pintor, já conhecido do público brasileiro e chegado a São Paulo no dia anterior.	...
<i>Correio Paulistano</i>	5 de dezembro de 1926, p. 3, col. 6	<i>Vernissage</i> da exposição José Campas	Abertura do evento no dia seguinte, na Galeria Jorge, que teria sido carinhosamente preparado.	...



Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Gazeta</i>	6 de dezembro de 1926, p. 4, col. 5	Notas de Arte – José Campas	A volta do pintor para expor seus mais recentes trabalhos na Galeria Jorge, em São Paulo.	...
<i>Correio Paulistano</i>	7 de dezembro de 1926, p. 2, col. 7	Registo de Arte – José Campas	A inauguração, no dia anterior, da mostra do pintor. Autoridades presentes e rol de telas exibidas.	...
<i>Correio Paulistano</i>	11 de dezembro de 1926, p. 4, col. 3 e 4	Pintura portuguesa – A arte de José Campas	Reproduz uma entrevista concedida pelo artista ao <i>Diário da Tarde</i> , de Lisboa, pouco antes de sua partida para São Paulo.	...
<i>Para Todos</i>	11 de dezembro de 1926, Ano VIII, N. 417, p. 37	De José Campas	Reprodução de algumas das telas expostas pelo artista na Galeria Jorge de São Paulo.	...
<i>A Gazeta</i>	14 de dezembro de 1926, p. 2, col. 4	Notas de arte – As exposições	Elogio à obra de José Campas, que encerraria sua mostra na Galeria Jorge paulista no dia 27 de dezembro.	...
<i>Correio Paulistano</i>	18 de dezembro de 1926, p. 17, col. 7	Registo de Arte – José Campas	A boa acolhida do público paulistano à exposição de Campas e a venda de mais dois quadros.	...
<i>Correio Paulistano</i>	21 de dezembro de 1926, p. 3, col. 6	José Campas	O êxito de vendas e público da sua exposição, com indicação de nomes dos visitantes e das obras vendidas.	...
<i>Correio Paulistano</i>	23 de dezembro de 1926, p. 4, col. 1	Registo de arte – José Campas	O encerramento da exposição do pintor no dia seguinte, evento que tivera grande sucesso de venda e de público.	...
<i>Correio Paulistano</i>	25 de dezembro de 1926, p. 4, col. 8	Registo de Arte – José Campas	O fim da exposição neste dia, que teria sido visitada por todo o meio culto paulistano e teve suas melhores telas adquiridas.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	26 de dezembro de 1926, p. 2, col. 1 e 2	Os dominadores do ferro	A admiração do autor pela obra mística, espiritualizada e bem portuguesa de Fausto Gonçalves.	Gastão Bethencourt

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<b>1927</b>				
<i>Correio Paulistano</i>	1 de janeiro de 1927, p. 3, col. 5	Registo de Arte – José Campas	O pintor vai à redação do jornal para se despedir e anunciar nova exposição no Rio de Janeiro.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	5 de janeiro de 1927, p. 5, col. 6	Belas Artes – Exposição José Campas	A abertura da mostra na Galeria Jorge carioca de Campas, que recentemente expôs em São Paulo	...
<i>A Noite</i>	5 de janeiro de 1927, p. 7, col. 3	Exposição de pintura	O <i>vernissage</i> , neste dia, da mostra de José Campas e a presença de autoridades portuguesas.	...
<i>O Paiz</i>	5 de janeiro de 1927, p. 5, col. 2	Artes e Artistas – Belas Artes	O <i>vernissage</i> neste dia da mostra de José Campas na Galeria Jorge, em presença de autoridades.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	6 de janeiro de 1927, p. 5, col. 6	Belas Artes – Exposição José Campos, na Galeria Jorge	A abertura, no dia anterior, na presença de amigos e artistas portugueses radicados no Brasil. Telas pintadas em momentos e locais diversos.	...
<i>A Noite</i>	6 de janeiro de 1927, p. 2, col. 5	Notas de arte	A inauguração da mostra de José Campas no Rio de Janeiro após elogiada passagem por São Paulo.	...
<i>Correio da Manhã</i>	7 de janeiro de 1927, p. 3, col. 6	A exposição de José Campas, pintor português, na Galeria Jorge	Crítica à falta de originalidade e de feições próprias deste discípulo de Carlos Reis, com conseguinte elogio a algumas de suas obras.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	9 de janeiro de 1927, p. 10, col. 5 e 6	Belas Artes – Exposição José Campas	Comenta o evento decorrido na filial da Galeria Jorge, em São Paulo, onde foi muito aplaudido.	Lauro Demoro
<i>O Paiz</i>	12 de janeiro de 1927, p. 2, col. 4	Pequena crônica das artes – Exposição José Campas	Texto crítico à produção de Campas exposta no Gabinete, sendo o pintor caracterizado como um artista em busca de sua individualidade.	F.X.
<i>O Jornal</i>	16 de janeiro de 1927, p. 13, col. 1 a 4	Um artista português no Rio	A influência de Carlos Reis sobre José Campas e o pequeno avanço da arte portuguesa.	...

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>Gazeta de Notícias</i>	18 de janeiro de 1927, p. 5, col. 7	Belas Artes – Exposição José Campas	A contínua boa atração do público e dos colecionadores à mostra, com diversas aquisições.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	23 de janeiro de 1927, p. 6, col. 8	Belas Artes – Exposição José Campas	A visita do ministro da justiça e de desembargadores. Lista os quadros já adquiridos.	...
<i>O Jornal</i>	23 de janeiro de 1927, p. 3, col. 6	Exposição José Campas	A visita do ministro da Justiça. Listagem de quadros vendidos e seus compradores.	...
<i>O Paiz</i>	23 de janeiro de 1927, p. 4, col. 6	Artes e Artistas – Belas Artes	A exposição de José Campas continuava a provocar grande interesse nos artistas brasileiros.	...
<i>A Noite</i>	24 de janeiro de 1927, p. 7, col. 2 e 3	Uma formosa demonstração da arte portuguesa	Sobre a mostra de cem telas de José Campas na Galeria Jorge e elogio ao talento poético do pintor.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	3 de fevereiro de 1927, p. 8, col. 8	Belas Artes – Exposição José Campas	O fim próximo do evento, que contou com boa afluência e muitas vendas.	...
<i>O Paiz</i>	3 de fevereiro de 1927, p. 4, col. 2	Artes e Artistas – Belas Artes	Encerramento próximo da exposição de José Campas na Galeria Jorge carioca.	...
<i>Correio da Manhã</i>	4 de fevereiro de 1927, p. 5, col. 5	Exposições	O fim da mostra de José Campas no dia seguinte, somando boa visitação e muitas vendas.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	4 de fevereiro de 1927, p. 4, col. 8	Belas Artes – Encerramento da exposição José Campas	Anuncia que o pintor findara o evento, mantido sempre envolto por elogios da imprensa e a boa vendagem de telas.	...
<i>O Jornal</i>	5 de fevereiro de 1927, p. 3, col. 1	Exposição José Campas – Seu encerramento hoje	O suposto fim da mostra neste dia, após grande número de visitantes, e os 20 quadros vendidos.	...
<i>O Paiz</i>	5 de fevereiro de 1927, p. 2, col. 7	Artes e Artistas – Belas Artes	O fim da mostra de José Campas, que registrou ótima afluência de público e boas vendas.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Jornal</i>	8 de fevereiro de 1927, p. 3, col. 6	Exposição José Campas	Adiamento do fim da mostra para o dia 10 de fevereiro e a venda de mais duas telas.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	13 de fevereiro de 1927, p. 2, col. 6	Belas Artes – José Campas	O pintor seguia para Pernambuco para realizar nova mostra, após o sucesso no Rio e em São Paulo.	...
<i>A Noite</i>	15 de março de 1927, p. 2, col. 3 e 4	Nos domínios da arte	Os nomes portugueses presentes na 5ª Exposição Anual de Pintura da Galeria Jorge paulista.	...
<i>A Gazeta</i>	17 de março de 1927, p. 4, col. 4	Notas de arte – Galeria Jorge	A 5ª exposição do estabelecimento comercial, que contou com uma tela de Malhoa.	...
<i>A Noite</i>	15 de outubro de 1927, p. 7, col. 1	Importante leilão de objetos de arte	Grande venda de estimada coleção artística, que reunia pinturas dos melhores artistas brasileiros e portugueses.	...
<i>Revista da Semana</i>	15 de outubro de 1927, Ano XXVIII, N. 43, p. 27 e 28	Uma rara coleção de arte que se vai dispersar	Leilão do museu particular de Manoel da Silva Costa, com telas de Carlos Reis, Roque Gameiro, Malhoa, Columbano e Carneiro.	...

### 1928

<i>Gazeta de Notícias</i>	4 de fevereiro de 1928, p. 10, col. 1	Vem fazer uma exposição o pintor português, Alves Cardoso	O artista partiria em abril para expor cerca de cem trabalhos seus no Rio de Janeiro, sendo a maioria deles composta por retratos.	...
<i>Para Todos</i>	17 de março de 1928, Ano X, N. 483, p. 38 e 53	De Belas Artes – Alves Cardoso	Reproduz artigo do português Mario Salgueiro elogioso à obra do artista e elucidativo quanto à sua trajetória profissional.	...
<i>A Noite</i>	12 de maio de 1928, p. 2, col. 6	Está no Rio o brilhante pintor português Alves Cardoso	Apontado, ao lado de Malhoa e Carlos Reis, enquanto mestre da pintura regional portuguesa. Elogiado por sua fidelidade ao real e pelo manejo da luz nas paisagens transmontanas.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Correio da Manhã</i>	31 de maio de 1928, p. 5, col. 5	Exposições	As encomendas de retratos a Alves Cardoso e os preparativos para a sua exposição.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	31 de maio de 1928, p. 8, col. 1	Belas Artes – A próxima exposição do Sr. Alves Cardoso	O pintor vinha ao Brasil executar alguns retratos encomendados, aproveitando para expô-los ao lado de paisagens e outras obras de sua autoria.	...
<i>O Jornal</i>	16 de junho de 1928, p. 27, col. 1 e 2	Um grande artista português em visita ao Brasil	Alves Cardoso já teria um retrato em exibição na Galeria Jorge, outros dois encomendados pela elite carioca e uma tela vendida antes mesmo de abrir sua mostra.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	19 de junho de 1928, p. 3, col. 2	As homenagens a Malhoa	Banquete em honra a Malhoa, o discurso de Navarro da Costa e as manifestações de amizade entre artistas portugueses e brasileiros.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	4 de julho de 1928, p. 2, col. 6 e 7	Alves Cardoso	Pintor visita a redação do jornal, que anuncia a abertura da sua mostra para o dia seguinte.	...
<i>O Paiz</i>	4 de julho de 1928, p. 5, col. 4	Artes e Artistas – Belas Artes	A abertura da mostra de Alves Cardoso, no Gabinete Português de Leitura, no dia 7 de julho.	...
<i>O Paiz</i>	5 de julho de 1928, p. 6, col. 1	Belas Artes	O <i>vernissage</i> de Alves Cardoso só para a imprensa convidada e a abertura ao público a 7 de julho.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	6 de julho de 1928, p. 3, col. 3 a 5	Uma exposição de arte no Gabinete Português de Leitura	Abertura da mostra de Alves Cardoso no dia seguinte e o <i>vernissage</i> no dia anterior. Mestre da técnica e bom intérprete da alma nos retratos.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	6 de julho de 1928, p. 5, col. 3	Binóculo	Sobre o encanto provocado pelas 97 telas exibidas no <i>vernissage</i> de Alves Cardoso.	...
<i>A Noite</i>	6 de julho de 1928, p. 8, col. 1	Notas de Arte – A exposição do pintor português Alves Cardoso	Inauguração no dia seguinte da mostra no Gabinete Português de Leitura, composta de retratos executados em Portugal e no Rio, além de paisagens e costumes de Trás-os-Montes.	...

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>Gazeta de Notícias</i>	8 de julho de 1928, p. 2, col. 7	Belas Artes – Alves Cardoso	Uma das mais fortes mostras de arte que já houve no Rio traz retratos e paisagens.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	8 de julho de 1928, p. 6, col. 3	Exposição Alves Cardoso	A inauguração no dia anterior. Elogio à obra do pintor.	...
<i>O Paiz</i>	10 de julho de 1928, p. 1, col. 6	Pequena Crônica das Artes – Exposição Alves Cardoso	Texto deveras crítico da obra exposta no Gabinete Português de Leitura por sua sobriedade, falta de imaginação e graves dificuldades técnicas.	Fléxa Ribeiro
<i>Jornal do Brasil</i>	12 de julho de 1928, p. 6, col. 7	Exposição Alves Cardoso	Listagem das obras vendidas até então no evento.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	14 de julho de 1928, p. 6, col. 1 e 2	Arte portuguesa	O renascimento da arte lusa visível na impressionante mostra de Alves Cardoso.	P. J. de Castro
<i>Jornal do Brasil</i>	15 de julho de 1928, p. 9, col. 5 a 8	Os quadros de Alves Cardoso	A simpatia despertada pela exposição deste realista de estilo próprio e grande retratista.	Carlos Rubens
<i>A Noite</i>	21 de julho de 1928, p. 1, col. 4	Malhõa e o Brasil	A narrativa de João de Barros sobre a participação brasileira nas homenagens ao mestre luso.	...
<i>O Jornal</i>	29 de julho de 1928, p. 21, col. 6 a 8	Um grande artista lusitano	Os tipos populares e a natureza portuguesa nas obras de Alves Cardoso.	Mattos Cardoso
<i>Gazeta de Notícias</i>	2 de agosto de 1928, p. 5, col. 5	Homenagens	Os artistas brasileiros, por meio de Navarro da Costa, oferecem um chá a Alves Cardoso.	...
<i>A Noite</i>	2 de agosto de 1928, p. 8, col. 3	Notas de Arte	O encerramento da exposição de Alves Cardoso no dia 7 e as muitas encomendas de retratos.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	5 de agosto de 1928, p. 8, col. 7	Belas Artes	A organização da homenagem prestada pelos artistas brasileiros a Alves Cardoso.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>A Noite</i>	8 de agosto de 1928, p. 8, col. 5 e 6	Notas de arte	As obras expostas por Alves Cardoso e a reprodução das tipicidades portuguesas.	...
<i>A Noite</i>	21 de agosto de 1928, p. 2, col. 5 e 6	O salão de Belas Artes	A participação de Alves Cardoso e Justino Migueis na exposição anual da ENBA.	...
<i>O Paiz</i>	22 de agosto de 1928, p. 1, col. 6	Salão Brasileiro – Um pintor grave: Alves Cardoso	Elogio à obra de Alves Cardoso, que envia três telas à Exposição Geral da ENBA deste ano, fazendo jus à reputação de mestre que alçara em sua terra.	Fléxa Ribeiro
<i>Correio da Manhã</i>	29 de agosto de 1928, p. 3, col. 8	O salão deste ano	Alves Cardoso é agraciado com a Pequena Medalha de Ouro no salão da ENBA deste ano.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	30 de agosto de 1928, p. 10, col. 4	Um grande pintor português	Alves Cardoso entrega uma mensagem da Sociedade de Belas Artes de Lisboa à Sociedade Brasileira de Belas Artes.	...
<i>A Noite</i>	1 de setembro de 1928, p. 8, col. 1	Notas de arte	Um grupo de senhoras da elite carioca decide patrocinar a mostra de Eduarda Lapa.	...
<i>O Jornal</i>	2 de setembro de 1928, p. 3, col. 4 e 5	Palavras e impressões de uma pintora portuguesa	Eduarda Lapa revela brevemente sua biografia, fala sobre sua obra e opina sobre a arte portuguesa contemporânea e sobre as modernidades artísticas.	...
<i>O Paiz</i>	9 de setembro de 1928, p. 7, col. 4	Artes e Artistas – Belas Artes	Inauguração da mostra de Eduarda Lapa, na Galeria Jorge, no dia 12 de setembro.	...
<i>A Noite</i>	10 de setembro de 1928, p. 8, col. 3 e 4	Uma formosa expressão da pintura portuguesa	A próxima abertura da mostra de Eduarda Lapa e o sentimentalismo melancólico que ela concede às suas flores.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	12 de setembro de 1928, p. 10, col. 8	Belas Artes	A inauguração, neste dia, da mostra de Eduarda Lapa, para a qual a imprensa foi convidada.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	12 de setembro de 1928, p. 6, col. 4	Artes e Artistas – Belas Artes	A inauguração da mostra de Eduarda Lapa na Galeria Jorge por meio do patrocínio de senhoras da elite.	...
<i>O Paiz</i>	13 de setembro de 1928, p. 5, col. 2	Artes e Artistas – Belas Artes	A boa representação de temas florais por Eduarda Lapa e sua vacilante técnica pictórica.	F.R.
<i>Gazeta de Notícias</i>	23 de setembro de 1928, p. 9, col. 3 e 4	Arte portuguesa	Sobre a encantadora exposição de Eduarda Lapa que encontrou fraca resposta do público carioca.	Arly D’Aron
<i>Gazeta de Notícias</i>	30 de setembro de 1928, p. 12, col. 2	Belas Artes	Incentivo às últimas visitas à mostra de flores da pintora portuguesa Eduarda Lapa.	...
<i>Correio da Manhã</i>	4 de outubro de 1928, p. 5, col. 3 e 4	Chá dançante	Os trabalhos da comissão organizadora da homenagem ao pintor Alves Cardoso.	...
<i>O Paiz</i>	4 de outubro de 1928, p. 5, col. 3	Vida Social	Artistas brasileiros oferecem um chá a Alves Cardoso no Club dos Bandeirantes.	...
<i>O Jornal</i>	5 de outubro de 1928, p. 3, col. 6 e 7	Exposição Eduarda Lapa, na “Galeria Jorge”	A pintora e sua capacidade de captar a alma das flores em suas representações delicadas e viçosas.	...
<i>O Jornal</i>	5 de outubro de 1928, p. 3, col. 6	Uma coleção de retratos pelo pintor Alves Cardoso	No dia 8, o artista iria apresentar na Galeria Jorge uma coleção dos retratos por ele executados no Rio de Janeiro e encomendados pela elite carioca.	...
<i>A Noite</i>	5 de outubro de 1928, p. 2, col. 6	Notas de arte	Alves Cardoso abriria na Galeria Jorge uma mostra dos retratos por ele produzidos no Brasil.	...
<i>A Noite</i>	10 de outubro de 1928, p. 2, col. 4	Exposição de pintura Eduarda Lapa	A mostra de óleos e pastéis seria encerrada no dia seguinte após a venda de quase todas as telas.	...



Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Jornal</i>	11 de outubro de 1928, p. 3, col. 3	As flores da sra. Eduarda Lapa	O fim da mostra desta artista portuguesa e a venda de suas telas a colecionadores cariocas.	...
<i>O Paiz</i>	16 de outubro de 1928, p. 7, col. 1	Artes e Artistas – Belas Artes	Alves Cardoso expõe agora na Galeria Jorge uma série de qualificados retratos.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	17 de outubro de 1928, p. 5, col. 3	Chás – Professor Alves Cardoso	O chá oferecido no dia anterior, no Club dos Bandeirantes, por um grupo de amigos e artistas brasileiros identificados.	...
<i>O Paiz</i>	17 de outubro de 1928, p. 5, col. 3 e 4	Vida Social – Manifestações	Durante o chá em homenagem a Alves Cardoso, o diretor da ENBA o saúda em nome dos artistas brasileiros.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	18 de outubro de 1928, p. 1, col. 4	Um grande artista português entre nós	A exposição de retratos de Alves Cardoso na Galeria Jorge e o tributo dos artistas brasileiros no Club dos Bandeirantes.	...
<i>O Paiz</i>	4 de novembro de 1928, p. 17, col. 4	Informações telegráficas do estrangeiro	Ganhava força o projeto que previa a viagem dos mais laureados pintores portugueses para a promoção da arte no Brasil.	...
<i>Correio Paulistano</i>	11 de dezembro de 1928, p. 12, col. 2	Arte portuguesa	A inauguração neste dia de uma exposição de arte portuguesa composta de telas dos maiores artistas nacionais da época.	...
<i>Diário Nacional</i>	11 de dezembro de 1928, p. 7, col. 1	Exposição de Arte Portuguesa	Reunia na rua Libero Badaró telas antigas e contemporâneas da arte portuguesa de diversas escolas estéticas.	...
<i>Correio Paulistano</i>	12 de dezembro de 1928, p. 8, col. 1	Registo de Arte – Arte Portuguesa	A inauguração, no dia anterior, da Exposição de Arte Portuguesa e a relação dos artistas ou objetos ali representados.	...
<i>O Jornal</i>	12 de dezembro de 1928, p. 5, col. 2	Retratos pelo pintor Alves Cardoso	A Galeria Jorge, à rua do Rosário, expunha alguns retratos executados pelo português.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Jornal</i>	12 de dezembro de 1928, p. 5, col. 2	O que expõe atualmente a Galeria Jorge	A loja trazia ao público artigos brasileiros, além de obras de Columbano, Carlos Reis e Malhoa.	...
<i>Diário Nacional</i>	14 de dezembro de 1928, p. 12, col. 6	Exposição de Arte Portuguesa	O evento organizado por Pinto de Vasconcellos continuava atraindo a mais distinta sociedade paulista.	...
<i>Correio Paulistano</i>	19 de dezembro de 1928, p. 4, col. 6	Exposição de Arte Portuguesa	Algumas das telas exibidas na exposição de arte portuguesa, à rua Libero Badaró, 44-A.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	27 de dezembro de 1928, p. 4, col. 6	Belas Artes – Alves Cardoso	O regresso do pintor a Lisboa no próximo dia 30, após atender às muitas encomendas individuais de que foi alvo.	...
<i>O Jornal</i>	28 de dezembro de 1928, p. 3, col. 7	A próxima partida do pintor Alves Cardoso	Frente à volta no dia 30, visita a redação do jornal para agradecer a acolhida da imprensa, dos amigos e dos colegas.	...
<i>A Noite</i>	29 de dezembro de 1928, p. 2, col. 2	O pintor Alves Cardoso, de volta a Portugal	Após a estadia de 8 meses no Brasil, o pintor vai à redação do jornal para se despedir e agradecer à imprensa, aos artistas brasileiros e aos portugueses.	...
<i>O Paiz</i>	29 de dezembro de 1928, p. 5, col. 4	Vida Social – Viajantes	Alves Cardoso, por ocasião de seu retorno a Lisboa, vai à redação do jornal para se despedir.	...
<i>Correio da Manhã</i>	30 de dezembro de 1928, p. 5, col. 2	Alves Cardoso	A partida do pintor neste dia para Portugal após os seus 8 meses de estadia no Brasil para atender inesperadas encomendas.	...
<b>1929</b>				
<i>Revista da Semana</i>	5 de janeiro de 1929, Ano XXX, N. 3, p. 34	Alves Cardoso	O pintor vai à redação da Revista para se despedir e afirmar seu desejo de retornar ao Brasil.	...

<b>Periódico</b>	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Assuntos tratados no artigo</b>	<b>Autor</b>
<i>A Noite</i>	18 de maio de 1929, p. 2, col. 4	Está no Rio um brilhante aquarelista português	A inauguração, no dia 20 de maio, da luminosa e promissora exposição de João Sarmento.	...
<i>O Paiz</i>	21 de maio de 1929, p. 5, col. 7	Artes e Artistas – Belas Artes	A inauguração da exposição do aquarelista João Sarmento no Liceu de Artes e Ofícios.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	22 de maio de 1929, p. 5, col. 7	Belas Artes – Exposição de aquarelas	A inauguração, no dia 20, da mostra do aquarelista João Sarmento.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	16 de julho de 1929, p. 4, col. 2	Antonio Carneiro	A volta ao Brasil para assistir à mostra de 40 trabalhos seus organizada pela Galeria Jorge.	...
<i>O Jornal</i>	18 de julho de 1929, p. 1, col. 1 e 2	Um mestre da pintura contemporânea	Entrevista na qual António Carneiro revela sua opinião a respeito da arte por ele praticada e sobre os modernistas.	...
<i>O Paiz</i>	19 de julho de 1929, p. 5, col. 2	Artes e Artistas – Belas Artes	A inauguração próxima da mostra de António Carneiro na Galeria Jorge.	...
<i>Correio da Manhã</i>	21 de julho de 1929, p. 17, col. 3 a 7	Um grande artista	A viagem de António Carneiro ao Brasil, sua carreira, personalidade e obras.	Max Fleiuss
<i>A Noite</i>	3 de agosto de 1929, p. 8, col. 1	Notas de Arte – Antonio Carneiro	O pintor visita a redação do jornal neste dia e relembra sua última estadia no Rio de Janeiro.	...
<i>Jornal do Brasil</i>	9 de agosto de 1929, p. 5, col. 7 e 8	Antonio Carneiro	A agradável visita do pintor português à residência do autor deste artigo.	Gastão Penalva
<i>Gazeta de Notícias</i>	10 de agosto de 1929, p. 3, col. 4	Viajantes	José Rodrigues chega ao Rio no dia 8, pretendendo expor ali e em São Paulo as suas telas.	...
<i>O Paiz</i>	10 de agosto de 1929, p. 8, col. 7	Artes e Artistas – Belas Artes	Chega ao Brasil o pintor José Rodrigues, para fazer no Rio de Janeiro e em São Paulo uma exposição de suas últimas telas.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Paiz</i>	13 de agosto de 1929, p. 2, col. 6	Notas avulsas	António Carneiro é recebido pelo presidente da República, junto do embaixador português.	...
<i>A Noite</i>	15 de agosto de 1929, p. 8, col. 3	Pintores de Portugal – A próxima exposição de José Rodrigues	O jovem pintor vinha ao Rio expor pequenos trabalhos coloridos e representativos das regiões do Minho e do Douro; mas também algumas marinhas dignas de admiração.	...
<i>O Paiz</i>	16 de agosto de 1929, p. 5, col. 4	Artes e Artistas – Belas Artes	António Carneiro anuncia a abertura da sua mostra no dia 19 e visita a redação do jornal.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	18 de agosto de 1929, p. 10, col. 4 e 5	Belas Artes – Exposição Antonio Carneiro	A inauguração próxima da mostra, que traria telas com assuntos portugueses, paisagens e retratos produzidos no Brasil.	...
<i>O Jornal</i>	18 de agosto de 1929, p. 23, col. 1 a 3	O pintor Antonio Carneiro e a sua exposição	A breve inauguração da mostra que contava com 80 telas poéticas, serenas e melancólicas.	...
<i>O Paiz</i>	18 de agosto de 1929, p. 4, col. 5 e 6	Artes e Artistas – Inaugura-se amanhã, na Galeria Jorge, a exposição Antonio Carneiro	O pintor convida a redação do jornal e o presidente da República para comparecerem à cerimônia de abertura de sua exposição, onde seriam exibidas cerca de 100 telas. Quinze anos depois da sua passagem pelo Brasil, fazia desta segunda mostra um grande e glorioso acontecimento.	...
<i>A Noite</i>	19 de agosto de 1929, p. 2, col. 3	Uma exposição representativa da grande pintura portuguesa	A inauguração, neste dia, da mostra de António Carneiro, seguida da listagem de todas as obras exibidas na Galeria Jorge.	...
<i>Correio da Manhã</i>	20 de agosto de 1929, p. 5, col. 6	Um notável acontecimento artístico	A inauguração da mostra de Antonio Carneiro no dia anterior e seus 80 admirados trabalhos.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Jornal</i>	20 de agosto de 1929, p. 22, col. 6 a 8	Inaugurou-se a exposição do pintor Antonio Carneiro	A abertura, no dia anterior, do evento, quando já foram logo adquiridas sete das obras em exposição.	...
<i>O Paiz</i>	20 de agosto de 1929, p. 1, col. 5 e 6	Exposição Antonio Carneiro	Análise crítica das obras exibidas pelo grande pintor português no Brasil.	Fléxa Ribeiro
<i>Jornal do Brasil</i>	5 de setembro de 1929, p. 6, col. 7 e 8	As grandes figuras da Arte	António Carneiro concede entrevista em que revela sua biografia e quais os seus artistas preferidos.	...
<i>Correio da Manhã</i>	8 de setembro de 1929, p. 17, col. 4 a 7	Antonio Carneiro	Reproduz uma carta do artista a um amigo ausente do Rio, na qual ele revela as suas impressões.	...
<i>Correio da Manhã</i>	11 de setembro de 1929, p. 2, col. 4	Uma mostra de arte	José Rodrigues participa do Salão dos Artistas Brasileiros, iniciativa moderna.	...
<i>Diário Nacional</i>	11 de setembro de 1929, p. 7, col. 2	Exposição de Simão da Veiga	A abertura da mostra, no dia seguinte, do pintor animalista colecionado por Souza Prego.	...
<i>O Jornal</i>	11 de setembro de 1929, p. 5, col. 7	Exposição Antonio Carneiro na Galeria Jorge	Sobre a doação de <i>Camões lendo...</i> ao Gabinete Português de Leitura e a compra do retrato de Guerra Junqueiro pela ENBA.	...
<i>Correio da Manhã</i>	14 de setembro de 1929, p. 5, col. 7	Dentro da Arte	O misticismo poético das composições de António Carneiro.	...
<i>Gazeta de Notícias</i>	14 de setembro de 1929, p. 8, col. 3	Exposições	A abertura da exposição de José Rodrigues no dia 16, no Palace Hotel.	...
<i>Correio da Manhã</i>	15 de setembro de 1929, p. 5, col. 9	Exposição José Rodrigues	A inauguração da mostra no dia seguinte no salão nobre do Palace Hotel.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Correio da Manhã</i>	15 de setembro de 1929, p. 18, col. 5 a 8	Antonio Carneiro – Pintor suave e profundo	Texto poético sobre a suavidade, o misticismo e a sensibilidade das composições do pintor expostas na Galeria Jorge.	Saul de Navarro
<i>O Jornal</i>	15 de setembro de 1929, p. 11, col. 4	Notas mundanas	O escritor Carlos da Veiga Lima oferece um jantar íntimo em sua residência a Antônio Carneiro.	...
<i>O Paiz</i>	15 de setembro de 1929, p. 7, col. 3	Artes e Artistas – Belas Artes	A inauguração da mostra do paisagista José Rodrigues no Palace Hotel, no dia seguinte.	...
<i>O Jornal</i>	17 de setembro de 1929, p. 3, col. 1	Exposição José Rodrigues	A recente inauguração da mostra deste pintor, no salão do Palace-Hotel, contendo 59 quadros.	...
<i>O Paiz</i>	17 de setembro de 1929, p. 5, col. 6	Artes e Artistas – Belas Artes	Crítica à exposição de José Rodrigues por ser um certame débil de um pintor ainda em formação.	...
<i>O Jornal</i>	21 de setembro de 1929, p. 15, col. 1	Exposição José Rodrigues, no Palace-Hotel	Listagem das marinhas exibidas pelo jovem artista português.	...
<i>Correio da Manhã</i>	12 de outubro de 1929, p. 6, col. 6	Almoços	A embaixada de Portugal oferece um almoço a José Rodrigues, que logo partiria de volta à Europa.	...
<i>Diário Nacional</i>	22 de outubro de 1929, p. 6, col. 7 e 8	A próxima exposição do pintor Antonio Carneiro	As opiniões do artista sobre a arte portuguesa, as novas escolas modernas e o alcance do movimento artístico no Brasil.	...
<i>Correio Paulistano</i>	6 de novembro de 1929, p. 4, col. 7	Registo de Arte	A breve inauguração da mostra de Antônio Carneiro no Palacete Glória, contendo 50 trabalhos.	...
<i>O Paiz</i>	7 de novembro de 1929, p. 1, col. 7	Columbano	Destaca, ainda com perplexidade, a morte do artista no dia anterior.	...

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>O Jornal</i>	8 de novembro de 1929, p. 3, col. 5	Pintores de seis nacionalidades na Galeria Jorge	Exposição de trabalhos de brasileiros, portugueses, um espanhol, um suíço, além de italianos e franceses.	...
<i>O Paiz</i>	8 de novembro de 1929, p. 3, col. 1 e 2	Columbano – Uma técnica	Complexa e construtiva crítica a respeito do maior pintor de Portugal e do Brasil no século XIX.	Fléxa Ribeiro
<i>Correio Paulistano</i>	9 de novembro de 1929, p. 7, col. 8	Exposição Antonio Carneiro	A abertura da mostra, que ficaria vigente por 15 dias, e a visita do pintor à redação do jornal.	...
<i>A Gazeta</i>	9 de novembro de 1929, p. 5, col. 4 e 5	Notas de Arte	Abertura da mostra de António Carneiro no Prédio Glória, em São Paulo, com fim previsto para 28 de novembro.	...
<i>Correio da Manhã</i>	10 de novembro de 1929, p. 9, col. 9	O Conselho Superior de Belas Artes e Columbano Bordallo Pinheiro	O órgão lamenta o falecimento do artista português, seu membro efetivo. A nota ainda lembra as telas de sua autoria pertencentes à Pinacoteca da Escola Nacional de Belas Artes.	...
<i>Correio Paulistano</i>	10 de novembro de 1929, p. 4, col. 7 e 8	Exposição de Antonio Carneiro	A inauguração da sua mostra no Prédio Glória ocorrida no dia anterior e os elogios à sua fatura.	...
<i>Diário Nacional</i>	10 de novembro de 1929, p. 7, col. 2 a 7	Exposição de pintura Antonio Carneiro	O <i>vernissage</i> que contou com a presença de artistas e damas da sociedade paulista. Elogio à obra do pintor.	...
<i>O Paiz</i>	10 de novembro de 1929, p. 5, col. 2	Artes e Artistas – Belas Artes	A boa visitação à mostra de Octavio Sergio no Palace Hotel.	...
<i>Correio Paulistano</i>	12 de novembro de 1929, p. 6, col. 7 e 8	Exposição de Antonio Carneiro	O artista acima de qualquer crítica e o respeito à sua linguagem por vezes considerada ultrapassada pelos modernos.	P. de M.

Periódico	Data	Título	Assuntos tratados no artigo	Autor
<i>Diário Nacional</i>	12 de novembro de 1929, p. 7, col. 4 e 5	Mestre Antonio Carneiro	<i>Camões lendo os Lusíadas aos frades de S. Domingos</i> é adquirida logo no primeiro dia da mostra por um anônimo paulista.	J. P. A.
<i>Correio Paulistano</i>	13 de novembro de 1929, p. 10, col. 4 e 5	Antonio Carneiro	Excelente reflexão crítica sobre as linguagens artísticas modernas e a maestria da tradicional pintura do português.	M.
<i>Correio Paulistano</i>	16 de novembro de 1929, p. 3, col. 8	Exposição de Antonio Carneiro	A continuação do franco êxito do evento, aberto ainda por mais alguns dias, admirado pelas elites e muito visitado.	...
<i>Correio Paulistano</i>	17 de novembro de 1929, p. 6, col. 6	Exposição Antonio Carneiro	Listagem de mais algumas telas vendidas e seus compradores. Dentre elas, a icônica <i>Camões lendo os Lusíadas...</i>	...
<i>Diário Nacional</i>	20 de novembro de 1929, p. 7, col. 6	Exposição Antonio Carneiro	Listagem de telas vendidas durante o evento e seus respectivos compradores.	...
<i>O Paiz</i>	22 de novembro de 1929, p. 2, col. 5	Uma retrospectiva de Columbano	A ENBA decide realizar uma exposição em homenagem ao pintor, contendo todas as suas obras presentes no Brasil.	...
<i>O Jornal</i>	3 de dezembro de 1929, p. 3, col. 3	O leilão anual da Galeria Jorge	Vendas das telas de António Carneiro, Roque Gameiro, José Malhoa, Silva Porto, Souza Pinto e Carlos Reis.	...



**APÊNDICE B - TABELA 21**

**Cronologia das exposições, sua natureza, participantes, obras exibidas e outros dados correlacionados**

Ano	Nome e local	Natureza do evento	Artistas participantes e obras exibidas	Acontecimento político ou econômico concomitante
1889	<i>Atelier Moderno</i> , Rio de Janeiro	Coletivo	Total de 91 obras expostas das mais diversas escolas, dentre as quais constam três exemplares de José Júlio de Souza Pinto.	- Proclamação da República brasileira. - Belmiro de Almeida conhece o divisionismo na Itália.
1890	<i>Salon Officiel</i> , Paris	Coletivo	Participações de Columbano Bordalo Pinheiro, Veloso Salgado, José Júlio de Souza Pinto, José de Brito e Mello; mas também de alguns brasileiros.	- Reforma da Academia Imperial de Belas Artes brasileira, agora chamada Escola Nacional de Belas Artes. - Ultimato Britânico a Portugal.
1891	Casa Moncada, Rio de Janeiro	Individual	Uma obra de Francisco José Rezende, <i>Apoteose de Hahnemann</i> , é exposta após ser adquirida pelo Conde de Leopoldina.	- Promulgada a Constituição brasileira. - Assume a presidência da República o Marechal Floriano Peixoto.
	Salão d'O Paiz, Rio de Janeiro	Individual	Mariano de Lima expõe quatro obras no edifício do jornal, sendo duas paisagens à beira mar e duas marinhas.	- Revolta do Porto.
	<i>Salon Officiel</i> , Paris	Coletivo	Participação de José Júlio de Souza Pinto, Columbano Bordalo Pinheiro e Delgado.	

1892	Salão Vieitas, Rio de Janeiro	Coletivo	Dentre as assinaturas portuguesas, constam uma cabeça de mulher, de autoria de Silva Porto, e duas marinhas de João Vaz.	- Último número da revista <i>Ilustração</i> , de Mariano Pina.
	<i>Salon Officiel</i> , Paris	Coletivo	Veloso Salgado recebe a medalha de 2ª classe pelos dois quadros que expôs no evento francês.	
1893	Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro	Coletivo	Presença de uma obra de José Malhoa vinda da Europa especialmente para o certame.	
	<i>Salon Officiel</i> , Paris	Coletivo	Participações de José Júlio de Souza Pinto, Jorge Collaço, José de Brito e Veloso Salgado; além dos brasileiros Lopes Rodrigues e Oscar Pereira da Silva.	
	Casa Hollender, São Paulo	Coletivo	Exposição permanente de quadros de diversas escolas, momentaneamente enriquecida por um retrato do conselheiro José Júlio Rodrigues, obra de Rodrigo Soares.	- Eleição do primeiro presidente civil do Brasil, Prudente de Moraes.

1894	Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro	Coletivo	José Júlio de Souza Pinto participa com cinco obras, sendo laureado com a Segunda Medalha de Ouro. Rodrigo Soares enviaria dois retratos.	- Início da ruptura diplomática decretada entre Brasil e Portugal.
	<i>Salon Officiel</i> , Paris	Coletivo	Participações dos pintores portugueses Veloso Salgado, José de Brito, José Júlio de Souza Pinto e o irmão Alberto; além dos brasileiros Oscar Pereira da Silva, Lopes Rodrigues e Félix Bernardelli.	
1895	Leilão da Galeria Cambiaso, Rio de Janeiro	Coletivo	Do total de 179 obras dispostas para a venda, são citadas as assinaturas de António Ramalho e João Vaz.	- Fim da ruptura diplomática decretada entre Brasil e Portugal.
	Casa Daniel Abreu, São Paulo	Individual	Rodrigo Soares expõe um retrato de sua autoria do marechal Floriano Peixoto.	- Ramalho Ortigão publica “O culto da arte em Portugal” na <i>Gazeta de Notícias</i> carioca.
	Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro	Coletivo	Registra as participações de José Malhoa (com cinco quadros), Álvaro do Valle e Marques Guimarães, sendo que este último acaba por ser contemplado com a Terceira Medalha de Ouro.	

1896	Reabertura da Companhia de Indústria e Comércio de Papeis Pintados, Rio de Janeiro	Coletivo	Algumas obras de José Malhoa são trazidas pelo dono do estabelecimento diretamente da Europa e dispostas para exibição no edifício da sede junto a outros artigos de luxo.
	Salão do Banco Construtor e Agrícola de São Paulo	Individual	Rodrigo Soares expõe um conjunto de quadros muito elogiados e acaba por vender a expressiva soma de 16.
	<i>Salon Officiel</i> , Paris	Coletivo	Participações do português José Júlio de Souza Pinto e dos brasileiros Alvim Corrêa, Eliseu Visconti e Pedro Luiz Vauthier.
1897	Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro	Coletivo	José Júlio de Souza Pinto é representado por dois quadros no salão nacional brasileiro, sendo provável que ele tenha sido convidado, e não concorrido ao certame, já que uma de suas obras expostas havia figurado em outra mostra carioca.
	Galeria Cambiaso, Rio de Janeiro	Individual	José Júlio de Souza Pinto envia de Paris duas paisagens com vacas para figurarem na galeria carioca.

- Fundação da Academia Brasileira de Letras.

	<i>Salon Officiel</i> , Paris	Coletivo	Participações de José Júlio de Souza Pinto, José Malhoa, Júlio Ramos, António Ribeiro, Alberto Pino e Veloso Salgado; e dos brasileiros Pedro Weingartner, Pedro Luiz Vauthier, Simões da Fonseca e Florian Peixoto.	
1898	Exposição de Arte Retrospectiva organizada pelo Centro Artístico na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro	Coletivo	Mais de 30 coleções privadas são reunidas na mostra que não possui qualquer intenção comercial. Dentre as 340 pinturas exibidas figuravam os portugueses Anunciação, Álvaro do Valle, Rodrigues de Sá Simplício, Columbano Bordalo Pinheiro, José Júlio de Souza Pinto, Manuel Maria Bordalo Pinheiro, Maria Augusta Bordalo Pinheiro e Veloso Salgado.	<p>- Lucinda Simões publica um artigo no <i>Jornal do Brasil</i>, no qual revela a extrema amabilidade com o que os artistas portugueses eram recebidos no Brasil, fazendo deste país a sua segunda pátria artística.</p> <p>- Campos Salles visita Lisboa pouco tempo antes de assumir a presidência da República brasileira, cargo para o qual tinha sido eleito meses antes.</p>
	Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro	Coletivo	José Júlio de Souza Pinto participa novamente do salão brasileiro com algumas obras, dentre as quais é possível identificar <i>En prairie</i> , <i>Le Cabaret</i> e <i>Cavalos</i> .	

	Vitrine do Bon Marché, São Paulo	Individual	António Ribeiro expõe um <i>crayon</i> na entrada do estabelecimento comercial paulista.	
1899	Leilão de espólio do Coronel João Alves Mendes da Silva, Rio de Janeiro	Coletivo	Dissolução de uma das galerias artísticas mais respeitadas do Brasil, contendo obras de pintores nacionais e estrangeiros, como os portugueses Silva Porto, José Malhoa, José Júlio de Souza Pinto e Simplício de Sá (o seu <i>O irmão pedinte</i> , já exibido no Centro Artístico, atinge altos valores e é elogiado pelos jornais).	- O articulista identificado apenas como A.A. se defende da acusação feita por António de Souza Bastos de que ele era um lusóforo.
	Vitrine da loja Preço Fixo, Rio de Janeiro	Individual	O pintor português José Raphael expõe uma marinha no estabelecimento comercial carioca.	
	<i>Salon Officiel</i> , Paris	Coletivo	Registra as participações dos portugueses José Júlio de Souza Pinto, José Malhoa, Alberto Pinto e Sarah de Vasconcelos; e dos brasileiros Rosalvo Ribeiro, Carlos Azevedo, Eliseu Visconti, Manoel Madruga, Vauthier e Pedro Alexandrino.	

1900	Leilão dos bens de Havilland de Lisle, Rio de Janeiro	Coletivo	Em meio a ricas pinturas a óleo que adornavam a casa do gerente do <i>London and River Plate Bank</i> , os jornais destacavam a assinatura de José Júlio de Souza Pinto.	- Candido da Costa lança o livro <i>As duas Américas</i> , dirigido em Lisboa por Gualdino Gomes e ilustrado por António Ramalho. - <i>O Estado de São Paulo</i> passa a circular com a coluna “Revistas portuguesas”.
	Leilão autorizado por distinta amadora, Rio de Janeiro	Coletivo	Dentre obras de notáveis autores brasileiros, franceses e italianos, viam-se óleos de Anunciação e José Júlio de Souza Pinto.	
1901	Leilão de rica galeria, Rio de Janeiro	Coletivo	Um cavalheiro em mudança vende preciosas obras de arte e telas de autores portugueses, como: Anunciação, José Júlio de Souza Pinto, Silva Porto, João Vaz e José Malhoa.	- Ramalho Ortigão volta a escrever para a <i>Gazeta de Notícias</i> como correspondente.
	Leilão de outra galeria artística, Rio de Janeiro	Coletivo	Dentre as pinturas são listadas uma paisagem de Silva Porto e dois quadros de José Júlio de Souza Pinto ( <i>Trecho do Rio Vizela</i> e <i>Campo de Trigo, em Vizella</i> ).	
	Leilão da massa falida de <i>Quartim, Silveira &amp; C.</i> , Rio de Janeiro	Coletivo	Uma das mais importantes galerias artísticas do Rio de Janeiro, reunida criteriosamente pelo Barão de	- Silvio Romero pronuncia no Gabinete Português de Leitura a sua palestra intitulada “Da



1902	Exposição de Arte Portuguesa, Liceu de Artes e Ofícios, Rio de Janeiro	Coletivo	<p>Quartim durante toda a sua vida, guardava obras dos portugueses Anunciação, José Júlio de Souza Pinto, Veloso Salgado e José de Brito.</p> <p>Dos 105 grupos de objetos diferentes que abrangiam todas as manifestações de arte, são apresentadas 103 telas de Columbano Bordalo Pinheiro, Enrique Casanova, Ernesto Condeixa, José António Jorge Pinto, José Malhoa, João Carlos Galhardo, José Veloso Salgado, Luciano Freire, Adriano de Souza Lopes, Jorge Collaço, Alberto de Souza, Alfredo Roque Gameiro, Carlos Reis, João Ribeiro Christino da Silva, Joaquim Luiz Cardoso, Júlio Teixeira Bastos, Manuel Henrique Pinto, Francisco Martins, Maria Augusta Bordalo Pinheiro, Pedro Guedes, Thomaz de Mello Júnior, António Ferreira Quaresma, David Estrela de Mello, Ferreira da Costa, Joaquim Porfírio, João Vaz e José Ribeiro Júnior.</p> <p><i>conveniência de reforçar o elemento português no Brasil”.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O português João de Souza Lage assume a direção d’<i>O Paiz</i> e em pouco tempo faria daquela uma das mais importantes publicações brasileiras.</li> <li>- Rodrigues Alves assume a presidência do Brasil.</li> <li>- O barão do Rio Branco assume a pasta das Relações Exteriores brasileira.</li> <li>- Lisboa recebe iluminação elétrica.</li> </ul>
------	--	----------	--

	Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro	Coletivo	Por mais um ano, José Júlio de Souza Pinto envia de Paris uma paisagem e outra marinha para o certame carioca.	
1903	Leilão de encerramento da Galeria Cambiaso, Rio de Janeiro	Coletivo	A dissolução de importante galeria artística, que continha no seu acervo obras do português José Júlio de Souza Pinto.	- Início das obras de remodelação do Rio de Janeiro, com consequente reformas do Porto, das avenidas, edifícios públicos e monumentos.
	Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro	Coletivo	O 10º salão nacional, com 50 expositores e 199 quadros a óleo, registra as participações dos portugueses Marques Guimarães e Carlos Reis.	
1904	Leilão de encerramento da Galeria Cambiaso, Rio de Janeiro	Coletivo	Prossegue a venda de objetos artísticos pertencentes ao estabelecimento, que continua a disponibilizar algumas obras de José Júlio de Souza Pinto.	- É oferecido um banquete em homenagem a Guerra Junqueiro, iniciativa de admiradores portugueses e brasileiros residentes em Paris. - Eclode a Revolta da Vacina no Rio de Janeiro. - Assinatura do Segundo Tratado de Windsor.
	Segunda Exposição de Belas Artes da Casa Vieitas, Rio de Janeiro	Coletivo	Dos 94 trabalhos em exibição, Henrique Teixeira Bastos é representado por 14 telas. Laura Sauvignet Bandeira também exibe ali alguns títulos. José Malhoa, Manuel Henrique Pinto e João Vaz figuravam com um trabalho cada um.	

	Casa Curiositás, Petrópolis	Individual	O estabelecimento comercial exhibe obras de António Ribeiro, há pouco falecido em Lisboa e que atuara como professor na cidade.	
1905	Casa Vieitas, Rio de Janeiro	Individual	O estabelecimento comercial exhibe três pequenos trabalhos de José Malhoa.	- A revista londrina <i>The Studio</i> publica um artigo sobre José Malhoa.
	3ª Exposição de Trabalhos Artísticos do Club Petrópolis	Coletivo	A instituição convida alguns artistas de renome para participarem do evento, dentre os quais consta o português Marques Guimarães.	- O grupo d' <i>O Estado de São Paulo</i> começa a editar a magazine <i>A Vida Moderna</i> .
	Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro	Individual	José Malhoa expõe 112 telas nesta que será uma das mostras mais comentadas pelos periódicos brasileiros. Um sucesso de público e de venda que marcará as relações artísticas luso-brasileiras.	- Affonso Penna assume a presidência da República brasileira. - Por decreto de Carlos I, o Gabinete Português de Leitura recebe o epíteto de Real.
1906	Leilão artístico, Rio de Janeiro	Coletivo	Venda de uma coleção de obras de arte por valores altos, como o quadro de José Malhoa, <i>A desfolhada do milho</i> , arrematado por 1:620\$.	- José Malhoa é nomeado para membro honorário do Conselho Superior de Belas Artes do Brasil.

	Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro	Coletivo	Participações de José Malhoa, Columbano Bordalo Pinheiro, Teixeira Bastos, Falcão Trigoso e Germano Neves. O júri do certame concede a Medalha de Ouro de 1ª classe a Malhoa e a Menção Honrosa de 2º grau a Germano.	- Início da ditadura franquista em Portugal.
1907	Exposição Permanente de Produtos Portugueses, Liceu Literário Português, Rio de Janeiro	Coletivo	Participantes: Adolpho de Souza Rodrigues, Alfredo José Torquato Pinheiro, Amelia de Souza, António Manoel da Saude, Augusto Bobone, Augusto Paschoal Corrêa Brandão, Branca de Assis Marques, Carlos Reis, Columbano Bordalo Pinheiro, Constantino Fernandes, David Estrela de Mello, Domingos Costa, Eduardo Moura, Emília Adelaide dos Santos, Ernesto Condeixa, Esther Machado, Francisco Romano Esteves, João Augusto Ribeiro, João Guilherme Mattoso da Fonseca, João Vaz, Joaquim Luiz Cardoso, Joaquim Porphirio, Jorge Collaço, José de Brito, José Malhoa, José Ribeiro Júnior, José Veloso Salgado, Júlia	- Carlos Malheiro Dias é convidado para ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.  - Governo brasileiro decreta a expulsão do país de qualquer estrangeiro que compromettesse a ordem pública, ordem que veio a calhar para a expulsão dos anarquistas, dentre os quais o maior número era de portugueses.

		Pinto, Laura Sauvignet Bandeira, Luciano Freire, Lucília Aranha Grave, Manuel Henrique Pinto, Sophia de Souza, Thomaz de Mello Júnior e Virgínia Santos Avelar.
Rio de Janeiro	Individual	Carlos Reis organiza a exibição de quadros a óleo e a bico de pena, aquarelas e pastéis sobre seda.
Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro	Coletivo	José Malhoa participa do certame com um retrato a pastel de uma típica morena brasileira.
Exposição Nacional do Rio de Janeiro	Coletivo	<p>Expositores portugueses: Abel Cardoso, Alfredo Guedes, Alfredo José Torquato Pinheiro, Alfredo Roque Gameiro, Alice Grillo de Lima, António Carneiro, António José da Costa, António Manoel da Saude, Augusto Bobonne, Augusto Paschoal Corrêa Brandão, Bartholomeu Sezinando Ribeiro Arthur, Bemvinda Madeira Pinto, Branca Assis Marques, Carlos Reis, Columbano Bordalo Pinheiro, Condessa do Alto Mearim, Constantino Álvaro Sobral Fernandes,</p> <p>- O engenheiro português Ricardo Severo chega a São Paulo, onde residiria até 1928.</p> <p>- Lançamento em São Paulo dos periódicos: <i>Revista Portugal e Brasil</i>, o <i>Echo Português</i> e <i>A bandeira portuguesa</i>.</p> <p>- Assassinato do rei de Portugal D. Carlos I e de seu filho Luís Filipe, com consequente</p>

1908

David Estrela de Mello, Domingos Costa, Eduardo Moura, Emília Adelaide Santos Braga, Ernesto Condeixa, Esther Machado, Joaquim Luiz Cardoso, Joaquim Teixeira Marinho, João Guilherme Mattoso da Fonseca, João Vaz, José de Almeida e Silva, José de Brito, José de Sousa Moura Gyrão, José Júlio de Souza Pinto, José Malhoa, José Ribeiro Junior, José Veloso Salgado, Júlio Costa, Júlio Ramos, Júlio Teixeira Bastos, Laura Sauvinet Bandeira, Lucília Aranha Grave, Manuel Henrique Pinto, Margarida da Costa Romão, Maria Aida Gomes Roberto, Maria Piedade Côrte Real, Sua Majestade a Rainha d. Amélia, Sua Majestade El-Rei d. Carlos I, Thomaz de Mello Júnior, Virgínia Santos Avelar e Viscondessa de Sistello.

nomeação de D. Manuel II para o trono.  
- Fim do governo de João Franco.

Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro

Coletivo

Marques Guimarães participa do evento com um criticado retrato do falecido Imperador do Brasil, D. Pedro II, e uma cena de *Flores*.

	Galeria Jorge, Rio de Janeiro	Coletivo	O estabelecimento comercial expõe algumas obras de arte, dentre as quais consta uma paisagem de autoria de José Júlio de Souza Pinto.	
	<i>Salon Officiel</i> , Paris	Coletivo	Mário Barbosa, um pintor paulista, apresenta no certame francês uma tela inspirada em assunto português, sendo notadas ainda as participações de José Júlio de Souza Pinto, José Malhoa e Adriano de Souza Lopes.	
1909	Centro Acadêmico, Rio de Janeiro	Individual	A instituição inaugura um retrato de Guerra Junqueiro, de autoria do pintor português J. Almeida.	- Em artigo jornalístico, Carmen Dolores compara a produção do pintor baiano Presciliano Silva à de José Malhoa.
	Consulado de Portugal, São Paulo	Individual	Uma comissão de membros da colônia portuguesa oferece à repartição um retrato do rei D. Manuel II pintado por Rodrigo Soares.	- A Academia das Ciências de Lisboa sugere a constituição de uma aliança luso-brasileira
	<i>Salon Officiel</i> , Paris	Coletivo	Participações dos portugueses José Júlio de Souza Pinto e José Malhoa; além dos brasileiros Mário e Dario Barbosa.	- Nilo Peçanha assume o restante do mandato de Affonso Penna como presidente do Brasil após a sua morte.

1910	Casa Favorita, Rio de Janeiro	Coletivo	No estabelecimento comercial é exposto para venda um quadro de José Malhoa representando um garoto a apanhar flechas de foguetes.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Implantação da República Portuguesa</li> <li>- A Sociedade de Geografia de Lisboa realiza concurso para premiar o escritor que propusesse o meio mais eficaz de unir portugueses e brasileiros. Ali Consiglieri Pedroso formularia seu “Acordo Luso-Brasileiro”.</li> <li>- Marechal Hermes da Fonseca assume a presidência da República brasileira.</li> </ul>
1911	...	...	...	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Manuel de Arriaga torna-se o primeiro presidente da República em Portugal.</li> <li>- Inauguração do Teatro Municipal de São Paulo</li> </ul>
	Exposição de Arte Retrospectiva, Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro	Coletivo	Evento organizado por iniciativa do comerciante português José dos Santos Libório.	- Ápice da imigração portuguesa para o Brasil.



1912	<i>Jornal do Brasil</i> , Rio de Janeiro	Individual	O vestibulo do periódico expõe para venda o retrato pintado por José Malhoa de Amâncio Esteves (modelo para <i>O fado</i> ), a pedido do mesmo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Alberto d'Oliveira publica textos de incentivo ao luso-brasileirismo.</li> <li>- Fundação da Câmara Portuguesa de Comércio em São Paulo.</li> </ul>
	Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro	Individual	Exposição de Mattoso da Fonseca, mais conhecido por suas atividades literárias, que em uma das salas da academia brasileira apresenta 35 quadros a pastel e 14 a óleo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Carlos Malheiro Dias foge de Portugal e se instala no Brasil a partir de então.</li> </ul>
	Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro	Individual	Exposição de José Júlio de Souza Pinto, em sua primeira visita pessoal ao Brasil, contendo cerca de 130 telas. Uma delas seria vendida ao presidente da República e outra ao Governo Federal do Brasil.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Morre o Barão do Rio Branco.</li> </ul>
	Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro	Coletivo	Participações de José Malhoa, com uma cabeça de estudo, e de Teixeira Bastos, com um quadro.	
	Casa Mascarini, São Paulo	Individual	Exposição de José Júlio de Souza Pinto, que vai pela primeira vez à província e vende 60 das cerca de 90 telas que expunha ( <i>Le baquet bleu</i> é adquirida pelo Estado).	

	<i>Salon Officiel</i> , Paris	Coletivo	Participação de José Malhoa, com alguns retratos.	
1913	Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro	Individual	Exposição de João Vaz com cerca de 50 obras. A Escola Nacional de Belas Artes adquire <i>Entardecer</i> para a sua Pinacoteca.	- A legação diplomática do Brasil em Lisboa é elevada à categoria de Embaixada.  - Lobo d'Avila Lima ressalta a necessidade de se promover a visita à Portugal de uma missão brasileira para estreitar os laços.
	Leilão de coleção artística, Rio de Janeiro	Coletivo	Venda de objetos diversos pertencentes a uma vivenda, como pinturas das escolas francesa, espanhola, italiana, brasileira e portuguesa (dentre estes, Columbano, José Malhoa, José Júlio de Souza Pinto e António Ribeiro).	- Ramalho Ortigão encerra em definitivo a sua contribuição na imprensa brasileira
1914	Leilão de objetos artísticos, Rio de Janeiro	Coletivo	A galeria de pinturas a óleo continha exemplares de José Malhoa e de nomes brasileiros. Alguns quadros eram provenientes da coleção do barão de Quartim e outros eram originários do próprio Paço Imperial.	- Eclosão da Primeira Guerra Mundial.  - A legação diplomática de Portugal no Rio de Janeiro é elevada à categoria de Embaixada.
	Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro	Individual	José Campas apresenta cerca de 80 telas ao público carioca e os jornais anunciam a venda de grande parte das mesmas.	- Wenceslau Brás assume a presidência da República brasileira.

	Galeria Jorge, Rio de Janeiro	Individual	António Carneiro faz sua primeira visita ao Brasil, exibindo 50 quadros a óleo, 9 aquarelas e 76 desenhos. Evento relativamente prejudicado com a eclosão do conflito bélico mundial.	- Fernando Correia Dias estabelece moradia no Brasil.
	Associação dos Empregados no Comércio, Rio de Janeiro	Individual	Mostra organizada por alguns amigos e admiradores de António Carneiro (que estava em viagem por Curitiba), que exibiria os 34 retratos pintados pelo português ao longo de sua estadia no Brasil	
	Galeria Jorge, Rio de Janeiro	Individual	António Carneiro volta à Capital Federal em dezembro e organiza nova mostra de seus quadros (óleos, desenhos e marinhas) a convite do mesmo estabelecimento que o recebera meses antes.	
1915	Rua Líbero Badaró, 25C, São Paulo	Individual	Depois de mais de uma década de ausência, Rodrigo Soares volta ao Brasil e expõe em São Paulo.	- Teófilo Braga assume a presidência da República portuguesa, sendo logo seguido por Bernardino Machado.
	Leilão de objetos artísticos, Rio de Janeiro	Coletivo	Venda dos 1.115 itens listados como pertencentes à residência do Dr. José Augusto Prestes. Dentre as pinturas,	

			registravam-se quadros de José Malhoa, Columbano, José Júlio de Souza Pinto, Christino, Ernesto Condeixa, Constantino Fernandes, Almeida e Silva, além de nomes brasileiros, franceses, belgas, espanhóis e italianos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lançamento da cosmopolita revista <i>Atlântida: mensário artístico para Portugal e Brasil</i>.</li> <li>- Antonio Ferreira Botelho assume a direção do <i>Jornal do Commercio</i> carioca.</li> </ul>
1916	Galeria Jorge, Rio de Janeiro	Coletivo	António Carneiro tem quadros expostos no estabelecimento junto a artistas brasileiros e franceses.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fundação da revista <i>Lusitania: semanário ilustrado luso-brasileiro</i>.</li> </ul>
	Leilão de objetos artísticos, Rio de Janeiro	Coletivo	Nos artigos de pintura listados, estão assinaturas francesas e grandes nomes brasileiros, como Rodolpho Amoedo, Décio Villares, Castagneto, Navarro da Costa, Timóteo da Costa, Batista da Costa e Grimm. Dos portugueses, aparece na listagem o nome de António Carneiro.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Olavo Bilac discursa em Lisboa, ao lado de Guerra Junqueiro, em defesa da irmandade entre os dois lados do Atlântico.</li> <li>- Os portugueses organizam algumas manifestações para agradecer o apoio prestado pelos brasileiros frente ao conflito mundial.</li> <li>- Criação da cadeira de Estudos Brasileiros, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.</li> </ul>

1917	...	...	...	<ul style="list-style-type: none"> <li>- João de Barros e Navarro da Costa conquistam a equiparação dos direitos e garantias dos artistas brasileiros e portugueses frente à Direção Nacional de Belas Artes de Lisboa.</li> <li>- O Brasil declara guerra à Alemanha.</li> <li>- Lançamento da revista <i>Brazileia</i>.</li> <li>- O governo português envia ao Brasil uma missão de intelectuais.</li> </ul>
	Livraria Alves, Rio de Janeiro	Individual	O retrato a óleo de Camillo Castelo Branco ali exibido pelo português Mario Santos é logo adquirido por Augusto Brandão.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Encerramento da Primeira Guerra Mundial.</li> <li>- Delfim Moreira da Costa assume a presidência da República brasileira no lugar do adoentado Rodrigues Alves.</li> </ul>
1918	Galeria Artística, São Paulo	Coletivo	Dentre a coleção de quadros a óleo exibida ali, era possível ver um exemplar de Veloso Salgado.	

1919	Galeria Trianon, Rio de Janeiro	Coletivo	O lançamento da monografia de Alfredo de Souza sobre Arthur Loureiro é brindado com a exibição no estabelecimento comercial de três obras do pintor português.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sidónio Pais assume a presidência da República portuguesa.</li> <li>- João de Barros pronuncia na Sociedade de Belas Artes a conferência “Aproximação artística luso-brasileira”.</li> </ul>
	Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro	Individual	Carlos Reis exibida pela primeira vez no Brasil 44 telas suas e 11 do filho João Reis. Antes do retronro a Portugal, eles iriam expor no mesmo Gabinete os retratos por eles pintados durante a estadia no Brasil.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Após novas eleições, Epitácio Pessoa assume a presidência do Brasil.</li> <li>- António José de Almeida torna-se o 6º presidente da República portuguesa.</li> </ul>
	Galeria Jorge, Rio de Janeiro	Individual	Como forma de homenagem, o estabelecimento comercial organiza uma exposição dos quadros a óleo e alguns carvões produzidos por Carlos e João Reis no Brasil.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Assinatura do Tratado de Versalhes.</li> </ul>
	Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro	Coletivo	Dentre os 213 trabalhos concorrentes, notam-se as alcunhas portuguesas do marinista B. Pinto e de Carlos Reis. Este último seria agraciado, conforme decisão do Conselho Superior de	

		Belas Artes, com a Grande Medalha de Ouro em Pintura.	
Associação dos Empregados no Comércio, Rio de Janeiro	Individual	Carlos Gomes Fernandes expõe algumas paisagens e retratos encomendados no saguão do edifício da instituição. O evento era realizado em benefício dos flagelados do norte.	
Galeria Jorge, Rio de Janeiro	Individual	Hippolyto Colomb expõe 45 aquarelas, guaches, lápis e pasteis no estabelecimento comercial.	
Câmara Portuguesa de Comércio, São Paulo	Individual	A pedido de amigos e admiradores, Hippolyto Colomb realiza outra mostra, agora na província paulista.	
Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro	Individual	Alfredo Roque Gameiro viaja ao Rio de Janeiro com o objetivo de recolher informações para ilustrar o volume intitulado <i>História da Colonização Portuguesa do Brasil</i> , a ser publicado em 1922. Aproveita, assim, para dispor à venda 137 aquarelas suas e mais 53 da filha Helena.	<p>- 15% da população total do Rio de Janeiro e 11% de São Paulo era à época formada por imigrantes portugueses.</p> <p>- Fim da publicação de <i>Atlântida</i>.</p>

	Câmara Portuguesa de Comércio, São Paulo	Individual	Alfredo Roque Gameiro e a filha Helena seguem o sonho de exibir seus trabalhos na capital paulista, para onde levam 100 obras, mas sem alcançar grande sucesso.	- Fernando Correia Dias funda no Rio de Janeiro <i>A rajada</i> .
1920	Grande Exposição de Arte Portuguesa, Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro	Coletivo	Iniciativa de João de Figueiredo Ursprung que levou ao público carioca cerca de 250 pinturas de Adelaide Lima Cruz, Albertina Rodrigues, Alberto de Souza, Alfredo Keil, Alves Cardoso, António Saude, Carlos Bonvalot, Carlos Reis, D. Carlos I, Columbano, Costa Motta, David de Almeida, Ernesto Condeixa, Evaristo Catalão, Ezequiel Pereira, Falcão Trigoso, Fernandes Tavares, Frederico Carvalho, Joaquim Costa, João Reis, João Trigoso, João Vaz, José Leite, José Malhoa, José Pereira, Leitão de Barros, Luciano Freire, Martinho da Fonseca, Mattoso da Fonseca, Nunes Ribeiro, Romano Esteves, Salvador Júnior, Silva Porto, Simão da Veiga, Simões de Almeida, Veloso Salgado e Zoé Batalha Reis.	



	Casa Freire, São Paulo	Coletivo	O negociante José da Cunha Freire inaugura uma exposição permanente de trabalhos de pintores estrangeiros e brasileiros, dentre os quais dois portugueses (José Malhoa e Veloso Salgado).	
	Leilão, Rio de Janeiro	Coletivo	Liquidação de todo um prédio e de seu conteúdo. Dentre as obras de arte, destaca-se uma tela de José Malhoa não identificada.	
1921	Leilão de penhores, Rio de Janeiro	Coletivo	Venda dos bens de Jorge da Silva Oliveira, pertencentes a cautelas já vencidas e não resgatadas, dentre os quais constavam dois quadros a óleo de Anunciação.	- Carlos Malheiro Dias organiza a importante obra <i>História da Colonização Portuguesa do Brasil</i> .
	Exposição Comemorativa do Centenário da Independência, Rio de Janeiro	Coletivo	O grande evento organizado para comemorar o fim da colonização portuguesa não excluiu a participação da ex-metrópole, que em seu Pavilhão Anexo das Belas Artes exibiu obras de Adelaide Lima Cruz, Alfredo Roque Gameiro, Alice Grillo, Alves Cardoso, António Carneiro, António Costa, António Saude, Arthur Loureiro,	- Artur Bernardes assume a presidência do Brasil. - Gago Coutinho e Sacadura Cabral realizam a primeira travessia aérea entre Brasil e Portugal.

---

1922	Galeria Jorge, Rio de Janeiro	Individual	<p data-bbox="1142 207 2087 933">Aurélia de Souza, Carlos Bonvalot, Carlos Reis, Columbano, Christino de Souza, Daniel Porta, Dordio Gomes, Eduardo Moura, Emília dos Santos Braga, Ernesto Condeixa, Fausto Gonçalves, Helena Roque Gameiro, Joaquim Lopes, João Augusto Ribeiro, João Marques, João Reis, João Vaz, José de Almeida e Silva, José de Brito, José Leite, José Malhoa, José Ribeiro Júnior, Júlio Costa, Leitão de Barros, Luciano Freire, Martinho da Fonseca, Narciso de Moraes, Plamora Barros, Raul Carapinha, Ribeiro Júnior, Samora Barbosa, José Júlio de Souza Pinto e Veloso Salgado.</p> <p data-bbox="1142 973 2087 1326">Carlos Reis e João Reis exibem, respetivamente, 4 e 15 telas, dentre exemplares não vendidos no evento recentemente organizado em Buenos Aires e outras encomendas já produzidas no Brasil. Na ocasião, a Escola Nacional de Belas Artes iria adquirir <i>O batizado</i>, de Carlos Reis.</p>
------	-------------------------------	------------	--

---

1923	Rua Líbero Badaró, 90, São Paulo	Coletivo	Mostra de itens pertencentes à delegação artística portuguesa e não vendidos durante a Exposição do Centenário, como composições de Jorge Barradas e Fausto Gonçalves.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Manuel Teixeira Gomes assume a presidência de Portugal.</li> <li>- A Lei Adolfo Gordo passa a controlar a liberdade de imprensa no Brasil.</li> </ul>
	Galeria Jorge, Rio de Janeiro	Individual	Leal da Câmara, que viajara ao Brasil para supervisionar a decoração dos pavilhões portugueses, exibe cerca de 80 trabalhos produzidos em diferentes momentos de sua carreira e nos diversos locais pelos quais passou.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A cadeira de Estudos Brasileiros, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é finalmente ocupada.</li> </ul>
	Associação dos Empregados no Comércio, Rio de Janeiro	Individual	Roberto dos Santos e Américo Tavares, que viajaram ao Rio de Janeiro para auxiliar Leal da Câmara na decoração do Pavilhão Português das Indústrias, improvisam uma mostra de cerca de 50 trabalhos seus no saguão do edifício.	
	Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro	Individual	Fausto Gonçalves chega ainda desconhecido ao Brasil, logo conquistando a admiração da crítica e dos colecionadores e a alcunha de “o pintor de Coimbra”.	

	Liceu de Artes e Ofícios, Rio de Janeiro	Individual	Os 40 exemplares exibidos por Jorge Barradas iriam gerar comentários contraditórios da crítica carioca. Seriam depois levados para exibição em São Paulo.	
	Galeria Jorge, São Paulo	Coletivo	A exposição anual organizada pela filial paulista da loja carioca disporia para a venda 142 trabalhos de renomados artistas brasileiros, espanhóis, italianos e franceses, além dos portugueses Carlos Reis, José Júlio de Souza Pinto e Silva Porto.	
1924	Liceu de Artes e Ofícios, Rio de Janeiro	Individual	Adolpho Rosa, Chanceler do Consulado Geral de Portugal no Brasil, expunha a sua coleção de 34 aquarelas no saguão da instituição de ensino carioca.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É instituída a “Convenção Especial sobre Propriedade Literária e Artística”.</li> <li>- Graça Aranha discursa na Academia Brasileira de Letras em defesa da separação das literaturas brasileira e portuguesa.</li> </ul>
	Galeria Jorge, São Paulo	Coletivo	A 3ª exposição anual de pintura organizada pela filial paulista trazia 133 trabalhos de consagrados artistas,	- Bernardino Machado assume a presidência de Portugal.

1925	Leilão de coleção artística, Rio de Janeiro	Coletivo	<p>dentre os quais os portugueses José Malhoa, Anunciação, Silva Porto, Carlos Reis, Columbano e José Júlio de Souza Pinto.</p> <p>A valiosa coleção artística do comendador José Custódio Velloso, reuniao objetos provenientes do Paço Imperial e as pinturas de José Malhoa, Columbano, José Júlio de Souza Pinto e Anunciação.</p>	- Antônio Torres publica uma obra antilusitana de grande sucesso e com sucessivas reedições nos trópicos: <i>As razões da Inconfidência</i> .
	Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro	Individual	José de Almeida e Silva iria dividir a opinião de dois grandes intelectuais brasileiros, em acalorados debates nos jornais, à volta dos seus 100 quadros a óleo sobre paisagens da Beira-Alta portuguesa.	
	Galeria Jorge, Rio de Janeiro	Coletivo	A loja exibia duas telas de José Malhoa e um trabalho decorativo de Delacroix, ambos pertencentes ao Gabinete Português de Leitura, e que foram ali dispostos para sofrerem reparos técnicos.	- Um golpe de estado leva à queda da Primeira República portuguesa e abre caminho à implantação do Estado Novo, sucedendo-se diversos governos.

1926	Galeria Jorge, São Paulo	Individual	João Reis, já amadurecido pessoal e profissionalmente, voltava ao Brasil para realizar seu grande desejo de expor na capital paulista. Traz obras suas (53), do pai Carlos (22) e da irmã Maria Luiza (8).	- Washington Luís assume a presidência do Brasil para aquele que seria o último mandato da Primeira República, antes da ditadura varguista.
	Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro	Individual	Fausto Gonçalves voltava ao Brasil após anos de aprimoramento na Europa e mostrava cerca de 50 telas ainda mais elogiadas pela crítica carioca.	
	O Julio, Rio de Janeiro	Coletivo	Venda de uma rica galeria de pinturas que incluía obras de Alfredo e Helena Roque Gameiro, Columbano e José de Almeida e Silva.	
	Galeria Jorge, São Paulo	Individual	José Campas volta ao Brasil para cumprir o desejo dantes frustrado de expor na capital paulista, para onde leva cerca de 100 obras.	
<hr/>				
	Galeria Jorge, Rio de Janeiro	Individual	Após a passagem pouco lucrativa por São Paulo, José Campas levaria praticamente as mesmas 100 obras ao conhecimento do público carioca.	...

1927	Galeria Jorge, São Paulo	Coletivo	A 5ª exposição anual de pintura da filial reunia 144 telas de afamados pintores, como os portugueses Carlos Reis, José Júlio de Souza Pinto, José Malhoa, Ayres, Cardoso, João Reis, Silva Porto, Trigoso e António Saude.	
	Leilão de coleção artística, Rio de Janeiro	Coletivo	Venda do “museu” pacientemente organizado por Manoel da Silva Costa, que reuniu telas dos portugueses Carlos Reis, Roque Gameiro, José Malhoa, Columbano e António Carneiro.	
	Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro	Individual	Alves Cardoso vinha pela primeira vez ao Brasil para expor 97 telas, dentre paisagens transmontanas, quadros de género e retratos produzidos em Portugal e no Brasil, que arrancam calorosos aplausos da crítica local.	- Getúlio Vargas assume o governo do Estado do Rio Grande do Sul.  - António de Oliveira Salazar é escolhido para ocupar o Ministério das Finanças de Portugal.
	Galeria Jorge, Rio de Janeiro	Individual	Eduarda Lapa, a primeira pintora portuguesa a viajar para o Brasil, recebe o patrocínio de distintas senhoras e causa parco entusiasmo no meio carioca com suas 70 telas.	

1928	Exposição de Arte Portuguesa, Rua Libero Badaró, São Paulo	Coletivo	O certame exibia pinturas de variadas escolas e épocas de Portugal. A aplaudida iniciativa de Pinto de Vasconcelos trazia quadros de Carlos Reis, José Malhoa, Galhardo, Alfredo Keil, Veloso Salgado, Augusto de Mello Girão, Ezequiel Pereira e Tomás da Anunciação.
	Galeria Jorge, Rio de Janeiro	Coletivo	A sede do estabelecimento comercial dispunha para a venda obras de artista brasileiros, franceses e dos portugueses Columbano, Carlos Reis e José Malhoa.
	Galeria Jorge, Rio de Janeiro	Coletivo	Leilão das obras acumuladas no acervo, como dos autores portugueses José Malhoa, Columbano, José Júlio de Souza Pinto, Silva Porto, Frederico Ayres, António Carneiro, Alves Cardoso, Roque Gameiro, Eduarda Lapa, Carlos Reis, António Saude, João Trigoso, Luciano Freire e João Reis. - Crise econômica mundial.



1929	Liceu de Artes e Ofícios, Rio de Janeiro	Individual	João Sarmento levava suas desconhecidas aquarelas para a apreciação do público carioca.
	Casa Assunção, Largo do Patriarca, São Paulo	Individual	O visconde de Souza Prego expunha a sua coleção artística que contava com quadros do animalista português Simão da Veiga.
	Palace Hotel, Rio de Janeiro	Individual	Mais conhecido por suas atividades literárias, José Rodrigues revelaria sua faceta de pintor paisagista com os 59 panoramas do Minho e do Douro, sendo deveras criticado nos jornais cariocas.
	Galeria Jorge, Rio de Janeiro	Individual	A exposição de 80 telas de António Carneiro organizada pelo próprio estabelecimento comercial alcançaria grande sucesso.
	Prédio Glória, São Paulo	Individual	António Carneiro segue depois para a província paulista, carregando 62 telas. Registra boa visitação à sua mostra e muitas vendas.

---

**APÊNDICE C - TABELA 22**

**Pintores que enviaram obras ao Brasil, por ordem alfabética**

Artista	Quadros expostos no Brasil
Abel Cardoso	...
Adelaide Lima Cruz	...
Adolpho de Souza Rodrigues	- <i>Mulher de Douro</i> - <i>Trabalhos do campo</i>
Adolpho Greno	- <i>Retrato de Josefa Garcia Greno</i>
Adolpho Rosa	...
Adriano de Souza Lopes	- <i>Centenário risonho</i> - <i>Engano d'alma ledo e cego</i> - <i>Um herói boer</i>
Albertina Rodrigues	- <i>O pote da Índia</i>
Alberto de Souza Pinto	- <i>Adega</i> - <i>Interior de igreja</i>
Alfredo Guedes	- <i>Diploma</i> - <i>Passeio (estudo)</i> - <i>Pedreiro</i> - <i>Pescador</i> - <i>Retrato</i>
Alfredo José Torquato Pinheiro	- <i>Manhã de agosto</i> - <i>Lavadeira na levada</i> - <i>Santa Clara na vila do Conde</i> - <i>Tarde de inverno</i> - <i>Tarde no Corgo</i>
Alfredo Keil	...
Alfredo Roque Gameiro	- <i>A Ericeira vista de São Julião</i> - <i>A ida para o mar (Caparica)</i> - <i>A minha casa em Colares</i> - <i>A volta do mar (Caparica)</i> - <i>Barco de Palha</i> - <i>Carregamento das especiarias em Calecut</i> - <i>Casa Saloia</i> - <i>Castelo da Pena (Sintra)</i> - <i>Costume da Ilha da Madeira</i> - <i>Costumes</i> - <i>Estudo de Pinheiros</i> - <i>Fonte Saloia</i> - <i>Garotos banhando-se</i> - <i>Igreja da Conceição Velha</i> - <i>Lendo a correspondência do Brasil</i> - <i>Na praia</i> - <i>Na Praia Grande,</i> - <i>No cais de Guindais</i> - <i>Observando</i> - <i>Onde?</i> - <i>Porta da Vila de Óbidos</i> - <i>Porta lateral dos Jerônimos</i> - <i>Porta principal dos Jerônimos</i> - <i>Praia da Adraga</i>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Primavera</i></li> <li>- <i>Retrato</i></li> <li>- <i>Retrato de minha filha Raquel</i></li> <li>- <i>Rua do Bemformoso</i></li> <li>- <i>Terreiro do Paço</i></li> <li>- <i>Torre de Belem</i></li> <li>- <i>Visita régia à nau da Índia</i></li> </ul>
Alice Grillo de Lima	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Frutas</i></li> <li>- <i>No quintal</i></li> <li>- <i>Retrato de minha mãe</i></li> </ul>
Álvaro do Valle	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Junto do fogão</i></li> <li>- <i>O proletário</i></li> </ul>
Alves Cardoso	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A abóbora maior</i></li> <li>- <i>A aldeia de Samaiões</i></li> <li>- <i>A apanha das batatas</i></li> <li>- <i>A cabreira</i></li> <li>- <i>A caminho da fonte</i></li> <li>- <i>A casa da Tia Aduzinda</i></li> <li>- <i>A clareira</i></li> <li>- <i>A grande toilette</i></li> <li>- <i>A oliveira velha</i></li> <li>- <i>A pereira do burro</i></li> <li>- <i>A saída para a festa</i></li> <li>- <i>A veiga de Chaves</i></li> <li>- <i>A vindima</i></li> <li>- <i>As vinhas tintas</i></li> <li>- <i>Brunheiro à tarde</i></li> <li>- <i>Cabeça de criança</i></li> <li>- <i>Caldo verde</i></li> <li>- <i>Ciumenta</i></li> <li>- <i>Condução de touros</i></li> <li>- <i>Convalescente</i></li> <li>- <i>Dia cinzento</i></li> <li>- <i>Dia de feira</i></li> <li>- <i>Dia de inverno</i></li> <li>- <i>Dia de tempestade</i></li> <li>- <i>Efeito contra luz</i></li> <li>- <i>Em dia de feira</i></li> <li>- <i>Em dia de mercado</i></li> <li>- <i>Em dia de trovoadas</i></li> <li>- <i>Em pleno outono</i></li> <li>- <i>Em pleno verão</i></li> <li>- <i>Fim da tarde</i></li> <li>- <i>Fim de reza</i></li> <li>- <i>Fim do dia</i></li> <li>- <i>Freixo d'ouro</i></li> <li>- <i>Freixos no outono</i></li> <li>- <i>Fugindo ao temporal</i></li> <li>- <i>Lá fora está a nevar!</i></li> </ul>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Lua cheia</i></li> <li>- <i>Madrugada</i></li> <li>- <i>Mãe e filha</i></li> <li>- <i>Margens do Tamega</i></li> <li>- <i>Meditação</i></li> <li>- <i>Missa solene na aldeia</i></li> <li>- <i>Neve na serra</i></li> <li>- <i>No outono</i></li> <li>- <i>No soute</i></li> <li>- <i>O alambique do Sr. Abade</i></li> <li>- <i>O Brunheiro à tarde</i></li> <li>- <i>O caldo verde</i></li> <li>- <i>O lameiro do cigano</i></li> <li>- <i>O Morgado</i></li> <li>- <i>O namorico</i></li> <li>- <i>O primeiro arrufo</i></li> <li>- <i>O primeiro sol</i></li> <li>- <i>O presente dos padrinhos</i></li> <li>- <i>O rebanho</i></li> <li>- <i>“O Senhor tira-nos o retrato?”</i></li> <li>- <i>Os oleiros</i></li> <li>- <i>Os namorados</i></li> <li>- <i>Os pobrezinhos</i></li> <li>- <i>O Tamega (Chaves)</i></li> <li>- <i>O velho Adães</i></li> <li>- <i>O velho sobreiro</i></li> <li>- <i>Outono</i></li> <li>- <i>Pinheiros mansos</i></li> <li>- <i>Presente dos padrinhos</i></li> <li>- <i>Primeiro arrufo</i></li> <li>- <i>Recolhendo o gado</i></li> <li>- <i>Retrato de Candido Sotto Mayor</i></li> <li>- <i>Retrato de Emilia Bretes</i></li> <li>- <i>Retrato de Henrique Bacellar</i></li> <li>- <i>Retrato de Navarro da Costa</i></li> <li>- <i>Retrato do ator Carlos Santos</i></li> <li>- <i>Retrato do padre Silvino Nobrega</i></li> <li>- <i>Sob a latada</i></li> <li>- <i>Tarde de dezembro</i></li> <li>- <i>Um atrevido</i></li> <li>- <i>Um grupo feliz</i></li> <li>- <i>Um sorriso de Trás-os-Montes</i></li> <li>- <i>Uma réstea de sol</i></li> <li>- <i>Vida sã</i></li> <li>- <i>Volta do pasto</i></li> </ul>
Amélia de Souza	- <i>Dor</i>
Américo Tavares	...
António Carneiro	- <i>A arcada (Braga)</i>
	- <i>A árvore de Jessé</i>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A Baía (vista de Santa Tereza)</i></li> <li>- <i>A cancela de talha</i></li> <li>- <i>A cidade, ao alvorecer (R.J., 1914)</i></li> <li>- <i>A cidade da Bahia (vista do mar) (R.J., 1914)</i></li> <li>- <i>A costura</i></li> <li>- <i>A fonte dos Golfinhos</i></li> <li>- <i>A grande nave</i></li> <li>- <i>A grande vaga</i></li> <li>- <i>A hora do banho</i></li> <li>- <i>À janela</i></li> <li>- <i>A janela vermelha</i></li> <li>- <i>Amanhece na baía</i></li> <li>- <i>A mesa de mármore</i></li> <li>- <i>A moralidade</i></li> <li>- <i>A nave lateral direita</i></li> <li>- <i>A nave lateral esquerda</i></li> <li>- <i>A porta do coro</i></li> <li>- <i>Apóstolo</i></li> <li>- <i>Arco-íris</i></li> <li>- <i>A sacristia</i></li> <li>- <i>A Serra de São Mamede de Riba-Tua</i></li> <li>- <i>Autorretrato</i></li> <li>- <i>A vaga</i></li> <li>- <i>Azul e violeta</i></li> <li>- <i>Azul intenso</i></li> <li>- <i>Baixa-mar</i></li> <li>- <i>Barcos de vela</i></li> <li>- <i>Barracas</i></li> <li>- <i>Bebê</i></li> <li>- <i>Beethoven</i></li> <li>- <i>Boa Nova (Leça)</i></li> <li>- <i>Bois no areal</i></li> <li>- <i>Brancura</i></li> <li>- <i>Cabeça de menina</i></li> <li>- <i>Calma</i></li> <li>- <i>Caminho batido de sol</i></li> <li>- <i>Caminho de aldeia</i></li> <li>- <i>Caminho rústico (Beilinho)</i></li> <li>- <i>Camões lendo os Lusíadas aos frades de São Domingos</i></li> <li>- <i>Campo de Sant'Anna (Braga)</i></li> <li>- <i>Capela Renascença</i></li> <li>- <i>Casa do poeta Teixeira de Pascoaes</i></li> <li>- <i>Casebres rústicos</i></li> <li>- <i>Catedral e Igreja do Carmo</i></li> <li>- <i>Cavalgada</i></li> <li>- <i>Celas (Coimbra)</i></li> <li>- <i>Chaminé de fábrica</i></li> <li>- <i>Claustro</i></li> <li>- <i>Copacabana</i></li> </ul>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Corcovado</i></li> <li>- <i>Cristo</i></li> <li>- <i>Crucifixo</i></li> <li>- <i>Cúpula da igreja de S. Gonçalo (Amarante)</i></li> <li>- <i>Da casa do poeta Teixeira de Pascoaes</i></li> <li>- <i>Depois do banho</i></li> <li>- <i>Detalhe do grande órgão</i></li> <li>- <i>Dois amigos</i></li> <li>- <i>Efeito de manhã (de Santa Tereza)</i></li> <li>- <i>Efeitos de rochedos (Leça)</i></li> <li>- <i>Elza</i></li> <li>- <i>Entardecer em Copacabana</i></li> <li>- <i>Envolvência</i></li> <li>- <i>Esther</i></li> <li>- <i>Estudo, de apóstolo</i></li> <li>- <i>Estudos de crianças</i></li> <li>- <i>Estudos para Ceia</i></li> <li>- <i>Grande órgão</i></li> <li>- <i>Grupo de família</i></li> <li>- <i>Igreja da Glória</i></li> <li>- <i>Igreja de São Bento (Porto)</i></li> <li>- <i>Igreja de São Francisco (Porto)</i></li> <li>- <i>Igrejas do Sacramento, São Francisco e Rosário</i></li> <li>- <i>Ilha Fernando de Noronha</i></li> <li>- <i>Infante</i></li> <li>- <i>Interior de igreja</i></li> <li>- <i>Invocação</i></li> <li>- <i>Janela vermelha</i></li> <li>- <i>Laranjas</i></li> <li>- <i>Laura</i></li> <li>- <i>Leme</i></li> <li>- <i>Lua de Ouro</i></li> <li>- <i>Luz difusa</i></li> <li>- <i>Luz luarizada</i></li> <li>- <i>Manhã de névoa</i></li> <li>- <i>Manhã de sol no claustro</i></li> <li>- <i>Manhã na praia</i></li> <li>- <i>Manhã rósea</i></li> <li>- <i>Manhãzinha</i></li> <li>- <i>Mar alteroso</i></li> <li>- <i>Maria</i></li> <li>- <i>Mariana</i></li> <li>- <i>Mattosinhos (bairro piscatório)</i></li> <li>- <i>Montanhas do Douro</i></li> <li>- <i>Morena</i></li> <li>- <i>Morro da Glória</i></li> <li>- <i>Morro de Santo Antonio</i></li> <li>- <i>Morro do Castelo</i></li> <li>- <i>Morros do Pinto e de São Diogo</i></li> </ul>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Mosteiro da Serra do Pilar</i></li> <li>- <i>Na praia</i></li> <li>- <i>Névoa</i></li> <li>- <i>No areal</i></li> <li>- <i>Nuvens brancas</i></li> <li>- <i>O batismo</i></li> <li>- <i>O berço</i></li> <li>- <i>O claustro</i></li> <li>- <i>O coro</i></li> <li>- <i>O Douro (Porto Manso)</i></li> <li>- <i>O grande órgão</i></li> <li>- <i>O lavabo</i></li> <li>- <i>O mosteiro</i></li> <li>- <i>O Pão de Açúcar</i></li> <li>- <i>O passo</i></li> <li>- <i>O Porto</i></li> <li>- <i>O púlpito</i></li> <li>- <i>O rio Douro (Porto)</i></li> <li>- <i>Os dois amigos</i></li> <li>- <i>O terreirinho ao sol</i></li> <li>- <i>Ouro e rosa</i></li> <li>- <i>O viaduto de Santa Tereza</i></li> <li>- <i>Paisagem do Douro</i></li> <li>- <i>Pinheiros ao declinar do dia</i></li> <li>- <i>Placidez de presságio</i></li> <li>- <i>Poente</i></li> <li>- <i>Pomos Vermelhos</i></li> <li>- <i>Porta da igreja</i></li> <li>- <i>Praia da Lapa</i></li> <li>- <i>Praia de Leça</i></li> <li>- <i>Praia do Leblon</i></li> <li>- <i>Raios de sol poente</i></li> <li>- <i>Repouso</i></li> <li>- <i>Retrato de Claudio Carneiro</i></li> <li>- <i>Retrato de Estelinha</i></li> <li>- <i>Retrato de Guerra Junqueiro</i></li> <li>- <i>Retrato de Maria</i></li> <li>- <i>Retrato de Mariazinha</i></li> <li>- <i>Retrato de minha mulher</i></li> <li>- <i>Retrato de Mme. Alvaro Pinto</i></li> <li>- <i>Retrato de Mme. Rodrigo Octavio</i></li> <li>- <i>Retrato de Quinzinho</i></li> <li>- <i>Retrato de rapariga</i></li> <li>- <i>Retrato de velho</i></li> <li>- <i>Retrato do autor</i></li> <li>- <i>Retrato do pobre</i></li> <li>- <i>Riso</i></li> <li>- <i>Rochedos</i></li> <li>- <i>Rua da Carioca</i></li> </ul>



Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Ruínas</i></li> <li>- <i>Santa Clara (Porto)</i></li> <li>- <i>Santa Cruz (Coimbra)</i></li> <li>- <i>São Francisco de Assis</i></li> <li>- <i>Serra dos Órgãos</i></li> <li>- <i>Sé Velha (Coimbra)</i></li> <li>- <i>Sol da manhã</i></li> <li>- <i>Sol nas fragas</i></li> <li>- <i>Sonho</i></li> <li>- <i>Suavidade</i></li> <li>- <i>Tarde na praia</i></li> <li>- <i>Tempo nebuloso</i></li> <li>- <i>Tia Juliana</i></li> <li>- <i>Trecho da cidade (vista de Sumaré, estrada da Lagoinha)</i></li> <li>- <i>Vaga azul</i></li> <li>- <i>Velhice</i></li> <li>- <i>Velho Rabino</i></li> <li>- <i>Villegaignen</i></li> <li>- <i>Virgínia</i></li> </ul>
António Ferreira Quaresma	...
António José da Costa	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Campos de Ramalde</i></li> <li>- <i>Do terraço</i></li> <li>- <i>Lilases e Glicínias</i></li> <li>- <i>Poço Verde (Gerez)</i></li> <li>- <i>Presa da seara</i></li> </ul>
António Manoel da Saude	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Ao luar</i></li> <li>- <i>Arredores de Santarém</i></li> <li>- <i>Manhã</i></li> <li>- <i>Manhã de março</i></li> <li>- <i>Poente</i></li> </ul>
António Ramalho	- <i>Um chafariz em Évora</i>
António Ribeiro	- <i>Depois do trabalho</i>
Arthur Loureiro	...
Augusto Bobone (pastéis)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Mulher de Viana do Castelo</i></li> <li>- <i>Pescador do Nazaré</i></li> </ul>
Augusto de Mello Girão	...
Augusto Paschoal Corrêa Brandão	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Cabeça de Velho</i></li> <li>- <i>Um balcão do Funchal</i></li> <li>- <i>Um retrato do netinho</i></li> <li>- <i>Vale das Furnas</i></li> </ul>
Aurélia de Souza	...
Bartholomeu Sezinando Ribeiro Arthur	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Casal de Jogueiros (arredores de Vizeu)</i></li> <li>- <i>Fonte de Repezes (arredores de Vizeu)</i></li> <li>- <i>Oficial de lanceiros</i></li> <li>- <i>Tambor de infantaria (Peniche)</i></li> </ul>
Bemvinda Madeira Pinto	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Natureza morta</i></li> <li>- <i>Preparativos para a festa</i></li> </ul>

Artista	Quadros expostos no Brasil
Branca de Assis Marques	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Amuada</i></li> <li>- <i>Antes da lição</i></li> </ul>
Carlos Bonvalot	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A virgem</i></li> <li>- <i>Cabeça de homem</i></li> <li>- <i>Cabeça de mulher</i></li> <li>- <i>Virgem mãe</i></li> </ul>
Carlos Gomes Fernandes	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Retrato do ator Chaby Pinheiro</i></li> <li>- <i>Retrato do comendador José António da Silva</i></li> </ul>
Carlos Reis	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A capelinha de Santo Antonio</i></li> <li>- <i>A enxurrada</i></li> <li>- <i>A fonte de Santo Antonio</i></li> <li>- <i>A fonte do Vidal</i></li> <li>- <i>A lagartixa</i></li> <li>- <i>Anã do Vilarinho</i></li> <li>- <i>Anunciando a festa</i></li> <li>- <i>A senhora Georgina</i></li> <li>- <i>A trança</i></li> <li>- <i>A vindima</i></li> <li>- <i>Ao pôr do sol</i></li> <li>- <i>Cabreirinhas</i></li> <li>- <i>Cantigas de amor</i></li> <li>- <i>Canto da natureza</i></li> <li>- <i>Canto do meu atelier</i></li> <li>- <i>Canto do meu jardim</i></li> <li>- <i>Capelinha de Santo Cristo</i></li> <li>- <i>Casa dos arcos</i></li> <li>- <i>Casa do meu vizinho</i></li> <li>- <i>Casa erma</i></li> <li>- <i>Castanhal de Alfocheira</i></li> <li>- <i>Castanhal do Penedo</i></li> <li>- <i>Ciganas</i></li> <li>- <i>Comungantes</i></li> <li>- <i>Cristais</i></li> <li>- <i>Dia de esmola</i></li> <li>- <i>Dois infelizes</i></li> <li>- <i>Efeito de tarde de Agosto</i></li> <li>- <i>Entre lilases</i></li> <li>- <i>Família de pobres</i></li> <li>- <i>Feira da louça</i></li> <li>- <i>Garoto saloio</i></li> <li>- <i>Família de pobres</i></li> <li>- <i>Leitura de um soneto</i></li> <li>- <i>Lírios</i></li> <li>- <i>Manhã de abril</i></li> <li>- <i>Melancolia</i></li> <li>- <i>Na primavera</i></li> <li>- <i>Nascer da lua</i></li> <li>- <i>Nuvens de outono</i></li> <li>- <i>O batizado na aldeia</i></li> </ul>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>O castanheiro</i></li> <li>- <i>O gaiteiro anunciando a festa</i></li> <li>- <i>O hortelão</i></li> <li>- <i>O mercado da louça</i></li> <li>- <i>O mirante favorito</i></li> <li>- <i>O Pila</i></li> <li>- <i>O Sebastião da Favariça</i></li> <li>- <i>Os amores do moleiro</i></li> <li>- <i>Os bezerros</i></li> <li>- <i>Outono</i></li> <li>- <i>Paisagem Minhota</i></li> <li>- <i>Pelas alminhas</i></li> <li>- <i>Perfil de aldeão</i></li> <li>- <i>Repouso do viandante</i></li> <li>- <i>Retrato de Adelaide de Lima Cruz</i></li> <li>- <i>Retrato de D. Caroli-Jayce</i></li> <li>- <i>Retrato de D. Manoela Gomes</i></li> <li>- <i>Retrato de Epitácio Pessoa</i></li> <li>- <i>Retrato de minha mãe</i></li> <li>- <i>Retrato de Mlle. S. C.</i></li> <li>- <i>Retrato de Sua Majestade El-Rei D. Carlos I, seguido do seu estado-maior</i></li> <li>- <i>Retrato do conselheiro Silva Mattos</i></li> <li>- <i>Saloio</i></li> <li>- <i>Seja pelas suas alminhas</i></li> <li>- <i>Sol de Agosto</i></li> <li>- <i>Tarde de outubro</i></li> <li>- <i>Tipo de mendigo</i></li> <li>- <i>Uma leitura interessante</i></li> <li>- <i>Única companheira</i></li> <li>- <i>Vagabundo</i></li> <li>- <i>Vindima</i></li> <li>- <i>Visita maçadora</i></li> </ul>
Columbano Bordalo Pinheiro	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A locandeira</i></li> <li>- <i>A luva branca</i></li> <li>- <i>A raposa</i></li> <li>- <i>A saudade</i></li> <li>- <i>Cabeça de Mulher</i></li> <li>- <i>Cabeça de Velha</i></li> <li>- <i>Carneiros e vacas</i></li> <li>- <i>Concerto em família</i></li> <li>- <i>Dois amigos</i></li> <li>- <i>Frutos de Outono</i></li> <li>- <i>Interior de cozinha</i></li> <li>- <i>Inverno</i></li> <li>- <i>Madona</i></li> <li>- <i>Maria Augusta sua irmã</i></li> <li>- <i>Mulher com luneta</i></li> <li>- <i>O almoço</i></li> </ul>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>O irmão</i></li> <li>- <i>O repolho</i></li> <li>- <i>O último copo</i></li> <li>- <i>Outono</i></li> <li>- <i>Rapariga</i></li> <li>- <i>Retrato de Antero de Quental</i></li> <li>- <i>Retrato de Cunha Vasco</i></li> <li>- <i>Retrato de El-Rei d. Manuel II</i></li> <li>- <i>Retrato de Guerra Junqueiro</i></li> <li>- <i>Retrato de Senhora</i></li> <li>- <i>Retrato do ator João Rosa</i></li> <li>- <i>Retrato do ator Valle</i></li> <li>- <i>Retrato do irmão Raphael</i></li> <li>- <i>Retrato do príncipe Luiz Felipe</i></li> <li>- <i>Soldado</i></li> </ul>
Condessa do Alto Mearim	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Retrato de F. de V.</i></li> <li>- <i>Último Raio de Luz</i></li> </ul>
Constantino Álvaro Sobral Fernandes	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A peste expulsa os castelhanos do cerco de Lisboa</i></li> <li>- <i>O amigo das crianças</i></li> <li>- <i>Original para um cartaz</i></li> </ul>
Costa Motta	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Pastorinha</i></li> </ul>
Daniel Porta	...
David Estrela de Mello	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Eremita</i></li> <li>- <i>Manhã</i></li> <li>- <i>Madrugada na Portela</i></li> </ul>
Domingos Costa	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Alegoria do café (quadro decorativo)</i></li> <li>- <i>Painel decorativo</i></li> <li>- <i>Uma noite de verão</i></li> </ul>
Dordio Gomes	...
Eduarda Lapa	...
Eduardo Moura	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Interior de um circo</i></li> <li>- <i>No banho</i></li> <li>- <i>No interior de um aido</i></li> <li>- <i>Numa taberna</i></li> <li>- <i>Véspera de Reis</i></li> </ul>
Emília Adelaide dos Santos Braga	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Zingara</i></li> </ul>
Emília Braga Costa Pereira	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Margens do Vizella</i></li> </ul>
Enrique Casanova	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Na Ericeira</i></li> <li>- <i>Na Guia</i></li> </ul>
Ernesto Condeixa	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Cabeça de homem do mar</i></li> <li>- <i>Crisântemos</i></li> <li>- <i>Margens do rio Marne</i></li> <li>- <i>O mercado da praça de Saint Medar em Paris</i></li> <li>- <i>Recepção feita pelo Samorin Calicut a Vasco da Gama na sua chegada à Índia</i></li> <li>- <i>Rosas</i></li> <li>- <i>Uma feira dos arredores de Lisboa</i></li> </ul>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	- <i>Um homem do mar</i>
Esther Machado	- <i>Rosas e amores perfeitos</i>
Evaristo Catalão	- <i>Gente do mar</i>
Ezequiel Pereira	- <i>Villa de Moinhos</i>
Falcão Trigoso	- <i>Costa de Mira, Algarve</i>
Fausto Gonçalves	- <i>Abandonada</i>
	- <i>A canção das roupas</i>
	- <i>A casa da ceguinha</i>
	- <i>A casa da moleira</i>
	- <i>A casa da tia Joaninha</i>
	- <i>A casa da tia Zefa</i>
	- <i>A esmola de sábado</i>
	- <i>Altar da raça</i>
	- <i>Altar do Senhor</i>
	- <i>Ao domingo</i>
	- <i>Apoteose d'ouro</i>
	- <i>Arco do Palácio de Sub-Ripas</i>
	- <i>As trindades</i>
	- <i>Aspecto de Lousã</i>
	- <i>Beco dos namorados</i>
	- <i>Bucolismo santo</i>
	- <i>Canal Dei Grecci</i>
	- <i>Canção do repouso</i>
	- <i>Casa beirã</i>
	- <i>Casa de mariquinhas</i>
	- <i>Casal da Clarinha</i>
	- <i>Casal de Margarida</i>
	- <i>Casario</i>
	- <i>Cidade de bruma e de lenda</i>
	- <i>Claustro do silêncio</i>
	- <i>Companheira amiga</i>
	- <i>Depois da boda</i>
	- <i>Depois da chuva</i>
	- <i>Depois da trovoadas</i>
	- <i>De regresso ao moinho</i>
	- <i>De volta da feira</i>
	- <i>Desalento</i>
	- <i>Desfiando o rosário</i>
	- <i>Dia de primavera</i>
	- <i>Dia triste</i>
	- <i>Doce enlevo</i>
	- <i>Encanto do Mondego</i>
	- <i>Encruzilhada das almas</i>
	- <i>Entrada da Sé</i>
	- <i>Escada florida</i>
	- <i>Esfinges do sol-pôr</i>
	- <i>Esperando...</i>
	- <i>Fonte de Castanheiro</i>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Grande canal</i></li> <li>- <i>Hora da evocação</i></li> <li>- <i>Hora mística</i></li> <li>- <i>Humildade</i></li> <li>- <i>Idílio da água</i></li> <li>- <i>Interior de igreja</i></li> <li>- <i>Inverno</i></li> <li>- <i>Largo da Misericórdia</i></li> <li>- <i>Latada minhota</i></li> <li>- <i>Livor da tarde</i></li> <li>- <i>Livraria do Mondego</i></li> <li>- <i>Malhos que pendem</i></li> <li>- <i>Margem do Alva</i></li> <li>- <i>Mercado em Seia</i></li> <li>- <i>Mosteiro da Rainha Santa</i></li> <li>- <i>Na encruzilhada</i></li> <li>- <i>Na fonte</i></li> <li>- <i>Na Quinta de Santa Cruz</i></li> <li>- <i>No caminho da serra</i></li> <li>- <i>O Lino boieiro</i></li> <li>- <i>Oliveiras</i></li> <li>- <i>O moinho de Alcaçava</i></li> <li>- <i>O Moinho de Santa</i></li> <li>- <i>O Moinho do Penedo</i></li> <li>- <i>O Mondego no outono</i></li> <li>- <i>O Palácio de Sub-Ripas</i></li> <li>- <i>Orando</i></li> <li>- <i>O zimbório da Sé Velha</i></li> <li>- <i>Paisagem dolorida</i></li> <li>- <i>Paisagem do Mondego</i></li> <li>- <i>Promessa</i></li> <li>- <i>Réstia de sol</i></li> <li>- <i>Rua do Porto em dia de chuva</i></li> <li>- <i>Rústica moradia</i></li> <li>- <i>Serra</i></li> <li>- <i>Sinfonia pagã</i></li> <li>- <i>Soidosos campos</i></li> <li>- <i>Sol da tarde</i></li> <li>- <i>Sonata de outono</i></li> <li>- <i>Sonho dourado</i></li> <li>- <i>Telhados</i></li> <li>- <i>Tia Rita</i></li> <li>- <i>Tragédia do sol-posto</i></li> <li>- <i>Tragédia outonal</i></li> <li>- <i>Trecho de rua</i></li> <li>- <i>Tricana de Coimbra</i></li> <li>- <i>Uma rua do Cidral</i></li> <li>- <i>Uma rua na Forna</i></li> </ul>
Fernandes Tavares	- <i>Igrejas</i>

Artista	Quadros expostos no Brasil
Ferreira da Costa	- <i>Música</i>
Francisco Romano Esteves	- <i>A descida da cruz</i> - <i>Mendigo</i> - <i>Pescador</i> - <i>Pescador fumando</i> - <i>Visão de São Francisco</i>
Frederico Ayres	...
Frederico Carvalho	- <i>Frutas</i>
Germano Neves	...
Helena Roque Gameiro	- <i>A barra azul</i> - <i>Ao espelho</i> - <i>A oração</i> - <i>Ao sol</i> - <i>Assembléia, flores</i> - <i>Casas saloias</i> - <i>No meu jardim</i> - <i>No meu terraço</i> - <i>Oração</i> - <i>O último olhar</i> - <i>Pátio saloio</i> - <i>Rosas cor de rosa</i> - <i>Sol de chuva</i> - <i>Torreão</i>
Henrique Medina	- <i>Retrato de Carlos Malheiro Dias</i>
Hippolyto Colomb	- <i>A faina do mar</i> - <i>A mulher do absinto</i> - <i>Ave Maria</i> - <i>Chuva de maio</i> - <i>Cosette</i> - <i>Crepúsculo no Douro</i> - <i>Frutos de setembro</i> - <i>Já não virá hoje</i> - <i>Leopoldo Fróes</i> - <i>Le vieux pont Saint Michel (Paris)</i> - <i>Manhã no Choupal</i> - <i>Na feira</i> - <i>Nanie Nanette</i> - <i>O comitê da greve</i> - <i>O crime de Pierrot</i> - <i>O fetiche</i> - <i>O húngaro da viola</i> - <i>O mar</i> - <i>Passagem no Douro</i> - <i>Rebanho no vale</i> - <i>Um idílio a Marivaux</i> - <i>Um matulão dos cães</i>
João Augusto Ribeiro	- <i>Estudo</i> - <i>Margens do Douro</i>

Artista	Quadros expostos no Brasil
João Carlos Galhardo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Ali é que está tua mãe</i></li> <li>- <i>Merenda no Senhor da Serra</i></li> </ul>
João Marques de Oliveira	...
João Reis	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A aldeia de Royat</i></li> <li>- <i>A casa do Zé Pinheiro</i></li> <li>- <i>A fonte de Valle de Maceira</i></li> <li>- <i>A fonte dos Mouros</i></li> <li>- <i>Alpendurada</i></li> <li>- <i>A rocha do Conde d'Óbidos</i></li> <li>- <i>Ao cair da tarde</i></li> <li>- <i>A vila da Lousã</i></li> <li>- <i>Apanha das abóboras</i></li> <li>- <i>Árvore desmantelada</i></li> <li>- <i>Calmaria</i></li> <li>- <i>Campos de Lousã</i></li> <li>- <i>Capelinha de Nossa Senhora da Piedade</i></li> <li>- <i>Casa erma</i></li> <li>- <i>Céu revoltado</i></li> <li>- <i>Coimbra ao longe</i></li> <li>- <i>Comício</i></li> <li>- <i>Depois da trovoada</i></li> <li>- <i>Dia de névoa</i></li> <li>- <i>Dia tranquilo</i></li> <li>- <i>Dia triste</i></li> <li>- <i>Em Casal de Ermo</i></li> <li>- <i>Encosta d'Alfocheira</i></li> <li>- <i>Espumas do mar</i></li> <li>- <i>Fumo da lareira</i></li> <li>- <i>Garoto lousanense</i></li> <li>- <i>Hora da sesta</i></li> <li>- <i>Igreja de Royat</i></li> <li>- <i>Lavadeira</i></li> <li>- <i>Macambuzio</i></li> <li>- <i>Manhã de Agosto</i></li> <li>- <i>Manhã (Lisboa)</i></li> <li>- <i>Milheiral</i></li> <li>- <i>Moleirinho</i></li> <li>- <i>Na missa das almas</i></li> <li>- <i>Na Ribeira</i></li> <li>- <i>No parque (Royat)</i></li> <li>- <i>No Tejo</i></li> <li>- <i>Nuvens</i></li> <li>- <i>Nuvens de outono</i></li> <li>- <i>Nuvens na serra</i></li> <li>- <i>O grande senhor</i></li> <li>- <i>O mercado (Clermont-Ferrand)</i></li> <li>- <i>Os Jerónimos</i></li> <li>- <i>Ouro de outono</i></li> <li>- <i>Outubro</i></li> </ul>



Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Parque de Caldellas</i></li> <li>- <i>Pátio rústico</i></li> <li>- <i>Pequeno amador</i></li> <li>- <i>Perfil de aldeã</i></li> <li>- <i>Pescador</i></li> <li>- <i>Poente, na Lousã</i></li> <li>- <i>Prenúncios</i></li> <li>- <i>Primavera</i></li> <li>- <i>Retrato de Thomaz Ribeiro Collaço</i></li> <li>- <i>Rua de Royat (Anvergue)</i></li> <li>- <i>Rua do Arco (Royat)</i></li> <li>- <i>Tarde de primavera</i></li> <li>- <i>Tranquilidade</i></li> <li>- <i>Últimas folhas</i></li> <li>- <i>Um garoto</i></li> <li>- <i>Uma família de barcos</i></li> <li>- <i>Uma tarde sombria</i></li> <li>- <i>Uma rua da Lousã</i></li> <li>- <i>Volta do trabalho</i></li> </ul>
João Ribeiro Christino da Silva	...
João Sarmiento	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A casa verde</i></li> <li>- <i>Alhandra</i></li> <li>- <i>Atitudes</i></li> <li>- <i>Azambuja</i></li> <li>- <i>Barquinha</i></li> <li>- <i>Beira</i></li> <li>- <i>Caminho da fonte</i></li> <li>- <i>Campos de Santarém</i></li> <li>- <i>Campos do Ribatejo</i></li> <li>- <i>Campos floridos</i></li> <li>- <i>Casa do regedor</i></li> <li>- <i>Casa vermelha</i></li> <li>- <i>Casas velhas</i></li> <li>- <i>Chapéu vermelho</i></li> <li>- <i>Dia do santo</i></li> <li>- <i>Ericeira</i></li> <li>- <i>Estudo</i></li> <li>- <i>Gracinda</i></li> <li>- <i>Igreja da Graça</i></li> <li>- <i>Lavadeiras de Bellas</i></li> <li>- <i>Lisboa antiga</i></li> <li>- <i>Louças e barros</i></li> <li>- <i>Mirbella</i></li> <li>- <i>Montes da Beira</i></li> <li>- <i>Morena</i></li> <li>- <i>Os porcos</i></li> <li>- <i>O triste fado</i></li> <li>- <i>Poente</i></li> <li>- <i>Preciosa</i></li> </ul>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Rua da Barca</i></li> <li>- <i>Sombrinha vermelha</i></li> <li>- <i>Sopa da Misericórdia</i></li> <li>- <i>Trecho da Barquinha</i></li> <li>- <i>Um bonito chapéu</i></li> <li>- <i>Villa Franca</i></li> </ul>
João Trigoso	- <i>Praia do Pinheiro</i>
João Vaz	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A freguesia</i></li> <li>- <i>A senhora dos remédios</i></li> <li>- <i>As margens do Sado</i></li> <li>- <i>Bairro dos Pescadores</i></li> <li>- <i>Barcos de pesca</i></li> <li>- <i>Barcos poveiros</i></li> <li>- <i>Canal de S. Roque</i></li> <li>- <i>Claustro da Sé de Lisboa</i></li> <li>- <i>Claustro manuelino</i></li> <li>- <i>Coisas do tempo antigo</i></li> <li>- <i>Entardecer</i></li> <li>- <i>Esperando a maré</i></li> <li>- <i>Espinho</i></li> <li>- <i>Esteiro da Praça do Peixe</i></li> <li>- <i>Fonte da Barra</i></li> <li>- <i>Gaivotas</i></li> <li>- <i>Igreja da Madre de Deus</i></li> <li>- <i>Margem do Nabão</i></li> <li>- <i>No amanho das redes</i></li> <li>- <i>No descanso</i></li> <li>- <i>No Sado</i></li> <li>- <i>No Tejo</i></li> <li>- <i>O velho cais de Setúbal</i></li> <li>- <i>Paisagem alentejana</i></li> <li>- <i>Pescador setubalense</i></li> <li>- <i>Praia da Saúde (Setúbal)</i></li> <li>- <i>Praia das Maças</i></li> <li>- <i>Pro mar</i></li> <li>- <i>Trecho do jardim patriarcal</i></li> <li>- <i>Um canto do Tejo</i></li> <li>- <i>Um dia de novembro</i></li> <li>- <i>Uma aldeia minhota</i></li> <li>- <i>Uma vila do Ribatejo</i></li> <li>- <i>Vila Nova de Cerveira</i></li> </ul>
Joaquim Augusto Marques Guimarães	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Capoeiras</i></li> <li>- <i>Flores</i></li> <li>- <i>Manhã de inverno</i></li> <li>- <i>Retrato de D. Pedro II</i></li> <li>- <i>Tarde de verão</i></li> </ul>
Joaquim Lopes	...
Joaquim Luiz Cardoso	- <i>Arredores de Aveiro</i>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Arredores de Castelo Branco</i></li> <li>- <i>Paisagem</i></li> <li>- <i>Que bela pinga</i></li> </ul>
Joaquim Porfírio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Olaias em flor</i></li> <li>- <i>O Rio Jamor e Atalho</i></li> </ul>
Joaquim Teixeira Marinho	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Alusão artística</i></li> <li>- <i>Ave Maria (arredores do Porto)</i></li> <li>- <i>Cabeça de estudo</i></li> <li>- <i>Caça morta</i></li> <li>- <i>Mendiga do Cruzeiro (arrebaldes do Porto)</i></li> </ul>
Jorge Barradas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A casa verde</i></li> <li>- <i>Alhandra</i></li> <li>- <i>Atitudes (5 desenhos)</i></li> <li>- <i>Alhandra</i></li> <li>- <i>Azambuja</i></li> <li>- <i>Barquinha</i></li> <li>- <i>Beira</i></li> <li>- <i>Caminho da fonte</i></li> <li>- <i>Campos de Santarém</i></li> <li>- <i>Campos do Ribatejo</i></li> <li>- <i>Campos floridos</i></li> <li>- <i>Casa do regedor</i></li> <li>- <i>Casa vermelha</i></li> <li>- <i>Casas velhas</i></li> <li>- <i>Chapéu vermelho</i></li> <li>- <i>Dia do santo</i></li> <li>- <i>Ericeira</i></li> <li>- <i>Gracinda</i></li> <li>- <i>Igreja da Graça</i></li> <li>- <i>Lavadeiras de Bellas</i></li> <li>- <i>Lisboa antiga (3 exemplares)</i></li> <li>- <i>Louças e barros</i></li> <li>- <i>Mirbella</i></li> <li>- <i>Montes da Beira</i></li> <li>- <i>Morena</i></li> <li>- <i>Os porcos</i></li> <li>- <i>O triste fado</i></li> <li>- <i>Poente</i></li> <li>- <i>Preciosa</i></li> <li>- <i>Rua da Barca</i></li> <li>- <i>Sombrinha vermelha</i></li> <li>- <i>Sopa da Misericórdia</i></li> <li>- <i>Trecho da Barquinha</i></li> <li>- <i>Um bonito chapéu</i></li> <li>- <i>Villa Franca</i></li> </ul>
Jorge Colaço	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Batismo árabe</i></li> <li>- <i>Carro de bois</i></li> <li>- <i>En attendant la soupe</i></li> </ul>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Paisagem</i></li> <li>- <i>Torres Novas</i></li> </ul>
José António Jorge Pinto	...
José Campas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A catedral</i></li> <li>- <i>A caminho da pastagem</i></li> <li>- <i>A caminho do curral</i></li> <li>- <i>A “Chanita”</i></li> <li>- <i>A chávena de chá</i></li> <li>- <i>A “Farandole”</i></li> <li>- <i>A hora das vésperas</i></li> <li>- <i>A hora do chá</i></li> <li>- <i>A Ignacia</i></li> <li>- <i>A perspectiva do Tejo</i></li> <li>- <i>A quinta da China, no Porto</i></li> <li>- <i>À saída da Arribana</i></li> <li>- <i>A Soiza</i></li> <li>- <i>A Veneza do Ribatejo</i></li> <li>- <i>A volta da venda</i></li> <li>- <i>A volta do campo</i></li> <li>- <i>Ao começar do trabalho</i></li> <li>- <i>Acampamento de ciganos</i></li> <li>- <i>Almoço da lavradora</i></li> <li>- <i>Amazonas</i></li> <li>- <i>Antes da feira</i></li> <li>- <i>Apanhando grilos</i></li> <li>- <i>Barcos</i></li> <li>- <i>Bois teimosos</i></li> <li>- <i>“Bugres” do silêncio</i></li> <li>- <i>Cabra teimosa</i></li> <li>- <i>Cabras pastando</i></li> <li>- <i>Caldo Verde</i></li> <li>- <i>Casa antiga</i></li> <li>- <i>Castelo de Almourol</i></li> <li>- <i>Castelo dos Condes (Gand)</i></li> <li>- <i>Ceifa</i></li> <li>- <i>Cenas de cabaré</i></li> <li>- <i>Céu nublado</i></li> <li>- <i>Cigana</i></li> <li>- <i>Colocando a barbela</i></li> <li>- <i>Constância</i></li> <li>- <i>Coplas</i></li> <li>- <i>Declarações, em Pádua</i></li> <li>- <i>Depois da ceifa</i></li> <li>- <i>Depois da feira</i></li> <li>- <i>Dia Triste</i></li> <li>- <i>Douro no Areinho (Porto)</i></li> <li>- <i>Durante o jantar</i></li> <li>- <i>Durante o sono – estudo de nu</i></li> <li>- <i>Efeitos de trovoadas</i></li> </ul>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Entre os rios</i></li> <li>- <i>Espanha</i></li> <li>- <i>Filho adotivo</i></li> <li>- <i>Florentina</i></li> <li>- <i>Floresta de castanheiros</i></li> <li>- <i>Floresta – Haya</i></li> <li>- <i>Frutos</i></li> <li>- <i>Fugida para o Egito</i></li> <li>- <i>Golegã</i></li> <li>- <i>Hora crepuscular</i></li> <li>- <i>Horas tranquilas</i></li> <li>- <i>Idílio</i></li> <li>- <i>Impressões de viagem</i></li> <li>- <i>Intimidade</i></li> <li>- <i>Juno</i></li> <li>- <i>Juno (projeto)</i></li> <li>- <i>Lakmé</i></li> <li>- <i>Leda e o cisne</i></li> <li>- <i>Lutando pela vida</i></li> <li>- <i>Macieira em flor</i></li> <li>- <i>Malinês</i></li> <li>- <i>Manhã de primavera</i></li> <li>- <i>Manhã triste</i></li> <li>- <i>Manhã no Vouga</i></li> <li>- <i>Margarida vai à fonte</i></li> <li>- <i>Margens do Mondego</i></li> <li>- <i>Margens do Nabão</i></li> <li>- <i>Margens do Tejo</i></li> <li>- <i>Margens do Vouga</i></li> <li>- <i>Mercado de burros</i></li> <li>- <i>Midinette</i></li> <li>- <i>Na aldeia</i></li> <li>- <i>Na arribana</i></li> <li>- <i>Namorados</i></li> <li>- <i>Namur</i></li> <li>- <i>Nostalgia</i></li> <li>- <i>O mais belo do rebanho</i></li> <li>- <i>O parque de Versailles</i></li> <li>- <i>Ordenhando</i></li> <li>- <i>O rebanho</i></li> <li>- <i>Os meus enlevos</i></li> <li>- <i>Outono</i></li> <li>- <i>O viático</i></li> <li>- <i>O Sena em Sartrouville</i></li> <li>- <i>Padua</i></li> <li>- <i>Panorama de Valle Vaqueiros</i></li> <li>- <i>Parisiense</i></li> <li>- <i>Pastorinha fiando</i></li> <li>- <i>Plátanos seculares</i></li> </ul>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Poente (Ericeira)</i></li> <li>- <i>Poente (Golegã-Portugal)</i></li> <li>- <i>Preparativos para o almoço</i></li> <li>- <i>Preparativos para o teatro</i></li> <li>- <i>Rapariga do Ribatejo</i></li> <li>- <i>Regresso da fonte</i></li> <li>- <i>Retrato de Antonio Borges Caldeira</i></li> <li>- <i>Retrato de aristocrata russa</i></li> <li>- <i>Retrato de Bulhão Pato</i></li> <li>- <i>Retrato de Christovão Ayres</i></li> <li>- <i>Retrato de D. Velloso Rebelo</i></li> <li>- <i>Retrato de madame J.C.</i></li> <li>- <i>Retrato de Mlle. Bonacho dos Anjos</i></li> <li>- <i>Retrato de sua eminencia o Cardeal Mercier</i></li> <li>- <i>Retrato do conselheiro José Maria d'Alpoim</i></li> <li>- <i>Rua Nova Cintra</i></li> <li>- <i>Saulxier</i></li> <li>- <i>Sol posto</i></li> <li>- <i>Surtout soyez discret</i></li> <li>- <i>Tapada da Ajuda</i></li> <li>- <i>Tarde de novembro</i></li> <li>- <i>Toilette de Vênus</i></li> <li>- <i>Um jardim do século XVIII</i></li> <li>- <i>Uma boa vara</i></li> <li>- <i>Uma página de "Musset"</i></li> <li>- <i>Uma rua (Porto)</i></li> <li>- <i>Uma rua – Constância</i></li> <li>- <i>Uma rua em Saulxler</i></li> <li>- <i>Vale dos Vaqueiros</i></li> <li>- <i>Veneza do Ribatejo</i></li> <li>- <i>Versailles</i></li> <li>- <i>Volta da venda</i></li> <li>- <i>Volta do mercado (Constância)</i></li> </ul>
José de Almeida e Silva	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A apanha do folhado</i></li> <li>- <i>A boneca</i></li> <li>- <i>As camélias</i></li> <li>- <i>A dor de São Pedro</i></li> <li>- <i>Às escondidas</i></li> <li>- <i>A Virgem do Deserto</i></li> <li>- <i>A viúva</i></li> <li>- <i>Avó e neta</i></li> <li>- <i>Bernardo</i></li> <li>- <i>Boa noite!</i></li> <li>- <i>Cabeça de mendigo</i></li> <li>- <i>Camponesa de Leiria</i></li> <li>- <i>Canção da aldeia</i></li> <li>- <i>Capela de Santa Eulalia, de Repezes</i></li> <li>- <i>Capucheira da Beira Alta</i></li> <li>- <i>Caridade moderna</i></li> </ul>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Cerejas portuguesas</i></li> <li>- <i>Costurando</i></li> <li>- <i>Creadita amuada</i></li> <li>- <i>Depois do banho</i></li> <li>- <i>Isaura</i></li> <li>- <i>Jantar de pai</i></li> <li>- <i>Mulher ciumenta</i></li> <li>- <i>Na mesa da cozinha</i></li> <li>- <i>O lampião aceso</i></li> <li>- <i>O livro de estampas</i></li> <li>- <i>O pão nosso de cada dia</i></li> <li>- <i>Pensativa</i></li> <li>- <i>Recanto da taberna</i></li> <li>- <i>Serão</i></li> <li>- <i>Uma história da aldeia</i></li> <li>- <i>Velha dobando à lareira</i></li> <li>- <i>Velho cocheiro</i></li> <li>- <i>Viúvas em oração</i></li> </ul>
José de Brito	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Alma minha gentil que te partiste...(Camões)</i></li> <li>- <i>A vaga</i></li> <li>- <i>A viúva</i></li> <li>- <i>Cem Moinhos (Rio Leço)</i></li> <li>- <i>Dia de Páscoa</i></li> <li>- <i>Fábula e a Verdade</i></li> <li>- <i>Procissão dos Milagres</i></li> <li>- <i>Um ribeiro em Santa Marta</i></li> </ul>
José de Sousa Moura Gyrão	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Cabeça de galo</i></li> <li>- <i>De manhã</i></li> <li>- <i>De tarde</i></li> <li>- <i>De vigia</i></li> <li>- <i>Espreitando</i></li> <li>- <i>Mãe e filho</i></li> <li>- <i>No rochedo</i></li> <li>- <i>Para o campo</i></li> <li>- <i>Patos no lago</i></li> <li>- <i>Pôr do sol</i></li> <li>- <i>Sem mãe</i></li> <li>- <i>Um Valente</i></li> </ul>
José Julio de Souza Pinto	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>À beira-mar</i></li> <li>- <i>À espera do pai</i></li> <li>- <i>A filha do moleiro</i></li> <li>- <i>A filha do pescador</i></li> <li>- <i>A hora do banho</i></li> <li>- <i>A irmãzinha</i></li> <li>- <i>A leitura</i></li> <li>- <i>A primavera no campo</i></li> <li>- <i>A sombra</i></li> <li>- <i>Água tranquila</i></li> <li>- <i>Amuados</i></li> </ul>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Animais</i></li> <li>- <i>Appelant le passeur</i></li> <li>- <i>Après le combat naval</i></li> <li>- <i>Arredores de Paris</i></li> <li>- <i>As serras de Monchique</i></li> <li>- <i>Au bon coin (efeito da noite)</i></li> <li>- <i>Au puits</i></li> <li>- <i>Au revoir</i></li> <li>- <i>Avant le bain</i></li> <li>- <i>Baigneuse</i></li> <li>- <i>Braserie</i></li> <li>- <i>Cabeça de bretã</i></li> <li>- <i>Cabeça de rapazito</i></li> <li>- <i>Campo de trigo, em Vizela</i></li> <li>- <i>Camponesa bretã</i></li> <li>- <i>Causerie</i></li> <li>- <i>Chez le Charron</i></li> <li>- <i>Cloe à espera</i></li> <li>- <i>Dans l'eau</i></li> <li>- <i>Dans les champs</i></li> <li>- <i>Éclairé</i></li> <li>- <i>Efeito da tarde</i></li> <li>- <i>En Praire</i></li> <li>- <i>Entardecer</i></li> <li>- <i>Entre dois vizinhos</i></li> <li>- <i>Estudo de Breton</i></li> <li>- <i>Estudo para Le Bateau Cassé</i></li> <li>- <i>Jogo a bordon</i></li> <li>- <i>Journée finie</i></li> <li>- <i>Jovem pastora bretã</i></li> <li>- <i>Kerdeake</i></li> <li>- <i>L'appel au passeur (soir)</i></li> <li>- <i>La baignade</i></li> <li>- <i>La clef perdue</i></li> <li>- <i>La culote de Airée</i></li> <li>- <i>La culote déchirée</i></li> <li>- <i>La dernière de la famille</i></li> <li>- <i>La forge</i></li> <li>- <i>La leçon du grand père</i></li> <li>- <i>La pêche</i></li> <li>- <i>La promise</i></li> <li>- <i>La soupe renversée</i></li> <li>- <i>Le baquet bleu</i></li> <li>- <i>Le bateau cassé</i></li> <li>- <i>Le bateau disparu</i></li> <li>- <i>Le cabaret</i></li> <li>- <i>Le départ pour le travail</i></li> <li>- <i>Le Moulin</i></li> <li>- <i>Le pont-neuf</i></li> </ul>



Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Le rendez-vous manqué</i></li> <li>- <i>Le retour des bateaux</i></li> <li>- <i>Les amoureux</i></li> <li>- <i>Les chateignes</i></li> <li>- <i>Les culotes déchirées</i></li> <li>- <i>Les deux maussés</i></li> <li>- <i>Les lavandières</i></li> <li>- <i>Les mousses</i></li> <li>- <i>Les pommes de terre</i></li> <li>- <i>Les roses tremiées</i></li> <li>- <i>Maison du chemineau</i></li> <li>- <i>Menina mirando-se num córrego</i></li> <li>- <i>No meu jardim (pastel)</i></li> <li>- <i>No pasto</i></li> <li>- <i>O almoço do avô</i></li> <li>- <i>Paisagem e animais na Bretanha</i></li> <li>- <i>Père-Mathieu</i></li> <li>- <i>Promise</i></li> <li>- <i>Rendez-vous</i></li> <li>- <i>Retour de la rivière</i></li> <li>- <i>Revenant du travail</i></li> <li>- <i>Roses tremiées</i></li> <li>- <i>Sob a verdura</i></li> <li>- <i>Trecho do Rio Vizela</i></li> <li>- <i>Trempe jusqu'aux</i></li> <li>- <i>Último dia de um condenado</i></li> <li>- <i>Um trecho do Rio Douro, perto da cidade do Porto</i></li> <li>- <i>Un rud dans les bois</i></li> <li>- <i>Vacas bebendo em um trecho do Rio Tua</i></li> <li>- <i>Vacas no bebedouro</i></li> <li>- <i>Velho moinho</i></li> </ul>
José Leite	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Onda</i></li> <li>- <i>Poente</i></li> </ul>
José Malhoa	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A apanha das castanhas</i></li> <li>- <i>A caminho da horta</i></li> <li>- <i>A cerca do convento</i></li> <li>- <i>A compra do voto</i></li> <li>- <i>A corar a roupa</i></li> <li>- <i>A desfolhada do milho</i></li> <li>- <i>A eira</i></li> <li>- <i>A estender a roupa ao sol</i></li> <li>- <i>A ida para o trabalho</i></li> <li>- <i>A minha macieira</i></li> <li>- <i>A minha musa</i></li> <li>- <i>À passagem do comboio</i></li> <li>- <i>A Pintura (panneau decorativo)</i></li> <li>- <i>A praia do Alfeite</i></li> <li>- <i>A procissão</i></li> <li>- <i>A Rosita das Courelas</i></li> </ul>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A sesta</i></li> <li>- <i>A Ti'Anna</i></li> <li>- <i>A varanda dos rouxinóis</i></li> <li>- <i>Aldeia da Castanheira ao pôr do sol</i></li> <li>- <i>Aldeia dos Chãos</i></li> <li>- <i>Amanhã as arranjarei</i></li> <li>- <i>Amores da aldeia</i></li> <li>- <i>Apanhando o foguete</i> (estudo para <i>A procissão</i>)</li> <li>- <i>Ao pôr do sol</i></li> <li>- <i>As cebolas</i></li> <li>- <i>As maçãs ao cair da tarde</i></li> <li>- <i>As pupilas do Sr. Reitor</i></li> <li>- <i>As sardinhas</i></li> <li>- <i>Bêbados</i></li> <li>- <i>Cabeça de Cristo</i></li> <li>- <i>Cabeça de estudo</i></li> <li>- <i>Caça</i></li> <li>- <i>Cair da tarde</i></li> <li>- <i>Caminho para o Colmeal</i></li> <li>- <i>Carvalhos do padre Diogo</i></li> <li>- <i>Casal dos giestos</i></li> <li>- <i>Castanheiros</i></li> <li>- <i>Castanheiros doentes</i></li> <li>- <i>Cavaleiro de São Thiago</i></li> <li>- <i>Céu de trovoadas</i></li> <li>- <i>Chegada do Zé Pereira à romaria</i></li> <li>- <i>Clarinha</i></li> <li>- <i>Cócegas</i> (estudo e tela)</li> <li>- <i>Costume do Minho</i></li> <li>- <i>Cristo</i></li> <li>- <i>Cuidados de amor</i></li> <li>- <i>Deitando foguetes</i> (estudo para <i>A procissão</i>)</li> <li>- <i>Depois da chuva</i></li> <li>- <i>De volta da Senhora da Agonia</i></li> <li>- <i>Efeito de ribalta</i></li> <li>- <i>Efeito do sol no musgo de um pinhal</i></li> <li>- <i>Entrada de mina</i></li> <li>- <i>Ermida de Nossa Senhora da Madre de Deus</i></li> <li>- <i>Ermida de Nossa Senhora dos Remédios</i></li> <li>- <i>Esperando a vez</i> (estudo para <i>O Barbeiro da aldeia</i>)</li> <li>- <i>Esperando o peixe</i></li> <li>- <i>Estudando</i></li> <li>- <i>Estudando à borda do pinhal</i></li> <li>- <i>Flor de pessegueiro</i></li> <li>- <i>Fonte Eirivia</i></li> <li>- <i>Fonte fria</i></li> <li>- <i>Gozando os rendimentos</i></li> <li>- <i>Ilha dos Amores</i></li> <li>- <i>Mendigo</i> (estudo para a <i>Volta da romaria</i>)</li> </ul>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Montanhas</i> (estudo para <i>Batismo de Cristo</i>)</li> <li>- <i>Morte do porco</i></li> <li>- <i>No alto da serra</i></li> <li>- <i>No alto do Madrão;</i></li> <li>- <i>No paul dos Patudos</i></li> <li>- <i>Nascer da lua</i></li> <li>- <i>Notícias financeiras</i></li> <li>- <i>Nuvens</i></li> <li>- <i>O azeite novo</i></li> <li>- <i>O barbeiro da aldeia</i> (estudos e tela)</li> <li>- <i>O bêbado</i> (estudo para <i>A volta da romaria</i>)</li> <li>- <i>O emigrante</i> (estudo)</li> <li>- <i>O fado</i> (estudo)</li> <li>- <i>O janta do pai</i></li> <li>- <i>O Lagar</i></li> <li>- <i>O passal do Sr. Cura</i></li> <li>- <i>O pinhal dos corvos</i></li> <li>- <i>O portão do dr. Manuel</i></li> <li>- <i>O Sendeiro</i></li> <li>- <i>O sonho do infante</i> (ou <i>O infante D. Henrique no promontório de Sagres</i>)</li> <li>- <i>O Viático na aldeia</i></li> <li>- <i>O vinho verde</i></li> <li>- <i>O soalheiro</i></li> <li>- <i>Os mações ao cair da tarde</i></li> <li>- <i>Os ouriços</i></li> <li>- <i>Outono na lavandeira</i></li> <li>- <i>Outono na vida e na natureza</i></li> <li>- <i>Pai e filha</i></li> <li>- <i>Pedro Alvares Cabral descobrindo o Brasil</i></li> <li>- <i>Pele noir</i></li> <li>- <i>Pinhal, ao fundo a igreja de Figueiró dos Vinhos</i></li> <li>- <i>Proclamando a restauração de Portugal</i> (estudo para um quadro de mesmo título)</li> <li>- <i>Provocando</i></li> <li>- <i>Pensando no caso</i></li> <li>- <i>Retrato de Sua Alteza o Príncipe Real D. Luiz Fillipe</i></li> <li>- <i>Retrato de Sua Majestade a Rainha D. Amélia</i></li> <li>- <i>Retrato de Sua Majestade El-Rei D. Carlos I</i></li> <li>- <i>Reflexos</i></li> <li>- <i>Regedor</i></li> <li>- <i>Ribeira da Lavandeira</i></li> <li>- <i>Ribeira do Lagar</i></li> <li>- <i>Rua Serpa Pinto em Figueiró dos Vinhos</i></li> <li>- <i>Salão de musgo</i></li> <li>- <i>Sétimo, não furtar...as uvas ao seu cura!</i></li> <li>- <i>Soalheiro</i></li> <li>- <i>Tempo de chuva, lar sem pão</i></li> <li>- <i>Torre de Belém</i></li> </ul>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Trigo ceifado</i></li> <li>- <i>Troncos de castanheiros na Insua</i></li> <li>- <i>Último adeus à aldeia</i></li> <li>- <i>Últimos raios de sol</i></li> <li>- <i>Últimos raios de sol num soito de castanheiros</i></li> <li>- <i>Um compasso difícil</i></li> <li>- <i>Uma boa compra</i></li> <li>- <i>Uma desgraça</i> (estudo e tela final)</li> <li>- <i>Uma rua na aldeia</i></li> <li>- <i>Vale de zebras</i></li> <li>- <i>Vasco da Gama</i></li> <li>- <i>Velha fiando</i></li> <li>- <i>Velhas habitações de aldeia</i></li> <li>- <i>Vendo subir o foguete</i> (estudo para <i>A procissão</i>)</li> <li>- <i>Viúvo</i></li> </ul>
José Queirós	- <i>Pátio</i>
José Raphael	...
José Ribeiro Junior	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A prova dos vinhos</i></li> <li>- <i>Barco em perigo</i></li> <li>- <i>Efeito do mar</i></li> <li>- <i>Ferreiros</i></li> <li>- <i>Gozando a vida</i></li> <li>- <i>Moinhos de São Silvestre</i></li> <li>- <i>O forte</i></li> <li>- <i>O naufrágio</i></li> <li>- <i>Uma cigarrada</i></li> <li>- <i>Vista da praia de Vila do Conde</i></li> </ul>
José Rodrigues	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Areal deserto</i></li> <li>- <i>Ao cair da tarde</i></li> <li>- <i>As ceifeiras</i></li> <li>- <i>Aveiro</i></li> <li>- <i>Barcos a vela</i></li> <li>- <i>Barcos de Portugal</i></li> <li>- <i>Canção da roupa</i></li> <li>- <i>Casas dos pescadores</i></li> <li>- <i>Cereais do Mondego</i></li> <li>- <i>Choupal de Coimbra</i></li> <li>- <i>Crepúsculo</i></li> <li>- <i>Em frente ao mar</i></li> <li>- <i>Espinho</i></li> <li>- <i>Foz</i></li> <li>- <i>Gaia</i></li> <li>- <i>Granja</i></li> <li>- <i>Hora crepuscular</i></li> <li>- <i>Mar revolto</i></li> <li>- <i>Margens do Rio Douro</i></li> <li>- <i>Marinha</i></li> <li>- <i>Na baía</i></li> </ul>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Na volta da pesca</i></li> <li>- <i>No Minho</i></li> <li>- <i>O mar na Foz</i></li> <li>- <i>Partida para a pesca</i></li> <li>- <i>Perto do mar</i></li> <li>- <i>Quase noite</i></li> <li>- <i>Quinteiro Minhoto</i></li> <li>- <i>Retrato de Alexandre Herculano</i></li> <li>- <i>Rio Douro</i></li> <li>- <i>Uma feira no Douro</i></li> </ul>
José Veloso Salgado	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Azinhaga em Benfica</i></li> <li>- <i>Cabeça de São João Batista</i></li> <li>- <i>Cristo</i></li> <li>- <i>Igreja abandonada</i></li> <li>- <i>Leitura interessante</i></li> <li>- <i>Matosinhos</i></li> <li>- <i>Menino à beira mar</i></li> <li>- <i>Nubil</i></li> <li>- <i>O carteiro</i></li> <li>- <i>Pescador de Leça da Palmeira</i></li> <li>- <i>Retrato de Amelia Ventura da Camara</i></li> <li>- <i>Retrato de Candida Alves</i></li> <li>- <i>Retrato de José de Castro</i></li> <li>- <i>Retrato de Maria Amalia Vaz de Carvalho</i></li> <li>- <i>Retratos de Ramalho Ortigão e esposa</i></li> <li>- <i>Retrato de Ricardo Jorge</i></li> <li>- <i>Retrato do conselheiro Wenceslau de Lima</i></li> <li>- <i>Retrato do conselheiro Antonio Candido</i></li> <li>- <i>Retrato do Coronel Augusto Alves</i></li> <li>- <i>Retratos do rei d. Carlos e da rainha d. Amelia</i></li> <li>- <i>Um sonho</i></li> <li>- <i>Vasco da Gama lendo uma carta de d. Manuel</i></li> <li>- <i>Visão</i></li> </ul>
Júlia Pinto	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A avó</i></li> <li>- <i>La Bagne Marquise</i></li> <li>- <i>Rijando</i></li> <li>- <i>Sem cuidados</i></li> </ul>
Júlio Costa	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Esboço do retábulo para o altar mor da Igreja do Bonfim, Porto</i></li> <li>- <i>Para longe dos seus</i></li> <li>- <i>Só</i></li> </ul>
Júlio Ramos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Efeito de crepúsculo</i></li> <li>- <i>Entrada dos barcos</i></li> <li>- <i>Fim da tarde</i></li> <li>- <i>Tranquilidade</i></li> </ul>
Júlio Teixeira Bastos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Cabeça de rapariga</i></li> <li>- <i>Os cinco sentidos (conjunto de 5 telas)</i></li> </ul>
Justino Migueis	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Camões na Ilha dos Amores</i></li> </ul>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	- <i>Eu e minha vó</i>
Laura Sauvignet Bandeira	- <i>Os pretendentes</i>
Leal da Câmara	- <i>Retrato de Anatole France</i> - <i>Retrato de Paul Verlaine</i> - <i>Série de Pierrots</i>
Leitão de Barros	- <i>A mulher dos vasos</i> - <i>Nas docas do Aterro</i> - <i>Os poetas</i>
Luciano Freire	- <i>Açude do Carvalho</i> - <i>Cópia do tríptico de Nuno Gonçalves – Painel do Infante</i> - <i>Glicínias e rosas</i> - <i>Margens do Vizella</i> - <i>Moinho do Carvalho</i> - <i>Noras no Nabão</i> - <i>Os catraeiros</i> - <i>O vaqueiro</i> - <i>Quimera</i> - <i>Retrato de Francisco Ribeiro da Cunha</i>
Luciano Lallemand	...
Lucília Aranha Grave	- <i>Cena campestre</i> - <i>Cozinha rústica</i>
Luiz Silva	...
Manuel Henrique Pinto	- <i>A ceia dos porcos</i> - <i>À porta da taberna</i> - <i>A saída do rebanho</i> - <i>As amoras</i> - <i>Dar de comer aos que têm fome</i> - <i>Manhã de figos</i> - <i>Na eira</i> - <i>Pífaro novo</i> - <i>Queilhões</i> - <i>Uma boa mãe</i>
Manuel Maria Bordalo Pinheiro	- <i>Fadista</i>
Margarida da Costa Romão	- <i>Adormeceu</i> - <i>A minha família</i> - <i>Estudos</i> - <i>Horas alegres</i>
Maria Aida Gomes Roberto	...
Maria Augusta Bordalo Pinheiro	- <i>Flores</i>
Maria Luiza Reis	- <i>Dia tranquilo</i> - <i>Mancha</i> - <i>Nuvens</i> - <i>Nuvens de outono</i> - <i>Nuvens douradas</i> - <i>Rua da Aldeia</i>

Artista	Quadros expostos no Brasil
	- <i>Serra de névoa</i> - <i>Velhos casebres</i>
Maria Piedade d'Azevedo	- <i>Caça</i>
Côrte Real	- <i>Chagas</i>
Mariano de Lima	...
Mario Santos	- <i>Retrato de Camillo Castelo Branco</i>
Martinho da Fonseca	- <i>Flor mimosa</i> - <i>Irmãos</i> - <i>Lêdo surpreendido</i> - <i>O nevoeiro</i>
Mattoso da Fonseca	- <i>Adeusinho</i> - <i>Alcachofra florida</i> - <i>A mulher do véu</i> - <i>Ao espelho</i> - <i>A rendeira</i> - <i>Camponesa</i> - <i>Chica</i> - <i>Dinah</i> - <i>Dorso</i> - <i>Eglantine</i> - <i>Fantasia</i> - <i>Gigolette</i> - <i>Gilete</i> - <i>L'amour des hommes</i> - <i>Margarida vai à fonte</i> - <i>Maria</i> - <i>Mimi</i> - <i>Mocidade</i> - <i>Mulher de véu</i> - <i>Novidade</i> - <i>O espelho</i> - <i>Ophelia</i> - <i>Orgulho</i> - <i>Peixe fresco!</i> - <i>Talvez te escreva</i> - <i>Tricana</i> - <i>Triste</i> - <i>Varina</i> - <i>Visão</i>
Narciso de Moraes	...
Nunes Ribeiro	- <i>Árabe fumando</i>
Pedro Guedes	...
Plamora Barros	...
Rainha D. Amélia	- <i>Carro de bois</i>
Rei D. Carlos I	- <i>Arribas de Guia, à tarde</i> - <i>Resposta do Inquisitor</i> - <i>Sobreiro ou Paisagem Alentejana</i>
Raul Carapinha	...

Artista	Quadros expostos no Brasil
Roberto dos Santos	- <i>Meditação</i> - <i>Uma carícia antes de sair</i>
Rodrigo Soares	- <i>Retrato de Alberto da Silva e Souza</i> - <i>Retrato de José Julio Rodrigues</i> - <i>Retrato de José Maria Lisboa</i> - <i>Retrato do Marechal Floriano Peixoto</i> - <i>Retrato do Rei D. Manuel II</i>
Salvador Júnior	- <i>Condução do barco para a terra</i>
Samora Barbosa	...
Sarah de Vasconcellos Gonçalves	...
Silva Porto	- <i>A cisterna</i> - <i>Cabeça de menina</i> - <i>Cabeça de mulher</i> - <i>Cena rural</i> - <i>Mulher montada sobre um burrinho</i> - <i>Olival de Fonte Velha</i> - <i>Paisagem</i> - <i>Paisagem de Sintra</i> - <i>Paisagem do Minho</i> - <i>Verão</i>
Simão Veiga	...
Simplício Rodrigues de Sá	- <i>O irmão pedinte</i>
Sophia de Souza	- <i>Ao sol</i>
Thomaz de Mello Júnior	- <i>Barcos de pesca de Sesimbra</i> - <i>Caíques de pesca</i> - <i>Pescadores da praia Cruz Quebrada</i> - <i>Pescadores de Cascais</i> - <i>Pescadores do norte de Portugal (Ribeira Nova</i> - <i>Praia do Portinho (Torre de S. Julião da Barra)</i>
Tomás da Anunciação	- <i>Carneiros</i> - <i>Mugidura</i> - <i>Paisagem</i> - <i>Pastagem</i>
Virgínia Santos Avelar	- <i>Um caso complicado</i>
Viscondessa de Sistello	- <i>Castelo do Queijo (Foz do Douro)</i> - <i>Coucher du soleil (Margens do Sena, Paris)</i> - <i>Olaías em flora (Tapada da Ajuda, Lisboa)</i> - <i>O rosário</i> - <i>Pescador (Matosinhos)</i> - <i>Première étoile (Leça da Palmeira)</i> - <i>Temps brumeux (Margens do Sena, Paris)</i>
Zoé Batalha Reis	...



## **ÍNDICE ONOMÁSTICO**

## A

AGOSTINI, Angelina 87

AGOSTINI, Angelo 16, 47, 49, 82, 86, 134, 135, 136, 219, 238, 277, 357

ALBUQUERQUE, Alexandre de 93, 95, 129, 141, 176, 183, 184, 280, 417, 423, 450

ALBUQUERQUE, Georgina 97, 261

ALBUQUERQUE, Lucilio de 97, 261

ALBUQUERQUE, Mario de 184, 443

ALEXANDRINO, Pedro 51, 76, 89, 96, 114, 121, 478

ALMEIDA, Belmiro de 51, 64, 75, 76, 78, 82, 84, 88, 90, 107, 111, 128, 239, 300, 301, 405, 473

ALMEIDA, Fialho de 34, 35, 130

ALMEIDA, Filinto de 53, 55, 84, 87, 91, 94, 101, 130, 155, 220, 254, 255, 381, 417, 425

ALMEIDA E SILVA, José 140, 141, 224, 228, 234, 271, 291, 391, 413, 449, 450, 455, 485, 491, 497, 500, 501, 523

ALMEIDA JÚNIOR, José Ferraz de 48, 51, 55, 74, 79, 111, 115, 116, 117, 121, 288, 289, 295, 296, 297, 298, 299, 301

ALMEIDA MOREIRA 231

ALPOIM, José Maria 121, 129, 522

ALVES, Luiz 167, 273

AMADO, Gilberto 136, 492

AMADOR, Bueno 162, 170, 367, 368, 374, 380, 381, 382, 383, 385, 387, 388, 389, 414

AMARAL, Henrique do 218

AMARAL, Tarsila do 114, 133

AMARAL, Ubaldino do 278

AMÉRICO, Pedro 75, 111, 150, 238, 288, 334

AMOEDO, Rodolpho 48, 51, 74, 79, 82, 87, 88, 90, 91, 97, 110, 111, 236, 248, 276, 289, 290, 377, 380, 381, 382, 404, 424, 491

ANDRADE, Mario de 266

ANDRADE, Oswald de 63, 266

ANUNCIACÃO, Tomás 33, 198, 228, 229, 248, 264, 278, 284, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 332, 336, 337, 439, 448, 477, 479, 480, 496, 500, 503

ARANHA, Graça 45, 46, 63, 70, 128, 133, 220, 499

ARAÚJO VIANA, José de (ver Araújo Viana) 85

AREAL, Ignácio 263, 274

ATAÍDE, Tristão de 128

AVELAR, Virgínia Santos 212, 484, 485, 530

AYRES, Frederico 248, 502, 503

AZEVEDO, Aluísio de 41, 131

AZEVEDO, Álvares de 131

AZEVEDO, Arthur 50, 82, 84, 131, 199, 202, 285, 340, 343, 345, 351

AZEVEDO, Brito 272

AZEVEDO, Guilherme de 130

## **B**

BATISTA DA COSTA, João 51, 80, 82, 84, 87, 88, 91, 108, 110, 239, 248, 255, 261, 280, 287, 289, 290, 294, 380, 414, 491

BARÃO DE PEIXOTO SERRA 158, 272

BARÃO DE QUARTIM 278, 288, 290, 337, 479, 489

BARÃO DO CATETE 279

BARÃO DO RIO BRANCO 71, 131, 209, 219, 240, 245, 365, 480, 488

BARÃO PERES DA SILVA 224

BARBOSA, Júlio 224

BARBOSA, Mario 77, 486

BARBOSA, Rodrigo 158

BARBOSA, Samora 234, 497

BARRADAS, Jorge 45

BARRETO, Lima 128

- BARRETO, Paulo (ver também João do Rio) 46, 89, 90, 91, 128, 196, 221, 249, 255, 266, 363, 364, 365, 408
- BARROS, João de 128, 129, 158, 196, 402, 444, 461, 492, 493
- BARROS, Plamora 234, 497
- BATALHA REIS, Jaime 75, 130
- BATALHA REIS, Zoé 263, 495
- BELLEGARDE 168, 273
- BERNARDELLI, Felix 75, 289, 290, 475
- BERNARDELLI, Henrique 78, 82, 83, 84, 86, 88, 89, 91, 97, 102, 111, 138, 239, 277, 289
- BERNARDELLI, Rodolpho 51, 78, 82, 83, 84, 86, 87, 89, 97, 135, 358, 380, 397
- BETTENCOURT RODRIGUES, António Maria 44, 130, 271, 388
- BEVILACQUA, Sylvio 254, 255, 277
- BILAC, Olavo 46, 70, 71, 75, 84, 89, 90, 107, 131, 132, 154, 196, 277, 344, 350, 398, 412, 491
- BOBONE, Augusto 211, 226, 483
- BONVALOT, Carlos 193, 233, 262, 437, 495, 497, 512
- BORDALO PINHEIRO, Columbano 64, 74, 80, 108, 124, 125, 138, 181, 191, 198, 202, 203, 206, 208, 211, 215, 220, 222, 227, 231, 233, 248, 250, 260, 262, 270, 271, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 290, 291, 292, 324, 328, 332, 337, 344, 354, 358, 359, 361, 372, 373, 391, 392, 406, 407, 413, 414, 416, 439, 441, 448, 455, 459, 465, 469, 470, 471, 473, 477, 480, 483, 484, 489, 491, 495, 497, 500, 501, 502, 503, 514
- BORDALO PINHEIRO, Manuel Maria 198, 227, 278, 279, 477
- BORDALO PINHEIRO, Maria Augusta 21, 207, 278, 279, 477, 480
- BORDALO PINHEIRO, Raphael 21, 54, 75, 128, 131, 132, 138, 150, 158, 278, 279, 328, 338
- BORDALO PINHEIRO, Thomaz 217
- BORGES, João 272
- BOTELHO, António Ferreira 129, 491
- BRAGA, Belmiro 178, 490
- BRAGA, João 259

BRAGA, Teófilo 130, 490

BRAGA, Theodoro 96, 111

BRANDÃO, Augusto 150, 415, 492

BRANDÃO, Júlio 249, 252, 402

BRAZÃO, Eduardo 85, 155

BRECHERET, Victor 266

BROCOS, Modesto 51, 52, 82, 84, 239, 289

## C

CABANEL, Alexandre 73, 74, 228, 229, 278

CALIXTO, Benedito 84, 114

CALMON, Miguel 209, 358

CÂMARA, João da 35, 85

CÂMARA, Leal da 231, 239, 244, 245, 275, 439, 442, 443, 449, 498

CÂMARA REIS, Luiz da 130, 216

CAMARATE, Alfredo 55, 132

CAMBIASO, Antônio (ver Antônio Cambiaso Monteiro) 285

CAMPAS, José 61, 89, 98, 101, 102, 103, 104, 115, 118, 119, 120, 121, 138, 139, 140, 245, 246, 247, 275, 357, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 455, 456, 457, 458, 459, 489, 501, 520

CAMPOS, Bernardino de 168, 273

CAMPOS, Silvio de 273

CAMPOS SALLES 200, 477

CARAPINHA, Raul 234, 497

CARDOSO, Abel 226, 484

CARDOSO, Alves 53, 63, 96, 97, 110, 111, 187, 188, 189, 233, 248, 262, 268, 275, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 495, 496, 502, 503, 507

CARDOSO, Joaquim Luiz 206, 209, 211, 272, 357, 480, 483, 485, 519

CARNEIRO, António 35, 36, 62, 90, 91, 115, 121, 124, 226, 233, 241, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 268, 272, 284, 290, 291, 292, 400, 401, 402, 403, 404,

405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 414, 415, 417, 449, 459, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 484, 490, 491, 496, 502, 503, 504, 508

CARVALHAES, Antônio Augusto de Almeida 101

CARVALHEIRO, Joaquim 158, 272

CARVALHO, Frederico 262, 295

CARVALHO, Martins Ribeiro de 101

CARVALHO, Raul Rangel de 275, 448

CARVALHO, Ronald de 63, 128, 132, 176, 182, 261, 409, 412, 427, 436, 438

CARVALHO, Xavier de 38, 57, 61, 71, 74, 75, 76, 77, 128, 129, 130, 324, 326, 334, 361, 371, 391, 393, 408

CARQUEJA, Baldomero (comendador) 158, 272

CASANOVA, Enrique 206, 227, 480, 515

CASTAGNETO, João Batista 51, 61, 491

CASTELO BRANCO, Camillo 150, 242, 415, 492

CASTRO, Eugenio de 183

CASTRO, Fernanda de 133

CASTRO FARIA 214, 359

CATALÃO, Evaristo 262, 495

CHAGAS, João 154

CHAGAS ROUQUETE 92

CHAMBELLAND, Rodolpho 261, 424

CHAVES, Henrique 207

CHAVES, João Lopes. 158, 224, 272

CHRISTINO DA SILVA, João Ribeiro 205, 206, 290, 343, 480, 520

COELHO NETTO 46, 82, 84, 124, 131, 137, 152, 163, 266, 267, 277, 347, 350, 351, 352, 382

COLLAÇO, Jorge 75, 77, 96, 128, 209, 211, 215, 217, 218, 221, 224, 231, 271, 272, 325, 357, 358, 359, 360, 361, 365, 367, 369, 370, 439, 474, 480, 483, 520

COLOMB, Hippolyto 114, 115, 138, 241, 242, 417, 418, 424, 425, 426, 427, 428, 433, 494, 517

CONDE DA LEOPOLDINA 237, 325, 473

CONDE DE AVELLAR 206

CONDE DE LAGOAÇA 85, 156

CONDE DE SELIR 222, 367

CONDEIXA, Ernesto 138, 206, 208, 211, 228, 229, 234, 262, 271, 290, 328, 337, 391, 413, 480, 483, 485, 491, 495, 497, 515

CONDESSA DO ALTO MEARIM 76, 227, 484, 514

CONSIGLIERI PEDROSO, Zófimo José 44, 195, 387, 388, 487

CORDEIRO, Álvaro (comendador) 211, 272

CORRÊA, Alvim 75, 76, 476

CORRÊA BRANDÃO, Augusto Paschoal 211, 227, 272, 357, 361, 483, 484, 512

CORRÊA DIAS, Fernando (ver Correia Dias) 89, 90, 97, 132, 142, 393, 394, 395, 396, 398, 399, 409, 490, 495

CORREIA, Raimundo 131

CÔRTE REAL, Maria Piedade d'Azevedo 230, 485, 529

CORTESÃO, Jaime 130

COSTA, Albino 167

COSTA, António José da (ver António Costa) 233, 484, 496, 512

COSTA, Casimiro (comendador) 84, 353

COSTA, Cypriano (comendador) 272

COSTA, Domingos 211, 227, 483, 485, 514

COSTA, Júlio 229, 230, 234, 485, 497, 528

COSTA, Oscar 272

COSTA MACEDO 100, 409

COSTA MOTTA 221, 231, 262, 495, 514

COSTA PEREIRA, Manoel da (comendador) 104, 105, 158, 203, 224, 272, 369

COSTA PEREIRA, Emília Braga 207, 515

COSTA ROMÃO, Margarida da 230, 485, 529

CREMONA, Ercole 113, 443, 446

CRUZ, Adelaide Lima 233, 262, 495, 496

CRUZ, Sebastião 272

CUNHA, Candido da. 76, 332

CUNHA, Heitor 259

CUNHA FREIRE, José da 239, 274, 496

CUNHA PORTO 280

CUNHA VARES, J. 158

CUNHA VASCO 84, 271, 279, 352, 514

CUSTÓDIO VELLOSO, José 100, 101, 104, 253, 254, 263, 271, 449

## **D**

DALL'ARA, Gustavo 108

DANTAS, Júlio 34, 67, 151, 415, 416, 422, 424, 428, 444

DIAS COSTA, Alípio 101

DIAS DE CASTRO, António José 272

DIAS GARCIA, António

DIAS LEITE, A. 274

DINIS, Almáquio 128

DOLORES, Carmen 294, 295, 353, 371, 486

DUARTE, José Pinheiro 272

DUARTE LEITE 247, 275

DUQUE ESTRADA, Luiz Gonzaga (ver Gonzaga Duque) 28, 61, 73, 84, 128, 135, 158, 159, 348

DUQUE ESTRADA, Osório 286, 329

DUTRA, Joaquim Miguel 114, 519

## **E**

ESTEVES, Francisco Romano 212, 263, 483, 495, 517



ESTRELA DE MELLO, David 206, 211, 227, 262, 480, 483, 485, 495, 514

## **F**

FALCÃO, Maria. 272

FATAÇA, Luciano 89

FERNANDES, Carlos Gomes 238, 371, 415, 417, 419, 420, 430, 494, 512

FERNANDES, Constantino Álvaro Sobral 271, 290, 391, 413, 483, 484, 491

FERNANDES, Luís 280

FERNANDES TAVARES 262, 495, 517

FERREIRA DA COSTA 206, 480, 516

FERREIRA LAGE, Alfredo 284

FERRIGNO, Antônio 114, 299, 300

FERRO, António 113, 133, 446

FIGUEIREDO, Aurélio de 108, 278, 287

FONSECA, Hermes da 165, 167, 219, 373, 396, 487

FONSECA, Laura da 95

FRANÇA JÚNIOR 132

FREIRE, Laudelino 61, 90, 171, 389

FREIRE, Luciano 207, 212, 234, 248, 263, 480, 484, 495, 497, 503, 529

FREITAS, Jorge de Souza (ver Jorge de Freitas) 90, 158, 240, 241, 242, 247, 248, 249, 250, 255, 256, 257, 271, 291

FREITAS, Raul Lopes de 274

FREITAS VALLE, José de 266, 267, 271

## **G**

GALHARDO, João Carlos 201, 206, 341, 343, 480, 503, 518

GAMA, Domício da 56, 75, 131, 328, 330

GARRET, Almeida 158

GASPAR, Felix 156, 351, 352

GIRARDET, Augusto 52, 111

GOMES, Dordio 233, 497, 515

GOMES ROBERTO, Maria Aida 230, 485, 529

GONÇALVES, Fausto 62, 183, 184, 185, 186, 213, 232, 234, 280, 443, 444, 445, 447, 449, 453, 454, 455, 456, 497, 498, 501, 515

GONÇALVES, Sarah de Vasconcellos 76, 478, 530

GONÇALVES DIAS 131

GRAVE, Lucília Aranha 212, 229, 484, 485, 529

GRENO, Adolpho 280, 506

GRENO, Josefa 226, 228

GUANABARINO, Oscar 16, 42, 43, 50, 132, 136, 279

GUEDES, Alfredo 226, 272, 484, 506

GUEDES, Pedro 207, 480, 530

GUERRA JUNQUEIRO 71, 196, 233, 249, 256, 258, 259, 268, 344, 371, 468, 481, 486, 491, 511, 514

GUIGNARD, Alberto da Veiga 66, 81

GUIMARÃES, Domingos 76, 331

GUIMARÃES, José Fiúza 74, 80, 382

## **H**

HENRIQUE PINTO, Manuel 207, 208, 212, 229, 238, 281, 345, 480, 481, 484, 485, 529

HERZ, Armando 100

HESS, Rodolpho 274

## **J**

JORGE PINTO, José António 206, 208, 209, 480, 520

## **K**

KEIL, Alfredo 80, 138, 198, 262, 264, 328, 495, 503, 506

KLAREEZK, Mauricio 274

**L**

LALLEMANT, Luciano 208, 529

LAMPREIA, Camello 100, 201, 208, 209, 219, 268, 271, 343

LAPA, Eduarda 97, 248, 267, 268, 462, 463, 464, 502, 503, 515

LEITÃO DE BARROS 183, 234, 263, 495, 497, 529

LEITE, José 234, 263, 274, 495, 497, 525

LEME DO PRADO, J. B. 168, 273

LIBÓRIO, José dos Santos 213, 273, 274, 372, 373, 387, 413, 487

LIMA, Alice Grillo de 226, 233, 484, 496, 507

LIMA, Humberto 100

LIMA, Mariano de 142, 324, 473, 530

LISBOA, José Maria 105

LISLE, Havilland A. de 287, 335, 479

LOBO, Bruno 91, 96, 261

LOBO, Thedim 224

LOPES, Joaquim 234, 497, 519

LOPES DE ALMEIDA, Julia 88, 89, 91

LOPES RODRIGUES, Manuel 75, 474, 475

LOUREIRO, Arthur 78, 233, 237, 267, 292, 416, 493, 496, 512

LOUREIRO, José 92, 421, 422

LUCENA, Armando de 95

LUPI, Miguel 198, 226, 227, 228, 230

LUSO, João 88, 91, 94, 100, 122, 129, 165, 173, 183, 255, 417, 448

**M**

MACHADO, Esther 211, 228, 483, 485, 515

MACHADO, Julião 84, 86, 88, 91, 101, 107, 111, 151, 155, 200, 220, 224, 339, 344, 348, 350, 354, 371, 398

MACHADO BASTOS, Bernardo Pinto 168, 273, 386

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria 131

MADEIRA PINTO, Bemvinda 227, 484, 512

MADRUGA, Manoel 76, 289, 478

MAGALHÃES, António de 211, 272, 357

MAGALHÃES COUTINHO 167

MALFATTI, Anita 64, 81, 114, 132, 133

MALHEIRO DIAS, Carlos 89, 130, 132, 150, 180, 183, 231, 439, 483, 488, 496

MALHOA, José (ver também José Malhõa) 17, 19, 24, 35, 36, 42, 43, 66, 67, 75, 76, 77, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 92, 98, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 124, 125, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 171, 174, 184, 199, 201, 202, 205, 207, 208, 212, 213, 215, 222, 223, 229, 230, 234, 237, 238, 239, 245, 248, 260, 263, 264, 268, 271, 272, 273, 275, 280, 281, 284, 286, 288, 289, 290, 291, 292, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 325, 328, 329, 330, 335, 336, 341, 343, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 358, 359, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 379, 380, 381, 391, 392, 413, 414, 416, 420, 422, 428, 434, 439, 448, 451, 459, 460, 461, 465, 471, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 491, 495, 496, 497, 500, 502, 503, 525

MALTA, Eduardo 150

MARCONDES FILHO, Alexandre 291

MARIANO FILHO, José 87, 274

MARQUES, Branca de Assis 211, 227, 483, 512

MARQUES DE OLIVEIRA, João 33, 74, 78, 226, 228, 234, 497, 518

MARQUES GUIMARÃES, Joaquim Augusto 107, 108, 110, 198, 239, 327, 328, 337, 343, 344, 346, 363, 366, 367, 475, 481, 482, 485, 519

MARTINHO DA FONSECA 232, 234, 263, 438, 441, 495, 497, 530

MARTINS, Galeno 168, 273

MATTOS, Adalberto 90, 91, 96, 159, 182, 184, 244, 260, 261, 415, 436, 439, 440, 442, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 451, 454

MATTOSO DA FONSECA, João Guilherme 53, 88, 89, 98, 99, 100, 105, 208, 211, 228, 263, 374, 375, 376, 377, 378, 384, 387, 483, 485, 488, 495, 530

MEDEIROS, Paulo de 96

- MEDINA, Henrique 150, 518
- MEIRELLES, Victor 111, 150, 281
- MELLO E BRITO, José de 74
- MELLO GIRÃO, Augusto de 264, 503, 512
- MELLO JÚNIOR, Thomaz de 207, 212, 230, 480, 484, 485, 531
- MENDES, Cesar 174
- MENDES DA SILVA, João Alves 154, 278, 286, 287, 329, 333, 334, 335, 336, 478
- MENOTTI DEL PICCHIA 133, 192, 266
- MIGUEIS, Justino 110, 462, 529
- MIGUEZ, Leopoldo 276
- MONTALVÃO, Justino de 129
- MONTALVOR, Luís de 63, 128
- MORAES, Evaristo de 247
- MORAES, Narciso de 234, 497, 531
- MORAES DE CARVALHO 82, 191, 225
- MORALLES DE LOS RIOS, Adolpho (ver Morales de los Rios) 201, 202, 278, 332, 339, 344
- MOREIRA, Delfim 174, 419, 492
- MOURA, Eduardo 211, 228, 233, 483, 485, 497, 515
- MOURA GYRÃO, José de Sousa 223, 227, 228, 360, 485, 524
- MULLER, Lauro 103, 130, 165, 375
- N**
- NABUCO, Joaquim 70, 131
- NAVARRO, Saul de 257, 469
- NAVARRO DA COSTA, Mário 67, 90, 96, 97, 190, 196, 414, 415, 460, 461, 491, 492, 508
- NEVES, Germano 108, 354, 483, 517
- NOGUEIRA DA SILVA, M. 84, 250, 445
- NOVAES, Evaristo de 275

NUNES RIBEIRO 263, 495, 531

## O

OCTÁVIO FILHO, Rodrigo 176, 422

OLIVEIRA, Alberto de 91, 255

OLIVEIRA, Zeferino de 141

OLIVEIRA LIMA 46, 70, 197

OLIVEIRA MARTINS 70, 130

ORTIGÃO, José Vasco (comendador) 151, 242

OSWALDO, Carlos 262

## P

PACHECO, A. Carneiro 141

PARREIRAS, António 78, 83, 88, 110, 116, 155, 239, 289, 296, 297, 348, 424

PARREIRAS, Edgard 96

PEDERNEIRAS, Raul 84

PEIXOTO, Afrânio 46, 128

PEIXOTO, Alvarenga 131

PEIXOTO, Florian 76, 477

PENALVA, Gastão 178, 423, 466

PENNA, Affonso 219, 222, 362, 364, 365, 367, 482, 486

PEREIRA, Ezequiel 262, 495, 503, 515

PEREIRA DA SILVA, Oscar 51, 55, 64, 75, 90, 114, 150, 289, 299, 300, 474, 475

PERES, Francisco 271

PERES, Pedro 236

PESSOA, Epitácio 93, 130, 182, 423, 426, 431, 432, 436, 438, 493

PESTANA, Nestor 167, 168

PESTANA, Sinésio 273

PINA, Mariano 34, 54, 74, 128, 130, 162, 324, 474

PINHEIRO CHAGAS 130

PINTO, António 218

PINTO, Júlia 212, 483, 529

PINTO, Oscar S. 167, 273

PORFÍRIO, Joaquim 206, 480, 520

PORTA, Daniel 233, 497, 515

PORTINARI, Candido 63, 97

POUSÃO, Henrique 74, 78, 79

PRADO, Eduardo 46, 70, 75, 131, 330

PRADO, Paulo 131, 266

PRESCILIANO SILVA 295, 371, 486

PRESTES, José (Augusto) 100, 253, 254, 262, 263, 271, 274, 275, 290, 392, 413, 490

PROUST, Antonin 73

## **Q**

QUARESMA, António Ferreira 206, 480, 512

QUEIRÓS, José 284, 528

QUEIROZ, Eça de 67, 70, 75, 131, 174

QUEIROZ, Paulo 167

## **R**

RABELLO, César 211, 272, 357

RAINHA D. AMÉLIA 160, 216, 219, 220, 229, 230, 369, 485, 529, 531

RAMALHO, António 67, 138, 226, 285, 299, 300, 327, 475, 479, 512

RAMALHO ORTIGÃO, José Duarte 16, 28, 33, 56, 70, 71, 129, 130, 131, 149, 155, 203, 207, 216, 229, 327, 328, 342, 346, 406, 475, 479, 489

RAMALHO ORTIGÃO, José Vasco 90, 272

RAMOS, Fabio 278

RAMOS, Júlio 76, 229, 330, 477, 485, 529

RANGEL DE CARVALHO, Raul 275, 448

RAPHAEL, José 237, 335, 478, 528

REI D. CARLOS I 30, 31, 32, 33, 34, 153, 160, 181, 209, 216, 219, 220, 227, 229, 230, 262, 273, 358, 365, 482, 484, 485, 495, 531

REIS, António 272

REIS, Carlos 33, 35, 36, 53, 59, 68, 91, 92, 93, 94, 95, 108, 109, 110, 111, 117, 118, 124, 130, 132, 139, 150, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 201, 206, 208, 211, 212, 220, 223, 226, 227, 230, 233, 243, 244, 248, 262, 264, 281, 283, 291, 292, 343, 344, 358, 367, 368, 369, 392, 393, 396, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 438, 439, 440, 443, 446, 447, 448, 451, 452, 453, 457, 459, 465, 471, 480, 481, 483, 484, 493, 495, 497, 499, 500, 502, 503, 513

REIS, João (José dos) 60, 62, 91, 92, 95, 96, 115, 117, 118, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 234, 243, 244, 248, 262, 292, 417, 418, 419, 420, 422, 423, 424, 427, 429, 430, 431, 432, 439, 440, 441, 448, 451, 452, 453, 493, 495, 497, 501, 502, 503, 518

REIS, Maria Luiza 118, 451, 452, 453, 501, 530

REGO BARROS, João 206, 262, 263, 270, 271, 272, 274, 275, 279, 344

REZENDE, Francisco José 237, 324, 325, 473

RIBEIRO, António 76, 115, 239, 329, 330, 333, 345, 477, 478, 482, 489, 512

RIBEIRO, Fléxa 29, 53, 63, 110, 141, 240, 245, 257, 268, 283, 429, 450, 461, 462, 468, 470

RIBEIRO, Honório 278

RIBEIRO, João 45, 46, 107, 330, 332

RIBEIRO, João Augusto 211, 234, 497, 518

RIBEIRO, Rosalvo 76, 478

RIBEIRO ARTHUR, Bartholomeu Sezinando 227, 484, 512

RIBEIRO JÚNIOR, José 202, 207, 212, 229, 234, 272, 413, 480, 483, 485, 497, 529

RODRIGUES, Adolpho de Souza 211, 483, 506

RODRIGUES, Albertina 262, 495, 506

RODRIGUES, José 66, 97, 150, 239, 466, 467, 468, 469, 504, 529

RODRIGUES, José Julio (conselheiro) 116, 474

RODRIGUES, José Washt 266



RODRIGUES ALVES 156, 480, 492

RODRIGUES DE SÁ, Simplício (ver Simplício de Sá) 278, 286, 287, 332, 334, 335, 336, 477, 478, 532

RODRIGUES JÚNIOR, Joaquim Alves 211, 272

RODRIGUES PACHECO, Gaspar José 271

ROQUE GAMEIRO, Alfredo 66, 96, 114, 115, 180, 181, 182, 192, 201, 205, 213, 221, 226, 232, 248, 275, 282, 283, 291, 292, 343, 434, 435, 436, 437, 438, 441, 455, 459, 471, 480, 484, 494, 495, 496, 501, 502, 503, 506

ROQUE GAMEIRO, Helena 96, 114, 115, 180, 181, 182, 192, 234, 275, 282, 283, 291, 434, 435, 436, 437, 438, 455, 494, 495, 497, 501, 518

ROSA, Adolpho 112, 439, 448, 499, 506

ROSA, Guilherme da 199, 200, 204, 205, 338, 339, 341, 342, 343

RUBENS, Carlos 113, 184, 188, 445, 446, 461

## S

SALGADO, João 201

SALGUEIRO, Mario 188, 459

SALVADOR JÚNIOR 263, 495, 532

SAMPAIO GARRIDO 275

SANTOS, Mario 150, 415, 492, 531

SANTOS, Roberto dos 239, 443, 498, 532

SANTOS BRAGA, Emília Adelaide dos 211, 228, 233, 267, 483, 485, 497, 515

SARAIVA, Thomaz Alberto Alves 168, 273, 387

SARMENTO, João 112, 466, 504, 520

SAUDE, António Manoel 211, 226, 233, 248, 262, 483, 484, 495, 496, 502, 503, 512

SAUVIGNET BANDEIRA, Laura 208, 212, 229, 238, 344, 345, 481, 484, 485, 531

SEELINGER, Hélios 80, 90

SEGALL, Lasar 63, 64, 114

SERVI, Carlo de 55, 90, 114

SEVERO, Ricardo 133, 484

SICILIANO, Heribaldo 271

SILVA, Domingos da 274

SILVA, José António da (comendador) 89, 92, 100, 238, 424, 425, 430, 513

SILVA, Luiz 138, 337, 531

SILVA CARNEIRO, José Rainho da 94, 429, 430, 431, 432, 433

SILVA CARVALHO 271

SILVA COSTA, A. Manoel da 262, 263, 271, 274, 275, 292, 459, 502

SILVA E SOUZA, Alberto da 106

SILVA FILHO, Bettencourt da (comendador) 92, 201

SILVA MATTOS (conselheiro) 175, 177

SILVA OLIVEIRA, Jorge da 291, 496

SILVA PORTO, António Carvalho da 33, 34, 35, 36, 74, 78, 87, 125, 151, 158, 227, 228, 238, 248, 263, 275, 280, 282, 284, 286, 288, 291, 292, 325, 327, 329, 335, 336, 357, 362, 415, 416, 418, 427, 447, 448, 471, 474, 478, 479, 495, 499, 500, 502, 503, 533

SILVEIRA, Tasso 254, 410

SIMÕES DA FONSECA 76, 477

SOARES, Rodrigo 71, 89, 105, 115, 116, 117, 147, 192, 326, 327, 328, 329, 330, 344, 371, 408, 412, 413, 474, 475, 476, 486, 490, 533

SOTTO MAIOR, Candido 268

SOTTO MAIOR, Jayme 141

SOUSA CRUZ, Albino 132

SOUZA, Amélia de 211, 508

SOUZA, Aurélia de 208, 233, 497, 512

SOUZA, Christiano de 93, 94, 428, 429, 430, 431, 432, 433

SOUZA, José António de 141, 268

SOUZA, Sophia de 212, 484, 534

SOUZA BASTOS, António 39, 40, 335, 478

SOUZA BELFORT, Felipe de 207, 210, 355

SOUZA COSTA, Francisco de 104, 105

SOUZA DANTAS 89, 102, 104, 105, 165

SOUZA LAGE, João de 100, 101, 129, 271, 344, 480

SOUZA LOPES, Adriano de 77, 201, 205, 343, 480, 486, 506

SOUZA PINTO, Alberto de 76, 205, 262, 480, 495, 506

SOUZA PINTO, António Alves Valle de 87, 90, 161, 273, 424

SOUZA PINTO, José Júlio de 71, 74, 75, 76, 77, 87, 88, 106, 107, 108, 110, 111, 114, 124, 125, 150, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 174, 193, 222, 228, 232, 234, 236, 241, 248, 271, 273, 275, 278, 279, 282, 283, 284, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 294, 295, 296, 324, 325, 326, 327, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 342, 343, 345, 346, 368, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 391, 392, 413, 414, 424, 441, 447, 448, 449, 471, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 485, 486, 488, 489, 491, 497, 499, 500, 502, 503, 526

SOUZA PINTO, Manoel de 71, 197, 220, 282, 358, 359, 361, 402

SOUZA VIANA, António 80

## T

TABORDA, Humberto 167, 273

TAVARES, Américo 239, 443, 498, 508

TAUNAY, Affonso de 119

TEIXEIRA, Oswaldo 96, 449

TEIXEIRA BASTOS, Júlio Henrique 108, 109, 207, 229, 238, 344, 345, 354, 378, 480, 481, 483, 485, 488, 532

TEIXEIRA LOPES 191, 221, 268, 446

TEIXEIRA MARINHO, Joaquim 228, 485, 521

THEDIM, Álvaro 209

TIMÓTEO DA COSTA, Arthur 64, 90, 111, 191, 406

TOLEDO, Augusto 273

TORQUATO PINHEIRO, Alfredo José 211, 226, 483, 484, 506

TREIDLER, Benno 108

TRIGOSO, Falcão 108, 230, 262, 354, 483, 495, 502, 516

TRIGOSO, João 248, 263, 495, 503, 521

## U

URSPRUNG, João de Figueiredo 193, 260, 261, 262, 264, 435, 437, 438, 495

## V

VALLE, Álvaro do 107, 332, 475, 477, 507

VALLE, Paulo do 89

VASCONCELOS, Joaquim de 216

VASCONCELLOS, Adelaide de 76

VAUTHIER, Pedro Luiz 75, 76, 476, 477, 478

VAZ, João 61, 114, 115, 138, 169, 170, 171, 178, 206, 208, 209, 211, 215, 218, 222, 228, 234, 238, 263, 282, 285, 288, 325, 327, 336, 345, 357, 359, 360, 361, 387, 388, 389, 390, 391, 474, 475, 479, 480, 481, 483, 485, 489, 495, 497, 521

VAZ DE CARVALHO, Maria Amália 130

VEIGA, Simão da 263, 275, 468, 495, 504, 534

VEIGA LIMA, Carlos da 122, 469

VELOSO SALGADO, José 34, 35, 44, 74, 75, 202, 207, 208, 212, 215, 220, 222, 223, 227, 229, 232, 234, 239, 263, 264, 274, 278, 279, 281, 289, 292, 325, 330, 332, 337, 342, 358, 360, 368, 369, 415, 434, 473, 474, 475, 477, 480, 483, 485, 492, 495, 496, 497, 503, 532

VERÍSSIMO, José 70, 343

VIANA, Eduardo 64, 84

VIANNA, João Evangelista 278

VICTOR, Jayme 93, 335, 434

VICTORINO, Eduardo 85, 272, 351

VIDAL, Luiz 207, 209

VILLARES, Décio 82, 90, 287, 491

VILLARES DA SILVA, António Alves 271

VISCONDE DE MORAES 86, 103, 104, 168, 181, 247, 271, 275, 353

VISCONDE DE VILELLA 203, 206, 207, 271

VISCONDE DE S. BOAVENTURA (ver Gaspar da Silva) 130

VISCONDE DE SALGADO 225, 370

VISCONDE DE SÃO JOÃO DA MADEIRA 158

VISCONDE DE SCHIMIDT 278

VISCONDE DE SOUZA PREGO 275, 504

VISCONDESSA DE SISTELLO 76, 230, 485, 535

VISCONTI, Eliseu 51, 52, 62, 64, 74, 75, 76, 87, 88, 476, 478

## **W**

WAUTELET, Zoé 76

WEINGARTNER, Pedro 51, 52, 76, 78, 80, 288, 289, 477

## **Z**

ZOLA, Émile 28, 29, 72, 73, 132, 135